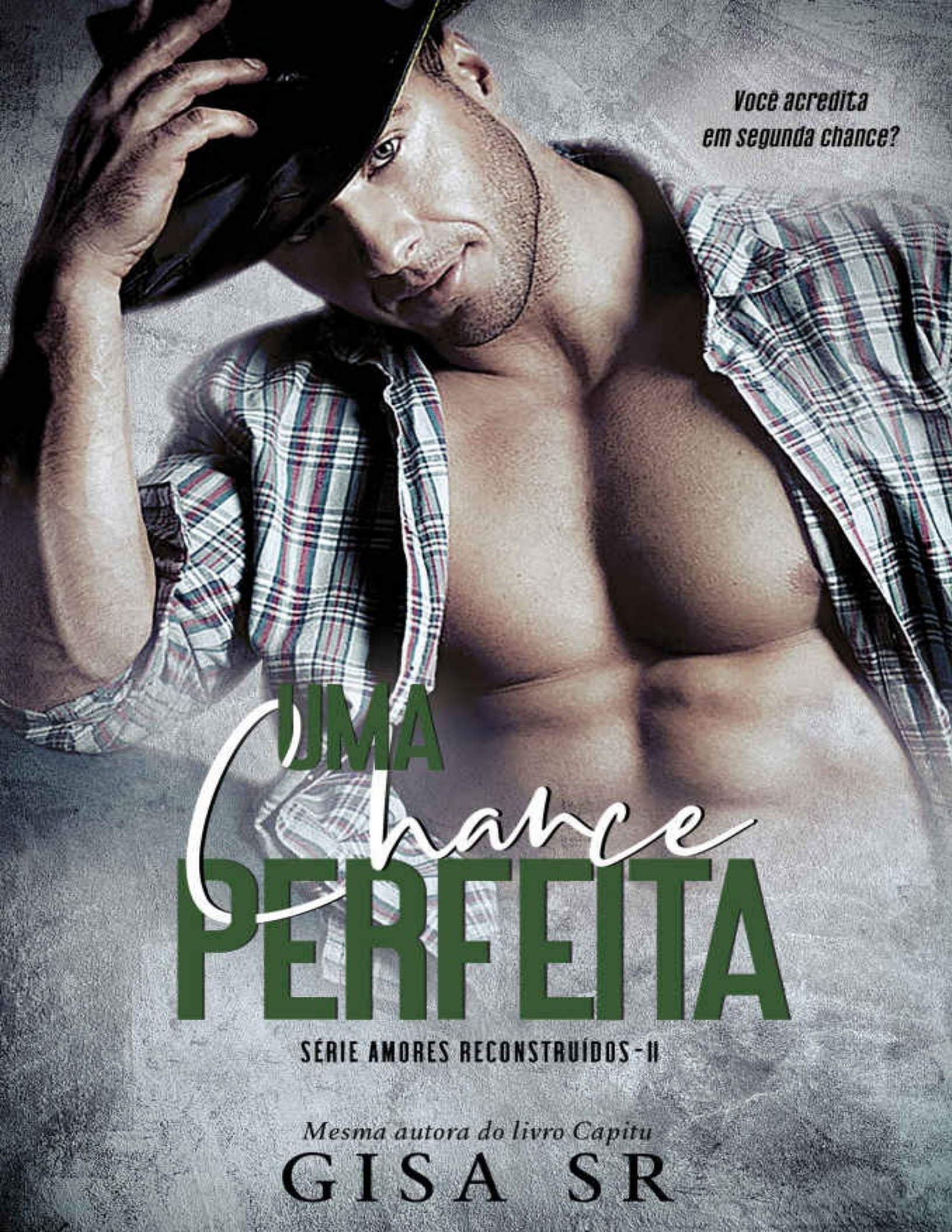


A man with a beard and intense gaze, wearing a plaid shirt and a dark hat, is the central figure. He is looking directly at the camera with a slight, enigmatic smile. The background is a textured, greyish surface.

*Você acredita
em segunda chance?*

UMA
chance
PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUÍDOS - II

Mesma autora do livro Capitu

GISA SR



UMA Chance PERFEITA

SÉRIE AMORES RECONSTRUIDOS - II
Mesma autora do livro Capitu

GISA SR



Copyright © 2020 Gisa SR

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Wânia Araújo

Capa: Dri Harada

Diagramação: Lucy Foster

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

1º Edição

Julho de 2020



[Sobre esta Obra](#)

[Aviso](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo volume da série Amores Reconstruídos](#)



Este é um livro que faz parte de uma série, porém com romances totalmente independentes e que trará quatro histórias lindas e apaixonantes. Não é preciso ler o primeiro para ler o segundo, porém, se quiserem conhecer nosso casal Augusto e Cristine mais a fundo, eles estão no primeiro livro, Uma Escolha Perfeita. Ficarei feliz em ter vocês por lá também. Mas vamos lá...

Acho que é comum dizermos que um livro é importante em nossas vidas, afinal a construção de cada um é feita de forma única, com personagens distintos, que nos causam emoções a cada nova página, ou melhor, linha, e personalidades únicas. Só que esse livro e esses personagens, em especial, trazem um gosto diferente à minha boca e ao meu coração. É gosto de vitória e superação.

E, sim, o gosto de vitória se deve ao fato de que em 2019 passei por alguns percalços e, naquele momento em especial, eu estava a construir esse enredo, esses personagens e tudo o que aconteceu simplesmente me fez travar, literalmente.

Não, não deixei de amar meus personagens, não deixei de querer terminar o romance que tanto amei começar, eu só não conseguia. Talvez por, de alguma forma, me sentir culpada pelo que aconteceu, isso, naquela época, pois eu hoje sei que não sou. Porém, quando abria o *Word*, era remetida a situações péssimas e nada saía. Foram oito meses de dificuldades, enquanto por vezes me sentei em frente ao computador e passei a tarde, a noite, sem conseguir escrever uma palavra sequer, nada.

E, aos poucos, com o apoio da minha família, amigos e leitores amados, fui vencendo as barreiras. Aos poucos, foi saindo esse enredo tão maravilhoso. Não foi do dia para noite, isso não, mas quando por fim eu escrevi o FIM, ou a frase que define cada fim, ou melhor, o começo de cada romance... ah, não teve preço que pagasse a emoção que senti em meu peito.

Ainda assim, essa não foi a melhor parte, não, a melhor parte veio depois, na revisão para que esse bebê enfim viesse para a Amazon. Foi quando, ainda do primeiro capítulo, me apaixonei novamente por meus personagens, por cada um deles e caí de amores. Suspirei, chorei, ri e me lembrei do motivo de criá-los, o motivo de amá-los tanto e me orgulhei da caminhada árdua até aqui.

Foi tão extraordinário que dei um apelido só meu a Pedro, ao livro, sim. Me culpem, eu deixo... kkkk

Mas esse aqui, o meu peão, ah... ele e minha Alice são o meu cristal sem defeitos, acredite em mim, e eu espero, do fundo do meu coração, que gostem tanto quanto eu, que sintam tudo o que senti ao escrever cada palavra, foi com muito, muito, amor.

E eu encerro aqui 2019. Para mim, esse ano não chegou ao fim em dezembro passado, não, ele chega ao fim hoje, ao dar fim a um período amargo do qual nem quero mais lembrar, deixo tudo para trás ao lançar esse livro para o mundo!

Adeus 2019, agora sim, e 2020, venha com calma, fofo. A gente achou que estava pronto, mas talvez seja hora de um novo *download*. Que nesse momento tão difícil Pedro e Alice tragam esperança aos vossos corações.

É isso!

E como eu sempre digo... ah, o amor.



Caro leitor, para ser sincera, esse não é nem tanto um aviso, e sim um pedido pessoal meu.

Começo pedindo a cada um que esteja iniciando a leitura agora que tenha, acima de tudo, empatia. Sim, pois teremos aqui o desenrolar da vida de uma personagem feminina linda, porém sofrida, que, após escolhas ruins, se viu em um casamento infeliz, presa por uma teia, com um homem louco que a fez acreditar que a culpa de todo o mal que lhe acontecia era apenas um espelho de suas ações. Mas não era.

Mas ela acreditou, como milhares de mulheres que passam por isso, como milhares de mulheres que não falam o que sofrem por medo, medo do julgamento, de olhares, por acharem que a culpa é realmente delas. Da roupa, de sua simpatia exagerada, ou até mesmo de sua beleza.

NÃO É, NUNCA SERÁ.

Você é mais que isso, você é capaz de mudar o mundo e jamais, jamais, se cale, ou se deixe enganar por promessas de mudanças vazias. Lembre-se sempre de que você vale muito, você vale o mundo e não merece que a subjuguem, tenham sempre isso em mente.

Ao ser coagida, tanto psicologicamente quanto fisicamente, não se cale. Denuncie, busque ajuda, ligue 180, grite.

E você, ser humano de luz que for colocado no caminho de alguém que passe por essa situação, esse pedido é para você. Tenha sempre seu coração livre de julgamentos, não se abstenha, não julgue, meta a colher, sim, e apenas ajude. Seja aquela pessoa que estende a mão à próxima,

independentemente de qualquer coisa, que ama o próximo incondicionalmente, seja luz.

Ah, a luz, ela é capaz de curar qualquer escuridão.



Para ouvir a playlist de Uma Chance Perfeita no Spotify, abra o app no seu celular, selecione "buscar", clique na câmera e posicione sobre o *code* abaixo:



Ou então, clique [aqui](#).



Alice foi uma jovem doce, desinibida e de bem com a vida, que gradativamente se viu cair de amores pelo primo boa pinta. Ela o via como um herói, de forma romântica, apaixonada. Já ele a via apenas como a caçula da família Ribeiro, a prima maluquinha que ele vivia tirando de encrencas!

Um desentendimento!

Bastou isso para criar uma rachadura extensa no relacionamento e na amizade de ambos. Dois caminhos separados por desentendimentos e culpas. Anos depois, Alice está de volta, só que mais mulher, dona de si, trazendo também marcas profundas na alma e no corpo.

Pedro faz o tipo sensato, protetor, centrado em sua carreira e apaixonado pelo campo, aquele cara famoso por não deixar suas emoções tomarem conta de si. Ou assim ele imaginava, pois ao vê-la todo esse controle se vai. E Pedro queria que não tivesse tantos sentimentos guardados por aquela mulher, indo do amor ao ódio, mas, ainda assim, querendo fazê-la sua. Há apenas um impedimento: a própria Alice.

Uma mentira foi contada, um falso noivado é montado e pode desencadear sentimentos há muito guardados, trazendo segredos que podem vir à tona e soterrar qualquer resquício de amor!

"Ela não está disposta a ceder, ele não está disposto a desistir..."



Dizem não existir segundas chances, se não aconteceu em uma primeira, uma segunda vez só trará desgastes desnecessários. Mas e se uma das partes não souber que já perdeu sua primeira chance? E se ela não se lembrar? Isso conta? Lembre-se sempre de que, no amor e na guerra, tudo vale!

Corro pela sala, sentindo o desespero me tomar e minhas pernas bambearem, enrolando-se no vestido jeans longo. Entro com rapidez no primeiro cômodo que encontro, fechando a porta do banheiro em um baque surdo, com o medo arrepiando minha alma, um medo nunca sentido.

Sinto como se o chão fugisse de meus pés, como se estivesse perdendo tudo o que conheço e tudo ao redor parece desmoronar em minha cabeça. Sinto dor, meu corpo todo dói, principalmente, minha alma e tenho vontade de gritar, colocar a frustração e a humilhação para fora de meu peito, fugir. Gritar de desespero, fugir do medo e arrependimento.

Me odeio por me encontrar nessa posição, odeio a mulher que me tornei, um ser digno de pena, uma vítima. Essa não sou eu, não foi assim que planejei viver minha vida, não foi como sonhei que seria meu casamento.

— Alice! — Renato grita do outro lado da porta, esmurrando a madeira com força e eu me encolho ainda mais contra o azulejo na parede. — Abra essa porta porra! — rosna, com a voz arrastada pela bebida, me causando ânsia, pavor. — Anda, Alice, abra essa porta e vamos conversar, abra logo. Vai, amor.

Conversar...

Não há nada o que falar, mas nada a dizer. Vou me encolhendo até estar de joelhos no chão, enquanto lágrimas descem sem parar por meu rosto e me dou conta, tarde demais, de que me perdi.

Levo minha mão ao meu rosto, sentindo a pele sobre meus dedos começar a inchar, tampando a visão do olho esquerdo, assim como uma fisgada de dor e o gosto metálico de sangue ainda preenchendo minha boca. Me sinto humilhada, pequena, um grande pedaço de merda e não me reconheço mais. Há muito tempo não o faço.

Puxo a parte de cima do vestido, que ainda permanece aberta, e cubro meus seios expostos, tentando conseguir algum tipo de dignidade, mas é em vão, a perdi quando me acomodei e acreditei em um casamento falido. Me sento no chão e abraço meus joelhos, sentindo frio de repente, meus ossos tremem e meu corpo sua. Penso em minha família e nesse momento eu só queria meu irmão comigo, os braços de Augusto ao meu redor, fazendo o que sempre fizeram por uma vida: me proteger.

Fico imóvel enquanto ouço Renato me chamar e bater na porta. Ignoro, tato o bolso do vestido em busca do celular e respiro aliviada ao senti-lo. Eu o trago para mim e faço a ligação, preparada para arcar com o que vier pela frente, com cada consequência do que escolhi desde que disse sim.

— Oi, Porcelana... — Não seguro o choro ao ouvir a voz carinhosa do meu irmão, menos ainda me importo com o horário que estou ligando, soluços saindo livres por minha garganta. — Alice? Ali... você está chorando?

— Guto... — Mal consigo falar, minha voz é só um grasnado rasgado pela dor, não só física.

— Alice, o que está acontecendo? Fala comigo, por favor — ele pede completamente alarmado e desesperado.

— Ele... Renato... vem me buscar, Guto, por favor...

— Alice... Meu deus! O que aquele filho da puta fez? O que aconteceu, Alice? Preciso saber o que está acontecendo... — Não respondo, ficando cada vez mais letárgica, aérea. — Eu estou indo, Ali, já estou indo... — fala e sua voz vai ficando distante, fraca, quase inaudível.

Olho o celular em minhas mãos, sentindo o aparelho pesado demais e

uma dor me invadir, me fazendo levar a mão até a barriga e me dobrar ao meio. De repente já não sinto mais nada, não ouço nada e já não estou mais aqui... vejo apenas o sangue banhar o azulejo branco do banheiro.



Para um recomeço, nem tudo precisa ser novo!

Um ano depois...

Estou acordada há algum tempo e nem ao menos sei que horas são! Permaneci deitada, fazendo hora na cama ainda de olhos fechados enquanto tento, inutilmente, dormir, deixando o dia de ontem preencher meus pensamentos. É inevitável não me lembrar de toda a agitação e de como meu irmão mais velho estava feliz no dia de seu casamento com a mulher que tanto ama.

Não só ele, mas todos da nossa família esperávamos com agonia pelo dia em que ele se permitiria voltar a amar e finalmente aconteceu. Eu estava mais do que feliz por ele, pois amo de todo o coração a mulher que se tornou minha cunhada e a sobrinha que ela me deu já pronta, com seus seis anos de pura fofura e alegria infantil. Sobrinha essa que todos amamos e abraçamos como se fosse nossa. Augusto não poderia ter escolhido alguém melhor para amar do que Cristine.

Solto um suspiro, pois ao mesmo tempo em que penso na felicidade que vivemos no tão esperado dia de ontem, me lembro também de como, bem no fundo do meu coração, eu o sentia doer, se apertar ao lembrar o dia do meu próprio casamento e, principalmente, da forma dolorosa como acabou. Não é algo que eu podia impedir, estar lá e ver Cristine tão feliz entrando na igreja me lembrou da felicidade que um dia eu senti.

Sete anos de casamento, sete anos jogados fora... Aperto meus olhos, impedindo que a vontade de chorar se aposse de mim, isso eu não permito. Há muito não faço isso.

Sinto uma leve coceira em meu rosto, um pequeno afago. Volto a me mover e sinto alguém se movimentando como se estivesse subindo em minha cama. Abro os olhos para assim contemplar o rostinho redondo de Cathe — minha sobrinha — à minha frente com um pequeno sorriso destinado só para mim. Retribuo, me sentindo ainda bêbada de sono por passar a noite em claro sem conseguir dormir, pensando no que não foi, no que não tive.

A menininha de pele clara e cabelos curtos encaracolados e loirinhos tem as bochechas rosadas e olhos azuis brilhantes.

— Bom dia, titia. Dormiu bem? — pergunta, fazendo um pequeno carinho em meu rosto e um sorriso involuntário se abre em meus lábios.

— Bom dia, meu amorzinho. Dormi muito bem e você?

Ontem, após meu irmão e minha cunhada irem para a lua de mel em Angra dos Reis, Cathe ficou aos cuidados de mamãe e é em sua casa que estamos. Depois da cerimônia, eu não quis ir para o meu apartamento e ficar sozinha, então usei a desculpa de que viria para cá para ajudá-la a cuidar de Cathe. Não que essa desculpa tenha colado, afinal, se tem uma criança no mundo que não dá trabalho, essa criança é Cathe.

— Muito bem, tia, e já fui aos estábulos com o vovô ver a Magali. Ele disse que ela vai ter um bebezinho, como a mamãe! — Sorrio com a comparação que ela faz entre a égua prenha e sua mãe grávida. — E a vovó pediu pra acordar a senhora pra tomar café e me levar ao haras do tio Pedro — diz, eufórica, e me sento na cama no mesmo instante, fitando-a com um espanto óbvio em meu rosto.

— O que vai fazer no haras, pequena? — Ela me olha como se eu fosse a criança da questão e chega a estalar a língua em reprovação.

— A senhora é muito esquecida, titia. O tio Pedro vai me ensinar a montar no cavalinho. O vovô disse que daí, quando eu estiver sabendo andar de cavalo, o bebezinho da Magali vai tá grande e pode ser meu. — A criança ri à minha frente, falando e balançando seus cabelos curtos e dourados, enquanto me explica e me olha com esses olhinhos azuis sonhadores.

Eu me lembro dessa conversa, estava presente, inclusive. O que não entendi ainda é porque sobrou para mim a tarefa de levá-la e bem, pelo visto, não adianta perguntar para a radiante Cathe. Me levanto e estendo a mão para ela, percebendo só agora que a criança está toda preparada para montar. Calça de cor caramelo, camisa três quartos branca e até calçou suas botas cor de rosa, que me lembro bem de ter sido um presente de Pedro. Argh!

Saio pisando duro, procurando dona Vera pela casa, respiro fundo quando encontro minha mãe colocando uma jarra de suco sobre a mesa do café da manhã, pigarreio e ganhamos a atenção dela.

— Olha, mais que rápido. Achei que iria demorar um pouco mais a acordar, dado o horário que fomos dormir ontem. Como dormiu o meu bebê? Conta pra mamãe — fala, carinhosa, deixando um beijo em minha bochecha.
— Bah, não há nada melhor para uma mãe do que ter seus filhos crescidos em casa.

— Eu dormi bem, mamãe, e a senhora?

— Casei um filho ontem, filha, dormi maravilhosamente bem.

— Fico feliz em saber. Mas que história é essa de levar Cathe ao haras?

Sou direta e ela me olha, deixando um riso pequeno escapar. Minha mãe é um senhora elegante, linda, no auge dos seus 60 anos, uma mulher bem resolvida e de bem com a vida. Dona Vera é da minha altura, não muito alta, com cabelos ruivos iguais aos meus e olhos verdes. Alguns dizem que nasci à sua cópia, o que me causa orgulho.

— Seu pai teve de ir a cidade resolver um problema que surgiu ao entregarem o equipamento de som do casamento do seu irmão. Ele saiu ainda agora e Cathe tem aula de equitação com Pedro. Eu a levaria, mas tenho algumas coisas a resolver por aqui.

— Não podemos deixar essa aula pra mais tarde? — E até vejo os olhos compridos com os quais Cathe me olha. Desculpe, pequena, mas ir ao haras não está nos meus planos.

— Vem, senta e toma café comigo. Estava te esperando. — Minha mãe e sua mania de fazer rodeios para que acabemos por fazer o que ela quer.

Me sento, com Cathe ao meu lado, e mudo meu foco para a comida, sentindo meu estômago roncar de fome, em dúvida entre bolo de cenoura ou

broa de milho. Dúvida cruel.

— Vi que dançou com Eric ontem, na festa. Quando me aposentei, ele tinha acabado de ser contratado, não tive tempo de conhecê-lo bem. Mas me parece um bom rapaz.

— Nada de mais, mãe. Fiquei sem graça de negar o convite que ele fez e, sim, parece ser, ao menos, gentil.

— Ele é bonito.

— Sim, ele é. — Ela sorri e a encarou. — Aonde quer chegar, dona Vera?

Faceira, ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e toma um gole do seu café.

— Nada, nada de mais. Mas me conta, como está a obra do seu estúdio? Faz uns 15 dias que não passo por lá.

Dona Vera me enrolando, coisa bonita, hein? Na sua idade... e mesmo sabendo suas intenções, não deixo de abrir um sorriso orgulhoso com sua pergunta. Essa é uma indagação bem corriqueira dela, pois, desde que vim morar aqui, nos falamos todos os dias, às vezes pelo aplicativo de mensagens, apesar de ela preferir sempre ligar.

Quando tive alta do hospital após, bem, perder meu filho, eu vim para o sítio e fiquei com meus pais por uns bons dias. Tempo que levei tentando me situar, sair de uma depressão severa, levantar. Ao tempo em que eu tentava não deixar transparecer o quanto tudo aquilo tinha me atingido, ido fundo em minha alma. Eu via como meu estado afetava todos ao meu redor, como eu ter sido vítima de tal violência os chocou, trouxe culpa a todos e eu tentava não deixar tudo pior, não mostrar o quanto eu estava no fundo do poço.

Foram anos em que eu me afastei da minha própria família, dando a eles desculpas para não vir até aqui e mentindo quando eles queriam ir até mim. Quando não tinha jeito, então eu fingia ter o casamento perfeito, foi tudo tão bem feito que eles realmente acreditaram. O que aconteceu pegou a todos de surpresa.

Depois de alguns meses, fui morar por algum tempo com Augusto, que me permitiu esconder ainda melhor o que eu sentia, a minha dor. Da minha mãe, era mais difícil esconder estando aqui, sob seu teto, já dele, bem, apesar

de ter um faro bom, Augusto quase não ficava em casa, assim, sozinha eu tinha como me recompor e o fiz, ou tentei, da melhor forma possível. Até por fim me sentir pronta para morar sozinha. Balanço a cabeça, voltando ao momento.

— Está ótimo. Atrasou um pouco, como toda obra. Mas vamos chegar lá e vai ficar perfeito.

— Está feliz, não está, filha? — E vejo seus olhos brilharem em expectativa com a resposta.

Me estico e alcanço sua mão sobre a mesa. Minha família nunca soube o quão marcada realmente eu fui.

— Sim, muito, mamãe. O estúdio me permitiu seguir em frente, traçar um novo caminho. Mal vejo a hora de tudo o que tenho aqui, em minha cabeça, ser colocado para fora.

Sim, meu estúdio de balé, neste momento, é meu maior sonho e prioridade.

— Tia, come logo, a gente tem que ir — Cathe me chama e volto meu olhar para minha mãe.

— Sobre isso... — começo.

Ah, mas eu não vou colocar meus pés naquele haras, não vou mesmo, nem sob tortura pesada. Não tem quem faça!



— Já estamos chegando, tia Ali? — A pestinha me olha pelo retrovisor, revelando um sorriso de orelha a orelha.

— Sim, já estamos bem perto — respondo a contragosto, pois quando eu disse que não iria ao haras nem sob tortura, não imaginei que minha mãe estivesse disposta a fazer tantas ameaças logo pela manhã.

Olho a menina pela retrovisor mais uma vez, sentada na cadeirinha própria para a sua idade, tendo a atenção presa na janela ao seu lado. Bufo

internamente, pois, além de ter enfrentado uma dona Vera decidida a me fazer levar Cathe para a aula de montaria, ainda tive que enfrentar a própria Cathe. Não teve acordo que a fizesse adiar a bendita primeira aula oficial de montaria e quem resiste a esses olhinhos brilhantes e pidões? Ninguém. A prova disso é que eu estou passando pelos portões do *Haras Graça* neste exato momento.

O lugar se tornou meu inferno particular, me trazendo lembranças demais. Lembranças de todos os tipos.

Droga, droga, droga!

Estaciono o carro de minha mãe perto da caminhonete azul do idiota dono do haras e respiro fundo, fechando os olhos, tentando acalmar algo dentro de mim que não quero nomear.

O lugar é um sonho, falo sério. Uma fazenda linda, com direito à cerca branca e tudo o mais, com animais perfeitos e uma equipe de peso para cuidar de tudo. O haras era de tio Olavo — irmão do meu pai —, que planejou cada pequena grama daqui. Tudo foi milimetricamente construído anos atrás, muito antes de eu ter nascido.

O homem era louco pelo lugar, até mesmo morava aqui, longe da cidade, de tudo e de todos, até que... Em uma de suas viagens ao sul de Goiás, o coração duro do meu tio se apaixonou e ele se casou com tia Graça. Isso mesmo, ele deu o nome dela ao haras, dizia que o que ele mais amava, além disso aqui, era ela. Ao conhecê-lo, tia Graça já tinha um filho. Um filho que meu tio tratou de adotar e que hoje é dono de tudo aqui.

— Não vamos descer, tia? — Cathe me faz voltar ao momento, me lembrando de que temos que descer do carro, já que estamos paradas aqui há muito tempo.

— Claro, vamos, sim.

Abro a porta e saio do carro, dando a volta e abrindo a porta de trás para ela sair. Ela mesma tira o cinto e eu a ajudo a descer, pegando sua bolsa lilás com estampa de unicórnios e entregando a ela, que trata logo de colocar a mochila nas costas.

— Tio Pedro! — grita, estridente, e me viro, vendo o motivo de sua euforia a poucos metros de nós, com braços abertos e sorriso fácil vindo em

sua direção.

Perfeito.

Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo: meu coração acelera, minha boca seca e a pele chega a esquentar enquanto ela corre para se jogar em seus braços e eu continuo estática, parada onde estou, apenas observando Pedro pegá-la e levantá-la do chão, dando-lhe beijos estalados no rosto, enquanto ela ri.

Olho-o com atenção e, se não conhecesse sua simplicidade, diria que não é o dono disso tudo aqui. O homem veste uma calça jeans clara, rasgada e suja de poeira, botas de peão cheias de lama e camisa quadriculada, com mangas levantadas até os cotovelos e alguns botões abertos. E, para completar o *look* de *cowboy*, ele usa um chapéu marrom.

O exemplar masculino é bruto em toda a sua essência. Quem vê o doutor engomadinho no hospital não acredita quando falo que o homem é um peão de alma e coração. Se o vissem agora...

Ah, e sim, meu quase primo também é médico. Cirurgião-geral e um dos melhores.

O infeliz foi feito na medida certa para tirar qualquer mulher do eixo só com um olhar e eu não sou imune ao seu charme. Quando abre aquele sorriso, acentuando o furinho no queixo, não tem quem não se derreta. Pedro é uma perdição aos olhos: alto, forte, ombros largos, peito forte, pele bronzeada pelo sol e cabelos escuros, meio encaracolados, contrastando com os malditos olhos azuis límpidos, marcados por sobrelanceiras espessas. O que emoldura essa beleza máscula é um rosto quadrado, liso, com uma boca carnuda e bem desenhada, nariz médio, certinho.

Ah, e como se isso fosse pouco, pois não é, o homem tem bunda. Não uma bunda qualquer, nada disso. Eu disse A BUNDA! É perfeita, redonda, grande e durinha.

Idiota!

Me forço a ir até eles, pois sinto que já babei por ele tempo demais, mesmo não querendo admitir.

— Bom dia, Pedro!

— Bom dia, Alice, tudo bem? — diz, cordial, com aquele maldito sorriso.

Uma pena esse sorriso não me deixar mais com as pernas bambas e nem com o coração palpitando, ou pelo menos é o que eu não queria sentir agora.

— Tudo.

— Pensei que tio Oto a traria.

— Parece que Lauro inventou uma reunião de última hora e ele teve que devolver o equipamento de som do casamento... — Dou de ombros, sem muito a dizer, e ele volta sua atenção para Cathe.

Ou talvez tenha sido só uma desculpa da minha mãe para eu vir aqui, mas essa parte eu omito.

— Pronta para sua primeira aula, grilo falante?

— Pronta! Vou andar no cavalinho branco? — curiosa, ela pergunta.

— Vai andar no que você quiser, matraquinha! — confirma, começando a andar com ela rumo aos estábulos. Penso em segui-los, mas desisto.

— Encontro vocês daqui a pouco! — grito, mas não tenho a atenção de nenhum dos dois, ele é louco por crianças.

Ambos estão compenetrados em uma conversa sobre cavaleiros. É como ela chama os pôneis que tanto ama. Volto ao carro, pego minha bolsa e sigo devagar, até encontrar a vereda que quero seguir. Bem, se te deram limão, faça uma limonada, já dizia minha mãe e é o que vou fazer.

Não venho aqui há muito tempo. Mais precisamente não venho aqui há oito longos anos, desde aquela noite. Desço devagar sobre as pequenas pedras, tendo cuidado para não cair, e continuo seguindo a tropeços, agradecendo por estar de sapatilhas. Olho o horizonte, já ouvindo o barulho da água caindo da cachoeira e nada, aparentemente nada, mudou por aqui. Tudo continua na mesma, até mesmo o homem que ficou lá atrás com Cathe.

Suspiro e termino de fazer a pequena trilha. Assim que o caminho termina, à minha frente se abre para um tipo de paraíso particular. Uma cachoeira de água cristalina, azulada, rodeada de grandes pedras e árvores

verdinhas e floridas. O frescor do lugar banha meu rosto e respiro fundo, sentindo a plenitude de tudo ao meu redor. É algo puro, gostoso, que parece até mesmo ter o poder de limpar a alma, por mais suja que seja.

Caminho até uma das pedras grandes e me sento, colocando meus pés na água rasa à minha frente. Senti saudades desse lugar, admito. Saudades de mergulhar aqui, após longas cavalgadas matinais. Pular de roupa e tudo e perder horas dos meus dias na companhia de Pedro e às vezes com Augusto e Arthur, meus irmãos. Tudo era tão fácil, tão simples, tão perfeito...

Crescer com três garotos não foi fácil, mas acho que me saí bem, apesar de tudo. Meus irmãos mais velhos são gêmeos e logo Pedro chegou e ingressou em nosso grupo. Apesar da diferença de idade e de serem garotos, sempre me incluíram em suas brincadeiras. Me transformaram em um tipo de mascote e eu amava tudo aquilo.

Nunca fui uma garota muito fácil. Segundo Augusto, tenho um gênio do cão e me comportava como um garoto. Eu só não era boa em fazer amizades, as garotas diziam que eu era meio maluca e não gostavam de brincar comigo, porque eu não tinha paciência para me sentar e fingir tomar chazinho da tarde. Eu queria saltar, correr, pular, gastar toda a minha energia como fazia ao lado dos meninos e por isso minha única amizade de escola era Cristine, que, após idas e vindas, hoje é minha cunhada. Por esse e outros motivos, era mais conectada aos garotos e adorava-os.

Suspiro, saudosa de um tempo que não volta. Tudo mudou, nós mudamos e a vida, bom, ela não costuma ser justa ou apenas recebemos dela o que merecemos.

Me perco olhando a água cristalina e meus pensamentos vão para longe.

— Corrida? — me perguntou, olhando para trás, montado em seu cavalo negro, enquanto eu estava perto, acompanhando-o.

— Vou chegar primeiro! — avisei e apertei os calcanhares na barriga da égua de pelo castanho, entrando em disparada, passando de Pedro e tendo-o em meu encalço.

Era perfeito. O vento soprando em meu rosto, a sensação de liberdade, o coração acelerado, o sentimento de acolhimento apenas por estar com ele.

Os finais de semana eram assim, as manhãs de sábado que passava em sua companhia, tentando fazer com que ele deixasse de me notar como a prima pirralha e me visse como mulher, uma mulher apaixonada por ele.

— Vou te alcançar!

— Não, não vai! — gritei de volta, rindo como boba.

Ganhei a corrida ou ele me deixou ganhar, não sabia. Estava em êxtase e parei perto das pedras que ladeavam exatamente esse lugar e desci, deixando o cavalo próximo, o rosto ardendo com o sol, o corpo suado e um sorriso bobo de vitória na face. Tirei as botas e o vi chegar, um sorriso aberto e feliz no rosto trazendo covinhas às suas bochechas. Mais jovem e despreocupado, lindo com ainda é.

— Hoje você ganhou...

— Eu sempre ganho, bobão, e quero meu prêmio — zombei e então segurei a barra da minha blusa, fazendo seu sorriso morrer.

— O que vai fazer? — perguntou, surpreso, suas bochechas corando.

— Vou tomar banho de cachoeira como fazemos todos os sábados!

— Mas não trouxe biquíni.

— Não tem problema, estou com roupa de baixo.

Aquilo nunca o tinha incomodado antes, tomar banho na cachoeira comigo usando apenas calcinha e sutiã nunca o tinha deixado surpreso, apesar de nas últimas vezes eu ter vindo de short ou com um biquíni mais que comportado. Mas, naquele dia, em seu rosto algo estava diferente e gostei do que vi, gostei do seu desconforto e de como me olhou. Achei que poderia fazer com que me visse de outra forma, com que me desejasse da mesma forma que eu o desejava. Uma tolice juvenil..."

Me levanto, decidindo não levar meus pensamentos por esse caminho e retiro meu vestido e sutiã e entro na água apenas de calcinha. O lugar é bem escondido e, pelo que sei, ninguém vem aqui. Nado até a parte funda do lago e, sem me importar, mergulho como se os pensamentos melancólicos que ameaçam me tomar pudessem ser levados pela correnteza. Não podem, mas não custa sonhar.

Perco a noção do tempo e lugar, enquanto deixo meu corpo boiar na

água cristalina, sentindo a velha sensação de liberdade se apossar de mim. Respiro fundo, sentindo o sol banhar meu rosto, parecendo me fundir e fazer parte da natureza. Deus, como senti falta disso, de tudo isso.

Um barulho me chama a atenção. Abro os olhos com rapidez, imergindo na água e olhando ao redor, colocando as pontas dos pés no chão. O tempo é suficiente para ver Pedro entrar em meu campo de visão. Cabeça baixa, distraído, cantarolando alguma canção, sem ainda me perceber aqui. Viro-me de costas e, no susto, solto um pequeno grito que, de fato, não sai nada feminino.

— Droga, Pedro, avisa antes de chegar, caramba! — falo e olho para ele por cima do ombro. O homem fica visivelmente sem graça, levando a mão aos olhos.

— E acha que eu ia adivinhar que estava tomando banho aqui e ainda por cima nua? Ficou louca, Alice? O que te deu na cabeça? — pergunta, virando de costas para mim, parecendo realmente bravo.

Ora pois...

— O que deu em você pra chegar assim? — Saio da água com as mãos sobre meus seios, indo pegar minha roupa. — E não estou pelada, estou de calcinha.

Ele bufa.

— Grande porcaria. Sabia que um trabalhador do haras poderia ter te encontrado aqui? Foi irresponsabilidade, Alice, sabe lá o que poderia ter acontecido.

— Não enche, Pedro! A aula já acabou? — falo, já vestida, tirando a calcinha molhada e segurando-a embolada em minha mão. — Pronto, estou vestida. — Ele se vira e noto seu rosto avermelhado. Não sei se por me pegar quase nua, ou por ter se exposto ao sol para ficar com Cathe.

— Sim, já terminamos. Deixei Catherine comendo bolo de chocolate com Magnólia e não mude de assunto, cacete! — fala, um tanto a contragosto.

Mag é quem cuida de sua casa e administra a cozinha do haras. Era ela quem cuidava de tudo aqui desde muito antes do meu tio se casar com sua mãe. Ele a considera da família, vem cuidando dele com muito carinho desde

que minha tia se foi.

Não o espero e muito menos ligo para o que diz. Passo por ele e vou na direção de onde vim, esqueço até mesmo o cuidado e ando apressada até chegar à sede novamente, ouvindo-o resmungar às minhas costas o quanto sou irresponsável por nadar nua na cachoeira.

— Não quer aproveitar que está aqui e cavalgar? — pergunta quando estamos chegando à sede, mais calmo, porém ainda com o rosto fechado.

O convite seria perfeito, se eu quisesse continuar em sua companhia, mas não quero.

— Não, cadê Cathe? — pergunto ao chegar à lanchonete, procurando por ela no lugar cheio de mesas de madeira escura. — Ah, ali está! Cathe, vamos? — Ela me olha e sorri para a mulher ao seu lado, antes de descer da cadeira e vir em minha direção. — Como vai, Mag? — pergunto a Magnólia, por quem nutro um carinho grandioso e recebo um sorriso em resposta.

— Bem, menina, e você?

A mulher deve estar na faixa dos seus 50 anos, baixa e meio rechonchuda, vestindo uma blusa de mangas e uma saia rodada na altura dos joelhos. Ela vem até mim e me pega em um abraço. No rosto simpático, um sorriso doce. Ela mudou, os cabelos, antes castanho-escuros, agora têm algumas mechas brancas.

— Bem também — respondo, deixando seu abraço ao sentir Pedro se aproximar das minhas costas, a ponto de quase me tocar.

— Hoje é sábado e, até onde sei, você não vai trabalhar. Não custa nada aproveitar e passar o dia aqui com Cathe. Mag fará aquela lasanha que você tanto ama. — Sua boca está perto do meu ouvido e causa até mesmo um arrepio em minha pele.

Inferno.

Usar a comida de Mag é golpe baixo, mas não o suficiente.

— Ele está certo, precisa aparecer mais, Alice, esse lugar, aos sábados, não é o mesmo sem você, menina.

Não sei o que responder, enquanto observo a pequena mulher, até mesmo o cheiro de Mag me traz saudades.

— Claro, virei, sim, mas não posso ficar hoje — minto descaradamente, me aproximando dela e deixando um beijo em sua bochecha. — Agora tenho que ir, Mag, dona Vera está nos esperando para o almoço. Foi ótimo ver a senhora.

— Não que eu acredite que venha mesmo, sua *intratante*, mas ficarei esperando — me repreende e o olhar dela não é apenas de saudade, é de pena também. Eu sei bem o porquê e odeio quando tal é sentimento direcionado a mim.

Agarro a mão de Cathe enquanto me viro, ficando de frente para Pedro.

— Obrigada pelo convite, Pedro, mas agora temos mesmo que ir, prometi à mamãe que almoçaria com ela.

Ele me olha e um meio sorriso se abre em seu rosto, acentuando a covinha esquerda. Sabe que minto e se agacha, em frente a Cathe.

— Tchau, Grilinho, vou te esperar para a próxima aula.

— Tchau, tio, eu adorei hoje. — Um beijo estalado é deixado por ela na bochecha dele e Pedro volta se levantar, me olhando e fazendo com que eu desvie o olhar.

O haras, apesar de me fazer uma falta imensa, não me traz boas lembranças, principalmente, por causa de Pedro.

— Você volta mesmo? — pergunta, me fitando com aqueles olhos que tanto já amei, e não tenho por que mentir.

— Sabe que não — falo baixo, apenas para ele ouvir, pois não quero magoar Mag. — Até mais, Pedro.

Não espero uma despedida, nem perco o olhar de reprovação que ele me dá ao ouvir minha negativa.

Não farei o mesmo de anos atrás, pois não estou disposta a me deixar envolver por um homem que não sabe amar. Não, já passei por isso, me entreguei vezes demais e apenas eu sofri, apenas eu perdi... e eu não farei isso novamente. Não cometerei o mesmo erro, não de novo.

A adolescente infantil, sonhadora, idiota e até mesmo ingênua que o amava não existe mais!



O passado pode voltar e, com ele, virá novas chances e um recomeço...

Retiro as luvas, avental e touca, colocando tudo dentro da lixeira hospitalar. O cansaço está sobre meus ombros, espelho de 12h de uma cirurgia cansativa, em que, por pouco, não perdi minha paciente. Lurdes é vítima de um câncer contra o qual vínhamos lutando já há algum tempo e parece que dessa vez deu certo. Consegui, com essa cirurgia, ressecar todo o tumor e aderências residuais.

Ao menos ela eu consegui salvar!

— Leve a paciente para o quarto, doutor Ibraim, e fique monitorando, qualquer problema me chame imediatamente.

— O senhor ficará no hospital? — o residente me pergunta quando já estou na porta, pronto para sair.

— Por mais algumas horas, mas estarei na cidade, é só ligar. — Ele acena, ainda com a máscara cirúrgica no rosto, e eu deixo a sala de cirurgia, me lavando em seguida e indo para o consultório, mantendo ainda a roupa cirúrgica.

Verifico o celular no caminho, tendo algumas chamadas perdidas de Ismael, gerente do haras, e de Luana, a veterinária. Não se dando por satisfeita, mensagens de Luana encham o *WhatsApp* querendo saber sobre as vacinas.

Pelo amor de Deus, por que é que ainda pago uma veterinária e um

gerente? Não faço ideia.

Respondo rapidamente e sigo pelo corredor, parando assim que abro a porta da sala ao ver Augusto sentado na cadeira, em frente à minha mesa. Não esperava por ele hoje. O cara não estava na lua de mel?

— Olha só se Cristine não soltou suas bolas finalmente. — Ele sorri, quem diria...

— Como vai, Mamute? — me pergunta, se levantando e me dando um abraço rápido, insistindo no apelido de quando éramos crianças.

— Bem e é bom ver sua cara feia, já estava fazendo falta por aqui. Como foi de viagem? E como estão Cristine e as crianças? — Augusto é meu primo, ao menos o considero assim.

Fomos criados juntos, por isso temos uma relação de irmãos. Apesar do temperamento difícil, é um bom amigo e me pergunto o que o traz aqui, tão logo chegou de sua lua de mel. O homem se casou há uma semana e, pelo que sei, era para estar paparicando a esposa, que está grávida de gêmeos.

— A viagem foi ótima, chegamos ontem à noite.

— Não voltariam só daqui a três dias? — pergunto, curioso.

— Infelizmente, sim, mas tivemos que voltar antes... e, já que voltei, vim ver alguns pacientes que tinha passado para Antony.

Confirmo, ainda achando estranho.

— Mas não estou aqui para tricotar sobre minha lua de mel, Pedro, vim falar de um assunto mais sério. — Ao falar isso, ele parece deixar o bom humor de segundos atrás de lado, acomodando-se melhor na cadeira.

— Que seria...

— Alice!

Ah, cacete! Me sento ao ouvir o nome dela, dando-lhe toda minha atenção.

— Temos motivos para achar que o infeliz está morando aqui no Rio. — Seu desgosto é óbvio e sinto meu estômago revirar. — O pai dele abriu uma filial da empresa na cidade e, ao que parece, é Renato quem irá assumir. Arthur me ligou há dois dias me falando isso.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago, a raiva sobe por minha espinha. Agora entendo o porquê de Augusto deixar de lado a lua de mel e voltar antes para casa.

Filho de uma puta!

— O que acha que ele quer com isso? — pergunto, sem conseguir disfarçar meu desconforto.

— Não é óbvio?

É, pior que é, mas nada digo e ele continua:

— Alice não sabe de nada, falei com Arthur mais cedo e ele pediu pra não contar ainda, esperar para termos certeza e, desde já, tomar cuidado.

— E o divórcio?

— Arthur está vendo essa questão, parece que vai demorar, vamos entrar com o litigioso, já que ele não facilita.

— Acha que... — Não consigo nem ao menos perguntar a hipótese que paira em minha cabeça e Augusto parece decifrar meus pensamentos.

— Não, tá maluco? Ela não seria louca... — diz, com ênfase, mas sem tanta convicção em sua fala.

E o que está em sua cara é que ele teme que sua irmã possa se reconciliar com o ex-marido, assim como eu!

Ficamos ambos calados, perdidos em pensamentos distintos, mas com a mesma pessoa sendo o centro de nossa preocupação. Uma chamada para Augusto é o que nos traz de volta e ele se levanta, preparando-se para atender ao chamado.

— Eu vou indo, depois nos falamos.

— Certo. Já avisou ao porteiro do prédio, Augusto?

— Sim, avisei. Agora é esperar para termos certeza se o infeliz terá coragem de se aproximar dela.

Confirmo, vendo-o sair e deixando não só uma pulga, mas o cachorro inteiro atrás da minha orelha.

Estou preocupado, mais que isso, na verdade. Encosto-me na cadeira e meus pensamentos viajam para dias difíceis. Dias que me atormentam até

hoje, com lembranças frescas, dolorosas, perturbadoras. Queria poder apagá-las, queria poder mudar o passado...

Eu estava em São Paulo, em um congresso sobre novos procedimentos para o câncer, um tipo de reciclagem que eu nem ao menos queria ir, mas não podia faltar, segundo Lauro, o chefe da cirurgia, pois representaria o hospital. Fiz o que estava no cronograma, passei o primeiro dia trancado em conferências e mais conferências e depois, já à noite, fui ao restaurante do hotel em que estava hospedado, famoso por sua gastronomia italiana. Não tinha fome quando cheguei, então fui direto para o bar, a fim de relaxar. Quem sabe uma mulher...

Estava distraído depois de alguns minutos, quando algo, ou melhor, alguém me chamou atenção. Me virei, como se um imã me atraísse e lá estava ela. Linda, delicada, elegante, usando um vestido azul, colado ao corpo, indo até os joelhos. À minha frente, estava a mulher que, por muito tempo, ocupou meus pensamentos mais secretos.

Alice era a mulher mais linda que já tive o prazer de admirar e, naquela noite, ela parecia de fato uma boneca de porcelana. A mulher de estatura média, corpo bem torneado, com curvas perfeitas, fazia facilmente qualquer homem no lugar olhar em sua direção. Mas a mim, o que chamou a atenção não foi seu corpo, nunca foi, ou até mesmo os cabelos longos de um vermelho vivo, e sim, os olhos. Aquele par de olhos verde-caramelo sempre foram minha perdição desde que comecei a notá-la como mulher.

Ela e o marido, um cara alto, magro e mal-encarado, já estavam de saída e, quando o olhei, o miserável estava com olhos fixos em mim, parecendo faiscarem em minha direção. Renato sorriu e deu um leve puxão no braço de Alice, trazendo-a em minha direção.

Quando seu olhar encontrou o meu, não parecia surpresa, nada disso, mas apavorada por estarem vindo ao meu encontro. Respirei fundo, era sempre uma provação estar próximo aos dois. Não que ainda tivesse sentimentos profundos por ela, não mais, ou assim achava que era. Me levantei assim que se aproximaram o bastante.

Quando ficamos frente a frente, Renato abriu um sorriso cínico, um já conhecido por mim, e me estendeu a mão, era como se ele soubesse o que eu guardava a sete chaves.

— Ora, mas que coincidência te encontrar aqui, Pedro. Não é, amor?
— disse, referindo-se a ela, que apenas acenou, sem nada a dizer.

— Como vai, Renato? Alice.

— Vamos bem, o que te traz aqui, meu caro? — Seu cinismo era o que mais me irritava desde que o conheci. A mim, aquela cara de bom moço, homem prestativo, nunca enganou e, no fim, eu estava certo.

— Uma conferência, nada de mais. — Mas meus olhos estavam presos nela, vendo seu desconforto evidente.

— Bom, nós já estávamos de saída, só queríamos cumprimentá-lo. Quem sabe não podemos marcar um drink enquanto estiver na cidade? Eu disse a Alice há pouco que era você aqui, mas ela disse que eu tinha bebido um pouco demais e, olha, eu estava certo. Não é, amorzinho? — Ele a puxou para si, apertando-a em um abraço, e meu corpo se retesou com a cena.

— Sim, não achei que você estaria aqui. Foi um prazer te ver, Pedro. Vamos, Renato?

Algo estava errado ali. Ela estava estranha... mas isso tinha virado um hábito em minha presença. Já não parecia que tínhamos sido criados praticamente juntos.

— Vamos, amor. Temos a noite inteira pela frente. — O sorriso cínico continuava em seu rosto. O bastardo parecia querer me provocar, mas por quê? Se ele nunca soube a dimensão do que eu sentia por ela? Ninguém nunca soube. — Boa noite, Pedro.

— Boa noite — me despedi e a olhei uma última vez, que, por sua vez, mantinha os olhos no chão.

Não vou negar que aquele encontro me desestabilizou. Eu já não reconhecia a mulher que um dia ela tinha sido, já não era mais a minha Alice. Minha Alice... ela nunca foi, na verdade. Fiquei no bar por mais algum tempo, tempo que nem soube precisar. Não, eu não estava bebendo, não gosto de beber, para falar a verdade, nunca me caiu bem, me pegava rápido demais. À minha frente, sobre o balcão, ainda estava a caneca cheia de chope, a qual eu tinha pedido desde que me sentei ali. Agora estava quente e eu, arrependido por não ter ido direto para o quarto.

Me levantei, confirmando no celular que já era tarde, desistindo de

comer alguma coisa e decidido a subir para o meu quarto, mandar a merda a tal conferência e voltar para o Rio na manhã seguinte, logo cedo. Entrei no quarto com pressa e raiva. Raiva de mim mesmo por não ter tido coragem suficiente no passado, não ter sido homem.

Comecei a colocar minhas roupas na mala de qualquer jeito. Mag me mataria quando visse, mas, naquele momento, nada ali me importava. Meu celular tocou em algum lugar do quarto, me fazendo parar o que estava arrumando e ir atender quem quer que fosse, não importava quando ou como, médicos sempre tinham o dever de atender o celular. Estranhei ser uma chamada de Augusto àquela hora da noite, atendi em seguida e nem cheguei a dizer uma palavra sequer.

— Pedro, levanta e vai para o apartamento da Alice, aconteceu alguma coisa! — Minhas pernas falharam naquele momento, não me envergonho em dizer. A voz de Augusto estava alta, alterada e desesperada.

— O que aconteceu? — perguntei, já pegando a chave do carro que aluguei e saindo do quarto.

— Eu não sei.... — Seu desespero era palpável e, naquele momento, o meu também. — Ela me ligou chorando, eu... Arthur não atendeu! — Isso foi o suficiente.

Eu já tinha estado certa vez no apartamento dela com Augusto e tinha noção de onde era, mesmo assim, pedi que ele me mandasse o endereço. Desci como um louco pelas escadas, ouvindo o que Augusto me dizia sobre a tal ligação, sem paciência de esperar o elevador. Quando cheguei ao térreo, entrei no carro e parti dali, conectando rapidamente o GPS. Meu coração batia descompensado, a preocupação nas alturas após Augusto me falar que ela pediu socorro.

Cheguei minutos depois ao prédio de luxo em que ela morava com o marido, minutos que para mim foram horas, e quando me identifiquei na portaria, o porteiro disse não ter ninguém em casa, que Renato e Alice tinham acabado de sair para uma viagem. O inferno congelaria se que eu acreditasse que tinham mesmo saído!

Perguntei se a havia visto dentro do carro e ele disse que não. Pedi encarecidamente que ele interfonasse para o apartamento — na verdade,

quase implorei — pensando se não era o caso de tentar seguir pelo caminho que Renato foi. Ninguém atendeu o interfone e o porteiro parecia decidido a me expulsar dali. Me senti impotente, algo gritando em minha mente que ela precisava de mim, de ajuda e que estava lá em cima, o que só aumentava meu desespero.

Meu inquietamento apenas cresceu e algo naquela história estava errada, muito errada. Esperei, impaciente, e quando estava prestes a chamar a polícia, vi um dos moradores abrindo o portão para sair. Esperei e, quando o portão já estava fechando, entrei.

Corri em direção às escadas, ouvindo o porteiro me chamar e dizer que chamaria a polícia. Não dei ouvidos, algo me dizia que era bom que chamasse e continuei até chegar ao apartamento, que estava com a porta entreaberta, o que, por si, já era estranho. Ao entrar, me assustei com a quantidade de coisas quebradas pelo lugar, tudo estava revirado e, ao adentrar mais na sala, sangue fresco no tapete próximo ao sofá fez meu próprio sangue gelar.

Busquei de imediato por Alice. Procurei por toda a casa, gritando seu nome e não a encontrei, tudo na casa estava fora do lugar, silencioso, e o medo que tomou meu corpo foi sobre-humano. Me mantive parado no meio da sala com ambas as mãos na cabeça, sem saber como agir, pensando no que deveria fazer, até que... um gemido de dor me chamou a atenção e paralisei, a espera de ouvir mais alguma coisa.

— Socorro... — Foi a palavra seguinte, sendo falada fracamente, com dor, o som abafado.

Olhei ao redor, vendo a única porta no cômodo fechada, o que deveria ser um banheiro, e o som só poderia estar vindo dali.

— Alice! — berrei seu nome próximo à porta e tive apenas um gemido em resposta. — Se afaste da porta, vou arrombar — voltei a gritar, dando a ela alguns minutos e arrombando a porta em seguida, tendo a droga do porteiro atrás de mim, me avisando que não podia fazer aquilo. Ignorei, só ela me importava naquele momento.

Eu não teria palavras para descrever o que passou por meu corpo ao ver a cena que se abriu à minha frente. Nada, nada, nunca chegará perto do

desespero, do medo que senti ali, ao ver Alice encharcada de sangue, com hematomas pelos braços, rosto e pescoço, tendo o corpo encolhido em um canto do lavabo. Meu coração parou por instantes e, pela primeira vez, eu quis matar, eu quis... Deus, eu tinha que cuidar dela.

— Chame uma ambulância, caralho! Antes que você precise de uma também! — berrei, sem controle algum, para o senhor às minhas costas, o instinto de proteção ganhando a batalha dentro de mim com fervor.

Me aproximei de Alice a passos largos, tendo a certeza de que ela não podia me ver, por estar com os olhos inchados, fechados, em especial o esquerdo.

Filho de uma puta!

Ela se encolheu ao ouvir meus passos e meu ódio pelo infeliz que havia feito aquilo com ela apenas cresceu. Me agachei com cuidado ao seu lado e toquei sua mão com delicadeza. Deus, algumas horas atrás eu estava admirando-a, perfeita.

— Sou eu, Ali, Pedro. Está tudo bem agora, vai ficar tudo bem. — Não, não iria, pois eu seria preso depois de pôr minhas mãos naquele infeliz.

— Pedro, me ajuda... — disse, sem forças, e apenas chorou, enquanto se contorcia de dor à minha frente.

— A ambulância já está a caminho, senhor. Eu vou verificar as câmeras de segurança, ver se alguém entrou aqui. — O maldito sabia que ninguém tinha entrado ali e algo me dizia que não era a primeira vez que algo assim acontecia.

— Fica comigo, Alice, não desmaie. O socorro já está a caminho, fica comigo — disse e toquei sua bochecha, onde não lhe causaria dor.

Segurei sua mão delicada na minha e, com a outra, procurei o foco do sangue, onde ele a tinha acertado, pronto para começar a estancar de qualquer maneira. Mas o sangue não estava vindo de nenhum corte aparente, e sim de sua vagina, foi fácil identificar. Congelei no lugar, meu corpo paralisou com o choque da constatação e suas mãos procuraram meu braço, me puxando em sua direção.

— Eu, eu estou... grávida. Salve o meu bebê, Pedro, por favor... — pediu e desfaleceu em meus braços.

Meu coração bateu forte, meus olhos se arregalaram e arderam. Ela estava grávida. Cheguei a gemer, tamanho meu desespero, e me sentei no chão, apoiando sua cabeça em mim. Não poderia removê-la de qualquer jeito, não tinha noção do estrago dos traumas feitos em seu corpo.

Rezei! Sim, eu rezei para que aquilo fosse um pesadelo, rezei para que minha garota estivesse bem... minutos depois a tiraram de mim, já imobilizando-a em uma maca hospitalar, enquanto eu assistia a tudo dali, sentado no chão, tendo o sangue dela encharcando minhas roupas...

Volto ao presente, me levantando e tentando tirar as lembranças da minha mente. Aquele foi o pior dia da minha vida e eu já tive muitos, tantos que não poderia contar nos dedos. Encontrar alguém na situação em que a encontrei é desesperador, assustador e, quando esse alguém é quem você já amou com todo o seu coração, o chão é tirado de você e a culpa te consome.

Depois de ir com ela para o hospital, foi ainda pior quando Alice descobriu que tinha perdido o bebê. E eu estava lá, assistindo à sua dor, e quis pegá-la para mim, quis tirar tudo que a machucava, tudo que parecia queimá-la, mas nada estava em minhas mãos. Estive há muito tempo, mas eu ignorei e, naquele momento, já não fazia sentido.

Fiquei com ela até que Arthur chegou e logo depois o restante da família. Permaneci no hospital, mesmo depois de ela querer ver apenas a mãe. Ainda assim, eu fiquei lá, na vã esperança de que ela quisesse ver ou falar com alguém. Ela não quis.

Alice estava quebrada, humilhada, destruída. Renato conseguiu minar aos poucos as melhores partes da garota que conheci e vi crescer, a mesma garota que ensinei a montar, que me obrigou a entrar no carro de seu pai e ensiná-la a dirigir na calada da noite enquanto todos na casa dormiam, que eu quis implorar que não se casasse anos atrás... A mesma garota que não fui homem suficiente para lhe dizer meus sentimentos na hora certa, quando ainda podia tê-la comigo.

Tudo isso é passado, tudo mudou. Na verdade, aquele sentimento não parece mais existir...

O que não quer dizer que eu não vá protegê-la!



Você pode tentar esquecer, mas sua mente... fará sempre questão de lembrar!

Entrei em casa naquela noite sentindo o pressentimento de que algo ruim aconteceria. Não sei se pelo modo como Renato ficou calado após sairmos do restaurante ou por sentir o aperto mais forte da mão dele espalmada em minha perna enquanto dirigia, o que sabia era que não estávamos bem. Talvez por saber que era sempre assim quando o víamos.

Tentei durante todos aqueles anos de casados, sim, eu tentei fazer dar certo, mas nem ao menos sabia mais o porquê de continuar insistindo naquela relação. Era loucura, uma loucura que eu já estava cansada de levar adiante...

— Feliz por tê-lo visto, Alice? — A voz de Renato me alcançou, assim que meus pés tocaram a entrada do nosso apartamento.

Me virei, tentando me impor, demonstrar a coragem que eu já não tinha, não para bater de frente com ele, pois eu sempre perdia.

— Não sei a que se refere, Renato — disse, colocando a bolsa sobre o sofá e deixando-o para trás, enquanto ele enchia um copo com vodca, sua bebida favorita.

Fui para meu quarto, sabendo que aquela conversa não tinha acabado e pedindo a Deus para que não acontecesse o pior. Limpei meu rosto, tirando a maquiagem, troquei de roupa, colocando um vestido longo jeans, mais folgado, e voltei a sair do quarto, enfiando meu celular no bolso traseiro do

vestido.

Saí daquele quarto disposta a não mais aguentar o que quer que fosse, a parar de tentar fazê-lo mudar, de trazê-lo à razão.

Quando estávamos no restaurante mais cedo, eu já tinha visto Pedro, desde o momento em que cheguei. Era sempre assim, sua presença imponente sempre me chamava a atenção, não importava onde estávamos. Fingi não notar, mas Renato também o viu e eu já podia ver suas engrenagens funcionando, maquinando suas loucuras.

Voltei à sala e o encontrei sentado no sofá, com o copo novamente cheio entre as mãos. Olhos estáticos, frios, vidrados na parede à sua frente.

— Aonde foi essa tarde, amor?

Senti meu sangue gelar com aquela pergunta e sabia aonde ele queria chegar.

— Eu já disse a você aonde fui, Renato. Fui ensaiar, há muito não ia. Combinamos que eu voltaria a dançar, lembra? — Como se eu precisasse combinar algo antes...

Em que eu tinha me transformado? Em que eu deixei que me transformassem? Eu não saberia dizer...

— Uma coincidência grande o seu ensaio ser justo hoje, não? Quando ele esteve o dia inteiro aqui na cidade.

Meu sangue ferveu, no mesmo momento em que me encolhi com seu tom de voz e pedi a Deus: “de novo não, de novo não.”

— Não seja paranoico, Renato! — Tentei chamá-lo à razão e o vi se levantar, aproximando-se de mim vagarosamente... Eu era sua presa favorita.

— Paranoico? — perguntou, calmo, conciso, e segurou meu maxilar com uma mão, apertando-o e trazendo seu rosto para perto do meu.

— Para, Renato. Não começa, lembra o que me prometeu? Por favor, não faça isso! — eu implorei... e seus olhos pareceram se inflamar com minha súplica.

— Eu não quero — disse, dando de ombros. — Mas você me força, Alice. Acha que gosto de te castigar? Não, eu não gosto, meu amor, mas,

com esse comportamento, eu sou obrigado a te ensinar boas lições e a culpa é sua, é só sua, amor. Você entende isso? — A cada palavra eu sentia o pânico crescer em meu peito e lágrimas virem aos meus olhos.

Não, eu não entendia mais. No início, eu achei entender, achei ser mesmo a culpada, a errada e, naquele momento, eu não tinha saída, senão implorar. Gritar não adiantaria, nunca adiantou, mas talvez a notícia que eu vinha guardando pudesse me ajudar, já não estava sozinha e tinha que protegê-lo.

— Para, Renato, eu... eu nem sabia que Pedro estava aqui, por favor... — A menção daquele nome o fez perder o controle. E o tapa veio seco, cheio de força e humilhação. Fazendo-me cambalear e bater na parede atrás de mim.

— Eu não quero, mas, de novo, está me obrigando a fazer isso, Alice — dizia, enquanto desabotoava o cinto. — Eu já lhe avisei, nosso casamento tem tudo para ser perfeito, mas você estraga as coisas e eu sou obrigado a puni-la por isso, meu amor, eu só quero o seu melhor, sabe disso! E, dessa vez, não quero escândalos, você não vai gritar, me entendeu? Não quero ser obrigado a te castigar mais do que merece, portanto, seja boazinha...

Louco, sádico, psicopata!

— Não, por favor eu estou grávida, eu estou esperando um filho seu... — pedi. Medo era só o que eu sentia. E dor, dor física, uma que eu não sabia o que era, afinal ele não tinha me tocado ainda.

— Você o quê? — disse, parando com a mão em seu cinto.

— Estou grávida, aconteceu... não sei como, só aconteceu.

Vi seus olhos faiscarem, nada do que imaginei que veria em seu rosto ao saber que seria pai, afinal tentamos antes, mas eu não conseguia engravidar

— Não faz mal, vamos tirar isso de você. Você é só minha.

Medo, pavor, nojo... ele me fez sentir tudo isso de uma única vez enquanto continuou com os olhos fixos em mim. Ele não pararia e cada vez era pior que a outra. Corri, antes que ele pudesse terminar de tirar o cinto, saí como uma louca em busca de me trancar em meu quarto, escapar de suas mãos, esbarrando e quebrando alguns vasos pelo caminho.

Mas, antes que pudesse fechar a porta, ela foi aberta em um rompante, me jogando no chão e ele...

— Fique longe de mim e do meu filho! — berro, me sentando na cama de uma vez.

Estou assustada, ainda me sentindo acuada, trêmula, com o pavor ainda sobre meu corpo. É como se eu ainda estivesse lá, é como se Renato estivesse aqui, à espreita, me encarando e manipulando meus demônios. Olho o quarto vazio ao meu redor, repetindo a mim mesma que está tudo bem.

Trago os joelhos até meus seios e os abraço, apertado, evocando o mantra que me acalma há um ano... desde o dia em que me senti liberta:

— Eu estou bem, estou longe dele... — falo, respiro uma, duas, três vezes e sinto meu corpo se acalmando aos poucos. — Eu estou bem, estou longe dele. Acalme-se, Alice, você está segura... Eu estou segura... eu estou segura...

Sim, estou segura. É assim que me sinto tendo minha família tão perto, tão próximo de mim. Confiando em meu irmão, Renato não se aproximaria de mim novamente...

Me acalmo, ou tento, e me levanto da cama ao ouvir a campainha tocar. Percebo que foi ela que me acordou tão cedo... sim, cedo, pois não passa das 8h da manhã de sábado. Uma coisa sobre mim? Adoro dormir e fico puta quando me acordam, mas muito puta... claro que hoje devo agradecer ao louco que está quase afundando minha campainha por me acordar e me tirar de um pesadelo.

Mas que droga é essa?

Vou até a porta e a abro de supetão, tendo a cara limpa de Arthur me olhando, com um sorrisinho cínico nos lábios. Cachorro!

— Bom dia, Porcelana — diz e não espera o convite para entrar. Folgado.

— O que faz aqui de madrugada, Arthur? — Olho-o e vejo uma mala pequena em sua mão. — E, pelo visto, acabou de chegar de São Paulo.

— Tem razão! — ele responde, sem se abalar, indo até minha cozinha e abrindo a geladeira, que vergonhosamente só tem água e... pepinos. — Não

tem nada aqui para comer? — Cara limpa e me vejo revirando os olhos e desistindo de expulsá-lo da minha casa, para que eu possa voltar a dormir.

Fecho a porta, vou para a cozinha, que é separada da sala por uma bancada de mármore, e me recosto na pedra, avaliando-o. Arthur está meio amarrotado, deve ser pela viagem, e traz no rosto uma expressão um tanto carregada, o que não combina muito com ele.

A situação não é comum, o fato de ele bater na minha porta a essa hora, antes mesmo de ir para seu apartamento ver sua namorada, é bem estranho. Meu irmão do meio fica em São Paulo durante a semana, pois trabalha lá e, aos finais de semana, faz a conexão para ver sua namoradinha.

— Me diz uma coisa... Não era pra você estar na casa de Marina? Ou melhor, na casa de vocês?

— Até era, se não tivéssemos brigado meia hora antes do embarque, e, já que estou aqui, vim te ver, estava com saudades.

Mentiroso de uma figa.

— Conversa pra boi dormir.

Arthur é um homem bonito. Alto, corpo magro, mas bem cuidado por ele com exercícios diários, cabelos loiros em um corte social que até o deixa sexy e os olhos são de um azul-acinzentado, muito bonitos. Essa é a única diferença entre ele e Augusto, seu gêmeo. Enquanto ele tem os olhos mais escuros, os de Augusto tem a cor mais clara, de um azul-gelo.

Claro, diferentes, fora a parte em que um gosta do estilo mais social, que é Arthur, e o outro gosta de algo mais despojado, com direito a cabelos na altura dos ombros e barba cheia.

— O que vamos comer de café da manhã?

— Você eu não sei, mas eu vou pra casa de Cristine... tomo café sempre lá, mesmo nosso irmão me sovindo comida diariamente. — Arthur sorri, fazendo os cantinhos dos olhos criar pequenas marcas de expressão.

— Já voltaram da lua de mel?

— Sim, na quinta à noite, eu acho...

— E as crianças, como estão?

— Cathe está ótima, acho que os gêmeos também, Cristine tem um ultrassom na segunda para confirmar isso. Vem, vou trocar de roupa.

Vou para o quarto e ele me segue, se esparramando em minha cama como se fosse dele enquanto eu me pergunto o que de fato faz aqui. Deixo-o deitado e vou para o banheiro. Tomo um banho demorado, achando que irei encontrar Arthur dormindo em minha cama quando sair, mas não há absolutamente ninguém em meu quarto. Troco de roupa, colocando um vestido solto, faço um rabo de cavalo e saio, encontrando não só Arthur, mas Augusto em minha cozinha, sentados à mesa, que tem um bolo sobre ela e café. Estranho...

— Clube do bolinha? — pergunto, rindo, me aproximando e enchendo uma xícara de café, que confesso não saber de onde veio. — Bom dia, Guto! — Sorvo um gole da bebida deliciosa e me aproximo dele, deixando-lhe um beijo no rosto.

— Bom dia. Dormiu bem?

Penso em dizer que não, mas me nego a preocupá-lo.

— Como uma pedra — falo, me servindo de um pedaço de bolo de milho, que faz minha boca aguar.

Arthur está ainda mais sério agora e tenho certeza de que essa visita, não tem nada a ver com a briga que ele teve com Marina, menos ainda por sentir saudades de mim.

— Querem esperar que eu coma primeiro, ou já podemos começar a falar? — pergunto, vendo-os se entreolharem.

Antes mesmo de saber o que pode ser, meu apetite já se esvai. Para ter os dois aqui, me olhando com essas caras, não deve ser algo bom. Suspiro.

— É sobre o divórcio? — torno a perguntar, vendo Arthur confirmar com um aceno e causar com isso um arrepio em minha espinha. — O que foi dessa vez? Desembucha de uma vez, Arthur, que droga!

— Se acalme, Alice, não é nada demais. Eu vou te explicar...

É fácil falar, é fácil quando não é você que tem de fazer isso. É como dizem, afinal pimenta no olho do outro é frescor. Uma grande merda, isso sim. Uma vida jogada fora, anos dela, a culpa é exclusivamente minha e não

há como me acalmar. Tive uma vida de perdas, de segundo lugar, de abrir mão, ceder.

Não!

Não pense você que estou reclamando da vida, não estou. Estou reclamando e dando toda a culpa a mim mesma por ter feito tantas escolhas erradas. Por não ter visto antes que eu não nasci para essa coisa de amor, de amar. Tenho o dedo pobre, sempre tive, nunca soube escolher e me deixei enganar não uma, mas duas vezes seguidas. E as duas situações foram igualmente dolorosas para mim.

Não, estou sendo hipócrita ao comparar. Uma foi muito pior, uma tirou toda a minha essência. Foram tantas perdas, tantas brigas, tantas...

— Está me ouvindo, Alice? — Levanto o meu rosto e foco minha atenção em Arthur à minha frente, sentado confortavelmente na cadeira, ao lado de Augusto.

Agora ambos mantêm um semblante sério, carregado, parecendo-se ainda mais um com o outro.

— Ele se negou? — Minha voz sai em um fio, impotente, medrosa.

— Eu disse que deveria ter denunciado, teria sido tudo mais fácil. — Ignoro seu tom repreensivo.

— E agora?

— Litigioso e, caso ele chegue perto de você, medida protetiva.

Concordo, muda, observando minhas mãos suadas em meu colo. E algo em sua fala faz meus pelinhos se arrepiarem.

— Por que ele voltaria a se aproximar, Arthur? — Ele não me responde e minha atenção se volta para Augusto. — Augusto? — Eu o vejo respirar fundo, um tom escarlate toma seu rosto. Coisa que só acontece quando está tomado de raiva, muita raiva.

— Ele está aqui no Rio, Alice. Montaram uma filial da empresa do seu ex-sogro aqui na cidade... — Um arquejo surpreso deixa meus lábios.

Renato está aqui... Perto de mim... Ele voltou, ele disse que voltaria!

— *Não se aproxime de mim novamente ou vou gritar, vou à polícia,*

darei queixa e ficarei feliz em te ver atrás das grades. — Ele não se abalou com minhas ameaças, ditas em uma voz fraca.

— Você é minha, Alice... Posso te dar um tempo pra pensar, mas você é minha, sempre vai ser e é bom não se esquecer disso! Pode ir, amor, eu te dou um tempo para você pensar em tudo que fez de errado, mas depois você voltará para mim e seremos felizes, como sempre quisemos...

As palavras ditas por ele, quando eu ainda estava no hospital após ser espancada e perder meu filho, ecoam em minha mente. Foi isso o que eu ouvi, quando ele entrou escondido no meu quarto, me ameaçando, esgueirando-se como um verme, como um fantasma pelo hospital.

— Ei? — Sinto a mão de Augusto sobre a minha, em um aperto seguro.
— Estamos aqui, Ali, não vai acontecer nada!

Eu queria confiar, queria mesmo, mas meus irmãos não o conhecem.

— Não é nada — minto. — Dê entrada em tudo, Arthur. Vamos ao litigioso, se ele quer briga, que assim seja. Agora fui eu que mudei de ideia, quero tudo o que tenho direito, exatamente metade daquela porcaria toda de empresa que ele tanto adora. É briga que ele quer, não é? — Sinto um ódio, que parece não caber em mim, tomar cada poro do meu corpo, misturando-se com medo, pânico, dor...

Me levanto, já incapaz de continuar sentada. A garganta querendo fechar, tomar meu ar. Não sou vingativa, nunca quis absolutamente nada daquele desgraçado, nunca quis uma agulha sequer, deixei isso claro quando pedi o divórcio e, mesmo assim, ele insiste em me afrontar, em continuar com essa loucura. Como se me negando o divórcio tivesse alguma chance de me ter novamente. Filho da mãe.

Ele nunca mais me terá... não. Eu prefiro morrer!

— Deveria ter denunciado, foi burrice sua e eu falei isso a você. Seria tudo mais fácil, caso tivesse me ouvido! — Arthur branda. Levanto meu rosto para vê-lo, a tempo de ver Augusto lhe lançar um olhar feio.

— Não é hora, nem momento para isso, Arthur, se contenha, pois não está em um tribunal. — Foi Augusto a interromper.

Seu olhar cruza com o meu e ele parece enxergar tudo que estava preso dentro de mim. Augusto se levanta e se aproxima, evidenciando sua altura ao

meu lado, me envolvendo em seu abraço, me fazendo, por um segundo sequer, sentir a sensação de segurança, uma falsa segurança, eu sei.

— Vai ficar tudo bem, estaremos com você.

Me deixo levar por essas palavras, me afundando em seu peito, à procura de refúgio.

— Obrigada.

— Bom, eu tenho que ir! — Arthur diz e se levanta. — Não se amedronte, Alice, fique tranquila, mesmo que não o tenha denunciado, ele não pode fugir de um divórcio.

Aceno, incapaz de tentar convencê-lo do motivo de não ter feito a denúncia.

Não espero vê-lo sair, indo em direção à grande janela de vidro em minha sala e abrindo-a, ainda sob o olhar atento de Augusto. O vento logo bate em meu rosto quando a abro e permaneço olhando a cidade lá fora, sendo metralhada por lembranças. Aquelas que me remetem, principalmente, à humilhação. Balanço a cabeça, tentando expulsar o pensamento e me convencer de que estou livre...

Penso em tudo o que passei nos últimos meses, em como, dia após dia, tentei esquecer, fazer o que todos me aconselhavam a fazer: seguir em frente. Não tive ainda esse êxito, apesar de todos ao meu redor discordarem disso. No fundo, só eu sei o que se passa em minha cabeça e coração, o quanto a humilhação ainda dói em meu corpo, como ainda me lembro de tudo o que me dizia enquanto meu corpo era castigado e o desespero ao acordar no hospital, sem saber ao certo o que tinha acontecido, vendo meu irmão mais velho me olhar com pena, a mesma pena que enxergo em seus olhos agora.

Engulo em seco, tentando inutilmente impedir minha mente de continuar por este caminho, de lembrar de momentos que tomaram o lugar de memórias felizes de anos atrás, as quais eu guardava com amor em meu peito. Hoje, junto dos segredos que guardo em meu coração, só há raiva...

— Alice, pare, não fique se martirizando dessa forma. Não fique tentando lembrar.

— Eu não tento, juro que não, Guto. Mas elas estão aqui... martelando minha cabeça o tempo todo... — Inconscientemente, minhas mãos vão ao

meu ventre, que agora é vazio...

— Ah, Porcelana... — profere e volta a me puxar para seus braços.

Sinto meus olhos molhados, o desconforto brutal que as lembranças sempre me trazem, a dor ainda estando aqui, a perda, a culpa, cada sentimento pode ser sentido com uma plenitude assustadora. Esmagadora. Ficamos parados, abraçados, olhando o céu aberto sobre nossas cabeças. Minutos se passam em que nenhum de nós fala.

— Eu tenho que ir. Cristine já deve ter acordado — diz, deixando um beijo carinhoso em minha testa. — Almoça conosco mais tarde? Ela cismou que quer comer lasanha...

E hoje, incrivelmente, o convite não me parece tão bom, mas concordo, tentando não lhe trazer preocupações.

— Certo, estaremos te esperando, não demore.

— Daqui a pouco eu irei!

Eu o vejo virar as costas e sair, voltando para seu apartamento, que fica ao lado do meu. Tudo poderia e deveria ser diferente... se desde o primeiro rompante eu tivesse dito não, tivesse acabado com tudo. Se eu tivesse recusado a primeira desculpa, quando ele disse ter perdido o controle... ah, tudo seria diferente.

Uma batida leve na porta me tira dos meus pensamentos e vou atender, sendo surpreendida por um rapaz moreno, segurando um buquê de rosas vermelhas e uma caixinha com meus chocolates favoritos.

— Bom dia, senhora Alice Aragão?

Apenas com a menção do sobrenome, ele faz meu corpo tremular.

— Sim.

— São para a senhora! — Ele me entrega o buquê, que recebo no automático, assinando onde pede em seguida. Fico parada, vendo-o me dar as costas e sair.

Fecho a porta, à procura de um cartão entre as flores, e não é difícil de achá-lo, encontro-o grudado na caixinha de bombons. Abro o pequeno papel e sinto meu sangue congelar ao ler o conteúdo:

*Você é minha, lembre-se sempre disso, meu amor.
Estaremos juntos em breve...*



O tempo pode apagar o amor?

Após uma noite mal dormida e uma visita rápida ao hospital hoje cedo, estou eu aqui, na cantina, sentado em um dos bancos grandes da mesa de madeira onde servem as refeições do orfanato, no grande pátio de piso liso, vendo os meninos de várias idades e tamanhos correndo para lá e para cá, rindo e se divertindo em frente ao pátio. Por alguns minutos consigo me concentrar neles e esquecer o que vem me preocupando desde que Augusto esteve em minha sala na sexta-feira e, de repente, me vejo contagiado, rindo enquanto observo os moleques jogarem bola e gritarem uns com os outros.

Venho aqui quase todos os domingos que não estou de plantão no hospital, gosto desse ritual. Minha mãe, quando era viva, fazia questão de ajudar algumas instituições, em especial orfanatos. E esse era um de seus favoritos, talvez por ser devota de Santa Tereza e o lugar levar esse nome. Após a sua morte, peguei sua missão para mim e aqui encontro um tipo de refúgio, fazendo o que ela se propôs a fazer desde o início, além de uma criança em especial ter entrado em meu coração.

— Bom dia, Pedro.

Viro o rosto para o lado ao ser chamado, vendo a irmã Salete se sentar próximo a mim.

— Bom dia, irmã.

— Achei que não viria hoje, sempre vem mais cedo para o café da manhã. — Passo a mão na nuca ao me lembrar do porquê não vim mais cedo, me sentindo desconfortável com a lembrança.

— Acabei por dormir demais. — Talvez seja pecado mentir para uma freira, mas pior seria contar por que me atrasei. — Mas cadê Camille? Não a vi entre as crianças hoje. — Mudo de assunto, sem encará-la, como se a mulher pudesse ler meus pensamentos.

— Camille é uma menina difícil de se relacionar com as outras crianças, filho, não se enturma muito bem com as meninas e parece ter medo dos meninos, por isso fica mais distante — fala, sucinta. — Crianças podem ser incompreensíveis, às vezes.

Isso me preocupa, pois a condição de Camille a diferencia das outras crianças e sabemos que muitas vezes elas podem ser cruéis com o diferente.

— Posso vê-la?

— Ela está na sala de desenho, pode ir até lá. Vê-lo vai fazê-la feliz. Sabe onde fica.

Apenas aceno e me levanto, indo por um dos corredores do orfanato, direto ao cômodo que chamam de sala de desenhos e projetos escolares. O lugar é humilde, mas o cuidado que as irmãs demonstram com cada criança é genuíno e digno de orgulho, apesar do descaso governamental e popular com a causa.

Abro uma pequena fresta na porta verde e vejo a garotinha de quase sete anos sentada em uma cadeira atrás de uma mesa vermelha antiga, que eram usadas para alfabetização.

Fico observando-a enquanto tenta pintar e manter os cabelos, lisos e grossos demais, atrás da orelha. A franja de cabelos castanhos cai nos olhos e ela assopra, parecendo sem paciência enquanto me faz rir de suas tentativas. A menina é uma graça e, sempre que venho ao orfanato, trago algo novo para ela, pois a pestinha me pegou e me tem enrolado em seus dedos.

Camille adora desenhar, pintar e parece não se dar muito bem com as outras crianças do lugar, ou melhor, as outras crianças têm certa implicância com ela por sua condição, além de ser nervosa e ter um temperamento difícil, é falastrona por natureza. Mas algo nela me encantou desde a primeira vez

que a vi, ainda bebê.

Abro a porta, chamando sua atenção.

— Esse cabelo não fica no lugar de novo? — falo e vejo-a arregalar os olhos e se levantar, vindo em minha direção.

— Tio Pedro! — Ela corre para mim e me agacho para estar à sua altura, recebendo-a em um abraço saudoso e apertado.

— Acho que um prendedor pode ajudar, sabia?

— Sei, né, mas eu perdi o meu. — Dá de ombros. A menina, nada tímida, enfia sua mão pequena na minha e sai me puxando em direção à mesa em que estava sentada há pouco. — Estou fazendo um desenho, tio, vem ver. Tá ficando muito lindo.

— E o que está desenhando hoje?

— O Shrek.

— Logo o Shrek?

Ela me olha feio por minha pergunta, como se quisesse me repreender e tenho a decência de me mostrar culpado em frente à pequena general.

— Ele é feio, mas tem o coração bom, tio, igual a mim e é isso que importa. — Olho para ela, meio contrariado com o que fala. Ela tem dessas e às vezes me surpreende.

— Você não é feia, Camille, já conversamos sobre isso.

— Sou, sim, me chamaram de boca de sacola ontem e ficaram zombando de mim. — Ela murcha e meu peito se aperta com a visão.

Camille nasceu com fenda labial, mais conhecida como lábio leporino, uma condição na qual bebês nascem com a extremidade do lábio superior cortado por má formação, além da fenda de palato. Quando a conheci, era apenas um bebê indefeso desnutrido, que chorava muito por não conseguir comer direito, principalmente, líquidos, que acabavam por sair pelo nariz, devido à fenda.

Acho que esse foi um dos motivos por ela chamar tanto a minha atenção, além dos olhinhos lindos que tem. Era um bebê perfeito, com exceção da pequena deformação. Consegui, sem muito esforço, uma cirurgia

para ela no hospital em que trabalho, Vladimir, cirurgião plástico, doou seu tempo e sua experiência, eu arqueei com os custos extras e cuidei da burocracia junto ao orfanato para que a menina tivesse chance de ser adotada.

Fechamos a fenda interior, possibilitando que ela comesse melhor, e fizemos a reconstrução do lábio superior e parte do nariz. Ainda assim, Camille ficou com uma cicatriz curta, evidenciando a cirurgia já feita, além do lábio superior um pouco fino.

— Você não tem boca de sacola, princesa, tem apenas uma pequena cicatriz. Isso não a faz diferente de ninguém e não deve deixar que o que as crianças falam a deixe triste.

— Mas eu não disse que estou triste, tio. Só disse que o Shrek é como eu e eu gosto dele. Queria um ogro pra mim. — Eu não consigo deixar de rir do que ela fala.

— E para que você quer um ogro, Camille? — Aperto seu nariz, vendo-a sorrir.

— Pra espantar os meninos e cuidar de mim à noite, pra o velho do saco não vir me pegar.

Sentado na cadeira próximo à mesa pequena demais para meu tamanho, olho para criança, que voltou a se concentrar no desenho do ogro, que está torto demais para o meu gosto.

— Não existe isso de velho do saco e já falamos sobre isso. Quem anda colocando caraminholas de novo nessa sua cabecinha, hã?

— Existe, sim. O Matheus viu um esses dias. — Suspiro e ela me olha, séria. — É verdade, tio, não é mentira.

— Camille, mais uma vez, isso não é verdade. Não existem velhos do saco, bicho papão ou nada do tipo e não vai precisar de um ogro pra te defender.

— Hum... não sei, não — ela diz, fazendo bico, evidenciando a cicatriz no lábio superior. — Pronto, terminei. Gostou, tio? — Olho o desenho e agradeço por ela ter me dito que era um ogro ou eu não saberia distinguir.

— É o ogro mais lindo que já vi. Ficou perfeito, princesa. — Ela sorri genuinamente e não entendo como uma criatura tão doce ainda não foi

adotada.

— Eu sei, eu sou mesmo boa, não sou?

E modesta...

— É, você é sim e eu trouxe isso aqui pra você. — Entrego a ela o novo conjunto de lápis de cor composto por infinitas cores e os olhos dela brilham ao ver o presente.

— É pra mim? Obrigada, tio Pedro. O senhor é o melhor! — grita, enquanto vem me dar um abraço apertado em agradecimento.

Como esperado, sou quase obrigado a acompanhá-la para fazer um desenho e experimentar cada um dos lápis novos. Opto por uma casa com uma árvore, algo mais fácil, e a vejo sorrir ao ver o desenho, a moleca gargalha, debochando da minha arte. Pirralha! E eu a acompanho, ciente de que o desenho não está lá muito bom, admito.

Convenhamos, nunca foi o meu forte. A pintura ficou para Augusto, que em seu tempo livre se diverte fazendo alguns desenhos, agora para Cathe colorir.

— Tio! — Camille me chama, sem tirar os olhos do papel à sua frente, agora se ocupando de fazer outro desenho.

— Hum...

— O senhor quer ter filhos? — pergunta e paro com o lápis de cor a colorir a árvore, começando a gaguejar perante tal indagação, sem saber ao certo o que responder.

O "não" vem à minha língua, mas não o falo. Eu já pensei em ter filhos, sim, já pensei também em casamento, mas infelizmente isso foi antes. Antes da mulher que eu amava se casar com outro e construir sua família.

— Acho que sim, bom, mas pra isso eu precisaria de uma esposa, certo?

— E não tem nem namorada?

— Não.

— Deveria ter uma namorada, tio. Aí o senhor podia *pedir ela* em casamento, se casar e me adotar. Depois vocês podem fazer muitos bebês pra

eu brincar com eles. Eu adoro bebês, o senhor também gosta? — Olho a menina enquanto fala sem parar, não sei o que responder e nem preciso, ela não dá tempo para que eu faça isso. — Ou o senhor pode logo me adotar e depois se casar. Eu posso até te ajudar a achar uma namorada, como assisti *num* filme ontem, seria muito legal e eu sou uma menina comportada. A madre disse que os pais gostam de adotar crianças comportadas e eu sou muito comportada, tio. E o mais importante: o senhor diz que não me acha feia, diferente dos outros pais... — ela continua a falar de seus atributos enquanto me pergunto de onde veio tudo isso. — Os meninos dizem que ainda não fui adotada porque tenho boca de sacola e o senhor diz que não tenho, então não tem problema, né? E o senhor é médico, pode consertar minha boca. E aí, tio? Vai achar uma namorada? Ah, e ela tem que gostar de mim, viu? Acho que vai ter que me adotar antes então... O que acha? — Ela então me encara, com olhos esperançosos, em busca de confirmação.

— Camille, eu...

— Já está na hora do almoço, vai nos acompanhar, Pedro? — Ainda estático e de boca aberta, olho a irmã parada na porta. Ela acaba de me livrar de responder às perguntas de Camille e acho que percebe minha cara assustada. — Algum problema, filho?

— Não, problema algum, só não vou poder ficar. Vim só trazer uma caixa nova de lápis de cor para Camille. Princesa, eu já estou indo, mas volto semana que vem. — Ela me olha, curiosa, e se levanta, aproximando-se.

— Eu vou esperar, tio, e pensa com carinho no que conversamos — sussurra como se falasse um segredo, me dando um beijo no rosto. — Tem que tirar a barba, tio, tá arranhando. — Eu rio e bagunço seus cabelos, acalmando a confusão que suas palavras causaram em mim.

— Prometo tirar da próxima vez que vir te ver. — Ela assente e ganho mais um beijo antes de ela sair saltitante, dando a mão para a mulher parada na porta.

Ainda permaneço alguns segundos sentado na pequena cadeira de madeira. As palavras dela mexendo com minha cabeça, principalmente a parte de adotá-la, e não nego que algo se agitou com tal proposta. Filhos... Camille...

Depois do que senti por Alice, nenhuma outra mulher me fez experimentar tal sentimento, me fez amar novamente. Cacete, não chegaram nem perto. Tudo que vivi até hoje não passou de tesão, apenas algo carnal, desejo e nada mais, jamais pensei em me casar senão com ela, Alice. Mas esse desejo de casamento e de construir uma família com a ruiva apimentada era apenas isso, desejos e sonhos guardados em minha mente e que acabaram ficando no passado.

O meu problema foi pensar demais, esperar, ter culpa por começar amar a menina que vi crescer ao meu lado, pois, além de respeito, tenho uma grande estima por tio Oto, que confia em mim como se fosse seu filho.

Cheguei àquela família não passando de um moleque gorducho, enquanto ela era uma criancinha enxerida, tendo não mais de cinco anos, parecendo uma boneca de porcelana. Eu a vi crescer e, com um desespero descomunal, percebi que todo o ciúme, que eu fui tendo por ela com o passar dos anos, nada mais era que amor. Não um amor de irmão, como eu achava ser, como eu queria que fosse, não, era amor de um homem apaixonado com loucura por uma mulher.

Tentei isolar tal sentimento e só percebi meu erro tarde demais, quando Alice já estava indo em busca de seus sonhos, indo estudar fora do país. Nada pude fazer e, quando enfim ela retornou, meses depois, estava noiva daquele filho da puta e com uma criança no ventre.

Eu posso dizer que aquele foi o pior dia da minha vida e não foi só por descobrir que a mulher a quem eu estava disposto a declarar amor eterno estava com outro. Foi porque, além de perceber que a perdi, foi naquele mesmo dia que minha mãe perdeu a batalha para o câncer, depois de longos cinco anos de luta. A mulher, que era minha única família e a melhor mãe do mundo, levou parte de mim com ela quando se foi e, mesmo sabendo que foi melhor para ela, me culpo por não ter conseguido fazer mais, por... eu não saberia dizer.

Lutamos como pudemos na época para salvar minha mãe, mas descobrimos tarde demais e perdemos a batalha para o câncer.

Quando, por fim, Alice voltou, lá estava ela, perfeita e comprometida.

— *Pedro, Alice chegou. — Tia Vera, e mãe de Alice, tocou meu ombro,*

chamando minha atenção, enquanto eu permanecia em pé, ao lado do caixão, olhando o rosto em paz de minha mãe.

Meu coração acelerou e limpei uma lágrima que queria escorrer por meu rosto, levantando meu olhar e buscando-a em meio às pessoas ali, sentindo um tipo de alívio. Ela veio, veio por mim. Mesmo após meses sem ao menos me atender, ela tinha vindo por minha causa.

— Oi, Pedro — disse, mas eu paralisei no lugar ao vê-la e sentir seus braços ao meu redor, em um abraço que era para ser reconfortante.

Eu estava em um tipo de choque, nem ao menos consegui retribuir seu abraço e não demorou para ela ser afastada de mim enquanto meus olhos estavam presos em seu ventre, se eu pudesse, chutaria que estava grávida de uns cinco ou seis meses.

— Como vai, deve ser o Pedro? — Um cara alto, de pele clara e cabelos negros, estendeu a mão e me cumprimentou, interrompendo a interação com ela, ou o que era para ser um reencontro, e passando o braço em sua cintura. — Sou Renato, noivo da Alice. É um prazer conhecê-lo e meus pêsames.

Eu estava petrificado, olhando dela para ele enquanto ela parecia igualmente surpresa com a menção do noivado e, naquele instante, o que já estava ruim se tornou um caos.

Nego com a cabeça, tirando ou tentando tirar esse momento da minha cabeça.

Alice veio de Londres exatamente por esse motivo, pela perda que tivemos na família, mas não veio sozinha. Renato estava com ela e o consolo, que eu achei que sentiria ao vê-la, caiu por terra. Ali, o sonho se partiu.

Aquilo foi minha ruína e eu percebi que a tinha perdido, que fui covarde demais para tê-la e que, daquele dia em diante, Alice estaria com outro e eu teria que me acostumar com isso, com a perda. Uma grande merda, diga-se de passagem, pois, além de tudo o que sentia, eu tinha que fingir estar tudo bem. Nada estava bem...

O que eu sentia continuou em segredo e ela, depois de tudo, mudou seu comportamento comigo. Não era mais a mesma, não era mais a minha Alice, se bem que ela nunca foi e, depois de tudo, nem ao menos existia carinho

entre nós. Era como se, para ela, eu fosse apenas um conhecido e eu nunca entendi o porquê disso, dessa mudança, e apenas me afastei como ela parecia querer, como ela parece querer ainda hoje.

De primos e melhores amigos fomos para completos desconhecidos.

Volto meus olhos para a mesinha de desenho, pegando o último papel que Camille deixou sobre os outros. Eu o pego e, no papel, tenho uma tentativa de desenho de duas pessoas. Um homem e uma menina que permanecem de mãos dadas, sorrindo. Não posso deixar de pensar que o desenho seria eu e ela juntos e que a menina me imaginou como sendo sua família, seu pai. Sorrio perante o pensamento, com a folha ainda em minhas mãos.

Deveria ter uma namorada, tio, e me adotar.

A voz fina e alta demais vem à minha mente e um pensamento passa por minha cabeça, assim como a percepção de que talvez o sentimento não esteja adormecido como eu queria...

— É, Camille, acho que eu deveria sim...



É sábio ter em mente que, por trás de um sorriso gentil, pode haver grandes decepções.

Você é minha.

Meu corpo treme como se minhas pernas não fossem capazes de sustentar meu peso. Largo o pequeno cartão vermelho, como se isso queimasse minhas mãos, e queimam de certa forma, pois essa é a confirmação de que ele está de volta, à espreita, e que o que eu tinha dito em nada o amedrontou ou o afastaria.

Naquele pequeno pedaço de papel, está escrito a frase que eu escutei durante todo o meu casamento falido, a frase que ele vivia a repetir, deixando claro que eu nada mais era além de um objeto em suas mãos imundas.

E eu acreditava mesmo naquilo, ele me fazia acreditar! Eu me deixava enredar por sua conversa, por suas mentiras e trapagens, e vi anos da minha vida passarem pelos meus olhos, enquanto eu apenas existia e vivia para ele, como se Renato fosse o meu sol e eu, um planeta orbitando ao seu redor.

Ele nunca me despertou o amor que achei sentir no começo, nunca de fato existiu. Aquele sorriso gentil, que sempre me dava, nunca foi verdadeiro, era só seu disfarce e eu compreendi, tarde demais, que o que um dia achei sentir por ele foi apenas carência, desespero de um coração partido, e me deixei levar pela falsa segurança que ele me transmitia.

Quando comecei a acordar e ver com quem tinha me casado, foi que vieram as agressões físicas e psicológicas, as quais, por vezes, relevei e achei ser culpada e merecedora de tudo o que recebia, como se eu tivesse desencadeado sua ira por pura vaidade.

Quando me lembro disso, sinto ódio, não só dele, mas de mim mesma por me sujeitar a tal loucura, e, no fim, foi o medo que me fez permanecer ao seu lado até descobrir que aquilo poderia me matar, pois, a cada dia, Renato perdia mais um pouco de juízo. Quando acordei em uma cama de hospital, com a notícia de mais uma vez ter perdido um filho, me dei conta da loucura em que estava vivendo e da depressão que tomava minha mente e corpo.

Ainda me lembro de absolutamente tudo, como se estivesse vivendo aquele maldito momento nesse mesmo instante, até o gosto do sangue ainda está em minha boca, a dor em meu ventre e a humilhação entranhadas em minha alma. Naquele dia, no hospital, quando acordei e vi Augusto... foi como... eu não teria palavras para dizer o que senti e saber que foi Pedro a me tirar do meu apartamento só aumentou minha dor e vergonha.

Ver minha família, a preocupação, o medo de cada um, tudo só aumentou meu desespero. Era nítido no olhar de Arthur sua decepção e como aquela situação o deixava transtornado, enquanto no rosto de Augusto eu só via pena e amor, enquanto ele tentava esconder as lágrimas toda vez que olhava para meu corpo e rosto machucados.

Ah, como aquele homem foi uma fortaleza para mim, quem, de alguma forma, me sustentou em pé e me protegeu. Mesmo tendo todo aquele jeito de ogro e mau humor dos infernos, era em seus braços protetores que eu sentia segurança e não conto as vezes em que meu irmão dormiu comigo em seus braços, por eu sofrer constantemente com pesadelos, foram incontáveis as vezes em que dormi sentindo suas mãos alisarem meu cabelo, com carinho e amor. Aquele foi seu jeito de falar que estava comigo para o que precisasse.

Me deu abrigo em seu apartamento, carinho, amor e compreensão, sem julgamentos. E era claro que o jeito dos meus irmãos lidarem com a situação seria completamente diferente.

Não, Arthur não é má pessoa ou não me deu apoio, ele apenas lidou com os sentimentos de forma diferente e direta, clara. Por ser um homem pragmático, seu lado prático gritou em cada reação sua e não foi diferente

comigo.

A primeira coisa que praticamente me obrigou a fazer foi dar queixa.

Ah, e como eu queria fazer isso, era o que eu mais queria, mas, pelo tempo em que vivi com Renato e sua família, eu sabia como as coisas funcionavam para eles e, caso eu o denunciasse, não seria apenas eu a sofrer as consequências, não, seria também minha família, assim como ouvi da boca dele, quando ainda estava no hospital.

Como se não pudesse mais me surpreender, ele cuspiu ameaças. Ameaças que eu sabia que não eram vazias, nunca foram... e minha resistência a levá-lo a juízo pelo que fizera comigo deixou Arthur transtornado e distante, ele não aceitou minha decisão.

Respiro fundo, pensando em como me enganei durante tantos anos... Não deixo que as lágrimas caiam de meus olhos, pois prometi a mim mesma que Renato não teria mais poder sobre mim e não me faria chorar nunca mais.

Pegando o bilhete no chão e as flores, as amasso e jogo tudo dentro do lixo na área de serviço, tentando acalmar meu coração, que parece querer arrombar minhas costelas e sair correndo. Me escoro na máquina de lavar e respiro uma, duas, três vezes, passando as mãos trêmulas pelo rosto, tampando minha boca para que o grito agudo que deixo escapar não chegue aos ouvidos dos vizinhos.

Desespero e medo duelam em minha cabeça enquanto lembranças me assolam, me engolem, e cada minuto é pior. Volto para dentro de casa, ignorando toda e qualquer lembrança, tentando ser forte e aguentar as consequências de minhas escolhas, como eu prometi fazer e voltar a ser a Alice de antes, pois algo aqui dentro se perdeu no dia do meu casamento.

Ao menos de uma coisa tenho certeza. Não vou permitir que, de novo, ele conduza minha vida, não me permitirei viver amedrontada por um homem do qual a loucura tomou conta e, o mais importante, nunca mais serei de ninguém ou darei poder a alguém para me ferir, tanto fisicamente, quanto psicologicamente, isso acabou.



Passei todo o final de semana tentando não me lembrar das malditas flores, do bilhete e de Renato, mas, sempre que elas vinham em meus pensamentos, meu coração se apertava e o frio ameaçava tomar meu corpo. No domingo, após conseguir, enfim, me acalmar, desci até a portaria e pedi para o porteiro não deixar mais ninguém subir sem minha permissão, muito menos um entregador de flores ou quem fosse. Ele, constrangido, pediu desculpas e disse que não aconteceria novamente, pois não achou que um entregador causaria problemas.

Talvez naquele momento eu até tenha perdido a razão e talvez, só talvez, tenha sido grossa, mas nada podia fazer quando minha razão estava perdida em algum lugar de minha mente e o coração, pequenininho em meu peito, querendo apenas me manter segura.

Parecia que meu corpo estava aqui, já minha mente, não, e depois de passar um almoço no apartamento de Augusto, ao qual em nada prestei atenção, só fingi brincar com Cathe, voltei para casa e tentei inutilmente me concentrar em algo que não fossem meu falido casamento e futuro divórcio. Obviamente, que isso eu não consegui. Nada parecia capaz de prender minha atenção.

Graças a Deus, hoje é segunda, dia de, enfim, ocupar minha mente com o trabalho. Preciso disso. Mais do que nunca estou me agarrando ao novo estúdio de balé, que, com a ajuda de minha família, estou montando. O dia mal começou e eu já estou aqui, organizando minha rotina, anotando os últimos detalhes do que precisarei comprar e arrumar. Uma coisa que percebi foi que odeio obras.

Mas achei o local perfeito para montar o meu sonho e eu amo esse lugar, pois, quando estou aqui, a empolgação toma conta de mim e mal contenho a euforia por, daqui a alguns dias, ter meus primeiros alunos e reconstruir, enfim, minha vida.

Quando encontrei, era apenas um galpão enorme, sem muito a oferecer. Mas vi potencial e estava certa, além de ter uma ótima localização. Arregacei as mangas, junto ao arquiteto, e hoje o lugar é dividido em entrada e recepção, duas salas de aula, que por ora estão sendo montadas e, aos fundos, um vestiário com armários e banheiros femininos e masculinos. Além de uma

pequena sala ao fundo da recepção, que me servirá de escritório. O ambiente começou a tomar forma com as divisórias, estando tudo ainda em branco, vamos começar a pintura em breve. Quero isso aqui cheio de cor, alegre e alto-astrol.

É nesse lugar que sinto estar fazendo algo unicamente meu e isso me cheira a liberdade e realização. Quando estou imersa em cada detalhe desse lugar, as horas voam e, quando me dou conta, já estou finalizando o dia, arrumando os últimos pedidos que acabaram de chegar dos correios, com a ajuda de Tatiane, minha futura secretária.

Olho ao redor, faço isso todos os dias desde que comecei, como se para acreditar que é mesmo real. Vejo meu sonho se realizando, um sonho de longa data, na verdade.

Sou bailarina por formação e paixão. Cheguei a estudar e morar em Londres, porém alguns empecilhos me impediram de continuar lá e trabalhar em minha área de maior amor, flutuando pelos palcos. Empecilhos como uma perna quebrada, quase esmagada, e a perda do meu primeiro filho, isso me impediu, por algum tempo, de dançar. O sonho de entrar em uma companhia estava arruinado e ninguém, em sã consciência, daria emprego para uma professora de balé nessas condições. Alguns até diriam que nunca mais eu seria capaz de dançar, como cheguei a ouvir algumas vezes, mas, como podem ver, aparentemente sou uma exceção à regra.

No início, foi difícil, claro, mas, com fisioterapia, hoje consigo dançar. Não com a leveza de outrora, mas com certa perfeição. E agora olhem para mim, depois de sete anos e, apesar de uma perna um centímetro de circunferência mais fina que a outra, aqui estou eu, com meu próprio estúdio de balé e, o melhor, sem ninguém que me puxe para baixo, em direção ao fundo do poço, ou que tome as rédeas de minhas decisões. Já estive lá e não pretendo voltar nunca mais.

Suspiro, enquanto vou colocando no armário alguns objetos e enfeites, tentando não me lembrar do passado. Passei a amar tudo aqui, passei a cuidar com tanto amor e carinho, como se fizesse parte de mim. Na verdade, faz, de certa forma, pois foi esse projeto que me ajudou a sair da depressão e me reerguer, isso e a força e compreensão que recebi de toda minha família.

Pego a última caixa e vou tirando os objetos e colocando dentro do

armário, quando a caixa ao meu lado está vazia, me ponho de pé, enxugando minha testa encharcada de suor. O ar condicionado do lugar ainda não está funcionando e a temperatura do Rio não ajuda muito.

— Chefinha! — Tati me chama, às minhas costas. — Acabei com o balcão, ficou um brinco. Tirei a tinta que ainda estava grudada na cerâmica da recepção também — fala, orgulhosa, e sorrio de sua animação.

— Olha só, uma funcionária mais que competente! Como tenho sorte, Tati. — Ela sorri.

Adoro essa garota, adoro de verdade. Ela tem algo de bom, de alegre, puro, e me sinto até mesmo mais leve quando estamos juntas. Tatiane tem estatura média, um pouco cheinha, opa! Correção, com excesso de gostosura, como ela mesma diz. Seus cabelos são médios, abaixo dos ombros, lisos e negros com cachos lindos nas pontas. Com um rosto oval, de semblante brincalhão, sereno, e os olhos pretos risonhos, ela nos passa a imagem de uma pessoa, de fato, feliz e de bem com a vida, tendo, em seu rosto, sempre um sorriso afável.

Tatiane foi uma das primeiras candidatas a ser entrevistada e, por ela, senti um tipo de afeição imediata, o que me lembro de sentir apenas por minha cunhada Cristine, quando ainda estudávamos na mesma escola.

— Eu disse que era eficiente, chefe, você que não acreditou.

— Tá bom, eficiência. Vamos terminar logo pra irmos embora. Já estou faminta.

— Leu meus pensamentos. Vou aproveitar essa noite pra terminar meu livro — fala e bate palmas com uma empolgação digna de inveja.

— Que livro é este, dona Tatiane?

— Ah, meu bem, estilo Christian Grey, uma delícia.

Mas que safadinha!

— Não imaginei que gostasse de livros assim, mocinha, com essa pegada quente.

— E quem não gosta? Já viu aqueles homens? Deus do céu, eu gozo só de imaginar — fala, vermelha.

Eu explodo em uma gargalhada ao ouvir a voz sonhadora com que fala

dos livros.

— Meu Deus, garota, isso é coisa que se diga à sua chefe?

— Ah, nem vem, você perguntou. Ontem li uma parte que narrava o homem dando uns amassos na mulher ainda no elevador e depois jogando em cima da mesa do escritório, ele fez um oral que eu, só de ler, me molhei toda. Precisei de outra calcinha... — Sorrio, sem controle, pois ela chega a ficar vermelha ao falar e me causa curiosidade.

— Quero esse livro quando acabar, Tati, ou me dê o nome para eu comprar, não ando fazendo nada ultimamente e vou, ao menos, ler... — Sorrio da cara dela. — Vamos ver se é verdade tudo isso aí.

— Ah, Alice... você vai subir pelas paredes... aconselho que arrume alguém para apagar o fogo depois.

— Assanhada. Agora pode deixar isso aí para amanhã, já é quase noite e pode ser perigoso, pode ir embora.

— Seu irmão não vem te buscar? — pergunta. Nos últimos dias, Augusto tem vindo me deixar e, às vezes, me buscar.

— Não, hoje não.

— Então vou indo, chefe, até amanhã. Não quer que eu te espere para irmos juntas?

— Não, vou terminar essa outra caixa pequena aqui antes de ir. Até amanhã, meu bem, e obrigada por hoje, você foi maravilhosa. — Ela sorri e acena, saindo em seguida, em direção à pequena recepção que montei no lugar.

Me viro novamente para o armário e começo a esvaziar outra caixa que busquei no depósito. Por um momento, penso em Renato e um arrepio sobe por minha espinha, me fazendo parar e olhar ao redor da grande sala, sentindo como se estivesse sendo observada.

Pode ser paranoia, mas não serei eu a fechar a porta depois de ser roubada, não mesmo. Medo é o que sinto e desisto de continuar arrumando os últimos itens, decidindo que é hora de ir para casa. Deixo tudo como está e entro no pequeno vestiário de paredes brancas, apenas para pegar minha bolsa com algumas peças de roupas dentro.

Não perco muito tempo e, quando volto e saio apagando as luzes do vestiário, paraliso ainda na porta, sentindo o coração ir à boca, soltando um grito fino. O susto arrepia até mesmo meus cabelos da nuca e por que não dizer da bunda?

— Desculpa se te assustei, a moça que estava saindo disse que eu poderia entrar, eu chamei, mas você não respondeu, por isso entrei — fala, dando de ombros, com expressão gentil no rosto e um leve sorriso em seus lábios, despretensioso, com as mãos nos bolsos da calça jeans branca.

— O que faz aqui, Pedro?



O passado pode voltar em forma de uma bela caricatura, com um lindo sorriso gentil e covinhas fofas...

— O que faz aqui, Pedro? — pergunto, após levar um susto da porra, com a montanha parada na porta de entrada.

Fico estática, parada onde estou, olhando sua postura confiante, enquanto me estuda dos pés à cabeça, e me lembro de que devo estar uma bagunça. Por um instante, ele não fala nada e meu corpo vai se acalmando pouco a pouco do susto.

Desde que recebi as malditas flores, não tenho dormido ou comido direito, com medo de minha própria sombra, com a sensação horrorosa de estar sendo observada o tempo todo. É angustiante, amedrontador e o pior é saber que ele gosta desse jogo, de encurralar e ver o pavor em meu rosto, odeio estar fazendo exatamente o jogo que Renato quer.

Olho Pedro com atenção, ainda calado, e pelas roupas bem alinhadas, limpas, e o rosto de semblante cansado, deduzo que provavelmente está vindo do hospital, arrisco dizer que saindo de um plantão.

— Augusto me disse que não poderia vir te buscar e, como eu estava de bobeira, vim te levar pra casa.

Ele é uma piada e muito direto, sempre foi.

— De bobeira? Não estava trabalhando, digo, não estava no hospital?

— Hum, estava — fala, aproximando-se. — Mas saí do plantão há pouco e não tinha nada importante pra fazer, então vim te buscar, já tá pronta?

— Não precisa, Pedro. Vai para casa, tem alguns quilômetros até o haras ainda e já está anoitecendo, pode ir embora, vou de táxi. — Vejo-o negar, parecendo bem decidido.

— Não se preocupe com a noite, minha caminhonete tem faróis e está chovendo. Anda, Ali, vamos. Não me custa nada te deixar em casa e depois ir embora.

Bruto!

Mas ele tem razão, eu não tinha percebido a chuva. Fiquei tanto tempo compenetrada em arrumar tudo aqui, que não vi o temporal aparente se aproximando. Reviro meus olhos para seu tom e cedo, é melhor ir com ele do que me molhar...

— Então vamos. Já estou pronta — falo e vou em sua direção, passando por ele, ainda parado na porta, que não demora a me seguir até a pequena sala que servirá de recepção no futuro.

— O lugar está ficando perfeito, Alice, parabéns! — elogia, não posso deixar de sentir orgulho e sorrir.

— Sim, está ficando lindo, exatamente como sonhei que seria. Ainda faltam muitas coisas, admito, mas, ainda assim, está ficando lindo.

O orgulho transborda em minha voz, vendo-o sorrir com minhas palavras, fazendo covinhas perfeitas aparecerem em suas bochechas lisas. Finjo não notar e apago todas as luzes, abrindo a porta em seguida para que passe.

— Sim, consigo ver a sua cara em tudo aqui. — Seus olhos azuis perfeitos estão cravados em mim e não quero, mas noto a intensidade desse olhar, meu corpo, já suado do esforço físico do dia, parece queimar diante dele. — Fica aqui embaixo do sobrado, vou pegar o carro e paro aqui em frente. — É ele a quebrar a troca de olhares, aceno, achando muito cavalheiro de sua parte.

Pedro sai correndo embaixo da chuva e eu faço o que me pede, fechando a porta, vendo-o entrar na caminhonete azul no acostamento da via.

E, como fiz hoje de manhã ao sair do prédio onde moro e ao chegar aqui, torno a olhar para todos os lados em busca de eliminar a sensação que sinto. Não tem ninguém, apenas a chuva caindo e um SUV branco estacionado no acostamento do outro lado da rua.

Me sinto paranoica, impotente e fraca. Foi esse o efeito que suas flores fizeram em mim, é esse o trauma deixado após cinco anos casada com um homem doente. Sinto um frio surreal em minha espinha e, não importa o quanto diga a mim mesma que estou errada, a sensação de estar sendo observada não me deixa, mais uma vez, olho para todos os lados, em busca de alguém embaixo do temporal caindo nas ruas. Não tem ninguém.

Nego com a cabeça, esperando alguns instantes até que Pedro ligue o carro e venha até onde estou, subindo o carro na calçada e parando próximo a mim. Agradeço mentalmente por isso e entro na caminhonete, pegando alguns pingos grossos de chuva em minha pele.

— Obrigada, vamos logo antes que pegue uma multa por depredação pública. — Tento descontraí-lo e ele sorri de canto, com o cabelo pingando água em seu rosto, não entendo a vontade de beijar e beber cada maldita gota que escorre por sua face, caindo na camisa social branca.

Se concentra, Alice, é o Pedro aqui. Isso é só carência, se controla... Já passou, se lembra? Ficou na adolescência essa paixão idiota, falo comigo mesma.

É como diz o livro *Casei com uma Doida*, que li esses dias: *quem não conversa consigo mesmo, responde e ainda briga pela divergência de opiniões, não sabe o que é viver*. E ela tem razão, tenho que admitir.

— A perna ainda... — ele tenta puxar assunto, chamando minha atenção.

— Não, está bem, não senti mais dor — eu o corto. — A fisioterapia e a yoga estão me ajudando bastante com isso.

— Fico feliz em saber. E que tal parar em algum lugar pra jantarmos?

— Nesse temporal?

— Com certeza irei encontrar algum lugar com estacionamento.

— Não, obrigada, não estou com fome — minto e ele apenas confirma.

— Podemos pedir uma pizza, isso eu sei que não vai dispensar. O que acha?

— E comer no meu apartamento?

— Sim, por que não? A não ser que queira ir comigo para o haras — fala, sugestivo.

Chega a ser irritante.

— Não, nem um, nem outro. Não estou mesmo com fome e quero chegar em casa, tomar um banho e descansar — falo, por fim, sem olhá-lo. Se o fizer, talvez não consiga negar o convite e tenho que manter distância ou aquele sentimento, esse mesmo que está esfriando minha barriga agora mesmo, pode voltar com força e me machucar como fez anos atrás.

Pedro se mantém calado e eu dou graças a Deus, pedindo para o meu estômago não roncar de fome e denunciar minha mentira.

Viro de lado e permaneço olhando a rua, sem ter o que dizer, enquanto Pedro mantém sua atenção na estrada. Tento privar minha mente insana de pensar em beber as gotas de água que escorrem por seu rosto. Devo estar mesmo carente.

O cheiro do perfume masculino, misturado ao de sua pele, está em cada parte do carro e não tem como uma mulher se manter indiferente a isso, infelizmente. E, mesmo sabendo que, junto à fragrância masculina tão dele que sinto aqui, deve haver também o cheiro de alguma mulher, ou várias, e de suas safadezas, ainda assim, eu não consigo me impedir de inspirar fundo, lentamente, como se quisesse guardar só para mim a essência. Para completar, ele ainda usa o mesmo perfume de antes, perfume que fui eu a escolher anos atrás e a dar de presente no dia de seu aniversário.

Fui uma jovem idiota e, bem, pareço ainda ser.

Chego a suspirar com o pensamento e já lhes aviso, caso estejam suspirando comigo, não se enganem com a falsa gentileza de Pedro e sua cara bonita de santo. O homem é um filho da puta, galinha, safado, sempre foi, o pior de todos. O ar de bom moço engana muita gente, mas, por trás dessa cara de santo, existe um homem que não se importa com os sentimentos dos outros, com quem magoa ou não.

Como eu sei? Ah... já fui sua melhor amiga.

A chuva começa a cair com mais força lá fora, e eu me concentro na fina garoa de água que desce pelo vidro da janela ao meu lado, tentando não notar a presença masculina, exalando testosterona, sentado ao meu lado.

O trânsito, como o esperado para o horário, já está mais calmo e não demoramos a chegar ao prédio, não muito longe de onde montei meu estúdio de balé. Pedro entra na garagem e, antes que ele pare, já estou prontinha para descer do carro, com minha bolsa em mãos.

— Obrigada, Pedro, mas não precisa se incomodar da próxima vez. Boa noite! — falo, levando a mão à maçaneta da porta assim que para o carro, mas sou impedida de sair, sendo surpreendida quando ele trava as portas.

— Só um minuto, Alice, quero falar com você.

Respiro fundo, me viro para olhar para ele e chego a prender minha respiração. A camisa branca, molhada, está transparente, agarrada aos seus músculos, e, misericórdia, é impossível não olhar.

Olha para cima, Alice, foca no rosto dele, tenha foco e saia do carro.

Me recrimino, até focar meus olhos no rosto do infeliz, que permanece sério, prestando atenção em cada movimento meu, apreensivo. Ele acha que vou fazer o que a ponto de travar as portas? Quebrar o vidro para sair correndo daqui? Não bastava dizer que queria conversar?

— Pode falar, Pedro, e não precisava travar as portas. Vá direto ao ponto, estou com frio e preciso de um banho urgente. — Não estou com frio, mas minto descaradamente, parece que estou bem inclinada a isso hoje e me fodo quando ele volta a ligar o ar, colocando na temperatura mais quente.

— Melhorou?

Limito-me apenas a concordar.

— Qual o problema, Alice? — pergunta, me olhando com seriedade e faço cara de João sem braço, que deve ser a mesma cara falsa que ele faz ao me olhar agora. Dissimulado. — Por que esse comportamento? Por que não pode ser como antes?

— O que exatamente você quer que seja como antes, Pedro?

— Não se faça de desentendida, já falamos sobre isso, e você sempre

faz isso, foge, sai pela tangente ou simplesmente diz que não quer falar sobre o assunto.

— Porque eu realmente não quero falar sobre isso, Pedro, é simples.

— Éramos amigos, Alice, o que mudou? Agora você age como se fôssemos estranhos um para o outro, como se não me suportasse! E eu pergunto, o que mudou? — rosna para mim, fechando o semblante.

— Nós crescemos, apenas isso. Não somos mais crianças, Pedro, e eu não sou mais a garota idiota que vivia correndo atrás do seu rabo, querendo atenção. Deveria parar de perder tempo comigo, sempre voltando a isso. — Ele bufa em desdém para o que falo.

— E precisa me tratar como se nem ao menos fôssemos da mesma família?

— Ah, Pedro...

— Não faz isso, sabe que não era assim antes, sabe o que tínhamos. Eu sei que você é maluca, mas daí a inventar outra realidade para nós já é demais, Alice. — Sorrio com sarcasmo do que ele acha que tínhamos, me ajeitando no banco.

— Que outra realidade, Pedro?

— Essa em que você insiste em me tratar como um estranho. Éramos amigos, somos família, já fomos melhores amigos, e eu não entendo essa rejeição a tudo que vem de mim. Nós existimos, mesmo que tente negar, e sinto falta de você, da minha melhor amiga.

Essa é a primeira vez que, de fato, ele me confronta tão abertamente, deixando as insinuações, que não fazem o seu tipo, de lado. Esse jogo dois podem jogar.

— Você bebeu, foi isso? Pra começo de conversa não tem um nós aqui, nunca teve, e não se faça ou me faça de idiota, Pedro. — Altero a voz, mesmo não querendo. — E não sou eu a inventar a porra de uma realidade alternativa para nós, a culpa é sua, só sua, e não me venha com lamentações, querendo o que tínhamos! Perdemos o que tínhamos naquela última noite, você estragou tudo! — esbravejo e ele me olha como se não entendesse nada do que digo. Perco a paciência de vez.

— Não fui eu que fui embora e fingi que não tinha deixado ninguém aqui.

Quem ele pensa que é?

— Você está se ouvindo? Está mesmo se ouvindo? Meu deus... abre a droga da porta, Pedro, eu quero sair.

Pedro fica me olhando, apertando os lábios em linha reta, fechando os olhos por segundos.

— Certo, se é assim que você quer. Se prefere continuar com esse comportamento, vá em frente. Eu não tenho como me desculpar quando não sei o que fiz. Me acusa de algo que não fiz, que nem sei ao certo o que é, quer que eu diga o quê? Caralho, Alice, é impossível falar com você — fala e destrava a porta.

Não faço charme algum e desço do carro com rapidez, batendo a porta e indo em direção ao elevador a passos rápidos, sem olhar para trás. Não ouço o carro sair e não me dou ao trabalho de conferir. Respiro aliviada de não estar mais junto a ele e espero em frente ao elevador — com impaciência — as portas se abrirem, tentando acalmar meu coração traíra, que parece prestes a sair pela boca e correr para ele, me recriminando por não conversar. Não adianta mais, não tem mais jeito.

Droga, todo esse tempo eu fugi dele, de uma conversa, de uma maior aproximação, senão o almoço aos domingos na casa de meus pais. Não quero voltar ao passado, não quero.

Bato o pé no chão, tentando acalmar o turbilhão que uma simples conversa me causou, mas se torna impossível. Quem ele pensa que é? Já não basta a humilhação do passado? Ele quer mesmo que eu relembre o que aconteceu? Pior, que eu explique o que aconteceu? Infeliz filho da puta!

No mesmo instante, arregalo meus olhos, lembrando de tia Graça, que em nada tem a ver com isso aqui. Desculpa tia, que Deus a tenha.

Mas, se ele esqueceu, não serei eu a lembrar.

As portas se abrem e, bufando como uma égua indomada, entro e me viro de frente para as portas ainda abertas, apertando o botão do quarto andar e esperando a tartaruga fechá-las e começar a subir. Ouço passos e levanto o olhar, focando a imagem do homem vindo em minha direção, marchando

com pressa e determinação.

Chego a me encostar na parede do elevador ao vê-lo vir em minha direção, parecendo que não vai parar, e temo ser atropelada por ele, vendo seus olhos faiscando presos em mim. Eu deveria ter medo ou algo assim, mas a única coisa que sinto... é um frio gostoso em antecipação engolindo meu coração, pois ele veio parar na garganta.

Pedro não fala nada, o homem entra no elevador e espalma as duas mãos no metal atrás de mim, ecoando o barulho na lata velha, me encurralando entre seus braços fortes.

— Sabe o que essa sua língua afiada faz comigo? Sabe o que está fazendo comigo desde que voltou pra porra dessa cidade, pra minha vida? Sabe quantas vezes eu já sonhei contigo, sua draga infernal? Eu não quero o que tínhamos antes, não passa nem perto disso. Eu quero mais, Alice, quero você. — Eu não consigo responder a isso e sinto que meus olhos vão pular das órbitas. — Ao inferno!

Seus lábios descem sobre os meus em uma devassidão deliciosa de se sentir. Pedro, primeiro, prova meus lábios sem aprofundar o beijo e sem nenhuma delicadeza, mordendo minha boca e jogando o peso de seu corpo grande sobre mim, praticamente me esmagando contra a parede fria de metal.

Eu poderia mentir que o empurrei, pois, depois de tudo e do show que dei há pouco, era isso que eu tinha que fazer, mas meu corpo e minhas mãos traidoras querem se fundir a ele e ter mais.

Minhas mãos voam para os seus cabelos levemente cacheados e curtos, abro minha boca para receber sua língua áspera e habilidosa em busca da minha. Gememos juntos, com a explosão de prazer em sentir um ao outro, excitados e gananciosos. Sinto as mãos dele em meus quadris, apertando e me trazendo para mais perto de si, de modo que posso sentir o volume crescente preso em sua calça roçar meu ventre e não nego que gemo, deliciada com a sensação. Gemo de desejo e excitação que o beijo, seu perfume, seu gosto e seus movimentos me trazem... a saudade gritando em mim.

É Pedro aqui, Alice, acorda, garota. É o mesmo cara de antes...

Minha consciência até tenta, mas não consegue me alcançar, já estou

completamente perdida no homem que está fodendo minha boca com sua língua. É, eu deveria ouvir essa voz que grita em minha cabeça, mas o que eu faço é bem diferente disso. Eu me agarro a ele, quase nos fundindo, pois quem se esfrega em seu volume descaradamente agora sou eu, e ouvi-lo gemer em minha boca faz minha pobre calcinha encharcar, eu gosto disso, Deus como eu gosto.

Pedro morde meu lábio inferior e eu me derreto em seus braços, completamente entregue... É ele quem afasta os lábios dos meus, deixando beijinhos curtos, beijos que são retribuídos com afinco e desejo, o desejo que faz minha intimidade pulsar. O elevador apita e me dou conta de onde estou, podendo ser vista nessa situação por qualquer morador do prédio. Abro os olhos, como se estivesse bêbada, vendo um sorriso sacana e um olhar devasso dirigidos a mim.

Ah, isso deveria ser proibido, um homem desse não deveria existir.

Tenho as pernas, que são duas gelatinas, o coração acelerado e minha língua parece que foi engolida por Pedro, já que não consigo falar uma palavra sequer, apenas olhá-lo, pois, assim como minhas pernas, meu cérebro virou geleia... Permaneço olhando para ele, sem pouco me importar se seremos vistos, ainda espantada com o que aconteceu, com a intensidade e as reações que senti, mesmo depois de tanto tempo.

Ele se afasta, mantendo-se ainda próximo. Sua mão vem ao meu rosto, roçando o polegar em minhas sardas na bochecha, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha em seguida, delicadamente.

— Eu esperei oito anos pra poder te beijar assim, como eu sempre quis, Boneca. Não fuja de mim, Alice, por favor... — pede, baixo, rouco e com o olhar em súplica, eu...

— Pedro... Alice! O que fazem aí? — Pulo no lugar ao ouvir a voz interrogativa de Augusto, meu irmão, atrás de Pedro.

Eu o empurro para que saia da minha frente e olho Augusto, que tem as sobrancelhas franzidas, parecendo confuso e preocupado, enquanto minha mente, que agora tenta voltar do planeta dos homens gostosos, procura o que dizer.

— O que faz aqui? Não era pra estar no hospital? — pergunto com

rapidez, totalmente desalinhada.

Aprenda, quando estiver em uma situação como essa e não souber o que responder, faça outra pergunta, sempre funciona para tirar o foco do réu. No caso, eu!

— Sim, mas Cristine está entrando no sétimo mês e Silvy teve que viajar. Depois que Pedro saiu, tive que trocar meu plantão, não queria deixá-la sozinha. Bruno também está de serviço, então seria só ela, você, Cathe e Tutu. Não confio em nenhum dos quatro — fala, carrancudo.

Sorrio, notando a amizade e confiança que criou com Bruno, o nosso vizinho delícia que antes lhe dava ciúmes pela amizade que mantinha com Cristine. Já Tutu, esse é o gatinho que ele deu a Cathe de presente.

— Ah, tá. Bom, eu estou cansada, então vou entrar. Boa noite e obrigada pela carona, Pedro. — Tento me livrar, vendo-o com olhos de cachorro pidão.

Passo por meu irmão, que mantém sua carranca para mim, dou dois tapinhas em seu ombro e vou em direção à minha porta quase correndo, para que não dê tempo de dizer mais nada. Entro em casa com rapidez e fecho a porta, me escorando nela depois de jogar minha bolsa no sofá vermelho da sala.

O que foi aquilo? Deus do céu... como eu fui fácil... toda entregue e melosa, só deixei acontecer. Não teve nem nada, nada que o impedisse, eu não falei nada. O que foi que ele disse mesmo?

Droga... droga... droga...

Meu celular toca, como se me tirasse de um transe, e demoro um instante para me situar no planeta Terra outra vez. Vou até minha bolsa e pego o celular, olhando o número não registrado na tela. Penso em não atender, mas o faço.

— Alô, quem fala?

— Quanto tempo, Alice! — A voz grossa, autoritária, do outro lado da linha faz minhas pernas, ainda bambas, fraquejarem e o coração querer sair pela boca.

— Renato...



Desprender-se de medos e temores é essencial para conseguir o amor há muito esquecido de volta...

Fico sem jeito, vendo a mulher fingir que nada estava acontecendo, fugindo da pergunta que o irmão lhe fez, me olhando uma última vez antes de se afastar quase correndo. Draga de coração duro dos infernos! Além disso, tento esconder do cara à minha frente uma ereção dolorosa dentro da calça, que ela mesma causou. Inferno!

Eu não sei o que eu esperava dessa maldita conversa, mas, quando Augusto me disse mais cedo que se mantinha preocupado, pois não iria ter como buscá-la, vi aí uma chance de estarmos sozinhos e, assim, ela não poderia fugir de mim, de uma conversa direta. Não foi o que aconteceu, a mulher sempre acha um jeito.

Mas ela não vai mais fugir por muito tempo, após alguns meses tentando esquecer que ela voltou e está aqui perto de mim, tomei uma decisão. Alice será minha. Não como posse, e sim como amor. Chega de postergar e ficar atrás de uma desculpa qualquer, disse para Camille que já fiz planos de ter uma família e filhos, que foram interrompidos porque a mulher que eu tanto queria se casou. Bom, agora aqui está ela e nada mais nos impede, no fim das contas.

— Eu vou indo, até amanhã, Augusto.

— Não quer entrar? — pergunta, levantando uma sobrancelha, sinal de

que há algo.

— Melhor não...

Ele me olha e, em sua boca, se abre um risinho filho da puta.

— O que foi?

— Estava olhando para ela como um daqueles cachorrinhos de *petshop* em busca de um dono. Deveriam resolver logo isso, Mamute, virar homem de uma vez... — diz e, antes que eu possa driblar o espanto e mandá-lo tomar em qualquer lugar, ele sai em direção ao seu apartamento, logo depois do de Alice.

Fico parado, com a mão impedindo que o elevador feche, olhando a porta de madeira por onde a draga acabou de entrar, me decidindo se vou atrás dela para terminarmos essa conversa ou não. Me perguntando também o que Augusto quis dizer com *devemos resolver logo isso*. É tão visível assim que sou apaixonado por ela? Bom, aparentemente neguei a mim mesmo o óbvio, nunca a esqueci.

O que só me faz ainda mais idiota por pensar que a família de Alice, que também é a minha, seria um empecilho anos atrás quando me decidi por não dizer a ela o que eu sentia, não tendo chances para isso quando tentei. Ainda dou um passo para fora do elevador, mas paro, me decidindo por deixar para outro dia essa conversa, sabendo que seria capaz da mulher nem abrir a porta ou me expulsar com uma vassoura.

Desempato o elevador, apertando o botão do térreo, pensando no que acabou de acontecer e na entrega que senti vindo dela, seu gosto ainda em minha boca. Não, existem sentimentos ali, foi o que senti com aquele beijo, enquanto ela se esfregava em mim e se entregava sem nenhuma resistência, gemendo em minha boca. Talvez tenha sido precipitado, mas sei que tem sentimento entre nós.

Antes, quando ainda era uma pirralha, Alice quis se declarar para mim. Na época, eu a via como uma criança, como realmente era, eu a vi crescer e a convenci que o que ela achava sentir era só uma paixonite inocente, que no fundo éramos apenas primos e amigos e ela, em sua inocência no auge dos seus 15 anos, estava confundindo as coisas.

Até então, eu a via mesmo com uma menina, mas daí a menina

começou a aflorar e se tornar uma bela mulher, formosa, com uma luz própria incomum e eu me apaixonei sem nem me dar conta. Só não disse a tempo o que eu sentia e agora estou decidido a conquistá-la, dessa vez, sem medir esforços para isso.

Pego o celular e tento ligar, mas parece estar ocupado em outra ligação. Encerro e envio então uma mensagem.

Precisamos conversar, não fuja de mim dessa vez, por favor!

Olho o texto e, por fim, envio, está decidido, a quero em minha vida de forma definitiva e vou lutar por ela!

Alice

O celular parece mais pesado, queimando minha mão enquanto minhas pernas ficam trêmulas com a constatação de quem está do outro lado da linha, meu sangue gela e parece passar a circular mais lento em minhas veias, minha respiração pesando como concreto. Respiro fundo uma, duas vezes, tentando achar minha voz ou desligar o celular.

— Sentiu saudades? Ah, me esqueci, você está muito bem acompanhada para sentir saudades do seu marido, não está? — Eu não respondo, sentindo o sarcasmo dele bater em minha cara. — O gato comeu sua língua, esposa?

— Eu não sou sua esposa, sabe disso! — Pareço, enfim, encontrar minha língua e respondo com dificuldade e ódio.

— Sim, é verdade, você fugiu de casa, abandonou seu lar e seu marido...

— Seu miserável, desgr...

— Não começa... que não foi pra isso que liguei, controle-se — ele me corta parecendo enfadado, com uma calma que me dá nojo.

— Não me fale em controle, você não tem esse direito, não tem o direito de tentar me amedrontar com aquelas porcarias de flores e cartão. Seu controle sobre mim acabou, Renato. Adeus e não volte a me ligar, não volte a tentar qualquer outra coisa, nos veremos apenas nos tribunais — falo,

trêmula.

— Espere, eu disse que não foi pra isso que liguei. Apesar de ter que dizer que eu realmente achei que o que tínhamos era especial, Alice, e olha como me retribui após anos de casados. Vê só, um litigioso? Tcs, tcs, tcs... você me decepcionou, Alice.

— Não seja ridículo, essa sua psicologia barata não funciona mais. Você me negou o divórcio, você me espancou a ponto de quase me matar, matou nosso filho... não começa com essa patacoada agora, Renato, ela não cola mais — digo a ele, tentando soar firme, a lembrança do que passei em suas mãos vindo à minha mente e a dor de lembrar que, naquele dia, eu também perdi um filho, o último que eu poderia ter.

— Bom, isso tudo já não importa. Liguei pra lhe dizer que não precisa dar continuidade ao litigioso, lhe darei o que tanto quer, darei a você o divórcio — diz, calmo.

— Como é?

— Exatamente o que ouviu, lhe darei o divórcio. Mas antes quero que almoce comigo.

— Você perdeu o juízo se acha que chegarei perto de você outra vez...

— Ora, não seja covarde, Alice, escolha o restaurante, um lugar público, o que for. O que posso fazer em um ambiente cheio de gente? Vamos, escolha. Um almoço em troca de um divórcio amigável, sem maiores transtornos. Não é o que quer?

Sim, o divórcio é o que mais quero, mas a ideia de estar perto dele outra vez me dá arrepios na espinha, medo de que, de alguma forma, algo de mau me aconteça, medo de suas várias faces e loucuras. Respiro fundo, temendo estar me metendo em uma grande merda, mas sem poder me impedir de me lambuzar, pois o que me move é a vontade de ser livre outra vez, completamente livre.

— Vamos, marque o lugar!

— No *Lacler*, amanhã, às 11h, e não pense que nem por um minuto irá me manipular, dessa vez, não tem ameaças que me impeçam de te denunciar, Renato. — Ele sorri do outro lado, presunçoso.

— Ah, minha doce Ali... até amanhã!

Ele desliga, sem me dar chance de resposta e, nesse momento, eu já estou escorada ao braço do sofá, com o corpo trêmulo, olhando o celular em minha mão. Penso e repenso o que acabo de ouvir e não, nada parece fazer sentido, deve ser alguma brincadeira, só pode ser. Ele não cederia assim, não depois de me negar o divórcio e mandar aquelas flores. Tem algo errado!

Deixo o celular sobre o sofá e saio correndo pela porta, batendo no apartamento ao lado do meu, em busca de Augusto, e dou graças a Deus que tenha voltado mais cedo do hospital. Eu não contei a ele ou a ninguém sobre as flores, apesar de elas terem me deixado assombrada. Tentei contar no dia seguinte que as recebi, mas acabei desistindo, tendo a falsa confiança de que nada aconteceria.

Após algumas batidas, Augusto abre a porta de sua casa, ainda vestindo a mesma roupa de antes, tendo em seus cabelos elásticos de várias cores, fazendo pequenos rabinhos... quem diria.

— Novo penteado? — pergunto e me permito rir por um instante, me deixando levar pela imagem do homem robusto com cara de mau, sendo feito de gato e sapato por uma menininha de seis anos.

— É, Cathe quer um boneco vivo. — Dá de ombros e revira os olhos ao rir. Tenho orgulho do pai que meu irmão tem se tornado.

— Pai! Vem logo, eu não terminei ainda, falta atrás.

Ouçó a voz fina e entro na sala, procurando-a. Encontro-a sentada no sofá, rodeada de bonecas de vários tamanhos e cores, segurando um pente na mão, e a boca borrada de batom, muito característico.

— Ei, princesa!

— Tia Alice! — Ela abre um sorriso para mim, como se tivesse ganhado um presente, e me sinto cheia de amor pela pequena que engabelou a todos com seu sorriso doce. — Não precisa mais, papai, vou pentear o da tia Alice. Não preciso mais do senhor — diz e aponta para o chão, para que eu me sente. Esperta.

— Acho bom, Cathe, o cabelo da sua tia é maior que o meu, muito melhor de brincar de salão — ele assume, satisfeito, fazendo-a bater palmas em comemoração. Ninguém consegue dizer não quando ela sorri assim e eu

serei a cobaia, aparentemente.

Sorrindo como a tia babona que sou, me sento no chão onde ela indica, ficando entre suas pernas, e logo tenho as pequenas mãos em meu cabelo, jogando-os para lá e para cá, puxando, prendendo e penteando à sua maneira, sem direito a reclamação, enquanto Augusto volta satisfeito da cozinha, trazendo uma *long neck* na mão.

— Não disse que iria tomar banho e descansar, Alice? — ele pergunta, se sentando no sofá em frente a mim, começando a tirar os elásticos coloridos do cabelo.

— Sim, eu ia, mas... Renato me ligou, Guto!

Ele me olha, sério, as sobrancelhas juntas, formando um vinco de preocupação entre elas.

— Filho de uma...

— Augusto! — A voz controlada, repreensiva e doce vem da cozinha e uma barriga redonda de onze meses, sim, pois essa jamais seria uma barriga de sete meses, aparece primeiro e logo depois minha cunhada se mostra por completo, usando um vestido rodado, azul floral, com os cabelos loiros presos em um coque no alto da cabeça — Controle a boca, amor, olha a Cathe. — E o esforço dele é sobre-humano para não extravasar na frente da filha. — Oi, Ali, eu iria aí te dar um beijo se minha barriga me permitisse abaixar. Mas diga, o que ele queria, como conseguiu seu número? — ela pergunta, se sentando no sofá menor ao lado do marido, à minha frente.

Minha cunhada é uma mulher linda e, após a gravidez, por mais que ela diga que parece uma pata, continuo admirando sua beleza. Cristine é alta, um pouquinho maior que eu, loira, de cabelos lisos, ondulados nas pontas e, como pessoa, não poderia ser melhor. Seu rosto é oval, um pouco rechonchudo agora após o ganho de peso pela gravidez, um nariz pequeno e redondinho na ponta, lábios cheios e rosados e os olhos de um tom lindo de azul, iguais aos de Cathe. Na verdade, a menina é sua cópia. Meu irmão tem sorte e não perdeu tempo em engravidá-la de gêmeos!

— Eu não sei, ele não foi claro e eu estava nervosa demais pra me ater aos detalhes... mas o que me assustou é que ele quer me dar o divórcio, disse que não preciso dar andamento ao litigioso. Mas estou com medo, Guto, isso

não é a reação que eu esperaria dele.

— Isso não faz sentido — Augusto concorda.

— Não, não mesmo, não faz o estilo dele. Desistir? Não, não mesmo. Ele deixou bem claro suas intenções quando se negou a me dar o divórcio na primeira vez.

— Bom, mesmo assim, é bom, não é? Que ele lhe dê logo o divórcio?

— Sim, Cris, se for mesmo isso, mas é Renato e vindo dele...

— Só pode dar merda!

— Augusto! — ela o repreende novamente.

— Desculpa, amor. Cathe, pequena, pega algumas bonecas e vai lá pro seu quarto, vamos ter uma conversa de gente grande agora. Assim que acabarmos, o papai te chama — pede, carinhoso, e apesar da cara insatisfeita que Cathe faz, ela pega duas bonecas e se levanta.

— Não desfaz o que fiz, tia, quando a conversa de adulto acabar, eu termino seu cabelo. — E ganho um beijinho terno no rosto antes de ela sair correndo em direção ao corredor.

— Aquele filho da puta tá aprontando alguma coisa... até semana passada ele não quis te dar o divórcio, veio tomar conta de uma de suas empresas pessoalmente e agora, do nada, diz que irá facilitar? A troco do quê?

— De um almoço amanhã, que eu aceitei ir. — Augusto se levanta, seu rosto começa a mudar de coloração e temo por minha vida.

— Ficou louca? Você não vai chegar perto daquele infeliz, Alice, não vai se aproximar nem 10 metros dele, mas não vai mesmo!

— Augusto, raciocina. Ele pediu pra conversarmos e acertarmos os termos da separação, eu neguei em primeira mão, mas ele pediu que eu escolhesse o restaurante, qualquer um, e eu escolhi o *Lacler*, é um dos mais movimentados da cidade, não tem como ele tentar nada contra mim. — Ele me olha e parece aterrorizado.

— Não!

— Amor, ela pode ter razão... — Minha cunhada tenta, mas se cala

com a cara que ele faz, e eu intervenho, antes que Augusto decida me amarrar na perna da mesa até que eu esqueça esse almoço.

— E eu pensei de você ir comigo e me esperar enquanto nos falamos, eu não nego que tenho medo.

Ao falar isso, sua feição relaxa minimamente.

— Acha que ele quer o que com isso, Alice? — pergunta, parecendo raciocinar novamente.

— Eu não entrei só com o litigioso, lembra? Entrei com a partilha de bens, metade do que ele tem. O que mais aquele homem ama é o dinheiro, seus bens e algumas empresas foram adquiridas depois do nosso casamento e colocadas em seu nome... Caso formos adiante, eu levarei metade, Guto... Talvez ele queira que eu desista, que não entre com a ação de partilha, ele perderia muito.

— E você vai desistir? — Respiro fundo, pensando em sua pergunta.

— Vou, se é pra me livrar dele, então sim, eu vou, pois não quero nada que venha daquele monstro, nada que me lembre do que passei. Eu só quero paz, Guto, e distância do homem que ainda me dá pesadelos, apenas isso.

— Se é assim, então tudo bem, vou com você — ele aceita, fácil demais.

— Não, Augusto, não fará nada. — Ele me olha, incrédulo. — Sei o que passa em sua cabeça, sei também que, depois que me separei, você o procurou como um louco, Deus sabe pra fazer o que e, não, eu só quero me livrar de Renato, nada mais. Você vai me esperar no estacionamento, se preciso for, mas nada de violência — falo, séria, e olho em súplica para Cristine, pedindo ajuda.

Sei o que passa pela cabeça protetora de Augusto, assim como sei a sede de vingança que tem por Renato. Após me separar, descobri tempos depois que Augusto passou meses tentando descobrir onde ele estava, a fim de descarregar todo o ódio que me ver ferida lhe causou e, conhecendo Renato como conheço, sei que, no fim, não resultaria em boas consequências.

— Por mais que eu queira concordar com você, amor, Alice tem razão. Não piore as coisas com violência, quanto melhor e mais rápido isso acabar, mais rápido Alice será livre outra vez. Pensa nisso. — Ele não parece

satisfeito, mas confirma.

Tendo um plano em mente, tento acalmar meu corpo e meu coração, que parece querer sair pela boca. Após conversarmos, desisto de ir para casa imediatamente, aproveitando o clima familiar, o aconchego que recebo aqui. Preciso disso, principalmente, da segurança que eles me trazem. Cathe retorna à sala assim que Augusto a chama e voltamos ao salão de beleza, tentando mudar de assunto e não tocar no nome de Renato pelo resto da noite, lá no fundo, sinto um pouco de esperança. Esperança de ser eu mesma outra vez, estar livre de uma vez por todas do nome e das garras de Renato. É tudo o que mais quero.

E aqui, em meio a resoluções e esperança, me vejo lembrando de Pedro, do beijo e de como me senti em seus braços. Busco pelo celular, a fim de saber se há alguma mensagem sua, mas me lembro que o deixei em casa. Tenho que tirá-lo da cabeça, o beijo, tudo. Pedro não é para mim.



O passado tem várias faces e algumas delas podem nos remeter ao medo e ao desespero...

A manhã era quente e mamãe, como fazia todas as manhãs, tinha saído para o trabalho e me deixado com Sofia, minha irmã caçula, com a promessa de que ao meio-dia voltaria para nos dar almoço e me levar à escola, junto da minha irmã, que ainda dormia em nosso quarto, enquanto eu assistia à TV pequena na sala.

— Pepê! — Ouvi a voz dela me chamar docemente, dengosa, enquanto ela saía do quarto, puxando uma fralda velha na mão e chupando o dedão da outra.

— Oi, Sosô, vem cá. — Bati no sofá verde, já gasto e com um rasgão, para que ela se aproximasse de mim.

A menininha de pele clara vem esfregando os olhos, tentando tirar a franja castanha do rosto, incomodada com o cabelo. Os olhos negros, detalhe que nos diferenciava, me fitavam, pidões. Eu a levantei pelos braços, sentando-a ao meu lado, e o corpinho gordinho de quatro anos se aconchegou a mim. Aos recém-completados onze anos, eu entendia bem que, pela manhã, eu tinha que cuidar da minha irmã, enquanto minha mãe ia em busca de nos sustentar sozinha, como sempre fizera, mesmo quando achava ter um marido com quem pudesse contar. Ela nunca teve.

— Eu tô com fome, Pepê, quero leite com pão dentro.

Não tinha pão. Mamãe perdera a hora naquele dia, por pegar serviço

demais no dia anterior, e não teve tempo de comprar merenda para deixar para nós. O pão, que era sagrado para a pequena Sofia.

— A mamãe não comprou, vamos lá comigo? — eu a chamei, já me levantando do sofá.

Teria que comprar agora, não podia ter comprado antes, pois ela poderia acordar e se encontraria sozinha dentro de casa e mamãe sempre dizia que, em hipótese alguma, eu podia deixar Sofia sozinha, e eu entendia bem as regras.

— Posso escolher? — disse, com interesse, deixando de chupar o dedão todo babado e marcado por seus dentes, me fazendo sorrir. Eu a achava a criança mais linda do mundo, pois se parecia com nossa mãe e, para mim, não havia mulher mais bela.

— Se der pra comprar com o dinheiro que mamãe deixou. Vem, vou escovar seus dentes.

Eu não precisava escová-los, só fazer a supervisão. Sofia era uma criança esperta, só precisava ficar de olho para ela não se afogar com a vasilha de água, ela era terrível. Observei, enquanto, vestindo uma calcinha de babado rosa, ela escovava os dentes, agachada próximo ao ralo, tendo uma vasilha de plástico branca com água ao seu lado no pequeno banheiro, único cômodo de tijolos da velha casa de madeira.

— Terminei — disse, se levantando e abrindo um sorriso, mostrando todos os dentes para que eu conferisse seu trabalho.

— Tá branquinho, Sofia, tá ficando boa nisso, pirralha. — Ela sorriu, orgulhosa, e saiu correndo em busca do vestido que eu deixei em cima do berço, que ela ainda usava como cama.

Fui até a cozinha e, embaixo da garrafa de café, estava um real de papel, novinho, que eu achava um máximo. Peguei e fui buscar Sofia, calçando nela a sandália que ainda tinha o elástico atrás, pois sua coordenação motora era péssima para andar sem eles.

Sofia já estava usando um vestidinho azul, já curto para sua idade, e eu peguei sua mão, saindo de casa em seguida e fechando a porta. Saímos, com ela correndo e saltando os buracos em meio à calçada, em direção à padaria, que era bem perto de onde morávamos. O cabelo liso e pesado

balançava com cada movimento, com ela vez ou outra se virando para mim e sorrindo, afetuosamente, fazendo covinhas aparecerem em seu rosto.

Eu amava aquela criança, amava muito!

Não era costume um garoto de onze anos ter paciência com uma irmã de quatro, mas eu tinha. Ela e minha mãe eram o que havia de mais precioso para mim, que era um garoto calado e quieto demais para minha idade, e nós três éramos a única família um do outro.

Andei um pouco mais com ela, já começando a cansar de acompanhar seu pique, por ser um garoto um pouco acima do peso. Chegamos, enfim, ao estabelecimento, que exalava o cheiro de pão fresco que a fazia suspirar, e entramos na pequena padaria.

— O que quer, Sosô? — Ela olhou e olhou... e seus olhos pararam em um bolo de chocolate bem recheado, chegando a brilhar com a visão. Eu sabia o que ela escolheria, o dinheiro que eu tinha trazido não pagaria duas fatias de bolo, apenas uma, e o dinheiro era para comprar para nós dois. Olhei para ela, namorando o bolo, e para o dinheiro em minha mão, foi fácil decidir. — Quer o bolo de chocolate? — Ela me olhou em dúvida e eu tive pena, entendendo por que mamãe não a trazia quando vinha comprar merenda para nós.

— Vai dar pra comprar, Pê? — me perguntou, baixinho, como se dissesse um segredo.

— Dá, é só pra você. Eu nem gosto muito de chocolate.

Era mentira, eu gostava, mas a prioridade era ela e não me custaria nada comer qualquer coisa que tivesse em casa, mesmo sabendo que minha mãe brigaria comigo por ter dado o doce a ela e gastado a mais. Se eu fizesse o que ela sempre falava, daria pra comprar quatro pães e ainda sobraria troco para o dia seguinte. Eu não diria não para Sofia, eu não conseguia. Não com aqueles olhos negros pidões me fitando daquele jeito.

— Então eu quero e, se você mudar de ideia, a gente divide, ele é grande, Pepê, dá pra nós dois. — Eu sorri com sua tentativa de tentar piscar um olho, como a ensinei dias atrás.

— Fica aqui, tá? Eu vou pedir o bolo e vamos pra casa comer. — Ela apenas balançou a cabeça, sorridente.

Deixai-a próximo ao lado do balcão e me aproximei da moça do atendimento, pedindo a fatia do bolo. Voltei a olhar Sofia, entretida com algo passando na rua, e me virei para o caixa, para pagar e pegar o bolo que havia pedido. Terminando, me voltei para onde a deixei, mas... ela não estava. Senti o peito gelar e a procurei com o olhar por todo o lugar, olhando até mesmo atrás das pessoas que ali permaneciam.

Já tínhamos ido à padaria antes e ela sempre me esperava no mesmo lugar, sempre ficava parada, batendo o pequeno pé no chão, sem nem olhar para os lados. Corri pra fora da padaria, esquecendo até mesmo a fatia de bolo caído no chão, gritando por ela e procurando-a com o olhar. O desespero tomou meu corpo, meu coração doeu e o choro veio enquanto eu sentia um tipo de dormência, era apenas desespero...

— Sofia! — grito, abrindo os olhos, ainda deitado em minha cama, em meu quarto, dando de cara com o forro de madeira, tendo o corpo coberto por suor, fazendo o lençol grudar em minha pele.

Me sento na cama e levo as mãos ao rosto, esfregando, sentindo o mesmo desespero de 22 anos atrás sobre mim. As lágrimas que chorei naquele dia vêm aos meus olhos e banham meu rosto novamente, como se eu ainda fosse o mesmo garoto. Não sou, mas isso não me impede de sentir o pavor que senti aquele dia e tento, em vão, controlar meus batimentos.

As lembranças sempre estão aqui e, mesmo após 20 anos, a culpa é gigante por ter perdido, naquele dia, minha única irmã, por ter tirado os olhos dela por alguns instantes e por ser culpado de minha mãe perder o brilho no olhar e a alegria que demonstrava, mesmo nunca tendo motivos para sorrir. A culpa me consome e me persegue todos esses anos, mesmo minha mãe tomando a culpa para si e dizendo inúmeras vezes que eu não tive culpa, que também era uma criança. Eu não consigo me perdoar, menos ainda esquecer aquele maldito dia.

Olho o relógio, que deixei sobre a mesinha rústica de madeira ao lado da cama, vendo que ainda é madrugada, e me levanto, não consigo mais dormir, é sempre assim. Vou direto para o banho e perco alguns minutos ali, imaginando, mais uma vez, o que aconteceu com minha Sofia e nenhuma das alternativas que rodam minha mente são aceitáveis. E é impossível que o medo não me invada, junto daquela mesma dormência e desespero.

Após aquele dia, não houve pistas, notícias, nada, ela só desapareceu!

Pouco antes de seu sumiço, morávamos no Goiás e, na época, tinha alguns meses que minha mãe viera morar no Rio de Janeiro, pois achava que aqui encontraria o pai de Sofia, seu marido, que saiu um dia para trabalhar em outra cidade, jurando voltar logo para uma mulher sofrida, com dois filhos para criar e sem condições, família ou expectativas. Eu não era seu filho, meu pai morreu quando eu ainda era bem pequeno, sequer me lembro, e minha mãe se casou tempos depois, ou melhor, juntou os trapos, como era costume dizer na região, e logo teve Sofia.

O homem não voltou, sequer me lembro do infeliz, e minha mãe não encontrou o maldito aqui, tampouco teve êxito em voltar para nossa cidade e tivemos que permanecer onde estávamos, às custas da caridade dos outros e de trabalhos de doméstica que ela arrumava vez ou outra.

Foi difícil e eu não contava as vezes que a encontrava chorando à noite, escondida na cozinha para que não a vissemos. Naqueles momentos, era eu a abraçá-la e jurar-lhe que ficaria tudo bem, que logo eu cresceria e seria homem suficiente para sustentá-la. E era naqueles momentos que eu alimentava o ódio pelo meu padrasto e até mesmo do meu pai morto, por fazê-la sofrer daquela forma.

Eu sempre admirei a mãe que tive, mas, naqueles dias difíceis, entendi quem ela era de verdade, a força que tinha e que fizera apenas escolhas erradas, começando por se casar uma segunda vez com aquele miserável que nunca a mereceu!

Após perdermos Sofia, algo se apagou dentro dela e minha mãe não sorriu mais, não como antes, e quase me perdeu também, depois que fizemos a denúncia e souberam que ela havia me deixado cuidando sozinho de Sofia... foi o dia em que mais me lembro de sentir medo na vida, medo de perdê-la também, de ir para um orfanato.

Foi após aqueles acontecimentos que ela conheceu Olavo, irmão do pai de Alice, e ele a pediu em casamento, não demorando a realizarem a cerimônia. Naquela época, se me perguntassem como eles se conheceram, eu não saberia dizer. Afinal, ele era um homem rico e ela... Bom, não foi por amor, hoje eu sei.

Minha mãe se casou apenas por uma promessa de vida melhor para nós dois e com a promessa de que ele não mediria esforços para ajudá-la a encontrar Sofia. Só foi com o tempo que a vi começar a nutrir sentimentos por ele, que era um bom homem e me tratava como filho, sem exceções. Olavo foi o pai que não tive, o homem em quem projetei o meu exemplo de herói, de homem, de índole, e ele a amou, a amou como ela realmente merecia.

Balanço a cabeça, embaixo da água fria, tentando tirar esses pensamentos da minha cabeça, tentando não me lembrar das perdas e arrependimentos. Saio do banheiro, indo ao guarda-roupa e colocando uma calça jeans azul surrada e uma camisa preta, a primeira que encontro disposta no cabide à minha frente.

Saio do quarto, indo para os fundos da casa, que permanece às escuras, mal são 5h da manhã, ouvindo o barulho estridente vindo da cozinha e o galo cantar ao longe, vendo a silhueta vantajosa de Mag se movendo para lá e para cá. Ela sempre acorda com as galinhas e começa cedo o trabalho por aqui, como eu amo essa rotina, esse lugar, esse ar!

— Bom dia, velha assanhada — debocho e ela me olha com o semblante duro, por cima do ombro, enquanto a abraço por trás.

— Não quero bater em você agora cedo, pode parar de gracinhas, moleque atrevido.

Rio dela, deixando um beijo em sua bochecha e me sentando à mesa de madeira da cozinha aberta dando para a área, rústica como fiz questão de manter, mesmo após a reforma da casa e morte da minha mãe e de meu pai, quer dizer, de Olavo.

A casa que mantenho aqui combina com o lugar. Mesmo precisando de uma reforma anos atrás, não mudei absolutamente nada, mantendo o modelo inicial, sem muita frescura na construção de madeira maciça. Apesar de simples, é de bom gosto, feita com esmero e planejamento, exatamente como Olavo dizia que sonhou, certa vez. Meu padrasto a queria grande e a fez tendo em vista a família enorme que morava no Sul, pois vinham sempre visitá-lo. Uma balela, já que, após seu casamento com uma mulher de índole questionável e que tinha até mesmo um filho, as visitas se foram.

Sua família, com exceção de tio Oto e tia Vera, não nos engoliam e ainda não me engolem, ainda mais após herdar seus bens, incluindo tudo aqui. E hoje a casa mais parece um mausoléu, grande demais para mim, e acabei por tentar diminuir seu tamanho, transformando um dos quartos em um escritório, no qual tenho o controle da propriedade. Já os outros cômodos permanecem inutilizados por mim.

— O que foi? Por que acordou a essa hora? — pergunta, ríspida, como é de sua maneira.

— Sempre acordo cedo, Mag.

— Mas não antes do galo, não são nem 5h, menino... Ah, Samuel quer falar com você, parece que aceitaram aquela proposta na manga larga que você tava namorando.

— Mesmo? — Apesar de surpreso, a égua, que, como ela diz, venho namorando há tempos, nem ao menos consegue me trazer de volta ao momento.

Fico pensativo, comparando situações, pensando no passado, até que decido falar. Precisarei de sua ajuda, sendo assim, ela é a primeira que tem de saber.

— Que tal uma criança correndo por aqui e fazendo a alegria da casa, Mag? Deixando até mesmo esse lugar mais cheio? — digo, ignorando sua última fala, e ela me olha, assustada.

— Engravidou quem, filho *duma* égua? Não me diga que engravidou uma dessas biscates de pouca roupa e nariz em pé que traz aqui de vez em quando, Pedro, ou te capo, garoto! Já lhe avisei pra encapar esse pau quando for usar, custa ter cuidado? — Ela não se importa em brigar comigo, que, para todos os efeitos, sou seu patrão, nem em falar o que lhe vier à cabeça, me fazendo gargalhar, enquanto aponta uma colher de pau para mim, colocando uma xícara de café preto na mesa à minha frente.

— Não é nada disso, se acalme, Mag, ou vai enfartar, não é mais uma criança — tento falar em meio ao riso e ela me olha, séria, se virando e indo até a garrafa de café descansando perto do fogão em um suporte pequeno de madeira, no qual ela coloca seus potes com temperos. — Já ouviu falar em adoção, velha?

Ela permanece calada, sem nada a dizer, me olhando, sisuda.

— O menino quer adotar uma criança? — A mulher até mesmo esquece que a chamei de velha e parece em choque.

— Sim, quero — digo, sério, enquanto ela coloca sobre a mesa uma travessa com pão caseiro e eu pego uma fatia.

— Menino, tem certeza disso? Vão mesmo lhe dar uma criança sem ter uma mulher?

— Bom, disso eu não posso lhe dar certeza, vai depender do juiz. Mas, pelo que pesquisei, é difícil, mas não é um impedimento.

Seu semblante vai suavizando e ela chega a sorrir.

— É a menina que se parece com a sua Sofia, não é? A menininha de lábio mais fino de que tanto gosta? — especula, de sorriso aberto no rosto rechonchudo, parecendo encantada, e eu apenas confirmo, bebendo um gole do café quente.

Tenho planos de procurar um advogado especialista em direito de família ainda hoje e colher informações de como proceder, se posso mesmo adotar uma criança sendo um homem solteiro e sem nenhum compromisso a longo prazo.

Pensei muito desde que estive com Camille, tentando enfim me decidir. Não que não tenha pensado em adotá-la antes, sempre nutri um carinho especial por ela, sempre quis para a menina o melhor, um lar, pais e, principalmente, uma mãe e foi isso que me segurou, apenas o fato de não ser casado e ter uma mulher que quisesse assumir esse compromisso comigo, que amasse Camille assim como eu.

Desde que a conheci, quando tinha apenas alguns meses, foi impossível não comparar aquela criança com Sofia, à medida que ia crescendo. O cabelo, a pele clara, o formato dos olhos... e me apaixonei pela garotinha de olhos grandes, tendo para mim a certeza de que não demoraria a ser adotada, ainda mais após a cirurgia.

Camille era o tipo de criança que a maioria dos pais procuravam: branca, olhos claros, cabelos lisos e fácil comportamento. A maioria das famílias vêm aos orfanatos com uma imagem de uma criança pronta, perfeita em aparência e acabam por vezes frustrados, enquanto as crianças, que não se

encaixam em seus estereótipos, ficam sem um lar. Eu achei mesmo que a pequena deficiência, que nascera com ela, não impediria a adoção, achei que logo, logo ela encontraria um lar, proteção e amor fraternal, era apenas um cicatriz e o lábio fino, pouco irregular.

Eu me enganei, como podem ver, e já com seis anos, quase sete, suas chances são mínimas de ser adotada, portanto, ao adotá-la, não terei a culpa de estar privando a pequena de ter uma mãe, além de um pai, de forma alguma. Tenho condições financeiras e emocionais para cuidar daquela menina, o único impedimento é meu estado civil e espero que isso não interfira... espero mesmo que a fama que conquistei de libertino e de foder com qualquer uma não me impeça de dar um lar para a garotinha que me conquistou com tão pouco esforço.



*A liberdade enfim parece chegar... será ela duradoura, ou apenas uma reles
ilusão?*

Uma noite insone, foi o que tive. Eu não dormi absolutamente nada e hoje ainda não consegui comer, não consigo me concentrar em absolutamente nada. Nem mesmo os exercícios de dança, que faço todas as manhãs no quarto de hóspedes do apartamento, que adaptei para isso, me ajudam a manter o foco.

Solto a barra e me sento no chão, após uma série mal executada de exercícios, esticando as pernas e levando ambas as mãos às pontas dos pés, alongando minha coluna.

Além do mais, meus pensamentos estão em Renato e em cada palavra que falou ontem à noite, mas também o que ocupou parte de toda a minha noite insone foi Pedro, tendo a frase que me disse rondando meus pensamentos enquanto eu rolava em minha cama fria e vazia.

Eu achei que tinha esquecido, virado a página, e queria mesmo que eu estivesse certa, mas nem mesmo no início do meu casamento, quando achei ter amor, eu consegui de fato esquecê-lo. É difícil convencer o coração a deixar ir, deixar de amar o homem que ele amou desde menina e talvez ele tenha razão. Eu não sei o que pensar, estou confusa, ansiosa e perdida.

É como se parte do que planejei estivesse ruindo depois do momento que tivemos no elevador e eu não queria me sentir assim, não quero amar o

mesmo homem outra vez... eu não sei explicar. O problema é que o beijo e suas palavras mexeram comigo e com o passado, as lembranças, o que guardei só para mim, do que fugi e de como menti. E agora um arrependimento insistente quer tomar conta de mim.

Desisto de me alongar e trago minhas pernas para mim, abraçando-as. Se eu tivesse ficado, se eu tivesse falado, o que teria acontecido? Oito anos, ele disse que foram oito anos esperando por aquele beijo... Bufo, em desdém... ele só pode querer brincar comigo, como já fez uma vez.

Me levanto, deixando de lado todo pensamento ligado a ele e também à sua mensagem, que recebi e ainda não respondi. Tomo banho e, ao contrário do que tenho feito em todos esses dias desde que comecei a reforma do estúdio de balé, eu fico em casa, quase furando o chão andando de um lado para outro, impaciente, sem conseguir me controlar, à espera do maldito almoço.

Próximo das 11h, já estou pronta, vestindo uma calça jeans e uma blusa de mangas, à espera de Augusto. Quando ouço uma batida em minha porta, pego minha bolsa sobre o sofá e respiro fundo ao confirmar ser mesmo meu irmão pelo olho mágico, só então abro a porta.

— Pronta?

— Promete que não vai fazer nada? Promete pra mim, por favor — peço, conhecendo bem o gênio ruim que ele tem.

— Vamos, Ali, e eu não vou ficar no estacionamento, e sim no bar, e você tem 20 minutos, até que eu te arranque de lá — fala, sério.

— Guto, não tem chances de uma reconciliação, se é disso que tem medo, nunca mais irei me sujeitar a ele. — Augusto me olha cheio de carinho e toca meu rosto com delicadeza.

— Foram sete anos, Porcelana, sete anos que morou com um monstro, escondendo de nós tudo o que passava e, não, eu não darei brechas pra que ele jogue com sua cabeça. Sei que ele fez algo pra que não fizesse a denúncia, pois a conheço. Ficarei no bar te esperando, prometo não fazer nada se ele não tentar nada contra você. Sem toques ou aproximação e nada vai acontecer.

Confirmo, sem muita certeza de suas palavras.

— Guto, sobre ontem com Pedro...

— Não tenho nada a ver com isso, Alice. Isso é entre vocês dois. — Aceno e nada mais digo, seguimos juntos para o elevador.

Seguimos assim, em um silêncio confortável até o restaurante, depois de perder bastante tempo no trânsito. O nervosismo de antes se multiplica e minhas pernas bambeiam assim que tento segurar o peso do meu corpo ao descer do carro. Caminho ao lado de Augusto e suas mãos seguram a minha, em conforto e proteção.

— Estarei no bar, você tem 20 minutos, Alice. — Ouço-o ainda na entrada e eu confirmo, me afastando.

Olho ao redor, mas não vejo Renato, e logo uma moça trajando um terninho preto vem até mim, me perguntando meu nome e me guiando até o fundo do restaurante, indicando-me uma mesa já reservada. Me sento e, por minutos, fico sozinha, contemplando meu desespero, com olhos fixos na porta, esperando que ele passe por ela a qualquer momento.

Olho em direção ao bar e vejo Augusto sentado, com olhos preocupados fixos em mim. Vejo-o se empertigar, sua postura mudando e aquele vinco costureiro de preocupação se formando em meio às suas sobrancelhas, no mesmo minuto um frio passa por minha espinha, como se um sensor sentisse sua presença dominadora.

— Bom dia, querida esposa... — E a voz grossa às minhas costas envia calafrios ao meu corpo.

Olho por sobre o ombro e o encaro, me levantando em seguida, tomando isso como um modo de defesa. O homem de riso bonito me encara, no rosto uma máscara debochada que conheço bem. Talvez, esse sorriso seja para esconder o que, de fato, guarda por baixo da máscara de CEO imponente e bem-sucedido.

Um homem de aparência impecável, sóbria, autossuficiente... Renato é alto, magro e de porte fino. Tem os cabelos de tons escuros e olhos negros, hipnotizantes, bonitos à sua maneira. O rosto oval, de nariz reto e boca cheia, lhe confere feições duras, bonitas. Uma beleza que aprendi ser vazia tarde demais...

Sua mão tenta me alcançar e eu dou um passo para trás, encarando-o,

sem transparecer o que ele realmente causa em mim. O medo o excita, eu sei disso. A dor o estimula, lhe dar prazer, e isso eu não darei a ele. Chega!

— Não me toque e seja breve — falo, concisa.

Minhas palavras só aumentam seu sorriso torto, aquele que permanecia em seu rosto quando usava de suas perversões em mim... nojo toma meu corpo. E, como sempre, ele está impecável, bem vestido em um terno italiano cinza, bem colado ao corpo, feito sob medida. Uma beleza que esconde uma realidade torpe, obscura.

— Como quiser. Sente-se, por favor. — Permaneço desconfortável perante seu olhar, que parece querer enxergar minha alma, ler meus pensamentos. — Vejo que trouxe um guarda-costas... — diz e aponta com o queixo em direção ao bar.

Sigo seu gesto e encontro Augusto, sentado próximo ao balcão, com a feição fechada, dura, olhos fixos em nós.

— Vá direto ao ponto, Renato.

Ele me olha e, por um instante, cogito ir embora, pois isso começa a me parecer uma brincadeira de extrema perversão, feita para me amedrontar, coagir... conheço seus jogos, vivi com eles por tempo demais para saber que o homem à minha frente nunca desistirá do que é seu, e, sim, ele acha que sou dele, sempre achou.

— Você parece bem... eu senti sua falta...

Eu rio.

— Não me venha com essa. Você sentiu falta do seu brinquedo, da mulher que se submetia às suas loucuras por medo, por temer seus castigos. Diga o que quer de uma vez ou me levanto, vou embora e só nós veremos nos tribunais. — Sou direta, ou tento, minha voz tremulando a cada palavra, e seu sorriso vai morrendo aos poucos.

— Sabe, Alice, estou fazendo o que sempre pediu. Estou em tratamento com o terapeuta, estou tentando mudar... por você. Me desculpe por tudo, Alice... — E, antes que ele termine de falar, eu gargalho, sem conseguir controlar ou acreditar em uma palavra dita. Não é a primeira vez.

Manipulador de merda!

— Não seja patético, não está fazendo nada por mim, pois não existe nós, Renato, e não me venha com suas mentiras e desculpas, você não tem cura, pois você não quer ter. — É claro que eu esperava por isso.

Era sempre assim. Primeiro as agressões, os castigos e depois o arrependimento, os pedidos de desculpas, as tentativas de me fazer acreditar que se trataria, que procuraria por ajuda, que estava doente e, por vezes, me convencendo de que eu o provoquei, causei meus castigos, de que mereci toda aquela dor... e, por último, as ameaças até o dia em que ele foi longe demais.

— Você mudou.

— Mudei, mudei, sim, e suas palavras não farão efeito algum em mim. Se era só isso que ia falar... — Faço menção de me levantar, mas ele me para ao falar com rapidez:

— Ok, ok. Não foi para isso que a convidei. Vamos fazer o pedido daquele peixe que você adora, podemos almoçar, e depois conversamos — pede, com uma voz mansa, delicada, que não o pertence.

— Não, não tenho fome. Sua cara embrulha meu estômago, me dá nojo. Vamos logo com isso, diga logo o que quer ou vou embora, já perdi a paciência! — Seus olhos faíscam, é fácil de perceber.

Renato nunca foi de manter o controle por muito tempo, nunca foi de abrir mão do comando. Ele me encara com o semblante, que antes era receptivo, mas agora é fechado.

— Tudo bem, seremos diretos então. Eu te darei o divórcio, sem maiores processos, sem litigioso.

— Se? — pergunto, interrompendo-o, pois sempre tem um *se*, quando se trata de Renato, e sinto toda a apreensão sobre meus ombros.

Foi um ano, um ano de uma separação em que não me senti preparada para vê-lo, um ano de uma falsa liberdade, ainda estando ligada a ele.

— Com o acordo que propôs antes.

Eu rio, entendendo seu ponto e não deixando que termine.

— Esse é seu medo? Que eu tire metade do que tem? — Ele não diz nada. — Entre em contato com meu advogado, Renato. Eu não quero nada

que venha de você, quero apenas me livrar do seu nome de merda, de um casamento falido e de anos de humilhação. Você perdeu o seu tempo marcando esse almoço, se era só isso, essa palhaçada não era necessária.

Pego minha bolsa e me levanto, vendo-o fazer o mesmo e, antes que eu possa dar o primeiro passo, sua voz me para quando já estou de costas para ele.

— Eu mudei, Alice, uma prova disso é eu estar aqui, abrindo mão do controle e te dando o divórcio. Não é fácil me desfazer de você.

Meu peito inflama e me volto para ele.

— Eu não sou um objeto pra que se desfaça de mim, Renato, e não minta para si mesmo, dizendo que faz isso por mim, faz por medo de perder parte do seu patrimônio, construído em cima de negócios sujos e sangue. Só esqueça que um dia tivemos um casamento, só esqueça que um dia me submeti a você. Sua mudança não interfere em nada em minha vida. — Estou sem ar quando cuspo as palavras sobre ele, e seu rosto se contorce com algo que não identifico.

— Sim, claro, tem razão, não é um objeto, e vou provar que a mereço, meu amor, estou fazendo o que me pediu, por você. Eu ainda te amo, Alice, posso ser melhor e sei que ainda existe amor aí dentro do seu coração, irei reconquistá-la.

Eu arquejo, o ódio subindo por meu corpo, junto de um arrepio que não sei explicar.

— Deveria fazer por você, seu monstro de merda. Não existiu amor, o que eu sentia era medo, puro e cru. Eu nunca vou te perdoar, nunca te darei perdão por tudo o que me fez, pelo que me tirou, por matar meu filho, me deixando estéril pelo resto da vida. Não te darei perdão, pois te odeio, não consigo nem te olhar, pois sinto nojo, nojo... — digo, cuspendo meu ódio e mágoa em cima dele, vendo seus punhos crisparem ao lado do corpo e seu rosto se contorcer em raiva.

Sem esperar resposta, eu saio, deixando para trás a pior fase da minha vida, com a sensação de, enfim, estar livre.



A simplicidade de uma vida faz bem ao coração e mente.

Saio do curral, fechando a porteira após deixar um dos cavalos sem doma pastando na quinta, e vou em direção aos estábulos, à procura de Samuel. Já estou em cima do meu horário para o que pretendo fazer. Culpa da velha assanhada. Tive trabalho em conter a euforia de Mag após saber que pretendo adotar Camille. A velha me encheu de perguntas, até mesmo do que a menina gosta de comer, e sua alegria acabou por me contagiar.

Entro no grande galpão cheirando a cavalo e encontro o homem de meia-idade, do qual estou à procura, em uma das baias, acertando o casco de uma das éguas mangalargas, me aproximo em silêncio, vendo que ele conversa com o animal. Sorrio, essa não é a primeira vez.

— Pois é, eu também não acredito que ela fez isso comigo. Sabe, Pandorinha, eu não merecia isso, não. O sofá já tá no pau puro e ela me pôs pra dormir lá, nem me deu um cobertor... Mulher ingrata aquela, e ainda saiu cedo pra casa do patrão e nem passou o café. Vê se pode? — Ele parece desolado, fazendo uma pausa como se o animal o escutasse. — É, cê tem razão, e acho que vou dormir aqui com ocê essa noite.

Eu não me aguento e gargalho alto, saindo de trás de uma das vigas, assustando-o e fazendo-o arregalar os olhos, parecendo sem jeito.

— Oh, patrãozinho, não vi o senhor aí, não. O senhor me *descurpa*...

— A velha te fez dormir no sofá de novo, homem? — Ele fica sem graça, tira o chapéu da cabeça calva e passa a mão nos poucos cabelos grisalhos.

Ele e Mag são casados há muitos anos e, vez ou outra, têm alguns desentendimentos. Não acreditariam em quantas vezes o encontrei dormindo nos estábulos e isso não é de hoje, é desde que vim morar aqui. Na época, eles já trabalhavam para meu pai e continuaram comigo e minha mãe após sua trágica morte.

É, o homem era um pai para mim e não demorou a essa palavra se tornar a minha favorita para chamá-lo.

— É patrão, aquela ali é pior que uma mula na teimosia!

— Sei... — concordo, ainda rindo. — Mag me disse que queria falar comigo.

— Ah, sim, senhor. O proprietário da égua que o patrão quer veio aqui ontem, fingindo desinteresse, e parece que vai vender, mas o valor... Está no preço, o senhor sabe, a bicha é boa, mas...

— Quanto? Diz logo, homem!

— Ele falou em cem mil.

— Hum... acha que ele vende até por quanto?

— Eu digo que oitenta e cinco a noventa. Falou em mandar a leilão, então acho bom o senhor esperar até amanhã pra falar com ele. Isso é onda do safado, é só pra dar pressa no senhor. Ele sabe que tem interesse, seus olhos brilharam quando ele trouxe a bicha aqui.

Gosto do mato, em principal dos animais. Meu esporte é a criação de mangalarga, cavalos de raça que me enchem de orgulho. Compra e venda é uma das coisas que faço por aqui.

— Certo, vou pedir pra Hernandes entrar em contato com ele amanhã e depois negocio pessoalmente. — Ele confirma. — Agora vou indo, tenho compromissos na cidade.

— Sim, senhor.

— E vê se para de encher minha égua com seus problemas amorosos, ela já quer fugir de você — falo, e o pobre homem chega a baixar o olhar.

Saio dos estábulos rindo, indo em direção à casa, divertido com a situação. Ao menos, foi uma pausa para minha cabeça, que não para de pensar em Alice, ou no beijo que demos no elevador. Ainda sinto o gosto. Chuto a bola de lona, que vem em minha direção, de volta para o garoto sem camisa no meio da grama. Um dos filhos de um dos trabalhadores do haras, o moleque sorri, travesso, quando pega a bola.

— Brigada, patrãozinho.

É, sou o patrãozinho para maioria aqui, inclusive para as crianças, filhos do pessoal que trabalha hoje comigo, moram aqui mesmo nas terras e me conhecem há anos, porque trabalham aqui desde a época do meu pai. Um latido e logo Argus está ao meu lado. O cachorro é da raça Malamute, peludo, de cor branca e preta, uma beleza de dez anos, já idoso e companheiro.

O melhor desse lugar são as pessoas que tenho ao meu redor. São mais que funcionários, são também minha família. Olho os arredores, me dando conta de que hoje o haras não está tão cheio, é meio de semana, por isso, o movimento diminui pela manhã. Tem algumas moças treinando na pista de três tambores, algumas pessoas olhando e só.

Não gosto muito disso, gosto do lugar cheio, com mais movimento, com o pessoal sempre a visitar e exercitar os animais que aqui vivem. Gosto do sossego que isso aqui me traz, assim como de toda agitação do final de semana. É por isso que nunca quis me mudar, a cidade me causa estresse!

Chego à casa e nem ao menos vejo Mag ao entrar, vou direto para o quarto. Tomo um banho rápido, passo o perfume e coloco uma calça jeans azul escura, uma camisa polo vermelha e minhas botas. Saindo apressado em seguida, ainda com os cabelos molhados e sem pentear, já que, a esse horário e com o trânsito, provavelmente vou me atrasar ainda mais para o compromisso que tenho. Vou para a caminhonete, saindo em seguida.

Como eu já esperava, o trânsito está um caos e, após uma hora infernal de barulho e buzinas, chego ao escritório de Gabriel, um colega de escola que optou por advocacia e se especializou em direito de família. Entro no prédio de fachada escura, aparentemente modesto, e encontro uma moça loira atrás do balcão da recepção, que sorri simpática.

— Boa tarde. Eu devo estar atrasado quase 30 minutos, mas tenho

horário reservado com Gabriel Mendes.

— Só um minuto, senhor... — pede e se volta para a tela do computador — Sim, na verdade, 35 minutos, mas ele está à sua espera. Pode entrar, é a primeira porta à esquerda. — Ela mostra um corredor e vou em direção a ele a passos rápidos, odeio me atrasar.

Paro em frente à porta e, após duas batidas, a abro e encontro o homem de altura média, moreno e de rosto fechado, sentado atrás de uma mesa de madeira com alguns papéis nas mãos.

— Me atrasei, espero que não tenha te atrapalhado. Como vai, Gabriel? — Ele abaixa o documento e se levanta.

— Caramba, quanto tempo, Pedro! Não me atrapalhou em nada, anda, senta aí, cara, e me diga como vão as coisas — fala, sorridente, me dando um abraço rápido.

— Bem, vão bem, e você?

— Muito bem. Senta, senta e fique à vontade. Aceita alguma coisa?

— Não, não. Obrigado.

— Certo, agora me diga, o que te traz aqui? Não me diga que está se divorciando e querendo começar um processo de guarda?

Eu nego com um sorriso no rosto.

— Não, não. Longe disso, nem sou casado, Gabriel. Continuo solteiro. O que quero, na verdade, é adotar uma criança.

Sua surpresa com minhas palavras é visível e parece demorar um tempo para processar a informação.

— Certo, claro. Quer saber os procedimentos a serem seguidos, então?

— Isso. Quero saber também o que poderia ser um impedimento para a adoção, ciente de que não é algo muito comum um homem solteiro querer adotar uma criança. — Com olhos em mim, ele apenas confirma.

— Não, não é. Mas o número de homens solteiros que querem formar uma família por meio da adoção tem aumentado e o judiciário e a legislação vêm facilitando as coisas. A procura ainda é menor quando comparada com o número de casais, mas é expressiva o suficiente para que o sistema acolha a

pretensão desses futuros pais.

— Entendo, e o que tenho de fazer?

— É simples. Em um primeiro momento, você só terá que ir ao fórum com seus documentos pessoais, comprovante de residência e abrir o processo de habilitação para adoção propriamente dito. Então o juiz vai solicitar os documentos que ele achar pertinentes e depois você terá que preencher alguns formulários e realizar algumas entrevistas para avaliação. Depois terá triagem, que é momento em que você dirá as características da criança que deseja e...

— Isso não, eu já tenho a criança que quero — falo, sem rodeios.

— Certo. Com isso, até mesmo diminuí algum tempo e agiliza o trâmite... pois, após o processo ser aprovado, você faria parte de uma lista, junto ao Cadastro Nacional de Adoção e, quando encontrassem uma criança com as características que você solicitou, seria dado início ao processo. Como você já sabe qual criança quer adotar, basta saber se ela está disponível para a adoção.

— Como assim disponível?

— Precisamos saber se o poder familiar foi desconstituído e se não tem mais nenhum outro parente disposto a ficar com ela. O sistema preza pela preservação da família natural e adoção é o último recurso.

— Não, isso ela não tem, foi abandonada ainda no hospital onde nasceu. Mas então é só isso?

— Basicamente, sim. Se sua documentação estiver em ordem e você for aprovado nas entrevistas, as chances de sucesso são muito altas.

— E o que precisa para ser aprovado nessas entrevistas? Preciso me preocupar com elas?

— Assim, você precisa demonstrar que é capaz de fornecer um lar seguro e estável para a criança. As assistentes sociais vão analisar o seu perfil, sua vida e verificar se você tem condições de ser pai, uma índole impecável, e essa análise não é apenas financeira.

— Entendo... — falo e fito o chão, os pensamentos indo ao encontro da garotinha sorridente, desenhando debruçada sobre a mesa de escrita.

— O que foi? Temos um problema nesse teor?

— Não, não na questão das condições psicológicas ou financeiras, ou que não vá amá-la...

— E então, o que o incomoda?

— Sou um homem solteiro e bem, nunca escondi de ninguém o que faço ou com quem saio, e mantive certa... variedade, se é que me entende. Isso poderia atrapalhar? — Gabriel ergue uma sobrancelha. — Apesar de que faz um ano, bem, que tenho estado praticamente em celibato.

— Casos muito públicos?

— Sim, bastante, dado que alguns aconteceram no hospital em que trabalho, não passaram de uma noite e aconteceu com várias mulheres. — Sou sincero, tenho de ser.

— Nesse caso, se pegarmos um juiz que seja conservador em demasia e estiver em algumas das descrições ou entrevistas que você mantém uma vida boêmia, libertina ou algo assim, isso pode, sim, interferir. O que não quer dizer que seja definitivo, isso depende muito de juiz para juiz — diz e isso me preocupa.

Não nego a apreensão que preenche meu peito, junto ao medo de que, por isso, eu não possa adotar Camille. Se eu tivesse ao menos um relacionamento sólido, mas nem isso tenho, pois nunca quis ou me interessei o bastante para tanto. A mulher com quem um dia cogitei tal relação não estava ao meu alcance.

Até Alice voltar, não me importava com quem ou com quantas mulheres eu saía e isso nunca me preocupou, até agora, e não precisaria de uma pesquisa muito a fundo para descobrir uma ficha extensa de promiscuidade. Se a adoção depender de uma ficha impecável... Puta que pariu, estarei na merda!



Você de fato esqueceu ou quis esquecer? Há uma diferença e sua mente tende a lhe confundir.

Hoje é a primeira vez, desde que vim morar sozinha, que saio de casa dirigindo o carro que meu pai me deu. É a primeira vez, em um ano, que tenho coragem de sair sem ser em um táxi, ou com meu irmão a me levar, tudo isso por medo. E a sensação é boa, é espetacular de se sentir, parecendo que, enfim, me liberei do peso que fazia questão de me puxar para baixo, me aterrar.

Depois do encontro com Renato, tudo correu bem ao contrário do que eu esperava. Claro, não sou ingênua a ponto de acreditar em suas promessas mentirosas e isso sequer me importa mais. Estou mantendo o pé atrás quando se trata dele, mas, aparentemente, Renato está fazendo exatamente o que prometeu, aceitando os termos estipulados. Isso me surpreendeu e me deu mais confiança de que eu deixarei de vez aquela sombra para trás, daqui a alguns dias, eu estarei livre também no papel.

Arthur, meu irmão, não gostou de como as coisas terminaram. Por ele, entraríamos em um litigioso a ferro e fogo, e eu arrancaria até as calças do infeliz, se possível. O problema é que Arthur não entende que o que quero é me livrar de Renato, custe o que custar, sem me importar em tentar um tipo de vingança ou nada parecido, por isso acabamos brigando na quarta-feira. Brigamos feio.

Eu enrolei uns três dias para ligar após aquele almoço, prolonguei enquanto pude para contar o que aconteceu e, naquela noite, sozinha no meu apartamento, eu tentei criar coragem e o fiz.

— Diz, ferrugem, o que te fez me ligar? — Direto e sempre carinhoso.

— Está ocupado? — Rezei em silêncio para que dissesse que sim e desligasse, mas não foi o caso.

Arthur é um homem pragmático, sem muitas aventuras e parece viver em um mundo em que emoções são deixadas em segundo plano sempre, em que suas leis e regras são seus alicerces principais, sem levar em conta anseios, sentimentos, nada. E, por conhecê-lo, me vi apreensiva em lhe falar o que aceitei.

— Estou, mas pode falar, já estou em casa.

Droga!

— Que bom que já está em casa, pra descansar, não é? — enrolei, sentindo minhas tripas se chocando umas contra as outras e decidi ir direto ao ponto. — Renato me ligou e ...

— Ele fez o quê? Como ele te ligou? Como, como tem seu número? Não me diga que você mesma deu a ele. O que aquele infeliz queria? Já vamos entrar com o pedido de medida protetiva — cortou, sem se importar com o que eu tinha a dizer, sem medir suas insinuações.

— Me deixa terminar! Renato me ligou dizendo que queria me dar o divórcio, mas antes queria marcar um almoço pra acertar alguns pontos.

— E você caiu nessa? Espero que não, já que, com o litigioso, nada disso mais importa.

— Eu não caí, Arthur, pelo amor de Deus! E, sim, eu fui ao almoço, Augusto foi comigo — falei, já irritada com o tom hostil que usava comigo. — Renato disse que eu não precisava dar continuidade ao litigioso, que ele me daria o divórcio, bastava retirarmos o processo de partilha de bens.

— E você? Deixe-me adivinhar... claro, aceitou! — zombou, fazendo uma fumacinha começar a sair de meus ouvidos.

O sarcasmo é sua marca registrada.

— Mas que droga você queria que eu fizesse?

E eu me arrependi de ter perguntado aquilo, preferia não ter ouvido o que veio a seguir, ou poder apagar aquelas palavras. Pois a verdade doeu.

— Eu queria que, desde o início, quando aquele puto levantou a mão a primeira vez ou a ameaçou, você tivesse feito queixa e o largado. Que, quando quase morreu por ser espancada por aquele filho de uma puta, você tivesse sido mulher o suficiente para levá-lo a juízo, senão por você, que fizesse por teu filho. Queria que tivesse lutado por você acima de tudo, não se sujeitando a ninguém. Desejei que você ainda fosse a mesma irmã que eu conhecia e de que me orgulhava, a mulher impetuosa que nunca aceitaria nada daquilo. Mas não, você foi idiota, covarde, colocou o rabo entre as pernas e foi infeliz em todas as suas escolhas de vida. Alice, você tem o dedo podre e aponta em todas as direções.

Eu parei de andar de um lado para o outro no meio da sala, com a mão paralisada ao segurar o celular, ouvindo sua respiração pesada do outro lado da linha. As palavras perfurando meu cérebro, causando arrepios e trazendo lembranças. Ele tinha razão, é claro que tinha. Eu deveria ter feito tudo aquilo, deveria ter tido mais coragem, eu sei, não precisava que ele me dissesse o que minha razão vinha gritando todo santo dia. Mas não era só eu, não temia só por mim.

— Eu só queria te avisar, só isso. Boa noite, Arthur! — Ele não me respondeu, apenas desligou.

Desde então, não nos falamos. Fiquei magoada, com raiva, realmente mal, eu sabia o que viria, mas aquelas palavras ditas de forma tão dura me feriram!

Os dias que se passaram serviram para amenizar esse sentimento de mágoa que ficou, mas ainda não se dissipou e o medo que eu tinha de Renato aparecer a qualquer momento foi sendo atenuado quando o advogado me ligou, marcando data e hora para assinarmos o divórcio. Foi como se quilos e mais quilos fossem tirados de meus ombros, cheguei a fazer dancinha comemorativa no meio do salão de balé, deixando de lado a raiva do meu irmão, arrancando boas risadas da minha secretária e fazendo-a me acompanhar. Foi um momento feliz!

Agora estou eu aqui, pensando nessa conversa mais uma vez e fugindo como o diabo foge da cruz de um almoço em família, para não ver

exatamente quem deixou meu coração a semana inteira pesado com a verdade, suas palavras foram como tapas, mas não teve muito jeito de escapar.

Esse ditado nunca fez tanto sentido quanto faz hoje, enquanto tento arrumar uma desculpa plausível para não ir à casa dos meus pais para o sagrado almoço familiar, a fim de fugir de dois diabos. Pois, além de Arthur, ainda tem Pedro e não dar de cara com ele lá é impossível. Uma recusa não é algo simples, quando se trata de dona Vera. Se eu faltar, é bem capaz de ela mesma vir me buscar, me levando pelos cabelos. Já me ligou três vezes hoje! Coisas como: *como você está, filha? Sabe que mamãe te ama, né? Liguei novamente só pra conferir se já está vindo. É por último: está mesmo bem? Quer que seu pai vá lhe buscar?*

Tudo isso após saber do encontro com Renato. No fundo, sei que todos têm medo de uma reconciliação, o que nunca acontecerá. Todos os dias tive que arrumar mil e uma desculpas para não me levarem para passar a noite com eles no sítio após aquele dia, tudo porque Augusto não controla a língua na boca. Por mim, eu só teria dito após ter certeza de que realmente iria acontecer, exatamente por causa dessa preocupação. Dona Vera só se acalmou após bater em minha porta com meu pai a tiracolo, tentando examinar cada centímetro de mim!

A essa altura, é provável que até Pedro já saiba do ocorrido. O infeliz, por mais que eu tente, não sai da minha cabeça e, apesar de sua mensagem, eu não o respondi.

Talvez essa fuga da presença do meu primo seja infantil. Na verdade, é, estou sendo infantil, mas é como se eu ainda sentisse as sensações daquele beijo acendendo combustível em mim, trazendo o mesmo desejo, deixando minhas pernas ainda bambas.

Só de pensar.

E eu não quero pensar, nem quero me lembrar das mãos grandes passeando por meu corpo, a boca tomando a minha com brutalidade, como se quisesse me punir deliciosamente por afastá-lo. Merda, minha calcinha já está molhada e eu nem cheguei a vê-lo. Gemo de frustração, isso é ridículo.

Na semana que se passou, Pedro tentou contato, mensagens, ligações

que não me permiti responder. Covardia? Talvez, mas o que ele quer afinal?

Quero você, Alice...

Não, ele não quer e isso não faz mais sentido, nunca fez. Se, de fato, eu for sincera e levar em consideração tudo o que já aconteceu entre nós, seria loucura imaginar que Pedro possa ter algum sentimento amoroso em relação a mim.

Respiro fundo e desisto de tentar entender. Pego minha bolsa sobre o balcão e, antes que eu possa sair, uma batida na porta me faz levantar o rosto e encarar quem quer que seja, vendo o homem alto, vestido casualmente entrar na minha sala de recepção.

— Bom dia, Alice! — cumprimenta-me com um sorriso simpático estampado em seu rosto.

Plínio, o engenheiro encarregado de cuidar e planejar tudo isso aqui, é um homem bonito. Alto, magro, de cabelos escuros e curtos, um semblante amável, olhos caramelos e vestindo-se casualmente, o homem fica ainda mais bonito, os músculos saltando aos olhos da camisa polo agarrada ao seu tórax.

— Bom dia, não o esperava aqui hoje, em pleno domingo.

— Imaginei que não, mas por conta do atraso que tivemos com a entrega e tudo o mais, quis vir pessoalmente ver como ficou e me desculpar com você pelo atraso da equipe.

— Gentil da sua parte, agradeço. O importante é que está tudo pronto. Apesar do atraso, o espaço ficou como pedi e estou satisfeita — falo, tentando acabar com a conversa, já estou atrasada.

— Ótimo... então terminamos?

— Sim, terminamos... — Ele sorri de lado, passando a mão pela camisa preta, e me olha por alguns instantes antes de falar:

— Uma pena! Pelo jeito, não terei mais desculpas para vir aqui vê-la.

Eu fico parada, olhando-o. De onde saiu isso? O homem nunca me pareceu inclinado a nada, nenhum tipo de intimidade. Sempre foram visitas rápidas, formais, nada além de trabalho e projetos.

— Eu...

— Me desculpe, não quis ser indelicado. Mas acho que talvez possamos marcar um *drink* qualquer dia desses, já que trabalhamos praticamente um em cima do outro, o que acha?

Plínio arregalou os olhos, dando-se conta, assim como eu, do duplo sentindo da frase e, acreditem, o homem corou, envergonhado. Foi fofo e, sim, somos vizinhos de trabalho.

— Não foi o que quis dizer, Alice.

— Eu entendi, Plínio, não precisa se explicar e, claro, podemos marcar alguma coisa qualquer dia desses, sem problemas.

— Certo, então nos falamos. Tenho o seu contato.

— Ok, e agora eu tenho que ir, estou atrasada para um almoço com minha família.

— E eu a atrasando — disse, colocando ambas as mãos nos bolsos. — Alice, foi um prazer trabalhar com você.

— Igualmente — respondo com amabilidade, recebendo dele um belo sorriso.

Vejo Plínio se aproximar e, ao contrário do profissionalismo com que me tratou esses meses em que fizemos a obra, ele me beija o rosto em despedida, saindo em seguida.

O que foi isso? Um amigo, ora... respondo a mim mesma.

Não, eu não tenho inclinação nenhuma para relacionamentos, se foi o que passou por sua cabeça, mas ele fez aquela cara de cachorro pidão quando eu ia dizer: não, nada de *drinks*.

Não deu para negar e não faz mal, quem sabe, sair, um bom jantar, uma boa conversa, um beijo talvez? Sim, um beijo quente, molhado, bruto... Merda. Bruto, não. Delicado...

E aqui estou, com aqueles olhos azuis perturbando minha cabeça novamente. Qual é? Ele tem até mesmo invadido meus sonhos. Chego a suspirar e saio porta afora levando minha bolsa, tendo o cuidado de olhar para todos os lados antes de dar o primeiro passo e fechar a porta. Um costume que adquiri graças a Renato.

Alcanço o carro estacionado no meio fio e aperto o controle em minha

mão, estranhando o fato de não estar travado. Com a cabeça que tenho, isso não seria de se estranhar. Olho o interior antes de entrar, jogo a bolsa no banco ao meu lado e ligo o carro, saindo e entrando na via em seguida. Me ponho em uma velocidade segura, me obrigo a ter atenção no trânsito e não me perder em pensamentos, como venho fazendo desde aquele beijo que me deixou marcas, isso eu não posso negar, por mais que eu tente.

Não quero esse sentimento, as sensações, o frio na barriga só de pensar em vê-lo, em ter suas mãos em mim. Não quero e não irei me meter com outro homem, ainda mais se tratando de um que conheço e que já me fez sofrer. Pedro é passado e é lá que irei deixá-lo.

Um beijo não quer dizer nada, o que ele disse não me interessa e tudo o que venho sentindo nada mais é que o espelho do que um dia achei sentir por ele. Me mantendo longe, eu não sofro, não me machuco, não choro... Não darei esse poder a alguém novamente.

Após minutos silenciosos, ouvindo apenas Djavan no carro, deixo o asfalto e entro na estrada de chão, aparentemente deserta, já estando perto da chácara de meus pais. Não deixo de olhar, saudosa, quando passo em frente à entrada que dá acesso ao haras de Pedro. Inferno de homem.

O carro é baixo e tenho cautela ao passar pelo curto percurso de estrada de piçarra batida. O cuidado dobra por ser um caminho enladeirado, que, sem o cuidado mínimo, pode ser perigoso.

Piso no freio assim que o carro começa a acelerar, mas só chega a deter minimamente a velocidade, é quase imperceptível, estranho. Piso com mais força, olhando para o pedal ao senti-lo mole, sem pressão alguma, e o carro começa a descer a toda velocidade o caminho íngreme. Sinto um frio tomar meu estômago com força, apertando minhas entranhas, enquanto só falto machucar meu pé com a força que utilizo no pedal.

Não paro de enfiar o pé no freio, sentindo o coração sair pela boca quando vejo o carro se aproximar da entrada da casa de meus pais. Vejo a sombra de um carro parado ainda na cancela e buzino sem parar, passando direto pela entrada sem ter tempo de nada, nem mesmo de reconhecer quem quer que fosse ali. Entro em um desespero aterrador, surreal e impotente.

Eu sei que já passei por isso no dia que sofri o acidente que levou meu

filho, o que torna tudo mais assustador, apesar de não me lembrar daquele dia, não lembro de nada, só de sentir muito medo e dor ao ser levada ao hospital, medo pelo meu bebê...

— Merda, merda, merda!

Agarro o freio de mão, pronta para puxá-lo e lembro da voz de Pedro anos atrás ao meu ouvido, me repreendendo por querer fazer *draft* na piçarra, dizendo que eu poderia capotar o carro estando em alta velocidade. Desisto, olhando para todos os lados em busca de uma saída, vendo a possibilidade de um capotamento eminente. Minha vontade é de gritar por socorro, enquanto o carro passa de 120 quilômetros por hora, derrapando na estrada e correndo o risco de me jogar na cerca de madeira no acostamento.

Começo a suar de medo, o desespero, me levando a encher os olhos de água. Passo a vista no retrovisor, vendo uma caminhonete grande, azul, vindo atrás de mim com a mesma rapidez, e reconheço o carro.

Que seja Pedro, que seja Pedro, Deus.

Tento ter mais atenção ao olhar pelo retrovisor, enxergando uma mão grande fazer sinal para que eu encoste ou pare o carro, eu não sei, não consigo discernir. O nervosismo não me deixa raciocinar. Me divido entre olhar o retrovisor e a estrada à minha frente, me aproximando de uma curva fechada. Não vou conseguir fazê-la e minha garganta parece fechar, o ar falta ao ter essa constatação.

Encosto o carro o máximo que consigo ao lado da estrada e a caminhonete atrás de mim acompanha minha velocidade, colocando-se ao meu lado, já com os vidros abertos, me fazendo sentir alívio ao ver quem a dirige. Me confundo ao tentar baixar os vidros, abrindo os traseiros antes de, enfim, acertar e sentir o vento forte e a poeira bater em meu rosto.

— Que merda, Alice, para o carro! — fala e gesticula nervosamente.

— Ele não para. Eu, eu... o freio não funciona, Pedro, pelo amor de Deus me ajuda — grito, a voz entrecortada pelo choro e o medo me fazendo tremer.

Vejo o rosto do homem entrar em choque por segundos, enquanto tenta manter o controle do próprio carro, para que não bata no meu e acabe por tirar ambos da estrada.

— Coloca o câmbio em manual.

— O quê?

— O câmbio, coloca em manual e diminui todas as marchas aos poucos, assim que ele diminuir a velocidade, você puxa o freio de mão. Mas anda rápido, porra! — Eu o ouço, vendo o carro dele arrancar o meu retrovisor, assustando a nós dois.

Olho o câmbio e não penso, jogo para manual e passo a diminuir as marchas com rapidez, sentindo cada tranco balançar o meu corpo a ponto do cinto me machucar e fazer a pele arder. Quando o carro desacelera drasticamente, me passando segurança o bastante, puxo o freio de mão com tudo o que tenho.

O carro canta pneus, a traseira é puxada para o lado e a poeira cobre a estrada, fazendo pedras baterem nas laterais. Grito, sem saber o que fazer, sendo chacoalhada, o medo está em cada poro. O motor do carro morre, para, e tiro a chave da ignição, jogando-a no chão, para longe de mim. Um medo descabido de que o carro sairá andando enche o meu coração, me apavorando.

Meu corpo treme e já não sinto minhas pernas, viraram gelatinas doloridas... E sou sugada para um lugar escuro, como se pegassem o controle de mim.

— *Você o quer, não é? Quer “ele” de volta, sua infeliz... — A voz soa alta, o carro veloz desliza pela pista, um farol nos encandeia, o caminhão.*

Pânico, o mesmo em que senti anos atrás, quando sofri o acidente que me tirou o sonho de seguir com o balé. O mesmo pavor, o mesmo desespero, a mesma angústia, eu lembro, agora eu lembro. Fico estática, querendo sair, me mover, como se assim eu pudesse acordar, mas não consigo.

É só um pesadelo... é só um pesadelo... não, não é.

Minha porta é aberta de supetão e então ele entra em meu campo de visão. O rosto preocupado, suas mãos me apalpam todo o corpo com rapidez, em busca de qualquer machucado. Olhos bonitos, compreensivos sobre mim. Um suspiro de alívio é ouvido e, enfim, o cinto é tirado de mim, enquanto pareço ter entrado em outra dimensão, em outro mundo...

— Eu, eu... tentei. Ele não parou, ele continuou berrando comigo...

ele... o matou... o meu bebê, ele, cuida dele, cuida por favor.

— Alice! Olha pra mim! Olha pra mim, Alice. Mantenha o foco aqui. É só você, vê? É só você aqui, Boneca, é só você e eu... — A voz carinhosa me alcança e parece me trazer de volta, fazendo com que eu mergulhe na piscina de ternura azul à minha frente. Lágrimas de alívio descendo por meu rosto.

Aflita, me jogo em seus braços, sem que ele espere, e me agarro com força a Pedro, que permanece agachado ao meu lado. Afundo meu rosto em seu peito, seu perfume me alcança e me derramo sem nenhuma cerimônia, enquanto ele me abraça apertado. Sinto todo o conforto ao mesmo tempo em que lembranças que eu não sabia existir tomam minha mente e me enchem de medo e arrependimento.

Foi ele, o tempo todo foi ele.

— Já passou, Alice... Já passou... Eu estou aqui com você, nada de mal vai te acontecer, nunca, eu não vou deixar.

Mal o escuto, vidrada no passado, em lembranças, perdida. O que... eu tenho que organizar, eu preciso. Levo a mão à cabeça, batendo na fonte, puxando o dia na memória, o momento, confusa entre ser uma lembrança ou sonho.

— *Já sabia que isso aconteceria, desde o momento em que entramos naquele avião, no fundo, eu sabia, Alice.*

Olhei-o de esquelha, enquanto Renato se mantinha de olhos fixos no asfalto à nossa frente, e acariciei minha barriga.

— *Mas isso não vai acabar bem, Alice. Tenha certeza disso!* — disse, a voz carregada de raiva, os nós dos dedos ficando brancos com a força com que apertava o volante, sua expressão fechada em mágoa.

— *Pare, Renato, só vamos para o hotel como você tanto quer. Está ficando paranoico com tudo isso, quero só descansar e dormir, minhas costas estão me matando. O bebê está agitado — falei, usando certa normalidade, ou tentando.*

Tentei fazer com que essa ideia de traição saísse de sua cabeça estúpida, afinal mal tínhamos chegado ao Brasil, e que, ao falar da criança e do cansaço, ele pudesse se acalmar ou dar uma pausa. Não que eu esperasse esse descontrole — claro, até aquele dia, quando me deu sua primeira prova

de loucura. Eu só não me lembrava de que tinha ido tão longe, que ele tinha acelerado o carro sem me dar ouvidos, pegando uma estrada diferente da que deveríamos seguir.

— Eu vi como olhou para ele. Como acha que me senti, hã? Vendo minha noiva em cólicas por outro homem, um bastardo que sequer soube te dar valor!

— Não quero e não vou falar disso, isso não te diz respeito. E não estamos noivos, Renato!

Eu só piorei a situação ao proferir essas palavras. Percebi aquilo quando seus olhos se voltaram para mim, a velocidade agora sendo realmente um risco.

— Diga outra vez!

— Renato, pare esse carro ou vai acabar nos matando! Anda, pare o carro, peço para meu irmão vir me buscar e nos falamos depois, quando você esfriar a cabeça. Nem mesmo era pra ter vindo com você, deveria ter ficado em minha casa, só vim pra te deixar longe desse pensamento, mas não está adiantando. — Usei de convicção.

Me senti confusa com suas reações e ele não parou, menos ainda diminuiu aquela velocidade absurda.

— Ele não te quer, está lembrada? Te humilhou, teve e tem outra, mas você ainda se comporta como um cachorro sem dono. — Me assustei com seu tom, sentindo sua mão vindo ao encontro do meu maxilar, apertando-o com força. — Você é minha Alice, você e esse bebê são meus e jamais deixarei que outro te toque e crie essa criança, entendeu? São meus!

Lembro que senti medo do que enxerguei ali. Tentei me soltar de seu agarre e senti meu sangue gelar quando vi o velocímetro saltar para 190.

— Vai devagar, Renato, por favor.

— Você o quer, não é? Quer “ele” de volta, sua infeliz? Mas não vai ter...

— Meu Deus!

E então a luz, os gritos, as buzinas e, quando acordei, já estava no hospital, gritando de dor...

Não, não faz sentido. Eu não estive em um hospital, gritando de dor, eu entrei em coma. Falo a mim mesma, mas parece que ainda estou lá, presa com Renato naquele carro enquanto colocava a mim e ao meu filho em risco. Não faz sentido, eu sei, mas essas lembranças se repetem por vezes a fio desde que consegui parar o carro com a ajuda de Pedro. Parece tão real e agora, após saber do que meu ex-marido é capaz, isso faz mais do que sentindo, apesar de as peças não se encaixarem.

Após o acidente que transformou parte de mim, eu não me lembrei de nada, absolutamente nada após sair com ele da casa de meus pais. Acordei em uma cama de hospital, dias depois, achando que ainda estava em Londres, longe da minha família, e me apavorei quando não consegui me mover, não vi mais minha barriga de grávida, tendo parte do corpo enfaixado. Ele estava lá, Renato. Tinha apenas um braço quebrado, que fraturou ao pular do carro antes que se chocasse com uma cerca.

Foi o que me disseram, mas não foi bem assim.

Eu perdi o meu bebê naquele dia, quebrei a bacia e uma das minhas pernas tinha ficado presa nas ferragens, causando uma grave lesão e quase a perda de minha perna esquerda. Quando recobrei a consciência e soube meias-verdades do que, de fato, aconteceu, tive que ouvir seus pedidos de desculpas. No dia, eu não entendi, achei ser só uma fatalidade, o destino, mas agora começo a ter certeza do que realmente aconteceu e, claro, a perda parcial da memória veio a calhar para ele, no fim das contas.

Eu não me lembrei e ele fingiu esquecer. Deus, e ainda assim, após anos achando que aquele acidente aconteceu de outro jeito, não faz sentido algum, é tudo tão confuso.

Após o acidente, acabei me fechando, entrei em depressão e isso foi o início de tudo. Fragilizada por enterrar o meu menininho tão pequeno e com amnésia parcial, Renato disse que estávamos noivos. Segundo ele, assim que chegamos ao Brasil e conhecemos meus pais, marcamos a data e eu acreditei, minha mãe confirmou. Balanço a cabeça, estou tão confusa.

Então eu não tive dúvidas, mesmo sem lembrar, eu acreditei nele. Talvez porque, até então, meu ex-marido tinha sido o namorado perfeito, jamais deixando a desejar. O cara atencioso, fiel, companheiro, gentil, acolhedor e amoroso com quem toda mulher sonharia... Eu precisei de

alguém e ele esteve lá comigo, cuidou de mim como se realmente se importasse.

Respiro fundo. A revolta com o destino tomando conta de mim, me esmagando, sufocando... a dúvida me engolindo.

Meu Deus, o que eu fiz comigo?



Proteção, esse é um sentimento claro ligado ao amor mais puro e belo.

O que eu faço? Como a acalmo? Como a trago de volta para mim?

São as perguntas que faço enquanto abraço uma Alice fora da Terra, longe de mim, embora eu esteja na sua frente. Seguro seu rosto entre minhas mãos, encostando minha testa na sua, buscando o verde de seus olhos. Olhos nublados por lágrimas não derramadas que cortam meu coração, o medo ainda presente deixando todos os meus músculos duros.

Por um segundo, imaginei que a perderia, que aconteceria o pior e simplesmente meu mundo parou de girar ali.

— Me ouça, Alice! — peço, em súplica, não aguentando o que vejo, sentindo sua dor, que se mistura com meu desespero e se torna insuportável.

Seus olhos, que estão sem foco, opacos, se voltam para mim e parecem suplicar por algo que não entendo. Uma lágrima desce e, em desespero, ainda sentindo o descontrole de imaginar seu carro batendo contra a cerca de madeira maciça, beijo a lágrima que escorre de seus olhos, levando o polegar em seguida ao lugar, em uma carícia.

Tenho medo de que ela volte a si e me rejeite, que brigue, mas não é o que acontece. Minha boneca está ferida, fora de órbita.

— Acalme-se, minha boneca. Foi apenas um susto, está tudo bem, você está bem agora.

E, ao falar, quero me convencer disso, em principal que ela continuará assim, segura e bem.

— O freio, não tinha freio, Pedro. — Consigo agora respirar, ela está voltando.

— O carro? — pergunto e ela anui, o queixo bonito tremendo.

No mesmo instante, algo se acende. Não, não pode ser.

— Sim e não entendo o porquê. Há quanto tempo ganhou o carro? — pergunto baixo, sem expressar em minha voz a confusão em meu peito, para não piorar seu estado.

— Dez meses, acho... eu não sei.

— Saiu com ele antes?

Ela nega, afundando o rosto nas mãos e volto a puxá-la para meu peito, beijando seus cabelos, repetindo que tudo ficará bem. Mas eu sei que carro nenhum, menos ainda da marca do seu, perde o freio assim. Um *Civic* é quase inquebrável, que droga aconteceu? E meu sangue ferve.

— E se foi ele? — Ouço e busco seu rosto. — E se foi Renato?

— Acha que tem alguma possibilidade? — Em meu peito, eu tenho certeza de que sim, pois as imagens de Alice, largada naquele banheiro e toda ensanguentada, não deixam minha mente.

Levarei aquele dia como meu pior castigo. Perdi parte de mim ali e, desde então, a culpa me acompanha da pior forma. Pois antes era culpa por mim, por ficar em segundo plano, achando que estava deixando-a ser feliz. Mas, ali, isso mudou. E a culpa veio em dobro, por nós dois.

E, para mim, um homem capaz de algo assim é um animal sem escrúpulo algum. Meus bichos na fazenda merecem mais confiança que aquele verme. Olho-a e confirmo com a cabeça, deixando um beijo em seu nariz, fazendo seus olhos brilharem, talvez se lembrando do gesto que eu fazia tanto. Ficamos segundos em suspenso, até que o barulho de um carro nos chama atenção, a poeira ao longe sendo levantada.

— Vou cuidar disso e, se de alguma forma provarem algo relacionado a sabotagem, iremos tomar providências. Ele vai pagar! — Ela nada diz e, quando o carro se mostra, é o de tio Oto.

Provavelmente, estranhou a movimentação que fizemos na estrada, pois sua casa, sendo no alto da pequena colina, lhe dá uma visão aberta de todo o lugar.

Mal a caminhonete para e uma tia Vera salta do carro apressada, enganchando o vestido na porta, puxando-o e correndo até nós. Alice é arrancada de meus braços por uma mãe angustiada, apertando-a entre braços maternos, o rosto transfigurado pela preocupação. Com o consolo, o choro volta com mais força para Alice, soluços deixando os lábios de minha boneca.

Perdido no momento, me dou conta de tio Oto se aproximando, sem entender nada, olhando tudo, o carro dela, o meu, a estrada, tocando a cabeça da filha com uma nota de carinho. O rosto vermelho denota sua ansiedade para saber o que houve.

— O que diabos aconteceu, Pedro? — A voz de trovão soa e, ao ouvi-lo, Alice deixa a mãe e se joga em seus braços, que a confortam, deixando de lado o que aconteceu, sua atenção sendo totalmente dela.

— Não sei, tio — volto a falar segundos mais tarde, sem querer interromper o momento. — Eu a encontrei no caminho, ela passou por mim rápido demais, sem controle. Quase levantou a traseira na segunda curva, não sabia que era ela, achei que fosse algum motorista bêbado, mas me lembrei do modelo que deu a ela. Resolvi acompanhar para ter certeza... Alice disse que estava sem freio.

— Meu Deus! — Tia Vera deixa escapar, levando a mão aos lábios, os olhos cheios de água, que buscam o rosto de Alice, afundado no pescoço de tio Oto. — Filha, você tá bem? Chegou a se machucar? Sentiu algo na perna que foi quebrada anos antes? A bacia? Meu Deus, como isso foi acontecer? — pergunta, nublada pela preocupação, olhando o marido, aflita, buscando resposta, soluções.

— Não, mamãe. Eu tô bem. — Meu coração se aperta ao vê-la tão machucada e tentando acalmar sua mãe, tentando não demonstrar fraqueza, limpando as lágrimas e tentando até mesmo um sorriso.

Minha vontade é de escondê-la do mundo, construir um redoma de vidro para que nunca mais ninguém a machuque.

— Um carro desses não perde o freio. É novo e, como Alice não andava, pedi pra calibrar mês passado para, quando ela quisesse usá-lo, ele estivesse à disposição.

— Calibrou onde? — Levanto meu rosto, tentando entender.

— Na autorizada, sempre levo à autorizada pra poupar futuros problemas com o seguro. Fique com sua mãe, Alice. Me deixe olhar o carro.

— Usou o carro antes?

— Não, não tinha segurança pra isso. — E ainda não tem, penso. — E, fora esse dia, ele não saiu da garagem.

Estranho, como isso aconteceu? Minha tia não se dá por satisfeita e segura seu rosto, falando palavras de segurança, tentando confortar não só Alice, mas a si própria. Que situação de merda foi essa?

Meu tio me chama e, mesmo sem querer tirar os olhos de cima dela, o acompanho, vendo-o de quatro em frente ao capô, olhando embaixo do carro. Abrimos o motor e voltamos a ligar o carro, pondo-o para andar e tentando aparar, ver como está. Realmente, está sem controle ou freio algum.

Levo a mão à cabeça, tentando controlar o ódio ao imaginar o que poderia ter acontecido. Naquela velocidade, um carro pequeno, tendo uma cerca de madeira como freio era... Tremo em imaginar e procuro-a, abraçada à sua mãe, tentando esconder o choro. Seu olhar encontra o meu, um pouco mais calmo, e não me contenho ao senti-la chamar por mim, uma necessidade insana de abraçá-la.

Sem me importar que possa me rejeitar, sem me importar com meus tios, vou em sua direção. Preciso sentir essa mulher, saber que está aqui e, assim que estou perto o bastante, ela vem, sem que eu precise dizer nada, e é o suficiente para o meu coração voltar a bater. Eu a aperto novamente, dessa vez é algo mais profundo, intenso, pois ela parece querer o mesmo que eu.

Beijo seus olhos, ignorando o olhar de tia Vera para nós.

— Está melhor? — pergunto, minha testa na sua, parecendo que só nós dois estamos aqui quando foco seus olhos. Eles dizem tanta coisa... queria que ela visse também o quanto a quero em meu olhar.

— Estou... eu estou confusa ainda, como, como... eu não sei explicar,

não sei se tive lembranças ou se foi só um sonho anterior, eu não sei, mas estou bem, ou vou ficar. Mas não quero preocupar os meus pais. — A última parte é dita em um cochicho.

Não é de se estranhar, ela é assim e, por guardar tudo para si e querer poupar todos, ela protelou sair daquele casamento.

— Sonho? Do que está falando?

— De Renato... anos atrás. O outro acidente... eu não sei, é tudo confuso. Eu...

— Shiu, tudo bem. Não tente, não agora. O susto foi grande demais. — E novamente a abraço apertado, vendo-a suspirar.

— Obrigada... não sei o que teria acontecido se...

— Não me agradeça, porque eu não sei o que seria de mim se não a tivesse alcançado. — Alice levanta o rosto ao me ouvir e abre a boca em O, meio estática, perplexa. Parece que tempo para bem aqui e somos só nós dois.

Meus olhos passeiam por seu rosto, nariz, boca e eu só quero senti-la.

— Pedro! — Balanço a cabeça, ainda preso a ela, e me viro, segurando sua mão e entrelaçando nossos dedos, não quero me distanciar. — Já ligou pro guincho?

— Liguei, enquanto o senhor estava dando partida no carro, estão vindo.

— Você espera por eles aqui? Vou levar Alice e Vera para casa, ela precisa de um calmante, se deitar e descansar. Foi um susto e tanto.

Olho para ela. Não, eu não quero, mas é necessário. Preciso ter certeza do que aconteceu.

— Claro, tio. Eu o espero e sigo com ele para a oficina, tenho alguém que conheço bem pra fazer o serviço, ficarei junto o tempo todo. Mas creio que um BO poderia ser justo e ajudar, caso encontre algo.

— Sim, pensei nisso. O que acha, filha?

Sua mão aperta a minha, sem nem perceber.

— Eu quero, quero muito. Se por acaso for obra de.... Renato — fala e meu tio bufa, sem conseguir se controlar. — Eu quero fazer diferente, pedir

proteção dessa vez. Não vou ficar à mercê do meu medo novamente.

— Isso, filha. Isso mesmo, vamos estar mais atentos que nunca. Acho até que pode passar uns dias aqui, conosco, porque eu não vou ter sossego com você sozinha naquele apartamento depois de hoje. — E eu entendo minha tia, estou da mesma forma, não suporto a ideia de soltá-la agora mesmo, apesar de saber que estará com meu tio, seu pai.

— Não sei, mamãe, mas hoje pode ser, sim. Podemos ver, agora eu só quero ir pro sítio, estou com as pernas bambas ainda.

— Claro, vamos, vamos, sim, meu bebê.

Devagar sua mão deixa a minha enquanto sibila um *obrigada*, e fico preso nela, até que entre no carro, seguindo com meus tios. O carro se afasta e tiro o chapéu da cabeça, apertando-o em minhas mãos, sedento para saber a verdade. Se foi o infeliz, não respondo por mim!



— Tem certeza disso? — esbravejo, vendo o mecânico, o melhor que conheço, me olhar assustado com meu rompante. Não o culpo, estou sendo um pé no saco aqui. — Não é possível, olhe novamente. Deixou passar algo, tenho certeza.

— Seu Pedro, eu olhei três vezes. E tem cocô de rato no carro. — Ele coça a cabeça, sem jeito de negar o meu pedido pela quarta vez.

Esfrego a nuca, nervoso, sentindo raiva. Rato? Sim, ele disse que ratos podem ter roído o cabo ou outro animal qualquer, pois, em sua perícia, não era um corte feito com faca ou alicate e, de fato, eu vi o cabo roído, mas me recuso a aceitar. Uma ova.

— Rato?

— Sim, senhor. Me desculpe, mas não há nada que indique que alguém tenha cortado a coisa de propósito.

Respiro fundo, controlando os batimentos. Não sou assim, uso sempre a

razão e chamo por ela.

— Certo. Tudo bem.

— Quer que conserte?

— Não, ao menos não por enquanto.

— Sim, senhor. Eu queria fazer, quer dizer, eu queria falar o que quer ouvir, seu Pedro, mas infelizmente...

— Claro, eu entendo. Desculpe minha impaciência. Agora tenho que ir, preciso resolver isso, mas logo entro em contato para dar uma posição do que fazer com o carro. — Aceno, saindo, pois já acertei tudo com ele em relação ao dinheiro, incluindo a taxa extra de atendimento aos domingos.

Tiro o celular e faço a ligação, não antes de olhar se ela respondeu à mensagem na qual perguntei como estava.

— Oi.

— Arthur, tá com tio Oto? — Sou direto.

— Fala, tô sim. E aí?

— Nada. Foram apenas ratos!

— Sei, ratos...

— É, a verificação foi feita três vezes. Estou indo pra aí.

— Vem, fomos à delegacia há pouco, mas pelo jeito não vai dar em nada.

— Não, é provável que não. Acha que foi ele? — Eu tenho certeza, algo me diz que rato não tem nada a ver com isso, mas quero saber o que ele acha, pois talvez os sentimentos que tenho por ela estejam nublando minha visão.

— Tenho certeza, mas sem provas...

— Certo, chego aí em breve.

Desligo, raiva e confusão tomando conta de mim. Praguejo, entrando em meu carro.

Ela merece mais, uma vida feliz, descanso, liberdade, ser amada de forma única. Fizeram dela um enfeite, mas ela não é, não, Alice é algo muito

maior, belo e perfeito. Se depender de mim, serei eu a dar isso a ela, só preciso de uma chance e a farei valer a pena. Será uma chance perfeita para nós dois.



Lembranças, por diversas vezes queremos que elas desapareçam, que realmente vão embora, mas não é isso o que realmente acontece, é?

— Alice!

Me volto e encontro Arthur, parado ainda perto da porta do meu apartamento, segurando uma pequena mala de roupa que foi buscar em sua casa há pouco. Provavelmente, usou a chave que eu lhe dei ontem, quando voltamos do sítio após tudo o que aconteceu.

Após o ocorrido, me vi entrar em uma espécie de transe, no qual o passado, o dia do acidente veio todo à minha mente, de uma só vez. Na verdade, não sei se foi o passado, ou se uma peça mal pregada pelo destino. Me perdi tentando entender esses momentos, como se eu não estivesse rodeada de pessoas, todas tentando dar explicações ao que, de fato, aconteceu com o freio do carro. Era como se eu não estivesse o tempo todo amparada pelos braços de Pedro, que sussurrava ao meu ouvido que tudo ficaria bem, como se estivesse em outro corpo. Ele me trouxe de volta.

E eu me agarrei a ele todo o tempo, como um porto seguro, e chorei em seu ombro, não apenas pelo medo do que acabara de acontecer, mas pelo que escondi anos antes. Agora a mentira parecia ainda pior.

Doeu, doeu imaginar que fui manipulada a tal ponto. Doeu pensar que poderia ser diferente, que eu não teria ficado com um homem louco se eu tivesse me lembrado do que aconteceu, ao mesmo tempo que me pergunto se

foi mesmo uma lembrança. Nada, nada daqueles dias me vinha à cabeça até ontem, uma cena que não sei se aconteceu ou se eu a criei mediante delírios e sonhos.

— Não fique aí parado, entra, Arthur. — Eu o vejo caminhar e se sentar ao meu lado, mantendo-se calado enquanto estou alheia.

Perdi parte do tempo puxando cada pequeno acontecimento, cada palavra que perfurava minha memória, querendo acreditar que era uma grande peça pregada por minha cabeça.

Lembro agora como me joguei nos braços de Pedro quando o vi após a morte de sua mãe, sem me importar com Renato, ou com a mulher que estava atrelada a ele. Lembro o seu espanto com minha gravidez, o olhar de desdém que me deu, como me afastou de seu abraço e se manteve longe todo aquele dia em que eu só queria estar ao seu lado.

Fiquei magoada por Pedro estar com outra mulher, não nego, mas o que eu esperava? Me senti arrasada pelo fato de ainda ser ela, a mesma mulher que encontrei com ele após...

— Fala alguma coisa, Ali. Está me deixando preocupado ficando assim tão calada.

Eu sorrio. Ele está comigo desde ontem quando chegou ao sítio, não saiu um momento sequer e eu agradeço por isso. Com ele, me sinto segura, mesmo que não tenhamos mais a ligação de quando mais jovens. Por mim, eu estaria cercada por ele e Augusto, como foi na noite passada, mas infelizmente Guto está de plantão.

Pedro também esteve comigo todo o tempo após me ter em seus braços até ser levada para a casa dos meus pais, mostrando-se atencioso todo o tempo. Depois que se certificou de que eu estava mais calma, ele foi mais prático.

Fizemos, inclusive, um BO, pois, para mim, não era possível ser apenas um problema mecânico. Então eu voltei para minha casa contra a vontade de todos. Minha mãe insistiu para que eu permanecesse no sítio, mas eu não quis. Precisava do conforto da minha casa, ficar sozinha. Pedro, o sítio, tudo fazia lembranças pipocarem em minha mente e me deixarem fora do prumo.

— Não tem o que dizer, acredite, eu vou ficar bem.

Arthur se aproxima e um de seus braços circula meus ombros, me trazendo para seu peito. Me afundo nele e inspiro o perfume da loção pós-barba mentolada, que parece em acalmar.

— Desculpa por ter falado daquela forma com você pelo celular. Eu só perdi a calma. É difícil para mim te ver assim, não condiz com as lembranças que tenho de você quando era só uma pirralha correndo atrás daquela rã nojenta.

Eu rio, me lembrando de Loló, minha rã que ele mesmo matou após pisar “sem querer” em cima dela.

— Admita, você pisou porque quis, foi maldade.

— Juro que não, nunca faria nada para te fazer chorar, Alice — diz, sério demais, e eu suspiro, esse olhos já foram os do meu melhor amigo.

Sim, Augusto era o irmão mais velho, o durão protetor, já Arthur era o meu melhor amigo e eu, a sua.

— Eu sei. E você não mentiu, mas não nego que a verdade doeu, sempre dói.

Ambos permanecemos calados.

— Arthur, se eu me lembrasse de algo... se provarmos que os freios foram sabotados e eu quiser denunciá-lo, alegando coisas do passado, anos atrás...

Ele me olha, sério, mas não faz ideia a que me refiro.

— De anos atrás não teria peso, Ali, seria sua palavra contra a dele. Se tivermos provas sobre os freios, aí sim, teremos um motivo.

Eu apenas confirmo, raiva, arrependimento e negação me consumindo.

— Eu me lembrei de algo, é confuso, como se fosse um sonho. — Uma lágrima escorre e eu continuo a falar: — O acidente de carro, quando eu acordei não era o mesmo hospital, eu... — falo e suas mãos prendem meu rosto.

— Ali, você foi levada para o São Salvador.

— Mas antes, antes... quem cuidou de mim? Eu lembro do cheiro, lembro dele e de como...

— Claro que lembra, o infeliz não a deixou um só instante, mas isso foi no nosso hospital, dias depois, quando você acordou. Ficou dias em coma, pode ter sonhado ou está confundindo com os primeiros socorros que foram dados a você, pois tiveram que fazer o parto às pressas, mas não chegou a ser um atendimento ou uma internação. Talvez o que aconteceu ontem tenha te confundido, sua memória pode estar voltando. Quando bateram na cerca...

— Não foi uma cerca, foi um caminhão.

— Do que está falando, Alice? — Eu nego.

— Eu não sei. Lembro de Pedro com... com ela, você sabe. Isso aconteceu? Ele estava com ela? — pergunto, não querendo saber.

Eu vou enlouquecer...

— Acalme-se, não pense em nada disso. Vamos esperar os resultados do seu carro, a perícia da polícia. — Sua voz é objetiva e fico olhando para ele, estática.

Confirmo, tentando fazer minha memória funcionar, parar de me pregar peças. Não, eu não estive em um hospital, mas é real demais. E, sim, após Pedro ter levado o carro a um mecânico, foi levado também para perícia policial.

— Sabe, eu quis te perguntar algo desde aquela noite em que Pedro te resgatou em seu apartamento, porém não quis que me interpretasse mal. Mas quero saber por que não me ligou quando tudo aconteceu. Eu estava a algumas quadras de você, então por que preferiu ligar pra Augusto? — Algo, que não sei identificar, transparece em sua voz.

— Não sei, talvez o desespero não tenha me deixado pensar. Foi ele quem sempre cuidou de nós. Era sempre ele a te defender dos moleques da escola e a me dizer que ficaria tudo bem, que eu só precisava parar de chorar. Era ele que, na falta da mamãe, dava um beijo em meu machucado e resolvia tudo. Augusto é um ogro, brigão e chato, mas sempre esteve lá por nós dois, fazendo o papel de irmão mais velho. Na hora do desespero, eu não pensei com lógica, foi emoção.

— Sabe que pode contar comigo, não sabe?

— Eu sei, mas... você mudou. Mudou tanto a ponto de estarmos na mesma cidade e nem ao menos nos falarmos. Era como se essa sua versão

fosse desconhecida para mim, você se transformou em alguém de quem eu não sentia mais falta — falo a verdade e, por alguns minutos, nenhum de nós diz nada.

— Eu irei voltar para o Rio. — Eu o olho e o encontro dando de ombros. — Farei a prova e, se tudo der certo, voltarei para cá.

— Mamãe já sabe disso?

— Não, ainda não contei, você é a primeira a saber. — Sorrio e beijo seu rosto liso.

— Ela vai ficar louca com os pintinhos dela todos aqui. Obrigada por me contar primeiro, eu te amo, Arthur, sabe disso, não é? — digo, risonha, deixando de lado a tristeza e as dúvidas.

Como sempre faz com Cathe, sinto seus dedos apertando meu nariz e depois ele beija a ponta.

— Eu também te amo, ferrugem!

— Que momento mais lindo esse de vocês!

Ouvimos e chego a pular no sofá, olhando em direção à porta e dando de cara com a montanha alta e loira, usando uma calça branca e camisa azul, parado na porta.

— Tudo muito fofo e comovente, meus olhos se encheram das mais puras lágrimas por alguns instantes, mas passou. Agora vamos deixar de declarações e me contem o que aconteceu. Por que Pedro me ligou dizendo que você quase se arreventou em uma cerca ontem? Quase me fez sair no meio da cirurgia, ele sempre começa com a pior parte da história. Você está bem mesmo?

Aproxima-se, sentando-se ao meu lado e levantando meu rosto com o polegar, sondando-o. O vinco marcado no meio das sobrancelhas é o que denuncia sua preocupação.

— Aw, ele é fofinho com ciúmes, não é? — provoco, vendo o vinco se aprofundar em meio às sobrancelhas de Augusto. Eu amo meus irmãos. — E não começa, sabemos que Pedro já deve ter te falado tudo nos mínimos detalhes, ele sempre foi um fofoqueiro! E eu estou bem agora, o susto amenizou. Foram só ratos.

— Ratos? — pergunta, duvidoso.

— Isso, imagine só, ratos cometendo um quase assassinato.

Eles não riem da piada, apenas eu. Minha tentativa de deixar o clima mais leve e esconder o medo que sinto não dá muito certo.

— Mas confessa, o fofoqueiro já contou tudo?

Rimos os três, isso é verdade. Pedro é um grande dedo duro desde criança, mas, apesar do riso, o vinco de preocupação em meio às suas sobrancelhas não se desfaz.

— Ele contou, mas quero saber de você, se tá tudo bem com você.

Sua mão acaricia meu rosto, beijando minha testa e acenando para Arthur. Homens...

— Estou bem, o que mais Pedro disse?

— Ele me ligou há pouco, quando já estava no hospital. Sinto muito, Ali, Bruno me ligou também e, de novo, nada foi encontrado no carro, a não ser um pequeno problema no sistema hidráulico e um cabo roído. Disseram também que o fato de o carro ter ficado parado tempo demais o prejudicou. Foi só... mas o laudo ainda irá demorar um pouco a sair.

Sinto meu coração afundar, decepção por não ter nada contra ele. Mas também um tanto mais calmo, pois assim fico mais tranquila em ficar em minha casa.

— Não tem nenhuma chance de ter sido ele então? Nenhuma pequena prova?

— Creio que não... não acho que isso passaria despercebido. O que acha, Arthur?

Meu olhar alterna entre os dois, vendo a expressão amorosa de antes dar lugar à raiva.

— Ficariam petrificados se eu dissesse do que os criminosos filhos da puta são capazes...

— E então, o que eu faço?

— Nesse caso, não há nada a ser feito. Continue como se nada houvesse acontecido, mas tomaremos mais cuidado. Assinarão o divórcio

amanhã e teremos o que sempre quis, estará livre dele. Veremos sua reação e, caso aconteça qualquer coisa, por mais mínima que seja, que possa lhe dar uma faísca de desconfiança, pediremos uma medida protetiva.

Augusto olha para ele, de sobrancelha arqueada.

— Vai dormir aqui com ela?

— Já trouxe até mesmo minha bolsa, após irmos ao fórum amanhã, vou direto para o aeroporto. Pode ir para casa, fique tranquilo, e vá cuidar da sua grávida, eu irei permanecer por aqui.

— Marina sabe disso? — Augusto adora uma provocação.

— Está ouvindo? — Arthur leva a mão ao ouvido e tento, de fato, ouvir. — Sua patroa está puxando suas bolas lá do apartamento, te chamando de volta pra casa.

— Babaca.

Dois palhaços, às vezes parecem crianças.

— E, por falar dela, tem sorte, a mulher conseguiu a proeza de continuar linda até parecendo uma patinha com a gravidez.

Eu rio do comentário e Augusto me acompanha.

— Muito engraçado, mas que ela não te ouça ou ficará sem o pau. Os hormônios transformaram minha mulher em uma assassina. — Ele se levanta, risonho. — Vou pedir comida chinesa, desejo de grávida, segundo ela. Andem, se juntem a nós. Ah, e mamãe ligou, estão vindo jantar conosco e ver como você está. Ela não se conforma em você não ter ficado lá no sítio. Prepare-se, ela vai tentar te levar.

Rio e fico por instantes sem responder, olhando para eles. Família é algo realmente bom, uma dádiva dos céus e me lembrarei, a partir de hoje, de agradecer a Deus com afinco por tê-los em minha vida. Nada poderia me sustentar em um momento como esse, a não ser eles.



Hoje pela manhã acordei cedo e permaneci deitada, apenas ouvindo Arthur ressonando ao meu lado, dormindo profundamente. Ontem, após comermos, Augusto estava certo, mamãe tentou me levar para o sítio. Eu neguei, dei algumas desculpas e mamãe acabou aceitando. Ficou mais calma com Arthur aqui, dormindo comigo.

Por fim, após mudarmos de assunto, rirmos e falarmos algumas besteiras, acabamos voltando para cá e nos deitamos, não que eu fosse conseguir dormir.

Ainda mais depois da mensagem que recebi de Pedro, me desejando boa noite, dizendo o quanto gostaria de estar comigo, mas que estaria de plantão naquela noite, porém sabia que eu ficaria bem na companhia de Arthur, frisando a necessidade de saber como eu estava.

Também fez questão de frisar, ao final da mensagem, que sabia que eu não lhe responderia, mas, que mesmo assim, queria que eu soubesse que poderia contar com ele para qualquer coisa.

Ele estava errado dessa vez, deixei de lado tudo que repeli, o orgulho, e lhe respondi, com o coração batendo forte como o de uma adolescente. Desejei-lhe boa noite e agradei tudo o que fez por mim, dizendo ainda que poderíamos nos ver, caso quisesse. Pedro não voltou a me responder, provavelmente uma emergência e, pouco depois, oscilei entre um cochilo e outro, deixando de lado o celular.

Mas hoje já recebi mensagens de dona Vera — mal eram 5h da manhã — querendo saber se estou bem. Confesso que, quando ouvi o celular tocar, meu coração disparou ao pensar que era Pedro, mas não era, o que não me impede de lembrar o quanto foi perfeito ontem.

Suspiro, o que me incomoda em tudo isso é o fato de que não atinge só a mim, e sim a todos nós.

Agora estou aqui com Arthur, sentada em frente aos advogados de ambas as partes, esperando por Renato. Ele está atrasado e eu, com medo de ele não vir. Estou nervosa, não nego o receio de vê-lo novamente depois das lembranças que tive.

Nada parece se encaixar, as lembranças que parecem ter voltado não se encaixam nas informações que tive após o acidente. Estou a ponto de uma

erupção, sentada aqui.

Não demora muito para a porta abrir e Renato, em todo o seu tamanho e postura, passar por ela. O homem me olha por breves minutos e sinto um arrepio, lembrando as vezes em que ele já se levantava exatamente com essa expressão, um prenúncio do seu humor, e eu só consigo sentir nojo.

— Boa tarde. Vamos logo com isso, tenho um compromisso! — diz, sentando-se, não me dando um segundo olhar e fingindo não ver Arthur.

Tudo se passa em um momento em que pareço estar aérea. Recordações de nosso casamento, feliz aos olhos dos outros, mas torturante aos meus, passando como um feixe de luz. O casamento, o dia em que achei que tinha encontrando a felicidade e o amor da minha vida. A primeira ameaça, o primeiro tapa, o primeiro castigo... de como ele sentia prazer em me infligir dor com seus objetos, a repulsa me toma quando olho seu rosto e o encontro me encarando fixamente.

Um pequeno repuxar de lábios é o bastante para que eu vire o rosto para o advogado, quando um papel é posto em minha frente. Assino com pressa, notando que até mesmo Renato já assinou e eu nem ao menos percebi, vendo-o levantar-se em seguida.

— Se é isso... — fala e busca meu olhar. — Diga-me, Alice, como foi seu final de semana? Espero que tenha sido satisfatório, espero também que não se arrependa dessa palhaçada, minha querida. Quando nos casarmos novamente, não terá a mesma festa nem o mesmo tratamento, iremos ter algo simples — debocha.

O ocorrido com o carro me vem à mente, a cadeira ao meu lado se move e sou rápida ao agarrar o braço de Arthur, quando se levanta. Não vale a pena o esforço.

— Por favor, não.

— Bom, senhores, se era só isso, eu agradeço a todos, tenham uma boa tarde... e até logo, minha querida.

Vejo-o me virar as costas e, rápido como entrou, sair. Chego a suspirar e me levanto também, abraçando o homem ao meu lado, sentindo toda sua tensão. Minhas pernas estão trêmulas e o gosto que me vem à boca é de alívio, mesmo após ouvir a ameaça velada de que nos casaremos outra vez.

Não, isso nunca vai acontecer.

— Acalme-se, ele não vale a pena e agora eu estou livre!

— Sim, você está — anui, mas seus olhos não desgrudam do homem saindo da sala. — Só não sinto o mesmo alívio que o seu, por não o ver preso.

Novamente ao ouvir isso, me pergunto se eu não agi errado. Não agi, conheço sua maldade.

— Vem, vamos almoçar? Tenho tempo antes do voo... podemos fingir que é uma comemoração.

— É uma comemoração! — exclamo, contente.

Caminhamos juntos, ambos calados. Penso em Pedro, que não voltou mais a entrar em contato e agora nada mais me impede de vê-lo, além de mim mesma. Talvez eu possa confiar. Depois de como me tratou, como se manteve ao meu lado, eu poderia...

Entramos no restaurante pequeno e já lotado, eu, com o coração palpitando, tendo uma perspectiva diferente, talvez. Vendo Pedro, depois de muito tempo, com outros olhos, além da admiração pelo homem que se tornou. As palavras ditas dias atrás voltando à minha cabeça, memórias do nosso beijo apertando meu coração.

Eu quero você, Alice.

— Aquele ali é Pedro?

Ouçó Arthur perguntar e procuro a direção que aponta com o olhar. Perco a fala por minutos, mais uma vez me dando conta do meu engano ao querer confiar em alguém!



Peças, o destino sempre tende a pregá-las em suas vítimas...

A noite no hospital foi péssima e já fazia algum tempo que eu não tinha vontade de enfiar a cabeça de um indivíduo na própria bunda. Sou um homem contra qualquer tipo de violência, odeio covardia, nunca fiz mal a uma mosca. Mas, neste momento, está difícil controlar o impulso de caçar o infeliz do Renato e ensinar a ele uma lição.

E a falta de notícia por conta do celular descarregado só piora o meu estado de ânimo. Sei que ela está bem, dei um jeito de falar com Augusto hoje, mesmo assim, queria estar mais próximo.

Aquela palhaçada de carro sem freio quer dizer alguma coisa, não pode ser apenas um problema mecânico, ratos, ou o que quer que seja, eu sei, sinto isso, mas aparentemente é o que é. Uma perda de freios, que, segundo o mecânico, além do que Bruno nos disse, pode acontecer tanto por falha, quanto por pastilhas de freio gastas, além, claro, de ratos.

Essa falta de algo suspeito não deveria me afetar tanto quanto afetou. Desgraça. Acredito em acasos, sou vítima deles todos os dias em minha profissão ao cuidar de pessoas entre a vida e a morte, mas o que aconteceu com a boneca não foi por acaso e tem o dedo daquele filho de uma puta no meio, tenho certeza, mesmo que os indícios me neguem isso.

Se ele quis assustá-la, conseguiu. Vi o medo estampado na íris esverdeada que tanto amo, vi o alívio em seu semblante ao me abraçar. A vida poderia ter sido melhor para ela, podia ter lhe proporcionado o mundo

bem aos seus pés, eu podia ter feito isso.

Alice merece isso, sem que precise se preocupar com amarras, com um maluco seguindo seus passos. E sabemos que não foi por outro motivo que, de uma hora para outra, Renato decidiu vir para o Rio. Ele a quer de volta, mesmo com o papo do divórcio.

Tento tirar isso tudo da minha mente, tendo a cabeça descansando em minhas mãos, com os cotovelos apoiados sobre a mesa. E o atraso dessa manhã em nada ajudou a me acalmar.

Lidei com uma emergência, que acabou por me segurar por alguns minutos, antes de ir para o tal curso que pais candidatos a adoção têm que fazer. Me ligaram meio em cima da hora para me avisar o local e horário, e isso em nada auxiliou a me preparar. Já comecei mal, estando atrasado e de mau humor, sem nenhuma paciência para nada, com a cabeça em Alice.

Não era para ser assim, isso aqui era pra ser minha prioridade e, se eu continuar como estou, vai tudo por água abaixo antes mesmo de começar, porém Alice também é uma prioridade em minha vida.

Pego o celular, esquecendo que está descarregado e torno a colocá-lo no bolso da calça a contragosto, olhando o prato de comida intocado à minha frente. Eu o afasto para longe e tomo o suco de maracujá, que descansa sobre a mesa.

Permaneço preocupado com o que esperam de mim nesse curso, com Camille e Alice, e isso é algo que tira até mesmo minha fome.

Queria vê-la, falar com ela, abraçá-la, só saber que ela está bem e me pergunto até quando isso pode durar, esse medo e receio sobre o bem-estar dela e de como venho pisando em ovos com relação à minha vida pessoal, desde minha ida ao fórum para dar entrada nos papéis de adoção.

Respiro fundo e olho por cima do ombro com rapidez, quando um toque aveludado permeia meu braço por cima da camisa social vermelha.

— Que coincidência, amor, o que faz por aqui? Está bem longe da fazenda, peão.

Helena me surpreende com sua voz aveludada e me levanto para cumprimentá-la.

— Não sou só peão, Heleninha, apesar de ter certa predileção pelo ofício. — Sorrio e a tenho em poucos segundos em um abraço íntimo e demorado.

— Posso até mesmo dizer que me esqueci disso, já que não faz mais questão de me atender ou de... — ela olha para os lados antes de se aproximar, colando seu corpo ao meu, aproximando os lábios finos do meu ouvido — me comer.

Sorrio, pela primeira vez sem jeito, confesso. Tenho a evitado desde o último encontro, alguns meses atrás, em que o tempo todo em que a fodi, não era ela que estava em meus pensamentos.

Não é justo com ela, chega a ser sujo. Sexo sem compromisso não nos dá direito algum sobre o outro, mas, além disso, somos amigos e, quando estou com alguém em minha cama, é com essa pessoa que quero estar. Essa entrega tem que ser total quando estamos entre quatro paredes e ter outra mulher em minha mente não é algo justo.

— O tempo anda realmente curto.

— Eu não estou ouvindo isso. Não de você, como assim? Em outros tempos, eu estaria sendo arrastada por você em direção ao banheiro público deste lugar, sendo fodida com força contra uma parede qualquer — diz, baixinho, de forma sexy e sussurrada.

Não é mentira e a ideia de tê-la exatamente assim faz meu pau ganhar vida dentro das calças. Helena não poupa seu olhar de cobiça nessa direção.

— Acontece, talvez a idade? — Rio ao falar e a vejo gargalhar comigo, chegando a jogar para trás a cabeça com fios loiros, impecavelmente bem penteados.

Uma mulher bonita, elegante e delicada. Corpo voluptuoso, com belas curvas e peitos fartos. Um rosto quadrado esculpido com esmero e emoldurado por belíssimos olhos azuis e lábios finos, rosados, tendo os cabelos loiros e lisos abaixo dos ombros. O que não tem em altura compensa com salto alto, o que lhe dá certa altivez, algo que tem de berço, sendo filha de quem é. Helena é a filha mais velha de Lauro, chefe e sócio do hospital em que trabalho.

— Sabemos que esse não é o problema, Pedro. Sejam sinceros. O que

é? Enfim se acertaram? — pergunta, nunca a enganei, ela sempre soube que Alice era a dona do meu coração, sempre foi.

— Não, Lena, não nos acertamos e nem sei se vamos. — Fico desconfortável e olho o relógio. — Agora tenho que ir, estou com horário a cumprir.

— Ok. Bem, eu sei que não terei hoje uma foda bruta, como só você sabe fazer para me saciar, mas um beijo...

Não esperava e, quando sua boca encosta na minha, meu corpo a repele. É como se eu estivesse traindo Alice, ou a mim mesmo, e a afasto. Minha resposta é quase instantânea, fazendo com que me olhe, surpresa. Se não fosse outra mulher tomando conta de meus pensamentos — e por que não dizer sentimentos — talvez eu fizesse como Helena sugeriu e a fodesse sem delicadeza, como gosto e como tanto quer, mas não é o caso. Estou preso a Alice, mesmo que nada tenhamos de concreto.

— Melhor não, Helena, se quero algo com Alice e eu quero, sempre quis, é melhor pararmos.

Ela se afasta, séria, e em seguida sorri, faceira, enquanto passa a ponta do dedo esmaltado de preto em minha boca, limpando resquícios do seu batom, enquanto arruma a bolsa em seu antebraço.

— Ela tem sorte em ter o seu amor, sabia? E tudo bem, seremos amigos e só, agora vamos? Eu também já almocei, te acompanho até a saída.

— Claro, vamos.

Espalmo minha mão em suas costas esguias por puro instinto e a conduzo até a saída do lugar. Me despeço e vou para o meu compromisso do outro lado da rua. Antes de atravessar a faixa, paro de súbito no meio da calçada ao sentir um perfume doce, bastante conhecido. Olho em volta, na rua, mas não tem nada, nenhum resquício da ruiva arredia. Devo estar ficando louco!



Já é noite e chego em casa me sentindo como se tivesse sido atropelado por um trator de carga. Ligo a porcaria do celular na tomada, louco por

notícias dela. Pensei em passar em sua casa, mas achei melhor dar tempo a ela, espaço. Foi coisa demais em tão pouco tempo.

Vou em busca de Mag na cozinha, que está vazia. Abro o micro-ondas, encontro um prato com comida, já pronto, me esperando, e me ponho a comer, sentado sozinho na grande mesa disposta na área. Estar sozinho nunca me pareceu ruim, mas hoje o canto longínquo dos grilos ao redor da casa traz uma solidão desoladora ao meu peito.

Já senti algo assim, anos atrás, quando ela foi embora para Londres e minha mãe me deixou meses depois, perdendo a batalha para o câncer. A comida amarga em minha boca e afasto o prato para longe, perdendo a fome.

Me levanto, jogo a comida no lixo e lavo o prato, deixando a cozinha como estava, limpa. Me sirvo de suco de goiaba e volto ao meu quarto, pensando no dia que se passou e em ligar para ela, saber como foi seu dia, como foi ter que olhar novamente para aquele crápula e se correu tudo bem.

Enquanto fecho as portas, penso no meu compromisso mais cedo, o tal curso não foi ruim, pelo contrário, aprendi muito nas horas em que estive ali. Foi realmente útil saber como devo lidar com a adoção e me convencer de que estou mesmo pronto. Não há dúvidas. Só queria ter saído mais cedo, para ter tempo de ir ao orfanato ver Camille. Estou em falta com ela. Mais um domingo em que a menina deve ter me esperado e eu não apareci. O urso de pelúcia, que comprei alguns dias atrás para ela ao passar por uma loja perto do hospital, ainda está no banco de trás do meu carro, esperando sua pequena e falastrona dona. Sorrio, sozinho.

Agora é esperar e tentar manter a calma. O que se torna difícil quando sei que ainda terei uma entrevista com uma psicóloga e uma assistente social, o que será decisivo, e estou nervoso desde já.

Uma vibração sobre o colchão chama minha atenção e pego o celular, que já está ligado e lotado de mensagens, mas meu foco é um só. Procuro o nome de Alice, me surpreendendo ao ver uma resposta dela no aplicativo de mensagens, que foi apagada tempos depois por ela mesma, não só uma, mas três. Então mando outra mensagem, tendo a esperança de ser respondido. Se essa merda não tivesse me deixado na mão...

Boa noite, Boneca. Tudo bem? Quero muito saber como está, como foi

seu dia?

A mensagem é entregue, ela está *online*, mas não visualiza. Mas uma pequena esperança e culpa pelo maldito beijo dado por Helena mais cedo enchem meus pensamentos. Mas nem chegou a ser um beijo, correto? Ao menos, não foi correspondido. Desgraça!

Fico olhando o aparelho em minhas mãos, esperando como a porra da merda de um adolescente esperando a primeira foda, ansioso e apreensivo.

Mas, como eu já esperava, a resposta não vem, acho que voltamos ao início novamente. Terei de, mais uma vez, recorrer a Augusto para saber como ela está depois de tudo. Eu a quero, quero de verdade, e vou lutar por isso, só que, às vezes, penso que pode ser demais.

O celular toca em minha mão e atendo de pronto.

— Estava de guarda?

— Claro que sim, meu ponto alto da noite é ouvir tua voz sexy, seu filho da mãe... — Ouço Augusto rir.

— E aí, como foi? — pergunta, interessado.

Só contei para Augusto e Mag o fato de querer adotar uma criança. Ele estranhou, me fez um milhão de perguntas e, por fim, ofereceu apoio, falando o quanto a paternidade era transformadora, acreditem, se quiser, e eu acredito, vi isso acontecer com ele.

— O que eu digo? Nunca fui em um curso para adotantes, não faço ideia se fui bem ou não, princesa. Mas foi instrutivo. — Sou evasivo, indo por outro caminho. — Como está a draga da tua irmã?

— Fico feliz que esteja bem, quanto antes agilizar tudo isso, mais rápido a menina estará com você. Vai ser um bom pai, Mamute.

— Sério, cara, declarações a essa hora da noite? — Acho graça, ele não é bom com isso, demonstrar sentimentos, acalmar pessoas, mas tem melhorado drasticamente. Acho que é o efeito Cristine em sua vida.

— Não começa e, respondendo à sua pergunta, Alice está bem. Acho que ela não te contou a novidade... claro que não contou e, sendo assim, serei o portador da boa nova. — Ele parece animado ao falar isso. — A Porcelana assinou o divórcio hoje.

Mudo, fico surpreso, o coração querendo parar e permaneço na linha por uns bons segundos sem nada a dizer. Em nenhum momento, enquanto estivemos juntos, ela falou sobre isso, apesar de termos tocado no assunto por vezes a fio após falar com Arthur e voltar para a casa de meus tios, enquanto tentávamos dar uma solução óbvia ao que tinha acontecido naquele domingo.

E por que ela contaria? Nada mudou, ela estava apenas aflita e me viu, naquele momento, como seu herói. Talvez tenha sido gratidão, apenas. Sorrio, em desgosto, a mulher está decidida a me ter longe, mas isso é um fato que eu quero mudar, se ela deixar. Preciso estar presente, mostrar que estou aqui por ela, que a quero.

Mas como fazer isso sem parecer um babaca insensível filho da puta? Sem parecer que estou forçando algo? Droga, por que não pode ser mais fácil?

— Não, ela não me falou. Mas como foi? Ela o viu? Foi tudo bem? Alguma fala que tenha dado munição às nossas desconfianças? — E meu coração está desesperado no peito, não sei se por saber que ela está realmente livre ou pela raiva ao mencionar a presença do desgraçado.

— Nada, foi tudo bem. Pelo que soube, nem mesmo parecia o desgraçado.

Fico surpreso, sem articular nada.

— Nem sei o que dizer, não esperava por algo assim... — Um suspiro cansado na linha, mas seu timbre é contente, mais que isso. — Bom, estamos todos aqui em casa, esperando apenas mamãe e papai chegarem para comemorarmos. Ah, acabaram de chegar, vem pra cá.

Paro, pensando se é o melhor a fazer, apesar do meu corpo ter acabado de se sentar na cama, já pegando as botas no canto para calçá-las. A quem quero enganar? Estou maluco para vê-la, ter a certeza de que está bem, preciso disso.

— Estou indo, chego em um minuto!

Alice

— A melhor parte foi você tentando fazê-la parar de chorar! — Arthur relembra, entre o riso, a todos nós, enquanto falamos de nossa infância na mesa de jantar.

— Já imaginou se mamãe tivesse visto? Estaríamos mortos!

— O papai era muito sapeca! — Cathe solta a pérola e nós rimos da menininha sorrindo ao olhar seu pai, que segura seu nariz.

— Não ouse fazer isso, mocinha! — Ela poderia levá-lo a sério se ele conseguisse dizer não a ela.

— Ainda bem que sabe que estariam mesmo — mamãe confirma a fala de Guto e voltamos a rir, sua voz dando ênfase ao quanto era severa. — Mas onde já se viu? Jogar sua irmã mais nova na cachoeira para o outro idiota aparar? E se a correnteza a levasse? — branda, ficando realmente brava ao saber, já que até então era um segredo nosso, entre irmãos. E, negando com a cabeça, ela dá um tapinha em Augusto e papai sorri ao seu lado, não conseguindo segurar. — E você ri?

— Meu amor, já estão grandes... Deixe-os, minha velha — papai diz, tranquilo, ela bufa em resposta e voltamos a rir na mesa.

É um momento familiar e estou aqui, mergulhada no presente, amando tudo, essa interação, esse cuidado e amor, sendo imensamente grata a Deus por eles, por tê-los em minha vida.

Só não é mais perfeito, pois, mesmo me sentindo extremamente feliz aqui, agora tem Pedro, que não deixa meus pensamentos e que... Não, não vou falar disso.

Além disso, Marina, namorada de Arthur, que eu deixo claro não gostar, está aqui, toda trabalhada no glamour. Os cabelos negros que geralmente são lisos e escorridos estão em cachos soltos, realçando sua pele. Ela é realmente uma mulher bonita, apesar de um nojo de pessoa, e não é exagero meu, ou ciúmes do meu irmão, não é. Ela é mesmo insuportável. Um exemplo?

Imagine que ela chegou a criar uma situação realmente ridícula ao negar que Cathe, uma criança adorável, a chamasse de tia e não foi de forma gentil, deixando a criança e todos fora do lugar. Augusto até tentou se segurar na ocasião, mas explodiu com ela e, no fim, ninguém reclamou. Achei até

que não viria hoje. É muita cara de pau.

Ainda assim acham que exagero? Tudo bem, ainda verão com seus próprios olhos. Marina é *digital influencer*, crescendo cada vez mais nesse meio, e é modelo. Isso combina com ela, alta, pele clara, olhos cor de avelã e um ranço de pessoa. Às vezes, me pergunto como meu irmão a atura.

— Não vai dizer nada? — Augusto me pergunta, ainda rindo, tendo Cristine, minha cunhada, ao seu lado. E me dou conta de que tenho os olhos úmidos de emoção. Estou livre...

— Dizer o quê? Que vocês são os melhores irmãos que alguém poderia ter, mesmo tentando me afogar? Sem falar nos meus pais... — Olho-os, são os melhores. — Eu não poderia ter escolhido melhor, obrigada por tudo que fazem por mim, por me segurarem quando caí e por, sempre, me levantarem. — E com isso a mesa se cala, todos olhando para mim.

Sorrio, emocionada, feliz, completa, ou quase. Dado que... ele, vocês sabem quem estragou parte de toda a beleza que foi alcançar minha liberdade. E um bufo, algo fora do contexto, chama minha atenção em meio ao silêncio, não só a minha, como a de todos.

Veio de Marina, minha adorada cunhada que, sem tirar o olho da tela do celular tem o cu na cara, tocando o braço do namorado ao lado, sem nem olhar para ele.

— Querido, não acha que já está na hora de irmos? Não aguento tanta hipocrisia e, convenhamos, está pingando isso aqui.

Mas o que...

Olhamos todos para ela, perplexos, o rosto de Arthur, que antes estava risonho, se fechando ao escutá-la.

— O que quer dizer com isso, Marina? — Desconheço até mesmo o meu tom, calmo, quase um sussurro, minha pele se arrepiando só por olhar sua cara abusada.

Não tenho paciência para essa mulher, nunca tive, e ela escolheu o dia errado para tentar suas gracinhas.

Ela é impedida de responder, o momento se partindo quando a campainha da casa do meu irmão toca, quebrando o silêncio da mesa, está tão

quieto que posso ouvir meu coração bater forte no peito, sabendo que sua indireta veio para mim.

— Enfim, Porcelana — Augusto começa, se levantando e tirando o foco do que acaba de ser dito —, nós te amamos e não precisa agradecer. Agora vou atender a porta, deve ser Pedro.

Quem? Minha raiva por Marina é tirada de foco quando ouço esse nome.

— Oi? Pedro?

— Sim, avisei para ele que estávamos aqui e o chamei.

Paraliso, vendo-o sair em direção à porta para atendê-la. Sinto meu rosto queimar, sentindo a provocação, não que seja intencional, sei que não foi, mas não posso controlar.

Ainda assim, quero me levantar da mesa, dizer que o mande embora ou eu vou, que não suporto olhar sua cara cínica de bom moço. Mas como fazer isso e explicar esse meu rompante à minha família depois? Que merda!

Por que ele o chamou? Era para ser um momento meu, com minha família e só. De repente, o que eu não quero relembrar vem à mente, como tem sido desde que o vi naquele restaurante, com a boca em outra mulher.

Engulo em seco, ouvindo sua voz atrás de mim, ele se aproximando e cumprimentando as pessoas, enquanto eu nada digo, nem levanto o meu olhar sequer. Quando o faço, minha cunhada tem os olhos em mim e parece tentar entender minha reação. Sorrio, fraco, tentando esconder o que sinto. Estou acostumada a fazer isso, tenho praticado muito desde que voltei.

Já Arthur, o único que entenderia meu surto, está ocupado demais falando baixo com Marina e, por sua expressão e a dela, não é nada bom.

Por azar, o lugar ao meu lado na mesa está vazio e não demora a ser ocupado por ele, Pedro, que busca minha mão estendida sobre a mesa, chamando minha atenção para que foque em seu rosto. Eu o faço, não posso evitar, e os olhos azuis luminosos, parecendo radiantes, estão presos em mim, só em mim, combinando com o sorriso perfeito, com dentes alinhados, as covinhas seguidas por um furinho lindo no queixo que derreteria meu coração. Sendo sincera, ele não precisaria fazer muito para derreter meu coração e encharcar minha calcinha, não depois de como me tratou no

domingo.

Só que me dou conta de que ele não causa esse efeito só em mim, mas em todas à sua volta e sabe disso. Hoje, ele me cortou mais uma vez, me mostrou que não posso confiar nele, em ninguém. Tento não bater nessa cara cínica, tão... afetuoso. Droga!

— Parabéns, estou feliz por você, de verdade. Mais ainda por saber que agora está completamente livre.

Ele não termina a fala, mas seus olhos continuam o que ele queria dizer: *para mim*. Meu coração traidor quer pular em suas mãos, mas eu nego, magoada, machucada por acreditar, por pensar em me entregar a ele, dizer a verdade, que estava pensando em tentar. Puxo minha mão da sua e o surpreendo com a brutalidade que uso, não só no gesto, mas em meu rosto.

— Obrigada. Mas, Arthur, não ia voltar hoje para São Paulo? — Mudo de assunto, olhando para qualquer lugar, menos para ele.

— Sim, ia sim, mas...

— Mas, aparentemente — Marina o corta —, sua vida agora, assim como a de todos nessa mesa, gira em torno da caçula da família Ribeiro. Já percebeu que não parou só sua vida? Parou a de todos? Não se envergonha por isso?

Paro, abrindo a boca em O, surpresa. Já disse que a verdade dói? Sim, ela dói e muito, ainda mais dita dessa forma, e eu nem sei o que responder. Vou tomando a noção de tudo, engolindo a surpresa e a revolta tomando todo o meu corpo. Eu aceitaria essas palavras, de verdade, entenderia... isso se fossem ditas por qualquer um aqui presente, com exceção dela. Ah, ela não, moral para isso essa vaca não tem.

— Marina! Surtou? — Arthur ruge ao seu lado, segurando seu braço, e a mulher sorri.

— Surtei, surtei, sim. Talvez porque meu namorado, que deveria estar mais comigo, na nossa casa, fica usando a irmã de desculpa para não estar presente, para dormir fora, por exemplo.

— Não é hora para isso, você prometeu! O que pensa que tá fazendo?

— Prometi? — Ela me olha, o veneno escorrendo do canto de sua boca.

Cobra dos infernos! — Oh, te magoei, Porcelana? Me desculpe. — O deboche não cabe nela, olhando diretamente em meus olhos.

— Acho melhor se conter, Marina. Não, acho melhor pôr-se daqui para fora. Pois, caso fale mais alguma coisa, por menor que seja, não respondo por mim e não vai ter consideração no mundo por meu filho que irá me segurar de te arrastar daqui e te jogar por aquela janela.

Mamãe é quem diz, levantando a voz enquanto todos estão estáticos, assustados com a explosão dela. Meu coração está quase saindo pela boca e a vejo levantar, bem à minha frente, espalmando as mãos na mesa, olhando diretamente para mim. Ela não tem limites, ao se negar a ir embora, quando Arthur tenta puxá-la.

— Talvez, não sei... isso tudo que te aconteceu foi para pagar algo que fez na vida passada, ou nessa. Isso é carma!

Não estou em mim e pego o copo cheio de suco ao meu lado, jogando em sua cara.

— Ficou louca? — grita e eu rio.

— Louca? Você não viu nada.

Me levanto, a cadeira indo ao chão e avanço para cima da mesa, derrubando talheres e travessas vazias, algo caindo e se espatifando no chão, mas nada me para. Agarro seus cabelos com ambas as mãos como se minha vida dependesse disso, puxando-os e trazendo-a parcialmente para cima da mesa. Estou possessa, cega, sem ver nada à frente, só ela e meu ódio, que me faz querer afogá-la em um sanitário.

Ela grita e esperneia, mas não a solto, ou melhor, só libero uma mão, apenas para acertar seu rosto ridículo.

— Me respeite, sua cobra venenosa, naja infernal. Lave essa boca com sabão antes de tocar no meu nome, antes de falar o que não sabe! — esbravejo.

Suas mãos seguram meus punhos, tentando me fazer soltá-la e a essa altura o circo está armado. Claro, diria que até demorou.

Braços me seguram, enquanto Augusto gruda em minhas mãos, tentando fazer com que eu a solte.

— Pare, Alice. Não que ela não mereça, mas não vale a pena! — grita para se sobressair ao desespero dela, ou ao meu, não sei, e eu mal o ouço, enquanto Arthur a segura, tentando impedir que eu arranque seus cabelos, olhos suplicantes para mim.

Sou arrancada para longe dela, fios de cabelos vindo em minhas mãos, sendo suspensa do chão enquanto bato em quem me puxa para longe, esperneando e vendo todos sem reação ou segurando-as. Enquanto Cathe está com a mãozinha na boca, os olhos divertidos. Isso aí, minha garota, a titia está se vingando por você.

Bato nos braços de quem me leva, preciso voltar lá, eu não terminei.

— Me solta, vou ensinar boas maneiras a ela. Estou com sede de vingança desde que destratou o meu doce de coco, me solta! Se eu te pego, sua bruxa, arranco esse teu reboco na unha, sua vadia desalmada dos infernos! — ameaço, aos berros, vendo papai pedir calma e mamãe fingir que não gostou do que fiz.

Sou levada até a sacada, vendo Cristine vir atrás, dando um risinho em minha direção e fechando a porta da sacada. Por fim, alcanço o chão novamente, sendo liberta, e quando olho para quem me trouxe, a raiva só cresce.

— Por que me tirou de lá? Eu precisava disso, sabia? Precisava matar alguém! — Alguém que não seja você, cínico safado.

Esbravejo e ele me observa com o rosto fechado — ou tenta, pois um sorriso começa a se mostrar.

— E ela merece, sabia? — concorda, rindo abertamente dessa vez. — Eu queria te dar mais tempo, Boneca, mas não tinha como retardar mais, eu até tentei.

Paro, encarando-o. Bonito, calça jeans e camisa xadrez verde. Levo as mãos à cabeça, tentando conter a confusão que sinto aqui dentro, raiva dele, me sentindo traída por ele, pelas mentiras que me contou, a promessa ainda feita no elevador, dizendo que me queria. Bufo, as lágrimas vindo, mas voltando na força do ódio, pois as seguro. Cansei de chorar.

Nada digo, não quero, cansei disso, estou ficando exausta de decepções. Levanto o rosto para o céu escuro, tentando me acalmar.

Hoje era para ser um dos dias mais felizes da minha vida. Não, ainda estou feliz, muito, estou livre, porém... o que ele fez afundou meu coração.

— Alice, se acalme, ainda conseguiu dar um bom corretivo nela — fala e tenta me tocar, mas nego, me afastando. — Boneca, sou eu.

— Eu sei, é exatamente por isso, Pedro. Porque é você. — Seus olhos vacilam, confusão, talvez, e vou até o parapeito, segurando a barra de proteção.

— Não diz isso, Alice. Eu estou aqui pra você, por que não acredita em mim? Boneca, preciso que confie, eu não menti. O dia foi um inferno, eu estava louco pra te ver, pra saber se estava bem, tocar em você e me certificar disso... — Nada digo e ele continua: — Fiquei esperançoso por, ao menos, ter me respondido, achei que... algo tinha mudado, mesmo que tenha apagado em seguida.

Sorrio, sem controlar a risada sem humor, olhando para ele.

— E mudou, mas você estragou tudo logo em seguida, pois nunca consegue se segurar.

— Alice...

Nego, levantando minha mão e fazendo-o parar.

— Não, agora não. Hoje era o meu dia, sabia? Um dia perfeito, um dia que sonhei tanto em conseguir e a sensação foi única... mas agora essa cobra conseguiu manchar tudo isso, nosso momento em família, e ainda tem você, é claro. Não continue tentando afundar ainda mais as coisas, me deixe, por favor — peço, voltando a olhar para a escuridão à frente, sem conseguir mais olhar seu rosto, sua expressão ao ficar sem palavras.

Ele se aproxima, sua mão alcançando a minha no mesmo momento que a porta da sacada se abre. Puxo-a de seu agarre e me viro, vendo a minha cunhada parada na porta, séria, até nos olhar e estourar em uma gargalhada alta, verdadeira, o rosto corado enquanto segura a barriga de gêmeos. Fico olhando para ela, a tremedeira ainda em mim, mas, quando me lembro da cena, acabo acompanhando-a no riso solto.

— Você é minha cunhada favorita e não é por ser a única. Mas aquilo foi... menina, você lavou minha alma! — Ela se aproxima, segurando meus ombros e me beija o rosto. — Agora vem, ela já foi. Vamos continuar porque

agora temos um motivo ainda melhor para comemorar: o modo como calou a boca da naja.

Sorrio, respirando fundo, jogando Pedro para o lado em minha mente e vida, ainda olhando para ele ali, parado, olhos suplicando algo que não entendo, não quero entender, enquanto vou sendo puxada pela mão por uma Cristine contente. O sentimento é único, ainda assim, meu coração dói.



O medo da perda pode estragar tudo, muito antes do momento certo.

Três dias se passam entre trabalho, noites insones e uma visita rápida para Camille, mas nada de Alice. Nenhum sinal, por mais que eu tenha tentado e, com isso, tenho usado seu irmão e meus tios para ter notícias dela. Como um viciado buscando migalhas de sua droga favorita.

Não entendi nada na noite em que fui à casa de Augusto. Nada do que disse fez sentindo, nada. Estava certo de que algo estava mudando, que eu estava se tornando seu amigo, pois eu juro que aceitaria qualquer migalha que ela pudesse me dar, por menor que fosse, só queria estar perto, seja lá como ela quisesse.

Mas não, entendi tudo errado. Na verdade, naquela noite, entendi que, por algum motivo, retrocedi várias casas nesse jogo, não importa o que eu faça, quanto tente, ela simplesmente me bloqueou por completo e ainda não sei o porquê, estou perdido.

Durante seu casamento, eu sabia que era o idiota ciumento do marido, após ele... ela simplesmente se fechou pra mim.

E agora, já quase 11h da manhã, estou sentado em uma poltrona de couro preta, em uma sala espaçosa, em frente a duas mulheres. Uma jovem até, de aparência bonita, usando um vestido social azul escuro, acredito que não tenha mais que 30 anos e outra bem idosa, que eu diria que já passou da idade de se aposentar.

A senhora em questão veste uma saia longa, rodada, e uma blusa amarela de mangas, e me olha de forma assustadora através dos óculos fundo de garrafa. O cabelo negro com alguns fios brancos, curtos, roçam os ombros e desvio o meu olhar do dela, me sentindo intimidado.

A tal entrevista com a assistente social foi marcada, até rápido demais, eu diria, o que me faz questionar se Arthur não tem nada a ver com isso, dado que desconfio que Augusto comentou algo com ele e pediu ajuda para que o processo fosse mais rápido. Cheguei há pouco e estou nervoso, tremendo mais que palha de coco em tempo de chuva.

Paê, como chamava o homem que me criou, se me visse agora, me mandaria virar homem. Seguro o riso ao pensar nisso. O homem me faz falta, mas a questão aqui não é medo, é apreensão de não conseguir ser aprovado.

— Como vai, Pedro?

A mais jovem, que se apresentou por Mariana, me pergunta. Sei que ela é a psicóloga, então a senhora ao seu lado é assistente social.

— Bem, muito bem.

— Que bom. Está nervoso?

Seria uma puta mentira dizer que não e prefiro ir pela verdade, não adianta muito mentir, já que devo estar até mesmo amarelo.

— Bastante. Pra ser sincero, não sei o que esperar, como me comportar.

— Não se preocupe. Exponha seus pontos, quem realmente é, seus planos futuros e tente se acalmar. É só uma conversa, o foco aqui é conhecer mais de você.

Sei... só uma conversa que pode me fazer voltar algumas casas nesse processo, penso, mas não externo isso em palavras.

— Cadê sua mulher, meu jovem? Não pôde vir? — a senhora sentada confortavelmente em sua cadeira me pergunta.

Eu a olho, tendo uma sobancelha levantada, sem entender aonde quer chegar, já que tem minha ficha na mão e sabe que sou solteiro.

— Não sou casado. Dei entrada no processo de adoção como pai solteiro, senhora.

— Hum... solteiro?

— Sim!

— Esse povo de hoje em dia... tem cada uma — diz e nega com a cabeça. — Tem uma namorada? Noiva, ao menos?

Eu a encaro, me lembrando do que Gabriel me disse ainda ontem. Que eu poderia pegar uma assistente ou um juiz que acredita que uma família só pode ser formada por um homem e uma mulher e que a ideia de escolher ser pai solteiro é um absurdo. Uma visão machista sobre família e, aparentemente, estou em frente a uma dessas pessoas.

— Francisca, vamos com calma, iremos chegar lá. Deixe que ele fale um pouco de sua vida particular e depois entremos nesse assunto, o que acha?

— Tem razão. Então nos fale um pouco sobre você, rapaz, seus planos e anseios.

Que porra é essa? Me pergunto, a velhinha está me encarando como se fosse me engolir a qualquer momento, sendo seu intuito me fazer sair daqui correndo. Foco minha atenção em algo que não seja a senhora um tanto assustadora chamada Francisca e, como pediram, começo a falar de mim. Onde moro, a profissão, o que espero da vida, e tenho o cuidado de incluir Camille em cada detalhe. Falo um pouco sobre meus pais, se considero que tive um lar saudável e meus gostos. Perguntam sobre parentes vivos e dou praticamente um resumo dos meus 34 anos vividos e de uns 40 a longo prazo.

— E como chegou à adoção? O que te levou a essa opção?

— Sou colaborador em muitos orfanatos da cidade já há alguns anos. Em especial o Santa Tereza e foi lá que conheci Camille. Me encantei pela menina sete anos atrás e agora quero tentar adotá-la.

— Tentar? — A senhora me pergunta. — Não tem certeza, então?

— Me desculpe, me expressei mal. Quero adotá-la, quero muito.

— Entendo, então já tem até mesmo uma criança em mente? — Mariana pergunta calmamente.

— Sim, tenho. Camille foi abandonada e levada ao orfanato quando era um bebê de apenas meses, foi quando a conheci e, desde então, nutri um carinho especial por ela.

— E nesses sete anos, por que só agora?

Isso soa como a porra de uma pegadinha e os olhos experientes sobre mim parecem os de um gavião preste a dar o bote em sua presa. Cadê o papo de me deixarem à vontade?

— Não queria privá-la de ter uma mãe e um pai, um lar completo. Por isso eu quis dar uma chance para que fosse adotada por uma família tradicional, mas o fato de ela possuir uma cicatriz por ter nascido com fenda labial acredito que a tenha impedido de ser escolhida.

— Então concorda comigo que ter uma mãe nessa equação é essencial, Pedro? — Francisca pergunta, dando um sorrisinho de canto.

Merda, por que tenho a impressão de que acabo de me afundar?

— Não, não foi o que eu quis dizer...

— E o que mudou agora? Depois de sete anos, acredito que algo o fez tomar a decisão de adotar a menina. Teria agora uma namorada que também pretende amar essa criança? Ou quem sabe uma noiva... Veja, é o que dar a entender, já que esperou sete anos para adotar uma menina por quem nutre um carinho especial, como disse, por querer dar uma chance para a menina ter uma mãe, além de um pai e agora, já que de repente mudou de ideia quanto a adotá-la, nos dá a entender que enfim pode dar os dois a ela. E, se for isso, deixe-me dizer que tem minha admiração.

— Francisca... — A psicóloga chama, com certa repreensão na voz.

A velhinha de aparência inofensiva parece ter até dobrado de tamanho e está pronta para engolir minhas bolas. Perco algum tempo engasgado com a pergunta. Sem saber o que dizer. Só há uma resposta, a óbvia, a verdade de que não tenho ninguém. Mas isso está preso em minha garganta, pela ideia de estar perdendo a chance de conseguir adotar minha menina, porque já a considero minha. O inferno congelaria antes que eu perdesse essa chance.

Não vou dar margem para que façam uma procura por minha vida nos últimos anos e descubram meu gosto ávido por uma vida um tanto boêmia.

— Sim, é exatamente isso. Tenho uma namorada, estamos praticamente noivos e eu não quero esperar até o casamento para dar entrada na adoção e, por isso, decidi dar entrada no processo como pai solteiro, mas tenho o total apoio de minha noiva nessa decisão — falo, rápido, sem pestanejar, e sou

analisado.

— Esse relacionamento é longo, rapaz?

— Cerca de dez meses. Tivemos um envolvimento no passado, mas éramos imaturos demais para ir adiante, agora que nos reencontramos, tivemos a chance de viver esse amor. — Como eu queria não estar mentindo e até me surpreendo com a facilidade que essa mentira pula da minha boca com tanta convicção. — Minha futura noiva não pode ter filhos, então a adoção é nossa opção, estamos muito contentes com essa possibilidade.

Desgraça, Alice não vai me perdoar por isso!

— Sei — diz, enquanto anota algo no papel. — Já estão morando juntos? Pretende causar confusão na mente da criança com tudo isso? Digo, sem saber qual é sua residência fixa?

— Não, de forma alguma, já estamos morando juntos.

Que diabos eu estou fazendo? Entrei aqui em busca de uma resolução e sairei perdendo qualquer mínima chance de adotar Camille com essa mentira. Pois uma hora terei que dizer a verdade, essa não é uma mentira que eu posso sustentar.

— E qual o nome de sua noiva?

— Alice, ela se chama Alice.

— Certo, então, nos conte mais sobre Alice...



A raiva tende a nos cegar diante do óbvio!

Descarto caixas e mais caixas de papelão, uma dentro da outra, a fim de dá-las para a reciclagem depois. Acabei de receber algumas compras que fiz pela internet e estou namorando-as como uma criança eufórica, claro, seria mais fácil levá-las lacradas para o espaço, mas eu estava curiosa para ver tudo.

Sendo assim, estou separando alguns enfeites de vidro e acrílico para distrair minha ansiedade e porque alguns irei deixar aqui e outros levarei para o estúdio, junto da luminária ainda embrulhada ali, em um canto do apartamento.

Vou colocando tudo sobre o balcão de mármore que separa minha cozinha da sala e descartando as caixas de papelão em seguida, organizando por tamanhos. Tenho problemas com organização, já disse isso? Não? Esse é um fato importante sobre mim.

Gosto de tudo minuciosamente organizado e tenho suado com os últimos detalhes do estúdio, preparando tudo e tentando ocupar a mente, pois assim, quando, por fim, paro e encosto a cabeça no travesseiro, não me sobra tempo ou disposição para pensar, não sobra tempo de chorar.

Sem falar que isso aqui me tira o foco do que vem querendo consumir

meu coração. Eu sei, eu nem deveria ligar, não é? Não tínhamos nada, o problema é que, ao contrário do que neguei, meus sentimentos são profundos.

Aquela alegria eufórica que senti após o divórcio foi ofuscada pelo que vi no restaurante e, aparentemente, meu coração tem sentindo o impacto disso. A reunião comemorativa que fizemos atenuou parte do que senti naquele dia no restaurante, me mostrou o quanto sou amada, o quanto os amo, mas aqui, sozinha, tudo volta, a solidão aperta, a carência sufoca. Tudo porque fui idiota, que idiota eu fui por acreditar, sentir que poderia tentar algo com ele.

Apesar do alívio presente em mim por me livrar do infeliz, que ainda parecia ter sua coleira em meu pescoço, ao menos no papel, o beijo e a intimidade que presenciei naquele dia entre Pedro e Helena jogaram no chão qualquer esperança ou conjectura que eu pudesse ter sobre as palavras mentirosas ditas por Pedro dias atrás, ou até mesmo há três dias. A raiva me consumiu por dentro, não, ainda me consome, e toda a mágoa voltou, assim como o ciúme.

Eu tentei não dar importância diante de Arthur, continuamos no restaurante, sentados no canto, e eu tentei, tentei mesmo disfarçar que meus olhos não queimavam por lágrimas que vinham sem minha permissão e me odiei por isso. Permiti que, por mais que falasse não, meu coração nutrisse sentimentos às escondidas.

Só consegui de fato me recompor, após ir ao banheiro e deixar algumas lágrimas escorrerem por meu rosto e lavá-lo. Bem, ao menos agora eu sei que nada mudou, e o conto da carochinha já não me engana. Agora é vida nova, tudo novo!

— Ei, garoto, você não pode entrar aí — falo e me abaixo, tentando tirar o gato pequeno e peludo de dentro da caixa de papelão. — Anda, Tutu, sai daí.

Resgato o bichano amarelo, que me olha, carinhoso, e o coloco aos meus pés. Tutu é o nome que eu e Cathe demos a ele assim que Augusto a presenteou com essa bolinha de pelo, quando ainda estava internada no hospital, esperando um milagre.

— Não come nada aí ou seu avô vai me espremer se tiver que te levar

de novo no veterinário por minha causa. Pode não parecer, mas eu prezo muito por minha vida, Tutu, se comporte, mocinho — falo, sentindo-o morder meu dedão do pé, querendo brincar.

Alguém bate na porta e eu olho a bagunça ao meu redor, chegaram cedo.

— Olha aí, estamos a salvo, sua pequena mamãe chegou mais cedo e você não comeu nenhuma besteira ainda. Seu avô não vai me matar, viu? Estamos salvos! — Acaricio sua cabecinha, deixando de lado a caixa.

Os três, Augusto, Cristine e Cathe, saíram para um passeio e deixaram o bebê gato sapeca aqui.

Sorriso e vou em direção à porta, passando as mãos em minha blusa cheia de pedacinhos de isopor, contrastando com o preto. Abro a porta, pronta para ver a família feliz voltando do passeio, sem me apegar a olhar no olho mágico antes, já que foram liberados pelo porteiro. Mais uma batida seca e eu a abro, dando de cara com ele, o homem de quem venho tentando fugir como o diabo foge da cruz, nos últimos cinco dias.

Ele ainda tem a cara de pau de vir aqui? Sêrio? Não bastava ter enviado mensagens? Faça-me o favor, a falta de uma resposta não foi o suficiente?

— Pedro, acho que você errou de porta, a de Augusto é a próxima e ele não está em casa — respondo, já querendo fechar minha porta, sentindo meu coração a ponto de rasgar o peito e pular nas mãos dele novamente, pedindo para ser amado. Coraçãozinho traidor, está sempre com ele, independente do que eu faça.

— Preciso falar com você! — diz, sério, a voz grossa reverberando no ambiente.

— Acho melhor não, estou bem ocupada no momento, acho melhor você ir.

— Espere, não feche! Eu tentei te ligar, mandar mensagem, mas você me bloqueou e eu preciso muito falar com você, Alice. — Preocupado, é como ele me parece. — Eu preciso muito, Boneca.

Fecho minhas mãos em punhos, tentando controlar a vontade de pular neste pescoço grosso, bonito, e arrancá-lo. Eu estou a ponto de esbofetear esta cara grande e ele nem imagina. Claro que não, para ele, a idiota aqui não

viu nada.

— Por favor, Ali!

— Vizinha... Pedro! — Uma voz rouca chama nossa atenção, que pertence a Bruno, meu vizinho gostosão, parado do outro lado do corredor, em frente à minha porta. — Como vão? Algum problema aí? — pergunta, tendo um meio-sorriso nos lábios grossos e vermelhos, coroados por uma barba baixa por fazer.

Ele é um pão. O típico policial gostosão.

— Problema nenhum e estamos bem! — Pedro é quem responde, pouco amigável, até mesmo rude, me fuzilando com o olhar, em seguida.

Talvez porque eu não paro de olhar o peito nu do homem suado, que parece vir de algum exercício físico, a camisa verde jogada sobre o ombro. Perfeito.

— Tá tudo ótimo, Bruno, obrigada por perguntar, e você?

O homem moreno de expressão dura é uma figura de tirar o fôlego. Grande em uma estrutura musculosa de pele bronzeada, com tatuagens cobrindo parte dos braços. Ele anui com um aceno, percebendo a tensão no lugar.

— Vou bem, até mais aos dois, qualquer coisa que precisar é só falar.

— Ela não vai precisar — Pedro o corta e Bruno apenas ri, dando um aceno leve.

— Está tudo bem, Bruno, obrigada. — Sou gentil, vejo-o entrar em seu apartamento e volto minha atenção para o idiota à frente, o que ele está pensando?

— Anda, Pedro, vamos parar de show no corredor. Entra e seja rápido! — falo, por fim, deixando-o na porta.

Vou para próximo do balcão da cozinha e volto a abrir as caixas de papelão, ouvindo-o fechar a porta. Permaneço calada e ele não parece inclinado a dizer qualquer coisa, mas sinto seus olhos cravados em mim.

— Tudo isso é para o estúdio? — tenta, não tem como não notar tantas caixas no chão.

— Alguns são, outros são pra mim mesma — falo, sem interesse em olhá-lo, me preocupando em afastar a caixa aberta contendo um vibrador na forma de um pênis de vinte e cinco centímetros de borracha comprado na internet, antes que ele possa ver.

— Certo...

— Acho bom falar a que veio, Pedro. Se não percebeu, eu não estava brincando, estou mesmo ocupada.

— Beleza, então tudo bem, lá vai. Preciso da tua ajuda, Alice!

Eu paro, olhando-o, tendo uma bailarina de vidro em minhas mãos.

— Como disse? Com o que precisa da minha ajuda? Pra matar suas necessidades sexuais eu sei que não é... — Deixo a raiva falar mais alto, perdendo o pouco de sensatez que tenho, ou nenhuma...

— O quê? — Parece confuso e, depois de um gesto de desdém com a mão, nervoso, ele volta a falar: — Eu vou adotar uma menina! — diz e isso é o suficiente para que eu me vire e lhe dê total atenção. Vejo-o passando as mãos na nuca, a ponto de ferir a pele, nervoso.

— Você vai o quê? Surtou? — Isso sai em uma voz esganiçada, quase irreconhecível, pelo susto.

— Você ouviu bem, eu vou adotar uma menina.

E eu só consigo arregalar meus olhos e levar a mão à boca.

— Não é novidade que ajudo alguns orfanatos, muito antes de mamãe falecer, você sabe, já foi comigo em uma dessas vezes, se lembra? — Eu confirmo. Sempre íamos aos domingos visitar crianças carentes como ele fazia com a mãe antes do câncer a deixar debilitada, mas continuo incapaz de falar. — Foi em uma dessas vezes que eu conheci Camille e, desde então, nutri um grande carinho por ela. Já passou por minha cabeça adotá-la antes, claro, mas esperei até hoje, pois achei que um casal a adotaria, não queria tirar a chance de ela ter uma mãe, Alice. Sei a falta que faz. Por isso esperei, mas Camille não foi adotada e decidi eu mesmo fazer isso agora que ela tem sete anos.

Eu o encaro enquanto fala com pressa, olhos grudados nos meus, andando de um lado para o outro em meio à sala, com uma mão na cintura.

Chego a respirar fundo mediante tudo o que diz, é um gesto louvável e ele consegue me desarmar com isso.

— Eu... eu não sei o que dizer. Tem certeza de que é o que quer?

— Sim, claro que tenho. Já dei entrada nos papéis, inclusive.

— Certo, fico feliz por vocês, é um belo gesto e nem imagino o quão bem fará a... Camille? — Ele confirma e me lembro do que disse. — Mas por que veio aqui? Pra que precisa de ajuda? Pode falar, faço o que precisar, é para uma entrevista, falar bem de você, algo assim? — Ele nega e eu coloco, por segundos, minha raiva de lado, ele me desarmou com a menina.

Uma criança, uma filha... e ele vai adotá-la.

— Olha, antes eu quero dizer que não tive culpa, ou tive, eu não sei. — Ele vai me contar da cena no restaurante? Mal respiro, em antecipação. — Eu senti medo, Alice. Dei entrada como pai solteiro e até então estava seguro, hoje em dia ser solteiro não é impedimento, quer dizer, depende de alguns fatos, claro. — Eu murcho, me dando conta de que nada tem a ver com o que vi. O que eu queria afinal? O que eu quero? — Mas confesso que, quando entrei naquela porcaria de entrevista, eu estava prestes a cair duro no chão. Pra completar, aquele dinossauro míope começou a me fazer perguntas estranhas, então eu caí como um belo pato na lama e me lambuzei.

— Para, Pedro! Do que tá falando? Tá me deixando confusa.

— Tá, fiz um entrevista hoje e eu disse que tinha uma namorada, quase noiva, e que estávamos até mesmo com a data do casamento marcada! — Eu quase engasgo, é Helena? É isso que vai dizer? — Disse que estávamos morando juntos e essa noiva é você, Alice!

Eu o encaro, sentindo que meus olhos saltarão das órbitas a qualquer momento, e paraliso. Fico estática, tentando compreender o que ele acaba de me dizer, enquanto observo o homem à minha frente ter, ao menos, a decência de parecer envergonhado. Sinto meu corpo flamejar, a cena do restaurante — a mesma que vem me assombrando — me assola novamente e perco a cabeça, quando, sem aviso, joga a bailarina de vidro em sua direção com toda a força que tenho. Meus ânimos se alterando ao ponto do limite, de explodir!

— Você enlouqueceu, seu imbecil? — berro alto, enquanto ele desvia,

assustado, do enfeite, levantando a mão para proteger o rosto e tomando mais distância de mim. O barulho do vidro ecoando, ao se estilhaçar no chão.

— Alice, vamos conversar. Baixa isso, Boneca — diz, manso, ao me ver pegar outro enfeite, dando passos para trás. Volto a arremessá-lo em sua direção, que desvia com rapidez.

— Quer ajuda? Quer mentir? Procure uma das tuas putas, seu miserável mentiroso! — Jogo outro enfeite, que bate em seu braço e vai ao chão, estilhaçando-se. — Acha o quê? Que depois de tudo, depois das tuas mentiras, eu vou me prestar a esse papel? Acha que pode me fazer de idiota até quando? Eu cansei, eu cansei de me submeter a homens que acham que sou um objeto, que não tenho sentimentos! — Outro enfeite se vai e o barulho do vidro se estilhaçando na parede estronda.

— Alice, para, droga! Me deixa explicar, eu não tive saída. Tenta entender...

— Não teve? Não teve? Vive se divertindo com as tuas putas e, quando precisa de alguém, vem recorrer a mim? Por quê? Por que acha que sou idiota o bastante? Por que sabe que mexeu comigo com aquela sua história de me querer? Acha que sou burra? — grito, histérica. — Peça ajuda a Helena, não era com ela que estava aos beijos em público? Pois vá atrás dela, seu infeliz, galinha!

Jogo tudo no ar, junto de um vaso de flores, e o vejo perder a voz e arregalar os olhos azuis, abaixando-se para não ser acertado na cabeça. Pego outro objeto, dessa vez um vaso maior, e me armo para acertá-lo.

— Para, para, para. Você, você...

— Se eu vi? Você não fez questão de esconder, fez, Pedro? — falo, sentindo lágrimas virem aos meus olhos, deixando minha mão ceder com o vaso, ainda seguro.

— Alice...

— Sai, Pedro. Chega de mentiras, já contamos muitas. Só vá embora e me deixa em paz. Segue a tua vida. Adote sua menina e arrume outra que ainda acredite nas suas palavras mentirosas para te ajudar ou conte a verdade, ainda dá tempo. Agora só saia — falo e vejo seus olhos em súplicas. Ele tenta se aproximar e eu nego.

— Alice, não é o que parece. Se estava lá, se viu mesmo, sabe que não foi assim, eu não retribuí aquele beijo e disse a ela que não queria. Não podia por ter você aqui, no meu coração.

— Não é o que parece, tão clichê. Ainda assim, você aceitou.

— Não, não foi assim. Viu o que quis ver, pois, na sua cabeça, eu vou cair no primeiro vacilo. É assim que me vê.

— E não foi o que aconteceu?

— Não. Porra, você sequer me deu uma chance de falar, explicar, nem ao menos de ter uma conversa, não me deixou chegar perto.

— E quando realmente tentou? Tentou enquanto enfiava seu pau em outra? Tentou mesmo ou é isso o que diz a si mesmo? Fui testemunha de como você estava tentando, tendo Helena em seus braços. Depois que saíram de lá foram pra onde, pra um motel?

— Não faz isso!

— Saia — digo e vou em direção à porta, abrindo-a.

— Não aconteceu nada, Alice, eu juro, eu nem ao menos esperava vê-la ali. Sabe que não tenho nada com ela, nunca tive...

E lá vem mais mentiras. Ele não cansa.

— Eu quis acreditar, de verdade, e esperava que os seus sentimentos fossem verdadeiros. Mas, se fossem, você não estaria com outra, Pedro. Admita. Eu já passei por mentiras e muitos desencontros, não quero mais isso.

Ele está parado, mãos na cintura e olhos doloridos em mim, e me machuca, tudo isso me machuca.

— Me desculpa, de verdade. Mas não foi assim, eu estava naquele restaurante por conta da entrevista para adoção, a encontrei por acaso e, após ela tentar me beijar, eu a afastei. Juro, eu não quero mais ninguém, Alice, ninguém que não seja você. Por favor, me ajuda, Ali. Senão por mim, por Camille, pois, se eu disser que menti, não me darão a guarda. Faço o que você quiser e, se, por fim, você quiser mesmo distância, juro que vou entender e te deixar em paz.

— E talvez não deversem te dar mesmo a guarda, não deversem... —

corto o que ia falar, não seria justo ser cruel com ele nesse sentido, não nesse ponto. — Para, Pedro, só saia, por favor. Não quero te machucar.

Vejo seus ombros caírem em derrota, ele caminha de cabeça baixa até a porta, passando por ela. Penso que ele ainda dirá algo, mas nada sai e ele se vai. Fecho a porta e mantenho minha mão escorada nela, como se segurasse meu peso. As lágrimas me descem e em meus pensamentos uma garotinha se faz presente, sem formas ou rosto, e meu peito aperta.

Sinto mágoa, uma grande solidão e deixo tudo sair em forma de grossas lágrimas...



Ontem, depois de muito chorar, o fim de noite passou rápido, assim como todo o dia de hoje. Foi uma loucura, pois abrimos as vagas para fechar as primeiras duas turmas infantis e, graças a uma boa publicidade, conseguimos ter uma pequena fila de mães esperando para matricular suas crianças, o que apagou, de certa forma, parte da tristeza e culpa que apertaram meu coração quando ele se foi e me vi sozinha.

Senti culpa pela menina. O idiota errou, errou feio, mas a criança não tem culpa e talvez, por isso, perca um lar. Talvez não fosse para ser, tudo tem seu momento.

— Oi. — Tati se aproxima do balcão de atendimento, deixo a planilha de lado e lhe dou atenção. — Tá melhor, chefinha?

— Por quê?

— Eu sei que não estamos juntas há muito tempo aqui, mas conheço quando está triste. É muito alegre e hoje, apesar de batermos nossa meta, você tá aí, cabisbaixa. — Ela não deixa de ter razão.

— Não é nada, Tati, vamos? Já passamos da hora de fechar isso aqui, amanhã temos mais a fazer.

— Vamos, sim, suas coisas estão embaixo, chefe.

Agradeço, pego minha bolsa e a vasilhinha que eu trouxe com meu almoço e, juntas, saímos do estúdio.

— Até amanhã, Tati — me despeço e a vejo ir, enquanto tranco a porta.

Perco um minuto tentando rodar a chave, ela sempre dá uma travadinha na fechadura, e tenho que ter jeito para, enfim, conseguir rodá-la. Feito isso, aprumo meu corpo, guardando a chave na bolsa. Mas quando me viro, paro, olhando a figura masculina que se agiganta, desencostando-se de seu carro. Ele está sério, braços cruzados em frente ao peito. E eu só consigo olhá-lo. Só pode ser brincadeira.



O amor pode quebrar as barreiras do ódio!

Sinto o esforço que me custa achar uma saída para merda que eu mesmo fiz, uma das grandes, e nada me vem. Eu não queria admitir, talvez por não querer sentir culpa, mas agora é inevitável e Alice tem razão. A ideia de que ela não me deu chances foi apenas uma desculpa usada para tirar a culpa que sinto, mas não funcionou. Agora, além de um caso de bolas roxas, tenho também uma encrenca do tamanho do mundo, que só piorei com a mentira que contei.

A verdade é que não fiz o suficiente, não tentei o bastante. Foi um ano em que deixei claro que eu estava ali para ela, mas não expressei isso em palavras, não falei dos sentimentos guardados em meu peito, achando que minhas ações bastariam, mas não bastaram!

E, por mais que nada tenha acontecido além de um beijo interrompido, eu a magoei, a fiz desistir de vez, logo agora. Pode não ter significado nada para mim, o que me torna ainda pior, já para ela...

Olho meu antebraço com um hematoma roxo e um pequeno corte. A draga tem uma pontaria e tanto, se não tivesse posto o braço para me defender, seria a cabeça. Rio, sozinho, mesmo sabendo que estou nadando na merda.

Alice passou anos nas mãos de um homem que sempre se sobrepôs a

ela e bom, eu fiz o mesmo, não? Sim, a história se repetiu quando pedi tanto a ela, quando Helena me beijou e, ao resolver que manteria distância, lhe daria tempo, cometendo o mesmo erro de anos atrás. Eu tô muito fodido, isso é um fato.

— Patrãozinho!

Ouçõ Samuel falar alto demais para alguém que está a poucos metros de mim.

— Fala! — praticamente rosno, sentindo gotas de suor escorrerem por minha testa.

— O patrão tá bem? Tá colocando as sacas na pilha errada, não deve ter percebido.

Eu paro e me viro pra Samuel, que me olha, sem jeito.

— Essa aí é a ração dos cavalo, patrão, a dos boi é aquela ali do lado, perto do mineral.

Percebo o que estou fazendo. Sacudo a cabeça em negativa, estou em desespero, vendo a hora da merda estourar na minha cabeça, e isso começa a me atrapalhar até mesmo ao carregar sacas de ração. Desgraça!

— Deixa aí que eu tiro tudo, patrão, pelo menos o senhor já colocou aqui dentro. — Nego.

— Pode ir cuidar das baias, precisam de limpeza. Vou desempilhar e colocar no lugar certo, já que fiz a merda.

Ele não discute, apesar de ponderar, antes de sair negando, o que acho sábio da parte dele. Hoje não é um bom dia... Tenho pessoal suficiente para fazer isso aqui, mas gosto das atividades, de estar envolvido e mais próximo de quem trabalha para mim, apesar de prezar por manter certa autoridade. E hoje, mais que qualquer dia, eu estou precisando ocupar minha mente e mãos, já que não tenho nada para fazer a não ser pensar na draga e em Camille. Estou com raiva de mim por magoá-la, os olhos cheios de lágrimas me feriram.

Termino minha bagunça após alguns minutos, agora colocando no lugar certo, e saio do celeiro, voltando para casa. Antes que eu pise o pé na área dos fundos, ouçõ a repreensão em uma voz alta, grave.

— Pisa, filho duma égua, e eu te capô. Tira essa bota cheia de bosta, menino, antes de entrar em casa!

Mag, ela é a única aqui com quem não consigo manter nenhum tipo autoridade. Segundo ela, eu perdi esse direito quando me viu nu, tomando banho por aqui, quando era um moleque. Velha encrenqueira.

— E não me olha com essa cara, isso pra mim é fome — fala, enquanto me vê tirar as botas, ficando com as meias.

— Pra que esse mau humor, velha? Sabe que seu patrão sou eu, não é? — eu a provoco, aparentemente, perdi o juízo de vez.

— Garoto, eu nem deveria tá falando contigo até consertar a bosta de vaca que fez e é bom ir logo.

— Ela disse não, você a conhece...

— Conheço e, porque a conheço, digo que aquela lá tem um coração de ouro, você sabe disso. Não foi ela que doou metade do fígado pra banguelinha? Pois então? Ela te ama, seu bocó, e você a magoou, mas Alice não vai negar ajuda à menina. Eu conheço a cabelo de fogo desde que cagava nas fraldas, aquela ali nunca matou uma mosca, como poderia dizer não pra sua menininha?

— Se tentasse algo novamente, eu estaria forçando uma situação que ela não quer.

— Menino tapado, valei-me minha Nossa Senhora das Graças. Não vai forçar nada, não vai ser de verdade, vai?

— Não, mas talvez eu devesse tentar consertar de outro jeito.

— O que o doutor advogado falou, Pedro?

— Nada, eu ainda não disse o que fiz.

— Anda, menino, deixa de bobeira e vai atrás dela.

Pondero alguns instantes, sob seu olhar atento, e volto a calçar minhas botas.

— Deixa a janta aí no micro-ondas, Mag, tô saindo.

— E vê se faz direito dessa vez, ou não tem janta.

— Velha abusada! — digo e a ouço gargalhar, enquanto vou em passos

rápidos em direção à caminhonete.



Demoro algum tempo no trânsito e, quando chego em frente ao prédio comercial, fico apreensivo de ela já ter ido embora. Estaciono e saio do veículo, vendo a plaquinha de aberto pendurada na porta, então permaneço parado, encostado no carro. Não vou entrar assim, sujo, ou é capaz de ela me dar um banho na base da vassourada.

Vejo a porta abrir e espero, nervoso, por sua reação. Primeiro sai a moça baixinha de sorriso aberto que me atendeu outro dia, acho que é Tatiana. Elas se despedem, enquanto Alice, vestida em uma calça jeans que foi embalada a vácuo nas pernas bem torneadas, está de costas para mim. A peça não deixa nada a imaginação, ainda mais como ela está agora, abaixada, levantando a bunda ao forçar a fechadura. Não é a porra da intenção dela, mas cacete!

Antes que eu possa oferecer ajuda, Alice apruma o corpo e se vira, só então tenho sua atenção, ela parece surpresa. Tento me assegurar de que ela não tem nenhum objeto de vidro nas mãos quando a vejo apertar os olhos em minha direção e me preparo, pois ela não vai querer falar comigo.

— Vem, entra aqui, te levo pra casa. — Como se fosse simples assim.

Nada com ela é simples, ainda mais depois do que fiz e não nego, o peito chega a apertar com a lembrança do que ela viu. Sei bem como é o sentimento.

Ela nada diz e as pupilas verdes parecem dilatadas, olhando diretamente para mim. Antes que possa me responder ou mandar que eu tome em algum lugar, vejo um filhote de satanás, que não sei de onde saiu, chegar perto dela e tocar sua cintura, assustando-a. Assisto à cena enquanto ela o fita, agora com alívio espalhado em seu semblante.

— Plínio! — cumprimenta e beija seu rosto, o cara parece babar enquanto a abraça. Ele a abraça!

Bufo igual a um boi e me aproximo dos dois, ouvindo-o começar a

dizer:

— Eu não esqueci o nosso combinado, Alice. Ainda essa semana iremos sair como me prometeu. Não vai fugir de mim.

Que porra é essa agora? Isso que dá deixar que ela aproveite a liberdade, era disso que eu tinha medo.

Pigarreio e tenho a atenção do filhote de satã, me olhando com uma sobrelanceira erguida, e ela não disfarça o sorriso. Alice está dando bola para esse projeto de pouca merda?

— Ah, Plínio, esse é Pedro, meu primo — diz, mais melada que açúcar.

Primo? O cara sorri, com um alívio óbvio, e me estende a mão em cortesia.

— Como vai?

— Vou bem. Vamos, Alice? — Não faço questão de enrolação e ela me fulmina.

— Estou ocupada, Pedro!

— Eu não quero atrapalhar, Alice, e estou atrasado pra uma reunião. Estava vindo de uma obra, parei só para reforçar meu convite. Até mais, anjo, quem sabe nos veremos amanhã!

Anjo? Isso só pode ser piada.

Ele se aproxima, a beija mais uma vez, e ela retribui com bastante alegria, o que me causa um ciúme irracional. O cara se vai, ainda com um sorriso na cara, e ela se volta para mim, tendo também um sorriso alegre, verdadeiro, no rosto, que logo é reprimido quando foca seus olhos em mim.

— Quem é esse cara?

— E desde quando isso te interessa, Pedro? Surtou? Vai catar coquinho no asfalto e me deixa em paz. E, a propósito, não me lembro de pedir carona. Pode ir, vou de táxi.

E ela não está brincando, tampouco me dá um segundo olhar, e eu meto o rabo entre as penas, decidindo apelar para o bom senso.

— Eu estou indo falar com teu irmão, vamos para o mesmo lugar, não custa nada, Alice. Vem comigo, prometo não te chatear, permaneço calado.

Não tem necessidade de ficar aqui, esperando um táxi, quando estamos indo para o mesmo endereço.

Com o desagrado estampado no rosto, ela passa por mim com passadas duras e entra no carro, batendo a porta com força. Entro logo depois e me ponho em meu lugar, ligando o carro em seguida. Ouso olhar para ela de esguelha e saio com o carro, como prometido, sem chateá-la, enquanto se mantém o tempo todo de lado, meio de costas para mim, olhando pela janela.

Permaneço calado por toda a viagem. Paro em frente ao prédio e, quando ela faz menção de sair apressada, eu seguro sua mão, parando-a e levando um sopapo em seguida, quando ela me encara com chamuscas nos olhos, não se demorando.

— Não encosta em mim, Pedro — diz e até mesmo me surpreende.

— Só me escuta, por favor. Não precisa responder nada, só me deixa falar e, se depois não quiser mais me olhar, eu juro que não te importuno mais — digo com o desespero que a situação pede.

Alice não responde e, apesar de puxar sua mão do meu toque, se mantém dentro do carro, ainda sem me olhar.

— Eu sei que errei, que te magoei e não tornarei a dar desculpas, não apagaria o que vi. Eu escolhi te querer, tentar te conquistar e, de primeira, eu falhei. Estou ciente de que guarda marcas demais e, por isso e pelo que vi, talvez nunca venha a me perdoar e eu mereço. Você merece viver o que não viveu, Ali, mesmo que isso não me inclua, merece ser feliz, Boneca, e aceitei que, talvez, eu não esteja em meio à tua felicidade — falo, sentindo um bolo no peito, as palavras fazendo um reboliço dos infernos aqui dentro.

Ela continua olhando para a rua. O busto descendo e subindo com cada respiração rápida.

— Me enrolei sozinho no que inventei e, de novo, errei em te enfiar nisso sem ao menos perguntar, mesmo sabendo pelo que passou. Mas agora, agora, tem uma menininha no meio e eu prometi não a decepcionar, Ali. — Só então Alice me olha. Olhos vermelhos, marejados, e me odeio por isso. — Me desculpa, Alice, me perdoa pelo que vi e não falo da boca pra fora. Eu não a mereço, mas ainda assim preciso da tua ajuda. Não precisa me aceitar como homem, não precisa ser de verdade. Será só até eu conseguir a guarda,

depois podemos dizer que nos separamos. Mas, por favor, me ajude até lá — suplico e permaneço olhando para ela, quieto, e a vejo fitar as mãos.

— Quantos anos ela tem?

— Sete. Pode ser demais e eu vou entender, só quero que pense no que proponho. Não vai ter que me aturar por muito tempo.

Penso que ela vai negar, me preparo para isso, quando, sem me olhar, as palavras seguintes deixam seus lábios:

— Vamos ao orfanato. Eu quero vê-la!

E o coração chega a falhar em meu peito.



Esquecer é uma opção?

Eu permaneço inquieta. Após o choque que minhas palavras causaram a Pedro, que pareceu não acreditar no que acabei de pedir a ele, sem dizer nada, ele voltou a ligar o carro e saiu em direção ao orfanato. Não falamos muito, ou nada, na verdade, era fato que ele não esperava o meu pedido. Agora me mantenho no carro estacionado em frente ao orfanato. Pedro pediu que eu ficasse aqui, enquanto iria ver se poderíamos entrar, já que é noite.

Começo a estralar meus dedos, faço muito isso quando estou nervosa, ainda ficarei sem juntas. E, quando vejo-o voltar após poucos minutos, sinto o coração vir à boca. Me lembro bem do lugar e já me diverti muito aqui. Sou apaixonada por crianças e, quando vinha ao local, eu me perdia no tempo, chegava a rolar no chão com eles.

— Vamos, a madre autorizou — diz, abrindo a porta do passageiro. — Só teremos que ser rápidos, mas podemos voltar amanhã... — Ele para de falar e me olha, coçando o pescoço. — Se você quiser, é claro, ou domingo, quer dizer, isso se você...

— Então vamos — corto-o e desço do carro, sem focar minha atenção em seu rosto. Estou sem o que dizer e isso é algo realmente difícil de acontecer comigo, estou confusa com o que devo fazer.

Não, confusa não, no fundo, eu sei o que farei, pois meu coração já está

derretido no peito pelo gesto que Pedro está fazendo, no fundo, o orgulho que sinto por ele está se sobressaindo e eu nem cheguei a entrar no lugar ou ver a criança. Seguimos juntos até o portão da frente, desgastado pelo tempo e pela ferrugem, e somos recepcionados por uma das irmãs, que sorri, afável, usando uma bata marrom.

— Não costumamos receber visitas a essa hora, mas, se tratando do senhor, a madre não viu problemas. E Camille tem andado meio trstinha esses dias, acho que sentiu sua falta. Estava viajando?

Não entendo o porquê da pergunta e o vejo me olhar, antes de responder.

— Não, tive alguns problemas no domingo e não pude vir, tentei durante a semana, mas foi complicado. — E ele parece envergonhado.

Lembro qual foi o problema no domingo e agora sei que ele não veio ver a menininha, pois cuidou de mim e de tudo relacionado ao meu quase acidente. Isso causa algo em meu coração, não nego, a situação causa, e aproximo-me dele enquanto adentramos o lugar.

— Vem todos os domingos? — pergunto, curiosa, vendo-o torcer o chapéu branco em suas mãos.

— Sim, às vezes na semana também. Passei a fazer isso desde que Camille veio pra cá — diz, baixo, só para eu ouvir, e nossa atenção é voltada para irmã, que nos guia por um corredor à meia-luz.

— Camille está aqui, como sempre, na sala de desenho. Ela não socializa muito, você sabe, e depois dos lápis que ganhou do senhor... — Sorri, afável, e me vejo acompanhando-a. — Só sai daqui para comer, ir à aula e tomar banho, quando a chamamos. Fora isso, Camille só aceita a companhia de Felipe.

— Felipe? — Pedro pergunta, com uma ruga entre as sobrancelhas.

— O garoto ruivo de cara amarrada e brigão, mas os dois incrivelmente se dão bem, já deve tê-lo visto por aqui. Vez ou outra estão conversando, ela mais que ele, claro. Agora podem entrar, a madre lhes deu 20 minutos. Como eu disse antes, esse não é o horário permitido para visitas e logo levarei as crianças para os quartos.

Sinto a leve repreensão em sua voz, que disfarça bem com um sorriso

doce, devo concordar que chegamos tarde para uma visita e provavelmente a tiramos de alguma atividade.

— Obrigado, irmã, serão apenas 20 minutos. — Pedro é gentil e sinto sua mão espalmar minhas costas quando abre a porta devagarzinho e me conduz para dentro, sorrateiro, fazendo sinal de silêncio. Não entendo, mas faço o que pede.

Vislumbro a sala, que não tem muita luz, recheada de cadeiras e mesas de estudo infantil antigas, com algumas prateleiras com livros grudadas na parede. Em meio à sala, uma cabeça miúda destoa e vejo uma menina sentada em uma cadeira em frente a uma mesa colorida. Parece concentrada no que está fazendo, enquanto a mãozinha trabalha, frenética, com um lápis de cor verde. Os cabelos negros e grossos caem em seus olhos, uma franja já grande demais, que ela afasta, parecendo zangada com a interrupção. A menina tem a cabeça bem baixa, quase colada à folha de papel e me faz rir bobamente com o gesto.

— Psiu!

Ouçó Pedro chamar sua atenção, me sentindo paralisada no lugar quando a menina levanta a cabeça com rapidez e olha diretamente para ele. O sorriso, dado por lábios irregulares, se abre radiante e o vejo se agachar e chamá-la com entusiasmo. A criança de pele clara demais, contrastando com os cabelos escuros, se levanta rápido da cadeira e vem até ele, jogando-se em seus braços com tudo.

— Tio! O senhor demorou... — Sua voz falha, afundando o rostinho no pescoço de Pedro, que a agarra apertado.

Engulo em seco, observando a cena à minha frente. Receios, lembranças, culpa... se apossam de mim como uma avalanche.

— O tio está sujo, princesa, vou acabar te sujando também — fala ele, tentando se afastar, mas Camille está como um carrapatinho, grudada a ele.

— Não tem nada não, eu tomo outro banho — responde e eu poderia dizer que está a ponto de chorar, pela voz abafada.

Uma sensação estranha aperta meu peito, de forma que não consigo controlar, e meus olhos se umedecem. É como se estivéssemos em uma bolha e não houvesse nada mais ao redor. Meus olhos permanecem na menina de

corpo meio gordinho, vestida em roupas gastas de dormir, e meu coração escorre junto da minha corrente sanguínea, todo derretido.

— Eu vim te apresentar uma pessoa. — Ele consegue se afastar minimamente e Camille então parece me ver, tirando o cabelo grudado ao rosto.

Os olhos molhados, que ela tenta disfarçar, curiosos, que agora vejo que são de um azul esverdeado, permanecem cravados em mim. Estou sendo analisada minuciosamente e sorrio para ela, tentando controlar a minha própria vontade de chorar. O rostinho redondo, vermelho, de nariz pequeno e empinado, é lindo e percebo que o sorriso irregular é causado por uma pequena cicatriz em seu lábio superior. Como está agora, quase não se percebe a irregularidade.

— Oi! — falo e me abaixo, perto deles.

— Oi, moça bonita. — A voz infantil é sedosa, baixa, e ela volta a olhar para Pedro. — Seguiu meu conselho, tio? Ela é bonita... — diz, baixo, fazendo um biquinho. Ele sorri e eu me confundo com sua fala. — Meu nome é Camille, moça.

— O meu é Alice e é um prazer te conhecer. — Ela abre a boca, surpresa.

— É o nome da minha boneca! O tio quem me deu e ele me ajudou a escolher o nome. Eu adoro esse nome! — A euforia toma conta de seu rosto e ela se aproxima mais de onde estou.

— Sério? Eu também adoro o meu nome.

— A minha boneca não é ruiva, mas tem olhos verdes como os seus. Ela é linda também.

Eu sorrio abertamente enquanto a ouço.

— Ela deve ser mesmo bonita.

— É e seu cabelo é lindo, é de verdade? Eu nunca vi, quer dizer, só o Felipe, mas o cabelo dele é mais claro. Ah, tem bonecas de cabelo vermelho? Eu gostei do seu cabelo. — Atropela as palavras, sem me deixar responder nenhuma pergunta antes de fazer outras.

— Ei, princesa, tá falando rápido demais. — Ela sorri para Pedro e

coloca a mão na testa, em um gesto de impaciência. — O que tá desenhando hoje? — Ele se levanta, indo em direção à mesa, e ela o segue enquanto meus olhos não desgrudam dela.

— O senhor. Fiz o senhor todo de médico porque eu tava com saudade. Quer ver?

— Claro que sim — responde, orgulhoso.

Ela corre até onde deixou seu desenho, passando à sua frente. Me levanto e fico observando a cena. O jeito carinhoso com que a trata, a toca e brinca. Me aproximo aos poucos, vendo-o elogiar o desenho, e Camille acaba convencendo-o a desenhar um chapéu, como o que está em sua mão, na cabeça de seu desenho um tanto torto. Os dois riem do resultado, ficou péssimo, e me contagio pelos dois sem me meter na interação, apenas observando o momento deles.

— A senhora faz o que, moça? — ela me chama e me aproximo mais de onde estão sentados, tomando uma cadeira para mim.

— Eu sou professora de balé. — Me orgulho sempre que digo isso e vejo seus olhos brilharem.

— Sabe rodar numa perna só? Pode me ensinar? Ela pode me ensinar, tio?

Pedro gargalha de sua eufórica, a rapidez com que fala ou tenta. Ela é única.

— Pode, pode até ter aulas daqui a algum tempo se quiser. — E ela comemora com um sorriso lindo à mostra para nós.

Pedro me olha com um sorriso desenhado no rosto, o mesmo rosto que até chegar aqui estava apreensivo, despontando as duas covinhas, os caninos pontiagudos aparecendo, emoldurados por lábios grossos, e fico presa por instantes, até ser trazida de volta por batidas delicadas na porta. É a irmã, a mesma de antes.

— Desculpa, mas já passamos da hora, seu Pedro.

— Claro, irmã. É que o tempo passa devagar quando estamos juntos. Vamos, Alice?

Confirmo, vendo-o se voltar para Camille, reticente.

— Estamos indo, princesa, mas volto no domingo pra te ver, eu prometo.

— Ela vem também? — pergunta, apontando o dedinho comprido para mim, e Pedro parece não saber o que responder.

— Claro que sim. Podemos até testar aquele passo de balé, o que acha? — E a menina, que até estranho ter sido taxada de antissocial, sorri abertamente, os olhos se iluminam e, sem que eu espere, ela abraça minhas pernas e olha para mim com o rosto iluminado.

— Vou esperar ansiosa, tia.

E passamos de moça para tia, um bom começo, eu diria.

— Também vou esperar ansiosa, mocinha. — Me agacho e deixo um beijo em sua bochecha.

Assisto a Pedro se despedir dela com um beijo demorado e é como se não a quisesse soltar.

Me sinto pesada em ir embora, mas sigo até a porta sob seu olhar atento e curioso. Saímos pelo corredor, ambos calados, seguidos pela irmã. No portão, nos despedimos dela e, calados, entramos no carro. Parece que nenhum de nós dois quer falar, não agora, e Pedro nos põe em movimento em seguida.

Penso no que fazer, bom, não há o que pensar, desde que pedi para vê-la, eu já tinha aceitado. Mais que qualquer coisa, quero que ela tenha um lar e, após ver a interação e o carinho com que se trataram, eu jamais negaria ajuda a uma causa tão nobre. Camille já é dele e ele será um pai maravilhoso, sei disso.

Segundos, minutos perdida em pensamentos, eu não saberia dizer. Apenas pensando em mim, nos filhos que perdi e na dor de nunca mais poder gerar uma criança. Hoje sou seca, sendo impossível seguir o sonho de ter um filho meu. Quando era mais jovem, tinha o sonho profissional de ser uma grande bailarina, contrariando os planos que meus pais tinham para mim, mas, para a vida pessoal, eu quis e sonhei em achar um príncipe, aqueles de contos de fadas, me casar e construir com ele uma vida a dois, com filhos, não só um.

O príncipe não veio e os filhos...

— Chegamos! — Ouço a voz tão conhecida e o olho para ele.

— Como ela ainda não foi adotada? Ela é do tipo que chama mais atenção, ao menos pelo que já ouvi falar — digo, um tanto indignada, a voz um pouco alta demais.

— Camille nasceu com fenda labial, deve ter percebido a cicatriz. Quando menor, era pior, mas Vladimir, o cirurgião do hospital, acho que se lembra dele, fez a cirurgia e melhorou muito a aparência dos lábios dela, ainda assim, não chegou a ser adotada.

— Vladimir? Como a levaram para uma cirurgia no hospital?

— Eu cuidei de tudo, ele fez *pro bono* e eu arqueei com as despesas extras. Queria que ela fosse adotada.

Meu coração dá uma pequena cambalhota no peito, é bem a cara dele algo assim.

— Isso não deveria ser um impedimento, é só uma criança e uma simples cicatriz.

— Não, não deveria, você tem razão. Mas o ser humano é complicado, Ali — concorda. — Sobre o que conversamos, você pode pensar e...

— Não há o que pensar, Pedro. Vamos levar sua história adiante, já me decidi. É errado, de várias maneiras, foi mentira e não deveria ter contado isso sem me consultar antes, mas já foi contado, agora é sustentar tudo o que foi dito — digo e o homem arregala os bonitos olhos azuis.

— Alice...

— Pedi minha ajuda e estou disposta a fazer o que precisar para a menina ter um lar, não é justo com ela te perder por uma mentira sem nexo. Vamos ser práticos, só peço isso — eu o corto, soltando de uma vez o que grita aqui dentro. — O que contou? O que exatamente foi dito na entrevista? — pergunto, tentando deixar de lado os sentimentos que tenho aqui dentro, a recente briga e a mágoa. Não esqueci e nem vou, mas temos algo maior agora, que está acima de nós dois.

— Certo, tem certeza de que quer mesmo fazer isso comigo?

— Não temos escolha... agora temos que combinar o que foi dito, como iremos fazer pra isso funcionar — digo, convicta, não há dúvidas, não para

isso.

— Não, não temos. — Olho-o e o vejo soltar um suspiro cansado, descansando os braços no volante e encostando a cabeça em seus polegares. — Estava tudo indo bem até me encherem de perguntas, se eu tinha alguém, mais ainda quando eu disse que não a adotei antes para não a privar de ter um pai e uma mãe. Ou seja, eu mesmo passei a impressão de que nem mesmo eu acreditava que daria certo, sem ter alguém ao meu lado para ser uma mãe pra ela. Eu deveria ter soado firme, confiante, mas deixei o medo de perder a chance da adoção tomar conta de mim e ter alguém como você foi a solução. No caso, eu só pude pensar em você, me desculpe por te colocar nisso, Alice — fala, parecendo amargurado.

— Agora não tem volta, vamos resolver o que tem de ser feito daqui para frente, Pedro.

— Certo... nesse caso temos um problema — diz e coça a nuca. Um gesto só seu quando está nervoso. — Eu disse que estávamos praticamente noivos, para marcar a data do casamento e que morávamos juntos. — Meus olhos se apertam em sua direção.

— Espera aí, Pedro, quer me dizer que não é só confirmar a tua história, nós vamos ter que morar praticamente juntos? Pirou?

— Ali, eu não podia dar a impressão de que era algo incerto.

— E nós moramos onde, se mal pergunto?

— Meu endereço é o do haras.

Fico calada, passada e embalada a vácuo. Nego com a cabeça, tentando entender onde me enfiei, respiro fundo, tentando controlar o turbilhão aqui dentro, as emoções, a raiva e decepção.

— Tá, vamos pensar. O problema são as visitas, certo?

— Sim, desde que eu seja aceito como adotante e receba a licença.

— Eles não avisam, pelo que já ouvi falar, não é?

— Isso.

— Ai, Deus, eu não acredito que estamos nos metendo nisso juntos... — falo mais para mim mesma do que para ele. — Vou pegar minhas coisas — sentencio e desço do carro.

— Coisas? Agora? — pergunta, também descendo e vindo em minha direção.

— E seria quando, Pedro? Podemos nos dar o luxo de esperar? Não precisa vir comigo, vou pegar só umas roupa que pouco uso e alguns itens pessoais pra deixar lá. Se temos que fingir, que seja bem feito. Ninguém acreditaria que moramos juntos se não tiver nada meu lá, então hoje vamos deixar um pouco de mim em sua casa e conversar sobre todos os detalhes que temos que arrumar. Amanhã levamos mais algumas peças de que não preciso e deixo junto das suas, assim não preciso estar presente o tempo todo e podemos dizer que só fico aqui por conta do estúdio, pois às vezes não consigo voltar para o haras. Hoje podemos combinar horários e histórias, pra que não haja nenhum erro em tudo isso. Volto logo!

Deixo-o em pé, me olhando, e entro no prédio. É loucura, sei disso, mas é uma loucura que vai dar um lar para uma garotinha de sorriso e olhos doces, valerá a pena, tem de valer. É só ficar longe dele na medida do possível. Vai dar certo!

Tento me convencer enquanto entro no elevador, mas essa certeza eu não tenho. Não absoluta...



*Sonhos, pesadelos, desespero... criam um mundo só seu, um monstro que te engole
e te leva a um lugar escuro!*

— Senta, Ali. Mag deve ter deixado alguma coisa pra comer — peço a ela, assim que entramos na cozinha da casa silenciosa, o tempo todo com minha atenção em cada gesto seu. — Quer dizer, isso se estiver com fome. Tem fome? — indago como se estivesse pisando em pregos, enquanto a vejo fitar todo o lugar.

Tenho que confessar que Alice me surpreendeu e que eu não esperava tê-la aqui hoje, não esperava que aceitasse o pedido mais bagunçado que já fiz, não depois de ver a cena com Helena. Em momento algum, de fato, eu acreditava que ela poderia me ajudar em tudo isso, talvez ficasse em dúvida, afinal ela tem um coração gigante, ainda assim eu pedi demais. E sentindo todo o alívio que sinto agora, vejo o quanto sua atitude me pegou de surpresa, me deixando desprevenido, e isso me tirou o tato.

— Não, não tenho muita fome. Pode ser só um lanche, Mag deve ter deixado algo na geladeira — fala de forma natural e me olha. Eu ainda posso ver mágoa nela, mas a mesma raiva de antes eu não enxergo. — Não precisa me tratar como visita, Pedro, pode ir tomar banho que me viro por aqui. — Ela já não me olha, abrindo a geladeira em seguida, dizendo apenas: — Vai!

Concordo e dou meia-volta, entrando em casa e indo em direção ao meu quarto. Como ela mesma disse, preciso de um banho e já vou tirando a roupa no caminho e coloco-a no cesto, quando entro no banheiro, ordens de

Mag. Tomo banho pensando na enrascada em que me meti e ao mesmo tempo tendo confiança de que a menina será minha filha em breve. Contando com o fato de que vamos conseguir nos sair bem nessa história e, de certa forma, me sinto mal por envolvê-la.

Agora, temos apenas mais um empecilho: nossa família.

Saio do banheiro e coloco uma calça jeans e uma camisa regata no caminho para a cozinha. Eu a encontro sentada, de costas para mim, o cabelo feito uma bagunça no alto da cabeça, o rosto baixo, comendo alguma coisa. Sorrio e vou em direção ao micro-ondas, abrindo a porta pequena e encontrando um prato feito, tampado, à minha espera. Ponho para esquentar e o apito do aparelho a faz me olhar de canto, com algo cremoso escorrendo pelo canto da boca. Ela tem um sanduíche imenso entre as mãos, duas fatias grandes de pão caseiro recheadas de um amontoado de coisas caindo pelos lados.

O apitar do micro-ondas me traz à realidade e me sento de frente para ela, observando-a comer com vontade. Adoro isso nela, a forma natural, espontânea e sem nenhuma cerimônia ou frescura que a faz comer igual a uma criança, sem se importar com ninguém, ela é natural em tudo, não é como se pudesse fingir qualquer coisa.

— Doce de leite? — pergunto, curioso, vendo-a dar de ombros.

— Doce de leite é bom com qualquer coisa, Pedro!

Eu sorrio e me ponho a comer enquanto ela devora sua comida, lambendo os dedos quase a cada mordida. E eu, como um filho da puta que sou, imagino outra coisa com essa língua rosada e inteligente. Alice olha o dedão esmaltado de rosa e, de forma neutra e sensual, leva o dedo aos lábios, lambendo-o e depois chupando-o com certa força. Isso não vai dar certo.

Afasto o prato e me conserto no banco de madeira, tentando uma melhor posição e não pensar no meu pau, melado de doce de leite, enquanto ela o chupa, ajoelhada à minha frente, completamente nua e exposta para mim.

Doce de leite fica bom com qualquer coisa...

Desgraça!

— O que foi? Pedro! — pergunta, chamando minha atenção de volta

aos seus olhos. — O que foi? Tá vermelho igual pimenta, a comida tá te fazendo mal? Nem comeu...— E o início de um sorriso ameaça sua boca.

— Não, coloquei pimenta demais. Só isso! — Sim, tem pimenta demais, mas não na comida.

— Hum, e aí? Vamos começar?

— Quando quiser — confirmo, limpando a garganta, tentando tirar a imagem de agora há pouco da mente.

Será mais fácil começar, se eu parar de pensar nela chupando meu pau com tamanho desespero que minha ereção parece querer rasgar o tecido da calça. Tento pensar em qualquer coisa que não seja Alice nua e volto a falar, mudando meu foco.

— Voltando, eu disse que estávamos juntos há oito meses. Que tivemos um namoro na adolescência e que, ao nos reencontrarmos, aquele amor voltou a florescer e que não queremos perder tempo. Por isso o noivado — começo e a vejo engolir em seco, mudando o olhar de direção.

— E por que não esperar o casamento? Não fizeram essa pergunta? Porque assim adotaríamos juntos...

— Sim, fizeram e eu disse que não queríamos esperar tanto, pois sabemos o quão demorado pode se tornar e decidimos que eu daria início ao processo e que você está de pleno acordo.

— Entendi. E onde nos reencontramos? Temos que casar esse tipo de informação, acho... pois podem perguntar, não é?

— Hum... Podemos dizer que na casa dos seus pais, o que não é mentira e torna isso mais verídico.

Ela pondera, fazendo um biquinho e balançando a cabeça de um lado para o outro. Deus...

— Por falar em meus pais...

— Temos que falar com eles e também com seus irmãos — complemento e ela confirma.

— Okay. E com relação ao local onde vivemos? Disse que já estávamos morando juntos?

— Sim, tive que dizer isso quando me perguntaram se não iríamos confundi-la ao morarmos separados. Pensei em incluir seu endereço, do apartamento, assim, você não precisa se deslocar tanto. Sei que se torna cansativo.

— E, no caso, quando eu não me deslocar... — diz, indecisa.

— Isso, eu irei. — Ela concorda devagar, o que se torna uma surpresa. — Não se preocupe quanto a isso, passo um bom tempo no hospital. Quando não estou lá, tenho que estar aqui. Tentarei o mínimo possível interferir na sua rotina e vida pessoal, prometo — esclareço, tentando lhe passar confiança.

Permanecemos calados alguns segundos ou minutos, Alice se mantém distante, olhando o nada atrás de mim, e eu? Bem, eu queria dizer que não estou preso na imagem bonita e bagunçada dela à minha frente, mas seria mentira. Fico hipnotizado.

— Me lembrei agora de quando caí do cavalo bem ali, estávamos brincando de pular o tronco, se lembra?

Eu sorrio com sua voz saudosa, a lembrança que tenho disso é bem diferente.

— Não. Eu me lembro de você brincando de pular o tronco, enquanto eu me cagava de medo de acontecer alguma coisa com a bonequinha de porcelana de toda a família. Quase me obrigou a selar o cavalo pra você, o animal que era o triplo do seu tamanho e eu, como um idiota, o fiz, teve sorte que troquei seu animal antes de você montar. Quase me matou aquele dia, Alice.

Ela gargalha, os olhos brilhando. Perfeitos.

— Nem foi tão ruim assim, caí de bunda, ficou roxa, mas sem maiores danos. — Ela limpa lágrimas no canto dos olhos que o riso lhe trouxe, como se fosse verdade.

— Alice, eu fiquei de castigo por um mês, ganhei uma bronca de dias e uma ameaça de surra. Não foi ruim, foi péssimo — acuso e ela só falta se dobrar de rir sobre a mesa.

— Merecidamente, Pedro, convenhamos. Eu era uma criança, você estava responsável por mim e me deixou te convencer do perigo. Viu só?

Você nunca soube dizer não, terá que treinar isso com Camille, ser mais convicto do que é certo.

Tenho vontade de dizer que não é verdade, que só não consigo dizer não a ela, e continuo com o sorriso congelado no rosto, perdendo a vontade de rir. Ela não sabe o quanto a frase mexe comigo, o quanto isso me remete ao pior. Apesar de conhecer a história, Alice não imagina o tamanho da culpa que me corrói.

Dou de ombros e me levanto, indo ao balcão e trazendo duas xícaras e a garrafa preta de café fresco, que é passado todas as noites, pois gosto de um gole antes de dormir. Geralmente, sozinho, fico sentado aqui, olhando o nada, sentindo a brisa com cheiro de relva tocar meu rosto e os grilos cantarem. É uma calmaria que me tranquiliza, isso quando a peãozada que trabalha e mora aqui não faz uma roda de cantoria na cantina do haras.

Encho uma xícara e a entrego, pego a minha, tentando aliviar o que quer que esteja apertando meu peito. Quero falar e perguntar se estamos bem, ou se ficaremos, o problema é que pode não ser sábio trazer de volta algo que ela já disse querer deixar para trás e que eu, em tese, concordei.

— Ela é linda.

Ouçó-a dizer e deixo minha xícara de lado, vendo Alice morder o canto da unha, apreensiva.

— Falo de Camille. — Ela parece indecisa, nervosa, talvez. — Vamos conseguir, né? Tenho certeza de que sim. Ela é tão perfeita, Pedro, e falastrona. Adorei cada detalhe nela e passei a ver que o fato de ela ainda não ter sido adotada é porque a menina tinha que ser sua. As coisas só acontecem quando tem que acontecer, aprendi isso — diz, sem parar, parecendo viajar em pensamentos. — Ela me lembra da Cathe, só que ainda pior, mais hiperativa — fala, orgulhosa, e sorri bobamente, eu a acompanho.

— Sim, ela é.

— E o menino ruivo que ela falou, quem é? Fiquei curiosa, principalmente, depois de conhecer Camille e ver que de antissocial ela não tem nada.

— Ela não é antissocial, longe disso. Ela adora falar e brincar, o problema é o *bullying* que vem passando por conta de a cicatriz ter deixado o

lábio superior mais fino. Eles a chamam de boca de sacola e isso mexe com ela, a envergonha, por isso prefere se esconder das outras crianças. Já tentei amenizar isso com a madre, mas são muitas crianças, não dão conta.

— Ai, meu Deus! — diz, surpresa, e vejo seus olhos brilharem, enchendo-se de lágrimas. — Eu... temos que tentar agilizar a adoção, tirá-la de lá, não sei. Podemos falar com Arthur.

— Podemos, mas acredito que Augusto já tenha falado com ele. Achei que até agora as coisas correram muito rápido. O Gabriel me disse que demoraria mais.

— Sério? Fico mais calma ao saber. E, quanto ao menino, já o viu? Só de saber que se importa com Camille, eu já vou com a cara dele.

Eu sorrio.

— Felipe, não foi esse o nome? — Ela concorda. — Posso tentar me informar. Não me lembro de já ter visto o garoto em algum lugar por lá e, considerando a cor do cabelo, acho que eu lembraria.

— Será que chegou ao orfanato agora?

— Pode ser, vejo isso amanhã mesmo, me esqueci de entregar o urso de Camille ontem, comprei há dias e vou voltar lá pra entregar. A caminhonete tá cheia de brinquedos na carroceria, comprei para as crianças do orfanato também e não tive tempo de entregar. Pode até ter sujado alguns de poeira.

— Posso ir com você? — Alice fala, rápido, contente e alto o suficiente, parece que seu estado de humor está intimamente ligado ao volume de sua voz. Sempre achei isso fofo nela. — Posso ajudar a entregar os brinquedos, se não se importar. — A voz manhosa, como se precisasse de artimanhas para me convencer.

— Vai ser um prazer. Vou tá no hospital, mas podemos dar um pulinho lá à tarde. Te pego no estúdio.

Ela confirma, mudando o olhar e bocejando.

— Já tá tarde... quer dormir? Tomar banho?

— Quero. Posso ficar com teu quarto antigo, ou qualquer outro.

— Não, pode dormir no meu. Proibi Mag de fazer limpeza nos quartos sem uso, ela já não tava dando conta, só é teimosa pra admitir. Passei a tarefa

a outra pessoa pra ser feita uma vez no mês e já faz tempo que foi limpo. Estão sem uso e empoeirados, por isso, você fica com o meu e eu durmo na sala.

— Não precisa, não deve tá tão ruim assim.

— Realmente não deve estar ruim pra quem não tem uma sinusite dos infernos, Alice, que não é o teu caso.

— Pedro — tenta, soando contrariada.

— Sem mais, durmo hoje no sofá.

— Não posso usar um colchão no chão? Eu durmo na sala.

— Qual a necessidade disso? Não vou te arrastar até aqui pra te fazer dormir no chão. Nem pensar, Alice — falo e me levanto, entrando em casa e ouvindo-a bufar atrás de mim.

— Isso sou eu quem escolhe, Pedro.

— Não é não, sou seu anfitrião — digo e posso até mesmo imaginá-la revirando os olhos.

Entro no meu quarto, tendo-a em meu encalço, balbuciando negativas que finjo não ouvir. Não foram nem bem duas horas de trégua e já estamos brigando por quem dorme no chão, uma bobagem. Pego uma toalha no guarda-roupa e entrego para ela, que olha a peça e puxa com má vontade da minha mão, entrando no banheiro e batendo a porta atrás de si.

Nego e volto para cozinha, colocando a bagunça feita dentro da pia, fecho as portas e perco certo tempo trazendo um colchão do quarto de visitas e jogando no chão, ao lado do sofá de madeira. Eu não brinquei, a coisa está bem empoeirada, o que me lembra de que tenho que preparar e reformar um dos quartos para receber uma criança de sete anos. Melhor dizendo, preparar a casa toda.

Pego a bolsa, que ela deixou na sala, e levo para o quarto, colocando em cima da cama. Vejo o que irei precisar e levo comigo lençóis e travesseiros, parando perto da porta do banheiro antes de sair.

— Alice, coloquei sua bolsa sobre a cama. Arrume suas coisas como quiser e onde achar melhor, tem espaço suficiente no guarda-roupa, vou me deitar e, qualquer coisa, chama.

— Pedro, eu ainda acho...
— Boa noite, Bonequinha. Durma bem!
— Bruto teimoso! — grita do banheiro.
— Draga!

Respondo e saio do quarto, batendo a porta atrás de mim, sentindo certa diversão e alívio pela conversa e o tom com que começamos a levar a situação. Arrumo os lençóis e me deito. O problema é que saber que Alice está logo ali não me ajuda a dormir.



— Oi, Pepê, tudo bem?

Me assusto ouvindo a voz doce da minha Sofia, mas não vejo nada. Está escuro e sinto cordas a me prenderem, água a pingar e molhar minha cara e corpo.

— Sosô? — chamo em desespero.

— Pepê, você veio?

Tento responder a isso, mas pareço ter perdido a voz.

— *Por que deixou que me levassem, Pedro? Eu era só uma criança, você tinha que cuidar de mim, me proteger — diz, a voz chorosa, rancorosa, falha. — Por que, Pedro? — De repente, a voz não é mais de Sofia, é de Alice. Me debato.*

— *Você não teve castigo e seria merecido, sim, eu era uma criança, assim como ela era, e você fez isso com ela, você a perdeu — volta a dizer, confusa, a voz estridente me culpando.*

Sinto lágrimas arderem em meus olhos, desespero, vontade de me levantar, mas minhas pernas não me obedecem, nem minhas mãos. Quero gritar e pedir que parem, que posso ajudar, agora eu posso, e minha garganta não tem voz, tudo parece doer, queimar, não existir...

— Filho.

Paro quando ouço minha mãe e a procuro na escuridão, procuro por luz.

— *Por que a levou naquele dia? Por que deixou que a levassem de mim? Você acabou comigo, meu filho, acabou com a minha alegria de viver.*

— *Ma, ma, ma, ma ... — balbucio, tentando me explicar, é agonizante.*
— *Ah!*

— *Pepê.*

— *Sosô, me ajuda, me perdoa... — enfim, sussurro, mas não sei se ela me ouviu.*

— *Não, não perdoo, e você não pode ter ninguém, não é justo comigo, você não merece, Pedro. Vai machucá-la, feri-la e irá perder Camille como me perdeu. É o que faz de melhor, perder quem diz amar, deixar ir. Não estrague a vida de mais ninguém, não estrague a vida de Alice e deixe Camille em paz. Você é sujo, não merece nenhuma das duas, são boas demais pra você, é manchado por culpa, sangue... Não adianta tentar salvar vidas pra diminuir a sua culpa com o trabalho, no fim, você não consegue salvar nem a si mesmo!*

Ouç-a, paralisado, e agora vejo também o rosto de uma mulher. Uma mulher bonita de olhos negros como a noite. Tento ver melhor e ela parece minha mãe, mas não é... O nariz, a boca... eu. Ela começa a virar fumaça, indo embora aos poucos, e eu enlouqueço, tentando correr, me livrar, buscar seu perdão, mas algo me segura. Mãos me apertam, estão sobre minhas têmporas, agora seguram minhas mãos e eu não consigo gritar, não me movo. Eu a perdi de novo?

— *SOFIA!*

Acordo. Suado, cansado e com o rosto banhado de água, não sei se de lágrimas ou suor, tento focar em algo e olhos verdes me fitam. Suas mãos estão sobre meu peito, olhos lacrimosos a me olharem e eu me afasto como se me queimassem, me sentando e esfregando meu rosto com certa força, infligindo dor e tentando fugir do lugar onde estava. Foi um pesadelo, mas foi tão real.

— *Pedro, tá tudo bem? — Alice pergunta baixinho, se mantendo de*

joelhos sobre o colchão, vestindo uma camisola, e demoro certo tempo para processar tudo.

Olho-a, minhas costas ligadas à parede, e respiro fundo. Eu não estou mais lá, eu voltei, ela me trouxe de volta.

— Não conseguiu dormir? — pergunto, ignorando o que disse, ganhando tempo e tentando acalmar minha mente e coração.

— Não, levantei, tomei um copo de leite e depois fiquei aqui, sentada no sofá, mexendo no celular, enquanto você dormia, até que começou a falar e se debater. Estava sonhando com ela de novo? — Soa prestativa.

Não é segredo para ninguém. Quando menor, os anos seguintes ao acontecido foram os piores de minha vida. Vezes a fio em que todas as noites eu acordava gritando, chorando e às vezes molhado com minha própria urina. Era medo, culpa e arrependimento. Acharam que com o tempo eu conseguiria controlar o que me assombrava, principalmente, minha mãe. A verdade é que eu aprendi a esconder, camuflar a dor da perda, mas a culpa por perdê-la me corrói.

— Sim, foi um pesadelo — falo e volto a me deitar, tentando não dar atenção ao fato, focando meus olhos no teto, cada palavra dita no sonho me apavorando.

— Achei que tinham acabado, Pedro, por que nunca falou sobre isso?

Me deito de lado, levando o braço a apoiar minha cabeça. Ela não vai parar de falar, se preocupar, perguntar, e minha vontade é pedir que só pare, que se afaste, pois quero ficar sozinho e organizar meus pensamentos, acalmar meu próprio furacão. Mas não é isso de que ela precisa, não é o que ela merece e não é sua distância e desprezo que quero.

— Não é sempre, não precisa se preocupar. Diminuíram com o tempo — respondo e vejo-a se ajeitar ao meu lado, sentando-se e abraçando as pernas, olhos em mim.

— É com ela?

E com você. Era o que eu deveria dizer, mas não o faço.

— E minha mãe. Se puder, podemos falar disso amanhã, por favor? Prometo responder o que quiser, é só que agora...

— Claro que sim, Pedro, pode falar sobre isso quando quiser. Posso ficar aqui no sofá e te fazer companhia? Não consigo dormir lá no quarto.

— Não precisa perguntar, Ali. — Chego ainda mais para o canto do colchão, pego um travesseiro em cima do sofá e coloco ao lado do meu. — Mas o sofá não vai ser bom para as suas costas, vem, deita aqui. Se ficar nesse sofá de madeira, vai acordar torta pela manhã.

Ela me olha, receosa, e mudo meu foco, agora não consigo olhar para ela. O rosto da minha boneca e esse olhar piedoso dado a mim parecem me jogar direto no inferno, me lembram de que não a salvei quando deveria, que fui covarde.

Sinto-a se deitar ao meu lado, talvez por ter me visto em tal desespero, talvez tenha medo de que o sonho volte e esteja dormindo lá dentro e não possa me acordar. Ela é boa demais para mim.

Ainda assim, ela mantém certo limite entre nós, para não colar seu corpo ao meu. Vejo-a se arrumar e seu olhar busca o meu, a piedade pingando por todos os lados e as lembranças estão de volta, assim como o rosto da mulher de face bonita. Era ela. Sei que era.

Pouso meu braço sobre a testa e fecho os olhos, respirando fundo. O sono às vezes é traiçoeiro. De repente, mãos quentes, pequenas, serpenteiam por meu braço e seguram minha mão com força, em apoio, como se dissessem que estão aqui comigo. A cabeça se aproxima e encosta de lado em meu ombro, o cheiro do meu xampu que ela usou vindo junto da mistura doce e característica dela, impregnando minhas narinas, e isso me acalma.

Tenho sorte, sou um filho da mãe de sorte por ainda tê-la aqui.

A dúvida é se realmente a mereço.



A constatação de que só o amor não basta!

Acordo com o sol banhando minha face, coloco a mão sobre meu rosto, me movo, aconchegando-me mais ao corpo quente ao meu lado, e o abraço. O cheiro é tão bom, reconfortante e tão meu. Suspiro, sonolenta, ouvindo uma risadinha, e abro meus olhos, notando o que está me servindo de travesseiro: um ombro forte, vendo também a barriga nua, bem esculpida e coberta de pelos, meu braço sobre ela. Afasto-me brevemente, fitando o dono daquela risadinha, que ainda mantém um pequeno sorriso no canto da boca.

— Bom dia, dormiu bem?

Me sento, saindo, apressada, praticamente de cima dele e disfarço meu desconforto.

— Acho que dormi demais, já é tarde? Deveria ter me acordado, Pedro!

— Minha voz está rouca pelo sono.

— Você tava muito bonitinha dormindo, Boneca, parecia um gatinho manhoso procurando por quentura — fala e gargalha. — Não me olha assim, ainda é cedo e eu não te toquei, foi você que, mesmo com tanto espaço do seu lado, quis deitar em cima de mim.

Reviro meus olhos para sua voz debochada e me levanto, arrumando a camisola de algodão no corpo, a mais velha e folgada que encontrei em meu guarda-roupa, ouvindo barulho vindo lá de fora.

— Mag já tá aí? Ela me viu aqui? — pergunto, olhando desconfiada em

direção à porta da cozinha, que está aberta.

— Viu, porque a velha é curiosa. — E parece não se importar. — Agora tenho que ir até às baías ver os animais e depois pro hospital, enquanto isso você pode ir se arrumando, te deixo em casa ou no estúdio, onde quiser.

Nem presto muita atenção no que diz.

Tudo que não precisava era de Mag pensando besteira. Concordo com o que quer seja e então me lembro do que aconteceu ontem à noite, de como foi desesperador ver Pedro gritando, tentando falar e chorando durante o sono, parecendo sentir uma dor dilacerante. Foi terrível e eu quis para mim aquela dor, protegê-lo e livrá-lo do que quer que lhe causasse tanto sofrimento.

Eu era pequena quando meu tio se casou com sua mãe, mas me lembro que era assim que o encontrávamos quase todas as noites quando dormia lá em casa com os meninos, depois que chegou à nossa família e após eu ter idade suficiente, passei a entender os motivos que o deixavam daquela forma. Mas, com o tempo, eu achei que Pedro tinha, enfim, superado, que tinha se perdoado, mas, pelo jeito, não foi isso o que aconteceu.

— Pedro, antes que saia, você prometeu que iríamos falar sobre ontem, seus pesadelos — Chamo sua atenção e vejo seu sorriso morrer e sua expressão se fechar.

Ele muda seu olhar e se senta, levantando-se em seguida e pegando a camisa que deixou sobre o sofá de madeira escura, vestindo-a.

— Não precisa se preocupar com isso, Ali. Foi só um pesadelo, como eu já disse, fazia tempo que não os tinha. Ontem foi uma infeliz casualidade, não se preocupe com isso.

Me levanto também, pois sei que está mentindo e, antes que me dê as costas, eu seguro seu braço, impedindo-o de sair, mas seu olhar em momento algum cruza com o meu.

— É por culpa? É esse um dos motivos pelos quais quer adotar Camille, não é? Ela te lembra Sofia?

Pergunto, temendo ter ido longe, mas preciso saber. Vê-lo daquele jeito ontem à noite mexeu comigo, encheu minha cabeça de preocupações, dúvidas de que o homem alegre e perfeito que todos imaginam seja uma farsa e

esconda dentro de dele a escuridão da culpa e isso talvez acabe o engolindo.

Sinto mágoa pelo que vi dias atrás, quando ele jurava querer algo a mais comigo e estava com outra, raiva até, mas isso se dissipou aos poucos quando vi a bondade transbordar em seus gestos, a forma gentil com que se importa e trata Camille. Sim, eu não nego que ver os dois juntos mexeu comigo e me fez ver um lado seu, que até então apenas imaginei em minha cabeça. E isso fez a culpa bater em minha porta, foi crucial para minha decisão em ajudá-lo.

— Não fale bobagem, Alice, uma coisa não tem nada a ver com a outra — começa, tenso, e quando se dá conta, ele segura minha mão, que ainda aperta seu braço, levando-a aos lábios e deixando um beijo. — Falo sério, Boneca. Não precisa se preocupar, agora tenho mesmo que ir — fala, soltando minha mão e saindo apressado, pescando as botas no canto da parede.

Ele está mentindo. É fácil saber, pois nunca foi bom nisso, nunca conseguiu esconder nada de ninguém e tenho certeza de que sofre calado. Como se isso o fizesse mais homem.

Quando o conheci, éramos crianças e, ainda assim, eu o achava um garoto estranho, diferente de como eu esperava ser um menino de 11 anos. Ao menos era diferente dos meus irmãos, que pareciam querer colocar fogo no mundo comigo dentro. Umas pestes.

Mas Pedro não. Ele era quieto, calado e tristonho, com um olhar lindo e vazio. Os meninos não gostavam dele, não até o menino tímido começar, aos poucos, a querer se aproximar e, incrivelmente, foi comigo esse primeiro contato. Sempre me defendendo das brincadeiras pesadas dos meus irmãos, que não entendiam que uma menina, anos mais nova que eles, precisava de certa cautela com as brincadeiras.

Então foi natural que eu grudasse nele como carrapato, pois tinha paciência comigo, brincava até e eu? Confesso, não era uma menina nada fácil. Falava demais, vivia fazendo perguntas que às vezes nem minha mãe tinha paciência para responder e era ligada no 220, mesmo assim Pedro nunca sequer levantou a voz para mim, um amigo e protetor perfeito.

E a amizade foi natural, aos poucos. Começou no primeiro dia que o vi

na casa de meus pais, quando meu tio levou sua nova esposa e filho adotivo para conhecermos. O garoto não falou muito, não falou nada, na verdade. Ficou lá, o tempo todo ao lado de minha tia, uma mulher jovem, bonita, de sorriso doce e olhos escuros.

Não importava que o mandassem ir brincar com Augusto e Arthur, que minha mãe tinha tratado de domesticar naquele dia, pedindo que fossem gentis ou arrancaria o rabujo dos dois, não importava também os brinquedos caros e bonitos que eram oferecidos a ele, Pedro não sorria ou se distanciava de meus tios. Sorrio, sozinha, enquanto tomo meu banho, lembrando os detalhes daquele dia, que há muito não visitava nas minhas lembranças.

Naquela vez, eu, como a peste que era, peguei o *Power Ranger* vermelho de Arthur e, sem querer, querendo mesmo, o quebrei. Levei uns cascudos dele e abri o berreiro, doeu *pra* caramba. Só aí, os olhos azuis tristes grudaram em mim, enquanto minha mãe tentava me calar e prometia a Arthur que ficaria de castigo. Seus olhos, desde aquele momento, em nenhum segundo deixaram os meus, como se quisesse me consolar à distância.

Fiquei emburrada depois, magoada e envergonhada com a briga na frente de outras pessoas, sabendo que, mais tarde, minha mãe me daria um castigo bem dado. Dona Vera nunca brincou em serviço.

Estava sentada na área da frente, usando o vestidinho rosa de princesa, quando senti alguém vindo. Olhei por cima do ombro e era ele, o garoto meio gordinho de olhos tão azuis quanto o mar. Ele se sentou ao meu lado sem dizer uma palavra e me estendeu a mão gorducha e grande para seu tamanho, tendo dentro dela uma pequena florzinha rosa.

Olhei para ele, que sorriu, pela primeira vez, dizendo um pequeno *pra* você. Eu peguei a florzinha e rodei o talinho entre meus dedos, guardando aquilo como um verdadeiro tesouro. Ele permaneceu lá, calado, me olhando com carinho, qualquer estranheza se perdeu naquele momento e ele se tornou meu melhor amigo e protetor.

Com o tempo o garoto cresceu, emagreceu e continuava perfeito em temperamento. O filho dos sonhos, o amigo fiel, o sobrinho que dava orgulho ao meu pai, que passou a considerá-lo como filho, principalmente, após a morte prematura de meu tio. Ele estava sempre pronto a ajudar, amoroso, carinhoso, cheio de cuidados e, com o tempo, se tornou minha paixão de

adolescência. Nego com a cabeça, não querendo ir por esse rumo e, já vestida, saio do quarto à procura de Mag.

Eu a encontro na cozinha, lavando a louça.

— Bom dia, Magzinha!

A mulher se vira para mim com um sorriso de orelha a orelha. Enxuga as mãos no pano em seu ombro e vem até mim com alegria, me pegando em um abraço fraternal e apertado.

— Cabelinho de fogo! Que bom que tá aqui. Minha filha quer comer o quê? É só falar que preparo agora mesmo!

Fico sem graça com tanta atenção.

— Para, Mag, sou só eu. Pode ser um pedaço do pão caseiro que devorei uma fatia ontem à noite, estava uma delícia.

Ela sorri, orgulhosa, essa mulher tem mãos de fada.

— Ah, menina, então vai comer o que eu acabei de assar, tá quentinho e fofinho!

— E deve estar delicioso, mas Pedro não vem tomar café? — pergunto ao me sentar, fingindo falso interesse.

— Ah, não, acabei de mandar café pro pessoal lá nos estábulo, ele deve tomar por lá mesmo. Ele gosta de tomar leite tirado direto das teta, *cê* sabe.

Sim, eu sei. Costumava acompanhá-lo nessa arrumação, hoje já não sei.

— Quando voltar, vai se apressar pra tomar banho e ir pro hospital, ainda mais hoje que acordou tarde — fala, olhando para mim, piscando sugestiva e eu me engasgo com minha saliva.

— Não é o que tá pensando, Mag.

— Eu não pensei nada, menina, não tô aqui pra isso. Aqui, come tudo que você tá muito magrinha — Tenta, colocando na mesa uma xícara de café, leite e duas fatias enormes do pão caseiro recheadas com queijo.

Me ponho a comer enquanto a vejo lavar a louça e falar da correria que é o lugar, da rotina, a mesma de que eu me lembrava. Como uma fatia do pão, que está divino. Minha língua coça para falar com ela, perguntar se sabe alguma coisa sobre o que aconteceu essa noite e não me detenho.

— Mag — chamo e ganho sua atenção. — Pedro, ele... sabe me dizer se ainda tem aqueles pesadelos?

A mulher fica séria no mesmo instante, para seus afazeres, virando-se de frente para mim, e me parece preocupada, deixando a louça e aproximando-se, como se fossemos tratar de um segredo e acho que é, de certa forma.

— Aconteceu alguma coisa essa noite, Alice?

— Ele teve um daqueles pesadelos, perguntei se foi com ela e ele confirmou, mas não quis falar mais nada sobre isso. — Vejo-a negar, desgostosa.

— Ele não fala sobre isso e não adianta o que lhe digam, o menino se culpa até mesmo pela morte da mãe.

— Mas por quê? Foi um câncer e, sobre Sofia, ele era uma criança — falo, sentindo o coração doer. — Eu achei que isso já tinha passado, ele nunca deixou que ninguém percebesse nada, sempre parece tão bem, tão... feliz.

— Ah, Alice... você não estava aqui depois que ela se foi. Tudo piorou quando a tristeza consumiu a patroa no fim de seus dias pela perda da menina. Foi difícil, foram dias em que ele passou a dormir ao lado dela. A mulher delirava, chamava pela menina e aquilo o feria. — O pesar carrega sua voz e o queixo treme. — Os pesadelos nunca pararam e ele acha que ninguém escuta, que não vejo o rosto dele cansado depois de uma noite que diz ter dormido bem. Sempre soube que é por isso que nunca dorme com ninguém. Com quem quer que seja que ele mata suas vontades por aí, fica por lá mesmo e nunca sequer pisou aqui. Ele jamais trouxe ou passou a noite com qualquer mulher nessa casa.

Meu coração se aperta, na mesma medida que se regozija com isso. Eu sou um ser humano horrível, meu Deus, não é hora para ciúmes.

— Você foi a primeira. As mulheres que já passaram por aqui, aparecendo de surpresa, não amanheceram...

Engulo em seco, tentando não dar atenção a isso.

— Ele fala com você sobre ela? Sofia?

— Muito pouco — diz e se volta para a pia. — Ele colocou um detetive, faz tempo já, mas sem maiores novidades. Não vi mais o homem por aqui.

Fico pensativa, ouço passos pesados e logo Pedro aparece na área, mastigando um pedaço do bolo em sua mão, tirando as botas apressadamente.

— Como consegue se sujar em tão pouco tempo? Meu Deus! — pergunto, olhando a calça jeans suja de... — Pedro, isso é sangue?

Ele sorri, não dando muita atenção para minha cara de horror ao imaginar que se machucou.

— É, e adivinha só? Uma mangalarga acabou de parir, o bichinho tava sentado, mas com uma mãozinha ele saiu. Não deu pra colocar o avental!

— Quer dizer com a sua mãozona?

— Eu tinha que ajudar de algum jeito. É um potrinho e tanto, Alice. Camille vai gostar.

— Camille? — pergunto, vendo os olhos do homem brilhar.

— Sim, vai ser seu presente inaugural, se conseguirmos tê-la. Vou ensinar a menina a ter gosto por animais — Ele parece contente, sem resquício do homem em desespero de ontem à noite. Ele passa por mim e deixa um beijo em minha cabeça, algo natural e automático, que me lembra do carinho que tínhamos antes de eu ir embora. — Vou pro banho, num minuto vamos embora.

— Tá bom.

Ele some pela porta e Mag apenas sorri, negando com a cabeça. O homem é uma contradição e o que martela minha cabeça nesse momento são as palavras de Mag: ele nunca dorme com ninguém e o quanto sofreu após a morte da minha tia.

Eu estava aqui, na cidade, mas estava ocupada me curando após o acidente e a perda do meu filho e não vi sua dor, não pude ajudar e isso me dói.



Agora andamos juntos e calados. Com o peão vestido de doutor, vamos em direção à caminhonete azul, parada a poucos metros da casa grande de madeira. Antes de chegarmos ao carro, ele para, olhando na direção da baixada, que tem um caminho ladeado, dando acesso à área do haras. Olho na mesma direção e vejo um homem alto, vestindo em um paletó cinza, vindo pelo caminho.

— Conhece? — pergunto, curiosa, me aproximando dele.

— Nunca vi mais gordo.

Fico ao seu lado e esperamos, quando o homem se aproxima de nós, está esbaforido e suado.

— Pedro Ribeiro?

— Sou eu.

— Sou oficial e tenho uma ordem para o senhor — diz, entregando um envelope fechado, e sinto minhas pernas falharem. — Pode assinar aqui, por favor?

— Claro.

Assisto a Pedro segurar uma prancheta e assinar onde é pedido. O homem engravatado se despede, nos deixando sozinhos novamente, e ele abre o envelope com rapidez, lendo o que tem dentro, enquanto quase morro de curiosidade. Vejo-o olhar para mim e me mostrar um sorriso radiante, imenso, contente e perfeito.

— É a habilitação de adoção — diz, com emoção, deve ser a mesma que sinto por ele, e me jogo em seus braços, comemorando a novidade sem me importar com mais nada. — Demos o primeiro passo, Boneca.

Seus braços circulam minha cintura enquanto aperto seu pescoço, podendo sentir intimamente seu cheiro, é bom e faz com que me recomponha, me afastando, mas suas mãos não deixam minha cintura.

— E agora?

— As visitas começam.

— Então é a partir de agora que damos início a tudo?

— Sim, é!

— Vamos conseguir, sei que sim. Você merece — falo e levo minha mão ao seu rosto, sentido os pelos curtos da barba baixinha roçarem minha mão.

— Obrigado. Acho que ainda não agradei, obrigado pelo que está fazendo por mim e por Camille e também me desculpe, Ali, por te atropelar com essa carga.

E eu chego a suspirar.

— Não precisa de nada disso, deixe isso tudo pra quando Camille estiver correndo por aqui e te chamando de papai.

Ele sorri e segura meu rosto entre as mãos, encostando sua testa na minha, olhos brilhantes ao encontro dos meus. Sinto a respiração dele em meu rosto, o hálito fresco, e minha boca saliva por um beijo, meu corpo pede por aproximação.

— Ainda assim, obrigado.

Concordo e me solto de suas mãos, fitando qualquer lugar que não seja seu rosto, tentando fugir da vontade louca de pedir por mais.

— Vamos?

— Claro, agora mesmo! — concorda e faz um gesto cavalheiresco com a mão.

Ambos entramos no carro e sinto o ar leve, meu corpo quente ainda querendo estar próximo ao seu, sentindo aqui dentro sensações estranhas como: contentamento, medo, felicidade, pavor... mas, entre todas, a raiva, aquela mesma que sentia até pouco tempo atrás, parece dar lugar a outra coisa, algo maior. E, por fim, um último resquício de culpa faz com que eu me encolha em meu lugar, o peito apertando e o coração sangrando. Ajudando-o, posso sanar também esse sentimento em meu peito, não é apenas por ele, é por mim também.

Que Deus me ajude, pois a raiva de dias atrás se foi após cada ação e o que restou... foi a vontade de saciar o sentimento que tenho, que sempre tive,

mas que venho tentando esquecer, mentindo para mim mesma.



Não adianta fugir e fazer promessas impossíveis de seu coração cumprir.

— Vai dar merda isso aí!

— Por quê? — pergunto, não que vá fazer diferença sua resposta.

— Porque é da minha irmã que estamos falando e, se isso feder, eu vou ter que quebrar a cara do meu padrinho de casamento!

Sorrio e cruzo os braços em frente ao corpo, me encostando na parede branca atrás de mim, vendo-o me ameaçar como se estivesse falando do tempo, enquanto lê o prontuário em suas mãos. Já estou para sair do hospital, mas antes encontrei com ele próximo ao quadro de cirurgias e Augusto me contou que Alice já disse a ele o que pretendemos fazer, ou melhor, já estamos fazendo.

— Sem falar — volta a dizer — que meu pai, seu tio, irá matar os dois. Já imaginou como vai contar que enfiou a bonequinha adorada dele nessa história? — Ele sorri, com deboche.

Ah, se ele soubesse o que quero realmente enfiar nela e como ando tentando acalmar exatamente esses pensamentos...

— Com seu pai, eu me entendo, não se preocupe!

— Sei, só me avisa quando isso for acontecer, quero assistir!

— Não seja babaca, não é como se fosse a burrada que você fez

naquela vez. Convenhamos que essa não chega nem perto. Mas e se...

— E se? — incentiva.

— Não for mentira? Tendo em vista que vai ser difícil tentar não a conquistar e deixá-la ciente do que sinto por ela, — Tenho sua atenção, coçando a barba cheia, pensativo.

Nunca foi um segredo para ele que sempre a amei, não após jogar tudo isso em cima dele logo após ela se casar, quando foi me buscar no bar, *pra* lá de bêbado. Ao contrário do que pensei, Augusto me confessou que, no fundo, esperava por isso e que já sabia que eu a amava. Eu nunca fui bom mesmo em esconder sentimentos.

— Tá falando sério? Depois de tudo, acha que daria certo? Quer mesmo cutucar a onça? — Confirmo. — Eu não sei não, acho que poderia deixá-la seguir em frente, sei lá, ambos devem seguir em frente, na verdade. Não vejo isso dando certo de jeito algum. Ela tem carga demais agora, você também, juntos, a carga pode pesar.

— Ou ficar mais leve. — Vejo-o ponderar, cruzando os braços. — Não deixa de estar certo, mas talvez diga isso porque ela é sua irmã e, pra você, nunca daria certo com ninguém. A verdade, uma que eu concordo, é que não há ninguém que realmente a mereça.

Ele não concorda, mas também não nega.

— Eu prometi que não tentaria nada, mas tá complicado, Augusto. Não vai dar pra fugir da merda que eu mesmo inventei e nem vai dar pra passar minhas próximas noites no mesmo lugar que ela sem...

— Presta atenção nas suas próximas palavras, a última coisa que quero é imaginar tal loucura entre vocês dois, Pedro. Pelo amor de Deus!

Seguro seu ombro e não consigo não rir.

— Bom, agora tenho que ir. Vou buscar a onça, trouxe algumas coisas pra deixar no apartamento dela.

— Hum, vai lá, mas se lembre do que eu falei, eu não estava de brincadeira — diz, sério, e volta a atenção para a folha em sua mão.

— Se tá tentando me fazer desistir, não vai dar certo. Dessa vez não vai funcionar, cunhado — debocho.

O cara fecha a cara, jogando em mim a caneta que tem na mão e eu me distancio, rindo e entrando no elevador em seguida. Não interessa quem é o homem, ninguém estará à altura dela, mas estou disposto a fazer por merecê-la, tentar fazê-la feliz, caso a conquiste. Já deixei que interferissem demais, já basta.

Ao entrar no carro, vejo uma chamada perdida do meu contador e me lembro da semana infernal, cheia de prejuízos, e isso me faz ver que, em algum momento, terei de abrir mão de alguma das coisas que tanto amo fazer. Ainda mais agora, que pretendo ter uma criança em minha vida. Terei de acabar terceirizando a administração do haras, ou isso, ou cometerei algum erro que acabará me levando à falência e não vai demorar. Me dividir entre o hospital e a fazenda começou a me sugar demais. Ou um, ou outro, a partir de agora, que tenho a quem me dedicar.

Após o dia em que dormiu em minha casa, não voltei a ver Alice no restante desta semana, em uma parte foi por conta da montanha de problemas envolvendo um investimento alto que acabei perdendo por irresponsabilidade de terceiros, gerando uma dor de cabeça dos diabos e, em outra, por que aproveitei esse tempo para tentar controlar os resíduos deixados pela última noite em que passei junto a ela. Tentei esquecer os sonhos e pesadelos, as lembranças que eles sempre deixam. Não quero que me veja novamente como naquela noite, não quero que se preocupe.

Até mesmo os presentes que combinei que iria, com ela, deixar na tarde seguinte, ficaram para depois, após a notícia do tamanho do prejuízo que eu teria.

Sigo para o estúdio de balé para buscá-la, já escureceu quando chego próximo ao lugar e a via movimentada não me deixa estacionar em frente ao estúdio. Paro no acostamento, em frente a uma pequena floricultura que parece estar sendo engolida por lojas gigantescas em ambos os lados e tenho uma ideia, decidindo por entrar no lugar bem organizado, iluminado e cheiroso.

Encontro uma moça loira, bonita, que me recepciona com um sorriso gentil. Me aproximo do balcão onde ela está, lendo seu nome no crachá rosa chamativo.

— Boa noite, em que posso ajudar, senhor?

— Boa noite, Isis, acho que irei levar um arranjo hoje... — falo e vasculho o lugar, vendo algumas flores murchas nas prateleiras em meio a outras cheias de vida. — Não, um arranjo não, quero algo vivo, cheio de cor e luminoso como ela. — Soo animado e a moça sorri.

— Não gosta de arranjos?

— Não gosto de matar nada. É um lindo significado entregar arranjos de flores, mas acredito que algo vivo tenha melhor significado. Pode ser uma daquelas flores raras, pequenas, que não lembro o nome e não ocupa tanto espaço.

— Uma orquídea? Tenho uma espécie que pode se encaixar no que quer. Ela tem um tom laranja avermelhado, luminosa, pode ser perfeita pra sua namorada.

— Pode ser essa, então — concordo, não a desmentindo sobre o namorada, em meu peito, a vontade de que seja verdade. Não conheço nada de flores, então será essa mesmo.

— Só um minuto, por favor.

Espero, permanecendo encostado no balcão de atendimento e, minutos depois, tenho a plantinha num vasinho de madeira, enrolado em um plástico transparente cheio de corações e uma fita vermelha. É pequena e delicada como eu queria. Pago por ela, que realmente deve ser rara pelo preço que vale, — uma pena que ainda irá demorar para florescer — e saio da loja.

Deixo a planta no carro e sigo a pé pela calçada até a frente do local de cor rosada, com fachada de inox. Bato a porta e espero por ela, mas quem a abre é a moça que lembro ser sua recepcionista. A garota, que me lembrava de ter um sorriso simpático, me olha, meio assustada, mudando o olhar para atrás de mim constantemente.

— Boa noite, pode chamar a Alice? Vim buscá-la.

— Hum, não vai dar não. Ela saiu — fala, inquieta.

— Certo, sabe se ainda vai voltar? Combinei com ela que viria.

— Acho que ela se esqueceu, deve ir depois, de táxi, não é necessário esperar — responde, coçando a cabeça.

— Eu espero alguns minutos então. Posso entrar?

— Sim, pode, mas talvez ela demore e eu tenha que fechar.

— Aí não tem problema, espero alguns minutos só enquanto tento ligar pra ela.

A garota não responde e me deixa entrar bem a contragosto, o que é estranho. Me pergunto qual pode ser o problema enquanto me sento em uma das cadeiras da recepção, pescando o celular no bolso da calça e ligando para Alice. Cai direto na caixa postal e tento mais uma vez, observando o ambiente, que só fica melhor a cada dia, vendo a bolsa de Alice sobre o balcão branco à minha frente. Ela não sairia sem a bolsa, o que quer dizer que deve voltar, mas fica pior quando vejo ao lado da bolsa um arranjo de flores lilases e um cartão.

— São suas? — pergunto para garota, que rói as unhas e me olha.

— Não, são de Alice, o Plínio trouxe antes de saírem.

Os pelos dos meus braços se arrepiam com a informação. Que desgraça é essa agora?

— O tal engenheiro?!

— Sim — confirma.

Quer dizer que o filhote de satanás não desistiu?

Onde Alice iria com aquele homem em uma sexta-feira a essa hora? A raiva se apossa, raiva não, essa merda é ciúme mesmo, que vem junto da vontade de pegar o engomadinho e dar uns sopapos para ele aprender a não mexer com a minha mulher.

Claro, não é minha mulher, não de verdade, ainda, mas vai ser. Sim, porque o inferno teria que subir antes que eu conseguisse manter essa farsa sem tocá-la, sem tentar fazer com que veja que o que sinto é verdadeiro, que a amo e quero fazê-la feliz como merece, que se fodam as consequências, pois só vai depender de ela querer ou não.

Um movimento em frente à porta de vidro do lugar me chama a atenção e viro o rosto, vendo-a junto ao filho da puta, parados na calçada. Parecem bem íntimos enquanto o abusado a aperta em um abraço. Fecho meus punhos, segurando a vontade de ir até lá e arrancá-la daquelas mãos que a serpenteiam, afinal agindo como um homem das cavernas não irei conseguir

nada, o que ultimamente não está fazendo muita diferença. Eu não a mereço, sei disso, mas claramente ele também não. Inferno!

Ela vem em direção à porta, rindo, jogando o cabelo comprido de lado e acenando um tchau. Eu a espero e encosto os cotovelos em minhas pernas, esperando que entre.

— Oi, Tati. Demorei? Desculpa ter saído assim, mas até que foi divertido, bem divertido mesmo. Plínio é um amor, *super* gentil, engraçado e... — fala, contente, rindo e gesticulando, e a moça, que se mantém branca, faz um sinal para mim com o queixo.

Alice se vira e me vê, estancando sua fala, a boca aberta, olhos arregalados. Me encosto na cadeira e cruzo os braços em frente ao peito, como se pudesse prender a vontade de fazê-la acreditar que a quero, que quero tentar colocar para fora o que sinto. Porra de situação fodida.

— Combinamos de ir juntos, vim buscá-la — pronuncio e me levanto.

— Ah, claro que sim, eu me esqueci disso, desculpa. Tati, pode fechar para mim? Eu já vou indo e aproveita o fim de semana, nos vemos segunda.

— Beleza, chefe, bom final de semana pra vocês também.

Mal escuto e vejo o rosto da mulher tomar a mesma cor de seus cabelos e, sem mais novidades sobre o tal encontro, ela pega sua bolsa, pronta para vir comigo. Abro a porta para que passe, mas a assistente dela volta a falar, fazendo cada músculo meu retesar, e aperto meu maxilar em desgosto.

— Alice, as flores e o cartão.

Ela me olha, antes de sorrir sem jeito, e volta para pegar as malditas flores em que quero tocar fogo e fazer o almofadinha engolir as cinzas. Seguro a porta para que passe.

— Cadê o carro? — pergunta assim que saímos para a calçada.

— Tá mais ali na frente — respondo, começo a andar na direção que lhe aponto e ela me acompanha.

O ciúme que estou sentindo nesse momento é surreal, quase me sufoca ao me lembrar da forma como se referiu a ele. Desgraça! A mulher era só sorrisos, o que me faz procurar em minha mente há quanto tempo não a vejo sorrir daquela forma para mim. Destravo e entro no carro ao alcançá-lo,

esperando que faça o mesmo. Me esqueço da porcaria da planta e, quando ela vai se sentar, a vê, pegando o pequeno jarrinho nas mãos e admirando.

— O que isso faz aqui? — Sua voz sai parecendo surpresa e desconfiada.

— É uma orquídea.

— Eu sei, é pra Mag? — Tenho vontade de mentir e dizer que sim, o que seria irracional e desnecessário se eu pensar com a cabeça de cima.

— Não, é pra você.

— Awn, amo orquídeas, eu tinha um monte em São Paulo. — Confirmo a contragosto e a vejo colocar o arranjo que trouxe consigo no banco de trás, segurando a plantinha em seu colo e admirando-a, os olhos brilhando. — Obrigada, eu adorei!

É irracional, eu sei, não faz nem uma semana que prometi a ela não me meter em sua vida e estou falhando miseravelmente com isso, pior, estou me corroendo com um ciúme filho da puta. Não sei ao menos como agir e, na falta de qualquer coisa para me impedir de fazer uma besteira, aceno e dirijo calado até seu apartamento.

— Trouxe suas coisas? Meu carro não está aí, pode colocar a caminhonete na vaga — fala, parecendo contente quando estamos próximos ao prédio.

— Sim, eu trouxe. — Aperto o volante, segurando a língua.

Coloco o carro na vaga como pediu e dou a volta para pegar a bolsa que eu trouxe e deixei no banco de trás. Combinamos que levaria algumas das suas coisas para o haras e que eu traria algumas minhas para cá. Pego o que preciso e a acompanho, enquanto espera o elevador, entregando a ela as flores que novamente esqueceu, a porcaria toda enfeitada queimando em minhas mãos.

Subimos calados e entramos juntos em sua casa. De cara, sinto logo o perfume inconfundível dela espalhado pelo lugar impecavelmente bem organizado e sei que isso vai me levar à loucura.

— Pensei que poderíamos colocar uma cama no quarto de hóspedes — anuncia, enquanto coloca a bolsa no sofá, indo em direção ao balcão da

cozinha. — Você pode dormir lá quando ficar aqui ou podemos já decorar com algumas coisas de princesas, ela gosta?

— Gosta, Camille é uma criança fácil de agradar.

E ela parece orgulhosa.

— Ótimo, fica à vontade, Pedro. Quer beber alguma coisa? Tem cerveja na geladeira.

— Estou bem, obrigado.

— Não bebe mais?

— Muito pouco, sempre me pega rápido demais.

Ela só confirma e me olha por instantes demorados, até voltar a falar, um sorrisinho ameaçando tomar os lábios bem feitos.

— Sobre hoje, com Plínio, não foi nada demais, foi só um lanche do outro lado da rua.

— E isso tem importância? — Claro que tem porra, o que eu estou falando?

— Bom, você pode pensar que isso pode prejudicar na adoção, sei lá, só quero esclarecer. Mas terei cuidado, pode ficar tranquilo.

O que ela quer dizer com terei cuidado? Alice por acaso está me dizendo que vai se encontrar com aquele cara outra vez?

Me aproximo dela, que permanece encostada na bancada da cozinha, estudando cada movimento que faço.

— Vai transar com aquele almofadinha? É isso que tá tentando me dizer, é com isso que vai ter cuidado? — pergunto, o rosto próximo ao seu.

— Bom, ele quer sair comigo outra vez e eu aceitei — diz, exultante, contente até. — Acho que após alguns encontros é isso que se espera, né? Por isso estou tentando te tranquilizar quanto a isso, pois terei muito cuidado com esses encontros. Se der certo e tivermos algo para assumir, será só após estar tudo certo com a adoção. Pode ficar tranquilo quanto a isso.

Ela só pode estar de brincadeira ou quer me enlouquecer.

Meu sangue ferve e não de um jeito bom. O cheiro dela, o corpo, traz a mistura perigosa de raiva e tesão, um desejo maluco. Ela tenta se afastar e a

impeço, usando meu corpo, fazendo-a me olhar quando levanto com cuidado seu queixo com o polegar, espalmando minhas mãos no balcão em seguida, uma de cada lado de seu corpo.

— Então é com isso que devo me preocupar? É por isso que estou com o ciúme correndo por minhas veias me fazendo perder a razão?

— Eu não faço ideia. — Sorri. Draga debochada! — Bem, está com ciúmes? De mim com Plínio? Sério? Não tem por que... — Um sorriso toma a boca coberta por um batom rosa escuro, sensual *pra* caramba.

— Você não tá facilitando, não tá me ajudando a manter a promessa que fiz pra você. Sabe disso, não sabe?

— Não exagera, eu só acho que, como você fez com Helena, não tem problema algum que eu faça também. Estamos nisso juntos, mas nada impede que eu... mate minhas necessidades com outro homem, se é que me entende, me refiro a tesão. Não falamos disso, mas é bom esclarecermos tudo, não é?

Como eu fiz com Helena? Eu não fiz nada!

Perco parcialmente o chão, minha cabeça fodendo comigo ao me fazer imaginar outro homem tocando-a, mostrando a ela que relacionamentos podem e devem ser bons, que podem trazer paz.

— Eu não fiz nada com Helena. Há meses que não transo, desde que voltou que eu não consigo tocar em uma mulher sem que você esteja em meus pensamentos. Naquele dia, se tivesse olhado melhor, teria visto que eu não aceitei aquele beijo, que eu não o quis. Acredita em mim, droga.

— Bem, porque você sabe...

E eu a corto.

— Quer matar suas necessidades? Quer foder gostoso, é isso, Alice? — pergunto, chegando mais perto, vendo-a fechar os olhos e respirar fundo, sentindo o corpo quente amolecer entre meus braços.

— Hum... — geme e sinto meu pau doer dentro da calça.

— Responde e me diz se não quer que eu faça isso, que, enfim, me atole em você e que a faça gozar gostoso em meu pau. Seja sincera e diga se na sua cabeça não sou eu que te sacia, mata essas necessidades, todo esse tesão... Há sentimento, Alice, eu sei, eu sinto. — Ela abre os olhos e o que eu

enxergo me desestabiliza.

É desejo, luxúria, necessidade. Tudo isso sendo palpável e minha boca se aproxima mais de sua orelha, puxo o lóbulo macio com meus dentes, fazendo-a gemer.

— Hum... — geme e procura meu olhar. — Vamos fazer isso de verdade, Pedro. Quero fazer exatamente o que acabou de falar e quero com você, sempre quis. Mas hoje não é foder que eu quero, mas sim que faça amor comigo, que me mostre o quanto é bom — diz e toca meu rosto, os olhos lacrimosos. — Mas quero que seja só meu a partir de hoje e que me prometa, que diga que não vai me machucar...

Provavelmente, a surpresa em meu rosto é perceptível e, antes de confirmar o que acaba de dizer, selo meus lábios nos seus, puxando em seguida o lábio inferior.

— Sou seu desde que a conheci, Alice, nunca ninguém tomou o teu lugar, nunca ninguém chegou perto de me fazer amar!



Antes de mais nada, temos que primeiro nos perdoar...

Não era minha intenção, não era para ser assim, porém, em momento algum pensei, que o homem controlado perderia seu controle tão facilmente ao me ver conversar com outro e percebi isso no momento em que pus meus olhos nele em meu estúdio. E é claro que o que eu disse há pouco em nada foi verdadeiro, apesar de um convite para um jantar ter sido feito por Plínio.

Mas, para ser justa, eu não tenho interesse em nenhum outro homem. Por mais que eu queira negar, meu corpo esquenta e minha calcinha molha por apenas um homem, esse que acaba de me deixar sem palavras ao dizer que ninguém nunca tomou o meu lugar e que me olha de forma penetrante, com tantas camadas expostas que eu não saberia dizer quais vejo.

Pedro me beija, em uma mistura rude e apaixonada, castigando meus lábios, a língua exigindo passagem, exigindo mais de mim, o que eu quero muito dar e esquecer de uma vez tudo que colocamos entre nós. Levo minhas mãos para seus cabelos e os puxo, apertando-me contra seu corpo. Sinto o creme escorrer por minha intimidade e molhar minha calcinha, uma necessidade sem tamanho explodindo em mim.

Pedro deixa as laterais de minha cintura e segura meu rosto entre as mãos, me olhando, o desejo deixando sua íris escura, quase negra, o rosto esculpido, másculo, comprimindo a mandíbula.

— Terá que ter paciência comigo, Boneca. — Olho-o, sem entender o que quer dizer. — Eu não sei fazer amor, eu fodo, bruto, pra ter e dar prazer.

— Engulo em seco, suas palavras causando ainda mais excitação em mim.

— Faça como quiser, serei sua, só não me machuque com o ato. — As palavras saem sem nem pensar em meu pedido, perdida em desejo, e vejo sua expressão suavizar e a mão grande roçar minha bochecha com delicadeza e carinho.

— Eu jamais a machucaria, não a tocaria de uma forma que não iria gostar.

Meu coração tamborila em meu peito ao mesmo tempo que quer parar de bater, uma confusão. Tenho confiança nele, é Pedro aqui, o garoto triste e bonzinho, o homem preocupado e protetor. Levo minhas mãos aos botões da sua camisa e, calada, cheia de expectativas, desabotoo um por um, com meus olhos presos aos seus. Passeio minhas mãos por seu peito e abdômen coberto por poucos pelos negros, explorando e adorando a sensação de tê-lo.

— Sem perguntas... — peço, envergonhada, sem tanta confiança, e seu olhar um tanto confuso segue meus movimentos.

Tiro minha blusa, ficando de sutiã e levo minhas mãos à minha calça, desabotoando e tirando-a, ficando de calcinha e sutiã, perdendo aquele momento que pode ser tão sensual para um casal, ao se despirem. Não há sensualidade no que mostrarei a ele e preciso que veja antes de qualquer coisa.

Sinto vergonha, mas isso não me detém ao me expor para ele. Os olhos azuis percorrem meu corpo e param quando alcançam a cicatriz em meu baixo ventre, a marca que carrego de uma cesariana feita anos atrás, quando meu filho nasceu sem vida, e ele circula calmamente a cicatriz com as pontas dos dedos, carinhosamente.

Respiro fundo, antevendo o que possa vir, e ele me puxa para seus braços, me abraçando, e volta a tomar meus lábios em um beijo apaixonado, cheio de cuidado, amor...

Amor!

— Hum... — gemo, inebriada com seu cheiro e as sensações que seu toque me dá, a vergonha não existindo mais.

Ele segura minha cintura e me põe sentada sobre a bancada, abrindo minhas pernas com brusquidão e se pondo entre elas. Pedro desce sua boca

pela minha pele, dando beijos e pequenas mordidas por meu pescoço e tento não assimilar isso ao passado.

É Pedro aqui. É Pedro, Alice.

Lembro a mim mesma e deixo que meu corpo sinta, que as carícias me levem com elas. Apoio minhas mãos no mármore atrás de mim, deitando o corpo levemente e me expondo para seu deleite, enquanto sua boca faz o caminho até meus seios, ainda cobertos pela peça de renda branca. Abro os olhos e encontro os seus, maldosamente ele morde o bico do meu seio por cima do sutiã, prendendo-o e sorrindo, fazendo a pressão certa para um gemido sôfrego deixar minha garganta e minha calcinha ficar encharcada.

As mãos grandes vão para minha calcinha e ele a puxa. Talvez sua intenção fosse tirar, mas a peça delicada e fina se parte, e ele a descarta, jogando-a no chão. Exposta, é como me sinto e minha intimidade captura sua atenção, trazendo o momento de apreensão ao meu corpo.

Seus olhos escurecem, mas sei que não é mais de prazer, tesão e desejo. E, no fundo, eu esperava por isso, por esse olhar. É dúvida e raiva, talvez nojo. Ele me olha e não há o que eu possa fazer, não há como esconder, mentir. Essas são as marcas que levarei pelo resto da vida em minha pele, que me lembrarão de tudo pelo que eu passei nas mãos daquele infeliz e, aos poucos, toda a luxúria que me preenchia vai deixando meu corpo.

— Sem perguntas, você prometeu — falo, em um sussurro, e ele nega, olhando com atenção as marcas em minhas coxas, na parte inferior, perto da minha vagina.

São cortes espalhados pela extensão, na parte interna, junto de mordidas que já deixaram cicatrizes mais fundas, piores, e que hoje me servem como lembranças dolorosas que não quero ter, não agora. Hoje eu só queria que fosse normal, bom. Que fosse com o homem que sempre sonhei ter e que me tratasse diferente, que fosse único. Quero enfim ter coragem de me abrir, de me livrar de todo esse peso e confiar. Mas não é o que vejo em seu olhar, não é mais desejo, é... culpa?

Seus olhos estão nos meus, sua mão para sobre a alça do sutiã, é como se pedisse permissão e aceno que sim. Com delicadeza, Pedro expõe meu seio, mostrando um após o outro e suas feições, antes bonitas e cheias de

fogo, esfriam, endurecem e jogam um balde de água fria sobre mim, sobre nós.

— Não me olha assim... — peço, querendo me esconder desse olhar e de um futuro julgamento.

Fecho minhas pernas e tento sair, mas ele me impede quando me tem entre seus braços, me apertando dentro deles em um abraço dolorido para ambos.

Não é julgamento, não em relação a mim, pois vejo apenas empatia.

E, diferente do que eu imaginei para essa noite, os braços quentes, confortáveis e fortes me fazem chorar, mas não de prazer. Talvez o choro seja por tê-lo aqui comigo, por ele querer me consolar estando eu tão exposta, tão pequena e me deixo ir em seu abraço e consolo, me derramando enquanto escutamos somente meus soluços cortarem o silêncio, enquanto permaneço aquecida por seu abraço, sentindo sua respiração quente e entrecortada em minha pele.

O momento, antes quente, se perdendo por completo.

Sou suspensa por ele e afundo mais minha cabeça em seu pescoço, inspirando seu cheiro, me escondendo. Pedro leva-me até meu quarto, que permanece escuro, e me deposita devagar sobre a cama. Eu me encolho, puxando o travesseiro e escondendo meu rosto, me derramando nele como já fiz vezes a fio, sozinha, nesse mesmo quarto. Espero que saia para que eu possa tentar controlar a barreira que se rompeu, para que eu feche o que acabamos de abrir. Não tinha como ser normal, não tinha como ser apenas uma noite quente.

Eu levantei barreiras com muito custo neste ano. Eu as criei para me proteger, para fugir e me esconder, prometendo não deixar ninguém entrar no meu quarto escuro, que abriga os meus piores momentos. E achei que eu estava pronta, achei mesmo. Mas isso não é algo banal para qualquer homem.

São marcas de outro e ele sabe. São cicatrizes que lembrarão a qualquer um a mulher pequena que fui, de como me sujeitei a tão pouco, a tal crueldade, sem gritar por socorro, sem fugir, sem denunciar. De início, por amor, um que achei sentir, e depois por medo. Elas lembram a minha covardia e que meu corpo já teve um dono. Sim, dono. Era como ele se

considerava, era como eu deixei que me visse, uma propriedade, foi o que aceitei, achando que conseguiria salvar a nós dois com o meu amor, que, com o tempo, ele ficaria melhor. Não ficava e a cada dia do nosso casamento tudo foi piorando, foi ficando mais doloroso de aguentar.

O colchão afunda atrás de mim. E sou quase engolida por um corpo quente, sólido e a torneira não fecha. Ele praticamente se funde a mim em uma conchinha quente, amorosa, e joga o lençol sobre nós, após ligar a central de ar.

Me deixo levar por minutos a fio em um choro mais contido, me deixo ir sem vergonha ou receio e, aos poucos, me conforto em seus braços e me deixo sentir seu carinho e os pequenos beijos deixados em minha cabeça e ombro. A sensação de ter alguém, alguém que não quis fugir, que decidiu ficar.

Sinto-o balançar o pé, inquieto, como um tique e, aos poucos, o sono vem me tomando quando só resta o vazio sendo preenchido aos pouquinhos, sem que nenhuma palavra precise ser dita.



Abro os olhos, sentindo-o balançar o pé sobre a cama. Ele já está acordado? Busco o relógio sobre a cabeceira com o olhar, tentando não me mexer e acabar com a conchinha quentinha em que estou envolvida, vendo que ainda é madrugada. Pedro parece perceber que acordei e se vira na cama, dando espaço para que eu faça o mesmo e eu o encontro deitado de barriga para cima, o braço debaixo da cabeça, olhando o teto.

— Dormiu bem? — pergunto, tentando ter qualquer naturalidade que seja nisso tudo.

Hoje Pedro descobriu tudo de mais sujo que eu escondi sem que eu precisasse dizer uma palavra e, talvez, se eu não tivesse deixado o desejo falar mais alto, teria me preparado, conversado e me aberto com ele, para não

o pegar desprevenido.

— Sim, dormi, e você? — Ele me olha e sei que não é verdade.

— Bem e aquecida. — Sorrio, mas ele não retribui e percebo o cansaço e as olheiras embaixo de seus olhos. — Você não dormiu, não é?

— Não, não dormi.

— Pedro, é passado.

Ele nega e aperta os lábios, fechando os olhos brevemente como se quisesse controlar algo dentro de si, como se estivesse próximo a explodir e temo que esteja.

— Eu não sei se quero falar disso agora, porque estou tentando não matar alguém, Alice, estou tentando não caçar aquele infeliz que te deixou essas marcas, pois sei que foi ele. Estou tentando não me culpar — diz, com certa angústia na voz.

— Você não tem culpa.

Minhas palavras não surtem efeito e ele se afasta, jogando as pernas longas para fora, sentando-se na cama com rapidez e levando as mãos à cabeça.

— Eu tenho, sempre tive.

— Para, Pedro. Do que acha que está falando? Foi escolha minha.

— Foi, não foi? Talvez tenha sido — fala mais para si, cheio de angústia. — Não, não foi. No dia do seu casamento, eu fui até lá, fui falar com você e pedir que, pelo amor de Deus, não se casasse, pois eu tinha descoberto que te amava. Ou melhor, eu sempre soube, só não queria admitir, não queria aceitar que a menina que cresceu junto de mim despertou meus instintos. E só aceitei isso depois que você foi embora daquele jeito, pois levou uma parte minha. Fui alguém que eu não queria, de quem eu não gostava por sentir tua falta, por sentir que a perdi — Eu me sento, segurando o cobertor em meu corpo, assimilando as palavras, o frio me tomando. — E aí você voltou e eu achei que traria o sol de volta pra mim, mas, quando a vi, notei que talvez o meu sol nunca mais existisse. Você estava grávida de outro e aquilo me quebrou, você o fez sem nem saber.

— Pedro... — tento, mas ele não deixa que eu prossiga.

— Depois que você perdeu a criança e decidiu de uma hora pra outra se casar, eu surtei e não podia deixar isso acontecer, eu não podia aceitar, pois, mesmo querendo sentir raiva de você, da forma leviana com que foi embora e por voltar com outro, eu te amava, amava como nunca amei ninguém e a culpa de não te ter era minha, por ser covarde e não dizer o que eu sentia — fala em uma entonação dolorosa, até mesmo de ouvir, e meu coração chega a doer. — Eu fui até a casa de seus pais no dia do casamento, Augusto me disse que era lá que você estava se arrumando para o grande dia. Cheguei transtornado, decidido a te levar dali nem que fosse em meus ombros, tinha bebido, mas encontrei Arthur!

Eu arregalo meus olhos, cada vez mais paralisada com o que escuto, com a declaração embutida nas palavras que ouço.

— Imagine só o meu sufoco. Nunca tivemos nada, nada mesmo além de amizade, e de uma hora pra outra eu passei a sonhar com a menina-mulher que eu dizia considerar uma irmã. Passei a olhar seu corpo, suas curvas, parecia que a qualquer momento eu iria enlouquecer. Tinha seus irmãos, seu pai, que confiava em mim como se eu fosse um filho, e eu tentei sufocar cada pensamento descarado e depravado que eu tinha, tentei parar os sonhos contigo nua em minha cama, exposta e pura, mesmo sabendo que você não era mais uma criança, que já era de maior. Deus do céu, era um pesadelo.

Ouvir o homem que você ama dizer que sonhar com você era um pesadelo é torrencial. Mesmo assim, deixo que fale, preciso saber.

— E mesmo eu dizendo que era loucura, cheguei à casa de seus pais e comecei a subir aquelas escadas disposto a te ter, a me declarar, te levar pra qualquer lugar do mundo em que fossemos só eu e você. Mas encontrei Arthur e ele me chamou até o escritório do seu pai, na verdade, ele me arrastou pelo colarinho da camisa e derramou sobre mim que sabia de tudo, que eu era um bastardo filho da mãe que não te merecia, que não tinha nada a te oferecer, que iria te perder também... e isso era verdade, eu não a mereço ainda hoje. Seu irmão esfregou em minha cara o que eu já sabia, que você estava feliz e com um homem que te amava, que faria de tudo por você e que você aprendeu a amá-lo também, que eu não seria suficiente e não tinha o direito de estragar tudo aquilo. Não era surpresa pra mim tudo o que ele disse, mas, quando isso é dito em voz alta, expõe seus piores medos.

E tudo se encaixa quando ouço suas palavras. Arthur...

— Não precisa...

— Me deixe terminar — interrompe-me. — Eu desisti. Desisti porque a culpa de te fazer infeliz eu não queria, a culpa de estragar o dia que eu sabia ser importante pra você, não era pra ser meu. E eu sufocaria aquele amor assim como fiz com as lembranças de Sofia e minha mãe. Eu guardaria tudo pra mim, foderia com qualquer uma até a exaustão pra assim não te ter mais em meus sonhos, e foi isso o que fiz.

Eu fico sem palavras, imóvel, sentada sobre a cama.

— A verdade é que nada adiantou, você nunca deixou meus pensamentos, por mais que eu tentasse. Achei que estava fazendo o melhor naquela época, por anos acreditei nisso, que ele te faria feliz, construiria a casinha de boneca cor de rosa e a vida perfeita que você merecia. Mas não foi isso o que aconteceu!

— Não é culpa sua, foi uma escolha minha me casar.

— Não, não foi.

— Para de querer levar a culpa por tudo, não me obrigou a casar, eu aceitei, eu deixei que ele me convencesse de um amor que nunca existiu, não foi você.

Ele sorri e me olha por cima do ombro.

— O que teria feito se eu tivesse entrado naquele quarto e dito que a amava com loucura, que a queria? Que se você aceitasse, eu me casaria com você no minuto seguinte. Seja sincera. Pois me lembro, me lembro bem de você com 17 anos se declarando pra mim, dizendo que me amava como homem e não como irmão, como eu insistia em dizer.

— Não tenho como saber o que eu teria feito. — Vejo-o negar porque ele sabe que estou mentindo, eu aceitaria sem pestanejar.

Eu teria corrido para seus braços e deixaria que me levasse para onde quisesse. A mistura da dúvida que eu sentia naquele dia, mais o amor que eu guardava por ele, me fariam jogar tudo para o alto sem pestanejar. Pois percebi que o amava jovem demais, mas só lhe contei aos 17 quando eu não aguentava mais aquele sentimento e ouvi dele que eu estava apenas

confundindo as coisas, que, para ele, eu era uma irmã mais nova e muito querida.

— Você sabe, Alice.

— Pedro... — falo, mas o som do celular dele toca, me interrompendo, eu o vejo se levantar e procurá-lo por entre as peças de roupas deixadas no chão e atender em seguida.

— Oi, sim é ele — diz, espera alguns instantes e seu semblante vai se contraindo. — E a pressão? — Mais alguns segundos e ele perde a paciência. — Ninguém viu a droga do sangue na sonda? Mas que inferno! Vocês estão achando que estão lidando com o quê? Com corpos em um necrotério? — ele esbraveja, enraivecido como eu nunca tinha visto. — Leve o paciente pra sala de cirurgia e bipa a cardiologia e a neuro, em 15 minutos estarei aí. Quero o prontuário me esperando e a sala de cirurgia pronta. — Ele desliga o celular, já começando a se vestir.

— Não pode ir assim, não tem ninguém que possa te substituir? Não dormiu, nem comeu, e está cansado, não só fisicamente — falo, aflita. Ele está uma bagunça.

— Não se preocupe e não, tem que ser eu, já cuido dela há muito tempo.

— Pedro...

— Outra hora, Alice. Agora tenho mesmo que ir — fala e beija brevemente minha testa antes de sair.

E a impressão que tenho é de que essa hora nunca vai chegar e que agora ele tem o peso de mais uma culpa em seus ombros.



Aquele momento em que você descobre não ser mais capaz de carregar o mundo em seus ombros... Essa descoberta pode ser aterradora ou libertadora, só cabe a você escolher!

Saio pela porta do quarto e sei que seu olhar me acompanha, sinto. Estou com o corpo dolorido, sentindo a tensão em cada poro após o que vi, depois de saber que tudo o que pensei de pior vai além. Passei a noite preso nas lembranças daquele maldito dia em que me afastaram e soterraram o amor que eu sentia por ela. Porra, no dia em questão Alice parecia feliz, radiante, na verdade, pois era o cacete do casamento dela.

Eu a vi planejar tudo com esmero, carinho e amor, sempre dizendo que achou o homem perfeito, que a amava, fazia questão de explanar isso, em especial, em minha frente. Eu assisti a tudo com a dor apertando meu peito por não ter dito que a amava, acreditei que seria feliz com ele.

Aquela alegria me feria, ainda mais quando ela não deixava que eu me aproximasse, pois não conversávamos mais como antes, perdemos até mesmo a amizade desde que ela tinha ido morar e estudar em Londres. O maldito convite de casamento que eu recebi de minha tia eu rasguei e, quando enfim decidi dar fim a minha covardia e agonia indo atrás dela, em um rompante impensado motivado pela bebida bem no dia do seu casamento, encontrei Arthur descendo as escadas, vestido em um terno a caráter, pronto para tomar seu lugar de padrinho no altar.

Ele não precisou de muito para saber o que eu iria fazer ali, a bagunça

em que eu me encontrava junto da expressão de que faria merda, que estava estampada em minha cara, diziam tudo. Não houve nem mesmo uma palavra enquanto me arrastava até o escritório. Ele poderia tentar, mas seu olhar de desprezo e desagrado não iria me deter, isso era certo, já suas palavras trouxeram meu juízo de volta, e me impediram de fazer o que achei ser uma loucura naquela ocasião.

Ele acertou em cheio na ferida, pois eu já carregava culpa demais, pesadelos e demônios. E não foi novidade, ele apenas externou em palavras o que eu já guardava dentro de mim; eu não a faria feliz, não seria suficiente para ela e não a merecia, que estava sendo egoísta e pensando apenas em mim. Mas sua preocupação era que, em algum momento, a culpa do passado me consumisse e eu a levasse comigo de vez para o buraco.

E ao ouvir tudo aquilo, incluído quando jogou sobre mim que ela sempre me amou, mas que preferi negar seus sentimentos e sair enfiando meu pau em bocetas por aí a aceitar esse amor, percebi que não era justo estragar o dia dela por um capricho meu, por minha covardia.

Uma merda, pois agora sei que a teria salvado de tamanha desgraça. Poderia não a ter feito feliz, poderia, mas eu tinha a certeza de que tentaria. Deus, eu viveria e morreria para ver aquele sorriso todos os dias, para ouvir sua voz, nem que fosse gritando comigo. Levo a mão à cabeça, os pensamentos me enlouquecendo.

Oito anos perdidos... e as marcas que vi ontem à noite voltam à minha memória, a vergonha em sua face, o medo do julgamento. Aquilo não era uma cicatriz qualquer, aquele desgraçado a marcou como dele, como um objeto, como não se faz nem a um animal. As marcas foram feitas com uma faca irregular e, em seus seios, foram queimaduras feitas com o que não quero cogitar.

Filho da puta!

Sinto a agonia subir à minha garganta, doer algo aqui dentro. E pensar que o desgraçado ainda teve o cuidado de marcá-la onde ninguém veria senão ele, a submeteu à tortura, a marcou de todas as formas e isso me dói, dói, pois eu poderia ter feito algo.

Desço do carro ao estacionar em frente ao hospital, o sol começando a

se mostrar na madrugada. Entro no saguão andando com rapidez, me informando no caminho em qual sala minha paciente está e sigo para a ala cirúrgica. Troco de roupa, me lavo e entro na sala, vendo o caos à minha frente.

Minha paciente, uma mulher na faixa dos 45 anos, está sobre a mesa. O bip alto ininterrupto ecoa pelo lugar, enquanto o residente com cara de terror comprime seu peito, tentando fazer com que o coração volte a bater. Engulo em seco e vou em sua direção, pedindo que se afaste e pegando o seu lugar. Levo uma mão sobre a outra ao peito e começo a massagem cardíaca, ouvindo o rapaz me passar as informações e desculpas que não me interessam. Não agora.

— Adrenalina e atropina. Agora! — peço e o anestesista o faz, olhando-me com um ar estranho — As pás, vamos reanimar essa mulher. Começa em cento e oitenta. — Seguro as pás sendo preparadas com rapidez. — 1,2,3... afasta.

Dou o choque e espero, não temos sinal algum.

— De novo. 1,2,3 afasta!

Mais um choque, enquanto vejo a porta abrir e o cardiologista entrar, o rosto preocupado com o que vê.

— Carrega em 200, 1,2,3 Afasta!

Choco mais uma vez, não há nada.

— 250. 1,2,3, afasta. — Outra vez e o desespero de perder uma vida, uma mãe de três filhos, professora excepcional e uma esposa amorosa, bate à minha porta. — 300. 1,2,3, afasta! — Mas um choque e eu paro. Espero. Nenhum sinal...

— Mais uma ampola...

— Doutor, eu acho que não há mais o que fazer, já faz dez minutos.

— Mais uma ampola de adrenalina, doutor. É uma ordem.

E mais uma vez faço todo o procedimento, trocando entre choques e massagens até que não há mais o que fazer, até que eu tenha certeza que seu cérebro não voltará a vida, até ter a certeza de que a perdi. Paro, olhando o corpo inerte com o tubo de oxigênio na boca e entrego as pás, que pesam em

minhas mãos, à auxiliar ao meu lado, olhando o relógio na parede.

— Hora da morte: seis e oito — Pouse minhas mãos sobre a mesa, ao lado do corpo da mulher de quem aprendi a gostar, sentindo o silêncio pesar na sala. Ninguém se move e parece ser apenas eu e Mirian aqui.

— Sinto muito, Pedro.

Ouçó Maximus dizer, se retirando da sala de cirurgia, ele nem chegou a ser necessário.

Mirian Gonçalves, a mulher que vinha lutando contra um câncer por longos cinco anos. Forte e confiante, não importando quantas vezes o maldito tumor voltasse ou se abalando com o aneurisma que descobrimos há poucos dias.

Essa seria sua última cirurgia comigo, sua maior esperança de que, de uma vez por todas, viveria sua vida sem ter que passar um terço do ano em um hospital, rodeada de médicos. Isso não aconteceu e essa guerra nós dois acabamos de perder. Seguro a mão fria da minha paciente e a aperto brevemente, me abaixando à altura do seu ouvido.

— Eu sinto muito Mirian! Me perdoe... — falo baixo.

Somos instruídos a não criar laços, não se apegar ao paciente, não saber de sua vida pessoal, para que não sintamos. É isso o que eu mesmo digo aos residentes, ensino a eles, uma pena eu não seguir essa regra...

— Eu sinto muito, doutor. — Levanto meu rosto e encaro o garoto em seu primeiro ano de residência, com olhos aterrorizados me olhando.

— Já deu a notícia da morte de um paciente à família, rapaz?

Ele nega, olhos esbugalhados quase saltando das órbitas.

— Vem comigo.

— Mas, doutor... — tenta se explicar.

Não me dou ao trabalho. Está na hora de aprender uma lição dolorosa, todos nós aprendemos um dia. Passo pelos corredores sem olhar para os lados, evitando qualquer cumprimento, diferente do que geralmente faço.

— Onde está o doutor Miríade que não estava na sala? — pergunto, me referindo a quem estava de plantão.

— Em cirurgia. Disse que logo estaria conosco — responde, me seguindo, apressado. — Doutor, acho que não é o melhor momento, eu não sei se estou pronto... — Ouço e paro, me voltando para ele, fazendo com que praticamente bata em mim.

— O senhor não está pronto, doutor? — Ele confirma, um erro. — Então entregue sua demissão, rapaz, procure outra profissão. Pois, a partir do momento em que passa por sua cabeça ser médico, você tem que estar pronto. Não estamos em um parque de diversões onde pode escolher em que brinquedo se divertir, trabalhamos com vidas, com pessoas. Brigamos com a morte a cada merda de dia aqui dentro e, se acha que não está pronto, não me parece capaz de ir adiante.

— Pedro. — Ouço me chamarem, olho por sobre o ombro, vendo Augusto atrás de mim, e me volto ao residente.

— Tire esse uniforme e procure outra coisa pra fazer que não envolva salvar vidas, aqui não é o seu lugar. Agora vai, saia da minha frente! — falo sem esperar uma resposta e volto a andar.

— Mas, doutor...

Ainda ouço, sem lhe dar atenção. Chego à sala de espera e o homem magro, de rosto cansado, me olha e se levanta, sorrindo fracamente. Quantas vezes que já tivemos esse encontro? Três, quatro vezes e em todas eu tinha uma boa notícia para ele, a mesma que lhe dei após a cirurgia bem-sucedida de sua esposa.

— Doutor, eu não esperava ter que lhe tirar da cama.

Eis a preocupação dele: me tirar da cama. Sua confiança é tanta que não cogita uma má notícia.

— Sinto muito por isso. Já posso ir para o quarto ficar com ela? A que horas ela acorda? — pergunta, tendo como certo que a mulher está viva, e um bolo se forma em minha garganta. — Doutor?

— Eu sinto muito, Jeferson. Infelizmente, não chegamos a tempo, fizemos de tudo, mas Mirian sofreu uma parada cardíaca assim que chegou à sala de cirurgia. Eu não cheguei a tempo, fiz o que pude para trazê-la de volta, mas ela faleceu — falo, sentido, colocando uma máscara impassível no rosto, a que esconde emoções.

— Mas o senhor disse que tinha sido um sucesso a cirurgia, como isso aconteceu? — indaga, confuso, o rosto mostrando sua bagunça e a dor começando a chegar.

— E foi, ainda não sabemos o que levou o sangue à urina e a parada cardíaca em decorrência, mas iremos descobrir.

O homem me olha, ferido.

— Não! Isso aqui é o quê? Um açougue? Não, não é assim, doutor. Eu quero minha mulher, o senhor disse que era mais simples que das outras vezes, que tinha sido um sucesso. Deu esperanças a ela, a mim! — grita. — O senhor acha que é quem, Deus?

— Senhor, se acalme. Eu fiz tudo o que estava ao meu alcance. A cirurgia foi bem-sucedida, mas algo ocorreu depois e não tivemos tempo de saber o que era, quando cheguei à sala de cirurgia, sua esposa já estava em uma segunda parada cardíaca.

— E onde o senhor estava que não aqui, com ela? — fala e chora, o remorso me corrói. — Onde estava que não cuidando da minha Mirian? — esbraveja, chamando atenção de quem está por aqui, sua acusação acertando em cheio em mim.

— Iremos averiguar, ver o que deu errado, peço sua compreensão.

O homem avança, me segurando pela camisa, aproximando o rosto do meu, e tento manter a calma.

— Averiguar? Tinha que averiguar antes, enquanto ela estava viva. De que vai adiantar agora, seu miserável? Vocês são uns açougueiros, cortam sem olhar a cara de quem, a vida, nada. — Chora.

Mãos tiram o homem de cima de mim, afastando-o enquanto ele se contorce, em desespero, e se agarra em seguida com a garota que vai para cima dele aos prantos, é sua filha, já a vi várias vezes aqui. Achamos que estamos preparados para algo assim, mas nunca estaremos. Não de verdade.

— Eu vou processar esse lugar, eu vou colocar isso aqui abaixo, você não vai mais tocar em ninguém, não vai mais matar ninguém, desgraçado. Eu quero a minha mulher, eu quero a minha mulher, me ouviu?

E isso poderia ser mais um pesadelo, um dos muitos... seria bem-vindo

até. A assistente social do hospital chega até nós, me olhando, alarmada, e indo em direção ao homem, que está sendo contido pela filha.

— Eu sinto muito! — falo a ele antes de me virar e sair, passando por Augusto, que foi quem tirou o homem de perto de mim, e a passos largos vou em direção à sala que ocupo.

Mirian chegou aqui com um tumor que, pelo tamanho, a consumia há anos. Veio com uma sentença de morte colocada em suas costas, desacreditada por médicos que já a haviam examinado, pois, além do tumor, sua saúde um tanto frágil, por ser cardíaca, tornava tudo mais difícil.

Suas opções eram quimioterapia para diminuir os danos e lhe dar mais alguns dias.

Foi isso o que a mulher ouviu de alguns médicos, mas não de mim. Bom, ela já sabia que morreria e o que eu poderia dar a ela era mais tempo e a esperança de que, caso o tratamento tivesse efeitos positivos, poderíamos tentar uma operação e quem sabe... Eu dei a ela esperança e um objetivo pelo qual lutar, fiz o que pude e, ao invés de dias, ela ganhou anos. Anos em que lutamos juntos pela cura. Batalhamos por ela e a mulher de sorriso engraçado e alto se mostrou uma verdadeira gladiadora, ganhando todas as batalhas até essa madrugada.

Me sinto preso. Preso a medos, receios, culpa e sinto angústia, impotência, tudo o que mais temo. Me sento na cadeira em minha mesa e encosto a cabeça, que pesa como um saco de cimento, deitando-a sobre a mesa, lembrando de minha mãe e de suas últimas palavras antes de partir...

A culpa não é sua, filho, nunca foi. Pare de se culpar, vá atrás dela e seja feliz.

Ela... Alice, que tinha partido e levado parte de mim com ela. Minha mãe, a doença a consumi-la foi o que me impediu de ir até ela.

Minha porta é aberta, impedindo que continue a seguir com esses pensamentos outra vez, e Augusto entra sem pedir permissão. Sei que é ele, pois ninguém mais faria isso, principalmente, hoje. Levanto meu rosto e olho para ele, me recostando na cadeira. Nada é dito, ele se senta na cadeira à minha frente e eu elevo meus olhos para o teto, não querendo ver a compaixão no rosto dele.

— Bom dia, Mamute. Antony não estava de plantão, e sim eu. Quando cheguei à sala de cirurgia já estavam levando-a. Sinto muito. — Soa firme.

Sorrio em desgosto.

— É, eu também sinto.

— Não é...

— Culpa minha? — eu o interrompo. — Eu sei disso. — Me levanto e pego a chave do carro sobre a mesa. — Mas quando conseguir dizer isso a si mesmo após perder uma vida, você me fala como fazer, quem sabe, não é?

— Mamute...

— Agora não, Augusto. Usar a cartilha de autoajuda não vai adiantar agora, nos falamos depois. Estou indo pra casa, preciso dormir.

— Vai pra casa de Alice? Não precisa descontar nela tudo isso, é melhor não ir para lá. — Sei que se preocupa com ela e tem razão de fazer isso.

Não estou com cabeça, mas tudo o que eu queria era voltar para aquele apartamento e mantê-la em meus braços, fazendo a promessa a nós dois de que tudo ficaria bem, mesmo essa certeza não existindo.

— Se você tivesse visto o que vi... — falo e nego a coisa que aperta aqui em algum lugar. — Mas não irei pra casa da sua irmã, não se preocupe. Vou pra minha casa, logo que esclarecer o procedimento referente a Mirian e o que deu errado. Bom dia, Augusto.



Depois da calma sempre vem um belo furacão.

— A paciente dele faleceu essa manhã. Acho que por isso não veio, amor. É sempre pior quando acontece com ele, em especial porque ela tinha câncer, mas não precisa se preocupar, Pedro ficará bem. Eu chequei o prontuário antes de vir embora, era uma paciente de alguns anos, começou com um linfoma e infelizmente teve complicações. O marido parece não ter reagido bem, ele quase chegou a agredi-lo. Foi uma puta fatalidade, um coágulo, não tinha como prevê.

Ouçó Augusto falar, um nome me chama atenção e me faz olhá-lo.

— Quem? — pergunto, saindo do silêncio que me tomou desde que me sentei aqui.

Estou há bastante tempo na mesa de jantar com meu irmão e minha cunhada enquanto mal os ouço, rolando o macarrão de um lado para o outro no prato, sem prestar a mínima atenção na conversa.

— Pedro, estamos falando de Pedro, Ali! Não se falaram hoje? — pergunto e sinto que vou cair em uma de suas ciladas.

— Não, não falei. Ele perdeu a paciente?

— Sim, uma fatalidade.

— Ah, Deus — sussurro, e ele me olha com aquela cara de quem sabe que aconteceu algo. Parece ter um sexto sentido, como nossa mãe. Eu hein...

Mudo meu olhar desconfiado para minha cunhada, fugindo do meu irmão, e a vejo se estirar na cadeira, a mão espalmada em seu ventre esticado, fazendo uma pequena careta.

— O que foi, amor? — o pai do ano pergunta, preocupado, e me vejo rindo.

— Seus filhos estão debaixo das minhas costelas lutando kung fu — Sua fala é amorosa, enquanto pega a mão dele e leva até sua barriga, o boboca abre um sorriso enorme para ela e minha vontade aguça para também os sentir.

— Aí, agora eu quero sentir também — falo e me levanto, colocando minha mão sobre a barriga imensa de Cristine, que abriga os gêmeos mais esperados do ano. Sinto a movimentação dos pequenos e fico presa por segundos no momento, repelindo as lembranças que guardo a sete chaves — Meu Deus! Tem certeza de que são só dois? — brinco e ela geme, enquanto meu irmão encosta os lábios em sua barriga.

— Ei, maneiem aí. A mamãe tá tentando jantar. — Vejo-o dizer e ela sorri feito boba, levando a mão à cabeça dele e fazendo carinho em seus cabelos, enquanto Augusto conversa com os bebês. — Isso mesmo, vocês estão agitados demais, não acham? Tá na hora de dormirem e darem um descanso, que tal? Isso, papai ama vocês.

— O que disseram? — ela pergunta com ar brincalhão, enquanto ele se endireita na cadeira, com uma expressão séria. Esses dois...

— Que irão te deixar comer — responde, me fazendo gargalhar enquanto assisto à cena.

— Vocês são loucos, pirados e podem passar isso pra eles! — exclamo, incrédula.

O quê? É meu irmão aqui, se o conhecessem antes, estariam surpresos também, com certeza um *alien* se apossou de seu corpo desde que se casou.

— Não diga isso, ruiva. Seus sobrinhos só se acalmam quando Augusto faz isso, conversa com eles. Quando ele está de plantão os pestinhas não me deixam dormir, parecem adivinhar.

— Sei... bom, o jantar estava ótimo, mas tenho que ir.

— Você nem comeu — me repreende e ela tem razão, eu não comi, também, pudera.

— Estou sem fome, só aceitei pra passar um tempinho com vocês, achei que Cathe estaria aqui e não que mamãe a tivesse raptado, uma maldade — falo, incomodada com o olhar aguçado dos dois. — Então, boa noite, família, e comportem-se, meus sobrinhos estão aí dentro.

— Não faremos nada que você não faria... — Augusto brinca e recebe um tapa, que mais parece um carinho, por fazê-la corar.

— Boa noite, Alice. Nos vemos amanhã na casa de seus pais, vamos cedo pra lá.

Confirmo e me despeço dos dois, saindo da cozinha.

Saio do apartamento e entro em casa, já procurando meu celular, um tanto ansiosa por notícias, mas não há nada, nem uma mensagem sequer e me envergonho ao dizer que murcho, me sentando largada no sofá. Eu não sei o que sinto com isso, acho que frustração, também não sei o que pensar depois de tudo o que ele disse, na verdade, não sei o que Pedro pensa agora e o que sente. É tudo tão confuso, tão difícil. É como nadar contra a correnteza.

Olho o aplicativo de mensagens aberto no celular e confirmo que desde manhã ele não fica online. Droga! Eu só queria algum sinal, uma palavra que fosse de que tentaríamos, não sei, a certeza de que a noite passada não tenha colocado quilômetros de distância entre nós mais uma vez. E é impossível não rememorar cada palavra sua, relembrar pela décima vez o que foi dito, nos mínimos detalhes, e de pensar no passado, de como seria tão mais fácil se ele tivesse subido aquelas escadas, se eu tivesse ido e falado o que eu sentia ou simplesmente não tivesse me envolvido com outro.

São tantos *se's* que me pergunto se hoje estaríamos juntos se ele tivesse subido aquelas escadas e impedido meu casamento. Casados? Aí Deus, e ainda tem Arthur. Tentei falar com ele hoje, mas não consegui, o idiota não atendeu.

Que cocô!

Levo as mãos ao meu rosto e limpo meus olhos, que agora estão úmidos, passei um dia infernal de incertezas. Embolo minhas pernas até perto dos seios, abraçando-as e afundando meu rosto em meio a elas.

Eu não tenho resposta alguma para as perguntas que me assolam, mas algo afirma que tudo seria mais fácil se tivéssemos tido coragem de lutar um pelo outro, se tivéssemos simplificado as coisas, falado. Nós dois desistimos fácil demais, nos deixamos levar por uma culpa que não deveria existir. Fomos criados estando sempre juntos, grudados, mas isso não fez de nós irmãos, não tinha por que sentir aquela culpa toda de amar alguém que até então você considerava seu melhor amigo. Não é pecado!

Passo a imaginar cada situação, cada pequeno detalhe que poderia mudar. Mas do que adianta? Não há nada a se fazer, não há mais como mudar. Estamos fodidos demais, imersos em nossas próprias culpas e arrependimentos, e a merda aumentou bastante depois que, sem pensar, nos metemos em mais uma enrascada colocando Camille no meio disso tudo. A garotinha de olhos tristes e doces.

Eu estou muito, muito ferrada!



Não é um dia comum para estar aqui, eu deveria ter ido relaxar, aproveitado a carona do meu irmão e ido ver meus pais ou me programar para ir ao cinema, qualquer coisa, mas, não, eu senti falta desse lugar, do meu espaço e de dançar. No quarto que preparei para os exercícios em meu apartamento o desgosto que bateu em mim desde ontem pareceu não caber, ele não foi capaz de me acomodar.

Não consegui ficar lá, não consegui me aquietar, não com o cheiro dele e com suas roupas junto das minhas em meu guarda-roupa, me lembrando dele e agora estou aqui com uma *legging*, colocando minhas sapatilhas pretas de dança, tentando esquecer, nem que seja por um minuto, a ansiedade e saudade que sinto dele. Peguei um caminho sem volta.

Tentei ligar, mandar mensagem, mas, pelo visto, está incomunicável. Pensei até mesmo em ir até lá, mas nunca pisei nesse terreno, não saberia se seria certo ou se estaria piorando a situação. Certo é que não vou conseguir

me segurar por mais tempo.

Ligo a caixa de som e deixo a sinfonia ecoar com *Scene* pelo ambiente. A melodia arrastada, bonita e triste parece expor meu estado de espírito, minha alma. Sinto-me escura, deixada para depois, para quando houvesse tempo. Um tempo que não chegou, que não escolhi e a música parece extrair parte do que quero esquecer, partes da minha pior face.

Movo-me sem nenhuma preocupação e sincronia, apenas me deixando levar pelos acordes dolorosos, perfeitos, limpando cada canto da minha mente. Aqui não há dor, não há cicatrizes, só há música e meus passos ecoando pelo local. Sem preocupações ou caminhos distorcidos, sem desencontros. Apenas paz... acalento.

Aos poucos, a melodia diminui, chegando ao fim, assim como meus passos, e vou deixando que meu corpo se acalme, terminando de me mover nas pontas dos pés até voltar a sentir o chão por completo, tendo a sensação de ter flutuado por minutos. O esforço é divino e puxo o ar, recuperando o fôlego, sentindo uma leve dor na perna esquerda, mas não ligo, pois estou realmente mais leve, calma.

Abro os olhos e chego a dar um passo para trás, levando a mão ao peito e deixando escapar um pequeno arfar de susto. Olhos azuis luminosos me encaram, emoldurados por um rosto masculino bem esculpido, expressões severas traídas pelo olhar de admiração que direciona a mim. O corpo grande, vestido casualmente, está sentado em uma das cadeiras dispostas pela grande sala, o chapéu deixado de lado, ele me parece tenso.

— Oi! — fala apenas, estampando no rosto um pedido de desculpas, arrumando sua postura, abrindo e fechando a boca como se procurasse por palavras e não as encontrasse.

Meu coração parece querer arrombar meu peito e não falo, não preciso. O que eu quero mesmo é ele, neste momento só preciso dele e ele está aqui. Apenas Pedro, além da dança, pode acalmar os sentimentos que brigam aqui dentro do meu corpo.

Me aproximo de onde está a passos lentos e o vejo empertigar o corpo, como se esperasse uma explosão minha. É, eu não tenho uma boa fama, mas o que busco agora é a certeza de que dessa vez a culpa e mágoa não podem

mais nos afastar, não nos alcançarão.

Paro à sua frente, tendo mais dele, do seu cheiro, levo a mão ao seu rosto bem barbeado e o acaricio, inspirando seu cheiro, que me alcança, vendo-o fechar os olhos e soltar uma respiração pesada. Tão perfeito, podendo ser meu. Pouso as mãos em seus ombros e me sento em seu colo, as pernas uma de cada lado, pegando-o de surpresa ao abrir os olhos.

Sem uma palavra, colo nossos lábios, estando faminta pelo mesmo beijo que me deu naquela noite em que me desnudei para ele. Envolvero seu pescoço, beijo sua boca e sou retribuída com um beijo cheio de pesar e paixão, sôfrego. Ouço um gemido escapar de seus lábios sendo abafado por mim, inebriada e mole em seus braços, sentindo cada centímetro de seu corpo, estando colada a ele. Me afasto e foco seu rosto bonito.

— Não fala nada, não precisamos, não agora. Só me deixa ter a certeza de que, independentemente de qualquer coisa, que você é meu. Só preciso disso, preciso acreditar.

Seu olhar, a atmosfera, o momento, tudo só poderia ser descrito como perfeito!

— Você me tem, minha boneca, só não sabia! — fala em uma voz rouca que reverbera no ambiente, causando tremores em meu corpo, fazendo-me entrar em combustão.

Pedro leva a mão à minha nuca, enfiando-a em meus cabelos com certa pressão, soltando-os do coque e trazendo minha boca para a sua. O homem a devora, a língua buscando a minha, acariciando e chupando gostoso, causando um frisson em meu corpo, em cada lugar, principalmente, no meio das minhas pernas. Gemo, perdida em seu beijo, e sinto-o rir ao segurar meus lábios entre seus dentes.

— Quero você, Boneca, e não vou esperar. — Sua voz é abafada em meus lábios.

— Não quero que espere — deixo escapar, levando a mão aos botões da camisa xadrez e tirando-a. Deixando seu torço nu, descendo a mão pelos seus ombros e passando por seu peito, com alguns pelos, e descendo pela barriga definida, sentindo a rigidez de cada músculo, sentindo os pelos sobre minhas palmas enquanto ele acompanha cada movimento meu com o olhar.

Sorrio ao vislumbrar seu rosto e sinto a rigidez começar a incomodar minha bunda. Ele me ajeita sobre seu colo, levando a mão até meu pé e me livrando das sapatilhas, mantendo a expressão dura, o maxilar cerrado enquanto bebe meus movimentos e entrega.

— Quero você, quero te sentir. — E sou adorada por seus lábios ao dizer essas palavras, amando a sensação.

Me segurando firme, Pedro se levanta e calmamente me acomoda no chão, sobre a parte colorida e que está sendo montada para meus alunos. Sorrio, jamais cogitaria tal uso, mas, a partir de agora, verei esse canto de forma diferente. Vejo-o, com admiração, ficar de pé à minha frente e se desfazer devagar das bota pretas e logo depois da calça jeans, jogando-a de qualquer jeito sobre a cadeira, me sinto como um lobo a fim de comer sua presa, mesmo sendo eu a estar deitada e desarmada à sua espera.

Não é diferente do que imaginava, perfeito em uma *boxer* preta, o volume na frente me fazendo salivar. Como eu quero esse homem, o desejo guardado há anos parecendo a ponto de explodir!

Pedro se ajoelha no chão, em meio às minhas pernas, e as mãos vêm até minha calça, puxando-a. Levanto meu quadril, ajudando-o e vendo-o levar junto minha calcinha, me deixando completamente livre, sentindo a superfície fria causar arrepios em minha pele.

— Não — nega, quando faço menção de tirar minha blusa. — Farei isso, Alice, sem nenhuma pressa, aproveitando cada parte do teu corpo.

— Sou toda sua...

Sorrindo lindamente, ele substitui minhas mãos pelas suas, tirando minha blusa e expondo meus seios, que saltam livres para ele.

Eu já não me importo com as marcas, ele já as viu e, se está aqui, comigo, é porque também não se importa. Sei disso, apesar de vê-lo engolir em seco quando o olhar aguçado vaga por elas e leva a mão grande a acariciar carinhosamente com o dedo indicador cada uma.

— Sinto muito por tudo e não quero que pense em momento algum que as cicatrizes me inibiram de te querer, de sentir desejo, o mesmo que tento controlar agora, junto da vontade de me enterrar em você e fazê-la minha como sempre quis, isso seria impossível, nada aplacaria o que sinto por você,

Alice. Mas quero ter calma e fazer o que me pediu naquela noite. Faremos amor e irei descobrir e te mostrar o quão bom pode ser. Confie em mim, jamais te machucaria.

— Eu confio, só me mostre — falo, perdida, e é impossível que meus olhos não transbordem.

O homem sorri, convencido, como se já esperasse ouvir isso. Coloca-se sobre mim, beijando-me e, Deus, como é bom. Estou exposta, entregue, e essa sensação me leva a sentir o gosto da liberdade, sem sequer tê-la alcançado ainda, só por ser com ele.

Pedro me beija apaixonadamente e de forma calma, brincando com minha sanidade, que não é muita, castigando meus lábios, descendo sua boca por meu pescoço, as mãos segurando e explorando meu corpo, levando-as até minha bunda e apertando minha carne, me instigando a buscá-lo, eu gemo ao sentir seu membro duro roçar minha intimidade sensível, impedida de senti-lo todo por conta do tecido da cueca.

Sua boca alcança meus seios cobertos por imperfeições e o vejo circular o mamilo marcado com a língua, tomando-o quase todo em sua boca e sugando com a pressão certa, me fazendo elevar o corpo, buscar por mais atrito entre minhas pernas, sentindo-me molhada, excitada, louca de desejo.

A língua habilidosa e áspera circula a cicatriz feita a ferro quente, oscilando entre chupar o bico e circular a carne, que um dia foi maltratada, fazendo com que esqueça qualquer coerência, e não me importo em me contorcer e pedir por mais entre gemidos incoerentes, sendo friccionada no ponto certo.

Sua mão solta minha bunda e segue para o meio das minhas pernas, passando o dedo em minha entrada, molhando-o com minha excitação e trazendo-o para meu ponto delicado de prazer, circulando o dedo em meu clitóris. Fecho os olhos, a mistura do beijo em minha pele e o dedo a trabalhar o monte vermelho a ponto de me levar ao êxtase.

— Tenha calma, Boneca... — Ele sorri, fazendo com que eu volte a abrir meus olhos, procurando-o e me frustrando ao vê-lo se afastar.

De um jeito que não consigo explicar, Pedro me coloca de bruços com rapidez exagerada e faz um grito fino de surpresa deixar meus lábios,

sentindo falta do contato sobre meu corpo, meus seios indo ao encontro da superfície esponjosa. Rio, perdida, quando ele segura meus cabelos, levantando meu rosto e enfiando o seu em meu pescoço, deixando-me à sua mercê, beijando e lambendo a carne arrepiada.

A língua sobe macia e circula minha orelha, chupando-a, fecho os olhos, sentindo cada lambida. Gemo e me esfrego ao acolchoado sem nenhum pudor ou vergonha, sentindo o peso parcial do seu corpo quente sobre o meu, quase gritando para que pare e me penetre, querendo me liberar da tortura deliciosa que é sentir todo o tesão e desejo por ele, e só ele.

A boca desce pela extensão da minha coluna, indo até minha bunda e beijando-a, chupando a pele, eu me empino como se lhe oferecesse mais, aberta, entregue. Confio nele, Pedro nunca me machucaria, não fisicamente.

— De quatro — ordena e deixa de me beijar. Eu fico parcialmente grogue. — De quatro, Alice.

Diz e sua mão vai ao encontro da minha cintura, elevando meu quadril e, como pede, fico de quatro, esperando que me penetre. Não era bem assim que eu esperava, mas... Ele não o faz e, ao contrário da dureza que espero, sinto sua língua em minha intimidade, mole e macia passeando em toda minha extensão, até a parte de trás. Grito e minhas pernas tremem em puro declínio.

— Pedro...

— Quieta, me deixe te dar prazer, seus gemidos e o gosto delicioso da sua boceta estão respondendo direto ao meu pau, que tá babando para entrar aqui — fala, colocando um dedo em mim.

— Deus do céu, isso...

Eu ondulo no desejo e prazer que sinto com o que diz e faz. O homem segura minha bunda, abrindo-a, e eu a levanto mais para ele, sem pensar em nada, só quero dar vazão ao que se constrói em meu baixo ventre. Pedro repete o que fez na primeira vez, agora de baixo para cima e para em meu clitóris, a ponta da língua brincando com delicadeza, descendo e subindo, eu mordo o meu lábio para me conter, sentindo o gosto de um orgasmo se aproximando.

Abro-me mais, querendo tudo e rebolo minha boceta em sua língua,

querendo que vá mais forte, mais fundo, mas ele para e deixa meu clitóris, passeando a língua por minha entrada até meu ânus e acariciando ali, mordiscando e me fazendo contrair em excitação.

É estranho e delicioso, a forma como abre minha bunda com ambas as mãos e mergulha sua boca em mim me deixa ver o quanto me quer, o quanto isso não está dando prazer só a mim. Grito, embevecida, e ele volta para meu clitóris, castigando-o sem dó.

— Pedro, isso, não para, não para. Puta merda! — falo impropérios quando alcanço o gozo de forma desesperadora, louca de tesão. Agarrando a superfície a ponto de sentir minhas unhas doerem.

Minhas pernas bambeiam enquanto espasmos tomam conta do meu corpo e ele me segura, mantendo-me no lugar, não parando, sugando tudo e lambendo, prolongando meu prazer enquanto sinto que estou me estilhaçando no ar. Não aguento mais, o prazer prolongado me deixando trêmula, sem forças.

— Pe... dro, eu não aguento — falo, me contrariando ao querer mais, minhas pernas já não me sustentando e os espasmos me levando à exaustão.

Ele introduz um dedo em mim e continua a sugar minha carne, tendo seu braço a sustentar meu peso, deixo meu rosto descansar no suporte. Sou virada como se fosse uma boneca em suas mãos e sinto, agora, algo roçar minha entrada, em um vai e vem sem vergonha, subindo por toda a extensão e descendo, melando-se no creme que sinto escorrer por minha entrada. Abro os olhos e o sorriso satisfeito e confiante brinca em seus lábios, a boca levemente molhada com meu gozo, a visão do céu.

Meu... apenas meu.

— Já cansou? Eu mal comecei, Boneca — cínico, ele diz e se põe sobre mim, sua boca cobrindo a minha.

Meu cheiro e o gosto do meu gozo me invadem e me incendeiam, enquanto sua língua brinca com a minha como estava fazendo em meu clitóris, é erótico, é excitante e eu volto a gemer. Mole, exausta pela surra de língua que tomei, mas louca para que me preencha, para sentir seu pau ser atolado em minha boceta, como ele disse certa noite, como me fez ansiar. Ah... essa sua boca suja!

Ele o faz e me alarga, me preenche devagar e sinto o ardor. Travo minha boca, mordendo meus lábios, e aperto os olhos, arranhando seu ombro, mesmo que eu não queira, ele percebe. Talvez seja o nervosismo que me faz sentir o desconforto ou o fato de não fazer sexo há um bom tempo e, claro, por ele ser grande, todo aquele volume na cueca...

Pedro para de me penetrar e beija minha face, enchendo-a de selinhos, indo até meu pescoço e encontrando meus seios logo abaixo. Vou me derretendo novamente, relaxando e, quando já estou empurrando meu quadril em direção ao seu, sem nem perceber, ele se empurra aos poucos em mim e me preenche todo de uma vez, meus gemidos vão morrendo em sua boca e não há mais desconforto.

— Como eu pensei, molhada, macia e quente. Gostosa pra caralho!

Sorrio, torpe, o homem se movimenta devagar, aos poucos, e o barulho do sexo me inebria, junto das sensações e a sensibilidade que sinto em cada dobra da minha vagina. Nossos corpos entram em sincronia, indo juntos, sua mão entre nossos corpos encontrando meu ponto sensível. Grito seu nome, quando uma segunda onda de prazer sujo me toma, essa menos intensa, mais não menos gostosa, e eu me aproveito de cada segundo dela, voltando ao chão amolecida, com as pálpebras pesadas, minhas pernas a abraçarem seu quadril.

— Boneca, vamos, acorda — fala em um vai e vem lento, gostoso, e busco seu rosto.

— Não gozou ainda? — Olho-o, deixando escapar a pergunta.

— Não, amor, quando eu gozar você saberá. Nós não terminamos ainda e vamos realizar uma fantasia que tenho com você, que guardei só pra mim.

— Eu não sinto mais minhas pernas, desde que não precise usá-las, posso realizar o que quiser. — Vejo-o sorrir, me contagiando.

O homem tira seu membro de mim e se levanta, nu, poderoso, gostoso *pra* burro, me fazendo babar sobre ele. O pau duro, ereto, grande, rosado, apontando para mim, coberto por uma camisinha que não sei de onde saiu, ele parece gostar da surpresa que vê em meu rosto ao admirar seu instrumento, levando a mão até ele e acariciando-o.

— Você meteu isso tudo em mim? — Eu o faço rir enquanto se

masturba, me olhando com desejo.

— Cada centímetro.

— Me recuso a acreditar que essa tora coube em mim, Pedro. — Ele se inclina brevemente e puxa-me em sua direção, me levantando e me abraçando apertado.

— Coube e é bom se acostumar com ele, estará bastante dentro de você daqui pra frente.

Ah, como eu amo essa afirmação, ele só não precisa saber!

— Você não presta!

— Eu não disse que prestava...

Pedro me beija, me excita com sua língua na minha, em pé, roçando o membro em minha entrada melada, que deixa escorrer um líquido viscoso por entre minhas pernas, meu próprio gozo e, com a boca na minha, ele me faz andar para trás até que a barra de metal toque a base da minha coluna. Gemo e ele me coloca de costas, meu olhar encontra o seu através do grande espelho. Foco em minha imagem por instantes e diria que é a visão de uma mulher saciada, de rosto vermelho, o brilho do desejo deixando meus olhos mais castanhos, escuros, os cabelos vermelhos parecem um ninho, eu corro.

— Essa é sua fantasia? Me comer em frente a um espelho?

— Não, minha fantasia é vê-la se alongando nua na barra de balé, enquanto a fodo com força, no caso, fazemos amor. — Eu rio, sua fala depravada dita em um sussurro ao pé do ouvido enviando arrepios por meu corpo e tesão. — Vamos, levanta a perna e se apoie na barra, me mostre sua boceta enquanto se alonga, Alice — diz e, entregue à sua fantasia, querendo fazê-la minha, faço o que pede, usando sua ajuda, pois não menti quando disse que não sinto minhas pernas.

Apoio minhas duas mãos na barra e coloco a perna toda esticada sobre ela, ficando empinada para ele. Chego a descer meu tronco para dar mais acesso à minha bunda e intimidade. Pedro se afasta e eu o procuro pelo espelho, vendo-o me olhar com admiração, a minha imagem que agora é só sua. Seu olhar escurece de desejo, uma expressão quase feroz toma conta do seu rosto antes de voltar a colar-se a mim, a beijar minha nuca com devoção.

Quero que me penetre, que faça o que disse, mas antes disso ele leva um joelho ao chão e abocanha minha intimidade molhada novamente e a beija como se fosse minha boca, bebendo meu gozo, sugando e mordiscando. Espalmo uma mão no espelho, ouvindo gritos que criam eco em minha sala, meus próprios gritos quando estou perto do gozo, mas ele não me deixa ir até o fim. Antes que eu entenda por que parou, Pedro me penetra e começa a se movimentar, indo cada vez mais fundo.

Sinto tudo como se fosse o dobro, cada centímetro da tora que me preenche pedindo por espaço, me dando prazer em cada arremetida. Ele não para, faminto, rápido, gostoso e, quando sinto que estou perto, ele diminui o ritmo e sorri para meu reflexo no espelho. Cada vez é melhor, me fazendo ondular entre flutuar em um orgasmo perfeito e me manter no chão, sua mão sobre a minha nuca, puxando meu cabelo e me fazendo olhar para ele.

— Quero que veja como é perfeita quando goza, que veja no que está me viciando — fala e eu o encaro, o gesto, as palavras e a rapidez de seus movimentos me jogando de vez no abismo.

— Pedro... Ah!

Grito seu nome e cedo, sendo sustentada por ele, as mãos me apertando contra seu corpo enquanto me desmancho em um orgasmo, até que ouço gemidos roucos se sobrepondo aos meus, chamando minha atenção, me fazendo sentir prazer e satisfação ao ver sua expressão distorcida. O rosto transformado em puro prazer assim como o meu, vendo-o e sentindo-o gozar e chamar por mim, a expressão não podendo ser fingida ou mascarada.

Jogo minha cabeça para trás, encostando-a em seu peito. Os espasmos de seu corpo se acalmam junto aos meus e Pedro abre seus olhos, levando seu rosto ao meu pescoço e beijando-o, fazendo um carinho sensual, delicioso, enquanto seus olhos buscam os meus pelo espelho.

Percebo o quanto gosta dessa parte em particular em meu corpo, estando nós dois ainda fundidos um ao outro, até que ele afrouxa seu aperto e delicadamente sai de mim, levando a mão à minha perna e tirando-a de cima da barra. Sinto-a dormente, meu corpo todo tremula e Pedro me traz para perto dele, beijando minha boca de forma calma, carinhosa e cuidadosa.

— Eu te amo — fala, me pegando totalmente desprevenida, roçando

seus lábios nos meus. — Eu sempre te amei e prometo nunca mais deixar que alguém tire você de mim.

Sorrio bobamente, apaixonada, meus olhos sendo umedecidos por lágrimas de satisfação.

Quantas vezes eu sonhei com isso? Com esse momento? Com essas palavras? E agora o meu coração idiota quer arrombar meu peito por tamanho contentamento, quero mais que tudo acreditar em suas palavras. Acaricio seu rosto, sentindo gotas de suor escorrerem por sua pele e beijo seus lábios castamente antes de responder:

— Eu também te amo! — falo, trancando tudo dentro de mim e jogando fora a chave surrada.



Quando se tem o amor em suas mãos, se tem a certeza da felicidade...

Sinto a maciez dos fios suados enquanto deixo meus dedos, em uma carícia lenta, passearem na fina nuca, relaxada, contemplando um momento só nosso, sentindo-a amolecida em meus braços. Estamos deitados no chão, calados, ainda não falamos, como ela pediu, quando me viu aqui, no momento exato em que eu permanecia em êxtase ao ver Alice se movendo com leveza pelo lugar. Linda, leve como uma pluma, tendo uma expressão fácil, feliz, estampada em seu rosto, como eu me lembrava exatamente. Sempre amei vê-la dançar, minha bailarina.

O sexo que fizemos foi o melhor que me lembro de ter feito na vida e a deitei aqui comigo, mantendo-a presa em meus braços, como se para apaziguar o medo de que fuja de mim.

Na verdade, não fizemos só sexo, fizemos amor. Foi assim que me senti quando a penetrei, quando provei seu sabor, senti seu cheiro e engoli seus gemidos de prazer. Eu a amei em cada movimento, cada gesto e olhar, foi perfeito. Me fundi a essa mulher hoje, me liberei de oito anos de tesão, querer, e, quando alcançamos juntos o prazer, eu quis apenas manter os olhos abertos e ter a certeza de que era mesmo ela, ver pelo espelho o rosto afogueado entregando-se para mim, dando a mim a certeza, mesmo que incerta, de termos um futuro.

— Posso fazer uma pergunta? — A voz sonolenta me alcança, sem que

me olhe, continuando em meus braços, com o rosto mergulhado em meu peito e uma perna sobre a minha, com parte do corpo nu também sobre o meu.

— Sim, sempre que quiser.

— Como você está? Digo, depois que... — Faz uma pausa, parecendo procurar as palavras. — Augusto me contou sobre sua paciente, eu sinto muito por ela — fala e deixa um suspiro cansado escapar por minha boca, eu também sinto.

— Estou bem, não é como se fosse a primeira vez, Boneca. Mas é sempre única, diferente com cada um.

— Sei disso, mas acho que lidar com pessoas que tenham a mesma doença de sua mãe pode não ser bom pra você. Você sumiu ontem, Pedro — fala, com certo receio, pesar, e eu a aperto mais em meus braços, beijando seus cabelos.

— Eu precisava desse tempo, Ali. Me desculpa se sumi, eu só queria colocar a cabeça no lugar antes de conversarmos. Perder um paciente é sempre um luto, ao menos é pra mim, precisei me acostumar com ele, com a dor que enxerguei nos olhos do marido de Mirian e conosco. Mas o fato de trabalhar com pacientes que tiveram a mesma doença que mamãe não me faz mal, pelo contrário, escolhi essa profissão por ela, queria fazer por outros o que não pude por ela. Amo o que faço, minha boneca. A parte perversa é apenas a morte, que às vezes não temos como contornar. Mas tá tudo bem, não precisa se preocupar. De novo, me desculpa por sumir, não vai acontecer nunca mais, descobri que minha calma está em você, está tudo bem agora.

Sinto sua mão em meu rosto, uma carícia leve, delicada

— Não há o que desculpar, mas não está tudo bem, Pê — fala e se vira, deitando de bruços sobre o acolchoado e me olhando, apoiando o queixo em meu ombro, o rosto quase a tocar o meu, deixando um beijo terno em meu queixo antes de voltar a falar. — Não precisa falar que está tudo bem pra que eu não me preocupe, se vamos fazer isso, temos que confiar, certo? É normal se preocupar quando amamos e queremos o bem, não precisa carregar tudo sozinho, você tem a mim — fala, séria, e eu sorrio, tentando deixar o clima leve outra vez.

— Hum... e eu a tenho? — Ela anui, um sorriso fofo brotando e esquentando meu peito. — E vamos fazer o que exatamente, Boneca? — pergunto, fugindo um pouco do assunto. Sei do que está falando, mas quero ouvir dela.

Alice muda o olhar por instantes, sem jeito, e volta a me olhar segundos depois, tendo alguns fios de seu cabelo caindo pelo rosto. Em um gesto natural, levo a mão à face delicada e faço um carinho em sua bochecha, colocando os fios atrás de sua orelha.

— Isso que acabamos de fazer, digo...

— Foder?

— Não, boca suja, não fodemos, fizemos amor. Eu fiz, pelo menos — diz, fazendo um biquinho que me faz querer beijá-la.

Eu a empurro de costa e me coloco sobre seu corpo, olhando em seus olhos, beijando-a antes de falar:

— Não fodemos? — Ela nega. — Hum, acho que quero fazer mais disso então, gostei de fazer amor. — Ela sorri, gargalha, sacudindo o corpo embaixo do meu e acordando meus instintos que a querem mais uma vez.

— Cara de pau! — E aos poucos o sorriso vai se diluindo, ela fica séria, levando a mão ao meu rosto e alisando-o. — Mas temos que conversar.

— Temos, Boneca. Temos muito a falar — concordo.

Ela tem razão, se vamos fazer isso, é justo e imprescindível que tenhamos confiança um no outro.

— Bem, vamos mesmo adiante, não é? Quer dizer, eu quero ir, mas é que...

— Tem medo de que não seja suficiente... — completo sua fala e ela concorda timidamente, noto os olhos verdes mudando de cor e ficando úmidos.

Entendo seu medo, de verdade. É o meu, de certa forma, pois sempre tive o medo de não ser suficiente para ela, de não dar tudo o que sei que merece, a felicidade que almejo ao seu lado, apesar de saber que, quando diz suficiente, se refere ao sentimento. Mas diferente de antes, esse medo não é maior que a certeza de um amanhã ao lado de Alice. Eu a quero com ainda

mais ardor e, depois de hoje, eu não seria capaz de abrir mão de tê-la em minha vida de forma definitiva, sem que demônios ou o medo do futuro me atormentem.

— Acho que esperamos demais e deixamos passar os melhores anos de nossas vidas, Alice. Um tempo em que poderíamos ter nos entregado a esse amor que acabamos de provar, mas não podemos voltar ao passado. Eu não sou perfeito, nós dois sabemos disso. Carrego memórias aqui dentro, algumas que não quero falar, pois me machucam, mas que ninguém as conhece como você. Sabe de cada um dos meus segredos, Alice, foi pra você que os contei há muito tempo, era você minha melhor amiga. Há partes que passei a guardar a sete chaves, que estou disposto a abrir novamente pra você, pois te amo. Prometo que tentarei por um sorriso em seu rosto todos os dias e tentar suportar esse seu gênio ruim... — brinco e a vejo sorrir lindamente. Eu seria capaz de matar por esse sorriso. — E serei seu, apenas seu a partir de hoje. Nunca houve outra, não que chegasse perto de tocar meu coração, sempre foi só você aqui dentro, Alice. — Puxo sua mão e levo ao meu peito, que parece querer explodir com as batidas do meu coração.

Ela disfarça as lágrimas, passando a mão no rosto, e finjo não as ver.

— No momento, estou achando você perfeito pra mim, ainda mais após esse discurso. Foi ensaiado? — E eu gargalho.

— Tem o dom de acabar com momentos como esse, sempre teve e, sim, eu ensaiei, só que não foi bem assim que imaginei que seria. Mas e aí, funcionou?

— Aí depende... do seu poder de persuasão, podemos testá-lo enquanto tomamos banho, o que acha?

Finjo pensar.

— Podemos, se antes me responder uma coisa — falo e me levanto, estendendo minha mão para que faça o mesmo

— O que foi?

Eu a deixo em pé e vou até onde me sentei quando cheguei, pegando a caixinha vermelha que deixei sobre a cadeira e voltando a me aproximar dela, seu corpo nu despertando o meu.

— Aqui, comprei pra você! — Eu lhe entrego a caixinha de veludo de

tamanho médio, esperando uma reação.

A mulher olha o objeto com certa surpresa e medo, enquanto mantenho em meus lábios um sorriso, causado por ela. Alice estuda a caixinha, abrindo-a, e seu rosto se ilumina ao olhar o conteúdo. Pegando a correntinha dourada e delicada em sua mão, levantando-a e admirando o pingente, uma pequena bailarina, uma pulseira delicada.

— Mas tem dois? Por quê?

— Esse — pego a corrente de sua mão e puxo seu pulso, abotoando a correntinha — é pra você e o outro, idêntico ao seu e um tanto menor, é pra Camille. — Fecho a pulseira e ela leva a mão à peça delicada, admirando-a.

— Eu amei, ela também vai adorar. Obrigada — fala, enlaçando meu pescoço e me beijando. — É perfeita e idêntica a...

— A que eu lhe dei anos atrás, porém, um cordão, que você não tirava do pescoço, mas que acabou perdendo — completo. — Eu sei, por isso a escolhi quando vi e, quando achei uma idêntica e menor, não pensei duas vezes ao comprar, faz alguns dias, inclusive, estava esperando o momento certo pra lhe dar. — Observo cada expressão sua e a forma carinhosa como alisa a peça entre seus dedos. — Agora espero uma resposta.

— Qual resposta?

— De que agora é pra valer. A partir de hoje, você é minha pra que eu possa te amar todos os dias, venerar seu corpo. — Beijo seu pescoço, vendo os pelos de seu corpo se arrepiarem. — Minha para fazer amor, às vezes foder bruto. — Mordo o lóbulo de sua orelha. — Minha namorada, mulher... vamos pular algumas etapas já que vamos praticamente morar juntos, mas já perdemos tempo demais, e não perco mais um minuto longe de você. E então? — falo e espero uma resposta, que não vem de imediato. — Não tenha medo, fiz uma promessa e irei cumprir.

— Hum... Somos namorados então, doutor peão, ou melhor, namoridos! — diz, em meio ao riso, e tomo sua boca em um beijo profundo, buscando sua língua e sugando-a.

Exploro calmamente a boca de sabor doce, volumosa, molhada. Sugando seus lábios e dando uma leve mordida no lábio inferior, chupando-o em seguida e fazendo-a gemer quando meus dedos encontram as dobras da

boceta escorregadia.

— Onde é o banheiro? — pergunto, abafado, com minha boca colada à sua, circulando meus dedos em seu monte inchado.

— Naquela porta ali... — Aponta sem muito esforço, olhos fechados, entregue.

Eu a ergo do chão, segurando sua bunda redonda e gostosa com ambas as mãos e sinto-a abraçar meu quadril com as pernas, segurando-se aos meus ombros.

— Eu posso andar...

— Pode, mas não consigo me afastar de você nesse momento e a quero de novo. — Me esfrego em sua intimidade molhada, fazendo-a gemer.

— Hum... acho que vou gostar.

Entro com ela no cômodo que me indicou, com meu pau doendo de tesão e a pressiono contra a primeira parede que vejo, tomando sua boca na minha, fodendo-a com a minha língua, sentindo seu corpo estremecer, gemendo e se apertando mais a mim. Encaixo-a sobre meu pau, sem penetrá-la, começando uma fricção gostosa, que me causa uma mistura doce de dor, prazer e tesão.

Foi uma vida esperando por essa mulher e agora que tenho a mínima chance de tê-la ao meu lado, serei capaz de tudo para viver esse amor, aproveitar a loucura que me causa.

Aperto sua bunda e subo minhas mãos até sua cintura, passando por sua barriga e chegando aos seios empinados, redondos e pequenos, de tamanho perfeito, apertando o bico sensível entre meus dedos. Alice deixa minha boca e geme, resvalando sua boceta em meu pau.

Sorrio com a perspectiva que me acerta e abocanho seu pescoço exposto, chupando a pele macia e passando a língua pelo local para aliviar, vendo-a fechar os olhos, jogar a cabeça para trás e gemer, perfeita. Sigo beijando seu seio, pressionando os mamilos, tentando não dar vazão à raiva que sinto ao ver as marcas em sua pele. Deixando de lado o pensamento do que pretendo fazer com aquele infeliz.

— Pedro... eu quero o seu pau — fala, baixinho, em meio a um gemido.

— Quer que me atole em você?

— Não, quero-o em minha boca, quero o seu gosto — O simples pensamento eleva o meu tesão ao limite e meu pau baba por ela, pela visão de tê-la com ele metido em sua boca rosada.

Eu a solto, deixando-a em pé, e a mulher me olha com um sorriso safado nos lábios, descendo vagorosamente até se ajoelhar à minha frente. Uma mão é espalmada em minha perna e, com a outra, ela segura a base do meu pau, os olhos em mim quando coloca a língua para fora e, ainda com a boca curvada em um sorriso, abocanha apenas a cabeça do meu cacete, me provocando, eu gemo alto ao sentir a quentura e umidade de sua boca.

— Alice...

Fecho os olhos brevemente, levando uma mão à parede fria, segurando meu peso. Vejo-a como a visão da tentação, uma minha em particular, enquanto passa a língua pela glândula em toda a extensão, indo até minhas bolas e envolvendo-as com a boca, sugando com precisão.

— Puta que pariu... — falo, sendo envolvido por cada reação que me causa.

Alice as deixa e as envolve com a mão pequena, massageando-as e dessa vez engole meu pau, levando até a metade de sua garganta e fazendo uma leve sucção, apertando-o. Sou grande, grosso, o que lhe dá certo trabalho e me causa um prazer sem limites.

— Isso, Alice. Cacete! — Eu a ouço sorrir e seguro seu cabelo com uma mão, olhando a face corada. — Quer que eu foda sua boca, não quer? — pergunto, vendo-a engolir em seco antes de sorrir, safada, e acenar.

Ela volta a chupar, sugar e lambe, eu a seguro pela nuca, ajudando-a a me engolir, sem que a force, para que siga o seu ritmo, apesar da vontade de ir até o limite.

Não quero gozar em sua boca, não antes de tê-la lambuzando meu pau com seu gozo e tiro-o de sua boca, que geme em desgosto, fazendo uma expressão de desgosto, os olhos lacrimosos pelo esforço. Eu a trago para mim, levantando-a e imprensando seu corpo contra a parede, segurando uma de suas pernas, levantando-a e atacando sua entrada, me atolando em seu interior mais uma vez. Gememos juntos, segurando o prazer de gozar ao

senti-la contrair em tensão ao meu redor.

Estoco devagar até estar todo dentro de Alice. O contato da carne quente e melada abraçando a minha e me apertando faz com que eu tenha que me controlar para não gozar com rapidez... Começo a me movimentar, tendo-a ondulando comigo, o prazer nos envolvendo. Paro quando a sensação íntima, quente e molhada me faz lembrar do preservativo que não uso e me afasto minimamente.

— Tenho que pegar o preservativo, Boneca, ficou junto das nossas roupas. — Ela abre os olhos, inebriada, bêbada de prazer.

— Continua, não para!

— Ali...

— Você já está dentro, a única preocupação agora seria eu engravidar e não posso, não tenho útero. Agora volte a fazer o que estava fazendo, não pare... — fala, gemendo, ao final, apertando-me dentro dela e fazendo com que eu me esqueça outra vez do preservativo e não dê muita atenção para o que acaba de falar.

Não tenho útero...

Guardo o pensamento, estocando com força, virando-a de costas para mim, com rapidez e cuidado, passando meu braço por sua cintura e empinando sua bunda para mim. Vejo-a com o rosto encostado na parede, rebolando o quadril, vindo ao encontro do meu.

— Isso, Pedro, mais...

— Quer com força, Boneca? Diga o que quer!

— Me fode com força, isso, não para...

Estoco sem limite algum, batendo fundo em sua boceta apertada e gostosa *pra* caralho, ouvindo-a gritar e pedir por mais. O barulho das minhas bolas batendo na boceta molhada, escorrendo sua excitação e o cheiro de sexo nos envolvendo. A mulher se derrete, sua boceta engole e mastiga meu pau, como se estivesse moendo-o, e seu corpo se retesa, grudado ao meu, suado, a mão voando para minha barriga e arranhando-a, o rosto contorcido.

Seus gemidos são o meu prazer e me liberto em seu interior, jorrando porra na boceta quente, receptiva, esmagando-a contra a parede e escondendo

meu rosto no pescoço cheiroso. Algo doce.

A respiração acelerada, os corpos quentes e suados, o indício do que acabamos de fazer. Beijo seu pescoço, indo até sua orelha, fazendo um carinho leve e gostoso que a faz ronronar como uma gatinha, enquanto seguro seu corpo trêmulo, meu cacete atolado em sua boceta.

— Te amo e a farei feliz — falo ao seu ouvido e ela abre os olhos, procurando os meus.

— Eu sei disso, é a única certeza que tenho neste momento, pois já estou.

Eu a coloco de frente para mim e a beijo, selando a promessa que acabei de fazer. E o inferno congelaria para que eu não a cumprisse...



A felicidade pode não ser duradoura, mas é plena nos poucos minutos que nos alcança!

Sorrio ao olhar o homem dirigindo ao meu lado, concentrado na estrada enquanto percorremos o pequeno caminho de estrada de chão até chegar à casa de meus pais. É domingo, dia de dona Vera ter seus pintinhos debaixo de suas asas, disso ela não abre mão.

Depois de uma conversa satisfatória e um sexo delicioso no banheiro, saímos prontos e viemos para a chácara, aproveitar esse momento em que estaremos todos reunidos para comunicar o que estamos fazendo, a adoção e, talvez, contar de uma vez que estamos juntos.

Passamos pela entrada e, ao longe, vejo a caminhonete de Augusto e o carro de Arthur ao lado do seu, em frente à área da casa. Respiro fundo, pensando que preciso mesmo falar com Arthur, entender o que aconteceu e, como não me atendeu ontem, nada melhor que conversar pessoalmente. Pedro estaciona ao lado do carro de Augusto e sua mão busca a minha sobre minha perna.

— Tem certeza que quer falar hoje? — pergunta, carinhoso, e eu sorrio, antes de me aproximar e beijar seus lábios. — Se bem que não temos muito tempo por conta da adoção, mas quero que esteja à vontade.

— Tenho, é melhor falar logo, não é? Não tem por que mentir ou retardar, queremos isso, certo?

— Queremos, e eu quero você, Alice! — Sua mão livre cobre minha nuca, me levando para ele, que toma minha boca em um beijo profundo, que faz minha pele se arrepiar quando sua língua encontra a minha e a suga, me fazendo gemer.

— Tia! — Ouço a voz infantil, junto ao barulho da porta do carro sendo aberta, e salto no lugar, me afastando do beijo de Pedro e me virando assustada no banco, encontrando um rostinho avermelhado me olhando.

— Oi, minha princesinha! — Pega no pulo, desço do carro, pegando-a em meus braços, estando ciente de que não deu tempo de ver nada. — Eu estava com saudades de você!

— E eu da senhora. Oi, tio! Vocês demoraram, a vovó tava preocupada!

Olho Pedro de esguelha e o vejo rindo, quando se aproxima de nós, belisca a bochecha de Cathe.

— Ei, Grilinho, cadê seu pai e seu avô?

— Com os cavalos. A vovó e a mamãe tão lá dentro.

— A bruxa não veio? — pergunto, como se fosse um segredo, me referindo a Marina, namorada insuportável de Arthur!

— Alice. — Pedro é quem repreende e Cathe sorri.

— Não! A vovó disse que aí tem! O tio Arthur chegou com cara de mau, a mesma que o papai faz quando tá bravo... quer dizer, chegou com a cara do papai. O papai sempre tem cara de mau!

Eu gargalho com o que ela diz e Pedro nega, tentando prender o riso, sem nenhum sucesso, pois gargalhamos de sua perspicácia, e minha mãe tem razão, já faz algum tempo que não vejo Marina. Bom, terminar sei que não terminaram, já que sei que ela não largaria o osso e ele também continua no apartamento onde os dois moram.

— Vou ver seu pai no estábulo, Boneca, nos vemos daqui a pouco.

— Tá bom. — Ficamos nos olhando por um instante, sem saber ao certo como nos comportarmos. É estranho ainda, a situação não é algo natural.

Ele acena e fico olhando enquanto ele pega o nariz de Cathe, fingindo

levá-lo, e nos dá as costas, indo para longe de nós. Perco algum tempo olhando as costas largas se moverem e suspiro... ele é meu.

— O que sua avó fez de bom pra gente comer? — Forço-me a dizer, estendendo a mão para que ela alcance.

— Mousse e bolo de chocolate, que tá esfriando — responde e minha boca se enche d'água só de pensar no doce.

Subo a pequena escada de quatro degraus e entro em casa, segurando a mão de Cathe na minha. Encontro Cristine meio de lado, sentada na poltrona, e minha mãe à sua frente, separando... fraldas?

— Bom dia, família! — Me aproximo de minha mãe e beijo seu rosto, dando-lhe a bênção em seguida.

— Deus abençoe, por que demoraram tanto, Alice? Liguei pra vocês e não consegui falar com nenhum dos dois, até Pedro retornar. Pra que querem celular?

— Calma, dona Vera. Eu estava no estúdio, foi por isso, mas já estou aqui em carne e osso e seu sobrinho favorito também, tá lá com papai e seus filhos — falo, tentando acalmar a fera.

Minha mãe é um doce, a melhor mãe do mundo, mas uma onça quando não tem o controle sobre nós. É difícil acalmar a fera às vezes.

— Sei... — Me olha, balançando a cabeça de um lado para o outro, desconfiada. Deus do céu, não dá para esconder nada dela. — Mas seu pai está lá apenas com Augusto, Arthur tomou um remédio há pouco e foi se deitar, está com dor de cabeça. Não quis muita conversa.

— E você, cunhada? Como tá? — falo com Cristine, deixando um beijo em sua bochecha.

— Muito bem e como foi o ensaio? — pergunta, risonha, como se soubesse qual o tipo de ensaio que eu estava tendo.

— Foi bem... satisfatório. — Sorrio. Sei que Pedro ligou para ela para saber onde eu estava e ela deve imaginar o motivo do nosso atraso. Aliso sua barriga e me dou conta do que mamãe falou.

— Arthur está onde?

— Está no quarto. E então, como estão as matrículas do balé, filha? A

todo vapor?

— Sim, mamãe, estamos tendo muita procura, estou pensando até em contratar mais um professor. Ia deixar pra fazer isso após três meses, quando o negócio estivesse mais consolidado, mas o público está aumentando muito. Falarei com papai sobre isso, pedirei a opinião dele e da senhora também, é claro — falo, deixando a bolsa ao lado de mamãe no sofá. — Agora vou ver Arthur, quero falar com ele.

— Posso ir, tia, ou é conversa de adulto?

— Conversa de adulto, princesa, mas não demoro.

Ela sorri, ajudando minha mãe a dobrar fraldas e mais fraldas bordadas, e saio de fininho, sob o olhar aguçado de Cristine. Chego ao antigo quarto de Arthur e, sem bater na porta, abro-a devagar, encontrando-o deitado na cama, usando calça jeans escura e camisa social branca, com o antebraço sobre os olhos e uma arma no canto da cama que sei ser sua.

Entro na ponta dos pés e me sento devagarinho na cama ao seu lado. Ele não se move, penso que está dormindo e me surpreendo quando fala:

— Chegou agora, Porcelana?

— Que susto, achei que estava dormindo. Sim, cheguei há poucos minutos.

— Não ganho um beijo? — Sua voz é baixa, sem se mover ainda.

— Preciso falar com você! — Sem responder sua pergunta, sou direta, e ele então tira o braço do rosto, me deixando ver seus olhos.

Vejo cansaço em seu semblante e eu poderia deixar para falar outro dia, mas preciso conversar com ele. Entender.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, não agora pelo menos. Mas aconteceu anos atrás, no dia do meu casamento, quando você o impediu de falar comigo — falo, notando sua confusão inicial.

Primeiro ele parece não entender a quem me refiro, aperta os olhos, como se buscasse algo, e então sua feição muda, vejo seu rosto endurecer e ele muda seu olhar para o teto, uma expressão envergonhada tomando o rosto bonito.

— Quem disse a você?

— Pedro.

Ele se move na cama e se senta, ajeitando-se no travesseiro e encostando na cabeceira da cama, permanecendo calado por alguns instantes até que eu decido quebrar o silêncio.

— Você sabia o que eu sentia...

— Sabia e foi por isso que eu fiz. Você estava feliz naquele dia, dizia isso aos quatro ventos e achei que estava te fazendo um bem, pois sabia que, se ele subisse aquelas escadas, você jogaria a felicidade que dizia sentir pela janela sem pestanejar. Você já tinha sofrido, Alice, tão jovem e com uma carga tão grande, algo me dizia que ele não a faria feliz e eu fiz o que achei certo, achei que o homem com quem estava se casando a merecia.

Não há como culpar ninguém aqui, eu também achava que sim, que ele me faria feliz, que seríamos felizes.

— Não tinha como saber! Mas era eu quem tinha de decidir isso, você sabia que o amava, apesar da mágoa e de, aparentemente, estar feliz.

— Você tem razão, Ali. Eu sabia, mas queria que tivesse a chance de realizar o casamento dos sonhos. Era assim que você chamava... eu me arrependo, Alice, me arrependo todos os dias pelo que aconteceu depois, por você ir se afastando aos poucos, por não ter lutado mais por você. — Sei que sente, é meu irmão aqui. O ciumento, confidente e conselheiro.

Éramos grudados quando mais novos, o tipo que sabia tudo um do outro, se tinha algo a realizar, era para ele que eu contava. Meus medos, receios, sonhos... amores!

— Por que não me contou? — pergunto, sentindo um bolo se formar em minha garganta pela culpa que vejo em seus olhos.

— Primeiro, achei que estava fazendo o certo e, até um ano atrás, eu ainda achava isso. Nunca fui com a cara daquele pedaço de merda, mas você dizia que estava feliz, que ele a tinha feito esquecer aquela paixão idiota e juvenil que sentia pelo primo boa pinta. Eu acreditei que vivia o casamento dos sonhos e que anos atrás eu tinha feito a coisa certa ao impedir que Pedro fosse atrás de você.

— Ah, Arthur... — E não consigo impedir que uma lágrima me escape.

— Nenhum sinal, Alice, nunca me disse nada. Eu estava ali ao seu alcance o tempo todo, uma ligação, bastava isso... e qual foi a minha surpresa ao receber a notícia dizendo que você estava em um hospital após ser espancada pelo seu marido, aquele de quem eu fui padrinho de casamento. — Ele para de falar e engole em seco. — A culpa também era minha. Sempre quando eu te vejo, esse é o primeiro pensamento que tenho, é como um filme.

Eu fico sem palavras, olhando seu rosto velado por culpa, receio, medo. Me aproximo e me sento ao seu lado, encostando-me na lateral do seu corpo, descansando minha cabeça em seu ombro, e ele me abraça. O ressentimento inicial não existe mais, pois eu entendo que, se fosse eu em seu lugar, faria exatamente a mesma coisa. Ele não tinha como saber.

— Me perdoa, Alice! — fala, abafado, com a boca colada em meus cabelos ao me beijar.

— Não tem o que perdoar. Foram as circunstâncias... — E o silêncio nos envolve por poucos segundos, até eu mesma quebrá-lo. — Tá doente? Mamãe disse que tomou um remedinho.

— Só uma dor de cabeça infernal. Acho que ando trabalhando demais, só isso.

— É só isso mesmo? — Olho para ele, segurando seus ombros. — Há algo que não quer contar nem a mim, a Augusto, ou à mamãe. Mas, Arthur, não guarde pra você, não é algo bom, sabemos disso. Marina tem algo a ver com isso?

Ele sorri, fraco.

— Todo casal tem problemas, é apenas o trabalho.

— Então descansa — concordo, ele não vai falar, o homem se transformou em uma concha. Me afasto, deixando um beijo em sua bochecha bem barbeada e me levantando. — Vou ver se mamãe precisa de ajuda com alguma coisa. — E o olhar que vejo nele me incomoda. Sinto algo apertar meu peito, algo parece muito errado. — Venho te chamar para o almoço.

Ele não diz nada, apenas confirma, não é do seu feitio expor sentimentos, não mais, pelo menos. Saio do quarto fechando a porta devagar atrás de mim e busco a direção das vozes que vêm da cozinha, encontrando as

duas mulheres lá, enquanto mamãe recheia um bolo perfeito e fofinho de chocolate.

— Ah, Alice, pega a geleia de morango na despensa pra mim — Dona Vera pede assim que piso os pés na cozinha.

— Já vai rechear?

— Não ainda, mas pegue lá que vou preparando o recheio. Já já o almoço estará pronto. — Confirmo e viro-me nos calcanhares, voltando e entrando no pequeno cômodo à direita da sala de jantar, que ela usa para guardar seus utensílios e mantimentos.

Olho as prateleiras em busca da bendita geleia e demoro um tempinho, procurando onde ela escondeu o pote. Sim, pois só pode estar escondido, já que não acho em lugar algum.

— Que bom que veio pegar mãe, pois não acho onde... — Estanco a fala quando mãos grandes me abraçam e ele cola seu corpo ao meu.

— Não é sua mãe, Boneca.

Me viro e o encontro sorrindo, com as mãos a rodearem minha cintura. Um sorriso lindo estampando sua boca e iluminando minha alma.

É a sensação que tenho e, quando me beija, gemo em deleite ao sentir sua língua buscar a minha. Enrolo meus braços em seu pescoço, me aperto a ele, sentindo sua ereção começar a subir, presa na calça, e aproveito para me esfregar descaradamente nele.

Sinto sua mão subindo a barra do vestido longo e de caimento leve, e seus dedos entrarem em minha calcinha, buscando minha intimidade. Perco o ar quando, sem aviso, Pedro belisca meu clitóris sensível e inchado e deixo sua boca, gemendo seu nome e me contendo para que ninguém me escute.

— Para, Pedro. Se alguém entrar aqui...

— Nada demais, vim só te ajudar a pegar...

— Geleia.

— Isso, geleia.

— Hum... não faz isso — falo, lânguida, quando um dedo grosso escorrega para dentro de mim em um vai e vem delicioso enquanto a palma

se esfrega em todo o meu sexo e o sinto rir enquanto beija meu pescoço. — Hum...

— Me deixa te ver gozar aqui. Vai, boneca, lambuza minha mão... — pede, ao meu ouvido, mordendo minha orelha e eu me derreto quando me beija, dessa vez mais duro e excitado, enquanto me fode com o dedo.

Desço minhas mãos por seu peito, enquanto seu beijo faz meu corpo quase entrar em combustão, e apalpo sua ereção por cima do jeans, que se avoluma, preenchendo minha mão. Segurando gemidos de prazer, acaricio o membro grosso, rijo, que marca a peça, e me derreto em seus braços, jogando a cabeça para trás e lhe dando livre acesso ao meu pescoço.

É delicioso, proibido e a adrenalina me faz ir às alturas só com suas carícias. Me agarro aos seus braços enquanto sinto meu corpo convulsionar de prazer, sentindo também meu líquido escorrer por seus dedos. Mordo seu ombro para não gritar e chamar a atenção da casa inteira e volto mole, ainda com espasmos no corpo após um orgasmo delicioso, escondidos como dois adolescentes.

Abro os olhos, preguiçosa e mole, foco em seu rosto, vendo um sorriso de moleque travesso preenchendo sua boca, fazendo as covinhas aparecerem em seu rosto.

— Você é a coisa mais linda gozando... Quase gozei só por vê-la se contorcer de prazer...

— Hum... safado! Se alguém entrar aqui...

— Eu tranquei a porta, minha Boneca. Não sou louco — fala e me beija, tirando os dedos de mim, não antes de massagear e beliscar meu clitóris sensível, me fazendo pular no lugar. — Agora tire a calcinha.

Olho-o, perplexa, e sorrio, nervosa, negando com a cabeça, sem controlar o riso.

— Ficou louco?

— Vamos, tire a calcinha e me dê.

— Eu não vou sair daqui sem calcinha, Pedro, sem chances... — falo, como se pudesse controlar o desejo que inflama meu peito ao estar perto dele.

— Anda, Boneca — diz, roçando os lábios nos meus e se ajoelhando à

minha frente, levando as mãos à minha calcinha encharcada e tirando-a ele mesmo, os olhos sem deixar os meus.

Pedro se levanta e leva a calcinha de renda preta ao nariz, cheirando-a, um sorriso safado e perverso enchendo seus olhos.

— Vai ser uma tortura deliciosa saber que está sem calcinha. Não vamos esperar chegar em casa... — Me beija estalado e ajeita a camisa para que cubra sua evidente ereção, arrumando-a dentro da calça, e se afasta, indo em direção à porta, me deixando aqui, sem saber o que fazer e de olhos arregalados...



Depois de criar coragem e sair da despensa, mamãe recheou nossa sobremesa e almoçamos juntos, todos ao redor da mesa em uma conversa agitada. Continuamos sentados à mesa após a refeição, desfrutando do bolo, enquanto papai conta os acontecimentos da semana, e eu, bom, tento fingir que não tem uma mão grande alisando minha perna de forma simples, mas erótica a ponto de me manter excitada e molhada durante o almoço.

— E o haras, Pedro? Conseguiu algum reembolso do prejuízo?

— Não, infelizmente. Não tinha como reverter, foi a equipe do haras que foi infeliz no manuseio do material.

— Precisou demitir alguém? — meu pai pergunta e sinto seu carinho por baixo da mesa parar.

— Sim, o rapaz que cuidava da área foi demitido, apesar de alegar não ter culpa. — E ele parece não estar à vontade com o assunto. — Mas foi necessário.

— É, ossos do ofício... — papai confirma e seu foco muda para Augusto. — E o hospital? Lauro me ligou, tiveram problemas com o paciente, Augusto. Aquele que erraram o local da operação. Te trará alguns problemas, sabe disso, não é? — Augusto para com a colher a meio caminho

da boca.

— Sim, sei. Já estamos vendo os danos, tentando não fazer disso uma bola de neve para o hospital, solucionar da melhor forma possível.

— Otávio, não acho que seja hora de falar disso, deixe o trabalho para depois, os meninos não estão aqui pra isso — minha mãe tenta encerrar o assunto.

— E, também, não sou eu que tenho novidades a contar, não é, Alice? — Olho para Augusto, me engasgando com o doce de brigadeiro, tossindo e sentindo Pedro dar palmadinhas em minhas costas.

— Do que seu irmão está falando, Alice? — papai pergunta, curioso, fazendo meu acesso de tosse crescer.

— Não sei, pai. — Tento soar desentendida e olho feio para Augusto, que sorri em resposta. Que golpe sujo para se livrar do sermão!

— Não me olhe feio, Porcelana. É melhor contar logo a novidade.

— Alice? — mamãe me chama e procuro o olhar de Pedro, que parece satisfeito com a situação.

Olho todos à mesa, até Cathe espera a novidade. Meus olhos param em Arthur, que me olha sério, uma sobrancelha erguida. Okay, então lá vai.

— Bem, eu e Pedro... estamos namorando e vamos adotar uma menina juntos.

Tudo sai de uma vez e o momento parece parar, não se escuta nem mesmo os pássaros lá fora, os olhos de todos estão voltados para nós.

A primeira pergunta veio de mamãe, em tom embaraçado.

— Mas como e quando isso aconteceu? E que história é essa de adoção, alguém pode esclarecer?

— Pelo que soube, era só você que ia adotar uma criança, Pedro. Como Alice entra nisso? — Arthur se faz ouvir.

— Você vai adotar uma criança sozinho? Mas o que está acontecendo aqui?

E, em meio a tudo, ouvimos Cathe quebrar o momento, ao bater palminhas, sorrindo lindamente.

— Eba, o tio Pedro e a tia Ali vão se casar?

E isso trouxe surpresa à mesa, além de um pequeno burburinho, enquanto vejo Augusto rindo em seu lugar. Palhaço. Minha preocupação é quando olho papai ficando vermelho como um pimentão, sem ainda dizer uma palavra, até se levantar e olhar diretamente para Pedro.

— Vem comigo, Pedro, vamos ter uma conversa de homem pra homem.

Augusto me paga!



O amor transforma, faz bem e traz mais cor à sua vida...

Acho que Alice ficou nervosa na hora com a intromissão de Augusto e soltou tudo de uma vez. E agora, olhando meu tio de pé, chamando-me para ir ao escritório, temo que o velho tenha um infarto pela cor que toma seu rosto. Eu estou muito ferrado.

— Não precisa disso, pai! — Alice se interpõe, tentando impedir que eu me levante, mas eu o faço. Já não era sem tempo.

— Pelo amor de Deus, Otávio. É Pedro, e Alice não é nenhuma criança, senta e vamos conversar aqui mesmo! — minha tia tenta, enquanto a mesa muda de clima para um bem mais tenso.

— Por isso mesmo, é por ser ele, Vera. Ele com minha filha. Anda, garoto. Vamos conversar.

Ele não espera que eu lhe dê uma resposta, fazendo certo barulho ao deixar a mesa. O velho ficou intimidador, até cresceu de tamanho e me senti um moleque que fazia arte e precisava de repreensão.

Nego, aprumando o corpo para segui-lo, ainda não acreditando. Bom, mas não sou mais o homem de anos atrás, não estou mais nos meus vinte e poucos anos, deixando que o medo do que nossa família acharia desse relacionamento me afastasse dela. Não há mais dúvidas.

— Pedro, não precisa ir. Não estamos fazendo nada errado... — Alice

segura minha mão e fala baixo, se pondo de pé também.

— Não estamos, Boneca, e seu pai não vai fazer nada demais, ou tentar mudar o que sinto por você. É só uma conversa, não se preocupe. O velho me ama, esqueceu? — Tento brincar, ainda pisco para ela a fim de quebrar o clima e ela retribui com um pequeno sorriso.

— Convencido.

— Linda — falo a ela e olho para minha tia, que tem um sorriso pequeno nos lábios, encorajador, eu diria.

Augusto e Cristine continuam à mesa, já Arthur se levantou e sei lá para onde foi. Desde aquele dia, do tal casamento, não somos mais tão próximos. Ele não aceitará fácil, sei disso, e estou pouco me fodendo para este fato.

A passos largos, vou para o escritório e encontro meu tio sentado atrás da mesa de madeira, me acomodo em frente a ele, olhando o homem de meia idade do outro lado, segurando uma garrafa de um dos seus inúmeros licores favoritos, servindo dois copos e me entregando um. Deixo o pequeno copo sobre a mesa e o encaro, decidido, em uma postura defensiva.

Tio Oto fica me olhando por tempo demais. Já eu nada digo, o respeito e o considero um pai, mesmo não tendo uma gota de seu sangue. Espero que comece a conversa.

— Sabe, garoto, quando chegou aqui, soube que era diferente. Calado, educado, quieto demais pra um garoto de 11 anos, mas de bom coração, gostei de você.

— Tio... — Tento falar, mas ele está decidido a continuar seu discurso.

— Por que demorou tanto, garoto?

E eu me perco no que diz.

— Como é?

— Ora, você foi crescendo e eu soube o exato momento em que começou a querer minha filha, meu maior tesouro, minha porcelana. Você nunca me enganou, Pedro. — E com isso ele me faz arregalar os olhos, vendo-o sorrir. — Eu sempre soube, vi na forma que a olhava e cuidava dela. Só você demorou a perceber, garoto.

— O senhor sabia dos meus sentimentos?

— O mal de vocês jovens é achar que somos velhos para ver à nossa volta. Cheguei a me perguntar algumas vezes se você jogaria fora as fichas que eu tinha apostado em você, se iria se acomodar. Me decepcionei quando ela foi embora, se casou com outro, achei que você a tinha perdido. Daí, sabemos o que aconteceu, não é? Mas que bom que tomou coragem agora, fico feliz. Não poderiam achar ninguém melhor um para o outro. Só aviso que tome cuidado, não a machuque como aquele verme fez. Minha filha tem que aprender a ser feliz daqui em diante, ela merece, e não quero perder a estima e o amor que sinto pelo meu sobrinho, portanto, cuide muito bem de minha filha!

— Tio... me chamou aqui pra dizer isso?

— Ora, um homem tem que manter sua aparência de mau, de pai severo, não é?

Eu rio, quase gargalho, na verdade, e ele faz o mesmo, abrindo a gaveta e pegando um cigarro.

— Só me prometa, Pedro, que a fará feliz. Me prometa de todo coração.

— Tentarei fazer isso todos os dias, tio, de todo o meu coração.

Confesso que não esperava... e inconscientemente ele me faz sentir uma vontade insana de voltar ao passado e consertar todos os desencontros. Vencer o medo do que pensariam, jogar fora as convenções, pois nunca houve um impedimento senão eu mesmo.

O velho suspira, bebendo o licor e se recostando na cadeira, me olhando, enquanto ainda estou digerindo o que disse. Ele sempre soube...

— Bom, agora quero que me diga que história é essa de adoção.

E eu sorrio, apenas por lembrar de Camille.



O corpo quente, feminino e cheiroso está abraçado ao meu, enquanto a

observo dormir, maravilhado com cada movimento que faz durante o sono. Vez ou outra, sentindo-a se mover um pouco, chegando mais perto ainda, enquanto a mantenho em meu abraço apertado, querendo a sensação de me fundir a ela.

Ainda é madrugada e já estou acordado, me regozijando de ter dormido bem nas poucas horas que usei para isso, tendo Alice ao meu lado, a noite foi mil vezes melhor e mais tranquila, dessa vez, sem pesadelos. Viemos para cá após sairmos da casa de meus tios, depois de uma conversa em que o velho Otávio me chamou na chinha, como diria minha mãe, e de contarmos nos mínimos detalhes como funcionaria tudo com relação à adoção para minha tia, que ficou radiante com a possibilidade de ter Camille em nossas vidas.

Assim que chegamos, corri para o escritório para arrumar algumas contas pendentes e deixei-a fazendo algo para comer, precisava organizar alguns orçamentos e materiais para o contador, além de cuidar para contratar outro funcionário, Samuel não dá conta de mais serviço.

Eu a encontrei minutos depois, colocando em ordem algumas de suas roupas, as mesmas peças que eu havia trazido dias atrás. Alice estava organizando as roupas ao lado das minhas, dobrando a esmo e eu não poderia narrar o tamanho do contentamento que senti quando vi a cena. Algo aqueceu aqui dentro.

Ela estava aqui e era minha. Agora era mesmo para valer... Eu a tomei em meus braços e mais uma vez provei cada parte de seu corpo, sentindo junto a ela cada sensação que me atingia com força. Sinto meu pau crescer por baixo dos lençóis com a lembrança, dando-me conta do corpo nu grudado ao meu, da boceta descoberta a roçar minha coxa, por Alice estar com a perna sobre a minha. E a vontade que tenho é de tomá-la e morar em seu interior quente e molhado.

Olho o relógio ao lado da cama, dividido entre acordá-la e fazê-la minha outra vez ou deixar que descanse. Desisto da ideia inicial, tendo pena de acordá-la, pois não deixei que dormisse tão cedo ontem à noite. Beijo sua testa e saio aos poucos do seu abraço, ouvindo-a gemer quando me afasto por completo. Me levanto e visto uma calça jeans e uma camisa, a primeira que encontro no guarda-roupa, e saio do quarto em seguida, levando as botas em minha mão para não fazer barulho.

Entro na cozinha e encontro a silhueta robusta de Mag se movendo para lá e para cá, arrumando tudo para passar o café.

— Bom dia, Mag.

— Dia, menino. Dormiu bem? — fala e ela mesma nega a pergunta. — Pergunta besta essa, né? Dormiu *encostelado*, é claro que dormiu bem...

— Velha fofoqueira — acuso e ela cai na gargalhada. — Tem café? Vou nos estábulos, mas quero esquentar o estômago antes.

— Tem, já passei e tem até bolo de milho. Vai pro hospital hoje? Tá de plantão?

— Vou e não, saio à tarde, mas fico por lá mesmo, no apartamento de Alice, ou talvez venhamos os dois pra cá, verei com ela. — Vejo logo Mag sorrir com a informação, me entregando uma xícara quase cheia de café. — Quando ela acordar, diga a ela que volto logo pra irmos trabalhar.

— Pode deixar e, se vierem pra janta, me avisa! — Confirmando, pego um pedaço de bolo. — *Cês* tão me fazendo feliz também, menino, vamos ter mais vida nessa casa a partir de hoje e vou ver mais esse sorriso aí nesse rosto bonito de moleque safado que *cê* tem...

Sorrio com o que diz, ela tem razão. Eu mesmo me sinto mais vivo depois dela, de estarmos juntos e, quando tivermos Camille... chego a suspirar de contentamento puro e cru.



Volto horas depois, vendo um Cruze estacionado na baixada perto do caminho ladeado que dá acesso à casa após a passagem da entrada, e sigo pelo caminho, com calma, tentando imaginar quem possa ser. Entro pelos fundos, me livrando das botas, e encontro Alice sentada no sofá, empertigada e com uma expressão meio assustada. Quando me vê, levanta-se, apressada, vindo até mim com um sorriso forçado no rosto.

— Amor. — Amor? Essa é nova... — Já estava indo te chamar, demorou, vida. — Vida? E, antes que eu possa responder, ela emenda: —

Estamos com visita, Pedro. Essa é Carla, assistente social — esclarece com rapidez, quando adentro a sala, fazendo-me procurar quem é a pessoa que ela está apresentando, e só então vejo a figura miúda sentada no sofá, que me olha e sorri.

A mulher me parece ser bem pequena, ao menos sentada. Parece simpática também, uma expressão receptiva, eu diria. Vestida com uma calça social bege e blusa preta de mangas, parecendo bem à vontade, sentada em meu sofá com uma xícara de porcelana na mão e uma fatia de bolo na outra.

— Bom dia, é um prazer senhor Ribeiro.

— Pedro, me chame só de Pedro — falo e estendo a mão para ela, que se desfaz da xícara para aceitá-la. — E o prazer é meu. Me desculpe a demora, estava nos estábulos.

— Sem problemas, enquanto esperava, tomei um café delicioso com sua noiva.

A fala me faz procurar Alice com o olhar, que sorri, solícita.

— Claro, claro. Já conheceu a casa? Digo, vocês sempre olham essas coisas, certo? — pergunto, meio perdido, e ela sorri, afável, coisa que achei não ser possível nesse encontro.

Confesso que eu estava esperando uma assistente como a velha rabugenta que me entrevistou e agora estou aliviado.

— Sim, olhamos, claro. Sempre conhecemos toda a residência e conversamos com o casal, quer dizer, no seu caso com você, mas como sua noiva está aqui, melhor ainda.

Ela não sabe o quanto...

— Que bom! — Sinto Alice apertar minha mão, sua pele estando gelada entre minha palma. Trago-a até meus lábios e a beijo, puxando-a para nos sentarmos no sofá, em frente à assistente, que nos observa.

— Enquanto tomávamos café descobri que Alice é bailarina e que, como você já havia dito na entrevista, estão praticamente morando juntos enquanto decidem a data do casamento. — Confirmo, usando minha melhor expressão. — Mas não vi aliança, não tiveram o noivado ainda? — pergunta e olho nossas mãos unidas, me dando conta de que deixei isso passar.

— Fomos escolher as alianças dias atrás, mas o modelo que quero não tinha disponível na loja e estamos esperando que chegue. Estou ansiosa, inclusive. — Ouço-a, surpreendido pela naturalidade com que diz isso. Até eu estou acreditando no momento.

— Ah, claro. É difícil encontrar o modelo de que os dois goste... entendo — complementa, escrevendo algo no caderno em sua perna. — Quanto à moradia, pretendem morar aqui?

— Ah, sim — falo e olho Alice ao meu lado. — Alice tem um apartamento na cidade, o qual acredito que iremos usar bastante também. Revezando entre os dois, já que em dias cheios iremos preferir algo mais próximo.

— Hum. Não acha que isso pode causar certa confusão?

— Bom, isso é um caso a se pensar, acredito. Temos escola pra resolver, por exemplo, aqui fica um pouco mais distante e, se acharmos que passar a semana no apartamento facilitará as coisas, então faremos isso.

— Entendo. A família de vocês já sabe que pretendem adotar?

— Sim, claro. São eles o nosso suporte. — Alice é quem responde, um suporte que soube disso ontem.

— Sei... — Ela anota algo mais e volta a nos olhar. — E quais os planos de vocês? Falo planos de vida... como se veem daqui a cinco anos?

A pergunta deixa a mim e Alice momentaneamente calados, pensativos. Mas não é difícil imaginar, é automático, na verdade, e logo vem à minha cabeça nós dois casados, felizes como eu sempre quis e sonhei, como deveria ter sido. Mas o principal desse pensamento é que agora temos Camille como nossa filha e, quem sabe, um irmão.

— Estaremos casados daqui pra lá, com nossas vidas estruturadas buscando cada dia deixar Camille mais à vontade conosco, trabalhando a nossa família e o acolhimento que daremos a ela. Cuidando todos os dias para que sejamos cercados de amor e, quem sabe, pensando em adotar nosso próximo filho — respondo e a mulher sorri, voltando a escrever, enquanto sinto o olhar de Alice sobre mim, sua mão apertando a minha.

— Certo. E como pretende fazer? Pelo que vejo, sua vida é bem corrida e seu tempo é pouco. Como pretende se doar a essa criança se não pode estar

com ela?

A mulher me tira um pouco do rumo com a pergunta e fico um tempo a mais olhando seu rosto, pois é fato que não tenho muito tempo, vivo me dividindo entre o hospital e a propriedade e não pensei por esse lado ainda, confesso. Só que agora tenho outra prioridade e, se tiver que escolher entre um dos dois, eu farei.

— Em um primeiro momento, irei usar minhas férias; em seguida, irei me planejar melhor, colocando as necessidades dela à frente de qualquer projeto futuro. Tenho uma propriedade próspera que me faz feliz e tenho o trabalho como cirurgião, que também me orgulha, porém, se for preciso escolher um dos dois, eu o farei.

— Humrum! Ótimo, podemos conhecer a casa agora?

— Claro. — Me levanto e, aos poucos, vamos mostrando a casa.

Começo pelos cômodos óbvios, cozinha, sala de jantar e estar, área de lazer, escritório e, por último, os quartos.

— Vejo que ainda não prepararam a casa pra receber uma criança, o quarto, por exemplo...

— Sim, mas já estou cuidando disso. Esse aqui, por exemplo, pretendo reformar e fazer um belo quarto com o Shrek e a Fiona espalhados pelas paredes — falo, de supetão, empolgado, fazendo Alice sorrir ao perguntar:

— Shrek?

— Ela ama o ogro e a Fiona — respondo e, de forma natural, a puxo para mim, beijando sua testa.

— Ora, já é um bom começo — a assistente fala enquanto olha todo o quarto. — Bom, acho que por hoje terminamos...

— Mas já? E acha que todo o processo pode demorar muito? — Alice pergunta, fazendo a mulher parar de escrever e a fitar.

— Bem, depende de vocês, da impressão que terei e tudo o mais. Pelo que entendi, seu noivo ajuda alguns orfanatos e conheceu a criança que pretende adotar em uma dessas visitas. O que já facilita na questão da escolha de um perfil. A menina não tem impedimento algum para ser adotada, sem falar na idade dela, o que diminui suas chances de sair do orfanato... então

pode, sim, ser mais rápido, só depende se estão mesmo aptos a criar, educar e amar uma criança — fala e sinto um pequeno tremor tomar a mão de Alice. — Por hoje é só, minha visita acabou, mas teremos outras. Foi ótimo conhecê-los e desejo sorte nesse processo.

— Eu que agradeço. Vamos, eu a acompanho.

Indico o caminho e a acompanho até onde deixou o carro estacionado, conversando amenidades como os dias de funcionamento do haras. Me despeço rapidamente e volto para casa apressado, encontrando Alice no quarto, sentada na cama, fitando as mãos.

— Ei, o que foi?

— Acha que fomos bem? Eu acho que eu não fui muito bem... ela me pegou só de toalha e... gaguejei algumas vezes. Talvez tenha até mesmo falado alguma besteira quando ela me perguntou algumas coisas antes de você chegar — exaspera-se, me olhando com certo pavor. — E se as nossas informações não baterem? E se acharem que estamos mentindo? E se negarem a você a adoção?

— Ei, Boneca, fica calma, nada de pânico. Você foi maravilhosa há pouco.

— E como faremos? Se ganharmos a guarda... Como daremos uma família a ela, se não temos uma de verdade? E se isso não der certo? — fala, com a voz embargada.

— Isso o que, Alice?

— Nós, Pedro. Deus, eu tô surtando... — Ela tampa o rosto com ambas as mãos e se levanta, andando de um lado para o outro em meio ao quarto. Eu me aproximo, puxando-a para mim, e a abraço, beijando seu ombro.

— Ei, já está dando certo, Alice. Estamos juntos e eu não menti quando disse que a amo e que daremos um lar a Camille, não tem por que não dar certo, Boneca. — Seguro seu rosto entre as mãos e beijo os lábios entreabertos, devagar, sem aprofundar o beijo.

Quando a olho, vejo insegurança em seus olhos. Sei que tem razão em sentir medo, não lhe dei garantias além de palavras e o que ela viveu até aqui não nos ajuda.

— Se você soubesse... se eu...

— Psiu, ficou nervosa pela visita, nada de mais. Isso é natural, mas não tem por que não ganharmos a guarda, me ouviu? Quanto a nós, vamos viver um dia de cada vez, mas adianto que não vai se livrar de mim. Não brinquei, tenho planos para cinco, dez, cinquenta anos com você. Não vai fugir de mim, minha boneca — falo e vejo a sombra de um sorriso em seus lábios. — Agora vem pro banho comigo? Estou sedento por você desde que acordei...

— Pedro, eu já tomei banho.

— Tomou, mas não foi comigo e nós precisamos de você! — falo, tentando tirar seu foco da visita que acabamos de ter.

— Nós? — pergunta e eu olho para meu pau dentro da calça, semiereto, fazendo um volume evidente. — Você não presta!

— Nós nunca dissemos que prestávamos, agora vem. Preciso estar dentro de você, preciso vê-la gozar.

Eu a beijo, tomando sua boca na minha, procurando sua língua macia e chupando-a devagar, brincando. Levo-a comigo para o banho, sem dar margem para uma negativa, sem deixar sua boca de sabor doce. Alice virou o meu novo e único vício...



O doce suspiro de voltar para casa, tendo a saudade no peito aplacada para sempre.

— Por que acha isso?

— Nervosismo de principiante? — Sorrio, mas, sim, estou mesmo nervosa.

Estamos passando agora pelos corredores do orfanato e, mesmo que já seja a terceira vez, é como se fosse a primeira. Um medo de que faça algo errado e acabe com o que estou construindo junto a Camille, a admiração que ela mostra ter por mim, um sentimento mais que estranho e inexplicável.

— Você é perfeita, sabe disso, está sendo perfeita. — Tenta me consolar, levando minha mão aos lábios e deixando um beijo breve.

— Obrigada. — Beijo seu rosto, quando um grito é ouvido por nós e, por mais que eu nunca a tenha visto chorar, eu sei que é ela.

É algo instintivo, não teria como explicar como me afasto de Pedro, atenta, procurando-a e a encontro esticada no chão, não muito longe, caída no degrau do pátio, enquanto alguns garotos riem. Marcho até ela, quase correndo, me agachando ao seu lado quando a alcanço, lançando um olhar feio para o trio de meninos ao lado, segurando seus bracinhos e ajudando-a a levantar.

— Ei, amorzinho. Tá tudo bem? — pergunto, tentando apalpá-la e me

certificar de que está bem.

Camille, por sua vez, se surpreende com minha voz, me olhando com a íris azul-esverdeada cheia de lágrimas que banham seu rosto, o queixo tremendo em um choro sofrido.

— Tia. — E ela parece envergonhada.

Ah, Deus.

— Vem, meu moranguinho, levanta. A tia ajuda você a se limpar.

— Não, precisa não — funga, sentando-se na calçada, limpando as mãos no vestido e em seguida tentando enxugar os olhos.

— Precisa, sim, você bateu o joelhinho no chão. — Me agacho à sua frente, levantando seu rostinho redondo para mim.

— O tio veio? — pergunta, fungando, e sua pergunta é respondida quando Pedro nos alcança.

— Vem, princesa. — Sem contar história, ele a pega no colo, levando-a para a mesa do refeitório e sentando-a sobre ela. — E esse joelho, tá doendo?

Ela nega, mas faz uma careta quando ele toca sua perna com cuidado e meu coração se aperta com o rostinho de dor.

— Não tá doendo não, tio. Eu tropecei. — Pedro me olha, sabemos que não foi isso.

— O que foi? Caiu de novo, Camille? — Uma irmã se aproxima nos perguntando, o rosto preocupado, e nossa menina abaixa a cabeça. Sinto raiva, raiva da forma que parecem culpá-la por cair.

Chego a abrir a boca para responder, mas Pedro interrompe, segurando minha mão.

— Traga o kit primeiro socorros, irmã, por favor. Vou limpar e logo essa moça estará ótima.

Volto meus olhos para Camille, que sorri, limpando o nariz com o braço, sinto meus olhos se encherem de lágrimas, sou mesmo uma boba chorona. Qual mãe chora com filho quando ele cai? Tem que ajudar, e não chorar! Olho novamente para onde os meninos estavam, disfarçando para que ela não veja meus olhos cheios, vejo os três conversando e marchando em sua

direção.

— Alice! — Nem dou ouvidos quando Pedro me chama, alcançando-os em alguns passos compridos.

— Acharam engraçado? Acharam? — pergunto e os três me olham com olhos arregalados em surpresa, não me viram chegando.

— A gente não sabe do que a dona tá falando não. — Um deles fala. Sei que também são órfãos, que precisam de cuidado tanto quanto Camille, mas a maldade é tanta para crianças de pouco mais de dez anos.

Não vou deixar que a machuquem.

— Ah, não sabem? — pergunto e me aproximo mais, me abaixando um pouco. — Pois eu vou explicar, moleques encrenqueiros. Eu sou a mãe daquela menininha ali, que vocês acabaram de empurrar. — Aponto para Camille e os três confirmam. — Pois é, logo ela será adotada e, das próximas vezes que eu vier aqui para visitar a minha filha, se eu sequer sentir que estão dando um jeito de aprontar algo com ela, eu mesma darei um jeito em vocês, e vocês não vão gostar. Estamos entendidos?

Os três se entreolham e anuem.

— Que bom, muito bom.

Me aprumo, dando um último olhar para o trio e volto para onde Pedro está limpando a perna de Camille com soro, seus olhos estão em mim, meio apreensivos.

— O que a senhora disse, tia?

— Nada demais, só perguntei se viram como você caiu — disfarço, Pedro tem um meio-sorriso nos lábios e eu retribuo.

Ninguém mexe com o que é meu, menos ainda com minha filha. É o que ela é, não é? Se não é, será muito em breve, e o sentimento que tenho por ela já é o de proteção materna, amor pela ideia de tê-la como minha filha, uma que nunca poderei ter. Não sei explicar, a quero mais que tudo no mundo. Aliso sua cabeça, colocando o cabelo grosso atrás da orelha e deixando um beijo na testa suada, salgadinha.

— Eu tropecei no degrau, foi só isso. — Ela sorri, sem lágrimas nos olhos, enquanto Pedro termina seu curativo.

No mesmo instante, uma cabeça masculina ruiva invade o pátio de refeição correndo, vindo em nossa direção como um furacão e parando em frente a Camille, chegando a me empurrar para o canto. Mas o que é isso?

— Você caiu? As meninas disseram que caiu — indaga, os olhos presos só nela.

— Caí, Lipe. Mas o tio Pedro já fez um curativo, olha, já tá novinho.

O menino de uns 10 anos a avalia, levando as mãos à cintura, mal-encarado todo. Eu e Pedro temos os olhos grudados nele, que não faz questão alguma de falar conosco.

— Foram os meninos, não foram, Mille? Porque, se foi, eu vou acabar com eles.

— Ei, garoto, não vai acabar com ninguém, já cuidamos disso, violência não se conserta com violência, entendeu? Nunca.

— Eu só tropecei, Lipe — Camille tenta amenizar o sermão.

— Mas eles ficam tirando sarro dela e isso é feio, muito feio. Precisam aprender, ela é menina. Não pode falar essas coisas para uma menina, nem fazer. — E ele nem presta atenção no que Camille fala, dirigindo-se a Pedro. Mãos crispadas rente ao corpo.

Pedro se endireita e o olha, tentando disfarçar que sente orgulho pela reação do menino, eu também sinto e já gosto demais dele por querer protegê-la.

— Então você é o Felipe? — Pedro continua e o garoto não ameniza a expressão.

— Sou e eu sei quem você é.

— Sabe? E quem eu sou?

— É o tio de quem a Camille gosta e que traz lápis de cor pra ela.

Pedro sorri enquanto me sento ao lado de Camille na mesa, olhos no garoto, abraçando-a pelos ombros e beijando seu cabelo, sentindo-a gostar do carinho e se aconchegar a mim. Amo o seu cheiro de criança.

— E você, gosta de pintar também?

— Não — responde a contragosto. — Gosto de *ver ela* pintar, é mais

legal olhar.

— Hum, entendi. Acho que sim.

— Eu já vou, vou estar lá atrás quando terminar, Mille. — Sem cerimônia, ele corta Pedro, saindo emburrado, quase correndo.

— Tá bom, Lipe.

Ficamos os três olhando o garoto sair, menininho linha dura esse, gostei.

— Ele é legal, só tem mau humor. — Ela dá de ombros. — Vamos ver meus desenhos novos, tio?

— Claro. Fez muitos essa semana?

— Fiz, sim.

— Então vamos.

Fico parada, ainda olhando o menino sumir pelo corredor, a impressão de que conheço esse ímpeto de algum lugar, só não me lembro de onde.

— Alice, você não vem? — Tenho a atenção chamada por Pedro, que já até desceu Camille da mesa.

— Ah, claro, vamos lá!



— Tá calada...

Ouçoo, enquanto vamos caminhando pela ladeirinha ladeada até nossa casa. Nossa... como é fácil dizer isso em apenas uma semana que estamos juntos aqui, além da emoção que isso me causa.

— Pensando em Camille, só isso.

— Por falar nela, o que disse aos meninos?

Eu sorrio.

— Que se não a deixassem em paz eu daria um jeito neles, mas não de

uma forma boa.

Ele me puxa, gargalhando, abraçando meus ombros enquanto andamos juntos.

— Não acredito que fez isso.

— Fiz sim, eles mexeram com a nossa filha. Você teria feito se eu não estivesse lá.

— É, teria, mas a minha guerreira alada estava lá — brinca e para, olhando em direção à baixada que dá na lanchonete do haras. Daqui é possível ver uma fogueira, além de vozes animadas.

— Cantoria?

— Acho que sim, vamos lá? — Abro um sorriso de orelha a orelha com o convite, faz quanto tempo?

— Vamos, mas não quer jantar antes?

— Só se você quiser, devem estar assando carne na brasa. O que acha?
— A fala é sugestiva e sinto até o gosto em minha boca, as lembranças de como tudo isso aqui era antes.

— Vamos logo então, estou com fome e uma boa carne assada vai cair muito bem.

Vejo seu sorriso de menino quando, segurando minha mão, ele nos guia para onde está o pessoal que mora aqui. À meia distância, quando nos veem, gritos afoitos e convidativos nos alcançam, Samuel e Mag balançam o braço, nos chamando.

— Me dei conta agora de que senti falta disso.

— Não vai mais sentir, Boneca, agora é pra sempre.

E até mesmo o para sempre parece pouco perto do que já perdemos e acredito no que diz, em seu sorriso fácil, que faz covinhas em suas bochechas. Como eu amo esse homem! Na verdade, esse é seu verdadeiro mundo, ao qual pertence, sempre gostou do campo, de animais, pessoas. A medicina sempre foi por sua mãe, sei que, quando novo, sonhava com veterinária.

— Começaram sem mim? — grita, chamando atenção.

— Uai, patrão, *nós achou* que o senhor tava de lua de mel e não ia querer deixar a prenda pra se juntar a nós.

— Mas a prenda gosta da cantoria também, Samuca, o senhor sabe — eu respondo e o senhor sorri, gentil, cutucando a mulher em aprovação.

— A carne tá ali, patrão, já tem assada.

— Quer agora, Boneca? — Ele se volta para mim.

— Quero, estou mesmo com fome.

Ele beija meu rosto, indicando um tronco no chão para que me sente ao redor da fogueira, os peões amontoados na roda, brincando e comendo, junto a duas mulheres já sentadas, que sorriem em cumprimento. Dois rapazes afinam um violão e um senhor já idoso, chamado Joaquim, tem um sorriso meio banguela ao segurar sua sanfona. Me lembro dele, um senhor que já é aposentado, mas que Pedro jamais o tirou de suas terras, a vida do homem é aqui, mesmo que seu trabalho se resuma a consultorias aos mais novos.

Sorrio, olhando meu homem perto da churrasqueira, um homem cujo coração é imenso, conversando com o rapaz que está cortando a carne em um espeto, rindo como garoto, leve. Quanto tempo perdemos, nos perdemos?

Ele volta em pouco tempo, me entregando um prato com carne assada, correndo até a lanchonete, não se demorando a voltar com uma manta nas mãos. Antes de se sentar ao meu lado, ele a joga em minhas costas e passa seu braço pelos meus ombros, me abraçando, jogando um pedaço de carne na boca e colocando o chapéu ao lado, no tronco. Os cabelos grossos bagunçados que eu amo.

— Gostou?

— Muito. Imagino Camille aqui conosco daqui a alguns dias. — Ele sorri.

— Será perfeito.

— Puxa a roda, patrão, qual música? — Um dos meninos nos corta ao chamá-lo e ele nem chega a pensar.

— Abre aí com Cheiro de Relva!

Uma gritaria e estardalhaço são ouvidos e logo Joaquim puxa a sanfona, sendo acompanhado pelo violão. Eu me perco, essa canção era a

preferida de meu tio e se tornou uma das suas também, sinto a emoção emanar de seu corpo e do suspiro que solta, um sorriso pregado no rosto. Deito minha cabeça em seu ombro, curtindo o momento, a música, lembrando os meus dias aqui em outrora. Foram os melhores de minha juventude e, em uma única noite, tudo foi deixado para trás.

Cheiro de relva

Traz do campo a brisa mansa

Que nos faz sentir crianças

A embalar milhões de ninhos

A relva esconde as florezinhas orvalhadas...

Ele acompanha a música enquanto solto um suspiro alto.

— Sente falta dele? — deixo escapar, chamando sua atenção, é claro que sente, ele o amava como a um pai. Pedro beija minha cabeça antes de responder.

— Sinto, ele foi o pai que eu nunca tive. É o meu exemplo de homem.

E eu chego a suspirar, beijando seu pescoço.

— Eu te amo, amo muito. — Seu polegar vem para o meu queixo, levanta-o e ganho um beijo doce.

— Eu também te amo.

Tento beijá-lo de volta, sendo impedida pelo meu riso quando tocam *Que Beijinho Doce*, claro que em homenagem a nós, e sorrio, sem graça, enfiando meu rosto em seu peito. Ele me abraça gostoso, rindo em resposta.

Estou em casa, depois de muito tempo, estou realmente em casa.



Não se pode prever o futuro, mas cabe cautela...

— Alice? Alice? — Levanto o rosto, notando Tati ao meu lado, chamando-me com um olhar divertido. — Tava longe em, chefe?

Sorrio, estava mesmo.

— Acho que estou feliz. — E é impossível não suspirar ao lembrar o motivo que vem há dias me deixando dispersa, aérea e um tanto eufórica.

Nas últimas semanas, tenho os pensamentos unicamente em uma pessoa, sentindo sua falta quando estamos longe um do outro. Como hoje, que faz dois dias que não o vejo, pois está de plantão e teve problemas no haras ontem. Entre esses pensamentos, está apenas Camille, a quem temos ido ver com frequência, aumentando meu encantamento pela menina de sorriso travesso e contagiante. Linda de forma única.

— Tem que aproveitar mesmo, mas trouxe isso, a professora de balé que contratou deixou os documentos há pouco. Quer que eu leve para o contador?

— Sim, por favor. Vou sair agora para o almoço, Tati. Provavelmente não volto à tarde, vou com minha cunhada ao hospital. — Vejo-a acenar, pegando algumas pastas.

— Tá bom, chefe. Bom almoço. Vou lá levar os documentos e vou almoçar depois.

— Ótimo, bom almoço, meu bem! — Ela sai e guardo a planilha que estava em minha mão, pegando minha bolsa para poder sair.

Cristine tem uma consulta com a obstetra e, como Augusto está de plantão, irei levá-la. Parece que ela vem sentindo um pequeno desconforto desde ontem e não quis preocupar Augusto, pois acha que não deve ser nada de mais, por isso pediu que a acompanhasse. Eu até a entendo, se meu irmão soubesse de qualquer desconforto, era capaz de colocá-la em uma redoma de vidro, entalada de pernas para cima. Sem falar que o problema pode ser só gases.

Sorrio com isso, lembrando que irei aproveitar para ver meu peão fajuto. Estou com saudades.

Saio do estúdio assim que o *Uber* para em frente à fachada e entro no carro, passando meu endereço para o motorista. Alguns minutos depois, estou descendo em frente ao prédio e não perco tempo indo para casa, vou direto para o apartamento de Cristine, pretendo almoçar com ela.

Bato a porta e uma Cristine de feições cansadas, parecendo uma patinha rechonchuda, abre a porta para mim, tentando um sorriso sem muito sucesso.

— Oi, cunhada, que cara é essa? — pergunto, não resistindo a levar a mão até sua barriga pontuda e baixa, fazendo um pequeno carinho.

— Seu irmão. Está me esperando no hospital.

— Contou pra ele que tinha uma ultra?

— E eu precisava? A essa hora deve estar com uma junta médica me esperando para o parto — fala, meio contrariada. — Ele descobriu sozinho, aquele ogro rabugento.

Eu rio, não dá para segurar ou levá-la a sério com essa cara de brava.

— Ele está radiante com sua gravidez e se preocupa, não se irrite, podem ser só os hormônios. — Sei que ela odeia a balela dos hormônios, a vejo revirar a olhos e me arrependo.

— Ele está me deixando louca, Alice, louca. Mas sei que tem medo de que, como minha mãe, eu tenha problemas com a gravidez. Pra falar a verdade, eu não vejo o momento de ter logo os meus bebês, pois também

tenho medo. Agora vem, vamos almoçar pra irmos.

Seguimos para a cozinha enquanto ela fala que Cathe está com minha mãe, pelo visto mamãe veio cedo raptar a pequena para o fim de semana, a cada dia ela cria mais conexão com a neta que ganhou. Me sirvo, vendo no balcão da cozinha uma caixa cheia de remédios diversos, os de Cathe provavelmente.

— Ela ainda toma isso tudo? — pergunto, imaginando como deve ser difícil para uma criança de sete anos lidar com uma doença como lúpus.

— Toma. Não temos cura, teremos que controlar dessa forma. Mas, pra uma criança, até que meu bebê entende e não me dá trabalho para tomar os remédios. O pior já passou, graças a você, Ali. — Seu tom é agradecido.

— Não foi nada de mais... o que é um pedacinho de fígado para minha sobrinha que tanto amo?

— Você não existe. — Eu a vejo sorrir e me ponho a comer. Estou faminta... se bem que, como Pedro diz, eu vivo faminta. — E você?

— O que tem eu?

— Tá bem? Fiquei muito feliz por vocês, Alice. Formam um casal tão lindo e Pedro é um amor, você merece alguém como ele e ele merece ter você ao seu lado. São tão perfeitos.

Apenas a menção do nome dele faz meu peito aquecer e me lembra de que Pedro tem sido mesmo um amor. Perfeito e atencioso a cada momento que passamos juntos, presente, amoroso, cuidadoso com cada pequeno detalhe! As últimas semanas, apesar de nos conhecermos bem e há anos, estamos nos redescobrimos. Tirando camadas e construindo uma intimidade e confiança que não achei serem possíveis. Não de novo.

— Sim, ele é. E estou ótima, me sentindo leve e feliz esses últimos dias apesar de...

— De? — pergunta e eu me entalo ao falar, não querendo dar tanta importância ao fato.

Penso se deveria dizer isso a ela, mas Cristine, além de minha cunhada, é minha melhor amiga e confidente. E por vezes sinto vontade de me abrir com alguém, como se isso fosse me aliviar. Não é algo que faço muito, meu

demônios são só meus, tento lidar com eles da melhor forma possível. Tenho medo de que saiam e não me deixem trancá-los novamente.

— Renato me mandou flores semana retrasada, quer dizer, o buquê veio anônimo, mas tive a certeza de que foi ele, pois ontem recebi um conjunto de brincos e uma pulseira de rubi — falo com desgosto e observo seus olhos se arregalarem. — Era sempre assim, ele sempre achou que um bom presente me faria esquecer, pedidos de perdão, tendo a desculpa que de que iria mudar. Usando minhas fraquezas contra mim, me fazendo acreditar e depender de suas promessas. Não tinha um bilhete, nada, mas foi ele, sei que foi.

— Ah, Alice...— Sinto sua mão macia tocar a minha e a aperto.

— Ele quer jogar comigo, uma forma de dizer que me espera. — Sorrio, amarga. — Mas está tudo bem, isso já passou, ele é passado. Não recebi nada do que me mandou. Espero que ele entenda de uma vez por todas que acabou. Que me livre de suas amarras e ameaças, suas loucuras. Não sei como pude suportar tanto, ou melhor, eu sei... eu achei que seria suficiente para mudá-lo e depois foi apenas medo. — Deixo um suspiro cansado escapar, não gosto de falar sobre isso, me expor.

— Contou para Pedro?

Deixo a comida de lado e a olho com cautela.

— Não. Melhor não... ele... tenho medo de que tente algo. Tenho medo de que estoure. Mas também não o vejo desde quarta.

— Alice, eu entendo, mas penso que deveria contar. Já se separou de Renato, você mesma diz que ele é um lunático e continua te cercando, pelo visto. Acho isso perigoso.

E ela tem razão. O homem com quem me casei é perigoso, manipulador, não é acostumado a perder e tem em sua mente que ainda voltarei a me casar com ele. E se ele estiver maquinando alguma forma de me ter? Um dos motivos de enviar as flores e as joias foi para marcar território, me deixar com medo, e está conseguindo, está mexendo com minha mente, mesmo estando longe.

Não falei para Pedro sobre as flores, pois não tinha um cartão que identificasse o remetente e, após pouco sondar, soube que não fora Pedro,

então pensei em Plínio, o engenheiro que dispensei dois dias depois, após me convidar para um jantar. Então optei por esconder o fato, ao menos até saber quem era e ontem tive a certeza ao receber o conjunto de rubis. Era ele, Renato.

Mas tenho dúvidas sobre contar, apesar de saber que é o certo a fazer. Sei que as marcas que ele viu em meu corpo mexeram e mexem com ele sempre que nos amamos. Vejo em seus olhos, sinto o cuidado e o carinho em cada toque. Não quero que nada aconteça a ele, não quero Renato entre nós. Nego e volto a comer, o pensamento rondando minha mente.

Renato é um homem perigoso, não sei o que faria se algo acontecesse com Pedro, ainda mais por minha culpa. Não, isso já passou, o controle que Renato tinha sobre minha vida não existe mais, não tem por que trazer esse medo de volta. Foram anos de jogos de manipulação, mas isso acabou, ele não vai mais me atingir, não vai mais me ameaçar, nem a minha família, não vai mais.



Entramos na recepção do hospital sentindo o ar fresco nos banhar. Uma delícia, pois lá fora está um sol dos infernos. Vamos direto para o elevador e o esforço que vejo Cristine fazer passa a me preocupar, suas bochechas coradas e o suor na testa me dizem que não é só um mal-estar o que sente.

Ela está sem ar, ofegante e vermelha demais, a mão espalmada na barriga, tentando não demonstrar dor. Imagino o quanto deve pesar toda essa barriga, o quando dois bebês devem fazer festa aí dentro. Lembro do meu filho, não cheguei a 8 meses e já me sentia pesada, a dor nas costas eram constantes, os seios cheios fazendo minha coluna doer. Meu bebê...

Paro o pensamento, não é o momento. Seguimos para a ala de obstetrícia e não me surpreendo ao encontrar Augusto parado no corredor, já à nossa espera. Uma cara não muito boa.

— O que foi, amor? — pergunta, aproximando-se apressado de nós, o semblante preocupado. — Se sentiu mal? Alguma dor ou contração? Por que

não me contou pela manhã quando nos falamos?

Ela revira os olhos, o que o faz fechar a expressão ainda mais, e eu rio dos dois.

— Nada de mais. Deve ser só desconforto ou gases e, como estava perto da data da ultrassom, vim logo fazer. Mas hoje estou mesmo mais cansada, amor.

E deve estar mesmo, para falar isso para ele. Augusto acena, segurando seu rosto com cuidado e beijando sua boca com carinho, brevemente. Acho fofo os dois juntos, como se completam e se dão bem. Quando se separam, Augusto parece então me ver, aproximando-se de mim e deixando um beijo em minha testa, sem soltar a mão de Cristine.

— Oi, Porcelana.

— Oi, e fique tranquilo que seus ogrinhos devem estar bem... — Ele sorri de lado, mas sua expressão não suaviza. — Sabe se Pedro está em cirurgia?

— Acho que saiu há algumas horas. Deve estar no consultório, não o vi ainda.

— Eu vou lá então. Deve demorar um pouquinho para serem atendidos, né? — Ele anui, me olhando com cara de quem sabe o que quero fazer. — Eu já volto e se comportem.

Não espero resposta e saio um tanto apressada em direção à sala de Pedro. Pego o elevador e o coração chega a acelerar ao pensar em vê-lo. Uma idiotice, só irei vê-lo, o veria de qualquer forma hoje à noite. Coração bobo e confesso que ele me assusta com todo esse sentimento por Pedro. É como se estivesse revivendo o que senti no passado, todo aquele sonho adolescente vindo com o dobro de sentimento.

Paro em frente à porta e bato, ouvindo-o mandar que eu entre. Abro a porta devagar e o encontro concentrado em um prontuário em suas mãos. Testa franzida, caneta na mão, semblante firme. Ele não me olha, permanece com a atenção no papel, e eu aproveito para admirá-lo.

Tão diferente de quando está no haras, despreocupado e risonho, com roupas de peão. Ainda assim, parece perfeito, vestindo uma camisa social de cor rosa clarinho com o jaleco por cima. Só então, quando entro por completo

na sala e fecho a porta, é que ele me olha.

Uma leve surpresa passa em seu rosto, um suspiro e depois um sorriso lindo preenche seus lábios, mostrando-me as covinhas que tanto amo e os caninos pontiagudos. Lindo.

— Boneca! — Ele se levanta, vindo a passos largos até mim.

— Desculpe se atrapalhei, é que estava aqui com... — Não termino de falar, pois Pedro me alcança e enlaça minha cintura, tomando minha boca na sua, engolindo meu gemido de surpresa em um beijo cúmplice e apaixonado, cheio de desejo.

— Estava com saudades suas — diz isso após terminar o beijo, ainda me mantendo em seus braços.

— Hum, sério? Não parece, não ligou... — debocho, enlaçando sua nuca e enfiando minhas mãos nos cabelos negros. Ele sorri, esfregando o nariz no meu.

— Tive uma cirurgia complicada, a recuperação não será fácil e estava tentando facilitar a situação do paciente. Não tive tempo, desculpa por não ligar.

Sério que ele está me pedindo desculpas por isso? Awwwww! Beijo seus lábios, me apertando ao seu corpo e inspirando seu cheiro. Matando a saudade que também senti, abraçando-o em seguida.

— Eu também senti saudades, a cama ficou imensa essas duas noites e eu estava brincando. Sei que estava ocupado.

— Estava, mas deveria ter ligado. Agora vem aqui, já que estamos juntos, me deixe matar um tantinho da falta que me fez.

Pedro solta-me e, segurando minha mão, me guia até a cadeira em que estava sentado antes, acomodando-se novamente e me puxando para seu colo. Sento-me em suas pernas, me aconchegando a ele, sentindo seu abraço e, Deus, como é bom! Uma sensação de proteção sem limites.

— Mas veio só me ver? — pergunta, convencido.

— Não e sim, vim com Cristine. Ela veio fazer uma ultra e aproveite para te ver.

— Ela está bem?

— Cris estava sentindo desconforto, segundo ela, e veio só pra garantir que está tudo bem. — Vejo-o pensativo.

— Que bom. A mãe dela tem histórico de pré-eclâmpsia, temos que ter o dobro do cuidado com a gravidez de gêmeos. E você, como foi o dia de ontem e de hoje?

E ele parece interessado enquanto seu polegar faz um leve carinho no dorso de minha mão, ninguém nunca se interessou assim. Sua pergunta me faz lembrar da ligação suspeita que recebi ontem e logo tiro isso da mente antes de responder, vendo-o levar minha mão à boca e beijá-la. Essa ligação eu omiti de Cristine.

— Foi ótimo. Contratei os professores, as turmas só estão crescendo e a cada dia estamos mais perto da adoção. Tudo maravilhoso — falo e ele sorri em resposta.

— Essa é minha garota. Nunca duvidei que seria um sucesso. Nasceu pra isso, Boneca e, quanto à adoção, também estou confiante.

Suspiro, presa em seu olhar, o orgulho velado em seu rosto, orgulho de minhas conquistas. Seguro seu rosto entre minhas mãos, observando cada feição, e desço meus lábios sobre os seus, sendo correspondida à altura. Sinto sua língua na minha, em uma dança leve e deliciosa que me excita, colo mais meu corpo ao seu, sentindo-o sugar minha língua e morder meu lábio, lambendo em seguida, em uma carícia deliciosa que me deixa mole, excitada.

Não sei o que acontece comigo, mas, quando me aproximo dele, o desejo vem com força. É como se eu não fosse capaz de controlar as sensações que me causa e não sou, essa é a verdade. Depois da vez que passamos juntos, uma manhã da qual me lembrarei para sempre, vivo em um estado permanente de desejo por ele, por suas mãos em meu corpo, por seus beijos. Nunca fui frígida, fria... mas com Pedro é diferente, é... único.

Desço minhas mãos por seu peito firme, encontrando o tecido do jaleco e tirando-o com sua ajuda. Em um movimento rápido, me levanto e monto em seu colo, sentindo suas mãos agarrarem minha bunda e seu pau, já duro, roçar minha intimidade coberta pela roupa. Pedro volta a me beijar com desejo, enrolando sua mão em meus cabelos, sugando, mordiscando e lambendo minha língua, fazendo com que eu me lembre de como é ter sua

boca em meu sexo. Deliro com o simples pensamento, a boca salivando por ele, até que ele quebra nosso contato, levando a mão à nuca, como se buscasse controle.

— Boneca, estamos no hospital — fala, com a boca a centímetros da minha, e eu deixo selinhos por seu rosto.

— Vai dizer que nunca... você sabe, aqui, no hospital? Se bem que não quero saber a resposta.

Ele sorri, debochado.

— Não, nunca. Respeito o meu local de trabalho, relacionamentos aqui nunca dão certo.

Não deixo de olhá-lo, espantada por sua resposta.

— Nunca fez nada aqui? Sério?

— Sim! Por quê? É difícil de acreditar?

— Melhor eu não responder a isso. Então quer dizer que eu sou a primeira a estar aqui... assim? — pergunto e rebolo sobre seu membro, vendo-o gemer, fechando os olhos brevemente.

— Isso, a primeira e única.

Beijo-o e sorrio ao me afastar, adorando a revelação. Faceira, saio de seu colo sob seu olhar e ajoelho-me entre suas pernas, vestidas por uma calça social bege. Seus olhos não deixam os meus, desacreditado no que estou prestes a fazer e, confiante, levo minhas mãos ao cinto de couro marrom, abrindo o fecho.

— Alice... — quase rosna e, com um sorriso safado, continuo a abrir sua calça, dando espaço para que minha mão entre em sua cueca e tire seu pau, grosso e ereto de dentro, as veias grossas a pulsarem. — Boneca.

— Não pode me dizer não... estou com saudade do meu brinquedo favorito. — E aproximo o rosto do membro bonito e rosado, passando a língua na cabeça polpuda, sobre a fenda molhada com a sua excitação, sentido o gosto salgado que tem.

O pau grosso, circulado de veias, é perfeito e me esforço um pouco para colocá-lo em minha boca. Sugando-o, chupando com vontade e saudade. Volto a lamber a cabeça grossa, segurando a base com uma mão e

masturbando-o, descendo minha língua pela glândula alta, sentindo-o pulsar, ouvindo seu gemido rouco de prazer. Isso me incentiva e não me importo com o lugar onde estamos.

Sua mão vem para meu cabelo, segurando-os em punho, sem me forçar a engoli-lo, respeitando o ritmo que sigo. Eu não dou conta de engoli-lo todo, mas vou ao limite, fazendo pressão com a língua em sua extensão.

— Cacete... isso, Boneca! — me incentiva, movimentando-se minimamente em minha boca molhada.

Olho para o homem, a visão mais perfeita que já vi, sentindo meus olhos lacrimejarem, enquanto ele se recosta mais na cadeira, boca levemente aberta, olhos apertados, ofegante e deliciado com o prazer que lhe proporciono, isso me traz satisfação, algo a ver com poder.

Uma batida na porta o faz arregalar os olhos, alarmado, tenso, praguejando baixinho e eu, com rapidez e expressão de quem foi pega no pulo, me encolho embaixo da mesa. Não há tempo para ele se vestir, e eu agradeço pela mesa de madeira. Tendo seu pau ainda em minha mão, pulsando a ponto do gozo.

— Merda! Espere um... — Ele não termina. A porta é aberta e ele tenta se esconder mais embaixo da mesa, enquanto uma vontade insana de rir me atinge.

— Olá, doutor.

— Oi, Nelinha. Veio buscar o prontuário? — pergunta, com a voz rouca, pigarreando em seguida.

— Ah, sim. — A voz feminina fala mansamente. Eu não me contenho e continuo masturbando-o com minha mão, segurando o riso com a outra, vendo a tensão em seu corpo. — O doutor Lauro chegou, o senhor pediu pra lhe avisar.

— Certo, logo irei até ele. Se era só isso... — tenta despachar a moça, enquanto eu não paro o meu intuito, sentindo seu corpo tremer ao tentar controlar o tesão, levando minha língua à cabeça de seu pau enquanto o masturbo.

— Sim, senhor. Ah, o doutor Ribeiro mandou chamá-lo na obstetrícia.

— Ok! Obrigado.

— Ele pareceu apressado, senhor.

— Irei em um minuto, obrigado — fala, nervoso.

Assim que ouço a porta bater, ele se afasta para me dar espaço, não perco tempo e volto a chupá-lo sem dar chance ao que começa a dizer, sabendo que está perto de explodir em minha boca.

— Filha da mãe safada — fala, e o sugo com mais pressão, indo ao limite, sentindo meus olhos lacrimejarem. — Se não parar, eu vou...

Ele não termina a frase. Seu pau pulsa em minha boca, eu não paro e recebo seu gozo em minha garganta, grosso e viscoso.

— Isso, Alice — geme entre um sussurro de desejo e outro.

Me esforço para engolir cada gota, sentindo seu gosto e sugando tudo, como faz comigo. Lambo e chupo, deixando um trabalho limpo, e o fito, vendo-o me olhar com adoração, limpando o canto da minha boca. Pedro se levanta, o pau ainda ereto, a roupa aberta, e me puxa, fazendo com que me levante, então me beija. Dessa vez mais calmo, gostoso, apaixonado.

— Você é maluca. Uma maluca deliciosa.

Abro um sorriso safado, ajudando-o a abotoar a calça e arrumar a camisa social, impedindo suas mãos de tomarem meu corpo, pois tenho que voltar para Cristine. Deixo beijinhos por seu pescoço antes de enfim responder.

— Eu disse que estava com saudades e você só me entusiasmou com essa história de nunca e única. — Dou de ombros. — Vamos lá ver o que Augusto quer?

Eu mal termino a frase, e a porta é aberta com brutalidade, um Augusto aturdido, rosto fechado e aterrorizado entra na sala. O cabelo desalinhado e sua imagem me assustam.

— Cristine, ela vai ter os bebês!



O medo pode nos oprimir, assim como as lembranças.

— Como assim vai ter os bebês? — pergunto, alarmado, me afastando das mãos gentis de Alice, que antes me ajudava a colocar a camisa social no lugar.

Augusto parece realmente assustado, leva a mão ao cabelo, puxando-os, tentando organizar sua próxima fala:

— A bolsa, a bolsa de um deles acabou de estourar. O desconforto não eram gases ou nada do tipo, eram pequenas contrações. Se não fosse tão teimosa... inferno, ela não está dilatando e as crianças ainda estão sentadas.

— Uma cesariana então? — Vejo em seu rosto uma preocupação genuína.

— Sim, claro. Mas estou preocupado, não, preocupado, não. Estou apavorado. Cristine está com a pressão alterada, o que me lembra dos problemas que a mãe dela teve e isso me tirou um pouco do eixo. Não esperávamos pra agora.

— Augusto. — Alice se aproxima do irmão, carinhosa. — Se acalme, seus filhos vão nascer antes da hora, mas está tudo bem. Ela está bem, Cristine não é a mãe dela, ok? Se acalme e pense apenas que seus filhos virão ao mundo e tenho certeza de que Isabela dará o seu melhor ao fazer a cesariana. Curta o momento de vocês. Só isso.

Ele a olha, enquanto Alice tem as mãos nos ombros dele, e sorri por um breve momento.

— Eles irão nascer — diz o óbvio e volta a fechar o rosto. — Deus do céu, meus filhos vão nascer. — E lá vamos nós de volta ao desespero.

Augusto engole em seco, como se só agora se desse conta do fato. Não sei qual é o sentimento, mas deve ser algo único e bom. Uma vida chegando ao mundo, no caso dele, duas. A sensação de ter nas mãos uma vida que veio de você deve ser algo indescritível. Sim, creio que único é a descrição perfeita.

— E onde ela está?

— Sendo preparada para a cirurgia, Pedro. Fui expulso da sala há pouco por uma Isabela agressiva. Eu estava deixando minha mulher nervosa, segundo ela, agora veja se pode.

Eu rio, não seria Augusto se fosse diferente!

— Não entendo o porquê... Vamos lá, papai do ano. Precisa se preparar para acompanhá-la na cirurgia. Já estou livre, vou aproveitar e avisamos Silvy e sua mãe sobre o parto, enquanto aguardamos notícias na sala de espera. — Ele confirma, parecendo inquieto. — E Augusto, mantenha a calma ou a deixará nervosa também.

— Diga isso quando for sua vez. — Eu paraliso. Claro, não era sua intenção, sei disso, mas, quando se dá conta do que disse, ele olha para irmã, culpado. Ela tem os olhos arregalados, o sorriso morrendo aos pouquinhos. — Eu não quis...

— Eu sei, só vai, Guto, e aproveite o seu momento — Alice o incentiva, tentando não transparecer que foi afetada pelo comentário, mas a conheço.

Augusto ainda resiste alguns segundos, tentando gesticular algo e nos deixa a sós em seguida. Eu me aproximo dela, puxando-a para perto, em um meio abraço. Tentando sentir o que as palavras, ditas de forma inocente, lhe transmitiram.

— Ele não quis...

— Eu sei — ela me corta, antes que eu termine a frase. — Tenho

certeza de que não. Vamos para recepção esperar por notícias. Uma cesariana demora muito?

Não é difícil saber que está tentando mudar de assunto e respeito isso, mas ela não me olha mais quando as palavras deixam seus lábios.

— Não muito tempo, se tudo correr bem.

Seguro sua mão e saímos juntos da sala. O ar brincalhão de poucos minutos atrás não está mais em seu rosto, nem o sorriso e os olhos têm o mesmo brilho. As palavras de Augusto mexeram com ela, sei disso. Só não sei se é seguro falar sobre isso agora ou se devo esperar. Chegamos à recepção e opto pela segunda opção. Talvez quando sairmos daqui...

Nós nos mantemos sentados lado a lado, após ligarmos e avisarmos à nossa família, que por sinal fez um grande alvoroço. Seguro sua mão na minha todo o tempo, vez ou outra deixo um beijo em seu rosto ou cabelo, enquanto ela tenta manter qualquer conversa. E mesmo que eu esteja tentando um carinho ou puxar um assunto, minha boneca se mantém séria ao meu lado, enquanto as horas vão passando.

— Alice... — começo a falar, mas sou interrompido quando Augusto entra na sala ampla, vestindo ainda o avental cirúrgico, com um sorriso no rosto, olhos vermelhos, a imagem do contentamento!

— Nasceram! — fala, antes de Alice se jogar em seus braços, monopolizando-o.

Sorrio da cena à minha frente e me aproximo do homem emocionado.

— Meus parabéns, meu amigo. Eu disse que tudo correria bem. — E o homem grande está a ponto de chorar.

— É, correu tudo bem, sim. Ela é forte e me deu filhos lindos e perfeitos.

— É claro que daria, já olhou pra ela? — Alice fala com um riso ansioso no rosto. — Agora anda, vamos lá ver.

Nós nos retiramos da recepção e, já no ambiente pediátrico, em frente ao berçário, ficamos olhando através do vidro da sala, já que não podemos entrar. Não seria difícil de identificar quais são os bebês, já que são os únicos gêmeos a nascerem hoje e os menores no berçário, postos em uma única

incubadora, juntos e de... mãos dadas? É realmente uma cena linda e passa a ser fácil entender a alegria e contentamento que preenchem Augusto.

Olho a mulher ao meu lado, derretida com a cena, olhos rasos d'água presos nas crianças, o rosto vermelho, tendo Augusto ao seu lado, falando como foi o parto, o peso das crianças e o tempo necessário para nascerem. Mas Alice parece não estar aqui, não parece sequer ouvir.

— Ei, tá tudo bem? — pergunto, quando ficamos afastados de seu irmão, e ela me olha, talvez pela primeira vez desde que saímos da minha sala horas atrás, sua expressão acordando algo protetor em mim.

— Podemos ir ver Camille quando sairmos daqui? Podemos? — fala, embargada, seu rosto entre minhas mãos.

Alcanço a boca vermelha, entreaberta, e deixo um beijo terno, alisando a lateral de sua bochecha, fazendo uma pequena carícia e beijo a ponta de seu nariz arrebitado, como se pudesse acalmar o que a aflige com qualquer forma de carinho. E de certa forma não é difícil saber o que a deixou inquieta, Alice já perdeu duas crianças, uma delas já com mais de seis meses. Não é difícil de imaginar o que sente.

— Claro, podemos ir aonde você quiser, Alice. — Ela confirma, virando o rosto de volta para onde estão os bebês, correndo os olhos pelas crianças ocupando o espaço.

Ficamos mais um tempo, até irmos ver Cristine, que apesar de certa letargia e palidez parece bem. Quando voltamos ao quarto, não há mais resquício de qualquer tristeza em Alice, ainda assim, ela não volta a me olhar como minutos atrás. Ocupa-se em conversar com Cristine e Silvy, contando com divertimento como Augusto estava aflito e nervoso, fazendo-as rir, enquanto permaneço na porta, admirando a cena sem, de fato, participar.

Minutos depois tia Vera chega trazendo Cathe e a menina é o retrato da euforia, não se contém até ser levada para ver os bebezinhos, como tem chamado os irmãos.

Uma verdadeira e feliz festa!

— Acho que agora podemos ir, não é? — Ouço-a, após estarmos sozinhos, Cristine dormindo tranquila na maca, com Augusto sentado na poltrona ao seu lado.

— Quando quiser! Ainda quer ir ao orfanato?

Nada é dito, ela apenas confirma com um aceno. Olho por alguns segundos a mulher que amo, que vem trazendo cor à minha vida, leveza, felicidade, afastando os pesadelos e sei que algo mudou. Saímos e sinto o peito inflamar com a constatação, dizendo a mim mesmo que o dia pode ter trazido a ela lembranças, sentimentos e que tudo ficará bem!



Chegamos ao orfanato horas depois após termos pegado um trânsito infernal por causa do horário em que saímos. Após uma breve conversa e um pequeno sermão da madre pelo horário em que chegamos, encontramos Camille jantando no refeitório. Algumas crianças também estão sentadas nas mesas de refeição enfileiradas pelo local. Em frente a ela, está um garoto e é fácil reconhecê-lo pela cabeça vermelha.

Ele diz alguma coisa, que a faz rir de boca cheia, enquanto eu e Alice admiramos a cena ainda de longe. Ela não nota nossa presença e volta a comer, segundos depois colocando algo de seu prato no prato do garoto, fazendo-o negar. Após ela dizer algo, parecendo brigar com ele, o menino come o que ela lhe deu sem reclamar. Ouço Alice fungar e olho para ela ao meu lado, vendo uma lágrima escorrer por seu rosto.

— Ei, Boneca, o que foi? — Me preocupo ao me virar para ela e limpar a lágrima que tomou caminho por sua bochecha, uma mão agarrada à sua cintura, trazendo-a para mais perto de mim.

— Eu, eu não sei. Acho que estou mais sensível hoje... Diria que é TPM, mas sabemos que não é. — Ela tenta sorrir da piada que fez. — Chega, não é? Vamos lá falar com ela? — Ela se apruma, passando a mão nos olhos, o queixo pequeno tremendo.

Beijo sua testa, fazendo um pequeno afago em seu cabelo e seguimos até onde Camille está sentada, com o cabelo sempre caindo sobre o rosto, por ser liso e grosso demais.

— Vai melar a ponta do cabelo, Mille. — Ouvimos o garoto falar e, quando passa a mão no cabelo, jogando-o para trás, ela nos vê.

Minha menina abre um sorriso cheio de amor e eu me derreto por ela. Sim, minha menina, de alguma forma sei que logo seremos uma família, não me perguntem como posso ter tanta certeza.

— Olha, Lipe, tenho visita — fala, estridente, e se levanta, pulando no banco de madeira em que está sentada.

Dessa vez não é a mim que ela abraça primeiro, e sim Alice, que é pega pelas pernas, agachando-se em seguida e apertando-a em seus braços.

— Eu senti saudades, amorzinho.

— Eu também, tia. Senti muita saudade. — Só então ela solta Alice e vem até mim, que a pego no colo. — Também estava com saudades do senhor, tio, não fica com ciúmes, tá?

E como poderia? Ela arranca de mim um sorriso alto e olho o garoto, que nos observa curioso, baixando o olhar quando encontra o meu. Agora posso olhá-lo bem. O garoto tem o cabelo vermelho, sim, bem escuro e curto, como militar. A pele um tanto morena e os olhos, não saberia distinguir, mas me parecem acinzentados. Uma cor um tanto diferente e é Alice que chama sua atenção ao se sentar no banco de frente para ele, Camille logo a segue, colando-se ao seu lado.

Não foi muito difícil de Alice conquistar Camille, após duas visitas as duas já estavam grudadas. Me sento próximo ao garoto, vendo que já terminou a refeição.

— Já conhece o tio Pedro e essa é a Alice, Lipe, namorada dele.

— Oi, Felipe, tudo bem?

Alice o cumprimenta e ele lhe dá só um pequeno oi, sem levantar o rosto. E, realmente, o menino tem uma expressão um tanto dura e fechada para um garoto tão novo. Sem conseguir a atenção do menino, Alice então se volta para Camille.

— Viemos lhe dar um beijo, estávamos com saudade um tantão assim!
— Alice brinca, abrindo os braços ao máximo.

— Eu também e fiz novos desenhos. Um de nós três e outro de nós três

e o Lipe, mas não posso mostrar agora, é que a sala de desenho tá fechada. Eu deixei lá. — Faz um muxoxo e um biquinho. — Mas ficaram bem bonitos, não foi, Lipe?

O garoto sorri para ela, enquanto Alice tem os olhos curiosos sobre ele.

— Ficou, Mille. Agora eu vou pro quarto, a gente se vê amanhã.

— Mas já? Tá cedo ainda... — choraminga, mas o garoto não cede.

— Tchau, Mille, e não precisa ficar com medo quando for dormir. O bicho papão não existe. — E dizendo isso, ele sorri, corajoso, antes de sair.

O garoto me lembra alguém, mas não consigo lembrar quem. Tenho até a sensação incômoda de ter esquecido algo quando tento ligá-lo a alguém e, por mais que tente, essa pessoa não me vem à mente!

— Bicho papão de novo, princesa? — pergunto a Camille e ela me olha, envergonhada.

— E o velho do saco, tio. Os meninos daqui são uns bobões.

— São mesmo e sabe por quê? — Alice chama a atenção dela. — Porque não existe nem um e nem outro, amorzinho. Nadinha mesmo.

— Eu sei, o Lipe já disse isso e o tio também. É que às vezes dá medo...

Vejo o olhar de pena de Alice quando olha para mim e me sinto impotente, sem poder protegê-la do que quer que tenha medo.

— Mas não precisa, lindinha, e logo esse medo não vai mais existir. Pode acreditar. — Sua voz soa amorosa e ela beija a menina, que se aconchega ao seu lado.

Ela suspira e me olha, depois olha de forma demorada para Alice antes de voltar a falar.

— Tio, o senhor pensou no que a gente conversou esses dias?

E eu tinha medo de que essa pergunta viesse tão logo, pois até o momento, apesar de estar tentando adotá-la, eu não tenho certeza se conseguirei e tenho medo de dar a ela falsas esperanças.

— Que conversa?

Camille olha para baixo com a pergunta de Alice, sem jeito, e depois

olha para ela.

— De me adotar... falei pro tio Pedro que ele podia me adotar, né? Seria legal. — Anui, voltando a olhar para os pés. — Mas vocês vão se casar, né? E vão ter filhos de verdade, né? Não precisam de mim. Porque bebês são mais legais, o bebês aqui sempre vão embora primeiro, eu gosto deles. Mas promete que, mesmo com bebês, o senhor vai ficar vindo aqui me ver? — Ela faz a pergunta olhando diretamente para mim e sinto meu peito queimar por ela achar que posso descartá-la assim.

Mas foi assim que ela aprendeu que sua vida seria desde seus primeiros segundos de vida, que ela era um ser descartável, mas não para mim. Dane-se se me dão ela ou não. Vou lutar por isso uma, duas, três vezes se necessário for.

— Ei. — Me levanto e dou a volta na mesa, me sentando ao seu lado. — Claro que não esqueci. — Levo a mão à nuca, coçando-a, achando uma forma de falar sobre isso. — Desde aquele dia quando conversamos que dei entrada em todos os papéis necessários para adoção e estou tentando adotar você, Camille. Jamais te esqueceria, não importa quantos filhos viesse a ter. Já considero você minha filha, entendeu? Só temos que esperar o juiz dizer que posso realmente levar minha menina para casa, mas você já é a minha, quer dizer, a nossa menina.

Ela me olha e passa poucos segundos olhando de um para o outro, esferas azul-esverdeadas nos olhando cheias de vida, euforia e alegria, um sorriso desenhando a boca fininha, enquanto Alice tem os olhos imersos em lágrimas.

— Vou ser sua filha, tio?

— Se tudo der certo, vai sim. E espero que não demore muito!

Camille pula em meu colo, abraçando meu pescoço, comemorando, e nunca senti tanto amor inflar meu peito como agora, em que quero apenas me doar a essa menina.

Damos nossa total atenção a ela e à emoção que toma o momento nos poucos minutos que temos. Comemoramos a notícia e Camille nos conta como foram os últimos dias, nos enche de novidades, além de perguntas. Capricho em cada detalhe e vejo a felicidade tomar conta da menina, assim

como de mim.

Talvez tenha me precipitado, mas não podia segurar isso, tampouco deixá-la achando que não irei adotá-la, que não lhe dei ouvidos. Minutos depois, a irmã que nos atendeu na porta chama nossa atenção, mais uma vez é hora de ir embora e cada vez fica mais difícil deixá-la.

Nós nos despedimos de uma Camille um tanto relutante e saímos do orfanato calados. Cada visita tem trazido um gosto diferente à boca. Abro a porta do carro para que ela entre e me coloco atrás do volante em seguida, deixando um suspiro cansado escapar. Desde que me decidi pela adoção, tem se tornado insuportável vir aqui e não poder levá-la conosco.

— Logo isso acaba, não é? Tem de acabar...

— Sim, Boneca, daremos fim a isso e começaremos outra etapa.

Tento passar confiança, mas ela não me olha, nem confirma o que digo. Mantém-se meio encolhida em seu assento, olhando a janela ao seu lado. Sem perguntar para onde quer ir, sigo direto para o haras, querendo, ou melhor, precisando dissipar a nuvem que a cobriu desde mais cedo.



A felicidade pode surgir nos piores momentos, naqueles em que parece que você foi soterrado em meio à escuridão. Quando ela surgir, agarre-se a um pequeno sopro de ar que seja e volte à superfície.

Passei todo o caminho aérea e só me dou conta de para onde estamos indo quando o carro passa pela entrada do haras. Deixo o ar sair de meus pulmões, me amaldiçoado por estar aqui, não é um bom momento.

Eu só queria estar sozinha essa noite, preciso, na verdade. Livrar-me dessa sensação estranha que aperta meu coração, uma vontade incontável de estar sozinha e poder extravasar o sentimento que se apossou de mim mais cedo. Me sinto mal, mal por sentir algo tão ruim em meio à felicidade do meu irmão, minha cunhada e nossa família, e sinto raiva, raiva de mim.

Pedro estaciona em frente à casa, que tem as luzes acesas, e eu desço do carro, esperando que faça o mesmo e abra a porta da frente da casa. Sinto seu olhar sobre mim, assim como senti por todo o caminho, junto às dúvidas, e me chuto por isso. Esse é mais um dos meus dias ruins em que eu só preciso estar sozinha, organizar meus pensamentos, chorar e colocar para fora a dor do passado que ainda está aqui dentro. Desde que ficamos juntos, não senti mais isso, porém hoje não consigo controlar.

Estar no hospital em meio à maternidade mexeu comigo. Lembranças vieram e o que Augusto disse mais cedo me fez pensar. Pensar se temos mesmo um futuro.

— Alice.

Olho para Pedro parado, já com a porta aberta e me olhando, a mão estendida para mim, enquanto eu continuo parada no lugar, perdida.

— Eu acho que prefiro ir para casa hoje, se não se importar. Amanhã nos falamos e podemos combinar algo — falo, tentando não transparecer fraqueza ou os demônios que me atormentam em momentos de aflição.

Pedro deixa a mão cair rente ao corpo e olha a chave do carro ainda em sua mão. Ele se aproxima de mim e, com delicadeza, suas mãos seguraram meu rosto, me fazendo arrepiar com o toque frio, e olho em seus olhos. O que enxergo me desconcerta. O carinho, cuidado e amor me deixam ainda pior.

— Sinto muito, mas eu me importo, não vou deixar você ir embora agora assim. Me importo porque estamos juntos e, nem se eu quisesse, conseguiria te deixar sozinha essa noite. Preciso de você e sei que algo mexeu aqui. — Ele toca meu seio, indicando meu coração. — E quero muito que possa confiar em mim pra me contar e desabafar, tentar curar sua dor sem se fechar ou fugir de mim. Estamos juntos, Boneca, temos que confiar, você mesma disse outro dia.

Fecho os olhos, sentindo o peso de cada palavra vir sobre mim, com todo o carinho com que são ditas, o ataque gentil e o calor do seu corpo colado ao meu. Sinto seus lábios em minhas têmporas e agarro seus braços, me segurando e inspirando seu cheiro. Ele se afasta, passa seu braço por minha cintura e juntos entramos em casa. Casa... de alguma forma passei a ver esse lugar assim, como minha casa também.

Uma precipitação, talvez!

Tiro os sapatos ainda na entrada, deixo a bolsa sobre o sofá e sigo-o para o nosso quarto. Me sento na cama macia, no ambiente não apenas o cheiro do homem que amo impregnado em cada canto, mas também o meu. Vejo-o entrar no banheiro e se demorar por lá, a confusão dentro de mim não diminui, as lembranças e a culpa não vão embora. A dor, que deveria diminuir com o tempo, parece aumentar e, como se não bastasse, a constatação de que não sou suficiente também me ataca.

Ouçó o barulho de água corrente e não escondo um pequeno sorriso com o que possa ser. Dias atrás, chegamos aqui e eu disse a ele que tudo o

que eu precisava era de um banho de banheira, me demorar e relaxar na água quente, pois não tenho uma em meu apartamento e há tempo não tenho esse luxo. Claro que aqui não tinha uma banheira, o lugar é rústico demais para isso, Pedro nunca teve coragem de mexer em nada após a morte de meu tio e sua mãe.

Naquele dia, ele nada disse e nem eu esperava que dissesse, mas no dia seguinte, quando voltei para cá, o banheiro estava inutilizado, sendo quebrado e reformado, pois Pedro tinha comprado a bendita banheira e estavam instalando-a no banheiro. Eu sei, foi perfeito, e o gesto fez meu coração saltar no peito. Não pela banheira, nada disso, mas por ele se importar o bastante, ouvir o que eu disse em um momento despretensioso e fazer do simples comentário algo genuíno.

Por conta dos afazeres, não tínhamos nos visto nos últimos três dias e, por conta da reforma, eu ainda não tinha usado a banheira, nem visto como ficou.

Pedro volta para o quarto minutos depois, desabotoando a camisa já fora da calça e jogando-a sobre a cama, seus olhos em momento algum deixam os meus. Ele se aproxima, o dorso nu expondo os pelos que descem por seu abdômen, e me oferece uma mão, a sobancelha erguida. Eu a seguro e ele me puxa em sua direção, sua boca encontra a minha. O beijo é diferente de todos que já demos até aqui, talvez sejam os sentimentos que estão dentro de mim que estejam fazendo o momento ser diferente.

— Toma banho comigo? — pede, a boca a roçar minha orelha levemente.

— Hoje não sei se é um bom dia, me desculpa. — Ele me encara com o semblante preocupado, sem se afastar de mim.

— Não tem momento certo pra que eu possa cuidar de você, espero que entenda isso de uma vez por todas. É pra isso que estou aqui.

Deus do céu, chego a engolir em seco com o que diz e suspiro audivelmente.

Pedro leva a mão à barra da minha blusa e a tira com cuidado. Depois se agacha a minha frente e tira minha calça com delicadeza, me deixando de calcinha e sutiã. Sua boca encosta em minha coxa e, após deixar um beijo ali,

ele se levanta e tira meu sutiã, deixando meus seios saltarem livres, expondo o que já não me importo que veja. Não mais e me sinto realmente cuidada.

Seu olhar sobre mim não é de cobiça ou desejo, é de cuidado, amor, e isso enche meu coração na mesma medida que o afunda em meu peito.

Vamos juntos para o banho e sorrio quando vejo o cômodo modificado. A banheira redonda no lugar do que antes era o box, que mudou de lugar dando mais espaço ao cômodo. Vejo que ele teve que ampliar o espaço, mesmo diminuindo o tamanho do box.

Sinto-o em minhas costas, seus lábios em meu ombro, e deito minha cabeça em seu peito, suas mãos rodeando minha cintura. Proteção percorre cada centímetro de meu corpo e me dá a sensação de pertencer a algo pela primeira vez, sendo amada de verdade. É o que me faz sentir; um amor incomensurável.

— E então, gostou? — fala, ao meu ouvido, de forma carinhosa.

— Tá perfeito, já era perfeito antes, obrigada.

— Tudo que quiser, minha boneca.

Chego a suspirar e, usando sua mão como apoio, entro e me sento na banheira após tirar a última peça de roupa do meu corpo. Pedro demora um pouco e, quando se livra da calça e das botas, ele se junta a mim, sentando-se às minhas costas e me trazendo para o meio de suas pernas.

Deito minha cabeça em seu ombro e fecho os olhos, aproveitando a sensação que suas mãos em volta do meu corpo me trazem. Respiro fundo algumas vezes, tentando acalmar meus sentimentos, o furacão de emoções que tenho me tornado essa tarde e o acidente voltam à minha mente, trazendo a mesma confusão. Um sonho, só pode ser um sonho.

Algo macio percorre meu corpo, abro os olhos e encontro a mão grande, masculina, segurando uma esponja aveludada cheia de espuma vermelha sobre minha pele, descendo por meu ombro, passando pelo vale dos meus seios e indo para minha barriga em uma carícia lenta.

Me permito relaxar em seus braços, absorvendo cada toque, enquanto lava meu corpo. Pedro me afasta por alguns centímetros, pega mais sabonete e lava também minhas costas em um toque gentil.

Arquejo... É egoísmo querer tanto alguém, mesmo sabendo que juntos eu o privaria de algo que sei que ele almeja muito? É egoísmo não abrir mão de quem se ama para que essa mesma pessoa possa ser feliz com plenitude? Realizar seus desejos? Se sim, então eu sou egoísta, pois, apesar de não poder lhe dar algo que sei que sempre quis, eu não conseguiria abrir mão dele, eu não seria capaz, não depois de esperar tanto tempo para tê-lo e experimentar essa sensação.

Olho-o por cima dos ombros, sentindo lágrimas em meus olhos, vendo-o concentrado em sua missão. Me afasto, me viro de frente para ele e, ao contrário do que parece esperar de mim, eu me aproximo e monto em seu colo, abraçando-o e me escondendo em seu pescoço. O egoísmo me impulsiona a senti-lo, a querer ser sua e ter a certeza de que é meu, mesmo que a culpa transpareça em cada partícula da minha pele. Eu neguei isso a ele.

— Eu quero que me ame. Quero te sentir dentro de mim, preciso disso pra talvez saber que estou viva, que pertenço a algum lugar. — Eu o encaro, talvez esteja na hora de me desnudar.

O homem me olha com paixão, o rosto relaxado, compreensivo e sorri, esse simples sorriso parece iluminar minha alma.

— Você já pertence. Pertence a esse lugar e à minha vida. Você me faz feliz, Alice, estou mais leve por sua causa. Venho tentando deixar o passado para trás e não faço só por mim, faço porque quero te dar o melhor de mim. Os pesadelos não me atormentam mais, ao seu lado não os tenho, e isso se deve ao que faz comigo. Pertence a mim, meu amor, e eu sou seu.

Uma lágrima escorre e deixo as palavras saírem de minha boca, externo os pensamentos que me amedrontam sem que eu possa segurá-los.

— Não posso te dar um filho, Pedro. Não vai poder ter a felicidade que vimos em Augusto hoje, se ficar comigo. Lembra o que me disse uma vez? Lembra que queria ter uma família grande? Com muitos filhos? — Ele concorda e meu coração se parte, isso foi anos atrás. — Não quero que acorde ao meu lado um dia e se dê conta disso, não quero essa culpa. Não tenho forças pra abrir mão de você em troca da sua felicidade, mas não quero te prender a mim sabendo que um dia pode se arrepender. Perdi toda a capacidade de gerar uma criança há um ano, mas fui eu que perdi isso e não quero tirar algo assim de você.

Respiro alto, enfim colocando para fora o que eu não queria pensar antes, nem admitir, e por alguns instantes nada é dito, apenas me perco na íris azul. Seu rosto se aproxima do meu e seus lábios alcançam meus olhos, nariz, bochecha e boca em beijos cálidos.

— Eu já me considero pai, Alice. Já somos, na verdade, e logo será oficial quando Camille estiver conosco. Neste dia, poderei sentir a mesma alegria que presenciamos hoje ou, até mais, sentirei o mesmo orgulho e o mesmo sentimento protetor por saber que serei pai de Camille também no papel. Não está me privando de nada, pois o sentimento não será diferente. Ela será nossa filha e os sentimentos que teremos por ela não seriam diferentes, caso ela tivesse nascido de seu ventre. O que mede a paternidade não é o laço sanguíneo, e sim o amor. E isso eu terei de sobra, nós teremos.

— E, ao falar, estica o braço para fora da banheira, pegando algo sobre a calça jogada no chão e eu levo ambas as mãos à boca, tampando um arquejo de surpresa quando vejo o que tem nas mãos.

A essa altura não consigo mais parar as lágrimas!

— Pedro... — Seu nome em minha boca não passa de um sussurro e vejo um sorriso brilhar em seu rosto quando me estende uma caixinha preta aveludada aberta, tendo duas alianças de ouro presas ao pequeno e delicado suporte.

— E não, a aliança não é algo simbólico para mostrarmos à assistente social ou nada do tipo. Estou mesmo te pedindo em casamento, Alice, não era aqui ou agora que eu pensava em fazer isso, mas as circunstâncias ajudaram. E, Boneca, esse pedido eu guardei por anos, achando que eu estava te deixando ser feliz. Fui idiota por não lutar pela mulher que eu amo e te amei em silêncio todos esses anos, você esteve em meu coração a cada dia. Não teve um dia ou momento que eu não me lembrasse e não me arrependesse de deixá-la ir embora sem que eu dissesse que te amava, que a queria com tudo de mim. Nada no mundo, nada mesmo, me separaria de você nesse momento, nada me faria deixá-la ir, pois está me dando algo que ninguém jamais poderia, o seu amor e uma família. É com você que sinto paz, é por você que meu coração salta no peito a todo momento que me vem à mente, é por você que meu corpo queima e vibra a todo minuto do dia. Preciso do seu amor em minha vida e prometo que a farei feliz, darei o meu melhor pra ver seu

sorriso, seus gemidos e suas birras. — Ele sorri e eu choro, sem conseguir me conter nem por um segundo. — Então, minha boneca de porcelana, você pertence a algo, ao nosso amor e será pra sempre, se aceitar o meu pedido.

Eu nem ao menos tenho o que pensar. Depois de um discurso como esse, eu quero apenas me entregar de vez e abandonar meus medos, soterrar o passado. Ele não precisa saber.

— Sim, eu aceito — falo, rápido, entrecortado, e ele sorri, negando.

— Ei, não me deixou fazer o pedido como manda o figurino. — Eu rio, em meio às lágrimas, montada sobre ele, e Pedro tira uma das alianças de dentro da caixinha, pegando minha mão trêmula. — Prometo tentar fazê-la feliz dia após dia, darei a você o meu melhor e o meu amor. Eu te amo, Alice, você quer se casar comigo?

E tem como negar algo assim?

— Sim, mil vezes sim...

Sorrindo, ele desliza a aliança pelo meu dedo anelar direito e me entrega a aliança para que faça o mesmo em seu dedo. Nervosa, coloco a argola em seu dedo e sou puxada para ele assim que termino, colada ao seu corpo enquanto me beija com uma paixão que aquece minha alma e incendeia meu corpo.

Me agarro a ele, os sentimentos, antes deprimidos, voltando a ter vida. Talvez as dúvidas, o medo e a culpa de que um dia ele acorde e se arrependa de estar comigo possam vir a me corroer, mas não neste momento, não mais. O que eu quero é só me agarrar ao que acaba de me dizer, me aproveitar da certeza de suas palavras e deixar que se afunde em mim. Quero sentir em minha pele que é mesmo verdade, que teremos, de fato, um futuro juntos.

Deus do céu, eu estou noiva!

Me pego rindo, ainda com a boca na sua, sentindo o membro do, agora meu noivo, se avolumar embaixo de mim e rebolo sobre ele. Pedro me agarra com força e geme em minha boca, enquanto me ergo e, com a mão, o posiciono em minha entrada, enquanto vou descendo sobre ele devagar, aos pouquinhos, gemendo com as sensações ao tê-lo dentro de mim.

Deixo sua boca e capturo sua orelha em meus lábios, lambendo e sentindo-o se arrepiar. Pedro não me conduz, deixa que eu o faça, mantendo

suas mãos espalmadas em minha bunda, segurando-a com firmeza. Mordo seu pescoço, ouvindo-o gemer e sorrir em minha pele e me movo com calma, aproveitando cada momento. Sua mão alcança minha boceta e massageia meu ponto de prazer, circulando o dedo com habilidade e me fazendo arquejar.

— Linda, uma visão perfeita... amo te dar prazer.

Esqueço qualquer preocupação, qualquer dúvida, medo ou culpa e olho em seus olhos, agarrando as bordas da banheira, usando mais velocidade e força, moendo seu membro e assistindo ao prazer tomar também seu rosto. Sua mão se fechando em minha carne, a outra me dando um prazer surreal, enquanto seu pau entra e sai de mim. Me proíbo de fechar os olhos, assistindo a cada expressão sua. Ouvindo e absorvendo cada gemido.

Levo uma mão ao seu rosto, admirando cada traço e me deliciando em suas mãos, me entregando enfim ao prazer que me alcança sem piedade, dando-me a sensação de ir ao chão, rendida e extasiada. Grito, sem pudor algum, e chamo seu nome, me agarrando aos seus ombros, pedindo por mais. Sinto-o estremecer, rosnando rouco em minha pele, e deixo minha cabeça tombar em seu ombro, espasmos me fazendo tremer, meu ventre adormecido. Me aconchego nele com deleite, ronronando, amolecida.

— Eu te amo, minha boneca.

— Também te amo, meu noivo — E me aproveito de cada sílaba, voltando a confiar em alguém de verdade.

Talvez, se fosse outro homem aqui, eu não conseguiria me entregar ou amar. Mas não é qualquer um, é Pedro. O garoto bonzinho e acolhedor. O adolescente protetor e amoroso que cuidava de mim e, por fim, o homem que me fez amar, que trouxe um sopro de ar aos meus pulmões, que fez com que eu quisesse me entregar a alguém, me sentir parte de algo melhor e que me proporcionou ter uma família e uma filha...

São muitos se's, mas uma coisa é certa: não poderia ser outro.



E quando tudo está indo bem...

Inquieta.

Alice continua inquieta após o banho e o pedido de casamento que lhe fiz. Depois de um banho demorado, a levei para a cozinha para jantarmos e, mesmo que ela tivesse um sorriso congelado no rosto, sei que não estava bem, mesmo depois do que eu disse a ela. A questão é que as feridas que ela carrega são muito mais profundas do que deixa transparecer. E isso não é uma suposição, a conheço o suficiente para ter essa certeza e, por mais que tente disfarçar, seu olhar não nega sua dor.

Estamos agora deitados na cama, ela com a cabeça descansando em meu peito enquanto com a mão pequena alisa meu dorso vagarosamente. Vez ou outra parando e olhando a aliança grossa que pus em seu dedo mais cedo. Chego a duvidar se não me precipitei, se não fiz o pedido em um momento ruim. Agora já não importa mais essa dúvida, achei realmente que aquele era o momento certo.

Alice brinca despercebida com a aliança, girando-a no dedo com o polegar. O olhar longe e perdido e eu só queria saber o que mais a aflige, que dividisse comigo o que carrega escondido dentro dela. A verdade é que tenho medo que nunca o faça, que nunca volte a confiar o bastante.

Sei como é o estrago que isso faz e não posso culpá-la, eu mesmo

guardo meus medos aqui dentro, ainda não me desnudei por completo.

— O que foi, meu amor? Não gostou? — pergunto, tentando puxar qualquer assunto.

Ela me olha por um breve momento e depois volta a olhar a aliança brilhando em seu dedo.

— Eu adorei, é linda.

— E qual o problema? Por que essa ruga aqui? — Toco no meio das suas sobrancelhas e ela enruga o nariz.

— De verdade? — Confirmo e a vejo suspirar. — É que nunca pensei que me casaria de novo. Não tão rápido, pelo menos. Sempre achei que demoraria anos pra isso acontecer ou até que nunca acontecesse — admite, sem jeito.

Pego sua mão e trago à minha boca, beijando sua palma e mantendo-a dentro da minha, amo beijá-la.

— E isso é ruim? — Os olhos de um verde-amarelado se fixam em mim.

— Não, claro que não. É só... inesperado. Ainda tenho tanto guardado aqui dentro, tanto coisa ainda machuca. Tenho medo, medo de não estar pronta pra você.

— Quer dividir essa carga comigo? Podemos levá-la até de duas vezes, se isso for ajudar, meu amor. E, se não estiver pronta, podemos esperar o seu tempo para marcar a data, tudo o que quiser, desde que esteja ao meu lado. — Ela sorri, dessa vez um sorriso verdadeiro, lindo, e se estica, beijando meu queixo.

— Talvez você não goste do que ouça, Pedro — fala, baixinho, mas consigo ouvir bem.

— Nada que possa vir de você mudará qualquer coisa, Alice. Isso é certo. — Ela suspira audivelmente.

Alguns instantes se passam enquanto espero que se abra comigo, que ponha para fora o que lhe faz mal.

— Hoje senti raiva de mim — fala e volta a encostar a cabeça em meu peito. — Raiva por me sentir tão mal quando deveria estar radiante por

Augusto e Cristine. Não era justo.

— Alice...

— Não, preciso falar — pede e eu volto a me calar. — Eu queria tanto isso, quer dizer, aquilo que tiveram hoje. Quis desde o primeiro momento que soube que estava grávida. Ah, como eu sonhei com o meu bebê em meus braços e, de repente, eu acordei e ele já não estava em meu ventre, não estava mais protegido por mim. A pequena parte de mim, que eu carreguei e me apeguei com tanto amor, não estava mais viva, não era mais minha. — Ela funga, o rosto ficando avermelhado. — E hoje... a saudade voltou com tanta força, as lembranças, e isso me sufocou, senti inveja, inveja do meu irmão.

Alice soluça alto e meu coração se aperta com o que diz, seu sofrimento me machuca na mesma medida. Deixo que fale tudo o que sente, sem interromper seu momento.

— Aquele foi o pior momento da minha vida. Foi quando a realidade me atingiu como pedras e algo se apagou. E ele estava lá comigo, como estava naqueles meses que passei fora. Ele me ajudou, foi paciente, dizia me amar... — E então percebo o que está falando, ou melhor, de quem, e meu corpo tenciona. Cada músculo em alerta. — E... eu o amava. Podia ter dúvidas no início, mas, após o casamento, me dei conta de que realmente o amava, ele parecia tão bom. Não foi algo arrebatador, nem do dia pra noite, foi algo construído. Construí por ele um amor verdadeiro e acreditei nisso, no que fizemos juntos e isso, essa certeza que um dia eu tive, hoje me destrói. Saber que fui tão cega, que me entreguei e acreditei em um homem como Renato me destroça por dentro. Pois deixei que ele mexesse comigo, deixei que me quebrasse e tudo isso sem lutar, apenas porque achei amá-lo, porque deixei que me reduzisse a pó.

Não a interrompo, o que me custa uma dor sobre-humana, quando dou por mim, a pergunta pula entre meus lábios.

— Por que aguentou tanto?

Ela nada responde de pronto, suspira alto e continua agarrada a mim, o rosto enterrado em meu peito, molhando-o.

— Essa é a pergunta de um milhão, não é? — Não confirmo e me arrependo de tê-la feito. — Tivemos bons momentos, no início. Achei que

tivéssemos tido, pelo menos. Nunca tinha levado os ciúmes que ele sentia muito a sério. Sempre relevei até quando pude, até quando deu e foi aí que tudo começou. A primeira vez... — ela suspira e limpa uma lágrima. — A primeira vez foi quando estávamos perto de completar três anos de casados. Eu não esperava e foi... Foi aterrorizante. Fiquei sem saber o que fazer, amedrontada, e ao mesmo tempo inflamada.

Por instantes, Alice se cala, penso que vai desistir de continuar e me surpreendo quando voltar a falar:

— Depois... depois vieram os pedidos de desculpas, a promessa do nunca mais vai acontecer. Uma promessa de remissão e que a culpa fora da bebida, eu acreditei, relevei dando a mim mesma a desculpa que ele usou. Renato soube como me manipular desde o primeiro momento, muito antes das agressões, como trabalhar cada fraqueza minha a seu favor. Àquela altura, ele já tinha conseguido me afastar de todos que amava, minha família, e eu sequer me dei conta. Ele foi se transformando na minha única família, amigo, pessoa com quem eu pudesse contar, fez-me acreditar nisso e tudo aconteceu de uma forma que não notei, não em um primeiro momento. Depois... depois se tornou um tipo de círculo vicioso, se tornou mais comum. Não as agressões físicas, mas as morais e verbais e, com um tempo, eu achei que era mesmo a culpada por acordar o pior dele, o ciúmes e que eu o afrontava, que eu era responsável por... ser punida. Foi quando começou, foi quando me mostrou seu pior lado e que eu tinha me transformado em sua propriedade. Me sentia suja, pequena, humilhada, envergonhada e, quando acordei dessa loucura, quando vi para onde ele estava me levando... tive medo. O medo me consumia dia após dia. Medo de toda a sua loucura, que aquilo se alastrasse para pessoas que eu amo. Não demorou para que as ameaças chegassem também à minha família e eu me desse conta do homem perigoso com quem me casei. Dos negócios sujos e o que tinha que fazer para se manter no poder.

A raiva que sobe por meu corpo ao imaginar o que ela viveu me esmaga. Pensar que foram anos em que aquele filho da puta a usou, a machucou e a subjugou me causa ânsia por esmagá-lo.

— Foi a culpa, o medo, a vergonha, humilhação, tudo contribuiu para que aguentasse calada, sem força alguma. Com o tempo, já não era mais eu,

já não tinha mais vida, voz, vontade própria. Perdi minha essência em suas mãos, deixei de ser eu, de ter brilho e cor, vivendo na sombra de um homem doente e louco.

Me sinto incapaz de falar. As coisas que Alice vivenciou nas mãos daquele maluco filho da puta a marcaram, a quebraram e isso me tira o chão. Me traz uma realidade crua.

— Acabou... — deixo escapar baixo, com a boca colocada em sua testa, apertando-a contra meu peito.

— Mas os sentimentos ainda estão aqui, comigo, as lembranças. Elas não vão embora e às vezes não me deixam dormir.

— Construiremos algo novo, Boneca. E faremos disso nossas lembranças, tudo de melhor pra que se sobreponha ao passado. Buscaremos felicidade, luz em nossas vidas e, acima de tudo, amor.

— Eu te amo, sabia?

E o contentamento briga com a raiva que arranha meu peito ao ouvir isso, ao olhar em seus olhos.

— Eu também te amo. Amo muito.

— Obrigada.

— Pelo quê? Sou eu que tenho de agradecer, aceitou se casar comigo, esqueceu? — Um pequeno sorriso brota nos lábios vermelhos.

— Obrigada por me ouvir, por me amar.

— Sempre, se tornou a luz dos meus dias — falo e beijo seus cabelos, respirando seu cheiro e sentindo seu corpo se aconchegando mais ao meu.

Fico quieto, brincando com uma mecha do seu cabelo até senti-la relaxando em meus braços. Minha boneca dorme bonita enquanto eu não tenho a mínima ideia se conseguirei pregar os olhos após o que ouvi.



— E pensa em fazer o quê?

— Não sei.

— Sabe, claro que sabe. — Ouço Tiberius dizer. Ele tem razão, eu sei.
— Mas é bom demais pra isso.

Respiro fundo, encarando-o. Parece até que estamos em uma consulta com o grandão sentado na poltrona à minha frente, com a mão escorada no queixo barbudo, os olhos castanhos presos em mim em uma expressão amigável.

— Ele merece.

— Sim, merece. Mas sabe que ela não ficaria feliz com isso. Alice está livre, Pedro, acabou. Tudo que ela viveu até aqui ficou para trás. Você ir atrás do infeliz e quebrar a cara dele em nada mudará o que ela viveu, só trará as recordações à tona e preocupações. Deixe isso onde está, no passado.

— Sabe que não é tão fácil assim. — E ele sabe. Poucos meses atrás, tive que tirá-lo de cima do ex-noivo de sua mulher. Se eu não tivesse aparecido, o infeliz hoje estaria morto, pois o doutor controlado teria o espancado sem pena alguma. Deixo o pensamento de lado, explanando minha preocupação. — Tá fácil demais, principalmente, depois do que ouvi na noite passada. Me deixou em alerta, ele não desistiu dela assim, não depois de tudo o que ouvi que ele fez com ela. Ele é doente. — E é o que sinto após uma noite insone pensando em tudo o que ouvi de Alice.

— Não entendo.

— Ela passou anos nas mãos dele, de um homem controlador, doente por posse e, depois que se separou, foi um ano em que o cara passou negando a droga do divórcio, cercando-a e, de uma hora pra outra, ele decidiu deixá-la livre. Quando penso nisso, sinto até meu estômago embrulhar, foi fácil demais, não acha? Tiberius, eu não sei o que farei se souber que ele chegou perto dela.

— Acho que está impressionado... Deve aproveitar, Pedro, e ajudá-la a esquecer. Ela está livre e vocês estão noivos, devem usufruir desse momento. Por falar nisso, quem diria, hein, noivos?

Chego a sorrir com o que diz, deixando os pensamentos que me preocupam de lado por instantes. Cheguei ao hospital hoje cedo. Vim com

Alice e a deixei no quarto com Cristine após passar por lá e ver como ela e os gêmeos estavam. Depois fiz algumas visitas e, por fim, estava inquieto e precisava falar com alguém. Tiberius foi minha escolha mais óbvia, não que eu precise de um psiquiatra, mas o cara é realmente um bom amigo e eu poderia colocar para fora o que, no momento, me atormenta.

— Será meu padrinho, já está avisado.

— Adoro quando as pessoas me dão uma escolha. — O bastardo sorri.

— Como está Capitu? Como vocês estão? — Tento mudar de assunto e aproveitar o ar mais leve que a conversa tomou.

— Bem, muito bem, na verdade. Estamos curtindo a gravidez.

— Isso é ótimo... — Meu celular toca e, quando vejo o nome na tela, me levanto de pronto. — Só um minuto, Tiberius. Tenho que ir, logo mais nos falamos.

— Claro e pense com cuidado no que conversamos.

Confirmo e saio da sala atendendo o celular. Ansioso com a ligação que eu espero todos os dias, mas que não veio, até parei de esperar após um tempo, pois a esperança tinha ido embora, mas parece que algo mudou.

— Alô, Santana?

— Oi, doutor. Como o senhor está? Me desculpe a demora em entrar em contato, mas nós ainda não tínhamos achado nada além das informações que me foram dadas pelo senhor. — Meu coração dispara no peito.

— Isso quer dizer que temos novidade? — pergunto ao investigador que contratei tempos atrás, buscando notícias da minha Sofia, minha irmã.

— Sim e não. Descobri algumas coisas, os indícios apontam que seja ela, sua irmã. — É vergonhoso, mas, diante de suas palavras, sinto minhas pernas tremerem tamanha a euforia que me atinge. — Mas ainda tenho que confirmar, ter certeza para podermos agir.

— E onde ela está? Onde ficou esse tempo todo?

— Calma, doutor. Talvez eu tenha me precipitado no contato, mas tenha calma. Estou investigando e pedi ajuda a um amigo meu. Policial. A garota que encontrei mudou de nome, passou alguns anos em um orfanato até ser adotada por uma família rica, mas não posso dar certeza se é a sua garota.

— Mas, não, como...

— Pode não ser ela, como já lhe falei. Esse tal orfanato teve uma explosão há dois anos, alguns documentos foram queimados, por isso estou demorando para ter as respostas em definitivo. Mas encontrei o responsável pelo lugar anos atrás. Estou indo atrás dele nesse momento.

Eu mal o ouço!

— Eu quero saber quem é, quero ir com você, não vou ficar aqui esperando notícias.

— De jeito nenhum, doutor. Não trabalho assim. Irei colher todas as informações, montar o quebra cabeça e lhe entregar uma ficha certa. Tenha paciência, logo terei mais novidades e mantereí contato periódico, lhe deixarei informado.

Penso por um instante e um calafrio atravessa minha espinha. Que seja a minha menina.

— Doutor?

— Sim, certo. Mas me mantenha mesmo informado, por favor.

— Certamente, doutor, e até mais. Entro em contato em breve, foi um prazer falar com o senhor.

— Estarei esperando, obrigado!

Desligo o celular e encaro o objeto que parece pesar toneladas em minha mão. A bile me sobe à garganta e a menina de olhos negros intensos me vem à cabeça. Perfeita, linda. Chego a sorrir com o pensamento. Deus do céu, que seja ela. Eu preciso dela.



O recomeço poderia ser mais doce?

— Está pronta?

Ouçoo perguntar, enquanto amarro as alças do vestido em meu pescoço, olhando o resultado no espelho e vendo-o sentado na cama, terminando de calçar as botas.

— Acho que sim. Mas estou nervosa, pra ser sincera estou tremendo de nervoso.

Ele sorri, lindamente, e me puxa pela mão, me trazendo em sua direção e me fazendo sentar em seu colo.

— Hum, sei um jeito de te deixar calma, relaxada e deliciosamente satisfeita. O que acha?

Abraço seu pescoço com ambos os braços e roço meu nariz no seu, manhosa. Sorrio, feliz, um sentimento maravilhoso aquecendo meu coração. Senhor, como eu amo esse homem!

Sua mão vai descendo por minha barriga, indo em direção à minha pelve e, por cima do vestido longo e fino, Pedro apalpa meu sexo, um suspiro me escapa.

— Eu adoraria, senhor tarado, mas não temos muito tempo.

— Não preciso de muito pra te fazer gozar, Alice... — fala próximo ao

meu ouvido.

Chego a fechar os olhos, tendo sua boca em minha pele, sua respiração quente a me arrepiar.

— Você não presta.

Pedro gargalha alto e morde a pontinha da minha orelha, tendo um gemido meu em resposta, minha excitação escorrendo por minha vagina.

Ainda rindo de um jeito safado, ele se levanta comigo e se afasta, tendo a certeza de que estragou minha calcinha de renda, que agora está encharcada, e o observo, deliciada, enquanto pega a camisa sobre a cama e vai até o espelho, parando em frente a ele e vestindo-a. Quantas camisas xadrez esse homem tem? Pergunto-me, ao analisá-lo. No hospital, são sempre roupas de cores austeras, pálidas, sempre sério, já em casa ou no haras, suas camisas favoritas são as com estampa xadrez. A de hoje é em listras azul-escuro, claro e branca e cai tão bem no meu peão.

Pego minhas sandálias e me sento na cama, abotoando-as enquanto babo pelo meu noivo. Noivo... Dias depois e ainda não acredito que estamos mesmo noivos, mas amo a ideia de passar o resto da vida com ele, mais que isso, na verdade.

Esse homem tem feito por mim o que ninguém fez até agora, me ajudado a sair do abismo em que entrei de cabeça. E, após um pedido emocionante, conversamos e decidi voltar para as minhas consultas com a psicóloga dias atrás, foi ele quem sutilmente sugeriu que eu voltasse para o acompanhamento. Acompanhamento que eu interrompi por vergonha, meses atrás.

Assim que me separei de Renato e perdi um bebê pela segunda vez, recebendo a notícia de que nunca mais poderia gerar um filho por complicações que a perda me causou, entrei em uma depressão profunda. Na verdade, segundo a psicóloga eu já estava com depressão fazia tempos, só não tinha buscado ajuda, e então com o apoio da minha família eu passei por um extenso acompanhamento até conseguir fazer planos novamente, ir morar no apartamento de Augusto por um tempo e começar a montar o meu espaço de balé, alugando esse apartamento em seguida.

Foi uma longa caminhada e, apesar de estar indo bem com as consultas,

aquele olhar... parecia me julgar e, por conta de estar correndo com a montagem e organização do lugar, acabei por dar essa desculpa ao deixar as consultas. No fundo, sei que não era bem isso, não suporto julgamentos, que me olhem com pena, apesar de não poder evitar nada disso. Foi um erro, hoje sei disso.

Então voltei semanas atrás para as consultas e, após algumas sessões com a mesma psicóloga que me acompanhou assim que vim para cá, Pedro também participou de uma sessão, o que se tornará frequente daqui para frente uma vez por mês e eu não tinha me dado conta ainda do quanto as consultas me faziam falta e o quanto tenho estado mais leve desde então.

Pedro abotoa a camisa, levanta as mangas até os cotovelos e um suspiro deixa meus lábios. Pareço uma adolescente, ele me deixa assim. O homem me olha e sorri de lado, sem mostrar os dentes, tão lindo e, agora, tão meu.

— Gosta do que vê, noiva?

— Gosto, apesar de você ser um convencido safado!

Ele sorri, ajeitando a gola da camisa.

— Onde está aquele documento que pedi que guardasse ontem, Boneca?

— Na primeira gaveta do criado, pode pegar. Vou trocar a calcinha... — falo e me levanto, indo até o guarda-roupa procurar uma nova peça na gaveta. Ouço seus passos atrás de mim e me lembro do que mais tem na gaveta. — Merda!

Me viro para ele e encontro-o com os olhos em mim, a gaveta do criado aberta, um sorriso safado no rosto e, nas mãos, meu vibrador em forma de pênis *veiu* de vinte e cinco centímetros, que ainda nem cheguei a usar. Abro a boca e me encosto na madeira fria atrás de mim, sem saber o que dizer, meu rosto queima de vergonha e vagorosamente o homem vem até mim.

— O que é isso, Alice? — pergunta, divertido.

— Ora, que pergunta idiota, Pedro. É um...

— É um? — Ele me alcança e eu rio, nervosa, vendo o homem se divertindo às minhas custas.

— Um vibrador — respondo e estico a mão, tentando pegar a peça, disfarçando a vergonha. Nem cheguei a usar o objeto, chegou em um momento conturbado e, depois que nos acertamos, não precisei mais...

— Ah, um vibrador. Já usou? Aqui, sozinha?

— Não, ainda não.

— Sei, pretende usar?

Cachorro!

— Que pergunta...

— Onde ligamos? Aqui, nesse botão? — fala, levantando uma sobrancelha.

Ele aperta o fundo do objeto, que se parece com o seu próprio membro, acho que um pouco mais fino. Logo o barulho da vibração se faz ouvir e seu olhar sobre meu corpo me deixa excitada.

Minha pele esquenta e ele chega mais perto, apoiando uma mão na madeira ao meu lado e colocando a coisa rosada em frente ao meu rosto. Engulo em seco, vendo-o tremer de um lado para o outro em frente ao meu rosto, rosado e com veias desenhadas em seu entorno.

— Interessante... o que pensava em fazer com isso, Boneca?

— Ah, Pedro. Nós vamos nos atrasar, acho melhor nós irmos. — Tento, em vão.

Ele não se afasta e seus olhos descem por meu pescoço, parando em meus seios e aproximando o pênis do bico, me fazendo arquejar.

— Vamos, responda o que pensava em fazer com isso... — Sinto um calafrio gostoso na espinha e chego a fechar os olhos.

— Hum... Eu ia usá-lo...

— Onde?

— Na minha boceta — respondo, entrecortado, e ele move o pênis de borracha, descendo por minha barriga e parando em meu sexo molhado.

— Assim? — pergunta e pressiona o vibrador em meu clitóris, eu grito e me agarro aos seus ombros. — Responde, amor. Era assim?

O homem pergunta em uma voz sexy, deliciosa e, com a outra mão, sobe a barra do vestido e gruda o vibrador na calcinha rendada, me fazendo oscilar. Gemo e me seguro nele, abrindo as pernas sem o mínimo pudor para que pressione mais o pau de borracha em toda a minha entrada, enquanto passeia a boca em meu pescoço e orelha. Passo a mover meu quadril com pressa, subindo e descendo, vendo a satisfação em seu rosto.

Ele não para de movimentar a coisa em círculos e eu não demoro a ver estrelas quando ele aumenta a velocidade, espasmos tomando o meu corpo. Apoio a cabeça em seu ombro, sentindo as pernas tremerem, gelatinosas com as ondas de prazer que me varrem, e eu me entrego a cada sensação.

Ouç-o sorrir, sua boca alcança minha orelha e, lânguida, volto a abrir meus olhos.

— Ia introduzir isso na sua boceta, Alice. — Sou incapaz de responder. — Agora já imaginou isso dentro de você, passeando na sua boceta enquanto como a sua bunda deliciosa? — Um arrepio transpassa meu corpo com o que ouço, de apreensão por ele pensar nessa área e de excitação pela perspectiva do novo.

— Hum... não vou te dar minha bunda, por mais excitante que sua voz soe agora. — Faço-o gargalhar, me fazendo sentir o quanto ficou duro com a brincadeira.

— Tem sorte que estamos atrasados, Boneca, ou iríamos entrar em uma barganha longa agora mesmo, a de merecer o seu cuzinho. Não sabe o quanto pode ser prazeroso me ter atolado aqui atrás... — fala, sua mão apertando minha bunda.

— Sério? Hum, brincadeira interessante essa da barganha... quem sabe, não é? — Rio, dando de ombros e tendo com ele uma liberdade única, apesar da certeza de que ele não vai atolar essa tora na minha bunda.

E percebo hoje que eu nunca diria não a ele, não há nada a ser controlado quando estamos juntos, nenhuma emoção, volume de voz, gestos... com Pedro posso ser eu mesma, uma mulher livre, sem amarras ou inibições. A única coisa que não contei ainda foi sobre os presentes que foram mandados a mim. Tenho medo, medo por ele, ainda mais depois do que contei, medo que vá atrás de Renato e que aquele crápula cumpra a

promessa de machucá-lo.

— Não me dê ideias. Agora você tem razão, temos que ir.

— Vou trocar a calcinha, só um minuto. Você a estragou...

Me viro e sinto um tapa na bunda quando me afasto com a calcinha na mão, tendo uma expectativa deliciosa de uma noite quente à frente.



Chegamos ao orfanato alguns minutos depois. Há alguns dias, conseguimos, quer dizer, Pedro conseguiu o aceite da adoção de Camille. Após a liberação do juiz, começamos a fazer visitas mais longas a ela aqui no orfanato, aumentando cada vez mais o tempo que passamos juntos e os dias da semana em que fazemos isso. E, após visitas liberadas e muita apreensão, começaremos hoje a fase de aproximação.

Enfim, poderemos levá-la para casa e passar um fim de semana inteiro mimando-a. Eu não preciso dizer a ansiedade que está dentro de mim, não é? Menos ainda dentro de Pedro, que não consegue disfarçar. Saímos do orfanato os três. Camille segurando em minha mão e Pedro trazendo uma pequena mochila rosa velhinha na mão, com algumas coisas dela.

E parece tudo perfeito demais.

— Vamos pra fazenda legal, tio? — pergunta ela, hesitante.

— Vamos, vamos sim.

— O senhor disse que eu ia poder andar de... como é mesmo o nome?

— Pônei — responde, animado, e sorri com ternura para ela.

— Isso e posso andar hoje? Vai mesmo me ensinar? Eu quero muito, muito — fala sem pausa, dando pequenos pulinhos enquanto nos aproximamos do carro.

Ela saltita segurando em minha mão, olhando para Pedro com grande expectativa.

— Claro que sim, será o nosso primeiro programa do dia depois que conhecer nossa casa. — Ela fica radiante com a afirmação.

Ele abre a porta traseira do carro, onde tem um pequeno suporte adaptado para idade dela e coloca a bolsa de Camille sobre o banco, ela entra no carro em seguida, sentando-se e esperando que ele lhe coloque o cinto. A menina parece feliz, as bochechas coradas, que me dão vontade de morder. Pedro fecha a porta e se vira para mim, segurando minha cintura e depositando um beijo rápido em meus lábios, antes de gentilmente abrir minha porta.

Me sento no banco do carona e dou uma espiadela em Camille, que está apertando um urso marrom nas mãozinhas pequenas, um urso dado por ele. Logo saímos em direção à via e meus olhos não deixam o retrovisor interno, observando-a. E tudo ao redor chama sua atenção, parece ser novo, principalmente, quando entramos na via que dá acesso ao haras.

Quando passamos pelos portões ouvindo um *uau*, *tio* que nos faz olhar juntos para ela, que parece encantada com o que vê do banco de trás.

Me sinto feliz ao contemplar os olhos brilhantes de Camille e o sorriso doce, cheio de ternura. As covinhas na bochecha acentuadas deixando-a ainda mais perfeita aos meus olhos. Dizem que tudo tem o seu momento e até agora eu não entendia o motivo de uma criança como ela não ter sido adotada ainda. Agora eu sei, ela estava nos esperando.

Pedro estaciona próximo à casa grande e salta rápido, tirando Camille também. Desço e pego a mãozinha que ela me estende, que está fria. Não são só os adultos que ficam nervosos, a pequena também está. Sorrio internamente, meu coração palpitando sem parar, e entramos os três em casa. Os olhos dela varrem rápido o lugar e nós acompanhamos cada movimento seu, cada reação ao que vê. Ansiosos, cheios de expectativas e medo.

Mudamos algumas coisas nesses dias em que preparamos a casa para receber uma criança, colocamos mais cor, reformamos algumas coisas e instalamos uma televisão enorme na sala. O ar rústico do lugar deu espaço a um ambiente mais acolhedor, com cheiro, vida e gosto de casa nova, além de um toque de mulher.

— Quer ver o seu quarto? — pergunta, ansioso, e ela acena, os dois são

um conjunto perfeito.

Ele não se aguenta e a toma nos braços, levando-a até o segundo quarto após o nosso, arrancando dela um gritinho surpreso ao abrir a porta branca de madeira do cômodo.

— Uau... — Ouço-a falar, colocando a mão sobre a boca. — É meu? Só meu, tio?

— É só seu e foi decorado pra você, princesa. Gostou?

Ele a coloca no chão e confesso que, de toda a casa, esse cômodo em especial ficou maravilhoso. A cama branca no canto, ornamentada com verde e vermelho, a encanta e quando Camille vê a parede ao fundo coberta pela pintura do pântano do Shrek, com ele e toda sua família de ogrinhos, ela solta um gritinho eufórico. Perto da pintura ao fundo, tem também uma mesinha com papel de desenho, lápis de cor e tudo o que ela precisará para fazer os desenhos que tanto ama. Acho que pensamos em tudo.

Ficamos esperando a reação dela, que anda a passos incertos até a mesinha. Camille passeia a mão pelo papel e os lápis que arrumei ontem à noite e, quando volta a nos olhar, a menininha tem os lábios e o queixo tremendo e os olhos cheios de água. Meu coração se aperta e é Pedro quem a alcança primeiro, se agachando à sua frente.

— Ei, princesa, o que foi?

Minha menininha engole em seco, passando as costas das mãos nos olhos agora vermelhos.

— É que tá tão bonito, tio — choraminga e se joga em cima dele, agarrando-o pelo pescoço e sendo abraçada.

Camille chora quieta e só sei que está chorando, pois o corpinho dela tremula. Acho que nem eu, nem Pedro, esperávamos essa reação e ficamos meio sem saber o que fazer. Ele me olha e a emoção é visível em sua face, meu coração transborda amor. Me aproximo e ele se senta na cama de solteiro, colocando-a sentada em suas pernas, tendo-me agora ao seu lado.

— Ei, o que acha de você e Pedro irem ver os cavalos para aquela aula de montaria, enquanto eu preparo um lanche bem gostoso pra gente? Prometo fazer algo muito, mas muito gostoso! — Tento, pois quero vê-la sorrir, mesmo sabendo que o choro é de emoção, já que nunca teve nada parecido

com isso, e algo assim me doí.

Camille se afasta do pescoço de Pedro ao ouvir a palavra cavalos e limpa o rosto.

— Agora?

— Agora, essa será nossa primeira missão de hoje, como prometi. — Ele está animado. — Vamos lá que esse é o melhor horário pra andar a cavalo. — Recebo seu beijo e ele se levanta, colocando-a em seu pescoço. — Não vem, amor? — pergunta, antes de sair pela porta.

Pode parecer bobagem, mas, cada vez que ouço sua boca me chamar de amor, meu coração falha uma batida.

— Não, vou ver com Mag o que podemos fazer para um bom lanche, tenho planos para nós essa tarde. — Ele me olha, interrogativo, mas não pergunta e logo sai pela porta, enquanto Camille acena contente para mim.

Fico sozinha no quarto, sentindo as pernas bambas e volto a me sentar, tentando me acalmar. Respiro fundo e um bolo se forma em minha garganta, em um choro de contentamento. Tento segurar, mas ele irrompe em meu peito e um soluço alto me atravessa. Trago minhas mãos, tampando meu rosto, e me deixo chorar, de alegria, de recomeço e realização. Por conseguir levantar depois de achar que não teria salvação, depois de cogitar me matar por achar que eu não era suficiente em meu casamento fadado ao fracasso, por ter perdido o amor próprio que tanto prezei um dia.

Me deixo chorar, pois jamais esperei algo assim, jamais sonhei em ter de novo a tal esperança de ter um filho, uma filha... um amor. A possibilidade de gerar uma criança eu não tenho, mas Pedro me deu a esperança de criar laços maternos com Camille, de amar como mãe de novo, mesmo tendo começado de forma errada. No fim, Deus escreve mesmo certo por linhas tortas.

Suspiro, limpando as lágrimas e ouço a porta se abrir, a silhueta de Mag preenchendo o espaço.

— O que aconteceu, cabelo de fogo? A menininha não veio? — fala, aproximando-se. — Fui buscar um fermento lá em casa e, quando vi, o carro já estava parado aí, vocês chegaram rápido. A menina não veio, é por isso que tá chorando?

— Ela veio — falo, entre soluços. — Ah, Mag... — E não consigo falar.

Mag se senta ao meu lado e coloca o braço sobre meus ombros, tentando me consolar, sem ao menos saber do que se trata.

— Eu sei, menina. Eu sei...

— Ela é tão perfeita — falo e fico alguns minutos tentando retomar o controle.

— E onde eles estão?

— Nos estábulos. Ela estava louca pra ver os cavalos.

— E ele doido pra mostrar, aposto.

Sorrio, isso é verdade.

— É, isso também. — Mag gargalha ao meu lado e eu a acompanho, mesmo que lágrimas ainda escorram.

— Ele tava nervoso ontem, o que é difícil de acontecer. Passou o dia carregando sacas de mineral mais os meninos, não conseguia ficar parado de tão ansioso. — Encosto a cabeça em seu ombro enquanto a ouço.

— Não foi diferente comigo, não consegui nem dormir à noite, mesmo ele estando ao meu lado. Parecia um sonho, não sei explicar.

— A garotinha traz gosto de renovação pra ele, sabe, menina? Acho que pra você também, não é?

— Traz, ela me traz esperança, Mag. — Fico alguns instantes em silêncio. — Ele ficou mesmo mal, não foi? Após a morte de titia?

E cá está a culpa, a de não poder estar aqui quando aconteceu, a de fugir de mim mesma, escondendo coisas que me arrebatam por dentro.

— Ele não falava muito. Tem mania de guardar tudo pra ele, ajudar todo mundo e se esquecer dele mesmo. Pedro é assim, mas eu via, sabe? E tinha os pesadelos, a menina Sofia nunca deixou a cabeça dele.

Engulo em seco. Ele ainda os tem, não com frequência, mas ainda estão lá.

— Mas agora é diferente, agora ele tem você e a menina. E está feliz e eu estou feliz por vocês. Já não era sem tempo, não era nem pra terem

demorado tanto — fala, com um ar reprovador, apesar do sorriso, e eu chego a suspirar.

— Ele será um pai maravilhoso, Mag.

A percepção de que Pedro será perfeito como pai me traz um gosto amargo na boca.

— Vai, ele vai, sim. Fará pela menina o que o pai não fez por ele e você, minha cabelinho de fogo, vai ser a melhor mãe do mundo.

Sorrio, pois é exatamente isso que quero ser para ela. Quando visualizo meu futuro, não o faço mais sem tê-los comigo.

— Chega de choro não é? Hoje é dia de sorrir! — Concordo com um aceno. — Vem, bora lá pra cozinha. Tô fazendo bolo de chocolate com doce de leite, o que *cê* ama, será que a menina gosta?

— Ah, tenho certeza de que sim. Ela é uma formiguinha. Mas sabe o que pensei? Em um piquenique.

— Piquenique? — pergunta, surpresa, fazendo as ruguinhas ao lado dos olhos ficarem à mostra.

— Isso, na cachoeira, me ajuda a preparar tudo?

— Que pergunta boba, menina. Claro que ajudo e tenho até uma toalha quadriculada em algum lugar!

— Perfeito! Vai ser uma tarde maravilhosa em família, Mag.

Família... e o gosto de tal palavra se torna tão doce em meus lábios.



Há momentos na vida que chegam a ser inacreditáveis, momentos que devem ser aproveitados ao máximo, pois eles não voltam.

Ainda estou em estado de levitação, talvez por duvidar que Camille esteja mesmo aqui, conosco, enfim. Sentado com Alice entre minhas pernas sobre a manta xadrez improvisada, observamos juntos a menina despercebida, vestida em um maiozinho azul cheio de peixinhos, a tentar pegar algumas piabas com uma cuia à beira da água.

Já estamos observando-a há algum tempo, enquanto ouvimos o barulho reconfortante da queda d'água, depois de gastar bastante energia nadando, ou melhor, ensinando Camille a nadar. E estamos tentando aproveitar o máximo de tempo que temos com ela, cada segundo.

E não haveria lugar melhor para desfrutar o momento, senão aqui. Esse lugar traz boas lembranças a nós dois, acredito. Era nosso programa de fim de semana, antes Alice sempre vinha aos sábados para andar a cavalo e, depois da cavalgada, sempre terminávamos aqui, juntos, tomando banho e jogando conversa fora. Foi exatamente aqui que ela me pegou de surpresa, quando disse que estava apaixonada por mim.

Eu ri, ela era bem jovem, eu, homem feito e a ficha não tinha caído de que a diaba de cabelo de fogo entraria em minha alma. Eu a fiz acreditar que era só uma paixonite juvenil, que logo passaria quando ela comesse a namorar os meninos na escola. Naquela época, eu não entendi por que meu

coração apertou ao lhe dizer aquilo, hoje entendo e entendo bem.

— Ela é perfeita, não é? — Alice chega a suspirar ao falar e beijo seus cabelos molhados.

— Sim, ela é...

— Ela parece com alguém que você conhece? Às vezes ela me lembra alguém.

— Sofia, ela me lembra Sofia. Mas isso deve ser porque sempre ligo crianças a ela, é incontrollável. Mas ela era assim em aparência, cabelos negros, grossos, meio gordinha, de bochechas rosadas, só os olhos são diferentes.

— Senti culpa, não é?

— Sinto, eu sinto. Eu sei que era um menino, que não tinha responsabilidade ainda. Sei que minha mãe falhou, não que ela também tivesse culpa, isso não, ela tinha que trabalhar pra nos dar o que comer e aquele era o único jeito de fazer aquilo. Mas, ainda assim, falta um pedaço de mim — falo e ouço-a suspirar.

— Sinto muito, meu amor. E torço todos os dias pra que tenhamos notícias dela.

— Eu também... apesar de que hoje, dependendo de como ela esteja, eu não sei se iria querer entrar na vida dela. — E, ao dizer isso, Alice me olha depressa.

— Como não?

— Ela pode estar bem, Boneca. Pode não precisar mais de mim, de uma pessoa que traga memórias de um passado que talvez ela não queira. Ela pode estar bem e eu não quero atrapalhar isso.

— É loucura o que está dizendo, Pedro. Loucura. Procura por ela há vinte e três anos e olha o que está falando.

— O que quero é que ela esteja bem, só isso me basta, Boneca. Não quero encontrá-la para bagunçar sua vida. — Vejo minha mulher negar, inconformada, e beijo novamente seus cabelos, tentando mudar de assunto. — Mas o que importa agora é que, pelo visto, logo teremos a guarda provisória de Camille.

— É, estamos sendo agraciados, Pedro. E, quando ganharmos a guarda, o que vamos fazer? Com quem ela vai ficar quando formos trabalhar, por exemplo? Se bem que posso sempre levá-la comigo para o estúdio e, quando não der, temos Mag, minha mãe, até Silvy, já que é ela quem cuida de Cathe. Quem sabe, às vezes, ela pode nos quebrar um galho. Não sei, mas essa é uma das minhas preocupações. Não quero que ela chegue e pense que, com nossas ocupações, não lhe damos atenção.

Concordo, pensando que já está mais do que na hora de externar para Alice os meus planos, já que ela está ligada diretamente a eles. Nesse momento, Camille nos olha e sorri, de orelha a orelha, perfeita...

— Mas, sabe, estava pensando e tomei uma decisão, Alice. — Ela me olha. — Vou deixar o hospital.

Alice se desencosta de mim e me encara de frente, séria, apreensiva e em dúvida, a boca aberta em O.

— Por quê? Você ama o que faz.

— Amo, mas tenho certeza de que irei amar muito mais minha família, já amo, na verdade, vocês estão no topo da minha vida, Alice. Estou cheio de trabalho, não paro em casa, você sabe. Quando não estou no hospital, estou aqui no haras, sempre resolvendo alguma coisa, sempre com preocupações demais. Venho me desdobrando entre o hospital e o haras faz tempo e até gosto disso, serviu pra ocupar minha cabeça. Antes eu não me importava, achava até bom, uma forma de usar bem o meu tempo. Agora tenho você e teremos Camille, a quem quero dedicar meu tempo, coração e mente. Tenho que escolher entre os dois e não conseguiria me desfazer desse lugar, amo cada pedaço de terra daqui, amo o que representa pra mim, as memórias. Sou apaixonado por isso aqui, minha mente pode estar no hospital, mas meu coração... está enraizado aqui. Nessas terras, estão minha vida, as lembranças de minha mãe e paê. Preciso daqui e de vocês...

— Mas e... — tenta articular algo, sem sucesso.

— Não tem *mas*, amor. E logo, logo, teremos mais umas três crianças a correr por aqui, preciso de tempo pra administrar tudo com você, pois você tem uma carreira a fazer, uma carreira linda. — Beijo seu nariz e a faço rir. Tenho tanto orgulho dela.

— Crianças?

— Muitas mais... no mínimo mais três... quatro, cinco filhos. O que acha?

— Cinco filhos?

— Ou mais... — Sorrio e vejo a surpresa ir virando um sorriso em seus lábios. — Camille vai precisar de irmãos, Boneca.

— Você é maravilhoso, sabia?

— Tem que se decidir, mulher, às vezes não presto, outras sou maravilhoso, assim me confunde — brinco, fazendo-lhe cócegas, e a vejo gargalhar.

— Viu só? Eu tenho sorte, tenho tudo em um só.

Ela me beija. E, se existe um lugar melhor que seu abraço, nesse momento eu desconheço.



— E então, está bom?

— Pra lá de bom, tia, tá gostoso.

Sorrio, olhando Camille, que tem os lados da boca e as mãos sujas de molho do cachorro quente que escorre de seu pão. Lanche que Alice acabou de preparar, as duas se deliciando com a comida, Camille devora como se fosse a melhor coisa que já comeu na vida, chegando a gemer.

— E você, meu peão. Não vai comer? — pergunta-me e então noto que, apesar de ter um belo e grande cachorro quente em um prato à minha frente, ainda não toquei nele, perdido em Camille e Alice enquanto comiam. Uma visão gostosa de se apreciar.

— Claro, preciso provar e ver se está mesmo bom.

Brinco, fazendo piada de suas habilidades na cozinha e ganho um tapa carinhoso no ombro e seu sorriso. Não me dando por satisfeito, venço a

pouca distância entre nós, que estamos sentados no banco de madeira na área, e beijo sua boca, mesmo que reclame por estar suja de molho. Ouvimos um risinho baixo, brincalhão, da menina que nos olha, contente, olhos brilhando, toda lambuzada.

— Acho que a senhorita vai ter que tomar outro banho — Alice interpõe, vermelha por eu tê-la beijado na frente de Camille e vejo a menina fazer um bico, olhando para a blusinha que veste.

— Acho que sim... se a madre tivesse aqui, ia dizer que sou um bichinho descuidado.

Ao ouvir isso, Alice não fica à vontade, remexendo-se e olhando a menina com amor.

— Não é descuido, Mille, acontece. Molho de cachorro quente sempre sai pelas beiradas, hambúrguer também.

— Hum... podemos comer um hambúrguer um dia? — ela pergunta de forma rápida e, ao se dar conta do pedido, fica vermelha. — Desculpa.

Antes que eu possa dizer a ela que não precisa se desculpar, Alice parte com uma galinha a defender seus pintinhos.

— Ei, mocinha, não precisa pedir desculpas, pode nos pedir qualquer coisa, princesa, ouviu? E é claro que vamos comer hambúrguer, muitos, quantos você quiser, no próximo final de semana! — sentencia e só consigo sentir orgulho.

— Sério mesmo?

— Muito sério, amo hambúrguer. — E ela não mente, Alice ama mesmo.

Abaixo minha cabeça e me ponho a comer, enquanto vejo as duas quase terminando, Alice vez ou outra olhando a menina de forma apaixonada, sentada à nossa frente, quase com reverência, de forma materna, de fato, e Camille está atenta a tudo que ela diz, em especial quando ensina a comer cachorro quente de uma forma que a salsicha não saia pulando pelos lados do pão. Eu, por outro lado, sei apenas admirar esse momento, as duas mulheres da minha vida.

— Termina de comer, amor, vou dar banho nela enquanto isso, se

importa?

Me dou conta de que fala comigo e apenas confirmo.

— Tudo bem, logo entro.

As duas se vão, enquanto as acompanho com o olhar, ficando aqui na área, ouvindo apenas os grilos cantarem, alguns cachorros latirem ao longe, junto ao relincho de alguns animais. E me dou conta de que poucas vezes me senti como estou agora, com um tipo de sentimento que enche meu peito por completo, que me remete a estar, por fim, montado, como se não quisesse ou precisasse de mais nada nessa vida. É exatamente assim que me sinto, completo.

Fico mais um tempo contemplando a escuridão, o silêncio, meus pensamentos e felicidade, me levanto, levando os pratos para a pia, lavando minhas mãos e entrando dentro da casa, que agora também tem uma nova cara, com um toque todo especial só de Alice. O cheiro é a melhor parte, agora tem cheiro de lar, um lar feliz, sem mais sombras e solidão.

Logo Camille estará conosco de forma definitiva e espero que rápido. Por falar em rapidez, Gabriel, o advogado, explanou hoje seu estranhamento com a rapidez com que o processo andou. Foi um tanto atípico, segundo ele e sua experiência. O que me dá certa certeza de que Arthur tem algo a ver com isso e, se sim, eu tenho muito a agradecê-lo.

Ouçó uma risada e me aproximo da porta entreaberta do quarto de Camille, vendo-a rir, enquanto Alice puxa a coberta pelo seu corpo, embrulhando-a. Sorrio, vendo a menina olhar para sua nova mãe de forma apaixonada, tocando com carinho sua face delicada, como se ela fosse um sonho.

— Está quentinha?

— Estou sim, tia.

Alice se senta ao lado da cama, deixa um beijo em sua bochecha e então sua voz sai mais suave ao começar:

Era uma vez... em um reino tão, tão distante...

Camille sorri, ajeitando-se na cama, e meu coração bate forte, imaginando as vezes em que pensei que tinha perdido a chance de ter isso,

uma família com ela apenas por covardia minha, fico parado, contemplando o momento das duas.

Minutos se passam até que ela se levanta devagar, deixando uma Camille ressonando baixinho e vindo em direção à porta, arregalando os olhos quando me vê no batente.

— Ah, você está aí.

— Estou, estava te admirando em silêncio, vocês duas, na verdade.

Ela joga uma mecha do cabelo vermelho para trás e se aproxima, um riso frouxo nos lábios e não perco tempo. Enlaço sua cintura e a trago para mim, beijando seus lábios macios e convidativos.

— Obrigado. — Pegó-a desprevenida ao dizer isso.

— Ué, mas pelo quê?

— Por estar aqui, comigo, por fazer parte da nossa vida, por me dar a sensação de não querer mais nada no mundo. Estou feliz, Alice. Estou muito feliz e há muito tempo eu não me sentia assim. Foi você que trouxe essa cor, essa alegria pra mim, você e Camille!

Engulo em seco e vejo-a piscar, tentando não chorar.

— Eu te amo, minha boneca e passarei o resto dos meus dias te fazendo feliz.

E não deixo que fale, beijo seus lábios com paixão e fervor, colando seu corpo ao meu. Eu amo essa mulher e passarei o resto dos meus dias apagando cada maldita memória que ela tenha do passado, limpando todo e qualquer resquício do que a machucou, sanando todas as feridas e cicatrizes, essa será minha missão de vida, enquanto apenas sua presença me faz o homem mais feliz desse mundo.



A felicidade pode ser alcançada tão fácil e pode ir embora na mesma velocidade.

— Boneca? Acorda... — Ouço, sinto beijos em minha nuca e só consigo gemer chorosa com seu carinho, enquanto ele vai descendo o lençol devagarinho por meu corpo.

— Tá cedo, ainda.

— Não tá não, vamos, ou vai se atrasar. — Abro os olhos e o encontro de banho tomado. Perfeito. Chego a suspirar ante a imagem do homem vestindo uma calça de lavagem clara e camisa social branca e sei que vai para o hospital. — Não me olhe assim ou terei de voltar pra cama, Boneca.

Sorrio e me sento, deixando o lençol cair do meu corpo para provocá-lo, e sinto seus olhos em mim, não consigo deixar de rir.

— Sua tentação... — fala e finge que vem ao meu encontro. Sorrio alto e corro para o banheiro, fechando a porta em seguida.

— Você disse que estávamos atrasados.

— E estamos, só por isso terá descanso, te espero na cozinha.

Ouço seus passos enquanto se afasta e suspiro de felicidade, contentamento. Ainda sentindo minhas partes íntimas arderem. Ontem foi uma noite e tanto.

Ontem, após um fim de semana agitado, com direito a brincadeiras e risadas com Camille, nossa rotina voltou ao normal. Nós a deixamos no orfanato ontem pela manhã e nem preciso dizer o quanto meu coração ficou

apertado e penoso com isso, senti vontade de pegá-la em meus braços e correr de volta para casa com ela, sem querer deixá-la ir e tive que sair de lá com lágrimas nos olhos.

Com Pedro não foi diferente, ele voltou mais quieto, sem muito a dizer e esperamos, os dois, que isso logo tenha fim e que seja deferida a guarda provisória o mais rápido possível.

E depois de um belo dia de trabalho, tivemos mais uma noite quente. Após ele me fazer gozar com sua língua implacável, Pedro me possuiu mais uma vez e me deixou quase desfalecida após outro e outro orgasmo. E em breve quero experimentar como é tê-lo lá atrás. Estou até mesmo tento ideias de como vou usar aquele vibrador.

Saio do quarto, pegando no guarda-roupa um vestido longo, estampado e de pano leve. Me arrumo, calço as sandálias baixas e vou para a sala. Encontro meu noivo sentado próximo ao balcão, olhando um vídeo no celular com uma xícara de café nas mãos.

— O que tá olhando aí com tanto interesse? Mulher pelada? — brinco e ele sorri, largo, deixando o celular de lado e se virando, enlaçando minha cintura.

— Não, a mulher que me interessa nua tá aqui entre meus braços. — Eu não quero, mas um suspiro apaixonado me escapa mais uma vez. — Era um vídeo da veterinária do haras, uma mangalarga pariu essa noite. O potrinho nasceu saudável, apesar de complicações.

— Maravilha, que bom então. Já fez o café?

— Ah sim, sim, vem, senta e tome comigo antes de sairmos.

Me sento, me servindo com o líquido quente, e depois de beber com a mão de Pedro me apalpando, saímos de casa e ele me deixa no estúdio antes de ir para o hospital.

— Depois de sair do hospital vou dar um pulo no haras, quer ir comigo? Podemos passar a noite lá e voltar amanhã — fala e passa o polegar ao lado do meu rosto em um carinho gentil.

— Melhor não, tenho muitos detalhes pra resolver hoje e amanhã tenho que estar no estúdio logo cedo. Você pode ir e voltar pra cá, o que acha? — Ele acena.

— Claro que sim, não durmo mais sem seu cheiro. Vou demorar um pouquinho, mas tento voltar pra gente jantar junto. O que acha? Pode ser uma de suas pizzas doces...

Sorrio, ele odeia pizza doce.

— Hum... uma boa promessa... podemos usar de sobremesa.

Ele retribui meu sorriso, entendendo a indireta.

— Trarei doce de leite da fazenda, já tenho planos de como e onde usá-lo.

Seguro seu rosto entre as mãos e beijo sua boca, sorrindo antes de abrir a porta do carro.

— Tchau, amor. Te espero para o jantar. — Não deixo de piscar antes de descer do carro.

— Tchau, Boneca...

Bato a porta do carro e, ainda rindo, tiro a chave do estúdio da bolsa e abro a porta, entrando em seguida.

— Olha pra ela, alguém aqui está feliz... — Tati comenta assim que dou dois passos para dentro do lugar, o sorriso ainda estampado em meu rosto.

— Ah, Tati... é o amor... — Sorrio feito criança e ela gargalha do que digo.

— Uau... o bonitão enchendo seus olhos de alegria.

E é verdade. Em tão pouco, consegui construir com Pedro a relação dos sonhos e hoje, em especial, pareço flutuar nas nuvens. Chega a ser estranho e inacreditável, pois, se me falassem meses atrás que algo assim iria acontecer, que eu poderia confiar tanto em alguém novamente, amar, ainda mais sendo Pedro esse homem, eu jamais acreditaria. Não com ele.

Eu o pintei de forma errada, confesso, e me precipitei anos atrás, em tudo. Talvez tenha deixado a impressão de anos e a mágoa tomarem conta do que eu conhecia dele e acreditei no que quis acreditar, no que achei ver, apesar de nunca ter tocado nesse assunto com ele, não de forma direta. Fui extremamente idiota e até mesmo infantil e me arrependo disso. Me arrependo mais do que poderia narrar, tentando não deixar que a culpa me

vença, pois não sei se me perdoaria e tento viver apenas o agora.

— Parabéns, chefinha. Fisgou o coração do homem de vez. Uau...

Gargalho, feliz. Uma felicidade que não sinto há muito tempo. Estou, de fato, rindo para as paredes.

— E não largo mais! — falo e me aproximo dela por trás do balcão. — Vou estar aqui dentro, qualquer coisa me chama.

— Pode deixar, chefa.

Pego algumas planilhas e entro na portinha atrás do balcão, no minúsculo escritório que separei para mim. Organizo tudo, principalmente as contas e gastos e também a contratação dos novos professores. Não achei que conseguiria um bom fluxo de alunos tão cedo e, ao invés de um, acabei contratando dois professores. Volto a olhar as planilhas e acabo me perdendo no tempo...



Depois de um almoço rápido, já passando do horário costumeiro, volto ao estúdio encontrando Tati ainda aqui.

— Ué, ainda aqui? Agora vai lá, menina. Se não for agora, vai se atrasar pra sua consulta. Já cheguei e tomo conta de tudo, falta pouco agora — digo a ela assim que volto do almoço.

— Então já vou indo e obrigada por me liberar!

— Pode ir tranquila — falo e ela me joga um beijo no ar, saindo em seguida.

Sábado é o grande dia, a inauguração! Meu coração chega a bater mais forte com a constatação de que falta tão pouco. Guardo as fichas prontas no balcão, ouço a porta se abrir e penso ser Tati novamente.

— Esqueceu o que dessa vez, Tati? — falo, ainda de cabeça baixa, e um perfume forte invade o ambiente.

Meu corpo paralisa, meus pelos se arrepiam e, vagarosamente, viro

meu corpo na direção oposta, vendo-o vestido em um de seus inúmeros ternos italianos, bem ajustado ao corpo, elegante, parado à minha frente. Renato me observa com um semblante carregado de algo que conheço bem: raiva. Meu coração falha uma batida e minhas mãos seguram a bancada às minhas costas, pois não tenho segurança em minhas pernas. O medo passa a correr em minhas veias.

— Olá, querida esposa.

Sou incapaz de formular uma resposta, nem que seja para dizer que não sou mais sua esposa, e ele fica ali parado, me olhando, estudando, sério, uma mão no bolso e outra rente ao corpo.

— Como vai, Alice? Algum problema? Parece que viu um fantasma.

— O que... — Engulo em seco. — O que está fazendo aqui, Renato? Como entrou?

— Isso é o de menos, não acha. Ficaria surpresa em como é fácil falsificar chaves.

— Saia daqui! Quem pensa que é? — esbravejo, apontando a porta atrás dele, achando minha voz.

— Ora, não seja patética, tive que vir fazer uma visita, já que não me atende, muito menos aceita os presentes que mando com tanto carinho. Sabe os rubis? Eu mesmo os escolhi e imagina a minha mágoa ao receber tudo de volta? Uma decepção, Alice. Eu esperava mais, tantos anos juntos... — A ironia está presente em sua voz, como sempre.

Meu estômago embrulha, voltando tempos atrás em situações tão parecidas com essa. O medo chega a arrepiar os pelos de minha coluna, enquanto o observo olhar cada detalhe do lugar, bloqueando a única saída.

— Não seja ridículo e ponha-se daqui para fora, seu maluco. — Tento manter um tom corajoso, mostrar que não me abalou em nada sua presença, mesmo estando trêmula.

Renato em nada se retrai e sorri de lado, se tornando assustador.

— O que temos aqui? Essa coragem toda saiu de onde? — E ele se aproxima. À medida que ele chega mais perto, vou me encostando na bancada, encurralada e quase me fundindo ao móvel. — O que acha que está

fazendo, Alice? — pergunta, entredentes, sua feição traindo seu pequeno sorriso.

— Se afaste de mim, seu miserável, ou chamo a polícia.

— Não sei... Pelo que vejo estamos sozinhos aqui. Chamaria a polícia em que ocasião? Acha que pode me alcançar com uma ameaça como essa? Quer me desafiar, é isso? — Sua mão procura minha face à medida que fala enquanto tento me soltar. — Adoro um desafio e podemos matar a saudade... isso depois que você me explicar o que anda fazendo para cima e para baixo com aquele filho da puta que chama de primo. Se bem que tenho uma ideia.

Levanto a mão e bato em seu braço, afastando-o de mim, tentando empurrá-lo e sair da posição acuada em que ele me colocou. Esse homem não toca mais em mim!

— Saia de perto de mim, seu infeliz. Acha o quê? Que depois de tudo pode vir aqui me acuar, pedindo explicações? Não temos mais nada e está na hora de aceitar isso, de me deixar em paz.

E consigo sair de seu agarre, mas não deixo de estar encurralada pela parede ao lado, olhando para a porta, cogitando correr até ela.

Por mais que eu esbraveje, ele não se afasta ou faz menção de ir embora, mantendo os olhos presos em mim, em um lugar em específico: minha mão, espalmada em meu peito. A aliança. E ele avança sobre mim, me segurando pelo pescoço e me empurrando contra a parede mais próxima, fazendo com que eu me choque contra ela e arqueje com o impacto, repelindo-o e tentando me livrar do peso do seu corpo. Sua mão me segura com violência, força, e a outra busca a minha mão esquerda em frenesi, enquanto tento me livrar dele.

— Me solta! — Solto um grito esganiçado, o medo tomando conta de mim, o pavor me cegando.

— Uma aliança? É dele? Enlouqueceu, Alice? — pergunta, rouco, os olhos aumentando de tamanho ao aproximar o rosto do meu. — Achou mesmo que iria se livrar de mim assim? Com a droga de um divórcio? — E segura-me com o peso de seu corpo, ele sendo bem mais alto que eu.

— Socor... — Começo a gritar, mas sua mão deixa meu pescoço e tampa minha boca. Com a outra, ele segura minha mão, forçando o meu

dedo.

Fecho os olhos, querendo gritar, mas só consigo gemer com a dor que ele me causa e me proíbo, me proíbo de demonstrar minha dor a ele. Não, ele não vai mais me dominar, eu sou mais que isso. Minha aliança é arrancada do meu dedo com brutalidade, ferindo-me, e meus olhos embaçam com lágrimas. Vejo o desejo em seus olhos, o sorriso perverso voltando a se delinear em sua boca e tento me controlar.

— Acha que irei deixar isso acontecer? Achou mesmo que estava livre? E eu achando que as informações do que andava fazendo eram falsas. Acreditei no seu amor, que tolce a minha. — Sua mão segura meu braço com força. — Eu não a deixei ir, não de verdade. Eu lhe dei um tempo, um tempo pra ver que não poderia ficar sem mim e eu estava trabalhando pra te ter de volta.

— Você está louco, louco. Socorro!

— Isso, grite, esbraveje, mas você será minha de novo!

— Nunca!

— Ah, meu amor, como eu amo domar essa sua ira, lembra como era bom?

Sinto nojo, a bile subindo à minha boca.

— Eu te odeio, tenho nojo de você, nojo.

— Ah, isso é da boca pra fora. Nós sabemos disso.

— Socorro! Socorro!

Eu o empurro e me debato, Renato segura meu queixo com força, fazendo-me calar, olhando fixo em meus olhos.

— Agora ouça o que vai fazer e ouça bem, ou não pouparei você. Vai se livrar daquele desgraçado que sempre quis o que é meu. Depois, iremos combinar de nos encontrarmos e vamos, juntos, tentar reaver nosso casamento, entendeu? Vamos começar uma vida nova, Alice, do zero, como você sempre quis que fosse. Me entendeu? — pergunta, o aperto em meu queixo crescendo.

— Não.

Ele sorri com o que digo e sua boca toma meus lábios. A ânsia me vem e, numa tentativa desesperada, mordo seu lábio com força e sinto o gosto de seu sangue em minha língua.

Renato urra de dor até que eu o solto e sua resposta não demora a vir. O tapa me faz arquejar, lágrimas pesadas deixando meus olhos, enquanto minha cabeça bate na parede, me fazendo gemer. Sua mão voltando a apertar minha garganta. Abro os olhos, encontrando a íris negra carregada de raiva.

— Nunca mais faça isso, me ouviu? — fala a centímetros do meu rosto, cuspiendo sangue, o lábio superior inchado com meu ataque. — Está vendo? Tá vendo o que me fez fazer? Isso é culpa sua, meu amor. Com esse seu comportamento, você sempre traz o pior de mim. Venho aqui para conversamos, colocar as coisas em pratos limpos, reaver o nosso amor e o que faz? Me recebe assim... Viu só? Tudo seria tão mais fácil se você se rendesse e cedesse de vez em quando.

— Você é um monstro, um louco, lunático, e eu nunca mais, nunca mais, serei sua.

Ele sorri e, como se nada tivesse acontecido, o homem me solta minimamente, abotoa o terno e vai andando em direção à porta.

— Estamos conversados, Alice. Irei te ligar mais tarde, espero que coloque a cabeça no lugar e já tenha resolvido tudo. Até mais, meu amor, e ah, eu quero que você faça isso, mas, se não o fizer, se não se livrar dele, eu o faço por você, de forma definitiva.

Meu corpo todo treme e minhas pernas perdem a força, me deixando ceder até encontrar o chão. Meu rosto e pescoço ardem, minha cabeça lateja e meu dedo carrega um pouco de sangue onde a aliança estava antes, agora começando a inchar. Choro assim que a porta bate, faço o que prometi nunca mais fazer. O gosto do sangue preenchendo minha boca e eu não sei se é meu ou dele.

Levo minhas mãos ao rosto, sentindo-as tremular. Eu jurei, jurei jamais me sentir assim de novo, jamais passar por isso outra vez e aqui estou eu, pequena, humilhada e com o medo a tomar conta de cada parte do meu corpo. O choro irrompe alto e eu perco a noção do tempo e espaço. As lembranças tomando minha mente, a dor me fazendo oscilar e não me refiro à física. Não,

essa não se compara à dor que sinto aqui dentro, em minha alma, pois sei do que ele é capaz.

Me levanto após um tempo, me arrastando pela parede, incapaz de continuar aqui. Quando fico de pé e olho no espelho à frente, um arrepio me toma. Meu pescoço está marcado e em meu rosto tem um vergão avermelhado, inchado. Tremo com minha imagem refletida no espelho, já a vi tantas vezes assim. Pego minha bolsa e saio porta afora, respirando fundo quando ganho a avenida, tenho sorte em encontrar um táxi e, tão rápido quanto ele para, eu entro e me acomodo em seu interior, recebendo o olhar enviesado do motorista.

Algumas lágrimas teimam em cair enquanto tento organizar meus pensamentos, saber como agir e fazer o que eu deveria ter feito há muito, muito, tempo. Ir à polícia. Pois eu não cederei às suas ameaças, nunca mais.

Chego em casa e subo as escadas, fugindo do elevador e da chance de ver alguém. Entro apressada no apartamento, jogando a bolsa no chão e indo quase correndo para o quarto, tendo que me livrar do seu cheiro, do seu toque, do seu gosto, da minha vergonha. Entro sem me ligar em nada e é quando uma silhueta vestindo branco me chama atenção e eu estanco no lugar. O ar chega a me faltar.

Não, Deus, por favor, não.

— Oi, Boneca. Já aqui? — pergunta despercebido e permaneço de costas, meu corpo todo tremendo. — Esqueci a carteira, amor, vim buscá-la, mas já estou indo para o haras.

Sinto-o em minhas costas e o calor de sua mão alcança a minha, me virando. Vejo o sorriso perfeito com covinhas morrer aos poucos, dando lugar à preocupação, surpresa e confusão, deixando-me ainda menor que antes, seus olhos escurecendo, minha humilhação sendo assistida por uma lupa.

— Alice, o que aconteceu? — pergunta, segurando meu rosto e esquadrinhando cada pedaço de mim.

— Pedro... — Minha voz não passa de um sussurro choroso e a resposta não demora a vir.

— Foi ele? — pergunta e temo minha resposta, não por mim, mas por

ele, pelo que possa fazer. — Foi ele, não foi? Aquele desgraçado foi atrás de você? Eu sabia que deveria ter agido antes. — E seu semblante se transforma.

— Pedro, por favor, me escuta. Não faça nada, eu vou à polícia dar queixa, estou indo agora — falo, nervosa, tentando segurá-lo, mas já é tarde demais.

Vejo a veia de seu pescoço saltar e seus olhos faiscarem, arregalados, cheios de fúria, algo que nunca vi nele.

— Ele vai pagar. Eu matarei o filho da puta que tocou em você.

É só isso que deixa sua boca antes de ele se virar e sair a passos largos em direção à porta, me deixando no mesmo lugar. Demoro alguns segundos para sair em disparada atrás dele, mas não o encontro na sala e meu coração salta em meu peito, descompassado. Saio do apartamento e agradeço o elevador em meu andar, mas a coisa não parece andar. E ainda alcanço a garagem a tempo de vê-lo arrancar com o carro, queimando os pneus.

As lágrimas agora descem em abundância novamente e o desespero toma posse de mim...



Ah, a verdade... sempre tão dolorosa e tão necessária.

Não tenho controle algum sobre minhas emoções quando entro na empresa de alto nível, andando a passos rápidos, com sede de sangue na garganta. Aperto o botão da droga do elevador e desisto de esperá-lo, subindo os degraus da escada de dois em dois, recebendo olhares atravessados e ouvindo alguém me chamar. Não paro!

Que vão para o inferno, nada me pararia neste momento, não depois de ver a dor em seus olhos. Nos olhos que tanto amo. Não, isso não vai ficar assim, esse desgraçado vai pagar pelo que fez à minha mulher, de um jeito ou de outro. Não é como se ele ainda pudesse brincar com ela, nunca pôde, mas agora ela tem a mim.

Entro no *hall* do último andar e encontro uma recepção espaçosa, austera e bem iluminada. Uma mulher de estatura baixa se levanta de trás de sua mesa, me olhando com certo desespero, deixando o telefone de lado, provavelmente avisaram a ela que eu estava subindo, e seu desespero aumenta quando não paro à sua frente.

— O senhor não pode entrar assim. Senhor! — grita, e eu não me dou ao trabalho de olhá-la.

Já é tarde, pois, assim que vejo o nome do desgraçado estampado na segunda porta de madeira maciça, abro-a com força, fazendo um barulho

seco. Encontro Renato tranquilamente sentado atrás da mesa de vidro, com o celular na orelha e, quando me vê, apesar de uma leve surpresa, o infeliz sorri de lado, sem parecer se importar.

— Doutor, eu não consegui — a secretaria tenta se explicar e ele a descarta com um aceno de mão.

— E o que temos aqui... — fala e se levanta devagar. Sua calma me tirando do sério de vez.

— Seu desgraçado! — Avanço em sua direção, pegando-o pela camisa e jogando-o contra a parede mais próxima. — Acha que pode voltar a oprimi-la, tocar nela? Tem prazer em bater, machucar, é isso? Espero que tenha prazer em apanhar, seu filho da puta, pois vou te virar do avesso, seu projeto de merda. — A expressão de deboche some do seu rosto por um minuto e é quando dou o primeiro soco.

O barulho de osso socando carne ecoa próximo aos meus ouvidos e vira música para mim. Esperei muito tempo por isso. Um ano, desde que a resgatei daquele apartamento, ensanguentada e humilhada. Solto o homem, que se debate e tenta fugir de mim, deixando-o ir para trás com o impacto, e acerto seu estômago com o joelho, me regozijando quando Renato urra, levando as mãos à barriga e tentando reagir.

— Vamos ver como fica sua pose de durão com a cabeça enfiada no rabo, seu covarde de merda. Fica fácil quando é uma mulher, não fica? Venha bater em um homem.

Vou para cima do infeliz e caímos no chão enquanto soco seu rosto onde acerto, vendo-o se proteger e me acertar alguns socos que mal sinto. A sensação que tenho é única e não paro, não quero parar até ter apenas um monte de carne machucada no chão, um bolo de merda que é o que ele realmente é. Quero matar o desgraçado que quebrou a mulher que amo, que quis reduzi-la a nada.

O sangue escorre de seu rosto, melando minhas mãos e roupa, e é quando me sinto ser guinchado de cima dele.

Dois seguranças me tiram de cima do lixo humano, enquanto me debato para me soltarem, pois ainda foi muito pouco. Renato geme e vira de lado, tossindo e cuspidando sangue, melando o tapete bege da sala. Seu rosto está

irreconhecível.

— Não chegue perto dela de novo, não ouse se aproximar! — esbravejo, ainda tentando me soltar, é quando ele me olha.

O rosto ensanguentado, um olho praticamente fechado e nunca vi algo que me aquecesse mais a alma, o gosto doce enchendo minha boca, sendo de vingança, isso me não agradava, mas sendo ele... ah, é outro nível. Algo dói em meu corpo e eu nem ao menos sei onde é. Renato cospe mais sangue e se senta, levantando-se, torto, apoiando-se em uma poltrona próxima até se colocar de pé.

— Então veio defendê-la? — Cospe mais sangue e pega um lenço dentro do paletó, limpando o líquido que escorre do supercílio. — Então ela não me ouviu... é mesmo de verdade?

— Do que está falando?

— Eu a avisei como seria, ela seria minha!

— Você acha o quê? Que deixaria a mulher que amo sem lutar por ela? Fiz isso uma vez e não acontecerá de novo. Me ouviu? Se acha que se safará dessa vez, está muito enganado. Você vai pagar!

O homem faz o que menos imagino, ele sorri. Alto, mostrando os dentes manchados com seu sangue, uma expressão louca tomando sua face.

— É impressionante como a defende, quanta confiança. Mas me diga, ela já te contou tudo? Você a conhece de verdade ou só acha que conhece? Alice já se abriu?

— É esse o seu plano? Me colocar contra ela?— E quem tem vontade rir sou eu. — Me soltem... — tento, mas o aperto em meus braços não diminui.

— Ah... Quanta sinceridade. Então ela te contou do bebê? — Paraliso com o que ouço e foco em seu rosto. — Ela te contou que escondeu de você que estava grávida? Grávida de um filho teu...

Por instantes, meu mundo para de girar, perde a cor momentaneamente e meu cérebro começa a trabalhar para jogar por terra essa mentira. Alice nunca poderia estar grávida de mim.

— O que pretende inventando isso?

— Inventando? Eu? Ora... então é mais idiota do que pensei. Faça as contas, vamos, é mais inteligente que isso, doutor. Pergunte a ela. Hum, vejamos, ela foi para Londres e meses depois voltou grávida. Quantos meses mesmo? Exatos sete meses, quase oito, o mesmo tempo que passou fora. Mas acho que ela lhe disse que tinha quantos meses? Seis?

Minha cabeça chega a zunir.

— Está vendo? Veio aqui e armou todo esse circo por alguém que mentiu o tempo todo e escondeu um filho de você... não, foi pior, porque o filho seria meu!

— Seu desgraçado de merda!

Avanço e, talvez por não esperarem minha reação, é que consigo me soltar com facilidade e volto a acertar seu rosto, levando-o ao chão, mas não tenho tempo para fazer nenhum outro movimento. Sou imobilizado ao me jogarem contra o chão e puxarem meus ombros para trás, meu rosto colado ao tapete, um joelho em minhas costas.

— *Tirem ele* daqui. Joguem-no na rua — dita, sem parecer se exaltar.

— Não é melhor chamar a polícia, doutor?

— Não, a polícia não — fala, com rapidez. — Já chega.

E sou posto de pé, enquanto tentam me tirar daqui.

— Esteja avisado, não chegue perto dela outra vez ou eu te mato! — esbravejo, sendo quase arrastado para fora.

Meu corpo todo treme com uma tensão descomunal, enquanto minha cabeça parece girar. Mas que merda foi essa? Minha mente começa a trabalhar e não mostro nenhuma resistência ao ser tirado de sua sala.

— Me soltem de uma vez! Eu sei a droga do caminho.

Eles me soltam, mas não me deixam sozinho e descemos juntos no mesmo elevador. Saio da empresa tonto, as palavras rondando minha cabeça, mexendo com minha mente, mesmo que eu tente as anular. Que diabos foi aquilo? Pergunto a mim mesmo mais uma vez quando entro no carro e o coloco em movimento. Não, não. Aquele infeliz quer mexer comigo e conseguiu. Só isso. Não pode ser...

Não tem como ser.

Sete meses... Droga! Ultrapasso o limite de velocidade, querendo chegar logo ao prédio de Alice, fazendo as contas em minha cabeça, puxando datas em minha memória. Não, não, não. Tento colocar os pensamentos em ordem, mas nada parece se encaixar. Mas eu nunca... Inferno! Paro em frente ao prédio e nem mesmo coloco o carro na garagem.

Não vejo ninguém e mal ouço cumprimentos. Subo as escadas e, quando chego à porta do apartamento, abro-a com rispidez. Encontro Alice sentada no sofá, envolta em um roupão branco, os cabelos molhados e soltos, abraçando as próprias pernas, chorando. Quando me vê, ela se levanta e corre para mim, permitindo-se soluçar, e eu a abraço, apertando-a na mesma medida.

— Ai, meu Deus, eu tive tanto medo — fala, chorosa, buscando meu rosto com os olhos, me tocando, querendo saber se o sangue é meu.

— O sangue não é meu — eu a tranquilizo e um suspiro de alívio deixa seus lábios.

— Não faz mais isso comigo, por favor. Não faz... — sussurra, encostando a testa na minha e sinto o pavor em suas palavras.

Seus lábios beijam os meus e, por mais que eu queira ignorar o que ouvi há pouco e ninar minha mulher em meus braços, não consigo. Seguro seus braços com cuidado, olhando seu rosto atormentado, afastando-a apenas para olhá-la, e meu coração parece querer arrebentar meu peito.

— Alice, de quantos meses estava grávida quando sofreu o acidente? — pergunto, vendo-a paralisar, engolir em seco.

Alice dá um passo para trás, esquivando-se de mim, do meu toque. A expressão preocupada se transformando em pavor, seu queixo tremendo mais, a mão tampando sua boca, os olhos verdes arregalados.

— O que... o que ele te disse? — Sua voz não passa de um sussurro medroso e sinto como se meu coração sangrasse com o que vejo em seu rosto.

Mas não é possível.

— Não era dele, era? Não me atentei aos detalhes, mas não poderia ser daquele desgraçado. Sua mãe disse que o bebê morreu com sete meses. E não tinha sete meses que você tinha ido embora, mas você disse que não, que

tinha seis meses. De quem — engasgo — de quem era, Alice? Me diz de quem era.

A mulher leva ambas as mãos à boca, tampando um soluço. E pensamentos do que parecem memórias vêm à minha cabeça, mas eu os nego. Eram sonhos, sonhos que eu vinha tendo nos últimos anos. Sonhos de possuí-la, fazê-la minha e ser o seu primeiro homem, tirando sua virgindade e possuindo-a com deleite. Mas isso eu não fiz, não de verdade, era sonho... tinha que ser.

— Eu não posso... — Ouço-a engasgar.

— Por favor, Alice — suplico, incapaz de deixar o assunto morrer.

— Não nos machuque com isso, Pedro. Não precisamos... É passado, eu já o perdi.

Dou um passo à frente e colo-me a ela, segurando seu rosto pálido em minhas mãos.

— Por que foi embora? Por que foi embora naquela época? — E vejo lágrimas grossas escorrerem de seu rosto.

— Pra te esquecer. — E suas palavras me queimam como brasa. — Porque, depois de uma noite que pra mim foi maravilhosa, no dia seguinte você não lembrou que tinha feito amor comigo, que havia me feito mulher, ou simplesmente fingiu esquecer. Foi na noite do baile e você fez questão de não lembrar, não sentiu nada. Eu fui uma boba, acreditei no que me disse enquanto estava bêbado e te colocava na cama, eu me entreguei naquela noite...

Solto seu rosto, perdendo o ar. O lugar grande demais me sufoca. Tento puxar o fôlego e sinto meu corpo paralisar.

A noite a que se refere foi a noite do seu baile de formatura. Em que bebi demais após vê-la sendo levada por outro rapaz, um de sua idade. Decidi beber para não ir ao local e arrastá-la de lá comigo. Colocar para fora o que eu guardava pela menina que vi crescer. Eu não me lembro de mais nada depois daquela bebedeira, além de ter ido até o tal baile, mesmo bêbado. Só que acordei no dia seguinte com Alice trazendo uma bandeja de café da manhã para o quarto de hóspede de seus pais, com um sorriso perfeito no rosto...

Eu não lembrei... nem sei o que eu disse na ocasião. Meu Deus. Meu Deus, isso só pode ser um pesadelo.

Viro-me de costas sentindo o desespero tomar meu corpo, cada pedaço. Não era sonho, merda, não era sonho, inferno! E bato com a mão fechada na minha cabeça, nas têmporas, tentando controlar o turbilhão de pensamentos, lembranças que vem até mim. Era verdade.

Ouço-a chorar no mesmo momento em que sinto meus olhos molhados, uma lágrima descendo por meu rosto sem minha permissão.

Um filho!

— Era meu... — Não é uma pergunta e me viro, encarando-a. — Não iria me contar, iria?

Alice abre a boca para falar e torna a fechar, demorando a responder:

— Iria, eu iria. Foi assustador quando descobri, fiquei sem chão, estava longe, sem ninguém, magoada, pois, no fundo, achei que você simplesmente quis me esquecer.

— Alice... era eu.

— Eu sei. — Ela chora. — Se coloque em meu lugar, eu pensei tanta coisa, mas, quando voltei para o Brasil, eu ia contar, não queria esconder, voltei decidida a falar com você. Por favor, acredite em mim.

Fico olhando para seu rosto aflito, ainda marcado. Em meu peito, algo se aperta e sinto dor, uma dor que é quase física. E não sei como agir, buscando mais lembranças.

— Eu sei que eu errei, Alice. Eu compreendo isso e parece que meu coração tá se rasgando em meu peito, pareço estar em queda livre. Um arrependimento dos diabos e eu sei que a culpa é minha. Sei que te magoei com o que fiz, mas era um filho. Um filho meu, escondeu um filho de mim. E ia dar pra outro.

— Eu ia contar... — fala, chorosa.

— Quando? — Deixo minha voz sair uma nota mais alta e me odeio quando a vejo se encolher, levar as mãos à frente do rosto, se protegendo de mim, como se eu fosse atacá-la.

Não sei como me sinto, não sei como agir. Alice vai deixando os braços

caírem ao lado do corpo, aos poucos encontrando o meu olhar, que parece mais assustado por seu gesto que o dela. Nego, sem saber o que dizer, me sentindo um merda, tão lixo quanto o pedaço de estrume que deixei há pouco.

A dor que rasga meu peito é dilacerante, incontrollável e eu queria explodir, queria expor essa dor, queria... nada, pois a mulher que chora à minha frente está tão quebrada e tão dolorida quanto eu e não tenho o direito de fazer isso, não tenho o direito de explodir e tornar tudo pior para nós dois.

— Não iria me contar, não se minha mãe não tivesse morrido, se não precisasse voltar. Sei que não e eu entendo, juro que entendo. Não sei como se sentiu depois de se entregar pra mim e no dia seguinte eu não lembrar, mas eu não lembrei porque jamais cogitei que teria coragem de ir até o fim com você, eu já sentia amor, mas não queria admitir, e eu achei que tinha sido um sonho. Errei e jamais tirarei essa culpa de meus ombros. Mas era meu filho — falo baixo, incapaz de voltar a olhá-la. — Um bebê indefeso que não tinha culpa de nada.

— Pedro...

— Mas eu me lembrei e é isso o que está me matando por dentro agora! Talvez por conta da bebida não veio como uma lembrança e me parecia tão distante e impossível, que acreditei ter sonhado. Eram tantos... que achei que fosse mais um, um em que eu te desejava com ardor. — Ela me olha e deixa as lágrimas escorrerem por seu rosto. — Eu já te amava há tempos, mas acreditava que era um erro quase irracional, pois antes a considerava uma pirralha briguenta, uma criança. Mas você foi crescendo e eu passei a pensar em você mais do que deveria, passei a gostar... Deus, eu fui covarde, admito, mas eu a amava e se tivesse... — paro de falar, incapaz de continuar.

Não adianta mais, não adianta apontar, dizer o que deveria ou não dizer!

— Por favor, Pedro, me deixe explicar...

— Era um filho meu, um bebê inocente que não tinha culpa de nada.

— Pedro...

— Eu te amo, Boneca, um amor que não cabe em mim, mas, por ora, eu não sou capaz de digerir isso. Me perdoa, me perdoa por tudo, mas não consigo. Não dá, eu não...

Incapaz de falar, me vejo dando-lhe as costas e saindo pela porta com passos apressados, desordenados, assim como estou por dentro. A confusão não tem tamanho, limites e o sentimento é de impotência...

Deus do céu, o que eu fiz?



Há momentos em que o desespero acaba por nos cegar e nos tirar a direção!

Ainda dou um passo para alcançá-lo e paro, com meus olhos embaçados de lágrimas, meu coração cortado em pedaços no peito. O desespero me consome, o medo me domina e eu não sei o que fazer. Culpa e arrependimento caindo sobre mim, soterrando-me embaixo de toneladas de concreto. Sento no sofá e a dor que vi nos olhos azuis atravessam minha alma.

Ele não vai me perdoar, era um filho...

Deus, porque tudo aconteceu de forma tão errada, tão difícil para nós dois? Grito de dor, desespero, remorso e culpa, uma que não sei precisar.

Era um filho meu, um bebê inocente que não tinha culpa de nada.

E ele estava certo, em um primeiro momento eu não iria mesmo contar, que foi quando descobri. Não depois de passar a noite com ele, de me sentir amada e, no dia seguinte, esquecida. Aquela manhã, após entrar no quarto com uma bandeja de café da manhã e ver em seus olhos que aquela noite não significou nada, que nem ao menos parecia se lembrar, foi doloroso, foi como receber um balde de concreto na cabeça, me trazendo à realidade.

Depois da decepção passada, eu coloquei a cabeça no lugar e ia procurá-lo, dizer o que aconteceu, perguntar a ele se o que tinha dito enquanto amava o meu corpo com tanto cuidado era verdade, iria me declarar

mais uma vez, pois levei em conta a bebedeira.

Cheguei ao haras naquela tarde com o coração aos saltos, nervosa e ao mesmo tempo ansiosa, pois iria dizer o que eu sentia, o que havia acontecido na noite anterior. Só que Pedro não estava sozinho, Helena estava com ele... no quarto. Não estavam em um momento íntimo, ou nada parecido, mas ela estava lá. Foi no mesmo instante em que decidi dar fim àquela obsessão que eu sentia pelo primo bonito e acreditei que ele se lembrava do que tinha acontecido, mas preferiu esquecer, fingir, não era diferente do que fazia com as outras garotas e, após vê-lo com outra, acreditei mesmo nisso.

Eu não sabia que estava grávida e vi na oferta de meu pai de ir estudar em Londres a oportunidade perfeita de estar longe dele, de superar o amor de adolescência. Deixar para trás a noite mágica que me proporcionou. Foi tão perfeito que o fato de ter bebido nem foi levado em consideração por mim.

Eu nunca superei, de fato, mas cheguei a achar que estava conseguindo, eu acreditei nisso. Comecei a estudar, conheci Renato, que pareceu um amigo atencioso em um primeiro momento, o homem dos sonhos e, quando eu me descobri grávida, jovem, em um país distante e sozinha, eu surtei e ele estava lá, Renato.

Eu estava ingressando em uma ótima academia, estava com tudo organizado e planejado e vi tudo ruir. Em um primeiro momento, eu apenas queria colocar a cabeça no lugar, pensar no que fazer, me sentia perdida. Mas, em nenhum momento, eu não quis o meu bebê, eu daria um jeito.

Eu estava carente, perdida e foi fácil para Renato me enredar com suas palavras e com uma promessa de amor vazio. Ele era perfeito, em todos os sentidos, e parecia mesmo me entender.

Ai, Deus!

O bebê já estava com dois meses e abortar nunca foi uma opção. Renato se mostrou um amigo para qualquer momento, aquele que até mesmo me acompanhava nas consultas. Pedro não voltou a me procurar, em nenhum momento, e eu não percebi o quanto Renato diminuía o sentimento que eu dizia sentir por Pedro, o quanto vivia a me dizer que ele me enganou e se aproveitou de mim, que provavelmente não iria querer esse filho.

Deixei o tempo passar para, mais calma e com a cabeça feita, poder

tomar uma decisão e não contar já não era uma opção. Sabia a responsabilidade que eu carregaria, caso escondesse, e não a queria. Caso ele não quisesse a criança, tudo bem. Eu a criaria de toda forma. Mas não tive tempo de contar minha decisão a Renato, na época já estávamos envolvidos e eu iria comunicar minha decisão de voltar, contar para Pedro sobre o bebê e tê-lo aqui no Brasil.

Foi quando minha tia morreu e eu não pensei duas vezes antes de entrar em um avião e vir para perto dele, quando o vi, eu tive certeza de que iria até o fim para destroçar aquela mentira que eu criei, mesmo vendo que Helena estava lá no velório, ao seu lado. Só que Renato veio comigo e depois que disse a ele que não poderia continuar com aquela mentira, que eualaria sobre o bebê, nós sofremos o acidente.

Não lembrei de nada depois. Lembro apenas de quando ainda estávamos em Londres. Desse momento em diante, tudo ficou em branco. Quando acordei, já estava no hospital, não sabia o que tinha acontecido direito e a consciência de ter chegado perto da morte e de que meu bebê tinha morrido me assolou e eu entendi que não tinha mais o que contar. Não tinha mais um bebê para se adequar na minha vida e na de Pedro e aquela dor eu aguentaria sozinha.

A verdade é que ele não se lembrava. E eu acreditei que ele não queria lembrar. Não saberia contar as vezes em que já o vi com mulheres diferentes e acreditei que eu tinha sido mais uma e que a bebida foi só uma desculpa usada para dizer que não se lembrou.

Choro em soluços sofridos, sem poder ter o controle, enquanto as lembranças me atacam, junto da culpa. Fico imóvel, sentindo cada pedaço de mim sofrer com os últimos acontecimentos. É claro que Renato derramaria isso sobre ele, algo assim é o que faria Pedro não querer sequer se aproximar de mim outra vez e ele sabia disso. Não tem volta, eu sei.

— Oi...

Me assusto, pulando em meu lugar, e olho a porta entreaberta, vendo Bruno em pé, encostado na soleira. Meu vizinho, o moreno bonito, me estuda por alguns minutos e eu limpo os meus olhos com rapidez, estrangulando um soluço.

— Oi, Bruno, precisa de alguma coisa?

— Não, eu não, mas você parece que sim. — A voz grossa reverbera no ambiente e faz meus olhos se encherem novamente.

— Ah, não se preocupe, está tudo bem — falo e ele me olha, um pequeno sorriso brotando nos lábios carnudos.

— Vizinhos são um problema às vezes, sabe, ruiva? Por exemplo, eu estava com Cristine e Augusto agora há pouco, vendo-os babar os pequenos. São as coisas mais perfeitas que já vi, se parecem até com Cathe, quando era menorzinha, apesar de ainda terem cara de joelho. — Sorrio entre o choro, sem saber aonde quer chegar e não conseguindo mais me conter. — Mas o mal de ter vizinhos — fala, entrando no apartamento e se sentando no braço do sofá, próximo a mim — é que, quando não fecham a porta, ouvimos tudo que acontece no apartamento ao lado.

— Você ouviu?

— É, tenho bons ouvidos. Acho que é a profissão. — Dá de ombros. — Talvez esteja aqui sozinha porque seu irmão está com Cristine e os filhos e você não quer atrapalhar, estou certo? — Apenas confirmo, levando a mão ao rosto e escondendo-o. Caso Augusto não estivesse em um momento tão único, eu já teria corrido para seu abraço. — Sei como é, sei também que passou por coisas demais, sou um ótimo observador também. E o cara, que saiu daqui como foguete nem chegando a me ver no corredor, vai voltar. O cara te ama, vai esfriar a cabeça e vai voltar.

— Ele não vai. Se você ouviu, sabe o que fiz. Ele é... não, ele nunca vai me perdoar por ter tirado isso dele, nem eu...

— Acho que tá errada... — Eu olho para ele e o vejo coçar o queixo, a barba bem aparada e os olhos escurecidos por algo que não reconheço. — Os ânimos estão quentes, mas logo esfriam.

Eu nego. Vejam só a situação? Um estranho tentando me consolar. Não um estranho, nos conhecemos há bastante tempo, mas não temos intimidade. Somos só... vizinhos.

— Eu não sei o que fazer — falo e Bruno se aproxima, trazendo a mão grande ao meu rosto, levantando-o e olhando-o com atenção.

— Primeiro tem que ir à delegacia, precisa denunciar isso. Homens

assim merecem o pior.

E ele tem razão, respiro fundo, tomando fôlego e buscando forças.

— Pode ir amanhã. Já passou o flagrante. Aconselho a falar com a sua família, eles precisam ir com você, te dar apoio. Se quiser, também posso te acompanhar, ou posso beber direto da fonte e matar o projeto de merda que fez isso com você. — Olho-o, buscando a mentira em sua fala e o que encontro é um semblante fechado, olhos escurecidos e maxilar cerrado! — Homens como o seu ex-marido merecem ter as bolas arrancadas!

Engulo em seco, olhando minhas mãos.

— Não vou aguentar isso calada, nem ceder às ameaças que vem me fazendo. Essa foi a última vez que ele tocou em mim, amanhã logo cedo irei à delegacia da mulher, iria hoje, mas... Eu não tenho condições.

— Só prometa que irá. Irá por você, pelo que já passou. — Concordo, sentindo a última lágrima escorrer por minha face.

— Obrigada, vizinho. — Ele sorri, bonito.

— Não por isso, vizinha. Tem certeza de que não quer chamar alguém?

— Não, eu preciso ficar sozinha, preciso me acalmar e ver o que fazer.

— Tem certeza? Se quiser, lhe faço companhia.

— Muito gentil, obrigada, mas pode ir. Vou ficar bem, só preciso me acalmar.

— Tudo bem. Se precisar, é só gritar.

— Obrigada, Bruno.

Vejo-o se levantar e acenar. Quando alcança a porta, ele para e me olha por cima do ombro.

— Eu não estava brincando, caso mude de ideia... seria um prazer ensiná-lo a como tratar uma mulher!

Fico apenas olhando-o enquanto sai pela porta, me deixando sem palavras. Minutos depois, me levanto, sentindo minhas pernas tremerem e fecho a porta em seguida. Me encosto nela e olho ao redor. Ainda ontem eu estava ansiosa nesse mesmo horário, esperando-o vestida em uma lingerie, mais uma vez Pedro me proporcionou uma noite mágica e hoje tudo mudou.

Vou direto para o quarto e, diferente do que imaginava hoje cedo, sozinha, sendo consumida por remorso. De tudo que aconteceu em minha vida eu fui a única culpada. Fiz escolhas horríveis e joguei fora a segunda chance que tivemos, deixei que o passado estragasse o meu futuro. Foi quase perfeito... e se eu tivesse ficado, se tivesse lutado pelo homem que me amou com tanta paixão naquela noite...

A constatação é descomunal, dói até respirar. Fecho os olhos e sinto a garganta doer, o bolo voltar a se formar e machucar meu coração. Engulo em seco e me agarro ao seu travesseiro, sentindo seu cheiro, deixando as lembranças e a dor fluírem e acabo perdendo a consciência.



Viro-me na cama, sentindo-me dolorida, despertando do sono e piscando os olhos freneticamente, tentando acordar de vez. Sinto-os inchados e as lembranças de ontem à noite me fazem suspirar. Não foi um sonho.

As lágrimas voltam e jogo as pernas para fora da cama, ainda com o roupão de ontem. Obrigo-me a levantar e passo direto para o banheiro. Hoje tenho algo realmente significativo a fazer, uma denúncia, além de tentar a todo custo ter meu Pedro de volta, ou que ao menos me ouça. Ele pode não me perdoar, mas não será porque eu não tentei. Não repetirei o mesmo erro.

Entro embaixo do chuveiro, sentindo certo alívio, e não me demoro no banho. Saio com o roupão enrolado em minha cintura, sentindo gotas de água ainda escorrerem por minhas costas, e olho meu rosto no espelho, vendo o hematoma na face esquerda, junto ao pequeno corte em meu lábio.

Essa foi a última vez.

Prendo o cabelo e saio do quarto. Preciso de café, ele irá me ajudar a acordar. Primeiro, vou buscar Augusto, sua ajuda, depois vou para a delegacia e de lá irei direto ao haras. Pensar nisso faz uma fisgada dolorosa e um frio sobre-humano tomarem conta do meu estômago. Medo de ele nem ao menos me ouvir, mas dane-se.

Ainda de cabeça baixa ao sair do quarto, paraliso, paro no lugar e levanto meus olhos devagar, com medo de estar sendo traída por um delírio. Meus olhos correm por seus pés calçados em meias brancas, subindo por suas pernas, tronco e, por fim, procurando seu rosto. Ele está sentado no sofá, cabeça baixa, cotovelos apoiados nas pernas e meu coração acelera, tamborila no peito com tamanha rapidez que tenho medo que salte do meu corpo.

Sou incapaz de falar.

Pedro levanta a cabeça e me parece tudo em câmera lenta. Em seu rosto, enxergo a confusão que me dominou em todas essas horas, que me jogou no chão. Minhas pernas tremem, seus olhos vermelhos me fitam dos pés à cabeça e param em meu rosto.

— Você voltou — falo, com medo da resposta, e o vejo se levantar e vir até mim.

Tenho medo do que vai responder, que diga que voltou pois quer pôr um ponto final em tudo. Chego a fechar os olhos, com medo de que seja mentira e que ele não esteja mesmo aqui.

— Eu nunca saí — fala, rouco, com emoção pingando em sua voz. — Eu não consegui nem ao menos ligar o carro...



O amor pode superar a dor?

Olho para Alice, que me encara com certa surpresa e espanto, com olhos inchados e vermelhos, o semblante abatido e a marca que o desgraçado deixou ainda está em seu rosto perfeito. Fico a poucos centímetros dela e eu não sei ao certo o que sinto. Desde ontem à noite tenho um misto de sentimentos que me quebram a cada respirar e parecem ter me anestesiado, me deixado aéreo: angústia, medo, culpa. Fiquei perdido como não me sentia há muito tempo. Tudo que já acreditei tomando nova forma, uma dolorosa.

Eu fui pai!

Mesmo que eu não tenha tomado conhecimento disso, eu fui e descobrir algo assim oito anos depois doeu como o inferno e eu não sei a quem culpar.

Passei a noite inteira em claro, pensando, lembrando, tentando entender como tudo aconteceu, buscando memórias do que para mim não passava de um sonho. Eu a tive anos atrás, eu fui o seu primeiro homem, o seu primeiro amor e perder isso por estupidez, por beber e esconder o que eu sentia ao invés de ir atrás dela e gritar meus sentimentos me causou um remorso sem tamanho, já causava antes, mas agora...

Fiquei sem chão... Alice era muito jovem na época e isso era um empecilho ou eu achei que fosse, já que, bêbado, não me importei com o fato.

Desde que as palavras deixaram a boca daquele verme, me sinto sem direção alguma. Saí daqui para não falar sem pensar, não nos ferir mais do que já estamos, principalmente ela, para não perder a cabeça... não adiantou. Por algumas vezes, tentei ligar o carro e buscar um lugar que me trouxesse paz, consolo, mas esse lugar não existe, pois minha paz é ela e uma promessa que fiz dias atrás me impediu de deixá-la sozinha.

— Ah, Pedro! — Sua voz não passa de um sussurro e ela abaixa os olhos, fitando seus pés.

— Eu fiz uma promessa pra você e isso não faz muito tempo, Alice — falo e ela me olha. — Prometi que nada no mundo me separaria de você outra vez.

Vejo-a levar a mão à boca, estrangular um soluço e uma lágrima grossa escorrer por sua face. Com calma, levo meu dedo à sua bochecha e a limpo.

— Virou meu mundo hoje. Levei uma pancada que, por horas, não soube como me levantar, mas estou aqui, por nós dois. Porque te amo e porque o passado é passado, mesmo que ele ainda vá me assombrar nos próximos dias, meses ou anos... é passado e eu quero você, só você.

Eu não aguento mais a distância e a dor que aperta meu peito, a mesma que enxergo em seus olhos bonitos, então a puxo para meus braços, apertando-a contra mim, e chego a fechar os olhos quando sinto seu cheiro tão familiar. Não há paz em outro lugar... essa é a verdade. Minha paz está com ela.

Eu amo essa mulher, amei por toda a vida e, por mais doído que eu esteja, não deixaria isso morrer, não me afastaria agora que a tenho comigo, com uma promessa de um para sempre entre nós, não faria isso por causa de enganos passados, de nós dois. Não viraria as costas para a relação que criamos. Era isso o que o desgraçado filho da puta queria, sabia o quanto me atingiria, o quanto pisaria onde mais me dói e conseguiu, de certa forma, mas não vai me afastar dela. Isso não!

— Me perdoa, por favor, me perdoa... — ela fala entre soluços, a respiração quente em meu pescoço.

— Shi... Isso só se você me perdoar primeiro. Eu já estou aqui. — Seguro seu rosto entre minhas mãos, fazendo-a me olhar. — Nós dois

erramos, erramos muito... eu prefiro não achar culpados, o destino seguiu seu curso, Alice. Mesmo assim, ainda estamos aqui, juntos, e é o que importa, não há o que perdoar, foi uma sucessão de erros que hoje não vem ao caso.

Ela nega.

— Ele poderia ter sido o nosso único filho, não posso te dar outro...

E isso eu sei. Seria mentira se eu dissesse que não pensei nisso nas últimas horas, que não soquei o volante do carro, que não gritei de raiva de mim, dela, do destino. Mas isso não importa mais... ao menos tento me convencer disso, ou enlouquecerei.

— Ainda assim, nós teremos uma filha. Me pediu ontem pra não tentar desenterrar o passado, não me apegar a ele e nos machucar, agora eu digo o mesmo. — Isso é o que tenho repetido em minha cabeça, ainda me odiando por esquecer que a tive em meus braços, que a fiz mulher. — Eu só preciso saber se a fiz feliz ao menos por alguns minutos naquela noite, me diz que te dei o cuidado e carinho que merecia, que a amei com veneração como venho sonhado que foi durante todos esses anos.

Alice sorri entre o choro que não consegue conter e encosta sua testa em meu nariz.

— Foi mágico, Pedro. Foi tudo o que qualquer garota gostaria de sentir, você foi perfeito, por isso jamais esqueci aquela noite, você...

Suspiro e a aconchego em meu peito, sentindo seu perfume, tentando não pensar no que poderia ser diferente, tentando retomar o que tínhamos e seguindo para o lado prático da questão.

— Temos que ir à delegacia, Boneca.

— Eu sei, só ia me arrumar pra ir.

— Vou com você, quando voltarmos, conversaremos melhor. Vou tomar um banho e iremos acabar logo com isso.

— Tudo bem...

Eu a deixo na sala, o coração ainda pesado no peito, o cansaço me consumindo e a certeza de que o que sinto por ela pode apagar qualquer marca do passado e transformar o futuro.



Um dia exaustivo, horas perdidas em uma delegacia e uma doença chamada ódio me corroendo por dentro. Agora tenho a certeza de que foi muito pouco o estrago que fiz naquele filho do capeta, eu deveria tê-lo matado. Um desejo realmente assassino tomou conta de mim desde que ouvi Alice relatar o que Renato fez com ela, anos de abuso. Deixei-a em casa logo depois, para descansar, e vim para o estúdio de balé. Chamei um chaveiro, troquei e reforcei as fechaduras, tentando dar mais segurança ao lugar, a ela.

Depois de pronto, entro na pequena recepção, olhando o ambiente no qual ela foi encurralada, humilhada e agredida. Respiro fundo, ele conseguiu manchar até mesmo esse lugar, o espaço que se tornou o favorito para ela.

Chego próximo ao balcão, algo brilha perto dele e me agacho para pegar o pequeno objeto, descobrindo ser a aliança que lhe dei há poucos dias. Olho o metal em minha mão e chego a fechar os olhos só de imaginar como foi retirado de seu dedo!

Enfio a aliança em meu bolso e saio do estúdio, fechando bem a porta e a grade. Entro no carro e pego o caminho direto para casa, quer dizer, para o apartamento de Alice, que se tornou minha casa também. A verdade é que aquela mulher virou meu lar, não importa onde estejamos, é nela que consigo repousar.

Chego ao prédio ainda cedo e vou direto para nosso andar, ansioso para saber como passou o resto da tarde. Entro no apartamento, pelo silêncio, penso que ela está dormindo, vou para o quarto e a encontro deitada na cama, abraçada ao travesseiro.

— Alice? Tá acordada? — Me sento com calma na beirada da cama, buscando seu rosto, seus olhos, cauteloso.

— Estou, não consegui dormir. — E ao tirar uma mecha de cabelo do rosto, ela se afasta, me dando espaço para que me deite com ela.

— Ficou aqui sozinha? — pergunto, enquanto tiro as botas, deixando no canto do quarto.

— Não, cansei de ficar sozinha remoendo o que aconteceu e fui ver os gêmeos após contar o que aconteceu para Augusto.

Deito ao seu lado, trazendo-a para mim, levando a mão às suas costas em um pequeno carinho.

— Pedi que ele contasse aos nossos pais, não quero mais ter que repetir o que aconteceu. Bruno ligou?

— Não, ainda não.

Alice me contou sobre a conversa com Bruno ontem, que gentilmente se ofereceu pra ir com ela à delegacia. Assim que voltamos de lá, o vimos e logo ele nos disse que poderia sondar como estava o caso, se tinham emitido a intimação e se Renato tinha ido prestar esclarecimentos, mas ainda não tivemos notícias. Minha mulher se aproxima, colocando a cabeça em meu ombro e me abraçando, um pouco de paz parece se apossar de mim com esse simples gesto.

— Estamos bem, não estamos? — pergunta e eu não sei bem qual é a resposta.

— Não estamos... mas ficaremos, nós ficaremos bem. Agora descanse, amor. Durma um pouco. — Beijo sua testa e ela funga, aconchegando-se ao meu lado.

Podemos estar machucados, ter ganhado uma rachadura na relação que construímos, mas isso não quer dizer que não iremos superar. Desde que estejamos juntos, tudo se emenda, é nisso que acredito.

— Eu só preciso que saiba que eu ia te contar. Preciso que acredite em mim — ela começa baixinho e eu não a interrompo. Alice se mantém em silêncio por breves segundos e, após um pesado suspiro, volta a falar: — Descobri a gravidez quando estava com dois meses e só soube nesse período por conta de uma tontura que tive em um longo ensaio, fiquei sem comer direito pela correria daquele dia e quase desmaiei. Fui levada para o hospital, por insistência do instrutor. Eu não imaginava. Eu vinha menstruando todos os meses, o fluxo estava menor, porém não me atentei a isso. Mas já era o nosso bebê. — Ela funga e respira fundo, voltando a falar após alguns segundos. — Eu fui embora para te tirar da cabeça, Pedro, e naqueles primeiros meses eu consegui, era tanta coisa, tanta novidade que eu realmente

consegui afogar a dor que eu senti quando te vi com Helena no dia seguinte ao que transamos.

Eu fecho meus olhos quando ela diz isso, meu coração martelando no peito.

— Eu fui ao haras, ela estava lá, mas isso não vem ao caso. Então fui embora, descobri a gravidez tempos depois e tudo ruiu, meus novos planos foram pelo ralo. Foi desesperador e ao mesmo tempo... algo novo surgiu, era uma vida aqui dentro. Foi um misto de desespero, solidão e... alegria, eu não sei explicar. E, é claro, eu ainda sentia muita mágoa do que aconteceu e acreditei que você tinha, sim, se lembrado e tinha fingido esquecer. Eu te odiei tanto...

A dor que tem em sua voz reflete a que sinto ao ouvir. A emoção tomando cada parte do meu corpo, como se fosse possível.

— Eu não fazia ideia, Boneca — falo, sentido. — Em algum momento... pensou em tirar? — Não consigo não perguntar e ela me olha.

— Não, isso nunca foi uma opção. — Ela sorri, minimamente, parecendo ter uma boa lembrança. — E quando minha barriga começou a crescer, algo novo se abriu, eu o amei tanto. Quando, por fim, decidi que não queria mais esconder, que viria ter o bebê no Brasil e contar sobre ele pra você, sua mãe faleceu e então eu tive que voltar antes do que eu tinha planejado. Mas não tive tempo de contar... me perdoe.

— Ele se aproveitou desse momento, não foi?

— Eu estava carente e sozinha demais... foi tão fácil, fui tão idiota.

Beijo seus cabelos, inspirando seu cheiro, e ficamos calados por alguns instantes.

— Era menino?

— Era...

Solto um longo suspiro e busco sua boca em um beijo inocente, sincero, com um pedido mudo de desculpas. Devo-lhe tanto. Saber anos depois que fui pai de um filho da mulher que amo dói, mas a dor dela... não tem preço.

— Agora descanse. Vamos ficar bem... e não há o que perdoar, nós

dois erramos e tomamos rumos diferentes, decisões ruins. Não há culpa, só mal-entendidos. Eu acredito em você, acredito que contaria. Nos apegarmos ao que poderia ser e não foi em nada isso irá mudar nosso futuro, só nos trará sofrimento. Vamos pensar no presente, na filha que teremos... e só!

— Eu te amo...

Ouçõ de sua boca e um alívio toma parte de mim.

— Eu também, minha boneca. Em nada isso mudou!



Deixei Alice na casa dos seus pais ontem à noite quando vim para o hospital, estou de plantão e não quisemos que ela ficasse sozinha em casa, talvez tia Vera conseguisse a animar. Imergi no trabalho, tentando esquecer o que aconteceu, deixar a dor de lado, mas não obtive tanto sucesso quanto eu gostaria. Ainda é recente. Finalizei minha última cirurgia já próximo ao horário de ir embora, sentindo uma ansiedade descomunal no peito para poder vê-la.

Quero ter certeza de que está mesmo bem, de que Renato não conseguiu entrar em sua mente outra vez. Além do mais, hoje cedo recebi uma ligação de Bruno, a intimação foi emitida, mas não foi entregue ainda. Tentei avisar a ela, mas não consegui, deixei apenas uma mensagem que ela ainda não respondeu.

Quando deixo a ala cirúrgica e troco de roupa, vou direto para a sala de Lauro e, após uma rápida batida, encontro-o sentado atrás da grande mesa de vidro, olhando alguns papéis em uma de suas mãos. O chefe da cirurgia tem um charuto entre os dedos e, quando me vê, faz sinal para que eu entre. Já esperei demais por esta conversa, chegou a hora.

— Boa tarde, quase noite, doutor! — brinco ao entrar.

— Pedro, anda, sente aí. Aceita um charuto?

— Não, obrigado. Não fumo, vim apenas tratar de um assunto com o senhor.

— Sim, há dias venho te enrolando, não é? Pois bem, o que foi, algum problema? — fala, já deixando de lado os documentos.

— Comigo nenhum, mas tenho algo a lhe falar que pode não gostar.

A raposa velha levanta a sobrancelha, sabe que boa coisa não é.

— Estava demorando... esse hospital estava calmo demais esses últimos dias, isso aqui ainda vai me causar uma úlcera.

Sorrio, pois concordo.

— Vim lhe dizer que irei deixar o hospital, Lauro.

As palavras mal deixam minha boca e ele para o charuto a meio caminho da boca, me encarando, os olhos azuis levemente abertos, a surpresa é nítida em seu semblante. O homem se recosta na cadeira e me estuda por alguns instantes, antes de voltar a falar.

— Perdeu o juízo, garoto? Como assim vai deixar o hospital?

— Tenho uma escolha a fazer e optei por aposentar o bisturi. O senhor sabe, se não fosse por minha mãe, a medicina nunca teria sido minha opção.

— Sim, eu sei. Mas se saiu com méritos e honra no que se propôs a fazer, é um dos melhores médicos desse hospital, da cidade, do país. Por que isso agora?

— O hospital significa muito pra mim, Lauro, entenda. Aqui vivi parte da minha vida e tive muitas alegrias. Não me entenda mal. Mas ou é deixar isso aqui ou o haras e abandonar o haras não é uma opção para mim.

— Espera um minuto, Pedro. Por que tem que fazer uma escolha? O que diabos está acontecendo?

— Vejo que os boatos ainda não chegaram aqui. O que acontece é que estou adotando uma criança, Lauro, e irei me casar em breve... quero poder dar o que de melhor há para Camille e Alice, inclusive meu tempo e minha atenção.

Soo firme, estou decidido, e ficamos um tempo calados, Lauro parece ainda ponderar sobre o que acabo de dizer.

— Otávio já sabe disso?

— Não, ainda não, mas entenderá. Estou fazendo o melhor por minha

família, construindo algo que é realmente meu. Amo salvar vidas, consertar pessoas, mas amo Alice e amarei meus filhos.

— E se diminuirmos sua carga aqui?

A raposa velha é esperta e eu rio.

— Já está decidido, Lauro. Em casos emergenciais, estarei aqui, caso precise de mim, fora isso, não.

O homem leva a mão ao queixo, alisando o maxilar e deixa o charuto de lado. Ele sabe que não pode mudar minha decisão.

— Me pegou desprevenido, garoto, confesso. Imaginava você brigando por essa cadeira junto aos outros quando, por fim, eu quisesse me aposentar, era o meu melhor candidato e olha o que me apronta!

Sorrio do que diz, mas dessa corrida nunca fiz parte, nunca me imaginei chefe disso aqui, assim como ele.

— Ainda tem ótimos candidatos...

— Sim, tenho... Mas, sabe, eu te entendo... — E me surpreende quando ele volta a falar. — Na sua idade, se eu tivesse essa sua consciência, essa certeza de que não conseguiria me dividir entre o trabalho e minha família, eu teria feito mais por meus filhos.

— O senhor tem ótimos filhos.

— Eu sei, eu sei... Apesar de tudo, são pessoas maravilhosas, ainda assim eu poderia ter sido mais presente e não apenas cobrar. — Certa tristeza é presente em sua voz. — Bom, se era só isso, estamos conversados. Vou lhe demitir ao invés de aceitar sua demissão. Assim fará o que quiser com o dinheiro, sei que acabará doando.

— Agradeço por isso.

— Agora vá, deixe-me voltar ao trabalho. — Aceno e me levanto, quando chego à porta, sua fala me faz parar e me traz melancolia. — Seu pai estaria orgulhoso do homem que se tornou, Pedro, assim como sua mãe. Você é um bom homem, filho.

Não respondo e saio de sua sala com memórias de meus pais em minha mente. Vontade de ainda que estivessem aqui.

O pai a que se refere é o homem que me criou e que me ensinou o que sei. Ele se foi cedo, mas foi o bastante para ser um grande exemplo para mim. Amo-o como a um pai de sangue e nunca me esquecerei do que fez por mim e minha mãe. Aprendi bem cedo que pai não é o que coloca no mundo, e sim o que dá amor, proteção, atenção, que lhe ensina como o mundo é de verdade. Sangue é apenas um laço e eu nem ao menos me lembro de quem é meu pai.

Deixo o hospital e olho no relógio, é hora de ir buscar Alice. Por alguns instantes, enquanto atravesso o estacionamento, um pensamento me passa pela cabeça, o de ir visitar o túmulo do bebê, do nosso bebê, mas logo abandono essa ideia.

Não, eu ainda não estou pronto. Ainda nem acredito, para ser sincero. Entro no carro e dou partida, indo direto para o estúdio de balé. Estaciono em frente à porta e ligo para Alice, mas dá direto na caixa postal. Desço do carro e, quando puxo a porta de vidro, me dou conta de que está fechada. Toco a pequena campainha e espero, tentando ver através do vidro adesivado, mas não há ninguém.

Mas ela me disse que viria para cá hoje, na verdade, me ligou quando meu tio a deixou aqui. A plaquinha de aberto ainda está na porta e toco a campainha mais algumas vezes, recebendo o silêncio de volta. Ela deve ter esquecido de virar a placa e ido para casa, talvez? Sim, com certeza foi isso, não seria a primeira vez. Volto para caminhonete e vou direto para o nosso apartamento.

Após deixar o carro na garagem, subo para o quarto andar e entro em casa. Encontro o lugar bem arrumado, silencioso e escuro, Alice não está aqui. Vou até o quarto para confirmar isso e também está vazio. Onde ela se meteu?

Augusto, ela deve estar lá.

Volto a sair e vou ao apartamento ao lado. Após bater, não demora muito para o ogro abrir a porta, segurando um bebê em seus braços e não faço ideia se é o menino ou a menina, vestido em um macacão amarelo.

— Um bebê cai muito bem em você, lhe deixa mais dócil — provoco e sorrio ao ver as olheiras arroxeadas embaixo de seus olhos.

— Isso, continua brincando, mas fala baixo, Cristine está dormindo e os pestinhas também estavam, mas Aquiles acabou de acordar e, se ele chorar, a irmã parece ter um sensor e logo abre o berreiro também.

Ah, é o menino.

— Estão dando muita canseira?

— Não dormem muito à noite, Cristine anda exausta, agora são dois sugando-a.

— Logo melhora, já já estão maiores. — Faço um pequeno carinho com o polegar na bochecha macia do menino e Augusto concorda, me dando espaço para que eu entre, mas nego. — Não vou entrar, só chama Alice pra mim, Guto.

— Alice?

— Sim, sua irmã. Alta, cabelo ruivo...

— Ela não está aqui, Mamute. Não a vi, ficou de almoçar conosco, mas não veio. Não foi ao estúdio buscá-la?

— Qual foi a última vez que falou com ela? — pergunto um tanto alto, ignorando sua fala. Um frio passando por minha espinha, uma desconfiança, um medo que não sei de onde saiu e ele percebe, pois seu semblante também se fecha.

— Falei pela manhã, disse que talvez viria almoçar aqui, mas não veio. Tentei ligar, mas...

— Deu caixa postal. Desgraçado!

E dessa vez eu grito, uma certeza tomando conta de mim e trazendo um medo gelado ao meu estômago. Não sei como tenho tanta certeza, mas meus instintos gritam que há algo de muito errado e que o infeliz não desistiu dela.



O que mais dói é a incerteza do amanhã.

— Calma, vamos pôr a cabeça no lugar. — Olho Augusto, incrédulo que seja ele a dizer isso! — Talvez ela esteja com minha mãe, o sinal no sítio às vezes é ruim.

Ao ouvi-lo, confesso que algo se acalma em mim, uma possibilidade. Sinto certo alívio ao cogitar que provavelmente tenha sido isso mesmo, que ela tenha ido almoçar com meus tios e perdido a hora, se esquecido de me avisar e que eu esteja paranoico, imaginando coisas. Ela sempre gosta de conversar e estar com tia Vera quando não fica muito bem e essa deve ser uma dessas vezes, sim, com certeza é isso. Foi assim quando passou por momentos difíceis após a separação, com uma depressão severa após a perda de seu segundo filho.

É isso, ela deve estar lá. Pego o celular com certa pressa no bolso da calça e disco o número de meu tio. Não chama, o que me deixa ainda mais aliviado, assim o dela também pode estar sem sinal, peço a Deus que ela esteja com ele. Ligo para tia Vera em seguida e essa atende no terceiro toque, meu peito aperta ao ouvir sua voz.

— Oi, filho. Lembrou de sua tia? — fala amorosa como sempre é.

— Oi tia... Como a senhora está?

— Bem e vocês?

Vocês? Merda!

— Tia, Alice, ela está aí com a senhora?

— Não, filho. Falei com ela hoje bem cedo, antes de seu tio deixá-la no estúdio. Por que ela estaria aqui?

Meu sangue volta a gelar e chego a fechar os olhos, apertando o celular em minhas mãos. Ontem, aproveitando que ia passar a noite com nossa tia, Alice contou para ela pelo que passou, mas decidimos omitir sobre nós e o fato do seu primeiro bebê ser meu, ao menos por ora.

— Por que, algum problema, Pedro? — pergunta em tom preocupado e decido mentir até saber realmente o que está acontecendo.

— Não, nenhum. Tentei ligar pra ela, deu caixa postal... achei que estivesse aí. Bom, tenho que desligar, tia, depois nos falamos melhor, vou ao estúdio, ela deve estar lá.

— Estarei esperando notícias então, filho!

Desligo e olho para Augusto. Ele pode tentar esconder, mas sua preocupação começa a transparecer.

— Acha que...

— Eu não sei — respondo, já um tanto exasperado. — Ela não tem outro lugar pra ir. Alice sempre avisa quando não preciso ir buscá-la e hoje não, ela não faria isso logo após o que passou ontem, você sabe. Tem algo errado, eu sinto.

Entro no apartamento e me sento no sofá, vendo-o em pé com a criança em seus braços, levo minhas mãos à cabeça, apertando-a. Rezando para que meu celular toque e seja ela dando alguma desculpa para ter sumido assim.

— A polícia já emitiu o mandado, ele não seria idiota de tentar algo... O filho da puta preza pelo que tem, Pedro. Ao menos isso sabemos.

— Ele está louco, Augusto. Fala isso porque não sabe com detalhes o que ele fez... — falo demais e ele me olha.

— O que ele fez? — E sua expressão passa toda a preocupação que minha frase lhe causou.

— Ela não quis contar, mas o infeliz bateu nela, não foi só uma

ameaça, como ela te disse. Você não viu o rosto dela, talvez por isso ela não tenha vindo almoçar com você. Ele a agrediu, quase quebrou o dedo dela arrancando a aliança que trocamos. Ela não quis contar detalhes pra você pra não te preocupar. — Vejo o rosto dele ir tomando um tom avermelhado. — E, como sabe, fomos à polícia.

— Silvy — chama e sai da sala, sumindo pelo corredor.

Quando ele volta, está sozinho e passa direto por mim, fazendo um sinal para que o siga. Não vamos muito longe, apenas ao apartamento em frente, apressados. Augusto bate à porta de Bruno incessantemente e, por sorte, ele não demora muito a abrir.

— Boa noi...

— Precisamos conversar — Augusto o interrompe e Bruno o olha aturdido por alguns instantes, enquanto nós dois não esperamos que nos mande entrar ao passar por ele.

— Podem entrar. Aconteceu alguma coisa? — pergunta, prestativo, provavelmente temendo ser algo com Cristine.

— Alice evaporou. Não está no estúdio, nem na casa de nossos pais, no haras, em casa e não atende o celular.

E, ao ouvir isso, Bruno junta as sobrancelhas e fecha a porta. Aparentemente ele ia sair de casa, mas vejo-o tirar a arma do cós da calça e colocar sobre a mesinha de centro, apontando um lugar no sofá para que Augusto se sente, colocando-se à sua frente. Eu continuo de pé, inquieto, o coração aos saltos dentro do peito.

— Não tem outro lugar a que ela possa ter ido? Uma amiga...

— Não, não tem. — Sou eu que respondo antes mesmo que termine de falar

— Tem muito tempo que ela sumiu?

— Fiquei de passar no estúdio pra pegá-la após deixar o hospital, mas ela não estava lá, a placa de aberto ainda estava na porta e o celular só dava caixa postal. O que não é comum, se tem uma coisa que ela sempre faz é carregar o celular.

— Então me deixem adivinhar. Estão achando que foi o ex-marido? —

Vai direto ao ponto.

— Eu não sei o que pensar, mas sim. Depois de abordá-la daquela forma, eu espero qualquer coisa.

Há segundos que nenhum de nós três fala absolutamente nada e eu começo a temer por ela. Quando acompanhei Alice até a delegacia ontem pela manhã, eu ouvi cada relato que ela deu, como começou, a forma como parecia comum cada agressão desde o início do casamento e como se sentia culpada pelas atrocidades que ele lhe infligiu, até por fim dar um basta. Vi sua dor ao ter que expor isso a estranhos em uma delegacia, enquanto ainda carregava na face as marcas do desgraçado. Tudo bateu fundo em mim, uma vontade insana de protegê-la do mundo e, ainda assim, não foi suficiente.

— Esperem um minuto, eu vou fazer uma ligação. Só preciso que me deem o número dela. — Bruno se levanta e dou o número a ele, que se afasta, celular na orelha. Cada segundo de espera é angustiante.

— Fala, Sereia. — Ouço-o e presto atenção a cada palavra dita. — Tenho um trabalho pra ti, é coisa rápida. Mas quero agilidade, entendeu? Vou te mandar um número e quero que *tu rastreie* pra mim, agora, de preferência. — Ele espera algo e sorri. — Deixa de ser cuzão, seu puto, estou mandando o número nesse minuto e não demora com o retorno, o caso é sério.

— Quem era? — Augusto pergunta assim que ele desliga o celular e se volta para nós. Bruno deixa o aparelho de lado, olhando sério para nós dois.

— Um amigo, é de confiança, não se preocupe.

— Enquanto isso, não devemos dar queixa?

— Não, não começariam busca alguma ainda. Vamos esperar o retorno e decidimos o que fazer. E acalmem-se, não adianta o nervosismo antes de ter certeza de que ela não está bem. Vamos esperar um momento antes de deixar o desespero falar mais alto.

E sua fala não faz sentindo, pois imagens de Renato com minha mulher começam a tomar minha mente. A espera traz um gosto amargo à minha boca, medo e uma ansiedade sem tamanho.

Enquanto Bruno fala algo com Augusto, eu fico tentando ligar para ela sem parar, inconsolável por estar aqui parado, apenas esperando notícias, ouvindo as chamadas irem direto para caixa postal. Merda... O telefone toca,

assustando a nós três e eu olho para Bruno, esperando que atenda.

— Fala. Hum..., mas isso não é... sei, sei. Beleza... sim, é extraoficial, claro, e vou precisar de você mais tarde. Fique ligado.

Bruno se levanta, pegando a pistola sobre a mesa e nos olhando com um semblante fechado, preocupado. Um arrepio sobe por minha espinha.

— Vamos pra delegacia abrir logo a queixa. O celular dela provavelmente foi jogado fora, tirando pela área em que se encontra o sinal. Tá vindo do lixão.

E sinto um medo que jamais pensei sentir, meu coração parando de bater no peito enquanto um arrepio atravessa meu corpo.

Alice

Abro meus olhos e volto a fechá-los, sentindo-os pinicar freneticamente. A dor em minha cabeça é pulsante, como se um martelo batesse com força em minhas têmporas. Levo a mão à minha testa, onde mais dói, e esfrego, me sentando devagar na cama. Me sinto tonta, a boca amarga e tudo parece doer.

Ainda tonta, olho ao redor, tentando me acostumar com a luz forte da lâmpada, buscando reconhecer onde estou. Como assim onde estou? À medida que minha consciência vai se tornando presente, meu coração vai retumbando no peito, querendo saltar fora dele. Tão logo fico consciente, me dou conta de que não estou em minha casa, menos ainda em meu quarto.

Forço a memória para voltar à última lembrança que tenho e a última coisa que me vem à mente é o momento em que eu saía do estúdio para ir almoçar com Augusto, queria vê-lo, conversar com ele sobre os detalhes do que realmente aconteceu, já que não quis contar tudo por celular. Lembro também que nem ao menos eu voltaria para o estúdio depois disso, pois queria passar a tarde com ele e meus sobrinhos, mas o que faço aqui?

Espera, eu estava fechando a porta do estúdio quando...

E meu coração falta uma batida e volta a bater acelerado quando lembro da asfixia e em seguida... mais nada.

Me levanto da cama em um salto e corro para a porta de madeira,

buscando a fechadura e percebendo que está trancada. No mesmo momento, Renato preenche os meus pensamentos, suas palavras ditas dias atrás, o medo, a angústia, a consciência vindo de uma única vez.

— Não, não, não — falo para mim mesma, tentando me acalmar, raciocinar, lembrar.

Olho ao redor do quarto vazio, vendo apenas uma grande cama no centro. Busco por uma janela e corro em sua direção quando a encontro. Consigo abri-la, mas dou de cara com madeira maciça tampando-a por fora. Meu Deus! O desespero e a percepção do que aconteceu me tira o chão e volto para a porta em completo desespero, batendo na madeira sem parar, chutando-a e nada parece ser suficiente.

— Socorro! Socorro! Tem alguém aí? — grito por vezes a fio, mas não há nada. Nem um sinal de que alguém pode me ouvir. — Socorro! Socorro! Tem alguém aí?

Continuo a gritar até praticamente perder a voz, sentindo minha garganta seca e dolorida. O suor já escorre por minhas costas, o medo já me domina, pavor. Deixo a porta e procuro ao redor por minha bolsa. Encontro-a em um canto no chão e vasculho com rapidez em busca do meu celular, mas é claro que não o encontro. Isso só pode ser um pesadelo, só pode ser.

Penso em Pedro, nos últimos acontecimentos pelos quais passamos, e me desespero, sentindo vontade de chorar pelo que está por vir.

Me sento no chão ao lado da bolsa e levo as mãos à cabeça. Tentando entender o que está havendo e sinto o desespero tirar todo o meu foco. Isso não pode estar acontecendo. É um pesadelo, eu vou acordar e me dar conta de que nada disso ocorreu. Vou estar em meu apartamento, esperando Pedro voltar do hospital. Permaneço de olhos fechados, mentalizando isso como uma criança assustada, desejando o impossível.

Instantes depois, ouço a fechadura e me levanto de súbito, olhando para a porta, encolhida contra a parede. E tudo aumenta quando a porta se abre e vejo Renato passar por ela, trazendo uma bandeja nas mãos. Meu coração parece querer arrebentar meu peito e minha alma parece sair do meu corpo.

— Bom dia, bela adormecida. Já acordada?

— O que você fez? — pergunto e tento controlar o tremor em minha

VOZ.

— Ora, não seja boba. Eu disse que logo estaríamos juntos. Era para ser por bem, uma linda reconciliação. Como você não quis... tive que dar um empurrãozinho. — Dá de ombros, depositando a bandeja sobre a cama e abrindo um pequeno sorriso, não dando a mínima para o que digo.

— Você tem noção do que está dizendo? Do que está fazendo?

— Claro que tenho, sabe que não faço nada sem planejamento...

— Seu sádico maluco! Eu te denunciei, isso não vai ficar assim, Renato. Darão por minha falta, irão me procurar, você surtou de vez! — grito, histérica, descontrolada.

— Sim, darão por sua falta e ele vai tentar te procurar... isso não quer dizer que irá te encontrar e fique tranquila, darei um jeito do seu doutor não nos importunar mais.

— Não ouse...

— Shi... não me interrompa. Quanto a polícia, estamos no Brasil, meu amor, as coisas aqui são diferentes... Ah, e quanto a sua denúncia — fala, se aproximando de onde estou, seus sapatos tocando as pontas dos meus dedos — eu já prestei meu depoimento... e fui liberado em seguida. Sou um homem cauteloso, sabe bem disso, e cuidei bem de tudo, nunca vão te encontrar aqui. Vamos aproveitar muito, relembrar os velhos tempos enquanto vou te deixando mansinha para mim, exatamente como gosto... quando, por fim, entender que não pode me descartar, aí vamos nos casar de novo e voltar a nossa vidinha maravilhosa.

O asco não tem tamanho quando ele se abaixa à minha frente e leva o dedo ao meu cabelo, pegando uma mecha e enrolando em seu dedo, lembrando o gesto carinhoso que Pedro sempre faz.

— Eu tenho nojo de você, nojo... — falo e não seguro o impulso quando cuspo em seu rosto.

Ele sorri, parecendo ainda mais maluco do que me lembro, limpando o rosto.

— Ah, isso vai passar. Vai passar rápido quando eu estiver dentro de você, tomando seu corpo e te marcando outra vez como minha. Dessa vez,

não vou ter pena, vou te marcar como a vaca vadia que você é! — Renato leva a mão ao meu queixo e o aperta, me trazendo para frente e beijando minha boca rapidamente, afastando-se quando o empurro com força.

Tenho ânsia e limpo minha boca com o braço, fazendo a pele arder com a força que uso, lágrimas começam a escorrer.

— Bom, agora tenho que voltar para casa, não posso levantar suspeitas... você sabe.

E, com isso, Renato me dá as costas e vai calmamente até a porta. Em um ato de desespero, me levanto, corro até ela e bato de cara na madeira, ouvindo a chave rodar na fechadura. Soco a porta, chuto e grito, mas o socorro não vem. E ninguém pode me ouvir...



Momentos em que o real desespero se apossa e te cega, levando a um abismo de incertezas.

— Vai furar o chão se continuar andando de um lado para o outro e não vai adiantar muito.

Nem me dou ao trabalho de responder a observação de Bruno, saindo da sala para a pequena sacada do apartamento, onde Alice cultivava pequenas plantinhas. Olho para cada uma, que hoje me parecem até mais murchas sem ela aqui...

Desgraça de situação fodida. Jogo os braços sobre o parapeito de vidro, me recostando e olhando a infinidade à frente, deixando um filme dos últimos momentos que passei com ela viajar por minha cabeça, dos melhores aos mais intensos e perturbadores.

Fecho meus olhos e esfrego meu rosto, anestesiado de desespero, tocando a caixinha de veludo em meu bolso e tirando-a de lá. Nem ao menos pude dar a aliança que comprei para ela. Após o que passou, eu voltei a joalheria e escolhi outra aliança, uma que não trouxesse lembranças ruins e fiquei esperando um momento melhor, que toda a mágoa com relação à verdade passasse para poder enfim dar a ela a nova aliança. O engraçado é que pensar em mágoa nesse momento me parece a coisa mais idiota e insignificante do mundo sem ela aqui, comigo.

Dois dias em que a incerteza me assola.

A essa altura toda a família já sabe o que aconteceu, já passa de quarenta e oito horas do sumiço, não tinha mais como esconder. Tia Vera e Tio Oto estavam aqui há pouco, foram embora por insistência de Cristine, pois minha tia estava passando mal com a situação e queríamos que ela fosse descansar, como se isso fosse possível a qualquer um de nós.

Tio Oto a acompanhou e estão agora no apartamento de Augusto, aqui mesmo ao lado, pois, apesar de se sentir mal, tia Vera se recusou a ir ao hospital ou voltar para o sítio. A polícia também começou a procurar, sem sucesso algum, e as últimas horas foram as piores da minha vida, todo o meu corpo chama por ela de forma dolorosa.

É aterrorizante, pois, após ver aquelas marcas, sei que aquele lunático pode fazer qualquer coisa com minha mulher, até... e então rogo a Deus, a santos e virgens existentes que possam ajudá-la, já que eu não posso fazer muito, pois não sei mais a quem recorrer, estou como em uma encruzilhada.

— Pedro! — Ouço uma voz grave atrás de mim e nem preciso me virar para saber que é Arthur. Falei com ele mais cedo e tinha dito que já estava a caminho do Rio.

— Oi, Arthur. Chegou agora?

— Nesse minuto, alguma notícia nova?

— Não, nada.

O homem chega próximo a mim e se encosta no parapeito, ao meu lado, mantendo-se calado. A essa altura, minha cabeça já está doendo e já estou horas demais sem dormir, sem comer, a começar pelo dia em que tudo ruiu. Olho para o homem ao meu lado, seu olhar preocupado está na caixinha em minha mão e ele quebra o silêncio:

— Ela me ligou e contou o que aconteceu... que você foi atrás do desgraçado e que ele disse sobre o bebê.

— Sempre soube? — pergunto, já sabendo que sim. Sempre foram muito amigos e ela não esconderia nada dele.

— Eu soube dias antes de sua mãe falecer, foi quando ela me ligou de madrugada, chorosa ao telefone. Me lembro bem desse dia, foi quando ela disse que voltaria, que estava grávida e que queria ajuda para contar aos nossos pais e para você. Contou como aconteceu.

— E você quis me matar. — Não é uma pergunta.

— É, eu quis, apesar desse papel cair melhor em Augusto. — Ouço-o com atenção e olho por sobre o ombro, encontrando Augusto parado no meio da sala, falando ao celular com uma cara de quem está perto de explodir. — Ela me fez prometer que não chegaria perto de você, que esperaria ela mesma te contar.

Ela iria mesmo me contar... penso, não que eu não tivesse acreditado antes, quando ela mesma falou. Mas, neste momento, essa afirmativa faz uma lágrima escapar de meus olhos, sem que eu possa controlar, em um misto de sentimentos que não consigo explicar. Mudo meu olhar para o céu adiante, limpando a garganta e tentando segurar a emoção, a raiva, o arrependimento, que querem me consumir.

— Eu não quis acreditar quando soube. Sempre soube que ela gostava de você, sempre te venerou, mas achei que logo passaria, coisa de adolescente apaixonada. Foi aí que tudo aconteceu, depois veio a doença da sua mãe, seu falecimento, o acidente... e lá estava o infeliz. Não fui com a cara dele, confesso, mas vi como a tratava, o carinho e dedicação e me convenci de que a implicância que eu tinha criado contra ele era ciúmes de irmão, o mesmo de Augusto — fala sem pausa, como se vomitasse algo guardado há muito. — Aquele dia do casamento...

— Para — corto, não querendo lembrar. — Não adianta voltar a esse dia.

— Na verdade, eu estou há dias querendo te procurar, Pedro. Falar sobre isso com você. Ou acha que não me culpo todos os dias por aquele fiasco de casamento? Se eu não tivesse te impedido, se não tivesse me enchido de achismos com relação a você e Alice, ela teria uma chance, nem que fosse mínima, de você acabar com o martírio, sem que ele começasse. Mas eu não sabia do que aquele merda era capaz, ela já tinha sofrido por gostar de você e te ver sempre com outras, já tinha perdido uma criança ainda tão jovem... eu achei que o melhor fosse ela ficar com quem dizia e demonstrava amá-la. Foi um erro.

Solto o ar que estava preso em meus pulmões audivelmente, sentido a força de suas palavras.

— Todos erramos nessa história. Não foi só você que me impediu aquele dia, foi minha covardia também. Se eu quisesse, se eu acreditasse mesmo no que eu sentia por ela e tivesse tido coragem, você não teria me impedido e é isso que me machuca. Agora já foi e ela... eu não sei o que fazer, Arthur.

Vencido, deixo meus ombros cederem, sinto sua mão em minhas costas, em um apoio mudo e não há mais o que falar. Não há por que se desculpar, já faz tantos anos, foram tantos erros.

Uma batida no vidro sobressalta a nós dois e nos viramos, encontrando Bruno acenando para que entremos.

— Alguma coisa? — pergunto, tendo Arthur logo atrás de mim.

— Ele está na empresa — anuncia, sem cerimônia.

— Como na empresa?

— É isso mesmo, Renato está na empresa. Chegou no horário de sempre, com a mesma calma, nada fora do comum. Ele já tinha ido à delegacia antes, após Alice dar queixa e já prestou novo depoimento após o sumiço, teve a casa revistada, carro... e nada, disse que não tem nada a ver com seu sumiço, a polícia não achou nada fora do comum. Ele deu até um álibi. Ainda não o descartaram completamente, mas não há provas... Sinto muito.

— Mas que inferno, então que façam o juiz emitir um mandado de prisão preventiva — Augusto tenta.

— Isso, podemos fazer isso?

— Sabe que não funciona assim, pergunte ao juiz presente. O merda não mostrou resistência alguma para depor, deixar que revistassem o apartamento, nada. Não há motivo para o delegado pedir um mandado de prisão.

— Desgraçado, filho de uma puta... — rosno, fechando minhas mãos em punho.

— Além do mais, ele ainda deu a entender que você teve algo a ver com o sumiço dela. Que Alice fugiu não por causa dele, mas de você!

Olho-o, perplexo com o que fala.

— Ele o quê?

— Calma, Pedro — Augusto pede, e a calma que vá aos diabos.

— Não, eu vou até lá acabar de vez com aquele desgraçado, pedaço de merda! Ele me paga. — Perco o controle e, antes que eu alcance a porta, Arthur se põe à minha frente, me impedindo de passar.

— Não vai fazer isso, é o que ele quer. Não percebe?

— Você ouviu o que eu ouvi?

— Se todos aqui perderem a cabeça como você está fazendo, estaremos fodidos e é ela quem vai pagar por isso, Pedro, use a lógica. O que exatamente ele disse, Bruno?

— Tive acesso ao depoimento anterior e ele jogou toda a situação contra você, dizendo que o tempo em que foi casado com ela Alice jamais fez uma denúncia sequer, livrando-se das acusações feitas. Inclusive, chegou a falar que, em um almoço, que ele mesmo propôs, para tratar do divórcio de forma amigável, ela tentou dizer a ele que você era um homem perigoso, para ter cuidado. E assim Renato deu a entender que foi você que a agrediu, que é ciumento, incontrolável e que vivia a sondar o casamento dos dois. A cara roxa do infeliz só deu força a isso, apesar de que, no fim, as acusações de Alice são o que fazem a diferença, porém, sem provas contra ele, nada podemos fazer e ele está brincando com isso, jogando toda situação contra você. Não dê mais munição a ele indo até lá fazer papel de inconsequente, correndo o risco de ser detido.

E a impressão que tenho é de estar enjaulado, preso em um pesadelo!

— Como, como... não fizeram nada?

— Tente se acalmar, Pedro, precisamos pensar em como agir.

— Ouça seu cunhado, ele tem razão — Bruno interpõe. — Pelo que acabei de saber, o homem está agindo com naturalidade e só precisa de um surto seu pra jogar mais culpa nas tuas costas. Se acalma aí, doutor, não poderá ajudar dessa forma.

— E o que vamos fazer?

— É simples. O cara não me parece alguém que se envolveria de forma direta nessa merda e uma hora ele irá atrás dela, onde quer que a tenha

deixado guardada, pois é fato, ele está com ela. Provavelmente continuará de uma forma que ninguém suspeite, até realizar o que pretende. — Não nego o calafrio que transpassa minha espinha com essa fala. — Hoje Alex estará de olho na rotina do infeliz, verá os horários, checará com o porteiro... já sabemos qual o prédio, então fica fácil.

— Quem é Alex? — Arthur pergunta.

— Um amigo e colega de trabalho.

— E depois? — indago, apressado.

— É esperar que ele vá até ela, que dê um passo em falso. Vou checar se pretende alguma viagem, sair da cidade ou do país... se tinha algo marcado.

— E como pretende fazer isso? Essa vigilância em cima do verme? Creio que não será fácil — Arthur pergunta e Bruno sorri.

— Deixem isso comigo, dessa merda eu sei cuidar, não será problema. Mas quero deixar claro que não estamos seguindo a lei aqui, o politicamente correto não se aplica ao que estou fazendo, isso agora é extraoficial e vai ser do meu jeito, como eu quiser fazer! Estamos entendidos?

Nenhum de nós fala absolutamente nada e eu confirmo. Eu faço qualquer coisa para tê-la de volta e pouco me importa os métodos que serão usados.

— E a polícia?

— A polícia está fazendo sua investigação, infelizmente, as coisas vão em câmera lenta por lá, apesar da influência de sua família, ainda mais que nesse caso o verme pode estar comprando alguém lá dentro. Ele tem dinheiro e infelizmente isso é bem possível e corriqueiro. Agora é esperar.

— Isso tem que dar certo! — falo mais para mim que para qualquer outro na sala.

— Eu não jogo pra perder, doutor, esteja certo disso.

E algo me diz que Bruno fala a verdade e, pior, que gosta desse jogo de gato e rato...



O ser humano é mesmo insondável, em especial a maldade que ronda seu coração.

Tenho acreditado que estou à beira da loucura enquanto continuo trancada nesse maldito quarto, à mercê das vontades de um lunático, temendo cada vez que ouço a chave girar na fechadura nas últimas três vezes que isso aconteceu, medo de ser ele, mas não, era apenas um de seus guarda-costas.

Não tenho tocado na comida que é trazida por aquele brutamontes moreno mal-encarado, com cara de capataz de faroeste. Ainda assim, não pensei duas vezes ao implorar, me jogar aos pés de um estranho e pedir ajuda, piedade, que seja. O homem nem ao menos fingiu me ver e, a cada hora que passa, fica tudo mais aterrorizante.

Estou agora sentada e encolhida na cama após horas gritando, socando e implorando por ajuda, mas nada veio, nem mesmo um *cale a boca*.

Paro meu choro por um instante, ficando estática sobre a cama, meu coração quase saltando pela boca quando alguém mexe na fechadura e a porta se abre. Arregalo meus olhos ao ver meu pesadelo virar realidade e Renato passar por ela, dobrando calmamente as mangas da camisa social branca, eu me encolho contra a cabeceira da cama.

Eu tinha a esperança de que não viesse mais hoje, pois sei que já é tarde da noite e o medo do que venha a fazer comigo está me consumindo. Comigo, com Pedro, Camille e minha família. Agora sei, ele não tem limites.

— Ah, oi, amor. Como passou o dia? — E a normalidade de sua fala me remete à época em que éramos casados, quando ele chegava do trabalho e as coisas pareciam normais.

Elas nunca foram...

— Me deixe sair daqui, por favor... acabe com essa loucura, Renato! Você não vai chegar a lugar nenhum.

— Não seja malcriada, é decepcionante que, depois de um dia exaustivo no trabalho, minha esposa não me trate com carinho. — E eu nem sei o que responder a ele. — Rodolfo disse que não comeu, está sem fome? Preciso que se alimente, querida, não pode se dar ao luxo de adoecer... sem falar que preciso de você bem pra o que vamos fazer. — Sua fala é sugestiva e ele se diverte com o que me causa.

— Não, isso não, por favor — suplico, o desespero criando um bolo e arranhando minha garganta já ardida.

Ele se aproxima, sentando-se aos pés da cama e sua mão sobe devagar pela colcha, até alcançar meus pés. Tento afastá-lo, levantar e tomar distância, mas ele agarra meus tornozelos com força, segurando-os no lugar.

— Sei que nesse momento vai ser difícil, eu entendo, mas vamos conseguir, meu amor. Nada é impossível quando tem amor e eu tenho por nós dois, Alice. — Sinto nojo, ânsia... — Sabe, quando eu vi aquela aliança no seu dedo, eu posso ter surtado e te machucado, perdi o controle, admito. Mas, amor... tem que concordar comigo que me magoou, um ano e já estava com outro.

— Você...

— Shi... não me interrompa. Eu peço desculpas por aquilo, me arrependi. Mas foi bom ficar a par do que estava fazendo, só assim vi que fiz tudo errado, que a distância que lhe dei foi interpretada por você como se eu tivesse desistido e não foi isso. Daí, o que me restou fazer foi investigar sua vida nos dias seguintes e imagina a minha surpresa.

— Você disse que estava se tratando, que estava indo a uma psicóloga. Foi uma mentira, não foi? Assim como da última vez. É tudo ilusão da sua cabeça doentia. Não tem psicóloga alguma — cuspo as palavras e vejo um sorriso cínico brotar em seu rosto. Não é a primeira vez e só descobri isso

após a separação.

— Me conhece tão bem, me pegou, viu só? Preciso de você em minha vida.

— Seu maluco, sádico doente! — Me livro de seu toque, chutando-o e me levantando, tentando tomar o máximo de distância que o quarto pode me dar.

— Vamos, não seja rebelde. Não me machuque agindo assim, futura esposa.

Abraço meu próprio corpo, quase me fundindo à parede, querendo fugir do seu olhar de cobiça, de sua crueldade.

— Mas voltando ao que eu estava falando, imagina minha decepção quando soube que, além de estar com outro, estavam até mesmo adotando uma criança. Veja só? Foi algo que me tirou o chão e eu entendi que tinha que agir! E não foi difícil descobrir tudo isso, como pode imaginar. — Perco a fala com o que diz. — Foi mais fácil ainda descobrir qual era a criança escolhida para essa loucura e, após uma rápida visita ao orfanato e uma gorda doação, eu a conheci, acredita? Camille, não é? Ora, uma criança linda, se não olharmos o defeito na boca. Bom, mas isso pode ser consertado, não é?

Arregalo meus olhos e, se antes eu senti medo, o que sinto agora é imensurável. Não é mais medo por mim, e sim por ela, por Camille.

— Você não fez isso, você não seria tão cruel a ponto de... você não...

— Ora, fique calma, pois eu percebi que não estava com ele por amor e isso me acalmou de alguma forma. Sei que estava só fingindo pela criança... Não é? Sempre sonhou em ser mãe e olha só como é o destino, oito anos atrás eu estava me livrando de um bastardinho... e olha o que ele me apronta, voltando pra sua vida.

E então algo me vem à mente, as memórias que tive no dia em que meu carro perdeu o freio, memórias, ou sonhos, eu não sei mais, pois o homem à minha frente não tem nenhum escrúpulo. Olho apavorada para o homem sentado na cama, meu corpo tremendo e minha cabeça zunindo com sua fala.

— O que está dizendo, Renato?

— Então, como não posso ir contra o destino, aparentemente, eu decidi

que quem irá adotar a menina seremos nós.

— Você ficou louco? — grito, sem poder controlar a onda que me toma.

— Por quê? Estou realizando o seu sonho de ser mãe e de voltar a morar em Londres, pois vamos embora para lá logo, logo, já pensei em tudo. Lá será fácil arrumar de tudo, a documentação da menina...

— Não! — falo e me encontro histérica, sufocada, sem fala!

— Como não? Ok, eu acabei metendo os pés pelas mãos anos atrás, quando dei a menina para adoção, deveria ter me livrado de vez, matado logo. Mas não fiz, também, como eu poderia imaginar que aquele infeliz a encontraria tempos depois? Quais eram as chances de isso acontecer, não é mesmo? Mas agora daremos um jeito nisso.

Minha cabeça dá um nó e eu me engasgo com o que ouço, meu coração a bater forte no peito, meu sangue parece correr mais lento e o tempo parece parar.

— Você...

— O quê? — fala, com desinteresse. — Ah, não, a bebê não morreu...

Tudo parece girar ao meu redor. Busco ar, uma direção e não encontro. Não consigo me segurar, minhas pernas falham e caio de joelhos no chão. Não eram sonhos, eram memórias.

— Mas era um menino, você disse que era um menino.

— Não, não era. Era uma menina. Trouxe ao mundo uma menina, uma criança defeituosa e, ao ver aquele monstinho de lábio deformado e feio, tão frágil e dependente de você, tive a certeza de que tinha que nos livrar daquele empecilho. Eu não queria aquilo conosco, nunca poderia dividir sua atenção com ela, muito menos iria querer lembrar que aquele pequeno monstinho era o fruto da relação com aquele bastardo.

— Está... está dizendo que o meu bebê...

— Não morreu!

O ar me falta, o choro vem, tirando todo o meu fôlego. Fazendo meu peito arder, queimar, sangrar!

— No dia do acidente, pedi que fosse levada a um hospital inferior, estava com muita dor, mas não inconsciente, como pensou. Logo foi levada para sala de operação e tiraram o bebê deformado, me entregando o pequeno embrulho em seguida... eu não quis aquilo e sabia que, caso acordasse e a visse, você a amaria mais que a mim, pior, correria para aquele bastardo e contaria tudo, iria com ele na primeira oportunidade. Cuidei de tudo e mandei darem fim a menina, dar para adoção e colocar no lugar um menino que tinha nascido morto naquele mesmo dia, com a mesma idade. Deram um jeito em tudo. Não era o seu filho aquele garoto que sua família enterrou e logo depois você foi levada com o bebê para o hospital da família. Eu não cheguei a dar detalhes sobre o acidente para o hospital ou para sua família, você tinha que passar por mais duas cirurgias que o outro hospital não poderia fazer e foi transferida de forma normal e rápida, logo após tirarem o bebê e cuidarem dos primeiros danos feitos. Foi fácil, estavam interessados demais em você para se darem conta de detalhes.

O mundo se despedaça ao meu redor e levo minha mão à cabeça, puxando meus cabelos e deixando escapar um grito agudo de dor com tudo o que é dito por ele.

— Me senti culpado naquele dia, não nego. Ainda acompanhei para onde a menina tinha sido levada, caso precisasse buscá-la, mas imagine a minha grata surpresa quando acordou e já não se lembrava de nada. — E ele sorri, como se pudesse se regozijar do fato. — Foi fácil. Você sempre foi fácil e carente, minha querida. Um ombro amigo, palavras bonitas e você caía como um patinho. Gosto disso em você, essa sua, como posso dizer... facilidade em acreditar em qualquer abobrinha, palavras tristes, em querer ajudar a todos, abraçar o mundo. Meu pai, por exemplo, nunca me estuprou ou nada do tipo, nunca fui um garoto solitário e abandonado pelos pais ausentes. Nada disso. Isso era o que eu usava pra ter você o tempo todo pra mim, comigo, afinal você adora uma história triste. E isso fazia você acreditar no quanto eu precisava de você, de alguém que me entendesse.

Ouçó tudo, estarecida, perplexa. Sua manipulação foi muito além. Eu nunca conseguir gostar de sua família, de seu pai, principalmente, sempre tive nojo daquele homem pelas coisas que Renato dizia que ele fizera com ele quando criança e agora... era tudo para me manipular, impedir que o deixasse. Mas agora, só consigo me ater a um fato:

— Você disse que era um menino... — sussurro para o nada o que não consigo acreditar, mas ele me ouve.

— Não tinha uma menina morta no hospital, só um menino, tive que dar meu jeito. Para facilitar, você nunca quis saber o sexo. — Dá de ombros. — Deveria estar feliz, agora sabe que tem uma filha.

Não, não, não. Tem que ser mentira. Ela...

Então lembranças passam por minha cabeça, desde o momento em que vi a menina pela primeira vez, quando Pedro me apresentou, até o momento em que ela me lembrou alguém. E parecia mesmo, se parece com a foto que Pedro carrega na carteira, uma foto da irmã pequena. Claro, ele dissera que a menina se parecia com a irmã, mas até então eu não tinha ligado os fatos.

Solução alto, me dando conta de que a menina nasceu com a mistura de nós dois e perco o controle.

Olho o rosto do monstro à minha frente, o ódio crescendo em meu coração, a ira tomando conta de mim, e não penso quando me levanto e me jogo em cima dele, começando a estapeá-lo.

Grito de dor enquanto o acerto, perdida, louca, sem nenhum rumo, apenas querendo extravasar o ódio que sinto em meu coração. Acertar a pessoa que mais me causou dor no mundo, que mais me feriu de todas as formas. Não dura muito, logo Renato me empurra com força e caio no chão aos prantos, rendida, anestesiada.

— Não seja ridícula! Veja pelo lado positivo, agora sabe que sua filha não morreu.

— Você é um monstro, um monstro! Me manipulou, brincou com minha vida, com minha filha! — grito, engasgada por soluços.

— Ah, querida, não, você se deixou influenciar, precisava de um caso de caridade e eu te dei um. E, Alice, você ainda não viu o monstro em mim, meu amor, acredite — fala, aproximando-se, e se agacha à minha frente. — Não, você não viu. Eu posso ser muito, muito, pior e não me force a lhe mostrar isso. — E, com a mesma rapidez, Renato se levanta, arrumando a manga da camisa, enquanto assoo meu nariz sem saber distinguir nada, sem cabeça ou coerência. — Agora é isso, vamos ter uma família, com direito à nossa filhinha e tudo o que você sempre quis. Não se preocupe, darei um jeito

de levá-la conosco quando formos e não vai demorar, já estou arrumando tudo.

Meu corpo entra em alerta ao ouvir isso, vendo-o ir em direção à porta.

— Não, não, Renato! — Tento me levantar, meio de quatro, tropeçando no caminho até me erguer em desespero, indo em sua direção, lágrimas grossas banhando meu rosto e me trazendo para a realidade. Camille é minha filha, minha e de Pedro, e agora ele a quer. — Por favor, ela não. Eu faço qualquer coisa, eu juro. Eu vou para onde você quiser, serei sua, faço qualquer coisa, só a deixe em paz, por favor. Eu faço, eu faço o que quiser, eu juro, eu juro. Irei me comportar. Deixe-a com ele, ele já a está adotando mesmo, não vai mais precisar de mim. Vamos embora, vamos agora mesmo para onde quiser, você escolhe e eu juro, eu juro que vou com você e nem precisamos fugir, eu irei por vontade própria, digo a todos que eu quis assim, só, por favor, deixe-a em paz com ele.

Imploro, não pensando em mim, e sim nela, em Pedro e minha família. Não importa o que faça comigo, desde que fique longe dela.

Renato sorri, acentuando sua loucura, e temo por mim, por minha filha e meu amor.

Filha, eu tenho uma filha, sangue do meu sangue.

— Se eu não visse esse medo todo em seu olhar, eu poderia deixá-la ficar, poderia acreditar que faria mesmo o que eu quisesse e iríamos embora só nós dois. Mas agora eu achei o seu ponto fraco, meu amor. E não a deixarei para trás agora que não encontrará mais em mim seu caso de caridade. A menina te manterá na linha. — E falando isso ele abre a porta, me fazendo entender que agora tem nas mãos algo muito pior com que me torturar, me ameaçar. Renato me olha sobre o ombro e joga seu último veneno, que faz meu mundo se despedaçar de vez. — E não se preocupe com seu bastardo, ele não estará vivo por muito tempo.



Sempre haverá esperanças, isso se em seu coração existir a força necessária para prosseguir. Jamais deixe que apaguem a certeza do amanhã!

Sentado no refeitório do orfanato, vejo Camille entrar no grande pátio, apertando o passo, quase correndo e sorrindo ao me ver. Tento retribuir seu sorriso da melhor forma e ela olha mais atenta pelo lugar, diminuindo o passo, sei que procura por Alice. E seu sorriso morre um pouquinho quando não a vê e sinto meus olhos arderem, algo que tem se tornado corriqueiro nos últimos dias em que estou sem ela. Respiro fundo segurando a emoção, vendo em sua mão um urso, o que eu dei a ela e que nunca larga.

— Oi, tio — fala e me abraça com carinho, eu a aperto mais que o necessário, por tempo demais, tentando de alguma forma me consolar ao estar com ela, ter esperança. Eu a coloco sentada em meu colo. — Cadê a tia Alice? Ela não veio? Por quê? — Me bombardeia e eu a solto, disfarçando o bolo querendo explodir em minha garganta.

Tenho estado em meu limite, a ponto de enlouquecer com sua falta!

— Oi pra você também, princesa. A tia Alice está trabalhando, não deu pra ela vir comigo. Mas mandou dizer que tá morrendo de saudades de você — falo e minha menina tenta sorrir, repuxando o lábio, um pequeno traço de decepção fazendo-se presente.

O trabalho... tivemos que cuidar disso, adiar a inauguração do seu espaço por um tempo que não podemos precisar.

— Tá bom... e eu vou pra casa do senhor esse fim de semana?

Eu suspiro audivelmente. É claro que ela vai, mas não sei ainda como será, se minha Alice... não, não vou por este caminho.

— Claro que sim — respondo sem pensar direito e vejo os olhos azul-esverdeados brilharem. — Você irá todos os fins de semana até ficar conosco permanentemente. — Não quero cogitar algo diferente, pois em mim tudo grita que isso vai acontecer a todo o custo.

Alice está bem, tem de estar e eu vou encontrá-la.

Camille me entrega o urso, mostrando que foi recém-operado, após, sem querer, ficar preso em um prego, enquanto o corpo esguio se aconchega mais em meu peito e eu encosto o meu queixo no topo de sua cabeça, sentindo o cheiro bom de seu cabelo escuro. É como se estivéssemos em sintonia, mesmo que de forma diferente, ela sente falta da minha boneca, não sabe o que aconteceu, mas ela parece sentir e um silêncio confortável se instala no lugar.

— Tio... — fala após um tempo em silêncio.

— Hum?

— Eu vou poder chamar o senhor de pai e ela de mamãe?

Meu coração bate forte no peito ao ouvir isso, o bolo parece ficar maior em minha garganta e a sensação que tenho é de que as batidas aceleradas do meu coração irão arrombar meu peito, tamanho é o contentamento ao ouvir a pergunta.

— Você quer me chamar de pai? — E estou tentando controlar meu tom de voz, a emoção, mas é impossível.

Camille é uma criança esperta, caso não consiga controlar o que sinto, ela pode perceber minha confusão e interpretar de forma errada.

— Eu acho que sim... é como as crianças chamam os pais, né? E vocês vão ser meus pais, né?

Meu coração infla ao imaginar ter isso um dia.

— Claro que sim e é claro que pode me chamar de pai, de papai, do que quiser, você pode tudo que quiser, minha princesa.

E a menininha suspira, encostando a cabeça em meu ombro e balançando as pernas no ar.

— É o meu sonho, tio... ter um papai e uma mamãe. Eu sabia que o senhor iria me adotar um dia, tinha que ser o senhor.

Ela sorri e se volta para mim, os braços finos circulando meu pescoço e encho-me de amor ao apertá-la mais uma vez em meus braços, aqui é o único lugar capaz de amenizar o que sinto agora.

Vim parar aqui depois de uma noite inquieta de aflição, pois, se continuasse naquele maldito apartamento esperando por notícias, eu enlouqueceria sem ela e aqui foi o único lugar que consegui pensar que pudesse me dar o mínimo de conforto. Pensar que Alice está nas mãos daquele maluco me rasga por dentro, causa algo que não sei precisar, um misto de ódio e proteção, sendo frustrado por impotência. Não há como expressar os sentimentos de desespero em palavras e só Camille poderia melhorar minimamente o que sinto.

Deixo um suspiro cansado escapar de meus lábios sem perceber e Camille me olha e sorri de forma bonita. Só então estranho não estar me contando como foi a semana e quantos desenhos fez, estando um tanto calada, e algo me diz que não é apenas falta da mãe. Digo, de Alice.

— Algum problema, princesa?

— Não...

— E essa carinha desanimada?

— É só o Lipe, ele vai embora.

Hum, então é isso, Felipe.

— O seu amiguinho mal-humorado? — Ela sorri com minha pergunta.

— Ele é muito legal, tio.

— Eu sei, princesa. Então me diga, por que ele vai embora? Foi adotado?

Ela não responde por alguns minutos, alisando a cabeça do urso, repuxando de lábios em desgosto. O gesto me lembra alguém.

— O Lipe não quer ser adotado, tio. A mãe dele vem *buscar ele*.

— Ele tem mãe? — Isso sai sem pensar e me arrependo.

— Tem e ela vai sair da cela. — Encaro a menina, de olhos arregalados e sem acreditar.

— Cela? Que cela, a mãe dele está presa? — pergunto, estupefato.

— Humrum. Mas ele disse que ela vai sair e vem *buscar ele*.

Então entendo a situação. Talvez o garoto nem vá embora tão logo, ou melhor, simplesmente não vá, ainda mais com o comportamento hostil que tem. Só deve ter a ilusão de que a mãe sairá da prisão algum dia, se é que está mesmo lá. E, ao saber disso, sinto algo no peito com relação à dificuldade do menino ao estar aqui, esperando uma mãe que talvez não venha... nunca venha.

— Princesa — falo e tenho sua atenção. — Agora tenho que ir, mas volto no fim de semana pra te buscar, tudo bem?

— Jura?

— Juro, temos um encontro marcado e vamos nos divertir muito!

Ela sorri e beija meu rosto, em seguida ganho um abraço apertado e logo depois ela pega seu urso, pulando do meu colo.

Eu a pego de surpresa em meus braços ao me levantar e a aperto uma e outra vez em um abraço, libertando-a e sentindo no peito a vontade de levar minha menina para casa comigo, para sempre. Deixo Camille voltar para onde veio e me levanto, olhando ao redor, procurando a madre.

Não a encontro por aqui, dificilmente a encontramos aqui no pátio, na verdade, e sigo para sua sala. Após bater, ganho autorização para entrar e a encontro sentada ao lado da janela, com um livro em mãos. Talvez queira conversar, não sei, só ficar um tempo a mais aqui, tirar o foco do meu atual desespero e loucura.

— Madre, sua bênção. — Seus olhos se levantam da página já amarelada e seu olhar amoroso cai sobre mim.

Há quantos anos conheço essa mulher? Não faço ideia, talvez desde que Sofia sumiu e minha mãe passou a ajudar o lugar, após se casar com Olavo.

— Deus o abençoe, achei que já tinha ido, me falaram que veio ver a

menina.

— É, já deveria mesmo ter ido — respondo e a vejo acenar para a cadeira ao seu lado, onde me sento sem protestos.

Talvez eu esteja apenas postergando o inevitável.

— Fiquei sabendo o que aconteceu, filho, as notícias correm e, sendo filha de quem é, não passaria despercebido. Não posso imaginar o que está passando.

— Inferno! — praguejo, sem nem pensar, lembrando a manchete que saiu hoje cedo ao darem a notícia do seu sumiço e ganho apenas um olhar repreensivo. — Perdão, madre.

Na manchete, escrito em letras grandes, estava:

Ex-mulher de um dos mais ricos e influentes CEO do ramo alimentício e filha de Otávio Ribeiro, um dos maiores acionistas de uma rede de hospitais de grande porte em todo o país, está desaparecida... e blábláblá.

Uma manchete fantasiosa e filha da puta, que não revelou nenhum dos fatos verdadeiros, só causou alvoroço e deixou nossa família desolada. A madre apenas assente, olhando-me e dizendo em seguida:

— Sinto muito. Espero que isso se resolva logo e não traga problemas para a adoção.

— Não trará, tenho fé de que logo ela estará conosco novamente, madre. A encontraremos, tenho certeza disso — E, apesar do que digo, não tenho a mesma certeza em meu peito.

Ficamos em silêncio por um tempo, enquanto fito meus sapatos, e quando levanto meus olhos, a mulher madura com vestes escuras tem o olhar em mim, de forma calma, e sorri, consoladora.

— O que quer, filho? Sei que quer algo, conheço esse olhar.

Ela sempre sabe quando quero algo, me conhece bem, chegou a conhecer minha mãe ainda em vida, enquanto eu era apenas um moleque.

— Madre... O menino ruivo que vi outro dia com Camille, ela disse que

ele vai embora e que a mãe está presa... Fiquei curioso.

— Felipe. — Ela respira fundo. — Tentamos dar a ele um lar de apoio, uma família provisória, um alicerce. Mas ele não aceita, não quer e acaba voltando para cá sempre. Desde que a avó morreu tem sido assim.

— Então a mãe está mesmo presa? Não é mentira?

— Sim, ela está. Foi presa jovem, bem jovem. Teve o garoto na prisão.

Me encosto na poltrona, estarrecido, perplexo, sentindo pena do garoto. Ficamos em silêncio, dúvidas começando a martelar minha mente.

— Ele disse que ela irá sair e virá buscá-lo. Tem alguma possibilidade de isso acontecer realmente?

A mulher fecha as mãos, mostrando o terço entre elas, soltando um suspiro penoso antes de falar:

— Pra dizer a verdade, filho, ela irá sair, pelo que soube. Só não sei se irá querer o menino. A moça foi vítima de um estupro, daí a gravidez, deve imaginar como é difícil, dado que, além disso, ela não tem qualquer ligação com o menino.

— O garoto é fruto desse estupro? — Uma pergunta idiota, um vez que já foi respondida. Arregalo meus olhos, minha mão indo à boca ao ouvir a afirmativa:

— Sim, ele é. É uma história complicada.

— Então ele diz que a mãe virá buscá-lo, mas isso pode não acontecer... — falo mais para mim que para ela.

— Pode, claro que sim. Mas imagine a cabeça dessa mulher? Além do garoto ser fruto de um estupro, ela não teve tempo de ter ligação com ele, amor de mãe, nada. Só entregou o garoto para a avó, que tomou conta até que partiu.

— Mas ela o teve. — E, a meu ver, isso pode significar algo.

— Sim, mas pode ter sido por muitos motivos que não envolvam sua vontade de criá-lo. Soube que a história é sofrida e que ela nunca quis que a avó levasse a criança para uma visita, nada. O menino só a conhece por foto. Uma mulher jovem, bonita até, ou ao menos era antes de tudo. Felipe ainda guarda a foto a sete chaves, já o peguei abraçado a ela enquanto dormia.

— Que situação, madre. Coitado do menino.

Ela sorri para mim, dessa vez, de forma diferente.

— Sei o que está passando por sua cabeça e já digo a você: o garoto não é fácil. Tem um temperamento difícil. Além do mais, a mãe vai mesmo sair da cadeia, mas ainda não sabemos o que fará com relação a ele.

Sorrio fracamente e me levanto, é hora de ir.

— Sou bom com garotos difíceis, madre. Bom, eu tenho que ir. Quando tudo se acalmar, nos falamos melhor, não é hora de resolver nada, uma coisa de cada vez. — E espero a senhora, já de idade, se levantar devagar.

— Claro, filho. Claro.

Recebo sua mão esticada e a beijo, recebendo sua bênção mais uma vez, me volto para ir embora e paro antes de sair.

— Madre — chamo e tenho sua atenção, que se apoia em uma bengala.

— Sim.

— Pode me dar o nome da mãe do garoto depois?

A raposa velha sorri, satisfeita, e volta a se sentar.

— Não, não posso... Mas claro que, com a idade, qualquer dia desse posso deixar escapar algo... um nome, sobrenome. Você sabe, a memória não é mais a mesma.

— Certo, até a próxima, madre.

— Vá com Deus, meu filho, tudo dará certo.

Confirmo e saio da sala, deixando-a novamente sozinha.

Deixo o orfanato e ligo para Augusto, que não tem novas informações. Sei que a essa hora Bruno está à frente da situação, confio no cara, mas, ainda assim, o medo de perdê-la não me deixa.



— Então, teve novas notícias? — pergunto, tentando colher mais ao vê-

lo apertar o celular entre as mãos, após receber uma nova mensagem.

Ao chegar do orfanato, peguei Bruno e companhia saindo após receber uma ligação. Nada de concreto, segundo ele, mas sei que queria apenas me deixar de fora. O que não conseguiu, é claro. Vim com eles, mas, após algumas horas parados aqui, começo a pensar que sua informação é fria.

— Sim. A verdade é que desconfiamos que ele saiu ontem, tarde da noite, mas ninguém o viu. Tudo indica que o safado usou um carro diferente do habitual, além de uma placa fria. Mas fica calmo, hoje o pegamos. — Acredito no que diz, chego a sentir esperança, ou tento, e minha pele queima ao imaginar que podemos encontrá-la hoje.

Estamos parados em frente ao prédio do infeliz, eu e Bruno. Arthur está logo atrás com outro policial de confiança do caveira ao meu lado, vestido de preto e concentrado, armado, o que me fez ver logo de cara que não era algo banal, uma informação qualquer.

Augusto não veio conosco, teve que ficar com Cristine, que por conta do nervosismo sentiu dores, também pudera, tem pouco tempo que passou por uma cesariana, além de sua gravidez ser considerada de risco. Meus tios estão com eles, tia Vera não conseguiu ir para casa desde o acontecido, está um caco, mas ainda assim está ajudando como pode com os gêmeos. Todos estamos nos ajudando, o desespero nos consome a cada minuto.

O celular de Bruno toca, assustando a nós dois, e passo a absorver cada detalhe.

— Fala, Alex... Qual carro? — fala ao celular e me olha de esguelha. — Beleza. — Ele ouve algo e faz um gesto de desdém, rindo em seguida. — Calma, cara. Não vou apagar o infeliz, vamos dar um trato nele antes, bem devagar, temos contas a acertar e uma lição a ensinar.

Quero dizer que o infeliz a que se refere é meu, mas me contenho e ele continua no celular, olho na porta do prédio.

— Porra, vamos ensinar a esse merda como é lidar com um homem de verdade, não apenas uma mulher — fala, com um sorriso frio no rosto, e o sangue pulsa em minhas veias. — Pode deixar, hoje teremos festa. — Com o olhar atento, ele foca sua atenção em algo e eu o sigo, ao escutar: — Já era, já era, avistei o veículo.

Bruno desliga o celular e liga o motor do carro, atento a qualquer movimento.

— É ele ali? — pergunto quando vejo um *Jeep* branco deixar a garagem do prédio de fachada preta e elegante.

— É... Pedro, agora é ficar calmo, fica na tua, é só seguir as coordenadas que vou te dar daqui pra frente e vai dar tudo certo. Confia em mim que vamos achá-la.

— Como se fosse fácil — afirmo, pois não tem como manter a calma.

Quero minha mulher livre, não vou sossegar até vê-la bem. Mas, ao mesmo tempo, a necessidade de matar o lunático que fez essa loucura com ela — e sabe-se lá o que mais — toma até mesmo meus ossos. Não falo nada, não permito externar meus sentimentos mais escuros. Apenas ouço o carro sair devagar, seguindo o *Jeep* branco que vai logo à frente.

Mal posso esperar para tê-la de volta...



Uma dor dilacerante, causada por uma ilusão desfeita, que foi regada por anos a fio. A questão que nos rege é que não somos realmente culpados até que... descobrimos nossa verdadeira face. Guardamos a sete chaves o que de mais feio há no mundo, em nós.

O cheiro de sangue invade minhas narinas junto da dor aguda que me faz revirar na cama. Por puro instinto, fecho minhas pernas ao sentir o líquido quente escorrer entre elas, tendo um único pensamento em mente: meu bebê.

Tento segurá-lo, tento interromper as mãos que me seguram, que tentam tocar minha vagina, ao escutar:

— Tire logo isso daí, ela vai acordar se não andar rápido com isso. Façam-na dormir!

Abro meus olhos ao ouvir a voz grossa falar, o cenário me faz temer, a dor me atinge mais e mais forte.

— Renato... — tento pedir socorro e ele tarda a vir.

— Oi, meu amor. Você está indo para a cirurgia, nosso filho irá nascer!

Não consigo nem ao menos falar, apenas gemo e eu sabia, eu sabia... estava perdendo o meu bebê após aquele acidente.

Sento-me de pronto, o suor a tomar minha face e colo, a angústia e a dor parecendo tão presentes. Agora acordada, é como se sentisse o cheiro de

sangue e álcool no lugar. E tudo é claro como água nesse momento, após chorar sem parar, tentando não aceitar tudo o que ouvi e, ao acordar do pesadelo, sinto minha cabeça zunir. Uma mistura de dor, angústia, desespero. Algo que nunca senti, nem mesmo ao saber que, após uma surra, perdi o meu segundo bebê. Achei que aquele homem já tinha me feito sentir as piores coisas, mas me enganei, ele ainda tem o poder de me deixar no escuro.

Como ele pôde? Era um bebê, o meu bebê. Chorei rios, senti culpa por tanto tempo, uma dor incurável para, enfim, descobrir que meu filho nunca se foi, ou melhor, minha filha. E como dói, meu Deus, meu coração parece estar sendo rasgado no peito. Como pude ser tão cega, tão imatura e burra? Como pude me envolver em suas armadilhas, suas loucuras? Por que não lutei pelo homem que eu amava?

E eu sei a resposta. Orgulho ferido, medo do *não*, de ouvir o que eu temia: que ele jamais me amaria. Escolhi culpá-lo sem lutar, fugir era mais fácil e achei ter encontrado a saída ao conhecer Renato. O homem dos sonhos de qualquer mulher, ao menos nos primeiros meses. Eu estava sozinha, jovem, grávida e acreditava ter sido renegada pelo homem que amei por toda a minha vida. Doe a dor e o orgulho, uma característica que parece perseguir os irmãos Ribeiro, cegou-me.

Não, não estou culpando as circunstâncias, tampouco tirando minha total responsabilidade. A culpa foi, sim, minha. Pedro também errou, mas era eu que estava sóbria naquela noite, fui eu que fugi para o outro lado do mundo.

Acreditei que ele preferiu fingir que nada existiu, me pareceu mais fácil, talvez, inconscientemente, eu buscasse apenas um motivo para adormecer aquele amor e o achei. Naquela noite, eu não estava me entregando ao homem com quem eu queria passar o resto da vida, não, naquela noite eu estava me despedindo. Essa era a verdade.

Se ambos estivéssemos sóbrios, aquele momento jamais teria acontecido. Eu jamais teria me entregado daquela forma e foi perfeito. Pedro me amou como qualquer jovem virgem sonha em ser amada. Aquele homem venerou o meu corpo de forma linda, se preocupando em me dar, acima de tudo, prazer. A dor também veio, é claro, mas o prazer me levou às nuvens.

Eu fui fraca, fomos, na verdade. Desistimos um do outro na primeira

dificuldade, no primeiro buraco. Por que eu não falei? Por que não gritei e espernei ali mesmo em meu antigo quarto, com a bandeja de café da manhã nas mãos, deixando claro o que fizemos, o quanto o amava?

Não. Foi mais fácil engolir em seco, deixar a bandeja sobre o criado e dar um sorriso amarelo ao ouvir:

— *Devagar, estou morto de dor de cabeça, preciso ir pra casa. O que aconteceu ontem, Alice?*

Eu gaguejei, senti a magia se partir, medo e a constatação do que eu acreditava ser melhor.

— *Você não se lembra?*

— *Só de sair e beber.*

Respirei fundo, afugentando as lágrimas, pois eu me lembrava de cada pequeno detalhe, cada gemido, cada palavra dita, e doeu.

— *Foi o que aconteceu, eu te trouxe para casa ontem à noite, estava bêbado demais para dirigir, foi isso. Bem, aqui está seu café da manhã, com um bom e puro café preto de que tanto gosta, vai ajudar, caso esteja de ressaca. Bom dia, Pedro.*

Ele só confirmou e eu, com meu orgulho ferido, acreditei realmente estar fazendo o melhor para nós. Eu não estava, pois, naquela noite, eu saí dali com uma sementinha plantada em meu ventre. Minha menina, nossa menina.

Meu Deus, Camille... é minha filha.

Uma lágrima escorre e a ficha ainda não caiu, não faço ideia de quanto tempo se passou desde que aquele monstro saiu daqui, mas parece que tudo não passa de um pesadelo, que vou acordar em casa, nos braços do homem que amo.

Nada faz sentindo e, ao mesmo tempo em que meu coração se enche de amor ao saber a verdade, o temor vem sobre mim com força, me levando ao chão. Não sei o que fazer, como protegê-la dele.

Pedro...

Ele vai me perdoar? Será que um dia, após saber de tudo, Pedro conseguirá me perdoar? Eu a tirei dele.

E pensar que ele sempre esteve com ela, sempre cuidou dela e lhe deu amor, mesmo sem nunca imaginar que era sua filha. Aquele homem a amou primeiro, mesmo sem saber que em suas pequenas veias corria seu próprio sangue.

Um soluço me escapa e levo minhas mãos ao meu ventre, apalpando-o, deitada no chão frio. Me sinto fraca, arrependida, confusa e sozinha. Eu só queria voltar no tempo.

Olho para mim mesma, minha figura patética e fraca, deixando meu olhar vagar ao redor, e sinto nojo de mim mesma ao estar nessa situação, ao me colocar aqui.

Chega!

Grito, muda, sentando-me no assoalho.

Chega. Chega de ceder, de me deixar levar. Não, não vou deixar que ele me machuque outra vez, tampouco a Camille ou Pedro. Eles são minha família, o que de mais precioso Deus me deu. Perdi-me uma vez, mas isso não voltará a acontecer. Não importa o que aconteça comigo, eles ficarão bem, eu farei de tudo para isso acontecer.

Tendo essa certeza em meu coração, eu me forço a levantar e tento me convencer de que serei capaz de fazer algo que o impeça de chegar perto da minha menininha. A verdade é, que se eu não estiver aqui, Renato não terá a quem manipular, se eu não estiver mais aqui...

Não, isso é loucura!

Mais uma vez estou fugindo? Não.

Tenho que achar um jeito de parar esse sádico, mas também dar um jeito de ficar com eles, de dizer a verdade a Pedro, de abraçar Camille e dizer que ela veio de mim, das minhas entranhas, que tem nosso sangue e que jamais a abandonei por vontade própria. Que ela foi fruto de um amor que atravessou o tempo, cada dificuldade imposta por dois corações imaturos e machucados. Que eu a quis desde o primeiro momento, que eu a amei acima de qualquer pessoa e que a amo.

Filha...

Me ponho de pé com um único pensamento: o de sair daqui e salvar

minha família. Antes que eu possa me segurar, sentindo meu corpo fraco por me negar a comer, ouço a fechadura abrir e todo o meu corpo se retesa automaticamente.

O homem de estatura alta me faz ver que não é Renato chegando, não ainda, e vejo-me suspirar de alívio. Sei que não estou segura com este monstro também, sinto isso em seu olhar, mas Renato causa o pior em mim. Estudo-o de forma aguçada e ele parece fazer o mesmo, seu olhar passeia por meu corpo e para em meu rosto, então ele sorri cinicamente, buscando a bandeja intocada sobre a pequena mesa de canto. Sinto medo até mesmo de comer essa porcaria que me servem.

— A madame não comeu de novo... — constata, balançando a cabeça.
— O patrão não vai gostar, dona. A senhora sabe que ele me deu permissão de forçá-la a comer?

Arregalo meus olhos e meus pés dão passos para trás inconscientemente, buscando distância.

— Eu *pudia* fazer a moça comer, posso até ser mais bondoso que o patrão, madame. Sabe como é, basta ser boazinha. Se bem que também posso forçar a dondoca a comer, além de fazer outras coisas e, com o queixo quebrado, a senhora não vai ter muito o que contar ao patrão, o que acha? Como vai ser?

Meu sangue corre gelado, sinto-me tonta, a bile vem à garganta, mas eu não posso me deixar ir, não posso ceder à fraqueza.

— Não, ele saberá, acha que ele irá gostar? O que Renato fará se... — Mal termino e o infeliz sorri, gargalhando do que falo.

— A madame acha que sabe muito... está errada, estou aqui para tomar de conta e domar a senhora — fala, aproximando-se aos poucos.

— Não me toca! — grito e tento fugir, passar por todo o seu tamanho, mas suas mãos me detêm, segurando-me pela cintura e jogando-me contra a parede.

Minhas costas andem, a dor atravessa meu abdômen.

O desespero, a impotência, é como estar presa em meu pior pesadelo, de volta ao cativeiro. Nojo, medo, angústia já familiares.

Quero me doar à fraqueza, desmaiar, assim nada sinto, nada vejo, mas então um rosto me vem à mente, um sorriso doce e uma voz que diz:

— Mamãe...

Algo grita em mim, uma força que nem mesmo eu sabia existir.

O demônio me segura pelo cabelo com uma mão e puxa meu queixo com a outra, forçando meu rosto. Mal sinto dor. Sua respiração e o bafo alcoólico me alcançam e o gosto amargo do vômito vem à minha boca, assim como lágrimas aos meus olhos. Não me movo, aprendi que se debater os atíça, faz com que tenham o instinto predador de machucar e domar. Renato me ensinou isso com o tempo.

Me aproveito, então, de apenas um minuto de sua distração e vejo minha melhor oportunidade. A porta está aberta e, quando o homem aproxima o rosto imundo do meu pescoço, rindo com deboche, acerto-o com toda a força do meu corpo, usando meu joelho em um chute certeiro em seu pau. Faço-o arquejar e me soltar, enquanto segura seus testículos imundos entre as pernas, sobre a calça desbotada.

Não penso, corro, minha vida e minha família dependem disso. Saio do quarto e me deparo com um corredor cheio de portas, elas me confundem e em um dado momento sou forçada a me segurar na parede. Preciso de ar, espaço e então acho a saída, uma porta. Dou de frente para uma escada grande e ouço gritos, urros de ódio, corro mais, o quanto minhas pernas aguentam.

Eles precisam de mim, Pedro merece a verdade!

Quando estou prestes a alcançar o final da escada, algo me faz parar, eu estanco no lugar, segurando no corrimão ao ver Renato entrar pela sala, apressado, e parar, olhando-me, assustado. Minhas pernas falham, meu coração sangra e minha esperança esvanece. Não aguento mais e meus joelhos cedem, na mesma velocidade que minha esperança se vai.

— Ora... o que temos aqui?

— Renato — sussurro, incapaz de falar algo mais, ou olhar para o seu rosto.

— Shiu.

Levanto meu olhar e vejo-o deixar a pasta negra sobre a cadeira, aproximando-se de mim, e meu corpo responde com asco.

— O que fez com o idiota que estava tomando conta de você para conseguir fugir assim?

— Ele ia, ele ia...

— Ah, Alice... eu tento...

Vejo, com horror, quando ele joga longe o paletó e se aproxima de mim aos poucos, levantando os punhos da camisa social branca, e eu sei o que vem a seguir. Não há como fugir, tento subir as escadas, me arrastando de costas. Lágrimas pesadas descem de meus olhos, sem controle, mas serei forte, chega!

Dou a ele o que não espera. Renato quer uma fera acuada, que eu lute contra tudo, mas eu não vou, preciso sair daqui e não é lutando que irei conseguir. Algo machuca meu joelho e vejo a ponta de um ferro brilhar, cortando minha pele.

— Viu? — Ele chama minha atenção, enquanto gemidos roucos vêm da escada acima. — Ah, eu esperava mais, não achei que desistiria tão fácil. Ainda assim, merece um corretivo por tentar fugir, querida futura esposa. Concorda?

É humilhante, degradante.

— Sim...

E suas mãos me alcançam, pondo-me de pé e um fio de suor desce por minha coluna. A dor vem com força, o tapa estala pela casa e perco todo meu equilíbrio quando sua mão acerta em cheio meu rosto. Será o fim? O pior é saber que não, o meu inferno mal começou.



A verdade é traiçoeira, mas ainda assim pode nos despertar os sentimentos mais lindos e puros.

— Inferno. Perdemos o infeliz — esbravejo, fora de mim, ao não avistar mais o carro em que Renato saiu do prédio, e estranho a calma de Bruno, o sorriso cínico que me dá após olhar o celular. — Fala logo, acha que isso é um jogo? É a minha mulher que está com esse maluco. — Perco o controle, estando no limite.

Nesse momento, o semblante do homem atrás do volante se fecha, ele deixa o celular de lado e volta a guiar o carro sem falar nada por poucos segundos. Eu vou enlouquecer.

— Olha, entendo que esteja nervoso, desesperado, doutor, mas não torne a falar comigo novamente nesse tom, a vida de um inocente jamais vai ser encarada como um jogo pra mim e não aceito que digam o contrário. E a resposta é que o idiota estava dando voltas, você também percebeu. Se continuássemos a segui-lo, ele perceberia logo, logo. Por isso paramos, enquanto um colega o está seguindo e agora temos a localização dele. Vamos lá.

Uma onda de adrenalina transpassa meu corpo, a urgência faz com que eu me arrume na cadeira, sem ligar para sua repreensão, sentindo o sangue pulsar, o coração bater mais forte e o medo me invadir, o que quero mesmo é minha mulher e foda-se o resto.

— Estamos longe?

— Não, pela localização que recebi, logo chegaremos. O filho da mãe não usou um lugar que qualquer um usaria para esconder alguém.

Bruno acelera o carro ao máximo e meu coração parece querer sair pela boca com a expectativa de estar com ela daqui a pouco, sei que Alice está com esse lunático, só peço a Deus que ela esteja bem, eu estou chegando. Espero que essa merda dê mesmo certo, que ela esteja mesmo no lugar para onde estamos indo ou não saberei mais o que fazer, perderei meu juízo de vez.

Adentramos em um bairro de classe alta e meu olhar curioso varre todo o lugar de forma minuciosa, quando Bruno manobra por uma das ruas que abrigam as mansões mais caras do Rio.

— É a casa amarela, quer dizer, a mansão — fala e sigo seu sinal.

— Filho da puta. — E, por sinal, Renato está na melhor casa do bairro, uma mansão em tamanho e beleza.

— É essa mesmo, olha o Dan ali. Não é que o filho da mãe sabe como se esconder? — Bruno ri. — Vem, vamos lá, doutor. Chegou nosso momento.

Bruno estaciona bem antes da casa que apontou, captura a arma embaixo da perna e pega mais uma ao lado da porta do carro. Descemos do veículo e o cara moreno, que se chama Daniel e está parado ao lado do muro, se aproxima, cauteloso, olhando para os lados e para cima, apontando uma direção com o queixo.

— Tem câmeras logo ali na frente, estão vigiando todo o lugar, parece não ter erro.

— Claro que estão, ele não daria mole, apesar de achar que, se fosse mais esperto, já teria saído do país — fala e me olha, percebendo que suas palavras gelam meu sangue. — Me desculpe, mas seria o lógico. Vamos esperar Alex, assim poderemos saber o que andou sondando.

Mal passam cinco minutos de um nervosismo sem igual, um carro para atrás do nosso e um cara negro desce do veículo, vindo apressado em nossa direção. Esse deve ser o tal Alex, que conseguiu entrar no prédio e ficar de olho em Renato, e não demora muito para que Arthur desça do carro e

também nos alcance, a postura tensa, preocupada, mas aparentando calma.

— E então? — Arthur pergunta.

— Nada — Bruno responde. — Agora é contigo, Alex. Vai lá, faz tua mágica. Esperamos aqui. Arthur, você fica no carro e deixa ligado, caso as coisas saiam de controle. O foco é pegar o cara, mas o principal é a segurança dela, após cuidar de Alice, o cara é meu.

O tal Alex sorri e se distancia ao lado dos arbustos colados ao muro, e nós esperamos. Calados, receosos, concentrados no mínimo barulho possível. Poucos passos e movimentos e o tal policial está pulando o muro com agilidade, sumindo de nossas vistas. Os minutos que se seguem parecem uma eternidade, meu peito sobe e desce numa velocidade invejável, tenso, com medo de algo acontecer com a minha boneca. Isso é loucura.

Não há barulho algum, nada, mas após cinco minutos o portão pequeno da mansão é aberto e o rosto recém-conhecido aparece.

— Andem, logo verão que há algo de errado — Alex pede e, mais que depressa, vamos em sua direção.

— O que viu? — Bruno pergunta ao homem assim que entramos e para, olhando para mim. — Pensando bem, acho melhor ficar com Arthur, Pedro.

— Nem pensar, nem tente me convencer ou só perderemos tempo aqui, não vou esperar que façam algo que eu deveria fazer, ela é minha mulher!

— Porra! — esbraveja, mas não tenta me demover. — Então segue o plano e fique o tempo todo comigo, sem heroísmo.

Confirmo e Bruno volta sua atenção para os dois caras que esperam, atentos, o seu comando.

— Quando entrei tinha dois no portão da casa, Caveira, dois nos fundos, um na frente e um que vi entrar dentro da casa.

— Seis?

— Não, quatro, derrubei dois — fala e sorri. — Mas logo darão falta dos idiotas.

— E nem me esperou. — Bruno sorri e percebo que o cara gosta mesmo disso, da adrenalina e do perigo. — Alex, vai pelos fundos, Dani fica

na frente e eu entro pela lateral com Pedro — comanda e se aproxima de mim, me olhando com seriedade. — Não estrague o que estamos fazendo aqui, faça exatamente o que eu mandar. Agora vamos.

A adrenalina sobe em meu corpo, meu coração parece querer quebrar o peito a qualquer momento e o nervosismo faz minhas mãos suarem. Sigo com Bruno pela frente da casa, cautelosos e meio abaixados, e vejo-o colocar um silenciador na arma, parar, mirar e acertar o homem de capuz em frente à entrada, seu corpo vai ao chão em um baque surdo. Sou acostumado a salvar vidas, mas, no momento, meu alvo é apenas um.

Passamos pelo corpo inerte, um barulho vindo de trás da casa faz Bruno praguejar baixo e, em seguida, o que acontece faz meu corpo tremer por inteiro.

Um grito.

Um grito de dor que faz meus músculos funcionarem ao saber que vem da mulher que amo. Esqueço tudo ao meu redor e nem escuto quando Bruno me chama incessantemente, tentando segurar meu braço. Foda-se o plano, só sigo meus instintos, querendo salvar minha Alice.

Estanco ainda na entrada, chegando a fazer barulho no mármore ao quase escorregar assim que entro na grande sala, com poucos móveis, e vejo o homem magro arrastá-la com ele pelas escadas. Quando me vê, Renato para, segurando-a pelo cabelo, e isso acende todo o ódio já latente em mim.

Vou em sua direção, com vontade de matá-lo com minhas próprias mãos, e é quando uma arma é erguida por ele, mirando em meu peito. Renato sorri enquanto vejo o pânico tomar conta do rosto da minha mulher ao me ver, um arquejo deixando seus lábios, junto a um filete de sangue em sua boca.

— Pedro, não... — ela tenta falar e o indivíduo ao seu lado a cala, dando-lhe um solavanco.

— Calada. E o que temos aqui? As coisas só ficam melhores a cada minuto, me poupará trabalho, Pedro.

— Abaixa essa arma, seu filho da puta! Se ousar machucá-la de novo...

— Vai fazer o quê? Olhe ao redor, bastardo. Quem está no controle? Achou mesmo que viria aqui e a levaria assim? Fácil? Não me tome por

burro! — Ele está descontrolado, mas meus olhos estão presos nela, só nela, esquadrinhando cada parte de seu corpo, querendo ter certeza de que está bem, enquanto a vejo chorar, os olhos em súplica como se pedisse para que eu não fizesse nenhuma burrice, e meu peito inflama.

— Sabe, eu já tinha organizado tudo. Vim buscá-la para irmos embora para nosso novo lar, pegar nossa menina...

Arregalo meus olhos com o *nossa menina*, um frio passando por minha espinha.

— Isso, mesmo. O monstrinho deformado que você tanto ama e depois, é claro, te matar. Não iria correr riscos te deixando vivo, não é? Mas então você facilitou as coisas pra mim. Veja só!

— Pedro, Pedro... — Ela não termina o que começa a dizer.

A arma é engatilhada e ajo por puro instinto.

— Eu te amo. — É uma despedida, pois irei fazer, sim, uma loucura.

E antes que eu consiga dar um passo em direção ao filho da puta, Alice se vira e leva a mão ao rosto dele, atacando-o com algo, gritando como se sentisse dor. O desgraçado urra com seu ataque. Pegando-o de surpresa, ele a solta e leva a mão à face esquerda, o sangue começando a escorrer por entre seus dedos.

Arregalo meus olhos e abro meus braços para recebê-la quando ela corre em minha direção. Alice deixa algo metálico cair no chão e se joga em meus braços. Quando vejo o infeliz voltar a empunhar a arma, agarro-a com força, virando-me e dando as costas para ele, tentando protegê-la com meu corpo.

Um disparo, um baque e espero a dor me invadir. Uma dor que não vem e volto a abrir os olhos, sentindo o corpo dela tremer, preso ao meu. Olho para trás a tempo de ver a arma no chão e Renato correr, saindo pela porta lateral, sangue sendo deixado pelo local. Meu desejo é ir atrás dele e matá-lo com minhas próprias mãos, mas tenho algo mais importante a fazer, cuidar dela, de minha Alice. Demoro a ver o que aconteceu quando Bruno entra correndo na sala, pistola em punho e para próximo a nós. Ele o acertou.

— Ela está bem? Estão todos bem? Você quase estragou tudo! — repreende e agora isso pouco me importa.

— Estamos bem, mas ele fugiu — respondo, buscando o rosto dela, minha atenção é só dela.

— Mas não vai longe. Está com um tiro no braço. Fiquem aqui. — E em seguida ele sai pela mesma porta que o verme acabou de passar, correndo como um louco, e minha atenção se volta somente para ela.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e busco seus olhos, não acreditando que está aqui, comigo, em meus braços. Beijo seus lábios e ela me afasta, tentando falar algo, soluçando, tentando engolir o choro. O rosto vermelho lavado por lágrimas, que beijo com desespero, e marcado pela mão de um crápula.

— Ele, ela... Pedro.

— Calma, amor, eu estou aqui, estamos bem, me ouviu?

— Não... me deixa... me deixa falar. Ela... ela... não morreu.

Não entendo o que quer dizer e olho para ela tentando compreender.

— Quem, meu amor? Vem, vou te levar para casa e conversaremos melhor.

— Não, não, não. Me ouça, me escute, você precisa saber, precisa me ouvir. É o nosso bebê, nosso bebê não morreu, Pedro. — E seu choro sai com gosto, enquanto eu apenas fico paralisado, olhando para ela, achando que talvez esteja delirando.

— Meu amor... — tento, mas ela me corta.

— Não, não, não. Você não entende, ele contou, ele me contou. Renato contou tudo, Pedro. Nosso bebê não morreu, ele deu para adoção. Aquele miserável roubou nosso filho.

E o mundo parece não fazer sentindo.

— Alice...

— Falo do neném, o neném nasceu com fenda de palato, o nosso neném, no dia do acidente. — Soluça, tentando me contar mais, enquanto estou sem palavras, perdido. — Ele não queria e... Meu Deus, ele a deu para adoção e colocou um bebê morto no lugar. Nosso, nosso bebê não morreu, Pedro, nosso bebê não morreu.

Fico sem ação alguma, ouvindo, aturdido, o que fala, ajoelhado no chão, segurando seus braços, sentindo algo que não reconheço, estou aéreo.

— Ela não é só nossa filha de coração, é ela... você a achou. Nosso bebê é Camille!

— Nasceu com fenda de palato... — sussurro, o impossível se tornando viável, toda essa loucura se alinhando na minha frente.

Camille vem à minha cabeça no mesmo instante e me sento no chão, estarrecido, sem palavras, o corpo sem controle algum. Eu a trago para mim, Alice se afundando em meu peito, se agarrando a mim com força e chorando enquanto eu também me entrego ao momento, ao choro de alívio e descoberta, me afundando em seu pescoço. Só preciso senti-la, ela está bem, está aqui comigo... e Camille...

Deus do céu!



E como dizem... missão dada é missão cumprida, parceiro!

Sempre tenho, à minha frente, uma decisão a ser tomada. Matar ou morrer passou a fazer parte da minha vida constantemente após entrar para a polícia e, acredite, a gente se acostuma. O perigo sempre me excitou, essa merda de ficar no batalhão, trabalho interno, nunca foi minha praia, o gosto pela porra da adrenalina tomou conta de mim e, sem que me desse conta, já estava no BOPE. Hoje são minha família, tanto que os caras em quem mais confio estão aqui comigo, em uma operação totalmente extraoficial.

A cena se desenrola e Pedro não errou quando disse que eu gostava disso, não, eu gosto, sou apaixonado por essa merda, porém não é mais importante que salvar a vida de um inocente. E, quando as duas coisas se juntam, ai, parceiro, eu faço a festa e vou para cima. Está em mim toda essa porra.

Vejo o magrela engatilhar a arma em sua mão e, como nesses filmes cheios de ação, o doutor é rápido o suficiente para segurar sua mulher nos braços e se virar, enquanto assisto a tudo, parado, olhando pela janela lateral. Ele dá as costas para a bala o atingir, colocando-se na linha de fogo, protegendo-a. Corajoso, ou um idiota, depende do ponto de vista.

Chego a rir, brincando com o perigo. Seria tão fácil apenas engatilhar minha ponto 40, mirar no meio da testa do infame e atirar. Seus miolos espalhados na parede branca iriam dar uma boa pintura, mas seria tão fácil, sem falar que teria que lidar com Alex reclamando como uma mocinha que

fiz o serviço todo sozinho. Bom, agora vamos acabar com essa palhaçada de vez, o tempo da diversão acabou, isso sem matar o infeliz, e vamos brincar do meu jogo favorito... o de gato e rato.

Mudo a mira, tirando de sua testa e mirando no braço que segura a arma, prendo o ar, puxando o gatilho. O tiro é certo, há muito não sei o que é errar nesse sentido, e vejo o infeliz se assustar, gritar de dor, deixando a arma cair, e ainda olhar para a mulher protegida nos braços de Pedro, indeciso se tenta pegá-la, perguntando-se de onde saiu o tiro, se terá tempo de agir.

— Vai, corre, seu merda, não quero te matar aqui. Foge, covarde! — sussurro para mim, mirando o alvo na cabeça dessa vez, caso tente outra vez.

O ódio, a confusão e a dor estão estampados em seu rosto e ele parece me ouvir. Com sangue jorrando do braço, Renato sai correndo pela porta mais próxima, sendo sensato ou tentando, mas, a essa altura do campeonato, não tem mais volta, é tarde, parceiro.

Aprumo o corpo e entro correndo na sala, me certificando de que a mulher em prantos e o homem, em dúvida se mata o desgraçado que fez tanto mal à sua mulher ou fica e cuida dela, estão bem. Não precisa ser um *expert* em expressão facial para saber que a maior vontade de Pedro é matar o lixo que fugiu há pouco, mas seu foco é Alice e admiro seu sentimento, a coragem de se colocar em frente a uma bala por alguém.

Deixo os dois em uma espécie de bola mágica só deles, depois de repreender Pedro por sua estupidez, e vou direto para a mesma porta pela qual Renato acabou de passar, me certificando de que não tem ninguém armado aqui, correndo na única direção em que o verme poderia ir. Ainda o vejo e seu olhar cruza com o meu antes de entrar no carro parado na brita, dar partida e acelerar sem deixar que eu perca o sorriso em seu rosto. Aquele olhar... um doente.

Já vi muita merda, muita merda em forma de gente. Uns tão podres que serão considerados a escória do inferno quando chegarem lá. São, na verdade, pois já mandei muitos filhos da puta para bater um papo com o diabo. Muito lixo humano que ainda há quem acredite que poderia se regenerar, mas a lei é uma só, compadre, ou você mata ou morre e, nesse caso, eu prefiro matar. Entre a vida de um bandido e a de um inocente, a escolha é fácil. Sempre será

o inocente... sempre.

Saio correndo como um louco, vendo Alex vindo logo atrás de mim. Não o espero, sei que irá se encarregar de chamar a polícia para o reforço e conseguirmos acertar tudo para que não suje para o nosso lado. Quando estou no portão, Arthur já está com o carro ligado, pronto, aparentemente apressado. Se me demorasse mais alguns segundos, ele teria saído atrás de Renato sozinho.

— Entra, entra, ou iremos perdê-lo — fala, atropelado, já não basta a fuça, parece ter também a impaciência do irmão gêmeo.

— Não vamos... — afirmo, praticamente pulando no banco do carona.

Bato a porta e o cara acelera a BMW, cantando pneus. O *Jeep* branco se destaca à frente, cortando vias, becos e vielas, e nós estamos logo atrás dele. Uma sorte estar tão tarde da noite e o trânsito, ameno. O cara loiro, concentrado atrás do volante, perde um pouco da marra de juiz certinho e dirige como um louco. A vida dele parece depender disso e só então enxergo seu ódio.

— Ela está bem, não está? — pergunta, sei que fala da irmã.

— Está. Agora dirija, só dirija, tenho uma lição a dar hoje — falo e ele volta sua atenção para a via.

Logo Renato entra em uma rua pouco movimentada e não entendo para onde pretende ir, já passei muito por essa rua para ir ao orfanato ver Felipe, mas é uma rua sem saída, onde... Não. Não. Não.

— Desgraçado filho da puta! — falo quando me dou conta de para onde ele está indo, chamando a atenção de Arthur. — O orfanato, o filho da puta vai pro orfanato. Esse é o orfanato em que a menina que Pedro está adotando fica?

— Sim, é esse! — fala, preocupado, e o ódio me toma.

Pego a arma, abaixo o vidro e olho para ele.

— O que foi?

— Só mantenha essa merda reta.

— O que vai fazer?

— Parar esse desgraçado antes que chegue aonde pretende ir. — Os olhos azuis, agora cinza, fitam adiante e parece entender.

— Ele quer Camille, a menina de Pedro.

Ele entende, acelerando mais, eu me sento na porta, me equilibro com certo trabalho, devido ao meu tamanho, e pego o rifle. Respiro, então miro, engatilho e atiro... Apenas um único tiro é necessário, direto no pneu traseiro. O carro é desestabilizado, o fogo faísca no asfalto, o carro capota três vezes e é como se estivéssemos em câmera lenta. Me seguro como posso, enquanto Arthur tenta frear com tudo o que tem, em uma manobra perigosa para que, como Renato, não venhamos a capotar também.

Com custo, paramos, e a fumaça sobe no asfalto, cheirando a chifre queimado. Desço do carro, trazendo o rifle e a pistola, mas antes olho o cara ao meu lado.

— Fique aqui — peço e não espero a resposta.

Ele também não diz nada, absolutamente nada, e me aproximo do veículo capotado e estilhaçado, o cheiro forte de gasolina me fazendo engasgar. Me aproximo pela traseira acabada e tento ver se há movimento. Uma tosse forte me dá a certeza de que vaso ruim não quebra fácil. Maravilha.

Me aproximo da lateral a tempo de ver o verme tentar sair do veículo, pela janela de vidro estilhaçado, metade de seu corpo para fora, sua testa com um corte e seu braço encharcado de sangue, então ele me vê e lhe aponto a arma para que não tente nenhuma gracinha.

— A cavalaria veio... — fala, com dificuldade, sangue em sua garganta. Eu rio.

— Esperava o quê? Não achou que ele iria sozinho até ali, achou? Cara, que burrice... — espezinho, é inevitável. Como uma certa rabugenta sempre diz: sou meio insuportável. — Sabe de quem ela é filha e ainda assim decidiu brincar com a porra da irmãzinha do juiz... parece que pisou na merda e ainda não sei como tu tá vivo.

Não espero que responda, mas ele o faz assim mesmo, enquanto levo um pé ao seu peito.

— Ele é certinho demais para fazer algo fora da linha, agora vá, chame

uma ambulância, estou me esvaindo em sangue. Me tire daqui e saberei te recompensar depois.

Eu sorrio, o desgraçado é inacreditável.

— Não sabe com quem tá falando, sabe? — pergunto e meto o pé em cima do tiro dado em seu braço. O desgraçado urra de dor e desespero, vendo o inferno em meus olhos. Essa é a melhor parte.

Me agacho e olho em seu rosto para falar:

— Sabe quem sou eu? Considere que aqui serei o teu carrasco, o próprio demônio. Sabe o que vai acontecer, Renato? Vou te levar pra trás das grades, vou te jogar naquele inferno, mas, antes, faço questão de dizer pra turma quem você é, o que fazia, como gosta de maltratar mulheres, estuprar, humilhar. Vai virar mulherzinha de bandido, vai ter que chupar muito pau e dar muito essa tua bunda, seu covarde de merda.

Cuspo e, por instantes, pareço ter tocado em sua ferida, uma ínfima cogitação do que virá a passar, então, como um lunático, Renato começa a rir. Gargalhar em meio ao sangue que jorra de sua boca.

— Acha que vai me manter preso? Acha que terá tempo de me jogar na cadeia? Pensa bem... faça as contas. Primeiro vou para o hospital, estou ferido e, enquanto me recupero, estarão cuidando pra que eu não seja preso quando tiver alta. Conhece a lei. Sabe disso... Deve ser o quê? Policial? Ah, o policial certinho. Então vamos, me tire daqui, receberá uma bela recompensa.

Me levanto, enojado, olhando o seu rosto doente, e penso o quanto nosso país nos enfia mais na bandidagem a cada dia, em como nossas leis funcionam. Prendemos vagabundos para no dia seguinte estarem soltos, voltando a matar, estuprar, roubar e acabar por se vingar de nós mesmos.

— E, quando for solto, primeiro vou matar todos vocês e depois levar aquela puta comigo, a minha mulherzinha.

Não me seguro, agarro o colarinho de sua camisa, puxando-o para fora do carro, e soco seu rosto, tirando-lhe mais sangue, uma, duas vezes, soltando-o e deixando suas costas voltarem ao chão em um baque surdo. Um verme, um lixo.

— Ah... — Cospe sangue. — E, o melhor, vou meter meu pau e arrebentar aquela infeliz. Vou foder com aquela cabecinha ruiva, vou marcá-

la a ferro quente com as letras do meu nome e ninguém jamais vai achá-la.

A Cenourinha me vem à mente, os olhos verdes felizes e simpáticos, e imaginar a cena... é...

Sorrio comigo mesmo, então miro e atiro... seus gritos e choro ecoam na escuridão da noite agonizante. Assisto à cena e ele, sem controle algum, segura seu pau. Ou o pedaço do que sobrou dele após eu acertá-lo.

Fico aqui, admirando cada segundo de sua maldita dor, e não minto, me regozijo com isso. Pois imaginei o que faria com ela e como me sentiria se esta mesma coisa fosse feita com Cristine. Eu não suportaria.

E, nem mesmo assim, Renato se dá por vencido.

— Acha que... assim... ai... vai me impedir? Não... eu vou voltar, teus dias estão contados.

— E os seus também. — Ouço a voz de Arthur e encontro-o em pé atrás, de nós, vejo o fogo em seu rosto, a expressão fechada e... uma arma. O que ele...

— Arthur? — questiono.

Então ele empunha, aperta o gatilho e não o faz apenas uma vez.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

Cinco.

Seis.

Sete.

Oito.

Nove.

Dez.

Onze.

Onze tiros são disparados em uma velocidade invejável e, em poucos minutos, Renato não passa de um pedaço de carne furado como uma peneira.

— Você... — Tento dizer, mas ele não espera, me dando as costas e voltando para o carro.

Olho a bagunça, perdido, então faço o óbvio, naquele momento, dou passos para trás e atiro no tanque do carro, o que causa uma explosão feroz, o fogo alto reflete suas chamas em meu colete.

Procuro Arthur e o encontro fitando o fogo encostado em seu carro, assistindo a cada parte, incluindo o corpo de Renato ser consumido pelo fogo. Não digo uma palavra e volto meu olhar para a fogueira à frente, o cheiro de carne assada começando a se fazer presente. Busco cada projétil amassado no chão e pego todos.

Me aproximo do carro, lhe entrego os pedaços de metal amassados e Arthur guarda em seu bolso.

— Ela... ela era perfeita. Sem marcas, principalmente, em seu interior. Ela era... — Ele sorri ao falar e ouço com atenção. — A criatura mais doce, mais gentil e maluca do mundo. Eu a amo tanto, tanto... e já faz dias que me odeio por não dizer isso a ela. Por não dizer o quanto sinto pela distância. Ela era... não, ela é o que de mais precioso temos na família. Ele não merecia viver, por pior que fosse sua estadia na cadeia, e sabemos que seria uma curta estadia, por isso ele seria sempre uma ameaça. E isso eu não aceito. Não aceito que viva.

— Sei. Bom, diga a ela agora. Diga que a ama, conquistou essa chance.

Ele se cala por minutos em que admiramos as chamas tremularem, ambos encostados no capô do carro.

— Me diga... esse mundo te fez mudar?

Olho para o cara, tentando entender aonde quer chegar e me vejo fazendo essa pergunta a mim mesmo.

— Sim. Eu mudei, fiquei mais duro, inflexível... acho que por saber que irei direto para o inferno depois dessa vida. E você, juiz?

— Eu não sou mais eu. E não gosto do que sou. Amo o que faço, mas odeio o que me tornei, odeio o que fizeram de mim. Por vezes, a ética também tem um preço e eu o pago, dia após dia.

Ficamos em silêncio, nada digo, sinto isso, às vezes.

— Estou voltando para o Rio. Consegui ser deslocado para cá, irei atuar na área criminal.

— Então seja bem-vindo. Foi uma escolha sua?

— Sim. Quero minha família de volta, quero meus irmãos mais perto. Descobri que a vida sem eles não faz sentido. Esses dias, principalmente, após quase perder Alice, me fizeram ver isso. Não sou o mesmo e talvez nem queira mudar, mas quero estar mais perto da minha família. Só isso.

Família... sinto falta da que um dia eu tive. Já não tenho mais.

Concordo com o cara e, mudos, esperamos a viatura da polícia, a ambulância e os peritos chegarem. Será uma noite longa até podermos explicar toda essa bagunça. Pela primeira vez, eu irei errar um tiro, pois, como bem sabem, minha intenção era acertar o pneu, mas, vejam só, acabei acertando o tanque de gasolina e causando uma explosão. Uma merda.

É, minha fama vai cair um pouco após isso, mas... valerá a pena. E a perícia que vá a merda!

Minha alma está lavada, só me pergunto se Arthur saberá arcar com o peso de matar alguém, mesmo que, ao fazer isso, tenha feito um favor à humanidade.



A felicidade está a um passo, basta esticar os braços e agarrar-se a ela!

Agarrado ao seu corpo trêmulo, enxergo a verdade em seus olhos, uma que me machuca, que chega com a força explosiva de um vulcão. Camille, ela está falando da nossa Camille. Mas algo não está certo, não pode ser. O destino, Deus não brincaria assim conosco. E então a afasto minimamente, segurando seu rosto entre as mãos.

— Ela parece... — Tento, mas a emoção não deixa que termine a fala, porém Alice lê meus pensamentos.

— A sua irmã — sussurra, em meio ao choro. — Eu sei, Pedro, isso não era coisa da sua cabeça. Só me ajuda, me ajuda a fazer parar de doer.

Ela chora e meu coração se parte. Parte-se por muitos motivos, por anos perdidos, por nunca saber que fui pai, por aparentemente estar o tempo todo com minha filha ao meu alcance e nunca a ter tido, pior, deixar que crescesse em um orfanato, quando ela nunca fora órfã e por deixar a mulher que amo ser quebrada dessa forma. Tudo dói, mas sei que dói ainda mais nela e cuidarei primeiro de suas feridas.

— Vem, meu amor, vamos sair daqui. — Tento me levantar e trazer Alice comigo, mas ela me para.

— Não, não está vendo? Vamos, temos que ir buscá-la, ela é nossa.

Ela reluta e sinto uma lágrima escorrer por meu rosto, vendo seu desespero. Parece ser o mesmo dentro de meu peito, um que sou obrigado a

controlar por ela. Seguro seu rosto entre minhas mãos e busco seus olhos.

— Meu amor, escute o que direi. — Ela tenta dizer algo, mas não deixo e continuo colando minha testa na sua. — Estamos sob forte emoção, uma que não sou capaz de aguentar sozinho, preciso cuidar primeiro de você, precisa comer, acalmar-se, ser hidratada e então conversaremos sobre o que faremos. Amanhã, amanhã, vamos vê-la e fazer tudo o que é necessário para tê-la conosco o mais rápido possível, averiguar toda a história, eu prometo a você.

— Não há o que averiguar, ele contou tudo, disse tudo o que fez nos mínimos detalhes. Ele me enganou, roubou minha filha e colocou um bebê morto no lugar, nunca foi um menino.

E como não percebemos nada? Claro, na época de seu acidente, eu estava de luto, perdido também em outra dor que não era apenas por vê-la de cama em um hospital.

— Certo, meu amor. Pois agora sabemos, ela é nossa e, logo que estiver bem, irei fazer tudo que estiver ao meu alcance para esclarecermos tudo e ela estar conosco.

Deus, ela é mesmo nossa? Algo em meu peito se aperta, junto a uma alegria que toma conta de mim. Camille é nossa filha, a menininha que sempre chamou minha atenção é minha filha. E o arrependimento também vem, por não ter tentado tê-la comigo antes.

— Agora, por favor, meu amor, vem comigo — peço e não espero uma resposta, me levanto, pegando-a em meus braços e levando-a comigo, que apenas se agarra ao meu pescoço.

Seu cheiro me reconforta, a certeza de saber que está segura me trazendo paz. Quando saímos pela porta, Alex, amigo de Bruno, está a postos e é possível ouvir a sirene de uma ambulância.

— Eu acabei de chamar, será melhor.

Confirmo, agradecendo em silêncio, e a levo até o veículo. Abrem a porta traseira da ambulância e logo estão imobilizando-a em uma maca, permaneço o tempo todo segurando sua mão, vendo-a chorar, sem conseguir se conter.

E logo saímos dali, nem ao menos me dou ao trabalho de saber os

pormenores da operação, meu maior interesse está aqui, na minha frente. Me aproximo dela, Alice se agarra ao meu pescoço e chora, o mesmo choro que já não controlo. Estamos calados, meu corpo meio sobre ela na parte traseira da ambulância, enroscados como se fossemos o acalento um do outro e na verdade somos.

Camille, minha Camille...

Eu sou pai, cacete, pai... E Deus me deu a chance de ter a minha Sofia de volta, me deu uma cópia sua, com a diferença da cor dos olhos. Esses são mais parecidos com os meus, mas o temperamento... Sorrio, em meio ao pranto, me dando conta do quanto o jeito da criança espoleta me lembra o da mulher em meus braços.

— Eu te amo. Eu a amo hoje, ontem e continuarei te amando pelo resto das nossas vidas. Daremos início a um novo ciclo, Alice, continuaremos daqui em diante. Talvez nunca possamos nos livrar da culpa que sentimos pelo tempo perdido, mas uma coisa é certa, vamos fazer o futuro valer a pena — falo próximo ao seu ouvido e beijo seu cabelo, enquanto ela não consegue nem ao menos falar.

Passam poucos minutos até que estamos estacionando em frente ao hospital. A aglomeração de repórteres está armada e conseguimos fugir de parte dela pelo corredor lateral, mas, infelizmente, outra se faz presente na garagem. A polícia está com Augusto, tio Oto e tia Vera. Essa última, quando me vê descer e arrastarem Alice em uma maca, cai em desespero, vindo em nossa direção, correndo e chorando ao mesmo tempo. Alice abre seus braços e a recebe, o momento é a consolidação de amor materno quando tudo para e Alice amolece em seus braços, o cansaço levando-a.

Alice

Minha garganta está seca, minha cabeça dói e ouço um bip, bip, bip...

Esse cheiro... é o mesmo cheiro. Abro os olhos depressa, o coração acelerado como sete anos atrás, quando acordei em um hospital, recebendo a notícia de que tinha perdido meu primeiro filho. Eu surtei e agora sinto o ar me faltar.

— Ei, ei... está tudo bem, eu estou aqui. — E essa voz, ela me acalmaria em qualquer situação.

A voz doce e cuidadosa de Pedro me faz vê-lo logo aqui, ao meu lado, e quando o fito com calma, me pergunto se não estou sonhando e minha vista embaça, as lembranças dos últimos dias clareiam minha mente e me fazem sentir medo. Mas ele está lá por mim.

— Sente alguma coisa, meu amor?

Sou incapaz de falar, apenas estendo minha mão para ele, sentado próximo ao leito. Ele a pega e eu o puxo para mim como posso, querendo seu abraço, seu aconchego, colo. Ter a certeza do que realmente aconteceu, de que estamos bem, que nosso filho não se foi e que Camille é a minha Camille. A culpa, minha culpa ainda está aqui, mas agora ela pode ser atenuada por poder ter minha filha e o homem que amo comigo outra vez.

— Ei, estamos bem, vamos ficar bem. — Ouço quando percebo que estou chorando e só pode ser de alívio.

Fungo e recebo beijos pelo meu rosto. Vejo-o empertigar-se, deitando-se ao meu lado, me aconchegando aos seus braços, entre aparelhos e soro. Seu cheiro, sua pele, seus lábios trazem-me paz, a certeza da felicidade, uma que jamais tive antes, sem querer me lembrar do episódio há pouco vivido.

— Você me perdoa? — pergunto e ele se afasta, me olhando de forma surpresa.

— Do que está falando?

— Se eu não tivesse...

— Shi... nunca mais, nunca mais repita isso. Não há o que perdoar, não há. Eu te amo, está aqui comigo agora e isso me basta. Vamos apenas recuperar o tempo perdido. Só isso, Boneca.

E chego a suspirar, agradecendo ao ser superior por estar bem, por ter Pedro.

— Nós temos uma filha — falo e sinto seu sorriso em minha testa, junto a um beijo.

— Temos, nós temos.

— Eu, eu... parece que fogos de artifício querem explodir em meu

estômago. Não sei explicar, é tão, tão bom. Preciso vê-la, Pedro. Por favor.

— E vai, meu amor, irá vê-la, já cuidei disso. Dormiu por dois dias, Boneca e, enquanto estava aqui, também chequei todo o seu histórico além do dela. Camille foi entregue ao orfanato exatamente após seu acidente e da...

— No dia da morte da sua mãe — termino sua frase e ele beija minha testa. — Ah, Pedro, me desculpa. Foram tantos mal-entendidos, tanta mágoa... eu não... eu contaria, juro que sim.

— Eu sei e não vamos mais falar nisso, vamos deixar o passado onde ele deve estar, temos um foco: o futuro.

Confirmo, mas me lembro de algo, ou melhor, de alguém em especial e sinto medo.

— Pedro, e Renato?

— Ele está morto — fala e algo perpassa minha espinha, algo que não sei precisar o que é, estou de olhos arregalados, surpresa. — Bruno o acertou durante a perseguição e acertou também o tanque de combustível, causando uma explosão, não sobrou nada, senão cinzas.

Fico imóvel, uma mistura de alívio junto à consciência pesada por me sentir bem com a morte de alguém.

— Mas não pense nisso agora, Alice — fala e ouço vozes. — Porque temos visitas.

Quando Pedro diz isso, ele se levanta da cama, e a porta do quarto é aberta, mostrando-nos minha mãe junto a Catherine e uma Camille aparentemente tímida. Me dou conta de que essa é a primeira vez que vejo a minha menininha, o meu amor, o fruto do sentimento que guardei uma vida inteira por um homem só e sinto como se o mundo tivesse parado de girar enquanto fito seus olhos tão parecidos com os dele.

Ela me olha e um sorriso se abre imenso, perfeito em lábios imperfeitos. Meu coração acelera, bate forte e parece sangrar em um misto de sentimentos.

Amor.

Culpa.

Carinho.

Proteção.

E culpa mais uma vez...

A culpa me persegue, a impressão que tenho agora é de que nunca irei atenuá-la, que ela sempre estará comigo. Estendo uma mão e a chamo para mim, sentindo meu peito não aguentar as batidas fortes do meu coração. Lágrimas embaçam minha visão, enquanto Camille vem correndo e abraça parte de mim como pode, devido ao seu tamanho.

A menina é colocada na cama comigo e nos abraçamos em meio ao choro, o meu, em especial. É como se aqui eu acabasse de dar à luz, sentindo a mesma emoção de pegar um filho pela primeira vez em meus braços. Espera, mas é isso mesmo que está acontecendo.

Minha menina me abraça forte com o rosto enfiado em meu pescoço e me sinto... mãe.

Mãe...

Sinto alguém se aproximar e braços nos envolverem em um abraço triplo, um cheiro bom nos preenchendo. O tempo parece parar, meu coração se enche com tanto amor. Eu não merecia tanto...

— Tia... — Camille chama nossa atenção e Pedro afrouxa seu abraço, dando espaço para que ela levante a cabeça e nos olhe.

— Oi, meu amor.

— A senhora vai ficar boa? O médico grandão disse que vai... vai, né?

Pedro sorri e me olha.

— Ela falou com Tiberius, Boneca...

Sorrio com a menção ao médico grandão e a olho, limpando meu rosto, ela parece não entender por que choro.

— Claro que sim, já estou.

— Hum... e por que tá chorando?

— É de emoção, estava com saudades de você, de todos — falo e olho para mamãe no canto do quarto, admirando a cena, emocionada. Será que ela já sabe? E seus olhos me dizem que sim.

— Ah... e eu posso ficar aqui com a senhora?

— Não... — Pedro começa a falar e eu o corto.

— Pode, pode sim. — E ele me olha em uma tentativa de reprimenda, que não surte efeito algum. — Porque seu... porque Pedro vai estar conosco o tempo todo e logo vamos embora para casa, afinal o final de semana é nosso e temos um hambúrguer para comer!

— Eu vou também? — pergunta e olho para Pedro, limpando parte das lágrimas que teimam em cair.

Minha vontade é só uma: contar que jamais sairá de perto de mim outra vez, que ela jamais foi abandonada, que ela foi roubada e que agora ficaremos juntos para todo o sempre.

— Claro que sim!

— Eba. E vou ficar para sempre?

— Vai, para sempre...

— Ali... — Pedro não tem tempo de terminar sua reprimenda, pois seu celular toca, interrompendo-o. Eu agradeço, no momento não preciso e não quero pensar em pontos práticos. Ela será nossa para sempre.

Ele pragueja, tira o celular do bolso, pronto para rejeitar a chamada, mas para, olhando a tela. Vejo o homem que tanto amo engolir em seco, olhando o celular com apreensão.

— Oi, Santana — atende e então congela por instantes. — Tem certeza? Essa informação é quente ou é como da outra vez? Me encontre no hospital, mas venha já, por favor — fala, atropelado, e desliga o celular em seguida.

Pedro olha para mim e noto que a mão que segura o celular treme um pouco enquanto tem os olhos fixos no aparelho.

— Pedro! — chamo, mas ele não parece estar aqui e busco minha mãe no quarto, mas agora só há nós três.

— Era o detetive, Boneca. Sofia, ele disse que a encontrou.

E seu olhar vazio me lembra do mesmo menino gordinho que chegou à nossa família anos atrás. O mesmo olhar culpado, triste e sozinho...

— Parece que encontraram a minha Sofia, amor.



Queremos nos adiantar ao futuro, ter as coisas no nosso tempo, porém só o destino dirá!

Fico andando de um lado para o outro, apertando o celular em minha mão, sem saber o que pensar ou como agir. Alice está deitada no leito, com Camille ao seu lado e, vez ou outra, me olha com ternura, como se dissesse *mantenha a calma, tudo dará certo*, mas minha cabeça só sabe repetir *e se não der?*

E é um turbilhão de pensamentos e sentimentos querendo sabotar a esperança que quer crescer em meu peito. Além disso, tenho Alice e Camille para cuidar, não quero sair de perto delas.

Droga, mas já deu tempo de ele chegar aqui, não? Claro que já. Minhas mãos suam, meus pés não conseguem parar e meu coração parece não caber mais no peito.

— Eu quero ir ao banheiro, tia — Camille pede e Alice me olha.

— Pedro, *leva ela*.

Eu me aproximo, pegando minha menina, beijando sua testa antes de colocá-la no chão e guiando-a para o banheiro na lateral do quarto, e ela parece notar meu desconforto. Camille entra e se aproxima do sanitário, parando e me olhando.

— O que foi, Mille?

— O senhor tem de sair, né...

Sorriso como um bobo. Tenho uma mocinha.

— Tudo bem, te esperamos aqui fora.

Saio do banheiro, encostando a porta, e encontro Alice com um sorriso bobo no rosto, perfeito, a meu ver. Mas a marca arroxeadada em seu rosto me lembra do tormento pelo qual passou, o desespero dos últimos dias. Ela estica a mão, me chamando, e eu vou como se um imã me puxasse.

— Está nervoso?

— Eu estou... é como se eu já soubesse o final. Que será apenas mais uma falsa esperança. Só isso e esse fato quer me sufocar.

— Não pense assim, sei que está tentando se preparar, mas dessa vez vai ser diferente, eu sinto. Além do mais, tudo o que passamos nessa última semana mexeu com você, precisa retomar o controle.

— Quais as chances de, depois de tantos anos, ela estar viva? Fizemos de tudo e não a encontramos, Boneca. Eu...

— Tenha fé.

— Eu tenho, foi a fé que me manteve de pé até ter você de volta, nada mais — falo e toco seu rosto, ainda parece mentira que está comigo aqui, tão perto, bem, depois de tudo pelo qual passou.

Não nego que ainda me sinto impotente por não ter acabado com a vida daquele verme, o ódio, a imagem de como a segurava quando entrei naquela casa não sai da minha cabeça, não consigo esquecer, mesmo sabendo que a essa hora sua alma queima no inferno, como Bruno mesmo me garantiu.

— Então tenha a mesma fé também em relação à sua irmã, ela voltará para você, para nós.

— Eu... talvez seja melhor outro dia, vou pedir que Santana venha outro dia, não quero sair do lado de vocês.

Ou talvez seja medo do que vou ouvir do detetive, medo do que possa vir depois, meu subconsciente grita.

— Claro que não. Quanto tempo esperou por isso? Não, eu não aceito, de forma alguma! Ficaremos muito bem, ainda mais porque mamãe logo

estará aqui e, como conheço minha família, logo que ela disser que eu acordei, esse quarto não terá mais espaço.

— Pronto. — Camille retorna ao quarto e me volto para ela, que sai do banheiro arrumando a roupa, no mesmo instante em que uma das enfermeiras vem checar o acesso no braço de Alice e seus sinais vitais.

— Doutor, um tal de senhor Santana está lhe esperando na recepção do hospital, acabaram de avisar.

— Ah, sim, obrigado, já estou descendo — falo e me volto para minhas meninas. — Bem, não há como adiar agora. Estou indo, ficarão bem?

— Claro que sim, mamãe já deve estar voltando, vá tranquilo, ficarei esperando notícias.

Me agacho, beijo a testa de Camille e em seguida os lábios de Alice, saio do quarto, descendo o elevador e indo ao encontro do investigador. O nervosismo está sobre mim, pesando em meus ombros, como se me impedisse de andar, querendo protelar o óbvio. Encontro o homem alto e mal-encarado encostado no balcão da recepção, olhando o celular.

— Santana, como vai? — Ele me olha.

— E aí? Estou bem, Pedro, e você?

— Bem, mas vamos direto ao ponto, só vamos subir para a minha sala, lá poderemos falar melhor, com privacidade.

— Claro, vejo que tem pressa.

— Tenho pressa desde que o contratei.

Seguimos juntos, me segurando para não jogar um milhão de perguntas pelo caminho e, antes mesmo de entrarmos na sala, ainda em frente à porta, não seguro mais a minha ansiedade.

— E então, o que tem pra mim? — falo ao adentrarmos e fechar a porta atrás de mim, apontando com a mão para a cadeira perto da minha mesa.

— Claro, direto como sempre. Bom, como sabe, foram anos de busca, não era um caso fácil e parecia que eu estava à procura de uma agulha no palheiro. Algumas pistas falsas, admito, mas aparentemente agora é diferente.

— E por que acha isso? — E então ele abre a pasta preta que sempre

carrega com ele e pega um envelope amarelo, me entregando.

— Veja você mesmo.

Pego-o e minhas mãos tremem não nego, meu coração bate forte e então o abro. São fotografias. Muitas, aparentemente. Seguro cada uma delas e, na primeira em que foco minha atenção, meu coração retumba e tenho a impressão de ouvir suas batidas aqui em minha cabeça.

Na foto em questão, tenho uma mulher em uma moto, magra, morena clara, aparentemente alta. Parecia ter acabado de estacionar o veículo, vestindo calça, um tipo de coturno preto e jaqueta de couro, o cabelo em um rabo de cabelo, meio bagunçado, ela está de perfil. Deixo a primeira de lado e vou para a próxima.

Na outra, minha mão treme ao segurar a fotografia, nessa ela está de pé e de frente para a câmera. Bonita, imponente, o rosto... meus olhos transbordam e, com pressa, busco as outras fotos. Algumas no mesmo cenário, já em outra ela está em frente a uma academia, entrando em um prédio.

Uma em especial me prende. Santana deu foco total ao seu rosto, o cabelo trançado para trás em várias mechas, parecendo suada, meio vermelha e então seus olhos explodem em minha mente, iguais aos dela, de minha mãe, e é ela, Sofia. Os olhos grandes e escuros, os mesmo de minha mãe, junto ao nariz fino de ponta arrebitada não me deixam dúvidas. Meu Deus!

— Quem é ela? O nome, o que faz da vida, onde a encontro? — As perguntas pulam de mim sem o mínimo controle.

— Calma. Vamos aos pormenores agora, essa é Maria Sophie e vou começar do início. Quando menina, ela morou com o pai até seis anos de idade, o pai morreu e ela foi para um lar de adoção, então passou por dois lares de apoio até, de fato, ser adotada aos oito anos. Antes do período de teste acabar, a mãe adotiva da garota morreu de câncer e o pai adotivo não a quis mais, então ela voltou ao orfanato. Ninguém mais quis adotá-la desde então, na verdade ela tornou isso bem difícil após a morte de sua quase-oficial mãe adotiva. A menina virou um tipo de garota problema e assim foi até os seus 18 anos, como consta em sua extensa ficha de transgressões, a garota já quebrou muitos ossos, dela e de outros. Não sei o que fez quando

saiu da casa de apoio, mas o pai adotivo que a devolveu faleceu, o homem era rico, bem rico, não tinha filhos ou parentes próximos e deixou tudo para ela. Como se fosse para se desculpar...

— Filho da puta. — Puxo uma respiração pesada, minha Sofia...

— A essa altura, a garota já estava no mundo do boxe. — Arregalo meus olhos e ele sorri. — Isso mesmo, uma boxeadora, hoje com uma carreira promissora. A mulher é uma baita lutadora em sua categoria, peso médio. E, apesar do que muitos imaginavam, ela prosperou. Após a herança, ela foi inteligente, montou uma academia com o dinheiro herdado e conseguiu se segurar de pé, logo veio um sócio, que também é seu treinador. Hoje ela tem uma rede de academias espalhadas pela cidade, uma marca conceituada. Mas sua paixão continua sendo o boxe, pelo que soube.

Estou perplexo e deixo minhas costas irem ao encontro do encosto da cadeira, levando minha mão à boca.

— Onde a encontro?

— Bom...

— Agora, onde a encontro agora, Santana?

E seu rosto se fecha um pouco.

— Eu não diria que seria bom ir até lá agora, assim.

— Pare, Matias. — Me levanto, chamando-o pelo primeiro nome. — O endereço, quero o endereço. — O homem olha o celular e, sem muita certeza do que fazer, me dá o endereço.

— Tenha calma, não estrague as coisas, afinal ela não tem noção de que você existe.

E isso cai como concreto em minha cabeça.

— Então quem a levou foi o infeliz do pai dela? — pergunto, lembrando o que disse, lá no início, que ele morreu dois anos depois após tê-la levado.

— Isso. Eu tentei ir mais fundo, porém, como falei meses atrás, o orfanato em que ela foi parar pegou fogo, muito se perdeu.

— Certo, estou saindo e obrigado. Volto a falar com você depois.

— Okay.

Deixo-o e saio da sala, indo correndo para a garagem do hospital, mas antes peço a uma enfermeira que diga a Alice que volto logo. Pego a caminhonete e, como um louco, saio em busca dela, olhando o endereço que me deu. Não sei o que farei, ou como farei, só preciso vê-la de perto, saber que ela existe mesmo. Para a sorte do meu desespero, o endereço que Santana me deu não fica longe e, ao parar em frente à academia de três andares, fico aqui dentro do carro, olhando a fachada, criando coragem ou só rezando para que minha irmã apareça.

Minha irmã.

Me pego sentindo orgulho dela. Sofia construiu tudo isso?

E como ela vai reagir? Será que um dia me procurou? Será que é mesmo ela? Será que se lembra de mim ou de nossa mãe?

Não importa o que aconteceu ou como, algo aqui dentro, lá no fundo, me diz que sim, que dessa vez é mesmo ela.

Desço do carro e a passos largos entro no local, olhando ao redor, um tanto perdido. Sou atendido ao ter que passar em uma maldita catraca logo no balcão de entrada e uma moça, aparentemente gentil, me olha com um sorriso acolhedor e simpático.

— Bom dia, senhor. Posso ajudá-lo?

— Bom dia, creio que pode, sim. Hã... vim conhecer. — É o que consigo dizer, olhando todo o lugar, buscando por ela. Será que está mesmo aqui a essa hora? Afinal Santana disse que ela tem mais academias, certo?

— Que ótimo. Eu posso mostrar ao senhor...

E paro de ouvir o que a mulher tem a dizer quando alguém chama toda minha atenção. Uma mulher, morena, alta, vestindo um shortinho desses de academia, com um top e tênis. O cabelo em um rabo de cavalo bem no topo da cabeça, em evidência por estar dentro de um ringue mais ao fundo, mas não muito longe de onde estou. Ela sorri para alguém, um homem que está no ringue com ela, olhando-a com um riso de lado, convencido. A mulher se vira de costas para mim e então posso ver a tatuagem em seu ombro, descendo por suas costas, um tipo de ave pouco colorida.

— Senhor? Senhor?

— Boxe, tenho interesse no boxe. Posso conhecer agora? — falo rápido, sem tirar os olhos da mulher que estava nas fotos que vi mais cedo.

— Ah, claro. Inclusive estamos tendo treino.

— Qual o nome dela? — pergunto, apontando com o queixo para a mulher, sem nenhuma preocupação que a moça ache estranho.

— Sophie. Ela é a dona da academia — fala e desbloqueia a catraca para que eu passe, dou certo trabalho para que ela me acompanhe, pois vou a passos largos em direção à mulher, que acaba de colocar luvas roxas nas mãos, batendo uma na outra.

— Não deveria me desafiar, Benjamin. — Ouço-a dizer para a montanha à sua espera. Um homem alto, com braços cobertos de tatuagens, o triplo do seu tamanho.

Ela vai treinar com ele? Pirou? Olha o tamanho daquele monstro!

— Ele vai lutar com ela? — externo minha dúvida para a moça ao meu lado e ela sorri, parece orgulhosa da mulher que tem as feições frouxas em riso e provocação.

— São sócios e amigos de muitos anos, não se preocupe. Além do mais, ele é o treinador dela. É só para esquentar os ânimos de quem gosta de vê-la no ringue.

— O que foi? Tá com medo, Sophie? — o cara pergunta, chamando minha atenção, ela gargalha e eu não consigo parar de olhá-la.

— Você é patético! Da última vez, quase enfiei seu pau no seu rabo, não se esqueça disso — debocha e ri alto.

— Muito espertinha!

E ela é perfeita.

Penso comigo mesmo, notando cada mísero detalhe. Nossa mãe, ela é a cópia perfeita dela. Jovem e linda, alegre, seu sorriso não se apaga e então seu olhar se volta para mim, aqui em pé, a admirá-la. A mulher para por alguns instantes quando eu passo a ser seu foco, olhando diretamente em meus olhos, como se pudesse ir além da minha imagem, e eu paraliso no lugar. O sorriso largo, aberto, vai se apagando aos poucos enquanto um vinco

se forma em meio às suas sobrancelhas. Os olhos negros brilhantes perfeitos...

Ela nega com a cabeça, desfazendo o momento, o contato, e volta a olhar para o homem do outro lado da corda.

— Eu tenho que ir, outro dia volto com calma, quem sabe uma matrícula... Acabo de receber um chamado importante.

— Mas, senhor... — a atendente tenta, ainda ao meu lado.

— Até a próxima, obrigado. — E a passos largos saio dali como se minha vida dependesse disso. Não sabendo lidar com a dor em meu peito, o desgosto em saber que fui responsável por tantos abandonos em sua vida.

A dor novamente me corrói. Quando vai parar?



Amar é estar bem apenas em ver o seu amor feliz.

Fiquei aqui no hospital, aflita, sem muitas notícias, à espera de Pedro, para saber se realmente a menina de quem até hoje só ouvi falar estava mesmo viva, torcendo muito para que sim, ele merece isso. Assim que Pedro saiu, recebi alta e estava esperando-o para me levar para casa, mas ele não voltou tão rápido como disse que seria. Mamãe ficou comigo e minha menina, vez ou outra olhando o relógio e me encarando de forma aflita, sei que tem muito a dizer.

— Meu amor, seu pai está vindo nos buscar.

— Não precisa, mamãe. Logo Pedro virá!

— Besteira, seu pai falou com ele, avisamos que teve alta e estamos indo para casa, não precisa que ele venha te buscar, seu pai já estava mesmo a caminho. Está virando noite, Camille e você precisam comer.

— Então tudo bem. Augusto ligou?

— Sim, Cristine está melhor, graças a Deus, e seu pai já deixou Cathe em casa.

— Que bom.

— O que foi? Pare de bater esse pé — repreende e sorrio, olhando Camille abrir um pequeno sorriso ao me ver ser repreendida com bom humor por minha mãe. Ela ainda não parece totalmente à vontade na presença da

avó. — Fique calma, filha, Pedro logo estará aqui.

— Eu estou calma, mãe. Só estou com medo que ele tenha mais uma tentativa frustrada, que se machuque, que se culpe. Ele já carrega coisas demais, mamãe, a senhora sabe.

— Sabe, Alice — fala, aproximando-se de mim —, queria que sua tia estivesse aqui, Pedro não merecia perder quem mais amava, mas a parte boa, filha, é que estamos aqui, agora temos Camille e o amamos, vamos tentar fazer de tudo pra que ele fique bem, mesmo que seja mais uma tentativa frustrada, como você mesma disse.

E com isso meu coração se enche de amor por minha mãe, ela sempre sabe o que dizer e quando dizer.

— Ela perfeita, não é, mamãe?

O sorriso de avó babona não demora a aparecer e ela olha de esguelha para a menina, levando a mão à boca, controlando o impulso de chorar.

— Quando Pedro disse o que aconteceu, eu nem acreditei. Tudo que aquele homem fez com você e eu não percebi, filha... eu podia...

— Mamãe... não faça isso. Já temos culpados demais nessa história, já passou. É assim que quero enfrentar isso daqui em diante. Já passou e ela está conosco.

Ela anui enquanto Camille está sentada no sofá do quarto, penteando os cabelos da boneca que sei ter sido presente de minha mãe.

— Bah, eu agora tenho quatro netos, que loucura!

— Viu só? Reclamava tanto que não lhe dávamos netos... agora só falta Arthur! — brinco, vendo-a sorrir, orgulhosa.

Solto um suspiro, enquanto a vejo se distanciar, soltar minha mão e ir até a minha bolsa no canto do quarto, colocando minha camisola e outros pertences dentro dela.

— Eu vou voltar para o orfanato, titia? — Sou chamada pela voz doce, ela me olha com olhinhos suplicantes e eu sorrio.

— Claro que não. Ainda é sexta, mas irá passar todo o final de semana grudadinha em mim. — Ela sorri e eu amo essas covinhas em suas bochechas, que só agora sei que ela puxou exclusivamente dele.

Fico encantada com cada detalhe de seu rosto, olhando-a com ainda mais adoração, como se fosse possível, o coração agora calmo, feliz e ao mesmo tempo arrependido, querendo voltar no tempo. Uma sombra me chama atenção na porta do quarto e, ao olhar, vejo Arthur parado, me olhando, mãos nos bolsos da calça jeans. O rosto sério, maxilar travado, e eu abro o meu melhor sorriso quando o vejo, esticando meus braços e chamando-o.

— Vem, entra. Dá aqui um abraço! — peço com o coração contente. Não sei explicar, só sei que sinto agora uma saudade sem igual de lhe dar um abraço.

— Oi, Ali — fala, baixo, ao se aproximar e me tomar em um pequeno abraço, deixando um beijo em minha testa e logo em seguida na de Camille, parecendo um tio simpático. — E você, pequena? Como está?

— Bem. Vou passar o fim de semana com a tia e o tio Pedro. Não é legal?

— Sim, é sim. Muito — fala, rindo para ela, e se senta aos pés da cama, após dar um beijo em mamãe, permanecendo calado, no jeito Arthur de ser.

— E você como está? — quebro o silêncio ao vê-lo fitar apenas o chão.

— Bem, muito bem, e você? Papai disse que teve alta.

— O médico acabou de sair daqui.

— Ah, sim... muito bom. — Quão monossilábico ele pode ser?

— Você está estranho.

— Estou? Não, não estou. Impressão sua.

Olho minha mãe e ela o examina, com uma peça de roupa na mão, que ela deixa sobre o sofá, ao lado da bolsa.

— Venha, Camille, a vovó vai comprar uma água para mim e um sorvete para você enquanto seu avô não chega. Fique com sua irmã enquanto volto, Arthur.

Velha esperta, Arthur anui e uma saltitante Camille, com a promessa de um sorvete, segue com mamãe, nos deixando a sós, mas o silêncio continua.

— O que foi, Tutu?

— Nada, queria te ver, só isso. Saber que está mesmo bem. Passei aqui esses dias, mas estava dormindo de forma profunda. — Ele busca minha mão com a sua, deixando um beijo em meu dorso.

— Eu estou bem, como pode ver, alguns machucados, mas logo estarei bem, sei que o pior já passou. — Silêncio. — Soube que... que você estava com Bruno quando ele...

— Sim, eu estava — ele me corta.

— Ele se foi mesmo, não foi? — Não consigo não perguntar e, após alguns segundos me olhando, ele responde de forma dura:

— A essa hora está jantando com o diabo, que faça uma ótima refeição. — Apenas aceno, vendo algo mais em seu olhar.

— Estou aliviada e penso que serei castigada um dia por isso, por sentir alívio em sua morte.

— Você pode e deve sentir alívio, está livre, Alice. Pronta para viver sua vida plenamente, seguir em frente com todos os planos que parou quando se casou com aquele infeliz. Você deve isso a você, pode e tem que se sentir feliz, livre!

— E eu irei. Irei junto ao homem que amo e à minha filha — falo e vejo-o sorrir, afável.

— Ela é linda, fiquei feliz ao saber de tudo, aliviado, apesar de que ainda teremos de cuidar de tudo, exames de DNA, enfim...

— Sim e ela se parece com ele — falo, orgulhosa, e Arthur sorri.

— Acho que se parece com você.

Deixo o riso sair frouxo com sua tentativa de não dar o crédito da beleza de minha menina para Pedro. O silêncio fazendo-se presente entre nós, seus traços nada conciliadores e sua mão buscando a minha.

— Está tudo bem mesmo, Arthur? Está tudo bem com Marina?

— Sim, claro. Está tudo como deveria estar.

— Não me parece muito convincente, Arthur. Às vezes tenho a impressão de que não é feliz. Que apenas... existe.

— Talvez tenha razão — fala e se levanta. — Bom, eu tenho que ir,

prometi levar Marina para jantar, mas não queria ir sem antes te ver. Augusto veio aqui? — tenta mudar de assunto.

— Sim, veio ontem, mas eu também estava dormindo, ainda não o vi hoje.

— Ótimo, ele estava preocupado com você.

— Imagino que sim, ainda mais que Cristine teve os bebês há pouco, não imagino o que passaram.

— Nada comparado ao alívio de te ter de volta. Bom, agora tenho mesmo que ir, até mais, Alice. Fique bem, te ligo mais tarde e nos vemos no domingo, no almoço sagrado de mamãe.

Eu sorrio, vendo-o sair, mas falo antes que passe pela porta do quarto.

— Ainda iremos conversar sobre isso, Arthur. Não está aqui apenas para existir, sua história não é ser apenas um juiz de sucesso, com uma ficha impecável. Está aqui para ser feliz, amar, ser amado, fazer algo maior — falo, mas tenho o silêncio como resposta, vendo-o sair de vez.

Arthur não é feliz, o que não quer dizer que ainda não possa ser...



Após alguns minutos pensando em como Arthur saiu daqui e como saber mais dele, papai veio e agora podemos sair do hospital e ir para casa.

— Pare de bater o pé, Alice — ele me repreende, me tirando de onde estava com meus pensamentos.

— Eu não estou... — Então percebo que estou, sim, batendo o pé. — Desculpe, papai — peço, pois estou com a perna esticada, apoiando-a na cadeira do motorista em que ele está sentado.

— Não se preocupe, a essa hora Pedro já está no sítio, à nossa espera. Acalme-se.

Quando penso no tempo perdido, meu coração dói, ainda mais tendo-a aqui, tão próximo. Quero recuperar todo esse tempo, dar tudo o que ela

merece, principalmente, amor, muito amor. Quando me lembro de tudo, só sinto alívio por, enfim, estar livre, por poder seguir em frente sem me preocupar se ele estará à espreita. Estou mesmo livre, agora é real.

Assim que estacionamos em frente à propriedade, a caminhonete azul me chama a atenção, ele já está mesmo aqui e, quando papai para o carro, Pedro desce da traseira e vem abrir a porta para mim. Busco seu olhar com pressa, vendo em seu rosto algo que eu odeio ver: tristeza.

— Tudo bem, meu amor? Sentiu algo no trajeto? Dor? — pergunta e segura minha mão, a outra subindo até meu rosto.

— Não, nadinha, papai veio devagar.

— Venha, deixe-me te levar.

— Pedro... — Eu rio. — Eu estou bem, não precisa me carregar no colo.

— Sei, mas não me custa nada te carregar — fala, convencido.

— Para, eu posso andar. Já basta papai ter me tirado do hospital de cadeira de rodas.

— E fez muito bem! De qualquer forma, irei ao seu lado, qualquer coisa, se ampare em mim, entendeu?

Desço do carro com sua ajuda, sem discutir, esperando que Camille faça o mesmo, tendo ela um sorriso travesso no rosto.

— Oi, tio. O senhor demorou, hein? — fala, lhe arrancando uma gargalhada.

— Mas do que eu gostaria, miniatura. — Tento pegar nessa fala qualquer brecha do que possa ter acontecido, mas não há nada.

— Agora, vamos, vamos entrar. A essa hora, a mesa está posta e vocês precisam comer — mamãe pede, saindo na frente e nós a acompanhamos.

— Quer ir para o haras hoje? — pergunto, tentando sondá-lo, talvez lá se sinta mais à vontade, não sei.

— Não, podemos ficar aqui mesmo essa noite. Deixar Tio Oto e tia Vera aproveitarem a filha e a neta para mim parece ótimo, o que acha?

Eu sorrio, radiante, não poderia ter melhor perspectiva para hoje.

— Não esqueça o genro nessa equação. Por que vai ficar aqui conosco, não é? — Sinto medo de sua resposta, medo de que algo possa fazer com que queira se fechar, ir para casa e ficar sozinho.

— Claro que sim, não desgrudo de vocês nunca mais, nem pensar!

Meu coração se acalma, não importa o que aconteceu, ele é meu, todo meu.

— Eu te amo — falo, prometi a mim mesma que expressaria meus sentimentos a ele a cada momento do dia, em cada respiração, toque ou pensamento.

Pedro me olha e, em seus olhos, posso ver uma imensidão de sentimentos, os melhores.

— Eu também a amo, amo muito.

— E como foi... você sabe. — Tento, mas pela forma que muda a direção do seu olhar, sei que não quer falar.

— Mais tarde falamos sobre isso, pode ser?

— Sim, claro, quando quiser.

Estava implícito no rosto dele que, no fundo, não está bem, como tenta deixar transparecer agora, não mesmo. Conheço esse homem desde os seus 11 anos, ele não me enganaria com essa falsa normalidade. Me segurando pela cintura, vamos subindo devagar a rampa da garagem e logo estamos dentro da casa grande. Não me demoro e vou direto para o banho com Camille, enquanto os últimos detalhes do jantar estão sendo finalizados.

Quando terminamos, fazemos uma pequena troca de favores. Eu a visto e ela, com muito cuidado, também me ajuda a colocar minha blusa, dizendo que está cuidando de mim como uma boa enfermeira e eu não consigo parar de olhá-la. Dissemos a ela que eu fui atropelada em um breve acidente, sendo assim as marcas em meu rosto e em minhas costelas não chamam tanta atenção para perguntas, dado que é uma menina curiosa.

E aqui, ao olhar cada gesto, preocupada em me ajudar, é como se tudo nela fosse novo e é, de certa forma, pois agora procuro detalhes que a fazem se parecer comigo, com Pedro ou com alguém da família.

Confesso que ela tem mais dele. O cabelo, os olhos, as covinhas lindas

na bochecha... mas as sardas são minhas, assim como a pele e o nariz empinado e meu coração aquece.

— A tia... quer dizer, a vovó Vera é legal. Gosto dela. Ela disse pra não *chamar ela* de tia, que podia chamar de vovó e seu pai, de vovô.

— E você gostou? — pergunto, procurando seus olhos.

— Muito, é gostoso falar vovó e vovô. Eu gosto. — Dá de ombros e não me seguro, a trago para mim e a aperto em um abraço amoroso, beijando seu rosto e olhando seus olhos.

Minha filha, minha!

— Fico muito feliz, pois é o que eles serão a partir de agora! E como está essa barriga, com fome?

— Muita — diz, alegre, soltando um bocejo.

Um sorriso bobo está congelado em meu rosto e volto para a sala de jantar segurando sua mão, encontro papai a conversar com Pedro, enquanto meu noivo parece aéreo, longe demais de cavalos e minerais. Só quando me sento ao seu lado na mesa de jantar, é que ele parece realmente voltar ao momento, aterrissar.

— Parecia estar tão longe...

— Nem tanto. Quer que eu te sirva?

— Por favor. — E ele o faz, ficando entre mim e Camille durante o jantar, prestativo, preocupado com o nosso bem-estar, parecendo dar atenção ao que papai e mamãe dizem, mas, ainda assim, estando a milhas de distância.

Uma de suas mãos está sobre minha perna, me fazendo um carinho enquanto jantamos, sinto compreensão em apenas estarmos lado a lado. Assim que comemos, Camille encosta-se na sua lateral, ele a abraça parcialmente e ela não demora a dormir.

— Coloque-a no quarto que era de Alice, Pedro — mamãe pede com um olhar bobo de avó babona e nos damos conta de que estamos todos parados, olhando Camille dormir ao lado dele.

— Não sei, mamãe. Talvez fosse bom colocar um colchonete no chão no quarto de hóspedes pra que ela durma conosco no mesmo quarto, pra caso

acorde à noite.

— É, acho que tem razão. Sim, é verdade. Vou colocar o colchonete lá, só um minuto.

— Ótimo, enquanto isso vou tomar banho, Boneca.

— Tudo bem, vai sim.

Ele se levanta e leva Camille para o quarto de hóspedes, deixando-a na cama de casal e indo para o banho, após se certificar de que estou bem e à sua espera. Fico aqui sentada na cama, vendo mamãe arrumar o colchonete enquanto Camille ressona baixinho ao meu lado, esperando-o enquanto toma um banho demorado, e chego a roer as unhas. Talvez queira me dar tempo para, quem sabe, dormir, sem querer falar sobre o que aconteceu ao sair do hospital, mas não irei me aguentar, preciso saber como ele está.

— Está tudo pronto, filha. Tenha uma boa noite, durma bem e descanse.

— Obrigada, mamãe.

— Augusto ligou, estava chateado porque não deu tempo de ir vê-la no hospital, mas mandou um beijo e disse que logo pela manhã vem te ver.

— Tudo bem, ótimo. Estou com saudades daquele ogro.

Vejo-a sorrir, orgulhosa, e sair após um beijo de boa noite, é quando ele enfim sai do banho, com um *short* de dormir, enxugando as costas com a toalha azul-marinho, fico alguns instantes admirando-o.

— Eu durmo no colchonete, Camille dorme com você, na cama, é mais confortável.

— Cabemos os três aqui.

— Melhor não, meu amor. Não quero correr o risco de te machucar.

— Hum, tudo bem — concordo e vejo-o deitar-se no colchonete ao lado da cama, próximo aos meus pés, pois permaneço sentada.

Levanto-me e fico em pé, à sua frente, enquanto ele me olha, tentando entender o que farei, então me sento na beirada acolchoada que sobra ao lado do seu corpo, segurando uma de suas mãos.

— Acho bom voltar para sua cama, é mais confortável, não pode

dormir aqui no chão comigo — adverte, no estilo médico boa pinta sabichão.

— Não, não vou dormir longe de você. Ande, me dê espaço que irei dormir agarradinha ao seu lado.

— Alice...

— Não adianta, Pedro, que coisa — falo, não dando espaço para que diga nada, me deitando e me aconchegando em seu peito, deixando um beijo em seu rosto, a barba me arranhando.

Descanso minha mão em seu peito, em uma carícia leve, sentindo seu cheiro, subindo minha mão à sua face e acariciando seu rosto, sentindo-o.

— Me conta o que aconteceu... — peço e em troca vem o silêncio, acompanhado de um suspiro cansado, triste até. — O que aconteceu, Pedro?

Silêncio é a minha resposta e não digo nada, espero que se sinta bem para falar.

— Eu já pensei em inúmeros cenários ao imaginar meu reencontro com minha irmã, sofri com cada um... mas dessa vez foi diferente, tinha até fotos e quando as vi... era ela, Alice. Era como ver minha mãe mais jovem, a cópia idêntica. Senti tanta coisa em meu coração, tanta... eu nem sei explicar. Eu só sabia que era ela, eu sabia, Alice.

Levanto meu rosto e olho para ele.

— É mesmo ela? Você a encontrou?

— Ao que tudo indica, sim, é ela, e, ah, Boneca... Doí falar. — E eu sei que sim, sinto a dor em sua voz e lhe dou alguns segundos em que ele apenas brinca com uma mecha do meu cabelo.

— Foi falar com ela? Por isso demorou?

— Eu fui até ela sem nem saber o que iria realmente fazer, me borrei ainda mais quando a vi, tão perfeita e feliz. Uma mulher feita, linda, linda, linda. Bem sucedida, parece... extrovertida, até. Uma lutadora de boxe e dona de uma rede de academias.

— Nossa... você a viu — deixo escapar.

— Sim, a vi, não pude segurar a vontade de vê-la de perto. Quando iria imaginar? E quando eu a vi... quando seus olhos focaram nos meus... eu dei

meia-volta e vim embora. Não aguentei sua história.

— Mas, Pedro... como... como....

— Na verdade — ele me corta —, não sei se quero entrar na vida dela. Pelo que soube, ela nem ao menos sabe da possibilidade de ter uma família, um irmão. Ela está bem, Ali, eu vi isso, ela está realmente bem como está. Se virou muito bem sem mim, não precisa de um homem feito, entrando em sua vida e fazendo com que reviva um passado triste, que talvez nem saiba que exista.

— Pedro, o que está falando?

— Que talvez seja melhor deixar como está. Ela não precisa de mim — fala, convicto, parecendo decidido, e deixa um beijo em minha testa. — Agora durma, meu amor. Durma, precisa descansar.

Fico muda, mas tendo por dentro a certeza de que essa opção de *talvez* não existe. Só existe uma possibilidade aqui, a de Pedro ter sua irmã de volta em sua vida, pois agora sabemos quem ela é.

De um jeito ou de outro ele a terá, isso não está em discussão, ele só não precisa saber disso, ainda...



Desistir nem sempre é deixar ir, mas sim aceitar o que o destino guarda para você, acreditar que aquela pessoa será feliz, mesmo que não faça parte da sua vida.

Estaciono na garagem do prédio de Alice e vou direto para o elevador, me sinto exausto após acertar tudo para, enfim, aceitar minha demissão e me despedir do hospital. Me despedi em partes, em meus planos seria algo sem alardes, pois eu sabia que seria difícil me despedir da minha equipe, pessoas que trabalharam anos ao meu lado, dividimos momentos bons e ruins, a dádiva de salvar e o mal de perder vidas. Bem, mas nem tudo saiu como o planejado, minha retirada sem alvoroço se transformou no final em uma festa de despedida surpresa feito com um carinho acolhedor, na qual meus colegas médicos, enfermeiros e quase toda a equipe do hospital estavam presentes e concordo que não poderia ter sido melhor.

Consegui me despedir de cada um, fiz um discurso emocionado, carregado de aplausos e, por fim, vim para casa ver Alice e minha menina. Não posso mais ficar muito tempo longe, a saudade aperta meu coração sempre. Segundos depois de sair do elevador, estou abrindo a porta e encontro o apartamento silencioso, a sala e a cozinha vazias. Algo pouco recorrente, já que Alice gosta de barulho, a essa hora estaria ouvindo música ou jogada no tapete da sala brincando com Camille. Ao menos foi assim na última semana em que vem se recuperando muito bem.

— Boneca? — chamo, sem obter resposta.

Ela já deveria estar em casa, me ligou minutos atrás dizendo que não precisava ir buscá-la, que já estava aqui me esperando. Estranho. Sua rotina tem voltado ao normal, remarcamos a inauguração do estúdio de balé para o próximo sábado e Camille está com a corda toda, ajudando-a. E não, ainda não contamos a ela que nós somos seus pais verdadeiros. Por ora, focamos em fazê-la se sentir parte da família, amada e também em cuidar de Alice após o trauma que sofreu.

— Amor?

A luz fraca embaixo da porta do quarto chama minha atenção e me dá uma ideia de onde esteja, provavelmente no banho. Tiro às botas, deixando-as no canto e abro a porta do quarto. Paro ainda no batente, olhando, abobalhado, a cena que se abre à minha frente: Alice deitada na cama, vestindo uma lingerie de cor vinho que destaca sua pele branca, me olhando com um sorriso safado, cheio de malícia.

— Você demorou... — fala pausado, de forma sensual, movendo as pernas nos lençóis brancos, as mãos descendo pela lateral do corpo. Gostosa *pra cacete*.

Absorvo todo o seu corpo, cada pedacinho da pele clara escondida pela peça sensual e escura, desvio meu olhar para o objeto em cima do criado-mudo, o tal vibrador de dias atrás, meses, não sei, antes de respondê-la:

— Eu estava preso no trânsito. — Limpo a garganta, seu corpo me deixando de pau duro sem nenhum esforço. — O que... Alice...

— Por favor... eu não aguento mais. Eu estou bem, juro, estou ótima. Sei que não me tocou depois de tudo porque tinha medo, eu ainda estava machucada, mas agora eu estou pronta e preciso de você, do meu noivo possuindo meu corpo e me fazendo mulher!

Desde que viemos para casa, eu não a toquei, não para fazê-la minha, apesar do meu pau queimar e clamar por ela todas as noites. Mas eu queria a certeza de que estava pronta. Sorrio de seu tom e olhar suplicantes, sentindo meu pau babar por ela, duro, excitado, louco de desejo.

— Se soubesse que a encontraria assim, provavelmente teria dado um jeito de vir mais rápido. — Me aproximo aos poucos da cama, aproveitando a visão deliciosa que tenho e vejo-a suspirar em alívio.

Alice me parece a imagem da tentação, a minha própria e particular tentação.

— Camille?

— Com minha mãe — fala, arfante, e meu dedo captura seus lábios, ela o suga com a boca vermelha, como se estivesse chupando meu pau.

Levo a mão ao seu cabelo, os olhos o tempo todo sobre ela, em cada parte de seu corpo, adorando a surpresa e como a peça que escolheu contrasta com a pele macia. A meia luz deixando o ambiente ainda mais gostoso. Meias finas envolvem as pernas torneadas, que ela insiste em esconder por causa da cicatriz do acidente e que são minha perdição. Me inclino sobre a cama brevemente até alcançá-la e a assusto quando seguro suas pernas e a trago para a beirada da cama com certa pressa, me agachando à sua frente.

Busco a boceta bonita e rosada escondida atrás de uma fina renda e passo o dedo por suas dobras, ouvindo-a gemer enquanto observa cada movimento meu, apoiando-se nos cotovelos. Puxo sua calcinha para o lado com o polegar e tenho os lábios expostos para mim. Suculentos, cheirosos e lambuzados com sua excitação.

— Já pronta?

— Pedro... — Sua voz não passa de um sussurro.

Não respondo à sua súplica e abocanho sua boceta, sugando os lábios escorregadios, bebendo seu sabor. Alice geme alto, o que ecoa direto no meu pau, o desejo de possuí-la me consumindo, eu a penetro com a língua, buscando mais de seu sabor. Volto a lambar sua vulva, sugando cada parte sua, me lambuzando e me fartando dela, enquanto se contorce no colchão.

É a minha imagem favorita, quando está assim, entregue, toda minha, mole de prazer. Chupo seu clitóris inchado, prendendo-o entre meus lábios e pincelando minha língua sobre ele, seu gosto levemente salgado preenchendo minha boca. Sinto as mãos pequenas puxando meu cabelo, me incentivando, e sei que está perto e seria capaz de gozar apenas por vê-la. Meto um dedo em sua boceta, depois outro, procurando o ponto certo e lambo-a com mais força.

A mulher convulsiona nos meus lábios, movendo o quadril sem pudor, buscando mais, usando minha boca, nariz e língua para seu prazer. Tiro meus

dedos e os substituo por minha língua, querendo beber cada gota do seu sabor e seus gemidos. Eu a deixo mole, pequenos espasmos ainda sacudindo seu corpo. Minhas mãos buscando sua pele, alisando a barriga plana.

Me levanto e levo minhas mãos à lateral da calcinha delicada, tirando-a e descartando-a no chão. Alice tem os olhos fechados, ofegante, vermelha. Seus olhos então se abrem, semicerrados, e focam em mim, um sorriso lânguido preenche os lábios carnudos. Desabotoo botão por botão da minha camisa xadrez e logo depois tiro a calça, enquanto ela observa cada movimento, remexendo-se, inquieta, as mãos passeando por seu corpo.

Já livre, subo na cama e tomo sua boca. Busco sua língua e sugo-a, mordendo seus lábios em seguida. Desço beijos por seu pescoço cheiroso, indo ao encontro dos seios cobertos pelo espartilho de renda, abocanhando o mamilo por cima da peça e ouvindo-a gemer em resposta.

— Você não segue protocolos, peão...

— Não? E tem um protocolo pra isso? — pergunto, prendendo um mamilo entre os dentes.

— Tinha... eu ia cuidar de você e não o contrário.

Sorrio.

— Mas eu amo cuidar de você, Boneca — falo e me ajoelho entre suas pernas, abrindo-as para mim, levando o dedão à sua boceta escorregadia e massageando-a. — Quero ela vermelha e inchada quando eu terminar com você.

Falo e substituo meu dedo por meu pau, vendo-a fechar os olhos e morder os lábios, gemendo. Devagar, penetro sua boceta, me atolando até as bolas:

— Pensou na minha proposta? — pergunto, ela acompanha meu olhar para o vibrador sobre a mesinha e sorri, travessa.

— Hum... pensei. E acho que seria interessante... apesar de saber que vai doer, ainda mais com essa tora que você tem.

Sorrio, largo.

— Podemos ir devagar... pra se acostumar a me tomar aqui atrás. — Círculo seu buraquinho enrugado com o dedo, penetrando-a aos poucos,

vendo-a gemer.

— Não tem nada de se acostumar aí atrás...

— Sei... — Volto a beijá-la e alcanço o vibrador, ligando e colocando sobre seu clitóris, minha língua buscando a sua.

Alice grita e estoco em sua boceta, duro, com força.

— Isso... — pede e paro de me movimentar, ouvindo-a grunhir, e meu pau protesta a falta de sua quentura.

— Não vai gozar assim, amor. Vai gozar quando estiver com meu pau atolado em sua bunda.

— Pedro... eu quero.

— Quer o quê?

— Seu pau na minha bunda, quero te sentir em cada parte.

Estoco em sua boceta mais algumas vezes, perdido de desejo, vendo-a ir ao limite, negando-lhe outro orgasmo, preparando-a para me receber.

— Quer me ter aqui atrás?

— Quero.

— Hum... então assim, quando eu estiver aqui atrás, na sua bunda, a quero relaxada pra mim. — Mordendo o lábio e sem muita certeza, ela confirma.

Saio dela, meu pau brilhando com seu gozo e viro seu corpo de lado, levantando sua perna.

— Relaxa, amor — falo e encosto a cabeça do meu pau em seu ânus. Vendo-a contrai-lo e tencionar o corpo, sorrio. — Quando eu estiver me acomodando em você, tem de estar relaxada pra que sinta prazer também e não dor. — Ela faz uma careta.

— Vai doer, eu sei.

— Não, confie em mim, lhe darei prazer, só prazer! Confie em mim, Boneca, jamais lhe causaria dor. — Friso a última parte e a confiança que vejo em seus olhos não tem preço.

Levo o vibrador para seu clitóris novamente, movendo-o sobre sua

boceta, e ela geme, amolecendo, relaxando aos poucos. Começo a acomodar meu pau em sua entrada enrugada, sentindo-a se contrair ao meu redor.

— Empurra, amor, quando estiver entrando você relaxa e vai empurrando. Sinta o prazer que seu clitóris irradia por seu corpo.

Sem deixar de excitá-la, vou me acomodando centímetro por centímetro. Alice vai se perdendo, se concentrando nos movimentos que o vibrador faz em seu clitóris, os olhos presos em mim, cheios de desejo. Vez ou outra surge uma pequena careta e vejo-a segurar o lençol entre os dedos, enquanto, me aproveitando de sua própria lubrificação, entro todo em seu interior apertado, gostoso *pra* caralho.

Aos poucos, para que se acostume, passo a me movimentar, mantendo um ritmo constante.

— Não é... hum... não é ruim. Isso, assim... Ah, não para agora.

Incentiva e um sorriso pervertido surge em meus lábios. Não é só pelo meu prazer, longe disso, é por descobrir com ela prazeres novos, vê-la exatamente assim, entregue, tendo um prazer único.

— Isso, rebola gostoso.

Trago o vibrador para sua boceta e ela me olha quando introduzo o pau de borracha em sua entrada. Excitada, receosa. Inclino o objeto minimamente pra alcançar o ângulo certo, observando cada traço do seu rosto se contorcer.

Alice fecha os olhos brevemente, a boca aberta, agarrada aos lençóis, gemendo alto, o rosto em brasa.

— Se toque, Alice. — Seus olhos se arregalam. — Vamos, se toque pra mim.

A mão vai ao encontro da sua boceta e ela massageia o ponto sensível. A visão sendo a melhor que já tive. Perco o controle quando o prazer vem arrebatá-la e estoco com rapidez, ao mesmo tempo que minha mão trabalha o vibrador em sua boceta encharcada.

Minha mulher geme, grita meu nome e se agarra ao colchão, ensandecida e perdida quando alcança o orgasmo. Não posso mais segurar e gozo, tirando meu pau de seu cu e gozando sobre sua boceta, jorrando em sua entrada. O gozo é intenso e faz tremer cada músculo do meu corpo, o melhor

que já provei. Ofegante, paro e olho para ela, perdida e lânguida sobre o colchão. Tiro o vibrador de sua boceta e me deito ao seu lado, trazendo-a para mim e beijando-a. Seu corpo quase desfalecido e ainda trêmulo.

— Nunca foi tão intenso... — Ela sorri e beija meu pescoço. — Acho que posso me acostumar...

Gargalho alto, apertando-a em meu abraço.

— Eu te amo — declaro, incapaz de falar qualquer outra coisa.

— Eu também te amo.

Alice se acomoda quase sobre mim, colando nossos corpos levemente suados, e não demora para tê-la ressonando ao meu lado, a certeza da felicidade mora em meu coração.



A coragem de fazer pelo o outro o que ele não conseguiu concluir!

Agora, já pela manhã, deitada em minha cama, posso sentir o cheiro gostoso de café recém-pronto e me estico entre os lençóis após uma noite maravilhosa que tive com Pedro. Foram algumas semanas em que ele se negou a me tocar, isso já estava me tirando do sério, apesar de saber que era devido a alguns hematomas que ainda me cobriam, talvez medo de que eu tivesse traumas da última vez em que estive com Renato, mas ontem aquele homem me levou à loucura, tocou cada parte de mim, inclusive minha alma e coração, como sempre faz.

Sobre a nova experiência que ele me proporcionou ontem, eu não vou dizer que não doeu, doeu sim, porém a forma como ele me deixava relaxada enquanto me penetrava por trás diminuía a dor e criava uma linha tênue entre prazer e desconforto. Por fim, fui me acostumando a tê-lo e então senti prazer, muito, na verdade.

— Hora de acordar, dorminhoca. — Ouço sua voz, abrindo enfim meus olhos e jogando os lençóis para o lado.

— Bom dia.

— Bom dia, meu amor. Dormiu bem? — pergunta, enquanto passo meu olhar por seu abdômen nu, perfeito, com poucos pelos, vendo uma arranhão sobre seu peito esquerdo, uma arte minha, admito.

— Sim, maravilhosamente bem. — Vejo-o colocar a bandeja de madeira à minha frente, com café, suco, torradas, queijo e frutas. — E meu dia vai começar muito bem, também pelo visto. Café na cama?

— E por que não?

Ele me beija e meu coração esquenta com tanto amor que sinto por ele. Nesses últimos dias, Pedro tem sido perfeito comigo e Camille, que hoje está com minha mãe, aproveitando o começo de suas férias. Enfim tivemos a guarda definitiva do meu bebê e pelos motivos certos, fomos reconhecidos como pais biológicos depois de muito explicar. Pedro foi incansável em relação a isso. Toda nossa família foi e nos deu apoio incondicional.

O primeiro passo foi ir à polícia e toda nossa história parecia fantasiosa demais até para eles, fizemos o teste de DNA, investigaram o hospital para o qual fui levada quando sofri o acidente. Procuramos tudo, cada lacuna que antes estava vazia foi sendo preenchida.

Descobrimos que o médico que havia feito meu parto estava morto, morreu em um acidente de carro há quase dois meses, mas a enfermeira que presenciou tudo, inclusive fez a troca dos bebês, essa foi presa, e desde então tudo parece estar entrando nos eixos, exceto por uma coisa, a irmã de Pedro. Ele não voltou a falar dela e, quando tento, ele sempre dá um jeito de fugir do assunto. Temos isso e enfim achar o momento certo para dizer a Camille que somos seus pais.

— Ontem tive direito a uma festa de despedida e tudo o mais, apesar de achar que iria sair na surdina, mas hoje ainda tenho que ir ao hospital, ver as últimas pendências, não me demoro.

— Tem certeza do que vai fazer?

— Já fiz, Boneca e, sim, quero recuperar o tempo perdido com você, com Camille... minha família.

Eu sorrio como boba.

— Quando voltarmos, podemos ir para o haras e pegar Camille com sua mãe. O que acha?

— Acho ótimo — confirmo e mordo um pedaço de torrada com geleia de morango, o doce caindo sobre meu seio e ele capturando-o com o olhar.

Vejo com desejo quando ele se aproxima, sorri de lado e se abaixa, levando a boca ao meu colo e lambendo o doce.

— Hum, em sua pele fica ainda melhor.

— Você não vale nada...

— Eu discordo — diz, risonho, e eu me perco na imensidão azul à minha frente. — Bom, sei que já falamos sobre isso, mas, voltando ao assunto, Boneca, pretende manter o apartamento? Suas coisas já estão quase todas no haras...

— Eu queria mesmo falar com você sobre isso, porque Camille terá a escola e tudo o mais, não sei se é uma boa vender.

— Para mim, não faz muita diferença, iremos fazer nossos horários visando às necessidades dela, ainda assim, se quiser manter o apartamento em caso de necessidade, por mim tudo bem.

— Sim, tinha pensado nisso. Acho que podemos deixar como está, com poucas coisas nossas aqui, levar as últimas e necessárias pra sua casa, que agora é também a minha, e o apartamento deixamos para usar em casos esporádicos de necessidade.

— Ótimo, por mim faremos como achar melhor. Vamos levantar e nos arrumar? Te deixo na escola antes de ir para o hospital.

— Oh, não, não precisa. Eu não vou para o estúdio agora pela manhã, vou pesquisar algumas escolas para Camille, de preferência a mesma que Catherine estuda. Será bom para as duas estudarem juntas, sendo assim, pode ir, eu pego um táxi.

— Certo, vou me vestir, tenho horário com Lauro. Nos vemos para o almoço? — pergunta e eu confirmo. — Espero você no haras.

— Pode deixar, peão. — Ele sorri e se levanta, deixando um beijo doce em meus lábios.

Fico aqui na cama, enrolando com o café da manhã, enquanto vejo-o se vestir calmamente, por fim ganho mais um beijo e ele se vai.

Assim que estou sozinha, após ouvir a porta da frente bater, me levanto da cama rápido e corro até o criado-mudo, abrindo a gaveta, tirando alguns papéis meus e encontrando o que me interessa no fundo dela.

São as fotos de sua irmã que ele guardou aqui, espero achar seu endereço também e bingo! Eu ainda estava tentando descobrir o endereço onde poderia encontrá-la, pois não quis perguntar a ele, pensei até em entrar em contato com o tal detetive, mas ontem à noite o vi guardando esse envelope aqui. Já tinha olhado o que era, mas não tive tempo de fuçar com calma para ver se tinha o tal endereço, porém aqui está.

E sim, eu preciso ir à escola de Camille também, não menti, mas antes tenho algo a fazer por Pedro, chega de culpa, de peso, chega de barreiras. Quero-o completo, sei que isso está corroendo-o e eu não vou permitir, não agora que estamos livres. Ainda não sei o que dizer quando a vir, nem como dizer, mas darei um jeito. Ele zelou por mim, estava aqui por mim e agora eu estarei para ele.

Tomo um banho rápido, visto-me e saio do apartamento, pedindo um táxi quando alcanço a rua. Nervosa, vou tentando me acalmar enquanto atravessamos as ruas do Rio, até o táxi parar em frente a uma enorme academia com as cores preto e lilás, a mesma fachada que tomava algumas fotos no envelope. Uma cor peculiar para o lugar, admito.

Pago o táxi e saio, parando em frente à grande fachada e me perguntando se estou fazendo o certo, se não é um direito dele querer ou não fazer isso, dane-se, ele precisa fechar esse ciclo, precisa estar livre da culpa, uma culpa que não é dele.

Sinto alguém próximo a mim e me viro com pressa, acho que por força do hábito, dando de cara com uma montanha cheia de testosterona, musculoso e tatuado logo atrás.

— Bruno! O que faz aqui? — digo, esganiçada, como se fosse pega fazendo arte.

— Eu malho aqui, sardenta, você que está no meu território.

— Ah, que coincidência e não é que é mesmo. — Rio, nervosa, e ele me olha com um meio-sorriso, parece pegar as coisas no ar.

— Vai entrar? Começar seus treinos aqui?

— Não, não. Vim falar com uma pessoa.

— Quem? — pergunta, curioso, talvez pela culpa estampada em minha cara.

— Acho que é a proprietária.

Ao me ouvir, ele ri alto e fico perdida.

— A carne de pescoço da Sophie? Então vem, entra comigo.

— Você a conhece? — falo de supetão e é claro que conhece, ele malha aqui.

— Sim, infelizmente, sim.

— Infelizmente? — sondo, tentando arrancar qualquer coisa sobre ela. Ele dá de ombros, despretensioso.

— Não é a minha pessoa favorita no mundo.

— Mas você malha aqui. — Tento o óbvio, como se isso explicasse algo.

— O que quer dizer que é uma ótima academia, não que caio de amores pela dona.

Sorrio, não está de todo errado.

— É, faz sentido. Bruno, antes de entrarmos... — Seguro seu braço e ele para. — Ainda não tive a chance de te agradecer, sei o que fez.

— Não, pare com isso, ninguém lutou por você como o doutor almofadinha. Não precisa me agradecer.

— Ainda assim, obrigada. — Toco seu ombro, percebendo que o homem não lida bem com agradecimentos.

— Vamos, vem, vamos entrar — desconversa e entramos na academia ou no que é o começo dela, pois é imensa.

Fico logo atrás dele, parado no balcão de madeira, falando algo com o recepcionista, um rapaz baixinho de pele clara e sorriso simpático.

— Ela está no escritório e pediu que não a interrompessem, não acho uma boa ideia subir lá, sabe como é.

— Quebra o galho, Samu. Minha amiga precisa falar com ela e vai ser rápido, prometo — diz, simpático, e o rapaz parece não saber dizer não, então eu complemento:

— É, serei *super* rápida, um recado apenas — minto, nem sei como

será, para ser sincera. Vou chegar e dizer o quê? *Oi, sou sua cunhada e você tem um irmão?*

Péssimo isso!

— Tudo bem, mas, se ela soltar fogo pelo nariz, jogo a culpa em você.
— E isso não intimida Bruno, que parece gostar da brincadeira.

— Sem problemas, um motivo a mais pra ela me odiar não faz diferença.

O rapaz libera a catraca, negando com a cabeça, parecendo preocupado, nós entramos e começo a duvidar se fiz o certo.

Enquanto adentramos o lugar, vou prestando atenção em cada detalhe. Nesse horário, a academia não está cheia, há apenas algumas pessoas nos aparelhos de musculação e no ringue de boxe, ao fundo do grande balcão, espaçoso e bem cuidado. Alguém parece estar treinando com um homem enorme e musculoso dentro das cordas, que acena para Bruno de longe.

— Vem, vou te levar até lá em cima, o escritório dela fica no segundo andar. Ela gosta de fugir dos pobres mortais vez ou outra.

Sigo-o até um corredor, muda, tendo uma escada ao fundo. Subimos poucos degraus e paramos em uma porta no segundo andar, tendo uma segunda porta ao lado. Observo tudo, os mínimos detalhes e Bruno bate na porta, não esperando permissão para abri-la.

— Bom dia, dona encrenca. — Ouço-o dizer e não consigo ver a mulher que deve estar lá dentro. Ele me bloqueia, também pudera, olha o tamanho dele.

— Não te avisaram que não quero ser interrompida?

Putá merda, acho que não é um bom dia.

— Bom, Maria Sophie, me desculpe. Só que tenho uma amiga que precisa falar com você e, como tenho bons modos, a acompanhei até aqui em cima.

— Quem diabos quer falar comigo? Samuel não me avisou que tinha alguém lá embaixo à minha espera.

E não parece mesmo um bom dia.

— Eu... — falo, me fazendo notar quando Bruno me dá espaço e então consigo vê-la, sentada atrás de uma mesa de madeira média.

É impossível não ficar paralisada por instantes, vendo a semelhança que a mulher tem com minha tia, mãe de Pedro, ele estava certo, é incrível!

— E quem é você?

— Me chamo Alice, tenho um assunto particular para tratar. Serei rápida se não se importar. — Tento o meu melhor sorriso, enquanto ela parece a ponto de rolar os olhos em fadiga.

Fico esperando uma resposta, que não vem de imediato, enquanto parece me analisar, me olhando dos pés à cabeça.

— Sei, pode entrar e você pode ir, Bruno, já conseguiu estragar meu dia com sua cara feia — E em resposta ele sorri, gargalha, na verdade.

— Fala sério, dona encrenca, seu dia só começa quando vê o moreno aqui.

— Vai à merda, Bruno!

Ele se vira gargalhando alto, me dando espaço para que enfim eu entre, descendo as escadas e nos deixando a sós. Olho mais uma vez para fora antes de fechar a porta, enquanto a mulher continua a me observar, sem se levantar ou fazer qualquer menção.

— Senta aí... qual é mesmo o seu nome? Sou péssima de memória.

— Alice, me chamo Alice e é um prazer.

— E o que te traz aqui, Alice? Disse ter um assunto particular. Em que posso te ajudar?

Direta... uau. Deve ter puxado ao irmão.

— E tenho. Mas é algo delicado, Sofia.

— Sophie, me chamo Sophie, não Sofia. — Paro, analisando-a e então continuo:

— Enfim, é um assunto delicado, eu ainda estou tentando entender como posso começá-lo sem parecer tão perturbador.

— Sei... Vamos do começo então. O que acha?

— Tudo bem — confirmo, busco o início e me pergunto quão ridículo isso vai aparecer a ela. — Eu tenho um namorado, quer dizer, noivo, que é quase um primo e ele passou quase a vida inteira procurando a irmã, que desapareceu quando tinha apenas quatro anos — começo e olho para ela, esperando que diga algo, um sinal em seu semblante, que seja, mas vejo apenas os olhos negros se arregalarem no rosto perfeito, de uma beleza espetacular. — Ele a encontrou dias atrás e tudo indica que é você.

Despejo logo de uma vez, não há maneira certa de dizer isso, a mulher disfarça a surpresa e em seguida sorri.

— O que te faz pensar isso? Não me leve a mal, sabe... mas é, no mínimo, estranho algo assim.

— Eu sei que é complicado, estou aqui agora mesmo sem que ele saiba, pedindo que isso não prejudique nosso relacionamento quando eu tiver que contar que te procurei, mas cansei de ver Pedro sofrer, de vê-lo sentir culpa. — E quando digo esse nome uma expressão de surpresa toma seu rosto, é nítido e ela não tem tempo de disfarçar. — Ele nunca desistiu de você, até te encontrar e colocar na cabeça que você está melhor sem ele, que pode ser melhor continuar sem saber que ele existe e que te ama. Mas isso está acabando com ele.

A surpresa já não está em seu rosto e ela suspira, parecendo entediada.

— Eu acho realmente tocante você ter vindo aqui pelo seu namorado, noivo, não sei bem, mas é impossível isso ser verdade, sou filha única. Meu pai morreu quando tinha cinco anos, sendo assim...

— Não, não é. E acredite, quando a vi ali, ainda da porta, fiquei surpresa com o quanto se parece com sua mãe, são idênticas.

— Quer me dizer que pareço com a mulher que me deu ao meu pai? Que me abandonou escolhendo o outro filho? Como acaba de dizer...

— Não, não. Não foi assim, não foi, não foi o que eu disse. Te levaram dela, minha tia te amava, ela a queria, era louca por você. Você foi roubada, ela nunca te abandonou, pelo contrário, te procurou por anos até... — Paro, talvez isso aqui não tenha sido uma boa ideia.

— Até?

— Falecer, culpa de um câncer que não puderam curar.

Sophie abre a boca e por instantes posso ver emoção em seus olhos, mas ela não demora a engolir essa emoção.

— Pedro acha que você está melhor sem ele, acredita nisso, mas ele não está melhor sem você, está apenas se enganando. Só isso! Acho que tem medo de uma negativa sua, não sei.

— Sabe o quanto isso é estranho? Você vem aqui, despeja tudo isso e pode estar, com dez minutos de conversa, mudando toda minha vida, dizendo que tenho, em algum lugar, um irmão, uma família.

— Eu sei, eu sei... e você tem razão — falo, me sentindo triste pelo que vejo em seu rosto. — Sinto muito, de verdade, pelo que aconteceu com você, por ter sido tirada de sua mãe, do seu irmão. Mas não está sozinha no mundo, Sofia... digo, Sophie.

Abro minha bolsa e busco dentro dela uma foto de Pedro. Uma antiga, que guardava comigo, e entrego a ela.

— Esse é o homem que amo, seu irmão — falo e vejo-a pegar a foto após alguns segundos, examinando-a. — Sei que isso é estranho, sei mesmo e, claro, há de querer um exame de DNA e tudo o mais, isso se quiser realmente conhecer essa história, sua história, e não tem problemas porque já sabemos que é você, não há dúvidas. E essa é sua mãe. — Dou-lhe então a segunda foto, esperando sua reação e, assim como eu quando a vi, seu semblante se transforma ao ver a semelhança que tem com minha tia.

— Não pode ser...

— Mas é. E eu sinto muito por tudo, por terem tirado sua família de você, sinto de verdade. Mas você ainda a tem, tem um irmão que daria a vida para tê-la com ele, pra voltar no tempo, que tem pesadelos quase todas as noites com o dia em você que foi levada — falo, enquanto a mulher está vidrada nas fotos em sua mão, e eu me levanto. — Bem, aqui está meu número e o nosso endereço caso queira falar comigo. Espero muito que queira tê-lo em sua vida. Ele te ama, ama muito. Até mais, Sophie.

A mulher olha o papel que seguro em minha mão e o pega, sem uma palavra a dizer, eu dou meia-volta, saindo dali, pedindo a Deus que ambos possam se libertar do passado e que eu não tenha estragado as coisas.



A verdade é o melhor cenário e pode ser tão doce quanto mel.

— Tio, ela vai ter bebê? Bebê como a tia Cris teve? Vão ser dois?

Eu rio, estando em uma situação comum para mim, mas a primeira para Camille. Estamos nos estábulos às 4h da manhã porque minha égua favorita está dando à luz, uma campeã que ganhei do meu pai um mês depois de chegar ao haras, foi meu presente inaugural, como ele chamou. Apesar de já ser velha, a égua é minha paixão, minha melhor lembrança do homem que me criou. E por que temos que estar aqui a essa hora? Não, não é só porque é a minha égua favorita, e sim porque ela está sofrendo com o parto.

Talvez pela idade e, é claro, quando me chamaram aos berros, batendo na porta de casa, Camille acordou, assim como Alice, e não teve santo que convencesse as duas a ficarem em casa e voltarem a dormir. Principalmente Camille, pedindo por favor que a deixasse vir, com cara de choro, e eu não tinha como dizer não. Sendo assim, estão as duas sentadas em uma tora de madeira logo ali, de olho em mim e na Marula, enquanto tenho a mão em seu canal vaginal, envolvida em um tipo de luva própria para o trabalho.

Tenho uma veterinária muito boa, obviamente, mas não esperávamos que o parto fosse prematuro e no meio da madrugada, sendo assim aqui estou eu, ou melhor, nós.

— Sim, ela vai ter um bebê potro e só terá um.

— Não pode ter dois? E isso não dói? — pergunta, curiosa, enredada em uma manta junto a Alice.

Eu paro, olhando para ela, agachado, e confesso que estou adorando isso, esse interesse. Ela está apaixonada por tudo aqui, ama animais e gosta de cuidar deles.

— Pode, mas é raro gêmeos em animais e, sim, dói e dói muito, mas é algo natural a todas as criaturas o que estamos vendo aqui, Mille. Mas vou poder melhorar a dor da Marula se eu conseguir... — Paro de falar, sentindo o potro de Marula atravessado e virando-o, ao fazer isso, ela se levanta com a dor e me afasto depressa, antes que leve um coice. — Agora sim, consegui virar o potrinho e logo ela vai se livrar da dor, filha.

Não é a primeira vez que a chamo assim e, como sempre, seus olhinhos brilham, um sorriso aparece nos lábios finos e eu me aqueço por dentro.

— Solte a menina, Ali — peço para uma Alice reticente, que abraça e meio que segura Camille sentada junto dela. — Lembra que adorava me acompanhar nisso aqui? Então, solte-a e deixe Camille vir olhar de perto.

— Pedro...

— Não tem problema, amor, não é perigoso. Eu tô aqui!

— Posso mesmo? — pergunta, afoita, levantando-se e desprendendo-se da mãe com pressa, correndo, entrando na baia e agarrando-se na minha perna.

Alice também se junta a nós, mas se mantém do lado de fora da baia e, pela cara, ela está achando que é muito para mostrar a Camille, que está bem à vontade.

— Pode ser perigoso...

— Só se ela estivesse sozinha, amor, não está e isso aqui vai ser dela.
— Dou de ombros.

— E quero ser veterinária pra cuidar dos próximos bebês da Marula! — Sua voz chega a estralar ao falar e não nego, sinto orgulho. — Tio, olha!

Eu acompanho seu dedo para ver o potrinho coroar e a pequena abrir a boca em espanto. A surpresa em seu rosto me interessa mais do que qualquer outra coisa, é algo novo. Me agacho e a trago para mim, falando ao seu

ouvido e explicando o porquê de isso acontecer, enquanto a égua expulsa de vez o potro de seu corpo. É a beleza da natureza.

— Uau... ele tá se mexendo.

— Sim e sabe quem vai ser a nova dona dele ou dela e vai cuidar do bichinho? — pergunto e ela me olha, estática.

— Vai *dar ele*?

— Vou e pra você! É sua... seu presente de aniversário, mocinha!

— Meu? Verdade, tio?

Sou abraçado, quase enforcado por braços finos, cheios de alegria, e não vejo a hora desse tio virar um belo pai.

— Sim, feliz aniversário, minha princesinha.

— Meu primeiro aniversário aqui! É tão legal e já ganhei presente, tá vendo, tia? Você ouviu?

E como a boa manteiga derretida que é, Alice está quase se debulhando em lágrimas. Me levanto e trago Camille em meus braços, saindo da baia, enquanto Marula limpa seu potro, e nos aproximando dela, passando o braço por sua cintura e trazendo-a para nós. Tenho em meus braços o meu sonho realizado.

— Parabéns, minha menininha, que Deus te abençoe e que lhe dê muitos e muitos anos de vida, nós te amamos muito e esse é o primeiro presente do dia, terá muitos ainda — Alice diz, alisando seu rosto, e Camille está radiante.

Tinha dias que ela vinha falando do seu aniversário, mas hoje, talvez pela forma que acordamos, ela ainda não tinha lembrando que o grande dia havia chegado. Nosso primeiro aniversário ao lado dela.

— Obrigada, obrigada. É tão legal, eu tenho um cavalo, um do meu tamanho! — diz e nos abraça, se tem um momento que possa ser mais perfeito eu desconheço!



— Mas temos que conversar com ela, Ali. Ela está contente e podemos melhorar ainda mais esse dia pra ela. Sei que é difícil, mas Camille tem idade o suficiente pra saber e nós iremos dar todas as explicações possíveis. Está na hora, quero logo esclarecer tudo, não vejo o momento desse tio virar um pai — explano, sentado na cama, vendo-a pensativa, encostada no armário.

Hoje fizemos algo simples, aqui mesmo, dado que não tivemos muito tempo para preparar a maior festa que o Rio de Janeiro já viu. Foram coisas demais nos últimos dias para arrumarmos, ambientar Camille entre nós e não deu tempo para algo grandioso como queríamos. Sendo assim, improvisamos e arrumamos um cantinho na cantina com um grande bolo, doces, salgados, bebidas e balões, fazendo uma festa na fazenda e chamamos a família para comemorarmos seu grande dia.

A pequena passou o dia correndo por aqui e se lambuzando de doce junto a Cathe, para nossa grata surpresa, elas estão se tornando unha e carne.

— Tenho medo de que ela não entenda, Pedro. Como contar a uma criança que a tiraram da mãe e colocaram um bebê morto no lugar?

— Boneca... será como um presente para Camille, nesse momento os detalhes não são o mais importante. Quando estiver maior, aí sim poderemos contar todos os pormenores, por ora basta saber que ela é nossa!

— E se ela não entender? E se...

Me levanto e vou até ela, segurando seu rosto entre as mãos.

— Ela nos ama, Camille é nossa, Boneca, e a verdade será o melhor, pois ela saberá que não foi abandonada, vamos com calma, damos a notícia a ela com jeitinho e então a colocamos na cama, deixando-a saber que a amamos e que ela veio de nós.

Alice suspira fundo, deixando os ombros caírem, vencida.

— Eu acho que talvez tenha razão, ela merece saber e hoje é um bom dia. Só queria ter feito algo maior, queria uma festa perfeita pra ela. Acha que ela gostou do que fizemos?

— Foi perfeito pra ela, amor, foi perfeito para nós, tenho certeza. O importante é estarmos juntos. Ano que vem vamos, sim, fazer a maior festa

que essa cidade já viu pra ela, com o tema que ela quiser, até mais de um, se for o caso. — Sorrio e pareço a contagiar.

Como eu amo esse sorriso, essa mulher...

— Pelo andar da carruagem será o tema da fazendinha de novo, com direito a uma criança veterinária.

Eu gargalho, ela tem razão.

— É, ela gosta mesmo daqui.

— Se parece com você quando chegou, quer dizer, parece com você até hoje, apaixonado por cada canto desse lugar. Mas, Pedro... — começa e para, roço meus lábios nos seus.

— Diga e lhe dou tudo o que quiser. — Eu a puxo pela cintura e enterro meu rosto em seu pescoço, provocando-a ao deixar uma leve mordida em sua pele.

E parece que tudo está superado, que estamos deixando o passado onde realmente deve estar.

— Sente falta? Está sentindo falta do hospital?

Levanto meu rosto e olho em seus olhos, para ter certeza de que ela verá a verdade no que direi, mas antes deixo um beijo calmo e demorado em seus lábios.

— Não sinto falta, amor, e nunca estive mais completo, foi a melhor escolha, acredite.

— Verdade?

— Sim, a mais pura delas. — Um suspiro é ouvido, talvez de alívio, e me regozijo com o brilho dos seus olhos.

— Fico feliz, muito feliz em saber... então vamos lá, vamos falar com ela. Eu a deixei organizando as bonecas que ganhou. — Ela tenta sair do meu abraço e eu a seguro por mais tempo.

— Espera, Ali.

— O que foi, amor da minha vida? — diz com um sorriso capaz de parar meu coração.

— Nos últimos meses, temos passado por uma grande prova de fogo,

uma das grandes, mas passamos e eu poderia dizer que muito bem, juntos, lutando pra sermos felizes, sem que nos separássemos e, olha pra nós, estamos indo muito bem, quer dizer, eu acho que estamos. — Seus olhos brilham e sua mão deixa uma carícia em meu rosto.

— Sim, estamos.

— Espera, eu não terminei — eu a repreendo e ela quase revira os olhos. — E bem, tínhamos falado disso antes, sei que não temos dúvidas de que queremos isso para nossas vidas, um futuro juntos, e eu pensei que podemos ir além e nos casar, aqui mesmo no haras, como foi o dos meus pais, oficializar nossa união. Algo simples, ou algo grande, é você quem escolhe, eu sei apenas que estarei lá, no altar, esperando a mulher que amo e quero passar o resto da minha vida, não me importo com mais nada.

Alice me olha, calada demais, enquanto meu coração quer arrebentar o meu peito. Sim, estou mesmo nervoso porque a quero para o resto da vida e isso basta para me deixar em pânico que haja dúvidas nela quanto a isso. Afinal, após ficarmos noivos e ela ter perdido sua aliança, não voltamos a falar sobre isso, ainda não dei a ela a nova aliança que comprei.

— Quer casar?

— Ou não... quer dizer, quero, estou pedindo isso agora mesmo, mas, se for demais pra você nesse momento, podemos ver uma data mais pra frente... não sei.

Alice então amplia o sorriso, colando seu corpo no meu e me beijando, trazendo certo alívio ao meu coração, ainda que não tenha dito nada.

— Eu aceito, peão, achei que eu teria que tocar no assunto pra enfim me pedir oficialmente em casamento novamente, ora. Demorou!

Não falo, minha mão entra em seus cabelos, segurando-a pela nuca e beijo seus lábios, puxando o inferior entre os dentes, ouvindo dela um gemidinho.

— Nada poderia ser mais perfeito que agora... — falo, ela me olha e sei o que quer dizer com esse olhar. Sofia...

Finjo não ver, pois na verdade esse assunto está decidido aqui dentro de mim. Não poderei ter tudo, não ela. A menina que conheci quando criança deu um jeito em sua vida, seguiu em frente, talvez nem saiba o que passou

quando tinha apenas quatro anos e foi deixada aos cuidados do irmão mais velho. Não quero trazer essa dor para ela apenas para aplacar minha culpa.

Investiguei, busquei mais dela e nada indica que ela saiba que foi roubada pelo pai quando pequena. Sendo assim, seguirei como estamos, apenas estando bem em saber que ela está viva, feliz, uma mulher e tanto, e não deixo de me orgulhar disso!

Me afasto para o lado, sem soltar a mão de Alice, e abro a gaveta do criado ao lado, pegando a caixinha de veludo que me acompanhou por esses últimos dias.

— Aqui, comprei outra para nós. Essa irá nos acompanhar para o resto das nossas vidas.

A peça delicada parece brilhar diante do seu olhar. Escolhi uma de ouro branco, fina e delicada como ela.

— Você comprou outra... É linda.

— Linda como você. — Deslizo a aliança por seu dedo, vendo a pedrinha em cima brilhar, e sinto sua mão tremer. — Eu te amo, Boneca.

— Eu também te amo, um amor que não cabe aqui no peito!

Beijo seus lábios de forma casta, apertando-a em meus braços e então a afasto brevemente.

— E agora, que está prestes a ser minha senhora, vamos oficializar outro assunto, o de uma menininha linda no quarto ao lado. — Ela suspira.

— Vamos. Só quero deixar claro que, após toda essa declaração e essa aliança linda, mais tarde eu vou montar em você de jeito, peão.

Não consigo prender a gargalhada que estoura em meu peito, vendo-a ficar brevemente vermelha. Amo cada partícula dela que se mostra para mim.

— Não vejo a hora! — digo e me afasto dela, segurando sua mão e deixando o quarto.

— Ela ainda deve estar arrumando os brinquedos novos que mamãe e papai trouxeram, pois ainda tinha os de Augusto e o que Arthur mandou, além da mãe, que não pôde vir.

— Não esqueça o de Bruno e é uma pena Cathe não ter ficado pra

dormir aqui essa noite.

— Ela tinha que ir ao hospital amanhã cedo pra ver como estão os exames, lembra? A bateria periódica, mas tenho certeza de que ela está muito bem, apesar do lúpus, Cathe tem se saído muito bem. E elas deram tão certo, não é?

— São perfeitas juntas, uma bela dupla! Agora venha, futura esposa, vamos contar uma história.

Paramos na porta do quarto de Camille, ouvindo sua voz infantil pela fresta, e lá está ela, segurando a boneca que ganhou de Catherine, uma tal de *Barbie*.

— Eu vou pra escolinha e vou te levar comigo pra brincar, tá? — fala com a boneca.

— Oi, princesa. — Chamo sua atenção ao entrarmos e ela parece radiante, já vestida em seu pijama.

Sento em uma cadeira infantil de madeira, com desenhos de bichinhos e vejo Alice se sentar na cama com ela, tendo que afastar alguns brinquedos para o lado.

— Oi, tio. Estou conversando com a Sabrina, disse que vamos à escola.

— É? E gostou da sua festinha de aniversário e dos brinquedos? Sei que foi simples, é que...

— Não deu tempo, a tia Ali me disse. Mas foi a festa mais maravilhosa que eu tive no mundo todo, ganhei um cavalo pequeno e tinha todo mundo, tio. O tio... quer dizer, o vovô, a vovó, o tio Guto, a tia Cris, Cathe e os nenéns e foi tão legal! Eu tenho um vestido da princesa Cinderela e eu nunca tive um aniversário, tio. Foi muito bom e eu fiz um pedido — fala atropeladamente.

— E o que pediu?

— Que eu possa chamar vocês de papai e mamãe igual às outras crianças.

Ah, meu coração aperta e ouço um fungado, não preciso nem dizer de quem é.

— Escute, princesa — peço, me aproximando mais dela. — Temos

algo a dizer, uma história pra contar.

— Hum, história de dormir? Adoro histórias, mas ainda não tá na hora de dormir, tio, tá cedo, quero ver o Vini ainda.

E Vini é o potro, ela já o viu umas dez vezes só hoje, já lhe deu um nome, Vinicius, e pelo jeito quer lhe dar boa noite também.

— Não, ainda não é hora de dormir, mas queremos conversar com você. Alice... — chamo e ela funga mais uma vez, limpando o nariz e alisando a bochecha de Camille, tentando segurar a emoção.

— Então... era uma vez... — E, ao começar, Camille parece concentrada e se aninha ao seu lado, abrindo um baita sorriso de satisfação. — Uma princesa que se apaixonou por um belo príncipe, um homem muito, muito bom. Eles se amavam, tiveram um breve romance e, em uma noite, ela engravidou de um bebê.

— Como a Marula?

— Isso, como a Marula, não, como a tia Cris. Porque quando o amor é tão grande que não cabe entre duas pessoas, uma pessoinha é feita, a personificação desse amor.

Ela parece pensar, chega a fazer um bico.

— Ah... nossa, o tio Guto ama muito a tia Cristine, né? E o vovô e a vovó também, porque tiveram dois bebês iguais. Né? — Não consigo não sorrir.

— Isso, isso mesmo. Voltando à história, a princesa, após ficar grávida de um bebê, fugiu porque se desentendeu com o príncipe, uma briga feia, e ela foi embora para muito, muito longe.

— Mas por quê?

— Porque ela achou que o príncipe bonzinho, seu verdadeiro amor, tinha feito algo, foi um mal-entendido, e então a princesa fugiu e encontrou outro príncipe. Esse príncipe parecia ser uma pessoa muito boa, mas não era, na verdade, era um homem muito mau.

— E a princesa?

— A princesa foi enganada pelo príncipe mau e teve seu bebezinho. Ela a amava muito, muito, muito mesmo, estava muito feliz que teria um bebê,

mas o príncipe não era bom de jeito nenhum e...

— Ele era um monstro?

— Isso, um monstro, e então o monstro roubou o bebê da princesa e disse para ela que seu bebezinho tinha desaparecido.

— Mas, mas, mas... era o bebê dela! — fala, indignada, e não sei expressar o sentimento que está em meu peito.

— Era sim e ela chorou muito, sofreu sem o seu bebê porque o amava, ela a amava tanto, mas tanto que foi como arrancar um pedaço do seu coração quando seu bebê se foi.

— E o príncipe bom, tia? Ele não pegou o bebê de volta?

— Ele não sabia que, quando a princesa foi embora, ela estava grávida, ele nunca soube que era o papai do bebê. Ao menos não até a princesa descobrir que o príncipe mau mentiu e que o bebê desaparecido estava muito perto dela.

— E o que aconteceu? O príncipe bom descobriu que era papai?

— Sim, ele descobriu. A princesa contou tudo e então ela e o príncipe bom encontraram o seu bebê, uma linda menininha de olhos azuis.

Camille, em sua inocência, bate palmas, animada com o que acaba de ouvir, comemorando sem imaginar que não é uma história fictícia.

— Olha! Eu tenho olhos azuis e o tio Pedro também — diz e sorri, de forma inocente.

— É, vocês têm, sim, e bem parecidos. Mas o que quero dizer com essa história, meu amor, é que a princesinha perdida, na verdade, era você quando era só um bebezinho. E que eu e Pedro não somos seus pais adotivos, somos seus pais de verdade, nós só não sabíamos que você estava viva, porque fomos enganados lá atrás, quando você nasceu, eu não sabia que você poderia ser o meu bebezinho perdido. A história não é mentira, aconteceu, aconteceu conosco, Camille.

Seu olhar se amplia e não posso dizer por sua expressão o que ela sente, parece apenas surpresa. Minha menininha de início fica paralisada, depois começa a balançar as perninhas como para se distrair, olhando seus pés. Depois ela volta a olhar para mim e para Alice, sem dizer nada ainda.

Esperamos, enquanto seu olhar vaga de um para o outro, e posso até mesmo ouvir meu coração.

— Mas... eu... mas...

— É nossa filha, Camille. Nossa menininha que perdemos quando era só um bebezinho recém-nascido, oito anos atrás. Você nasceu de mim, de mim. Ficou oito meses na minha barriga e eu te amei desde o primeiro momento, minha princesa, eu nunca te abandonei, nem te esqueci um dia sequer. — Alice está aflita e segura sua mãozinha.

— Então vocês são mesmo o meu papai e a minha mamãe?

— Sim, nós somos — falo e movo meu corpo, me agachando à sua frente, segurando sua outra mão.

— E o príncipe mau me levou?

— Sim e nós não sabíamos... por isso nunca fomos buscá-la, achamos que não estava mais aqui, que tínhamos te perdido para sempre.

— Minha mãe não me abandonou no orfanato porque eu era feia como os meninos disseram?

— Não, claro que não, eu nunca te abandonei, meu amor, nunca.

Ela nos olha, fazendo um biquinho fofo, e meu peito se enche de amor.

— Sendo assim já eu posso chamar vocês de papai e mamãe?

E posso ouvir um suspiro de alívio deixar Alice, enquanto ela leva a mão ao peito, fechando os olhos como em um agradecimento.

— Seria o meu sonho, Camille. Tudo o que mais queremos é que nos chame assim, queremos recuperar todo o tempo perdido que ficamos separados de você.

E dessa vez a manteiga derretida da situação sou eu, enquanto vejo a menina se jogar nos braços da mãe, recitando o quando quis isso, o quanto pediu por isso. Fico imerso no momento até que ela me puxa para entrar em um abraço triplo e agora sinto que somos mesmo uma família. Não tenho Sofia e nem terei, mas tenho a mulher que amo e minha filha. Isso deve bastar, essa felicidade que sinto me basta para um milhão de vidas.

— É o melhor aniversário da minha vida. Ganhei um pai e uma mãe e

de verdade!



Ah, o amor...

Pedro

— Isso é normal? — pergunto para Augusto, parado ao meu lado, me servindo de padrinho de casamento.

— O quê? O calafrio no estômago?

— Sim, o calafrio. Eu já moro com sua irmã, durmo com ela todas as noites e...

— Essa parte eu não preciso ouvir, me poupe dos detalhes em que você rola no feno com minha irmã caçula, Pedro! — repreende, me fazendo rir.

— Olha só... uma boa ideia, não rolamos no feno ainda... obrigado, Augusto — brinco e o cara me olha, querendo me matar. — Ok, não tá mais aqui quem falou. Mas... me diga, é assim mesmo? Que eu tô tendo a impressão de que vou enfartar. Falo sério.

Puxo a gravata, que parece querer me enforcar, e sinto sua mão em meu ombro, o sorriso debochado de volta ao rosto.

— Não enfarta, Mamute. Só respira e para de puxar essa gravata, que está ficando estranha — Ele vem à minha frente, tirando minha mão da gravata e começando a arrumá-la.

— Eu vou enfartar! Estou sentindo os primeiros sintomas.

Ele sorri e a impressão que tenho é realmente essa, um nervosismo que não posso medir.

— Eu sabia que ele não iria aguentar! — zomba Arthur, se aproximando de nós, deixando a namorada sentada no primeiro banco da capela improvisada.

Eu estou, sim, tremendo na base. Qual é? Passei a vida querendo me casar com essa mulher, esperei demais e agora parece que vou morrer de um infarto antes disso acontecer? Porra...

— Eu sonhei com esse dia, Arthur, quero ver quando for você, imbecil. Arthur não responde e o sorriso aos poucos morre em seu rosto.

— Não tá demorando muito não? — Troco o peso do corpo de uma perna para outra e os dois se entreolham.

— Não, ainda faltam cinco minutos e as noivas se atrasam.

— Sei... lembro que Cristine foi pontual.

— Nem tanto, ela atrasou, não foi, Augusto?

— Sim, um pouco, quis me fazer enfartar também a diaba.

Rimos dele e o olhar de Arthur muda de direção.

— Agora, cá para nós, o moleque de cabelo vermelho ali parece que não está legal, nem um pouco à vontade.

Olho na direção que ele aponta e vejo Felipe sentado em um dos bancos, emburrado, olhando para os lados e balançando freneticamente uma das pernas, vestindo a roupa social que Alice comprou para ele vir ao casamento, sem o terninho, ele se recusou a colocar.

Não, não o adotamos, mas conversei com a mãe para servirmos como casa de apoio para ele provisoriamente, algumas vezes no mês. Já tentaram antes e ele nunca ficou mais de um mês com cada família, porém eles não tinham Camille, sua melhor amiga, os dois se dão muito bem, essa é sua segunda visita e estamos progredindo.

— Augusto, pede pra Cathe sentar perto dele, talvez ajude.

O ogro olha o garoto e coça a barba, pensando se é uma boa ideia colocar sua menina doce perto do mal-humorado.

— Sei não, esse garoto é meio estranho... olha a cara dele? Mal encarado pra caramba, cara de quem chupou limão. Ele vive emburrado assim mesmo?

— Ele chegou tem só dois dias, é a segunda visita dele aqui e já volta ao orfanato amanhã, deem a ele um desconto. Desde que chegou, não falou comigo ou com sua irmã, ao menos não sem que precisássemos perguntar a ele, falou apenas com Camille.

— Nada? Nem quando está com fome? — Arthur se interessa e eu confirmo, tirando um pouco o foco do sentimento que aperta meu peito.

— Não, nada. Só come se dermos a ele. O menino não fala conosco, não pede comida, nem água. Nada e dá respostas monossilábicas.

— E acha que isso vai dar certo? Estão pensando em adotá-lo? — Arthur indaga novamente. — Porque o Augusto tem razão, o garoto é mesmo estranho.

— Não é estranho, só não quer ser adotado. É o único garoto que não quer ser adotado naquele orfanato.

— E por que não?

— Pra Felipe, sua mãe vai voltar e buscá-lo. Ele não está lá porque foi propriamente abandonado, a mãe foi presa e a avó morreu tem cinco anos. Ele nunca viu a mãe, mas tem uma imagem dela na cabeça, quer esperá-la. Não me perguntem como.

— Interessante, me convenceu... vou colocar Cathe sentada ao lado dele, já volto. O rostinho doce dela funcionou comigo, pode fazer efeito no garoto.

Confirmo e vejo Augusto ir até onde Catherine está sentada com Silvy e falar algo com ela. A menina de cabelos dourados e curtos olha na direção do menino e faz uma pequena careta, mas não nega o pedido do pai. Sua careta pode ser porque ontem Felipe não foi muito cordial com ela ao conhecê-la.

Segurando a mão de Augusto, ela é levada para o mesmo banco que Felipe, que nem ao menos olha para ela e, assim que Cathe se senta, o menino se afasta um metro dela. Esse vai ser osso duro!

— Não deu muito certo... — Ouço Arthur dizer ao meu lado, Augusto se juntando a nós.

— É, não... mas minha filha gosta do garoto, talvez possamos ajudar de alguma forma. Quem sabe na próxima visita ele fale conosco, ao menos. Não sei. Sei que minha mulher está desenvolvendo um grande apego por ele também, apesar das poucas brechas no casco dele. Meu medo agora é que Felipe não queira mais vir e Alice se decepcione.

— Não se preocupe, Mamute, Alice consegue o impossível. Aproveite o seu dia.

E com isso me lembro novamente de que estou no altar, à espera dela, e o nervosismo volta.

Alice, ao contrário do que pensei, não quis algo grande para o nosso casamento, então estão aqui apenas a família e alguns poucos amigos, pessoas do nosso dia a dia, o pessoal da fazenda, os funcionários do seu estúdio de balé, que finalmente está funcionando a todo vapor, e amigos do hospital. Mas, ainda que pequena, ela se empenhou nessa cerimônia.

A equipe responsável pela organização preparou uma parte da propriedade especialmente para o casamento, levando em conta o horário da cerimônia e o lado que o sol iria se pôr. Pensando nisso, fizeram um tipo de tenda de madeira, uma capela improvisada, ornamentada com flores rosas e brancas, perfeita para à tardinha, ao pôr do sol. Sob a proteção da tenda, está o altar, com um tapete vermelho até onde deve ser a entrada e cadeiras brancas de madeira, onde nossos convidados aguardam, ornamentadas também com pequenos botões de rosas, tendo o piso coberto por folhas secas artificiais. Ficou impressionante.

Passo meu olhar de relance e vejo Bruno sentado ao fundo, acabou de chegar. Minha gratidão a esse cara não tem tamanho, ele sorri e passa o dedo indicador na garganta, sinalizando que vou me enforcar. Nego e vejo Tiberius chegar com Capitu, acenando para mim, em um gesto de vai com tudo.

Quanta diferença!

Respiro fundo e então uma movimentação acontece, a movimentação que tanto esperei. Vejo a limusine branca parar próximo à entrada da tenda e Cristine sair do veículo, risonha e bonita, usando em um vestido longo

salmão, e atravessar o tapete vermelho com um belo sorriso no rosto. Ela é nossa madrinha.

E meu cérebro constata: Alice veio. É claro que ela viria, mas sempre há a dúvida ou eu estou surtando, há várias alternativas aqui, escolha a sua favorita.

Nem sei mais para onde foi Cristine porque agora meus olhos estão presos no carro, esperando a mulher que está prestes a sair, minha mulher. Tio Oto está à sua espera, segurando a porta do carro, e primeiro vejo pezinhos miúdos em uma sapatilha pisarem no chão e Camille sair de noivinha em um vestido rosa clarinho, segurando uma cestinha com pétalas de rosas. A menina vem, parecendo meio nervosa, e para no início do tapete vermelho olhando para trás, esperando a mãe, meu peito parece não segurar mais meu coração.

E quando, enfim, ela sai, o tempo parece parar quando foco seu rosto. Minha Alice está perfeita em um vestido rosa, na mesma cor que o de Camille, suave, curto. Sorrio, o vestido é esvoaçante, justo no busto até a cintura, rodado na saia, que vem até acima dos joelhos e, ao contrário do que pensei que ela usaria, está com sandálias baixas e um buquê singelo nas mãos, com um pequeno véu que desce até seus ombros.

Eu vi esse momento tantas vezes em pensamentos e sonhos e em todos tentei me convencer de que nunca a teria. Até pouco tempo Alice era algo impossível, casada com um merda de ser humano e agora...

Desço do altar improvisado sem conseguir me conter e vou ao encontro dela, de braços dados com meu tio, diante do olhar de todos. Quando a alcanço, não pareço mais ver ninguém e seguro seu rosto entre minhas mãos, talvez para ter certeza de que é mesmo verdade.

Sei que estou quebrando todos os protocolos quando beijo sua boca suavemente, nada demorado, apenas para ter certeza de que ela está mesmo aqui, e pouco me importo.

— Tinha que me esperar lá em cima. — Seu sorriso acalma meu coração.

— Eu sei, só queria ter certeza de que é real.

Ela sorri e então ofereço meu braço, que ela segura, e meu tio me olha,

apertando minha mão.

— Cuide dela, está agora com o meu tesouro mais precioso...

— Ela é o meu mundo, tio — respondo, voltando a ver seu rosto com um sorriso apaixonado, retribuo e beijo sua mão, conduzindo-a para o altar.

Paramos em frente ao padre, um amigo da família, e olho novamente para os convidados sentados com os olhos em nós, eu só queria que ela pudesse estar aqui. Elas, minha mãe e Sofia. Seria perfeito, além do que já é. Mas já aceitei, não podemos ter tudo.



— Eu estou feliz, nunca me senti tão... completa.

Não é diferente do que sinto e beijo sua boca, sem ligar para as pessoas ao redor, sentindo seu sabor e tentando controlar a excitação que quer tomar meu pau.

— Eu também estou, você é minha mulher agora, oficialmente...

— E nada me faz mais feliz que isso, seu bobo! Meu peão. — Sorrio e beijo sua boca novamente, sentindo alguém puxar meu paletó e nos interromper.

— Pai, pai. — E eu ainda não me acostumei com isso, sempre que ouço essa pequena palavra, meu peito queima em êxtase.

— Oi, princesa.

A cerimônia acabou há pouco, ganhamos chuva de arroz, congratulações e agora estamos aqui, curtindo o momento, a festa, e dando atenção aos convidados, ou melhor dizendo, estou tentando tirar uma casquinha da minha mulher.

— A mamãe disse que eu podia ir mais tarde ver o Vini e eu quero mostrar ele pra Cathe e pro Lipe, eu posso ir, papai?

Mamãe e papai... como eu quis ouvir isso e não poderia ter sido melhor a forma como Camille aceitou os fatos. Claro, fez muitas perguntas no dia

seguinte ao qual contamos a ela uma certa história. Perguntas essas que fizemos questão de responder da melhor forma possível, tentando omitir ao máximo toda a crueldade maior que a mãe e ela sofreram. Me agacho, ficando da sua altura e ouvindo Alice falar:

— Não, meu amor, porque seu pai não pode ir lá agora e nem eu, não podem ir sozinhos.

— Isso, como já falamos, tem que ir sempre com um adulto e os animais estão presos nesse horário.

— Eu sei, mas o tio Augusto disse que vai...

— Certeza? — Procuro-o e o encontro perto de nós, com um dos gêmeos no colo, ele acena. — Então, sendo assim, pode ir, só tome cuidado.

— Pode deixar. Vamos ficar perto do tio — fala e me beija, tocando a mão de Alice e saindo correndo em seguida.

Me levanto, olhando até que Camille alcance Augusto, e volto a atenção para minha mulher, estranhando quando a vejo estagnada, olhos arregalados à frente, e sigo seu olhar, tentando ver o que a deixou assim. Estranho ao ver que um motoqueiro acaba de chegar e para uma moto grande, preta, um pouco distante de nós. Mas...

Espere, é uma mulher, posso ver os cabelos castanho-escuros compridos quando ela tira o capacete e então meu corpo parece ter ganhado uma descarga elétrica.

— Pedro... é...

— Sofia...

Meu coração acelera e penso que a qualquer momento ele vai parar, enquanto permaneço paralisado. Graciosa, a mulher desmonta e deixa o capacete com detalhes roxos sobre a moto, abrindo o zíper da jaqueta preta, mas não a tira. É quando seu olhar vaga pelo lugar e então me encontra.

— Pedro, amor, eu tenho que te contar uma coisa. — Alice chama minha atenção, a voz tremendo.

— Alice, Sofia tá aqui, a minha Sofia... mas, mas eu não...

— Eu sei, eu sei e fui eu que fui atrás dela. — Eu a olho, perplexo.

— Alice, eu pedi...

— Eu sei o que pediu, mas não era certo, não é certo. Você precisa dela, passou parte da vida procurando-a e ela merece te ter, merece saber que tem um irmão maravilhoso, íntegro e amoroso como você. Ela merece ter você e eu não me importo que brigue comigo depois, já estamos casados mesmo, não tem como fugir de mim. Que esbraveje na nossa noite de núpcias, que me odeie, mesmo me amando, nada disso vai importar, porque eu sei que fiz o certo. Precisa dela e ela de você — fala, toca meu rosto e eu nem ao menos sei o que dizer. — Tem de parar de querer proteger o mundo, amor, não é um super-herói, apesar de ter me tirado do fundo do poço e me feito te amar. Agora vai lá falar com a sua irmã, ambos precisam disso.

Eu estou em choque, eu nunca imaginei... volto a olhar Sofia, em pé, um pouco distante, como se estivesse me esperando. Na verdade, é isso mesmo, dado que ela não viria aqui por outra pessoa, então me volto para minha esposa, segurando seu rosto entre as mãos, sentindo uma emoção que jamais imaginei sentir de forma tão intensa.

Gratidão.

— Obrigado, Boneca. Obrigado. Nem eu sabia que precisava disso até sentir tanta alegria ao vê-la aqui.

— Me agradeça depois, à noite. Agora vai lá, ela está te esperando!

Seguro sua mão, trazendo-a aos meus lábios, deixo Alice aqui e vou em direção à mulher que eu procurei por anos, olhando cada traço dela conforme me aproximo, e não preciso mesmo de um teste de DNA. À medida que vou cortando nossa distância, eu sinto meu peito inflamar e, quando a alcanço, demoro um pouco, sem saber o que dizer.

— Olá... — corto o silêncio, sem conseguir dizer mais nada.

Vinte e quatro anos procurando-a e o que consigo dizer é *olá*.

— Oi... Pedro, não é?

— Sim, sou eu — confirmo e ela sorri, minimamente, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta, vestindo uma camisa marrom simples por dentro, colada ao corpo magro, e uma calça de couro.

— Sua mulher é uma ruiva bem... intrometida e decidida — começa,

parecendo sem jeito e, ao mesmo tempo, confiante. — Dias atrás, quando a conheci, a achei meio louca, principalmente quando recebi há duas semanas um convite para um casamento de duas pessoas que nunca vi, quer dizer, que vi uma vez. Você, em um dia comum em minha academia, em que ficou lá, parado, me olhando, e ela no dia em que entrou em minha sala contando uma história maluca sobre mim.

— Olha... — tento, mas ela não me deixa falar.

— E eu não tenho ideia de quem sejam, não mesmo. Só ouvi uma história que não é a minha, que não parece ser, pois ainda acredito na história que ouvi desde criança.

Mudo, fico sem saber ao certo o que falar, sem saber aonde quer chegar. Ela é ativa, me olha de cima, apesar de ser um pouco mais baixa que eu e sinceramente? Fico feliz com o que vejo.

— Então por que está aqui? — pergunto e o medo da sua resposta me assalta, o medo de uma negativa que foi o que me segurou e me impediu de ir até ela durante todo esse tempo.

— Porque lembro desses olhos, os seus olhos. Seus olhos moraram em meus sonhos por tantas noites... exatamente assim, como está me olhando agora. Parecendo querer me proteger, orgulhoso do que vê. O dia em que você apareceu lá na academia, vi de relance seus olhos e me chamaram a atenção no mesmo momento. Dias depois, a ruiva com cara de *Barbie* apareceu com essa história e, bem, foram seus olhos. Não me lembro bem do meu pai, não lembro nada da minha mãe, mas me lembro desses olhos, não sei em que rosto, mas agora sei que, de alguma forma, eram os seus.

E os olhos que ela diz se lembrar estão cheios de lágrimas agora mesmo.

— Precisamos conversar. — E algo pega fogo em meu estômago, pois de alguma forma ela lembra de mim, eu estive em seus pensamentos, assim como ela esteve nos meus.

— É, precisamos. Mas não hoje, só queria que soubesse que estou pronta pra te ouvir, só isso, mas não hoje. Hoje é o seu dia e meus parabéns, não o conheço, mas sei que se casou com a mulher certa, a maluca te ama.

— É, ela é o meu mundo. Um mundo que agora me parece ainda mais

completo. — Extasiado, aliviado, completo... é como estou. — Bem, venha, junte-se a nós, estamos com um *buffet* e uma pequena comemoração.

Tento, mas ela nega.

— Ah, não. Não me sentiria à vontade, pessoas, interação social não é o meu forte, de jeito nenhum. Eu só tive que vir hoje, pois algo me incomodou o dia inteiro. Só queria que soubesse que, quando quiser conversar, estou pronta. Adeus e fique bem, Pedro...

Vejo-a se virar, sem esperar de mim qualquer palavra, e sair andando de volta para onde deixou sua moto estacionada, tudo parece ter sumido ao meu redor até que sinto braços me apertarem pela cintura, o cheiro gostoso de seu, xampu, já tão conhecido por mim, ao encostar sua cabeça ruiva em meu queixo e respiro aliviado, aliviado e... completo, como nunca me senti antes.

— Eu te amo, Alice!

E o sorriso no rosto dela me basta.

— Eu também te amo e vou te amar para sempre!

E como eu costumo dizer, caro leitor... ah, o amor!



Fim?

Não, não é o fim, afinal eles sempre estarão vivos em nossos corações.



Bom, se eu for listar, daria bem mais que um livro de agradecimentos, pois Deus foi e é generoso demasiadamente comigo ao colocar anjos em forma de pessoas em minha vida.

E vamos começar esse agradecimento por Ele, papai do céu. O que seria de mim sem Ele? Nem sei dizer. Hoje estou de pé, pois, ao cair, Ele me levantou e, ao não poder andar, Ele me carregou. E eu sou grata com a certeza de um amanhã feliz ao tê-lo sempre comigo.

Também à minha família e amigos, meu muito obrigada. Vocês são o meu suporte, meu amor maior, porém, mãezinha, aqui vai um todo especial para a senhora, minha maior fã, gente. Eu te amo, luz da minha vida. Amo muito e sou o ser mais grato por ter uma pessoa iluminada como a senhora em minha vida, não minto, dou graças mesmo por ter a senhora como mãe. Se eu pudesse escolher, não teria escolhido tão bem, a senhora é o meu maior presente, a senhora, como mãe número 1 e minha vizinha, minha mãe número 2. Saibam que eu não mudaria nada, uma vírgula sequer em minha vida, nada mesmo. Me moldaram e eu as amo

PS: Dona Vera é inspirada nela... em minha mãe, a dona Silvia, o amor da minha vida.

Aos meus leitores, o meu muito obrigada. Eu não tenho palavras para agradecer a paciência, o carinho e o amor que me deram. Não sabem como me levantaram sem nem mesmo ter noção do que estavam fazendo e o quanto me ajudavam. 2019 foi um ano difícil, porém eu tinha vocês e sou tão grata... Em especial as meninas do grupo no *Whatsapp* e *Facebook*. Meu muito

obrigada.

Seguindo, minhas amigas autoras, meus anjos, obrigada. Em momentos insuportáveis, a Wânia Araújo e Jack A.F foram imprescindíveis para que eu voltasse ao mundo da escrita, elas não desistiram de mim. Na verdade, chutaram minha bunda algumas vezes, o que agradeço, e cá estou eu e sou imensamente grata, vocês foram responsáveis diretas por isso.

Chris Prado, meu xuxu, começamos juntas, se lembra? Foi amor à primeira vista e hoje só quero dizer obrigada por não desistir de mim, menos ainda do Pedrão. Você foi luz, amiga, e conselheira e sou muito, muito, grata.

Avante, temos Lucy Foster, como você me aguenta? Eu não sei, mas eu sou muito, muito, grata por seu carinho e paciência, como não é segredo, sou meio louca, caros leitores. Pobre Luciana, saiba que te amo, gostosa.

Sthefane Lima, minha ranzinza favorita, kkkkkk. Obrigada, você fez a diferença tanta, mas tanta diferença, trilhou um caminho comigo, segurou minha mão e carregou velinhas de amor para iluminar o meu caminho. Amo tu.

As minhas vingadoras, SHA e a todos que estão comigo nessa caminhada, amo vocês, foram e são o meu suporte.

Ah, meu amores, vocês estão dentro do meu coração, foram excepcionais e nem tenho palavras para agradecer tanto amor.

Sempre digo que a caminhada até aqui é árdua, porém me sinto blindada, tenho meus anjos amados. Sim, é o que elas são.

Obrigada a todos novamente e também a você, que chegou aqui agora e está conhecendo a Gisa pela primeira vez, o meu muito obrigada.

Esta sou eu, uma apaixonada muito louca pela escrita, pela vida e encantada com novos mundos. Obrigada por sua leitura e espero muito que gostem.

Acho que é isso. Serei eternamente grata e até a próxima!



Quando se tratava de Sophie e Bruno, podíamos esperar o pior, a relação dos dois não era pra ser algo profundo, na verdade, mal suportavam estarem juntos no mesmo lugar, mas aguentariam tal inconveniente apenas por Luna, a pequena criança que batizaram juntos. No entanto, o destino pode pregar algumas peças e não foi diferente quando por um desastre inesperado seus caminhos cruzaram de forma permanente e Bruno terá de aguentar a mulher que, entre todas, despertando nele seus piores instintos: o desejo de domá-la, de tê-la submissa.

Submissão não era o forte dela, menos ainda se esse DOM viesse na forma de um homem esnobe, superficial, orgulhoso, que não suportava. O que Sophie não conseguia controlar era o desejo de provar o proibido, de se entregar aquela loucura, nem que fosse uma noite apenas...



Prologo

Lembranças podem vir em várias formas e tamanhos, esteja aberto a novas possibilidades sempre. Nem sempre o novo é ruim!

Sophie

Meus cotovelos estão meio doloridos, talvez por estar tempo demais na mesma posição. Sentada no meu escritório, aqui mesmo na academia, tenho a cabeça enterrada nas mãos, enquanto tento tirar aquele olhar da minha mente, os malditos sonhos. O que são? De quem são?

Do meu pai eu sei que não são, seus olhos eram negros como os meus, tenho uma foto, então de quem são?

Para ser sincera, acho que nunca vi olhos tão azuis, que mais parecem um mar de águas límpidas. Não, um céu em dia ensolarado. Eu poderia dizer que esses pensamentos, sonhos, são por conta daquele homem que veio aqui outro dia, dizendo estar interessado em se matricular, eu até cheguei a checar depois que saiu apressado, foi tão estranho que quis saber o que queria. Mas o pior não foi ele em si, foi aquele olhar que me chamou a atenção, a cor, a expressão no momento em que o vi. Estava ali, bem perto, bonito, grande, parecendo uma estátua perfeita e estranha, me encarando com tanta intensidade.

Só que sei que os sonhos não são por causa ele, pois são de anos atrás, de toda a minha vida, desde que consigo me lembrar.

São sempre olhos solenes, carinhosos e amorosos, de uma única cor:

azul- celeste. Bato as mãos em minha fronte, tentando lembrar, entender. Os sonhos me perseguem, os pesadelos não vão para puta que os pariu. Mas eu tinha até me acostumado com isso, de verdade.

Por exemplo, quando não consigo dormir, eu saio pela rua de moto e isso me acalma, tomei gosto por isso, inclusive, além de ter Ben, meu irmão, que às vezes me ajuda a acalmar minha ansiedade quando pareço não caber em mim. Só que nas últimas semanas tem sido pior, bem pior. Não estou conseguindo nem ao menos chegar a dormir e isso está me cobrando um preço.

Veja, como vou estar bem para meus treinos e lutas se não consigo descansar meu corpo? Não aguentaria o primeiro gongo sequer.

Saí de casa ontem, ainda cedo da noite, sem sono, elétrica demais até mesmo para ficar sentada, assistindo a algo, e só voltei hoje pela manhã bem cedo. Estou sozinha aqui desde então, só existindo. Até pedi a Samu, um dos recepcionistas da Tribus, para não deixar ninguém entrar, a não ser Benjamin.

E mesmo que eu tente, isso aqui dentro está ficando difícil de segurar. Preciso socar a porcaria de algum saco de areia, suar, sentir dor nos punhos, qualquer coisa. Não estou aguentando essa energia toda contida aqui dentro, essas lembranças, sonhos de nada realmente em especial. Só daqueles olhos tão piedosos que parecem cuidar de mim.

Uma batida e levanto meu rosto. Mas que *caralho* é isso? Pedi para não ser interrompida e alguém parece querer derrubar minha porta. Ah, que dê meia volta, não vou nem ao menos responder. Será que não entendem o sentido de *não quero receber ninguém*? Vá à merda, hoje estou com humor do cão, é bom não me tentar.

E esse humor só piora quando, sem nenhum respeito, minha porta é aberta e a cara feia e deslavada do merda do BOPE aparece na minha frente, cínica e risonha. Não entendo a graça, chego a suspirar, enfadada, e me odeio por ter esquecido de fechar a porta.

Não tenho nada contra ele, mas sabe quando o cara não te desce? Tipo, o santo não bateu? É ele, esse ar de dono do mundo, eu odeio. Ah, uma correção, odeio homens no geral. Exceto Benjamin.

— Bom dia, dona encrenca. — Ouço-o, todo pleno em pé na minha

porta, mostrando sua altura monstruosa e gigantesca.

Me assustaria, se eu já não o tivesse levado a nocaute no ringue, após um golpe certeiro.

— Não te avisaram que não quero ser interrompida?

Hoje não é um bom dia, porra!

— Bom, Maria Sophie, me desculpe. — E ele ri. É de propósito, Bruno sabe que odeio ser chamada assim, pelo nome completo. — Só que tenho uma amiga que precisa falar com você e, como tenho bons modos, a acompanhei até aqui em cima.

Detesto atender qualquer um quando estou nesse estado de espírito e, ao ouvir isso, presto mais atenção, atrás de suas cambitas está um pano floral, meio verde ou azul, sei lá, e bem, ele não usa saias. Quem caralho está aqui?

— Quem diabos quer falar comigo? Samuel não me avisou que tinha alguém lá embaixo à minha espera.

— Eu... — Ouço a voz amena, feminina, parecendo reticente, e suspiro.

Bruno sai para o lado, dando-lhe passagem e então um tipo de boneca *Barbie* entra em meu campo de visão.

Não estou de brincadeira, chego a olhá-la bem para ver se é de verdade. Não vou mentir, analiso-a da cabeça aos pés e, cá entre nós, ela não é tipo que trata de qualquer tipo de negócios, não com essa cara de quem vem pedir dinheiro emprestado a um agiota. A não ser que seja alguém de *marketing*. Se bem que os braços finos, de pele clara e delicados demais, são bem fortinhos para alguém que fica atrás de um *notebook* o dia inteiro. Se eu puder chutar, ela é bailarina ou pratica qualquer outro tipo de dança. Ela exala um tipo de elegância que não se encaixa aqui.

Mas a parte estranha é que a *Barbie* ruiva não se move, não mexe um músculo. Ao me ver, ela arregala os olhos verdes perfeitos e, assim como eu, me estuda por completo. O nariz arrebitado, estilo patricinha, está um pouco vermelho, mas sem nenhum risco de antipatia, pelo contrário. Ao notar que me olha demais, ela tenta disfarçar, arranhando a garganta, dando um passo à frente. Bonita para ela é apelido. Namorada do senhor merdinha? Será?

— E quem é você? — tento, já que ela parece ter perdido a língua e só

aí a moça parece sair de um transe.

— Me chamo Alice, tenho um assunto particular para tratar. Serei rápida, se não se importar. — Gostei, direta.

Até o nome é bonito, combina com ela e com o sorriso branco, alinhado, ao tentar ser simpática. Oh, moça, eu queria estar com um humor melhor, ela não parece má pessoa, apesar de estar com Bruno.

Eu a meço novamente, o vestido longo, floral, esvoaçante, alta, pele clara, o que deixa os cabelos ruivos ainda mais vivos. Sabe aquelas bonequinhas de porcelana? Então... Vamos ver o que a porcelaninha quer.

— Sei, pode entrar e você pode ir, Bruno, já conseguiu estragar meu dia com sua cara feia.

E pode não ser tão feio, mas só de olhar para ele me dá fadiga. O cara de pau gargalha alto e a pior parte na sua personalidade é exatamente essa, o quanto é cínico e debochado.

— Fala sério, dona encrenca, seu dia só começa quando vê o moreno aqui. — Ainda é convencido...

— Vai à merda, Bruno! — mando, sem paciência alguma, fazendo a moça olhar de mim para ele, um tanto assustada, enquanto o grandalhão se vira e sai gargalhando, dono de si.

Idiota.

A mulher de nome bonito, que acabei de ouvir, mas não me lembro, é educada o suficiente para esperar que Bruno saia, para assim fechar a porta. Não entendo o que de particular ela pode ter a tratar comigo e continuo na mesma posição, agora recostada na cadeira, um tanto escondida pela mesa de madeira alta.

— Senta aí... qual é mesmo o seu nome? Sou péssima de memória. — Não minto, sou realmente péssima.

— Alice, me chamo é Alice e é um prazer.

Ótimo, é só lembrar de *Alice no País das Maravilhas* que lembrarei o nome. E uma pequena dor de cabeça, acho que devido à falta de sono, começa a surgir.

— E o que te traz aqui, Alice? Disse ter um assunto particular. Em que

posso te ajudar?

Ela se ajeita na cadeira, desconfortável, parece em dúvida, eu diria.

— E tenho. Mas é algo delicado, Sofia.

O nome trocado, esse nome que as pessoas insistem em fazer confusão, me causa certo arrepio, não sei explicar, e me vejo corrigindo-a.

— Sophie, me chamo Sophie, não Sofia — corto, é inevitável, não gosto, apesar de ser quase a mesma coisa.

— Enfim, é um assunto delicado, eu ainda estou tentando entender como posso começá-lo sem parecer tão perturbador.

— Sei... Vamos do começo então. O que acha? — Do começo deve ajudar, não? E essa demora está piorando meu estado e minha dor de cabeça.

E ainda tem Lauana, minha melhor amiga e comadre, que inventou um diacho de jantar hoje à noite para comemorar os sete meses de gravidez. Podia ser mais mulherzinha? Uma hora inteira em que terei de aguentar Bruno. E fico olhando a *Barbie* extremamente nervosa, que não fala nada.

— Tudo bem. Eu tenho um namorado, quer dizer, noivo. — Lá vem, e o que tenho a ver com isso? Quase rolo os olhos. Será que o tal noivo malha aqui e está tendo um caso com alguma moça? — Que é quase um primo e ele passou quase a vida inteira procurando a irmã, que desapareceu quando tinha apenas quatro anos — continua e não sei aonde diabos quer chegar. Tenho um pequeno tremelique, minha pele sentindo um pequeno sopro de ar, que não sei de onde vem, como se fosse uma corrente, ao me dar conta de que o que disse tem a ver comigo e arregalo meus olhos, não. Não deve ser. Tento em seguida controlar meu coração, que deu um pequeno salto, enquanto ela parece esperar uma reação minha. Nada vem. — Ele a encontrou dias atrás e tudo indica que é você.

Sem reação, seguro com firmeza em ambos os lados do braço da cadeira. Ela enlouqueceu? Chego a sorrir, porém algo clareia minha mente. Os tais olhos azuis e um comichão aqui dentro começa a se formar. O que diabos é isso aqui?

Só pode ser brincadeira!

— O que te faz pensar isso? — pergunto, tentando controlar esse

bombardeio de emoções que suas palavras me trouxeram. E eu nem sei explicar o motivo disso, afinal é um engano, só pode ser. — Não me leve a mal, sabe... mas é, no mínimo, estranho algo assim.

— Eu sei que é complicado, estou aqui agora mesmo sem que ele saiba, pedindo que isso não prejudique nosso relacionamento quando eu tiver que contar que te procurei, mas cansei de ver Pedro sofrer, de vê-lo sentir culpa.

Queria poder disfarçar o que isso está me causando, esse nome me trazendo aquela gastura conhecida de quando esquecemos um nome bobo de um remédio, por exemplo, é como se estivesse na ponta da minha língua, aqui na cabeça, em algum lugar, como se eu tivesse que lembrar algo que talvez eu não queira, como se tivesse apenas um fino véu precisando ser rasgado. Alice parece perceber e continua:

— Ele nunca desistiu de você, até te encontrar e colocar na cabeça que você está melhor sem ele, que pode ser melhor continuar sem saber que ele existe e que te ama. Mas isso está acabando com ele.

A surpresa já não está em seu rosto e ela suspira, parecendo entediada.

Nego, quem sabe assim consigo bloquear toda a merda que ela está jogando em cima de mim. Sou filha única e só!

— Eu acho realmente tocante você ter vindo aqui pelo seu namorado, noivo, não sei bem, mas é impossível isso ser verdade, sou filha única. Meu pai morreu quando tinha cinco anos, sendo assim...

— Não, não é. — nega com veemência. Ela tem algum limite? — E acredite, quando a vi ali, ainda na porta, fiquei surpresa com o quanto se parece com sua mãe, são idênticas.

Minha mãe. Eu não tive uma, nunca tive. A mulher que me deu à luz simplesmente sumiu, me deixando sozinha com meu pai, um homem bom, isso se não fosse a bebida. A quem quero enganar? Ele era um filho da puta e minha mãe? Com certeza não era diferente dele.

Mãe não, parideira, afinal ela só me pôs no mundo! Mirtes é mais minha mãe que a chocadeira que me trouxe para esse inferno!

— Quer me dizer que pareço com a mulher que me deu ao meu pai? Que me abandonou escolhendo o outro filho? Como acaba de dizer... — E toda minha paciência em ouvi-la se vai.

— Não, não. Não foi assim, não foi, não foi o que eu disse. Te levaram dela, minha tia te amava, ela a queria, era louca por você. Você foi roubada, ela nunca te abandonou, pelo contrário, te procurou por anos até...

Uma mentira! Espero o resto da frase, mas não vem.

— Até?

— Falecer, culpa de um câncer que não puderam curar.

Ela morreu?

Algo me aperta por dentro, um sentimento novo. Esse eu nunca senti. Não é medo, mágoa, desespero, é... eu não sei. Abro a boca para falar, mas pareço ter perdido a língua!

Essa *Barbie* está acabando com tudo, tudo que conheço até aqui. Se não é isso, ela está ao menos colocando um grande ponto de interrogação em minha cabeça. E eu quero desvendar esse ponto?

Não, eu não quero. Não mesmo. Não tenho família. Apenas Mirtes e Ben. E Gamora...

— Pedro acha que você está melhor sem ele, acredita nisso, mas ele não está melhor sem você, está apenas se enganando. Só isso! Acho que tem medo de uma negativa sua, não sei.

Não consigo não abrir um sorriso mínimo, sem humor.

— Sabe o quanto isso é estranho? Você vem aqui, despeja tudo isso e pode estar, com dez minutos de conversa, mudando toda minha vida, dizendo que tenho, em algum lugar, um irmão, uma família.

— Eu sei, eu sei... e você tem razão — fala, sua expressão quase culpada. Talvez por ser tão intrometida. — Sinto muito, de verdade, pelo que aconteceu com você, por ter sido tirada de sua mãe, do seu irmão. Mas não está sozinha no mundo, Sofia... digo, Sophie.

Sente? Ela sabe ao menos do que fala? Não, ela não sabe. Não sabe o inferno que passei, aqui, nervosa. E tirando uma mecha de cabelo do rosto, ela enfia a mão dentro da bolsa preta, parecendo procurar algo e me entregando uma foto.

— Esse é o homem que amo, seu irmão — fala.

De início, tenho receio em pegar, mas qual é? Não pode ser e seguro a fotografia em minhas mãos, que tremem, não sei se pela situação ou porque ainda não comi nada hoje.

Paro, sentindo meus olhos arderem de tanto que estou arregalando-os, surpresa. É ele... o estranho do outro dia que veio aqui. Os olhos... os mesmos olhos. Mais jovem, mas é ele.

Olho para ela. Que tipo de brincadeira é essa?

— Sei que isso é estranho, sei mesmo e, claro, há de querer um exame de DNA e tudo o mais, isso se quiser realmente conhecer essa história, sua história, e não tem problemas porque já sabemos que é você, não há dúvidas. E essa é sua mãe.

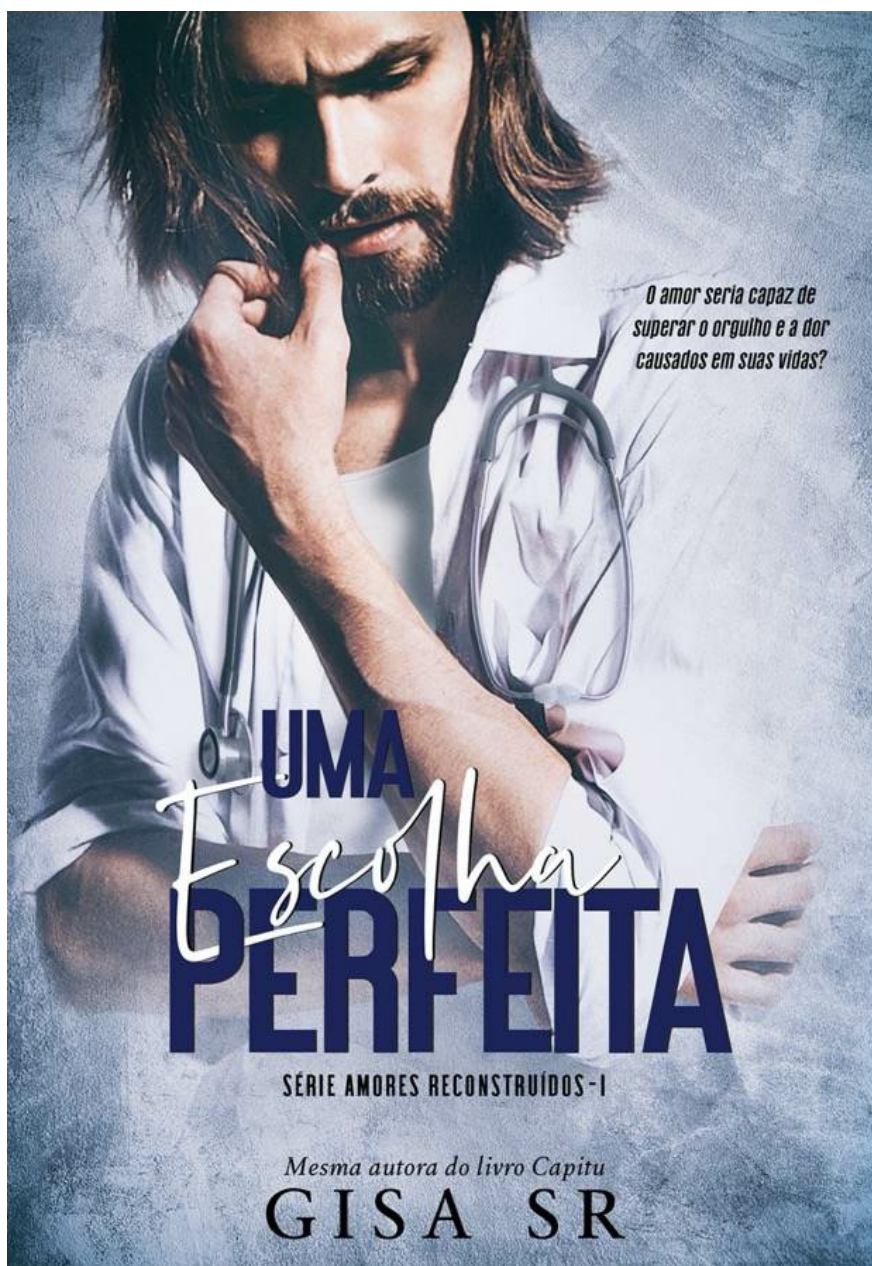
Como se não bastasse uma, ela me entrega uma segunda foto. Minha surpresa faz com que até meus pelos dessa vez se arrepiem, pois, se eu não tivesse a certeza de que nunca fui a essa fazenda que está na foto, eu jamais diria que não sou eu, parada em meio à grama, com um garoto entre as pernas, com aqueles malditos olhos, um sorriso imenso no rosto. Ela é... eu sou, é... somos idênticas.

Olho a mulher ruiva à minha frente, sem saber o que dizer, apenas:

— Não pode ser...



Conheça também o primeiro livro da Série Amores Reconstruídos:



Uma Escolha Perfeita ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Desejos, segredos e mentiras...

Um médico orgulhoso que não acredita no amor. Deixando as marcas do passado entrarem em sua alma, Augusto se vê desistindo de amar, expurgando qualquer lembrança dolorosa deixada por ela.

Já Cristine, uma mãe solteira que esconde segredos perigosos, decide seguir em frente a todo custo, tentando sempre não olhar para trás, cuidar de sua filha e manter uma única regra em mente: não se envolver.

Os destinos dos dois se cruzam, bagunçando suas vidas. E nesse impasse, Cristine quer só uma noite de prazer, se sentir mulher uma única vez, e Augusto é um meio delicioso para esse fim.

Ambos não contavam que o desejo iria evoluir e tomar conta deles, nem que uma menininha de olhos doces tocaria o coração duro de um ogro buscando redenção.

Neste jogo de amor e mentiras, eles irão descobrir que o passado nunca se mantém onde deveria ficar, ele pode assombrar o futuro e apagar o presente, condenando o amor mais puro.

Capítulo 1

A vida é feita de escolhas, porém elas cobram um preço. E não importa qual é a sua opção. Mais cedo ou mais tarde, a vida cobrará a conta...

— Eu não tenho nada contra, Silvy, só acho que não consigo. Olhe bem para mim — falo para Silvy, minha tia postiça, como ela mesma faz questão de lembrar.

— Não seja boba, Cristine. Só preciso lhe passar algumas dicas, e essa sua cara de virgem fará o resto. O serviço é fácil, sem falar que ele irá te pagar uma nota preta para tirar a sua virgindade, e você precisa de dinheiro.

— Silvy! — repreendo-a, sentindo a bile subir a garganta.

— Abra os olhos, Cris! Se olhe no espelho! Você possui uma beleza exótica e tem que se aproveitar disso.

— Eu ainda não sei...

E não sabia mesmo. Eu era apenas uma menina magricela de cabelos claros sem graça e rosto quadrado, sem nenhum atrativo a não ser os olhos.

— Pelo amor de Deus! Eu garanto que Maurício é um homem rico, lindo e cheiroso. E ele me prometeu que será gentil com você.

Bufo com a fala, como se isso importasse no fim das contas e ela continua:

— Eu sinto muito por isso Cris, sinto muito mesmo. Meu coração está apertado aqui, menina, mas essa é a saída mais rápida.

Apenas aceno, sabendo que ela tem razão...

Estamos no quarto de Silvy conversando, pois, depois de muito relutar, estou prestes a aceitar a coisa mais absurda que já cogitei fazer em minha vida.

— Eu sempre imaginei que seria diferente, sabe? — falo, como se estivesse desabafando comigo mesma, sentindo que estou perdendo algo especial. — Achei que seria com alguém que eu realmente amasse. Um namorado, algo assim!

— Ah, meu bem! Estes sonhos e quem você é neste momento não podem mais coexistir. Isso não faz mais parte de você. A vida te derrubou cedo demais, meu amor, e

quando isto acontece, a gente não pode mais sonhar. Agora é a vida real, Cristine.

Sinto meus olhos encherem de lágrimas.

— Meu Deus! Há alguns dias, eu era só uma garota que tinha passado no vestibular de medicina... — Levanto-me, sentindo o desespero de dias atrás tomar posse de mim outra vez.

— Você tá precisando de dinheiro, ou não? — Ela parece enfim se cansar de me convencer a achar uma saída.

— Sabe que preciso disso mais do que qualquer coisa no mundo...

— Sendo assim, meu bem, posso te garantir que não conseguirá isso, trabalhando meio período na biblioteca! A não ser que você tenha um plano para assaltar um banco ou pretenda ganhar na Megasena, essa é a melhor saída. Se depois não quiser mais, tudo bem, é só parar — Seus olhos estão em mim, apreensivos e pesarosos.

Respiro fundo, tentando aceitar o que estou prestes a dizer:

— Tudo bem, irei fazer!

Silvy arregala os olhos, estalando a língua em concordância.

— Ótimo! Não precisa se preocupar com nada, ele irá saber exatamente o que fazer. Você só precisa relaxar. Se você quiser desistir na hora, lembre-se de Cathe!

— Certo — falo sem muita certeza, sentindo-me vazia.

— Agora temos que encontrar um nome de trabalho para você. Acredite: ter um nome de trabalho, ajuda muito! — fala e olha para cima, parecendo pensar em algo, e depois me fita.

— Melhora essa cara, garota. Sexo não é ruim! Ainda mais quando se recebe um cheque gordo no final. E o seu, meu bem, será obeso! Acredite em mim.

É ridículo, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Acredite, nenhuma.

— Agatha?! — falo rápido.

— Como é? — Ela me olha sem entender.

Silvy já é uma senhora na casa dos 50 anos, baixa e de cabelos vermelhos escuros — pintados, é claro. Eu a considero uma segunda mãe, pois a conheço e convivi com ela desde que nasci. Apesar da idade, ela aparenta ser mais jovem por ser vaidosa e sempre andar bem arrumada. Uma boa pessoa, apesar dos pesares.

— O nome, quero Agatha — falo de novo e, dessa vez, com mais certeza.

— Certo! É você quem decide. Maurício virá te pegar as oito e faz questão de passar a noite toda com você. Fique tranquila, isso não é um bicho de sete cabeças, menina. — Ela afaga meus cabelos e sorrir, gentil. — Ele fará praticamente tudo e dirá o que quer de você. Vai gostar dele, tenho certeza!

Dou um suspiro cansado, não querendo acreditar nisso e com medo de estar

cometendo um erro.

— Silvy, e se eu não conseguir? O que farei?

— Vai conseguir. Acredite em si mesma!

Respiro fundo, tentando ter a mesma fé, que ela aparenta ter em mim.

— Certo...

Não estava certa do que estava prestes a fazer, mas não me julguem por favor. Preciso muito da grana e se esse é o preço, eu pago. Preciso fazer escolhas a partir de agora, e elas não são nada ortodoxas, mas é preciso.

Depois dessa conversa, Silvy me ajudou a me arrumar e às 19:50h, estou pronta — e muito nervosa por sinal. Sentia minhas pernas tremerem e duvidava que elas me obedeceriam quando fosse a hora.

Tentei pensar que isso seria passageiro e que logo me livraria de toda aquela droga. Claro que eu ainda não sabia o que a vida me reservava, mas, posso lhe adiantar que não foi bem o que planejei. Eu achava que a maior desgraça da minha vida já havia passado. Doce ilusão, o meu tormento estava apenas começando!

Outras obras do autor:

CAPITU ([Adquira aqui](#))

Sinopse

ROMANCE PARA MAIORES DE 18 ANOS. PODE CONTER GATILHOS, LEMBRANDO QUE ESTE NÃO É O INTUITO DO LIVRO!

Uma mente confusa, no corpo de uma jovem mulher de feições gentis e sorriso doce, que esconde em seu íntimo uma dor profunda. Romântica, Capitu procura um amor igual ao das páginas dos romances que devora, mas falha em sua busca.

Abandonada em um momento difícil e infeliz, ela não vê mais solução para sua vida e toma uma atitude drástica que mudará seu destino para sempre.

Tiberius é um homem de várias facetas, um leitor de romances inveterado, que tem a vida bem arquitetada e minuciosamente planejada. Médico dedicado, vai precisar pôr todo o seu conhecimento à prova para ajudar Capitu, a mulher que serpenteava seus sonhos, morava em seus pensamentos.

Dois caminhos diferentes, que se cruzam por acaso. Duas almas quebradas, mas que juntas encontram um no outro a sua redenção...

LUZ DA MINHA VIDA - UM MILAGRE DE NATAL. ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 1

Sinopse:

Como aceitar que acabou e que você irá perder o amor da sua vida? Como lidar com a dor e a culpa que parecem corroer sua alma por dentro?

Dean ainda não aceitou e não sabe lidar com tantos sentimentos e com a impotência, ele não é capaz de aceitar.

O homem com a vida perfeita, toda planejada, se vê perdendo tudo que lhe é mais caro em uma fração de segundos preciosos, assistindo a seu mundo desmoronar, ruir à sua volta e apenas uma pequena criatura é capaz de lhe trazer paz. Sua Cecília, a menina de 4 anos que passou a ser a luz do seu mundo, mas nem mesmo a doce criança é capaz de aplacar todo aquele sentimento preso em seu peito, apesar de ser o motivo do homem continuar a lutar.

"A culpa é sua..."

Era? Ele acreditava que sim, se culpava dia após dia, só resta saber se há esperanças para um homem quebrado!

CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOITE ([Adquira aqui](#))

Série, família Dangelo. Livro 2

Sinopse:

Uma noite de prazer, uma mulher mascarada e um homem apaixonado.

Nicolas, o caçula da família Dangelo, não está procurando um relacionamento, mas uma noite inesquecível de prazer acaba mudando isso. Uma mulher misteriosa desperta-lhe sentimentos incontroláveis e, como mágica, desaparece. Por meses, ele a procura, querendo ter mais um pouco daquilo que experimentaram juntos. O que ele não espera é que o amor esteja tão perto dele e que aquela noite trará consequências irreversíveis, das quais ele não pode fugir.

UM CEO DE PRESENTE ([Adquira aqui](#))

Sinopse:

Tendo seu coração destruído às vésperas do dia dos namorados, Emily, uma bibliotecária e estudante de enfermagem de 21 anos, luta para juntar seus caquinhos. Ela só não esperava encontrar ajuda para isso tão rápido.

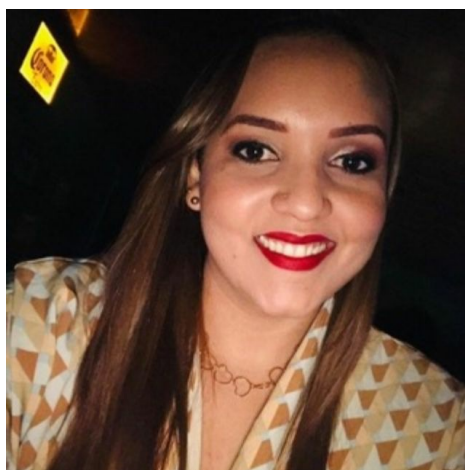
Uma ajuda deliciosa, diga-se de passagem!

Enrico Borges surge em seu caminho quase de forma planejada, rouba a cena e, talvez, seu coração com uma promessa nada velada: esquecer o passado. O CEO acredita ser capaz de fazê-la se desprender e trazê-la para um jogo de sedução sem amarras, porém nenhum deles imagina que uma paixão avassaladora pode surgir.

Venha conhecer o lobo mau e seu cordeirinho.



Biografia



Gisele Sousa Rocha, paraense, nascida na cidade de Rondon-PÁ em 30.07.1993, solteira, sem filhos. Com um grande amor por sua família, acredita que esse é o seu principal alicerce.

Seu pseudônimo nasceu do apelido pelo qual o avô a chama, sempre com muito carinho, e por quem tem imensa admiração e amor. Ele é o responsável por forjar parte do seu caráter e tem esse homem íntegro como seu maior exemplo.

Costuma dizer que a escrita a completa, a faz viajar por lugares inimagináveis e, com ela, pretende espalhar amor, paixão, fé e emoções a quem puder alcançar...

Siga-a nas redes sociais:

Facebook:

Perfil: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/gisa.r.costa>

Página: Autora Gisa SR

<https://www.facebook.com/GisaRochaCosta/>

Grupo: Romances da Gisa

<https://www.facebook.com/groups/351169755509586/?ref=share>

Instagram: Autora Gisa SR

<https://instagram.com/autoragisar.costa>

Wattpad: @GisaSRocha

<https://my.w.tt/KxyNx9gut2>

Grupo de WhatsApp:

<https://chat.whatsapp.com/LULoXjc4S4iD9VKXcOdXpk>